

ESTUDOS, LITERÁRIOS, CULTURAIS E INTERARTÍSTICOS
LITERATURA E CULTURA

**A literatura monástica feminina no circuito
editorial:
Paratextos e redes
(anexos)**

Ana Luísa Pêgo Reis

2023



Índice

Nota prévia às edições	6
Anexo 1 – Regra e constituições que professam as freiras da Ordem do glorioso patriarca S. Domingos (1611)	7
Anexo 2 – Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa (1618)	11
Anexo 3 – Relación de como se ha fundado en Alcántara de Portugal junto a Lisboa, el muy devoto Monasterio de Nuestra Señora de la Quietación (1627)	17
Anexo 4 – História da vida, prerrogativas, e louvores do glorioso S. João Evangelista (1628). 29	
Anexo 5 – Memorial da Infância de Cristo e triunfo do divino amor (1639)	34
Anexo 6 – Rimas varias de la Madre Soror Violante del Cielo (1646)	46
Anexo 7 – Vilancicos que cantaram as religiosas de Santa Clara (1671)	52
Anexo 8 – Colóquios com Cristo crucificado (1688)	53
Anexo 9 – Ramalhete de flores espirituais (1700)	55
Anexo 10 – A féniz aparecida na vida, morte, sepultura, e milagres da gloriosa Santa Catarina (1715)	
57	
Anexo 11 – Apologia a favor do reverendo padre António Vieira da Companhia de Jesu da província de Portugal (1727)	61
Anexo 12 – A Preciosa: Alegoria moral (1731)	70
Anexo 13 – A Preciosa: Obras de misericórdia (1733)	82
Anexo 14 – Astro brilhante em novo mundo, fragrante flor do Paraíso plantada no jardim da América, história panegírica e vida prodigiosa de Santa Rosa de Santa Maria (1733)	97
Anexo 15 – Parnaso lusitano de divinos, e humanos versos (1733)	110
Anexo 16 – Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros (1734)	113
Anexo 17 – Obras várias, e admiráveis da muito reverenda madre Maria do Céu (1735)	118
Anexo 18 – Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento (1736)	124
Anexo 19 – Enganos do bosque, desenganos do rio, em que a alma entra perdida, e sai desenganada (1736)	148
Anexo 20 – Lutuosos ais do pranto mais enternecido na sentida morte da sereníssima senhora D. Francisca infanta de Portugal (1736)	155
Anexo 21 – Lutuosos ais do pranto mais enternecido na sentida morte da sereníssima senhora D. Francisca infanta de Portugal (1737)	156

Anexo 22 – Festivo aplauso, em que uma religiosa como pastora, e os anjos como músicos, no Convento de Nossa Senhora da Conceição das religiosas da senhora Santa Brígida, no sítio de Marvila, celebraram o nascimento do menino Jesu (1737)	160
Anexo 23 – Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros (1738).....	164
Anexo 24 – Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento – 2.ª parte (1739).....	167
Anexo 25 – Triunfo do Rosário (1740)	180
Anexo 26 – Enganos do bosque, desenganos do rio (1741)	185
Anexo 27 – Orbe celeste adornado de brilhantes estrelas, e dois ramilhetes (1742).....	191
Anexo 28 – Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado (1743).....	208
Anexo 29 – Águia real, fénix abrasado, pelicano amante, história panegírica, e Vida Prodigiosa do ínclito Patriarca, que alcançou ouvir da boca de Deus o título de grande Santo Agostinho (1744)	211
Anexo 30 – Breve, e clara exposição e declaração da primeira Regra da gloriosa S. Clara (1744).....	264
Anexo 31 – Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo – tomo I (1744)	269
Anexo 32 – Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo – tomo II (1744)	276
Anexo 33 – Notícias fielmente relatadas dos custosos meios, por onde se veio a este Reino de Portugal a Religião Brigitana, que se intitula a Ordem de S. Salvador, e da sua prodigiosa Fundação, e milagrosos aumentos deste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila (1745).....	279
Anexo 34 – Novena da amabilíssima Senhora de Monte Carmelo (1747)	294
Anexo 35 – Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento (1749)	295
Anexo 36 – Reino de Babilónia, ganhado pelas armas do empíreo (1749)	296
Anexo 37 – Relação nova, que a pia devoção dedica à soberana imagem da Senhora do Rosário (1750)	316
Anexo 38 – Obséquio beneditino para as religiosas, e mais pessoas devotas tributarem todos os anos ao Gloriosíssimo, e sempre Ilustríssimo Príncipe dos Patriarcas S. Bento (1751)	318
Anexo 39 – Saudosas expressões de um reverente e obsequioso afeto na sensível morte do Desembargador Luís Borges de Carvalho (1753).....	321
Anexo 40 – Sentidas expressões de um peito magoado na morte do Eminentíssimo Senhor D. Tomás de Almeida Cardeal Patriarca primeiro de Lisboa (1754)	323
Anexo 41 – Últimas expressões de Portugal, na sentidíssima morte da Augustíssima Rainha a Senhora D. Mariana de Áustria (1754)	325
Anexo 42 – Astro brillante en el Nuevo Mundo, Fragrante Flor de el Paraíso Plantada en el Jardín de la América: Historia Panegírica, y Vida Prodigiosa de Santa Rosa de Santa María (1755)	328

Anexo 43 – Brados ou silvos do Bom Pastor, com que pertende reformar as suas esposas, e atraí-las ao seu rebanho (1757).....	333
Anexo 44 – Vida da serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus (1757)	336
Anexo 45 – Despertador quotidiano (1758)	354
Anexo 46 – Desafogo da pena mais sentida (1759).....	356
Anexo 47 – Glória de Portugal (1760).....	359
Anexo 48 – Novena para a festa da Gloriosa Matriarca, e Seráfica Virgem S. Clara de Assis (1760)	361
Anexo 49 – Júbilos festivos de Portugal (1761)	363
Anexo 50 – Relação à sentidíssima, e sempre lembrada morte do Sereníssimo Senhor Infante D. João (1763).....	365
Anexo 51 – El novelero discreto, y piadoso para hacer honestos los Estrados, y cristianas las Tertulias, refiriendo dos pequeñas Novelas sobre cada una de las Obras de Misericordia (1765)	367
Anexo 52 – Jardim do Céu, plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga (1766).....	369
Anexo 53 – Queixas da saudade, na falta do Sereníssimo Senhor D. Manuel Infante de Portugal (1766).....	378
Anexo 54 – Venturas da lusitana no fausto felicíssimo nascimento do Sereníssimo Senhor D. João José Maria Francisco Xavier de Paula Luiz António Domingos Rafael Infante De Portugal (1767)	380
Anexo 55 – Vida, e obras da serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus (1783)	382
Anexo 56 – Breve compêndio da gramática portuguesa para o uso das Meninas que se educam no Mosteiro da Visitação de Lisboa (1786).....	385
Anexo 57 – La Preciosa: Alegoría moral (1791)	387
Anexo 58 – Meditações para os exercícios anuais (1793)	390
Anexo 59 – Rosário dos atributos divinos (s. d.).....	394
Anexo 60 – Comedia nueva El gran prodigio de España (s. d.).....	397

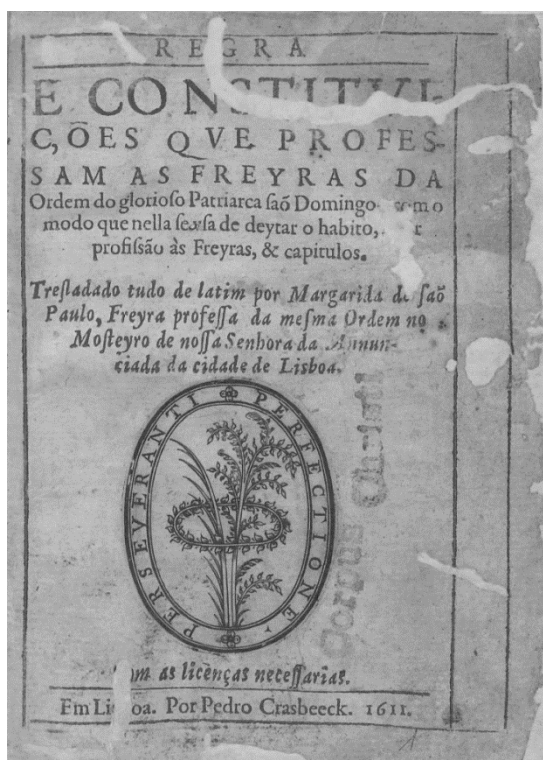
Nota prévia às edições

Os anexos desta dissertação contêm a edição dos paratextos pertencentes ao *corpus* listado na bibliografia. O rosto de cada obra aparece digitalizado, sendo os seus paratextos transcritos logo a seguir. Na sua transcrição, optou-se por uma modernização moderada e ponderada da grafia, estando os critérios de edição expostos no início da dissertação.

Em obras de dois tomos, optou-se pela agregação dos mesmos, caso só existam paratextos num deles. Em obras com reedição, transcrevem-se os paratextos apenas da primeira edição, assinalando em nota as diferenças entre elas, caso existam.

Foram adicionadas, a cinzento e entre parênteses retos, as categorias de paratextos transcritos (prólogo, dedicatória, licenças, etc.), de forma a facilitar ao utilizador a pesquisa por uma categoria específica de paratexto. Quando existe numeração de páginas na edição original, esta foi igualmente inserida a cinzento e entre parênteses retos. Os paratextos de fim de livro surgem com a indicação “no fim”, dentro dos parênteses retos e antes da categoria paratextual.

Anexo 1 – Regra e constituições que professam as freiras da Ordem do glorioso patriarca S. Domingos (1611)



[frontispício]

Regra e constituições que professam as freiras da Ordem do glorioso patriarca S. Domingos com o modo que nela se usa de deitar o hábito, fazer profissão às freiras, e capítulos.

Tresladado tudo de latim por Margarida de São Paulo, freira professa da mesma Ordem no Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada da cidade de Lisboa.

[selo PERSEVERANTI PERFECTIO]

Com as licenças necessárias.

Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. 1611.

[licenças]

Licenças

Vi esta regra, & constituições das religiosas de S. Domingos, são mui pias & santas, & e será de proveito imprimi-las, não somente pera as religiosas de sua Ordem, mas pera todas as que por elas se ordenarem. Lisboa 7 de abril de 1611.

Fr. António de Saldanha.

Vista a informação pode-se imprimir estas regras constituições das freiras de S. Domingos, & depois d'impressas tornem a este conselho pera se conferirem, & darem licença pera correrem, & sem ela não correrão. Em Lisboa a 18 d'abril de 611.

Bertolameu da Fonseca.

Pode-se imprimir vista a licença acima do Santo Ofício, a 18 de abril de 611.

Saraiva.

Que se possa imprimir esta regra e constituições das religiosas de S. Domingos, vista a licença do Santo Ofício, que a suplicante apresenta. Em Lisboa a 21 de abril de 1611.

F. de Magalhães. L. Machado. F. V. Pinto. Barbosa. Da Veiga.

[índice]

O que neste livro se contém

Regra de Santo Agostinho. Fol. 1
Constituições das Religiosas. Fol. 14
Reformação do Ofício Divino das freiras conversas. Fol. 52
Modo de deitar o hábito às noviças. Fol. 54
De fazer profissão. Fol. 75
Dos Capítulos. Fol. 84
Dez Orações a Nossa Senhora. Fol. 89.
Nove Orações a Nosso Senhor. Fol. 95.

[licença]

Fr. João da Cruz, provincial da Ordem dos Pregadores nos Reinos de Portugal, considerando a falta que há de Constituições & regra do glorioso S. Agostinho em linguagem, pera as nossas Religiosas desta Província, & vendo também que como a dita regra & constituições em sua composição foram feitas em Latim, houve já antigamente diversas pessoas que as tresladaram, porventura não com tanta propriedade que deixe de haver em diversos mosteiros alguma ocasião de variedade. Pelo que me pareceu necessário tresladar-se uma, & outra coisa¹ em linguagem com tanta diligência & curiosidade, que cessasse toda a razão de dúvida, e imprimirem-se, pera que houvesse cópia que a todos os Mosteiros & Religiosas delas fosse fácil, terem o que tanto lhes releva saber. E pela notícia que há das partes & suficiência da Madre Soror Margarida de S. Paulo, Religiosa do nosso Mosteiro da Anunciada desta cidade de Lisboa que nele já foi Priora há muitos anos, lhe encomendei esta obra tão necessária como desejada. A qual ela tem acabada com aquela propriedade² & diligência que de sua prudência se esperava. Acrescentando-lhe tão bem a forma, & ordem de receber & deitar o hábito, & fazer profissão as noviças nesta sagrada religião, & o como se hão de fazer os capítulos; & no fim de tudo umas orações mui devotas em Português. Com as quais coisas³ fica a obra muito mais ornada &

¹ No original, *cousa*.

² No original, *propiedade*.

³ No original, *cousas*.

digna que de todas as deste hábito seja bem recebida & buscada. E assim não só dou licença à dita Madre Soror Margarida pera imprimir o dito tratado, mas lhe mando em mérito de sua obediência, que com diligência o dê a impressão. Encomendando muito a todas as nossas Religiosas, que tanto que a obra for impressa a procurem haver pera que se possam exercitar em lição tão própria⁴ nossa, & recolher o fruto espiritual, & reformação da Religião que se pretende. Dada no nosso Convento de S. Domingos de Lisboa a 2 de junho de 610.

Fr. João da Cruz

Prior Provincial.

[prólogo]

Margarida de S. Paulo a todas as religiosas da sua Ordem da província de Portugal

É tão ordinária & contínua entre nós a lição de nossas Sagradas Constituições & Regra, que em todo lugar & tempo nos soam nas orelhas: porque não só no refeitório se nos lêem muitas & muitas vezes, mas até no coro (como Vossas Reverências terão advertido) as ouvimos ordinariamente com a Preciosa, fazendo delas Ofício Divino. Nisto fica claro que nossos Maiores (pois assi o ordenaram) entenderam devermos ter em mui grande estima & veneração ainda as menores miudezas de nossas leis; & ser-nos importantíssimo não as perder nunca da memória pera procurarmos a perfeita guarda delas. Mas que muito é pôr-se toda diligência possível em cumprir com perfeição o que com voto solene temos prometido a Deus nosso Senhor? Assi o entendeu também & no-lo deu a entender o glorioso Santo Agostinho (cuja Regra professamos) que na mesma Regra mandou que em todo o discurso do ano & da vida a lêssemos mui amiúde.

E com isso a concluiu, pondo-lhe nome de espelho, em que continuamente nos víssemos, & ainda revíssemos: a ver a sem razão, ou razão com que possuímos & nos gloriamos do nome que se nos dá de Observantes & Religiosas. Sê-lo-emos menos ou mais, segundo o pouco ou muito cuidado com que nos virmos a este espelho, & com ele nos regularmos. Até pera nos toucarmos quis o glorioso santo que sua regra fosse espelho. Polo que não desconheçam Vossas Reverências algumas palavras poucas que acharão acrescentadas no Capítulo Quarto da mesma Regra que tratam do toucado. Tresladei-as o mais fielmente que soube da Regra que o mesmo Santo Agostinho mandou a suas freiras governadas por sua irmã (como se pode ver entre suas epístolas na 109) porque pois a este tão douto santo, & tão santo doutor pareceu que falando com freiras lhes devia ensinar o modo de se toucarem, creio que não terão Vossas Reverências por despropósito relatar-lhe suas santas & avisadas palavras, pera entendermos quanto nos importa não haver descuido nesta matéria.

Suposta esta continuação que digo da lição de nossas Constituições & Regra, & muito mais o que nos vai no contínuo estudo & guarda delas, forçado é que Vossas Reverências se cansem quer de as verem em latim, que muitas não sabem, quer de as verem no Português, que todas sabem quão pouco está pera ver pola antiguidade do estilo, com que em algumas & não poucas partes se deixam mal entender. E ainda essas sobre mal tresladadas, são escritas de mão, & se vão de todo acabando polas não haver impressas. Qualquer razão destas (quando não foram todas juntas) tivera por mui bastante pera treladar de novo nossas Constituições & Regra como fiz, & ordenar que se imprimissem, desejando servir Vossas Reverências no em que tanto lhes vai.

⁴ No original, *própia*.

E já que me pus a dar rezões pera o que tenho feito, não falarei na obediência que me obrigou, pois a ela se não deve dar desculpa nem razão: mas confesso que ela me deu a confiança que porventura sem ela não tivera, pera sair com isto a público⁵. Se Vossas Reverências julgarem que este serviço & pequeno trabalho meu é de algum merecimento, com se servirem dele mo satisfaçam; posto que esta satisfação será muito maior que o serviço e trabalho.

Também procuro que se imprima neste volume o modo de deitar o hábito, fazer profissão, & fazer capítulos, que pera isso tresladei do livro chamado *Formulário*, por serem coisas⁶ mui necessárias a todos os nossos Conventos, & não as haver impressas até hoje em Português. E ajuntei-lhe todas as orações que nestes ofícios se usam com o cantochão com que se costumam cantar, pera se achar só neste pequeno livro o que atégora nos era necessário buscar em diversos volumes.

Juntamente com esta tresladação ofereço a Vossas Reverências umas orações que a requerimento de algumas religiosas nossas tinha feitas pera uma particular devação deste nosso Convento, em que costumam rezar cem vezes a Ave Maria, principalmente com cada um dos dez sábados antes da Páscoa, ao modo do Rosário⁷ à honra da dor & lágrimas com que Nossa Senhora acompanhou a paixão de seu benditíssimo filho, & da fé com que esperou sua Ressurreição: & nos dias das endoenças fazer nove estações visitando nove altares à honra dos nove lugares a que o mesmo Senhor foi levado na noite & dia de sua paixão. E ainda que esta minha oferta vá cheia de imperfeições, confio-a pola matéria de que trata, & polo gosto com que a ofereço, a aceitarão Vossas Reverências também com gosto, & se aproveitarão dela como desejo.

Nosso Senhor dê a Vossas Reverências seu divino espírito pera que em tudo o sirvam como verdadeiras servas & esposas suas, & filhas do glorioso nosso padre S. Domingos.

[arabesco]

[no fim]

Em Lisboa:

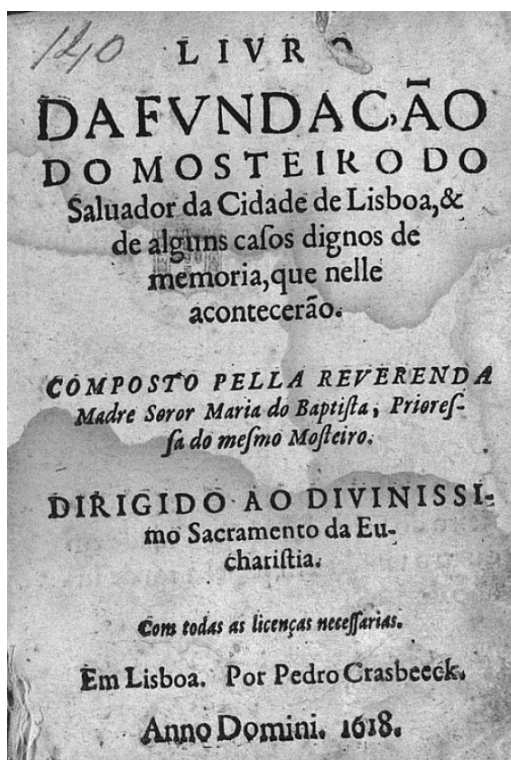
Impresso com as licenças necessárias, por Pedro Crasbeeck. Ano de MDCXI.

⁵ No original, *pubrico*.

⁶ No original, *cousas*.

⁷ No original, *Rosayro*.

**Anexo 2 – Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa
(1618)**



[frontispício]

Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa, & de alguns casos dignos de memória, que nele aconteceram.

Composto pela Reverenda Madre Soror Maria do Baptista, prioressa do mesmo mosteiro.

Dirigido ao Diviníssimo Sacramento da Eucaristia.

Com todas as licenças necessárias.

Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck.

Anno Domini. 1618.

[taxa]

Taxam este Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador desta cidade em quatro vinténs em papel a 16 de junho de 1618.

Moniz. L. Machado.

[licenças]

Por mandado do nosso muito Reverendo Padre provincial vi este livro intitulado *Fundação do Mosteiro do Salvador*, da Madre Sor Maria do Baptista, Prioressa do mesmo mosteiro, & não achei

nele coisa⁸ alguma contra nossa santa Fé, & bons costumes; antes muitos exemplos, que serão de grande edificação pera quem o ler, & de muita honra pera a nossa religião sagrada, vendo-se a muita virtude das religiosas dela. E a Madre Prioressa mostra o grande zelo, que sempre teve do seu convento, & do crédito, & honra dele. E assi me parece obra digna de se imprimir. Em S. Domingos de Lisboa, 24 de fevereiro de 1618.

Fr. António de Sousa

Presentado.

Fr. Tomás de Brito prior provincial da Ordem dos Pregadores nestes reinos de Portugal. Vista a informação do padre presentado Fr. António de Sousa, Lente de Prima deste nosso convento de S. Domingos de Lisboa. Dou licença à Madre Prioressa para poder imprimir este livro. Dada no dito convento, em 24 de fevereiro de 1618.

Fr. Tomás de Brito.

Prior provincial.

Por comissão do Conselho Geral do Santo Ofício, vi este livro da muito religiosa Madre Soror Maria do Baptista, Prioressa do ilustre Mosteiro do Salvador desta Cidade de Lisboa, da ordem do glorioso patriarca S. Domingos: é obra em que claramente se vê a perfeita reformação em que vivem as Religiosas dele, & a muita santidade em que perseveram, & resplandecem, professando viverem na terra, como vivem os Anjos no Céu; & não pode deixar de ser de muito proveito, & edificação dos fiéis. No primeiro livro trata da origem, & fundação do dito Mosteiro, & de muitas & mui notáveis coisas⁹, que nele aconteceram. No segundo, das contínuas, & ordinárias mercês, & benefícios, que o diviníssimo Sacramento do Altar fez, & faz a tão ditoso convento. No terceiro, da grande devação que nele se tem a este altíssimo mistério, & das santas vidas, & gloriosas mortes de algumas religiosas, que nele floresceram¹⁰. Juntamente vi o quaderno do Ofício abreviado de S. João Baptista. Não há em todos eles coisa¹¹ que encontre a pureza de nossa santa Fé & bons costumes. Antes em tudo a Madre Prioressa mostra o fervor, & santo zelo com que pretende o aumento do seu Mosteiro, & honra da sua Religião. Pelo que me parece tudo muito digno de se imprimir. Em este Mosteiro de S. Bernardo, aos 3 de abril de 1618.

Fr. Melchior d'Abreu.

Vista a informação pode-se imprimir este *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador*, & o *Ofício de S. João Baptista*: & depois de impresso torne a este Conselho pera se conferir com os originais, & se dar licença pera correrem, & sem ela não correrá. Lisboa aos 5 dias do mês de abril de 618.

António Dias Cardoso. Fr. Manuel Coelho.

⁸ No original, *cousa*.

⁹ No original, *cousas*.

¹⁰ No original, *floreceram*.

¹¹ No original, *cousa*.

Pode-se imprimir este livro. Aos 9 de abril de 618.

Damião Viegas.

Dão licença à supricante para poder mandar imprimir o *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador* desta cidade, visto a que tem do Santo Ofício, & do Ordinário. Depois de impresso torne a esta mesa pera se taxar, & sem isso não correrá. A 14 de abril de 618.

Gama. Machado.

[dedicatória]

Ao diviníssimo Sacramento da Eucaristia.

Muito alto & soberano Senhor.

Antigos efeitos são de vossa grandeza manifestar as obras desse divino poder, pelas criaturas mais humildes, & ignorantes: porque como todas as de vossa mão sejam tratadas por aquela divina sabedoria, que é fonte de todo nosso bem, ele ordena que quanto mais humildes, & ignorantes, ou fracos forem os instrumentos, por que se manifestam vossas maravilhas, tanto mais conhecida fique a grandeza delas, servindo a incapacidade de quem as descobre, de viva língua, que apregoe proceder tudo de vosso poder infinito, foi ele bastante a que a rudeza desta humilde serva tomasse particular devação, & curiosidade de descobrir os princípios desta antiga Casa; movendo-me nesta pretensão¹² as extraordinárias mercês com que vós, divino Senhor, a amparais, & defendeis, & sustentais; parecendo-me sempre que neste nosso descuido estavam encerrados ricos tesouros de vossas misericórdias.

Comecei nos primeiros anos de religião, a ver & ajuntar alguns papéis antigos, & autênticos, que são testemunhas certas de quão antigo protetor nosso fostes sempre, sois hoje, & sereis ao diante por vossa divina bondade; ela ascendeu em meu coração um desejo vivo de serem notórios a todos, os mimos & regalos, que a estas vossas servas fizestes sempre, pera que (conhecidas) sirvam a nós de lembrança de tão grandes benefícios; & em vós (amoroso Senhor) de penhor certo de os acrescentar¹³ com mercês novas, pois na vossa condição, sempre as passadas ficam servindo de esperanças das presentes, & futuras.

Por muitas rezões se devia a vossa grandeza a dedicação desta pequena obra, porque considerando que nasce¹⁴ este fruto da mais humilde planta, que tendes nesta vinha vossa; & que havendo nela tantas ramas, filhas daquelas antigas raízes, que em virtude, religião, prudência, & amor vosso, conservam, & imitam o natural de que procede; eu, a mais indigna, meti a fouce na seara alheia, entendendo que como em vosso respeito, toda a grandeza seja sempre o mais humilde, vos é devido este pouco, pera que debaixo¹⁵ de vosso amparo, o que é nada, fique com ser, propriedade de vossa magnificência.

¹² No original, *pertensão*.

¹³ No original, *acrecentar*.

¹⁴ No original, *nace*.

¹⁵ No original, *debaxo*.

Outra reção há mais forçosa, que era a culpa da ingratidão, de que ficara convencida, quando não oferecera a vossos sagrados pés, esta demonstração de vossas milagrosas mercês; porque vós, Senhor, fostes o fundamento desta Casa, lançado nas entranhas da terra, como grão morto, que assegurou felice, & abundoso fruto. Fostes o Salvador, que encoberto nesta mata, afugentastes dela o leão rugiente, pera que estas ovelhas tivessem seguro o pasto de vosso divino Corpo, sem temor do cruel dente do inimigo.

Vós, arvorado na Cruz, quisestes ser a nova medicinal serpente, não pera curar feridos, que pera vos erguessem os olhos, senão pera segurar, & preservar de todo o mal as ditosas ovelhas, que souberam buscar a sombra de vossa árvore. Se vós, Senhor, sois o nosso Salvador nas almas, & o nosso defensor nos corpos, furto fizera a todas estas obrigações, se humildemente não confessara reconhecê-las, publicando-vos por Autor de todas estas maravilhas. Aceitai, Senhor, esta pobre oferta, que é sacrifício de vontade, convertendo a minha, & a dos mais devotos, que lerem estas grandezas vossas, a uma ardente devação com que prostrados a vossos pés, conheçamos neste miraculoso Sacramento vosso infinito amor.

[prólogo]

Ao leitor¹⁶

A esperança de coisas¹⁷ grandes desacredita o efeito delas, & o pouco que se espera das pequenas faz estimação do que na verdade a não tem: isto me deu confiança para o intento desta humilde obra, porque sabido que a ordenei, & conhecidas as faltas que em mim há, para estas, & semelhantes empresas, até o que nela for imperfeito, fará muita ventagem ao que se espera. Também será bom padrinho para com o Leitor¹⁸, o amor de filha desta Casa; porque se nos filhos é natural o desejo de descobrir a antiga nobreza dos pais, como me sofreria o coração ver tantos, & tão antigos brasões dos mimos que nosso Salvador tem feito a estas servas suas, o foro que nos tem dado de ser nosso protetor com obras tão maravilhosas, que as deixasse de manifestar por covardia de insuficiência. Isto é uma breve relação da origem, & fundação de Casa do Salvador da Mata, & da exemplar, & penitencial vida de muitas religiosas dela, com memória das muitas, & milagrosas mercês com que este Senhor conserva, & defende o rebanho de suas ovelhas. O que se contém nestes breves capítulos, está justificado com papéis antigos, verdadeiros, & autênticos, tirados todos do nosso cartório, aonde os descobri com trabalho, ajudando-me de pessoas que me declarassem, & traduzissem o que não era de minha profissão; & o que não vai justificado nesta forma, tem por fundamento antigas tradições, com razões notórias, & evidentes: para nós servirá de exemplo, para que imitando quem no lo deixou, conservemos em parte a posse de tanto favores, & mercês do Céu; para os mais leitores espero seja de muita devação o conhecimento destes milagres, que por sepultados atégora, não perderam o cheiro do rosal divino, donde sempre vieram, sendo este fim, & intento da obra. Humildemente peço aos que o lerem, que postos os olhos nele, os tirem das faltas, & imperfeições, que é forçado serem muitas, quando na causa há tão pouca suficiência.

[no fim, fols. 149-152]

¹⁶ No original, *lector*.

¹⁷ No original, *cousa*.

¹⁸ No original, *Lector*.

Tabuada deste livro

Livro I

- Cap. I. De como foram achadas suas santas Imagens no lugar onde está agora este mosteiro. Fol. 1.
- Cap. II. Do que se ordenou do Santo Crucifixo, & das Relíquias que estavam ao pé dele. Fol. 4.
- Cap. III. Da imagem de Nossa Senhora, & do minino Jesus. Fol. 6.
- Cap. IIII. Do recolhimento que aqui se fez de algumas mulheres virtuosas. Fol. 9.
- Cap. V. Da áspera vida que faziam estas recolhidas. Fol. 12.
- Cap. VI. Como D. João, Bispo do Porto, tratou de fazer aqui um Mosteiro de Freiras. Fol. 14.
- Cap. VII. Das licenças & Breve, que houve o Bispo pera se fazer o mosteiro da Ordem dos Pregadores. Fol. 20.
- Cap. VIII. Como o Bispo tratou que estas devotas recolhidas tomassem o hábito, com outras mulheres, neste Mosteiro. Fol. 27.
- Cap. IX. Como se deitou o hábito do glorioso Patriarca S. Domingos a estas Noviças. Fol. 30.
- Cap. X. Como depois que professaram as Noviças, elegeram Prioressa, & do grande espírito com que começaram. Fol. 35.
- Cap. XI. Dos privilégios que o Bispo houve pera este Mosteiro, & de algumas coisas¹⁹ em que Deus mostrava a virtude destas Religiosas. Fol. 43.
- Cap. XII. Das rendas que o Bispo deu a esta Casa, & dos estatutos que ordenou. Fl. 46.
- Cap. XIII. Dos encontros que teve este Mosteiro, por conservar a obediência que deve aos Pregadores. Fl. 52.
- Cap. XIIIII. Do grande crédito que sempre teve este Convento, & das mercês que por ele lhe fizeram. Fol. 62.
- Cap. XV. De como a Infante D. Caterina se recolheu a este Mosteiro. Fol. 73.

Livro II

- Cap. I. De como o Santíssimo Sacramento, em sortes, nos saiu por Padroeiro. Fol. 79.
- Cap. II. Das devações que as Religiosas deste Mosteiro faziam pera o Santíssimo Sacramento as guardar. Fol. 83.
- Cap. III. Como em toda a peste grande guardou esta Casa o Santíssimo Sacramento. Fol. 85.
- Cap. IIII. Da ocasião que tiveram estas Religiosas pera fazerem a festa ao Santíssimo Sacramento no Domingo das Outavas da Ascensão. Fol. 89.
- Cap. V. Como o Santíssimo Sacramento guardou este Mosteiro na segunda peste. Fol. 91.
- Cap. VI. Das devações que faziam pera o seu divino Protetor as guardar. Fol. 92.
- Cap. VII. Da instituição da Confraria do Santíssimo Sacramento, que há nesta Casa. Fol. 94.
- Cap. VIII. Das mercês que o Santíssimo Sacramento fez a este Mosteiro na segunda peste. Fol. 96.
- Cap. IX. Dos exercícios santos em que neste tempo se ocupavam, pera o Santíssimo Sacramento as guardar. Fol. 99.

¹⁹ No original, *cousas*.

Cap. X. Como o Santíssimo Sacramento desfez a ordem que havia pera se saírem deste Mosteiro. Fol. 101.

Cap. XI. De como neste Mosteiro se fez o primeiro Presépio desta terra. Fol. 103.

Livro III

Cap. I. Da Madre Sor Guiomar de Santo Agostinho. Fol. 105.

Cap. II Da Madre Sor Mariana de Jesus. Fol. 108.

Cap. III. Da Madre Sor Lianor do Rosário. Fol. 110.

Cap. IIII. De duas mercês notáveis, que o Santíssimo Sacramento fez a este Mosteiro, apagando o fogo, de que houvera de arder. Fol. 115.

Cap. V. Da aprovação que o Ordinário fez destas maravilhas, que temos dito, do Santíssimo Sacramento. Fol. 117.

Cap. VI. Das devações que neste Mosteiro se fazem ainda hoje ao Santíssimo Sacramento. Fol. 118.

Cap. VII. Da Madre Sor Caterina Arrais. Fol. 126.

Cap. VIII. Da Madre Sor Margarida de Melo.

Cap. IX. Da Madre Sor Joana de Figueiredo. Fol. 130.

Cap. X. Da Madre Sor Margarida Dias. Fol. 137.

Cap. XI. Da Madre Sor Jerónima de Calvos. Fol. 139.

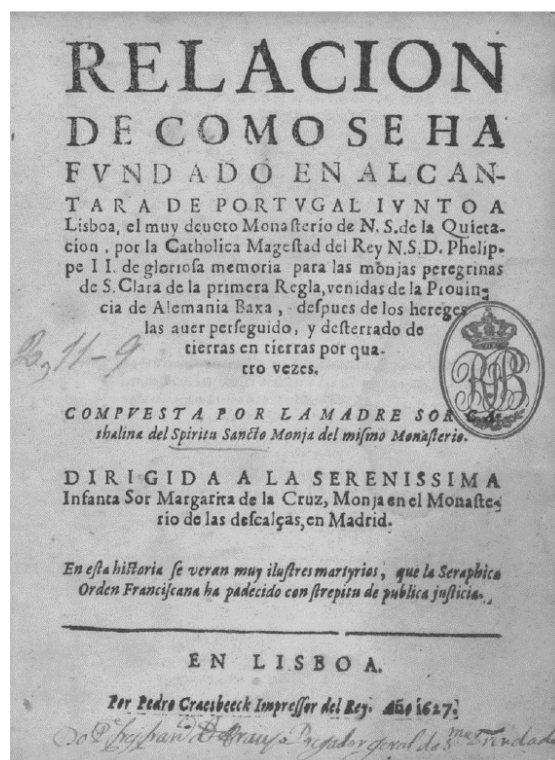
Cap. XII. Da Madre Sor Luísa Baptista. Fol. 141.

Cap. XIII. Das Madres Sor Caterina da Cruz, & Sor Isabel do Presépio. Fol. 143.

Cap. XIII. Da Madre Sor Maria Baptista. Fol. 147.

Fim.

Anexo 3 – Relación de como se ha fundado en Alcántara de Portugal junto a Lisboa, el muy devoto Monasterio de Nuestra Señora de la Quietación (1627)



[frontispício]

Relación de como se ha fundado en Alcántara de Portugal junto a Lisboa, el muy devoto Monasterio de Nuestra Señora de la Quietación, por la Católica Majestad del Rey Nuestro Señor D. Felipe II de Gloriosa Memoria para las monjas peregrinas de S. Clara de la Primera Regla, venidas de la provincia de Alemania Baja, después de los herejes las haber perseguido, y desterrado de tierras en tierras por cuatro veces.

Compuesta por la Madre Sor Catalina de Espíritu Santo, monja del mismo monasterio.

Dirigida a la serenísima Infanta Sor Margarita de la Cruz, monja en el Monasterio de las Descalzas, en Madrid.

En esta historia se verán muy ilustres martirios, que la Seráfica Orden Franciscana ha padecido con estrepito de publica justicia.

En Lisboa.

Por Pedro Craesbeeck impressor del Rey. Año 1627.

[licenças]

Por mandado do Senhor Bispo Inquisidor Geral, vi esta Relação dos princípios, & fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Quietação, composta pela Madre Sor Caterina do Espírito Santo, & não

achei nela coisa²⁰ que encontre nossa santa fé, ou bons costumes, antes muitas, de muita piedade, edificação, & exemplo, & que serão de muito fruto, & podem causar muita devação, & consolação a quem as ler. Lisboa, 12 de dezembro de 626.

Gaspar Álvares

Pode-se imprimir. Lisboa, 15 de janeiro de 1627.

O Bispo Inquisidor Geral.

Dou licença para se imprimir este livro. Lisboa, 10 de maio de 627.

O D. Gaspar do Rego da Fonseca.

Que se imprima o livro de que o Suplicante trata vistas as licenças que tem do Santo Ofício, & Ordinário, & não correrá sem ser taxado²¹ nesta mesa. Em Lisboa a 11 de maio 627.

D. de Melo. Araújo.

[segundas licenças]

Conferi este livro impresso, está conforme com seu original, pelo que pode correr. Lisboa nesta Casa de S. Roque 28 de julho de 627.

D. Jorge Cabral.

[taxa]

Taxam²² este livro a²³ reis em papel.

[licenças]

Com muito gosto vi esta Relação, que Sua Reverendíssima foi servido que eu lesse, & censurasse composta pela Madre Sor Caterina do Espírito Santo, a qual me pareceu toda tão bem, que com muita razão foi importunada por pessoas ilustres, e devotas, que a desse a imprimir, porque as matérias que nela se tratam são tais, que o merecem, & eu as não pude ler sem muitas lágrimas. Entendo que a Autora tem feito grande serviço a Deus em escrever esta história, para que se saiba o que tem padecido os religiosos, & religiosas da família Franciscana pola fé na furiosa tempestade, que

²⁰ No original, *cousa*.

²¹ No original, *taixado*.

²² No original, *taixam*.

²³ O exemplar da BNP, cota HG-1314-V, tem um espaço por preencher no lugar onde deveria figurar o valor da taxa. Muito provavelmente, o impressor teria por hábito imprimir as informações de rotina e preenchê-las posteriormente. Até ao momento, não tivemos a oportunidade de consultar exemplares desta obra com a informação de taxa, quer impressa, quer manuscrita no espaço a ela reservado.

em nossos dias se levantou contra os Católicos dos estados da Flandres. Não só não achei nesta relação coisa²⁴ alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, mas muitas de grande edificação, & exemplo pera todos os fiéis, pelo qual me parece mui digna de se imprimir pera glória de Deus, & honra de nosso Padre S. Francisco, cuja Ordem Seráfica com tais filhos, & filhas dá tão grande luz na Cristandade. Dada neste nosso mosteiro de S. José em 2 de outubro de 1626.

Fr. João das Chagas.

Fr. Bernardino de Sena, ministro general, y siervo de toda la Orden de Nuestro Seráfico Padre San Francisco. A la Madre Sor Catalina de Espírito Santo, abadesa de nuestro Monasterio de Nuestra Señora de la Quietación de Alcántara desta ciudad de Lisboa, salud, y paz en nuestro Señor Jesu Cristo. Por quanto habiéndonos hecho Vuestra Reverencia relación de que tenía hecho, y compuesto un libro, y relación de como se ha fundado el dicho monasterio, le dimos, y cometimos al Padre Fr. Juan de las Llagas, padre de nuestra provincia de la Arrabida, para que le viese, y examinase, vista su aprobación, y confiando que ha de ser de gran provecho, y utilidad la dicha relación. Por las presentes concedemos licencia a Vuestra Reverencia para que la pueda presentar en el Consejo Real, y imprimirla guardando en todo la que el Santo Concilio de Trento manda, y las premáticas reales ordenan. Dada en nuestro Convento de San Francisco de Lisboa a 12 de Octubre de 1626.

Fr. Bernardino de Sena

Ministro General

[dedicatória]

A la serenísima Señora Infanta Sor Margarita de la Cruz, Sor Catalina del Espírito Santo, muy humilde sierva, salud, y paz verdadera, y perfecta en Cristo Jesu Señor nuestro.

Días ha que por hacer la voluntad a la Condesa de Calleta, muy singular devota, y bienhechora deste nuestro Convento de Nuestra Señora de la Quietación, en que viven estas humildes siervas de Vuestra Alteza las religiosas peregrinas de Flandres, deseando ella mucho saber el orden, y modo con que han venido a estas tierras, y las persecuciones, que han padecido de los herejes, y juntamente los martirios de los Padres Franciscanos que han muerto en Flandres por la fe de Cristo, debajo del Príncipe de Orange, hice un sumario breve de todo, el cual comunicándose a diversas personas, ha causado gran devoción, e edificación. Y pareció bien se hiciesen otros ejemplares, y se diesen a impresión para gloria de Dios, y de nuestro padre S. Francisco, y de nuestra madre Santa Clara, cuyos hijos, e hijas en tiempo de tan trabajosas tormentas, y tan sangrientas batallas han mostrado tan varonil esfuerzo, y constancia.

Gran cuidado se tuvo siempre desde *ab initio* de la Cristianidad por el instinto del Espírito Santo de hacer historias de los mártires que morían por la fe de Cristo, y los Papas Vicarios suyos instituyeran notarios que inscribiesen los nombres de los martirizados, las prisiones, tormentos, y muertes que padecieron, y hiciesen memoriales dello para edificación de los presentes, y advenideros. Por esta misma razón se celebran en la Iglesia las fiestas de los Santos, porque *Solemniates martyrum exhortationes martyriorum sunt, ut imitart non pigeat, quod celebrare delectat*. Son despertadores

²⁴ No original, *cousa*.

semejantes fiestas de mártires de los fieles, para que deseen parecerse en el padecer con aquellos santos, cuyos martirios celebran. Dicho es de S. Augustin, sacado de las lecciones que se rezan en las fiestas de los mártires: dice también S. Crisóstomo, que ha sido providencia divina frecuentarse solemnemente²⁵ la memoria de los Sactos Mártires, *ut, & illis debitus honor dicetur, & nobis virtutis exempla favente Christo monstretur*, para que viendo de la honra, y devoción con que son celebrados en el suelo sus martirios, entendamos con quan aventejada gloria son venerados en el cielo, y con tales demonstraciones, y ejemplos se enciendan nuestros espíritus a imitar su virtud, su valor, su esfuerzo, y peleemos contra el enemigo, que por varios modos acomete a todos, a unos como león furioso, a otros como drago malicioso, hasta que alcancemos²⁶ final victoria, y podamos con los mismos Santos triunfar en el Paraíso.

Así como la gracia de Dios en los tiempos ha obrado notables, y famosas victorias, en los Santos que entonces escogió, de que ha quedado memoria muy viva hasta ahora en la Iglesia de Dios, no es justo, perezca por descuido nuestro de la memoria de los hombres lo que el mismo Señores servido obrar tan admirablemente en nuestros tiempos, cuando permitiendo el por sus profundos juicios que los males prevalezcan, y hagan tan crueles persecuciones a los buenos, que no tengan donde salvar la vida, está triunfando el hábito de S. Francisco tan heroicamente, que rodeados los santos Corderos de grandes ejércitos, de leones, y lobos rabiosos, ni por amenazas, ni por tormentos perdieron un punto de su celo hasta morir por la detención de la Iglesia Católica. Cuando nuestro Señor hizo aquel pequeño milagro, en que hartó cinco mil hombres de cinco panes, y dos pesces, mandó a sus Apóstoles: *Co ligite que supersaverunt fragmenta ne pereant*. Mucho más admirable, y glorioso milagro el sacar de tan gran flaqueza cual es la de hombres mortales, tan grande esfuerzo, y tan admirables victorias, que de aquella flaca substancia de tan pocos panes materiales sacar hartura para muchos millares de hombres, y mucho mayor honra, y loor resultó a Dios, contento, y placer a los Santos Ángeles, y cortesanos del cielo, de hacer vencedores a creaturas de carne flaca, contra la muerte, contra el infierno, y mundo, ambos conjurados, que por haber vencido el²⁷ hambre corporal de muchos hambrientos por breve espacio, con poco mantenimiento. Por tanto bien es, y muy justo, en tal género de milagros, *colligantur fragmenta ne pereant*. Martirios, y victorias tan admirables con toda diligencia se recojan, escríbanse, publíquense hasta los mínimos fragmentos, de lo que estas gloriosas batallas han pasado hombres, y mujeres, recóntense por todas las partes, y se pase que aun hoy tiene la Iglesia de Dios mártires en hecho, y en el deseo, que por la fe, y guarda de la virtud desprecian la vida, y todo lo que en el mundo hay para enriquecer, y ornar el cielo, y edificar con su ejemplo a los venideros.

Hame dado gran ánimo, y aun ayuda en esta obresita nuestro padre viejo Fray Juan de las Llagas, que ha muchos años ha sido provincial en su Provincia del Arrábida, y los padres generales de la Orden hallaron su servicio muy útil en casos de importancia, y se ha señalado mucho, en sustentar la unidad de la Orden. Por ser de nación flamenco le fue encomendado por los prelados de la Orden desde el principio ayudar a estas religiosas peregrinas aliviarlas extraordinariamente de tiempos en tiempos, y oír de confesión a las que no supieran el romance, no ha querido estar con nosotras, ni aceptó ser confesor ordinario por le parecer, que convenía para sermos en nuestras necesidades más favorecidas, estar en todo, y por todo subiectas a padres portugueses, con ayuda deste padre me he determinado con nuevo calor en esta pequeña obra, y ahora con toda humildad la ofrezco hechada a

²⁵ No original, *solennemente*.

²⁶ No original, *alcencemos*.

²⁷ No original, *la*.

los pies de Vuestra Alteza tomando confianza de la mucha clemencia, y piedad con que siempre nos ha favorecido desde el tiempo que el mundo de tierras en tierras nos tenía hechado de sí.

Pienso que no podrá dejar de dar singular gusto a Vuestra Alteza esta historia así por ser toda materia del sagrado hábito de S. Francisco, que con tanta devoción ha querido honrar con su serenísima persona, como por ver cuanto fruto ha rendido a esta tierra ha humilde semilla, que con el amparo, y favor de Vuestra Alteza se ha sembrado acá, cuando con su intercesión, y con la de la serenísima Emperatriz madre suya, de santa, y felice memoria, se ha fundado en esta comarca, y vecindad de Lisboa el monasterio para las pobres flamencas peregrinas, porque las que vinieron de Flandres ya que eran todas de diversos monasterios trajeron a esta tierra, y plantaron en este convento nuevo tal religión, tan santas costumbres, conforme a lo que habían aprendido en aquellos de Flandres, que todos eran de la Primera Regla observantísimos, que esta fundación parece ser un vergel de puras boninas, flores, y de todo lo mejor, y más santo que allá hubo, y que da todo muy bien arraigado, y firme con el uso, y costumbre de tanto años: y yo me tengo por muy dichosa, por me haber cabido la suerte de vivir tantos tiempos con ellas.

De todo esto está guardado en el cielo para Vuestra Alteza buen premio cuando el Señor tenga de abrir sus tesoros para galardonar los esclarecidos servicios que le ha hecho, y hace, y las nuestras compañeras fundadoras deste monasterio que se han pasado al Cielo dejándome aquí sola, y las que al presente aquí viven, y después por el suceso del tiempo aquí se tienen de criar en santa vida, en el cielo, y en suelo nunca se podrán olvidar de la mucha obligación en que todas estamos a nuestra tan querida señora, y entrañable madre, que con tanto cuidado siempre ha acudido a las necesidades destas humildes peregrinas. Plega a Cristo oír las oraciones que de continuo hacemos por la vida, y salud de su serenísima persona, y por la prosperidad temporal, y espiritual de la majestad católica del rey nuestro señor, y de toda su real casa.

[prólogo]

Prólogo

Fray Juan de las Llagas padre de la Provincia del Arrábida, al devoto lector. Salud en el Señor.

Cuando el demonio de la honra de Dios, y de la salvación humana, incitó a los herejes, luteranos, y calvenistas en los estados de Alemania Baja a perseguir a los religiosos con las crueldades que Dios les permitió por sus altísimos juicios, prendiendo, y matando unos, y desterrando a otros, y a profanar los monasterios, y templos, destruir los altares, quebrar las santas imagines, y robar lo que en ellos había: no ha parado aquí el mal, mas entrando en el Santuario de Dios hasta el Sancta Sanctorum, con sacrílego atrevimiento, rompió su velo, y descubrió a los ojos profanos del mundo las santas vírgines, que con voto de perpetua clausura estaban para solo el celestial Esposo encerradas. A los sagrados jardines plantados de frutales ricos, sembrados de lilios, y azucenas odoríferas, de Nardo, Mirra, & *omnibus primis unguenis*, donde el divino Cordero, con sus ángeles solía pacer, y tener sus delicias, hales derribado el muro de que estaban cercados, y os que estaban cerrados con gran recaudo para que nadie, no digo entrase, mas ni los pudiese ver, los hizo estar patentes, sin clausura, a hombres, y bestias. Las santas monjas, que con la observancia de su santa Regla eran como estrellas resplandecientes, fijas en el cielo, no tuvo vergüenza de derrocarlas de sus asientos, y echarlas por el suelo, y las que eran como fuente cerrada, y sellada, para con su orar, y contemplar, rezar, y cantar de día, y de noche dar de beber a solo Dios de sus aguas, le quitó lo que las cubría, y las puso tanto en

publico a los encuentros, y molestias del mundo, que no les dejó lugar para tratar con Dios para quien solo eran.

En estos tiempos no oímos decir que estas vírgenes religiosas fuesen martirizadas, porque el soberbio demonio no ha querido arriscarse a padecer la vergüenza que padeció en el tiempo antiguo, cuando mujeres, con la sangre que derramaban y con los tormentos que sufrían por Cristo, le vencieron con gran valor, y esfuerzo, y fueron triunfando con gran gloria al cielo, dando de sí admirable espectáculo a Dios, a los ángeles y a los hombres. Enviando a las criaturas naturalmente tímidas y flacas triunfos de tanta gloria, e impaciente por verse vencido y escarnecido de ellas, mudó la traza, y guardando para los frailes, que como varones se espera ser más esforzados, sus dientes y uñas de león, tratos, tormentos, ecúleos, fuegos y horcas, a las monjas como mujeres acomete por otra orden, en forma de serpiente, como antiguamente acometió a la primera mujer, nuestra común madre Eva, en el paraíso, con grandes licencias y libertades de conciencia largas, publicóles tales leyes y edictos con que la virtud, y el espíritu fuese excomulgado y sola la carne servida, y venerada, la clausura, y encerramiento, la penitencia, los oficios divinos, y hasta el hábito religioso, y todo lo que en los monasterios se costumbra para el servicio de Dios fuese extinguido, y que las monjas en todo se conformasen con las otras mujeres que viven en el mundo, tuviesen las puertas abiertas, para ser conversadas, y vistas, y ellas saliesen y conversasen también. Estas leyes hizo el demonio por sus ministros publicar en los monasterios de las monjas, con que las hiciese a todas apóstatas, y olvidadas de su profesión, mundanas.

Por la codicia que tenía de sus ánimas, de buena voluntad les perdonaba a los cuerpos. Mas muchas gracias a Cristo su muy querido Esposo, que les dio tal espíritu que de balde probó en ellas sus astucias, y por las demostraciones que de sí dieron se puede creer, que también los terrores, y asaltos de león tuvieron vencido no con menor ánimo, que si fueran varones. Las libertades ofrecidas, y los prometimientos no las pudieron enflaquecer, firmes, y inflexibles permanecieron, cerrando los ojos a lo que el mundo ofrecía, y ofreciéndose a morir por Cristo, a quien solo querían.

Muy señaladas fueron en esto las religiosas que en aquella tierra había de la primera regla de la bienaventurada Santa Clara, que así como sus monasterios en que vivían, fueron siempre observantísimos en tiempos de la paz, y no tuvieron necesidad de la reformación de la santa Soror Colecta, así en el tiempo de la persecución, cuando se vieron echadas de sus monasterios, oyeron aquellas impías premáticas leyes que les publicaban, que no habían de vivir como religiosas, sino como seglares, imitando las tortolillas (que siempre fueron símbolo de castidad, porque no sufren más de un solo compañero, y perdiendo aquel no admiten otro; nunca se asientan en ramo verde, y florido, sino en seco, y en perpetuo disgusto gimiendo pasan la vida), renunciaron los gustos de la dulce patria, y lo que de sus padres, y deudos podían esperar; y por amor de su esposo anduvieron peregrinando, no sin dolor, y horror de sus ánimas, así por la clausura que profesaron, como por la virginal vergüenza; y probando las tierras más propincuas, do sabían haber monasterios, si en ellas hallarían descanso, vino el enemigo corriendo tras ellas, y multiplicóles tanto las persecuciones de unas tierras en otras, que hasta de cuatro lugares fueron echadas fuera, por lo cual algunas determinaron de pasar la mar, y con ayuda de algunos devotos católicos vinieron a este reino de Portugal, y por merced del rey Don Felipe el segundo de gloriosa memoria, están aposentadas en el monasterio que su majestad les mandó hacer junto a Lisboa en distancia de media legua.

Por sin duda se debe tener, que fue singularísima providencia de Dios nuestro señor la venida de ellas a este reino, no solo para ellas en tierra tan católica descansar de los continuos sobresaltos de tan frecuentes destierros unos apos otros, y tantas tempestades, y tribulaciones, que por espacio de muchos años padecieron en su patria, mas también para que este reino, y los moradores de él, con

el caritativo hospicio que les exhiben, sean favorecidos con muy singulares bendiciones del cielo, temporal y eternamente.

Dicho es de San Agustín, y a todos es notorio que cuando el profeta Helías en tiempo de la gran hambre, y esterilidad, después de le haber Dios mantenido muchos días miraculosamente en el desierto por medio de un cuervo que le traía cada día de comer, fue enviado a casa de una viuda sareptana para que ella le mantuviese; no fue por no poder mantenerle Dios más tiempo donde de antes estaba; sino por querer favorecer aquella viuda, y darle en qué mereciese una gran bendición, y remedio para su propia casa, la cual, estando desconfiada de poder vivir más, por no tener con qué sustentarse en tiempo de la cruel hambre, teniendo después hospedado consigo al santo profeta, tuvo con qué sustentarse su casa de allí adelante en abundancia, y agradose tanto nuestro Señor de aquel hospicio exhibido al santo profeta, que no solo ordenó fuese puesto en la historia sagrada del antiguo testamento, mas él propio venido al mundo y hecho hombre por su sagrada boca lo predicó y quiso que para perpetua memoria se escribiese en el santo Evangelio, para señal de cuán bien galardonado sería en el cielo. Lo mismo debe esperar este católico reino de Portugal, por acoger, y sustentar dentro de sí con tanta caridad, y devoción a estas monjas pobres, y peregrinas, y tan siervas de Dios. Refiere la sagrada escritura que la meretrice Raab, moradora en la ciudad de Jericó, por esconder en su casa, y salvar de la muerte a las espías, que por orden de Dios eran venidos a explorar la tierra de promisión, y traer información de ella a los hijos de Israel que la tenían de conquistar, alcanzó por aquella buena obra, no solo escapar con vida en la matanza general, que por mandado de Dios los hijos de Israel hicieron en aquella ciudad cuando la vencieron, mas mereció tener nombre en la generación de Jesucristo nuestro salvador, que hubo por bien vestirse de su carne, nacer de sus descendientes hecho hombre.

Sobre todo es bien nos acordemos de la gran promesa que tenemos del mismo Señor en el evangelio: *Qui suscepit unum parvulum in nomine meo me suscipit*, y que en el día del juicio tiene de premiar el hospicio exhibido a los más mínimos, y pobres cristianos como si fuera exhibido a su misma persona. De aquí se verá claro con cuán graciosos ojos este Señor está mirando del cielo el bien que se ha hecho a personas tan llegadas a Cristo, y dedicadas a su santo servicio, como son estas vírgenes religiosas de religión tan perfecta como esta de la primera regla de Santa Clara, que vinieron huyendo de tierras en tierras por causa de la santa fe, y por conservar la santa, y religiosa vida que profesaron.

Muy encarecidamente encomienda el regalado apóstol de Iesu San Juan Evangelista en una de sus epístolas recoger con especial caridad a las personas que por celo de la santa fe de Cristo, y por su santo servicio padecen persecuciones, y destierros: *Debemus huius modi suspicere, ut cooperatores simus veritatis*.

El modo con que vinieron estas santas religiosas a este reino, y lo que han padecido de los herejes sus perseguidores se verá en la historia que aquí se ofrece, y es bien que se ponderen las particularidades de ella, para que se entienda cuán gran servicio se hizo, y se hace a Cristo con el recogimiento que se les dio en esta tierra, y con las caridades con que le acuden de continuo; y también en cuánta obligación estamos de dar muchas gracias a Dios por la especial misericordia con que conserva, y defiende estas nuestras tierras de España, y en particular este nuestro Portugal de tan horribles tempestades que la cristiandad padece en otras partes, y de hacer la petición que costumbra la santa madre iglesia en letanías. *Ut nos metipsos in tuo sancto servitio confortare & conservare digneris te rogamus audi nos*. Y que prospere a nuestros Reyes Católicos en las guerras que tienen contra tan pérfidos, y dañados enemigos de la fe cristiana.

Enfermedad es muy ordinaria en el mundo, y que desplace mucho a Dios, no se estimar la merced por muchos tiempos continuada, cuando se pegan los hombres a ella, como si fuese de juro, descuidándose de la dependencia de Dios, como si bastasen sus diligencias, y fuerzas propias para se conservar; y siendo hombres dotados de razón, la cual les debiera obligar a estar siempre con los sentidos en la providencia de Dios donde les viene todo, imitan a las criaturas sin razón, que cuando hallan la lande lastrada debajo de los árboles, las andan paciando sin mirar dónde les cayó, sino solo cuando actualmente la ven caer. Aquéjase de esto David: *Oculos suos statuerunt declinare in terram*.

Para remedio de este olvido, y para despertarnos que miremos al cielo, y nos acordemos de quién recibimos los bienes corporales y espirituales, es orden, y providencia de Dios, que perdamos las mismas mercedes por no las saber agradecer y que suceda tan gran variedad en las cosas. *Homo natus de muliere brevi vivens tempore, repletur multis miseriis, & nunquam in eodem statu permanet*. Es el mundo un valle de miserias, y algunas bonanzas que en él hay, son vísperas de miserias nuevas y si a hombre rico, la pobreza que ve en el vecino, le está predicando que no se engañe con su riqueza, que mañana será pobre; y si tiene salud, en los vecinos no falta quien sea enfermo, cuya enfermedad le es aviso que no se confíe de la salud que tiene. La misma variedad, y aún mayor acaece en los bienes espirituales: *Septies in die cadit iustus*. Y el apóstol San Pablo nos avisa a todos: *Qui stat videat ne cadat*. Quién hiciera creer a san Pedro que había de caer en tan gran flaqueza que negase a Cristo cuando estaba en su santa compañía? Parecíale, que ni prisiones ni muertes le harían mella; empero al pensó él entonces y al le acaeció después; por tanto, nos enseñó el mismo Cristo a velar, y a vivir con miedo, haciendo oración a Dios que conserve en nosotros los bienes de su gracia, porque en cogiendo él su mano téngase por perdido todo: *Vigilate & orate ne intretis in tentationem*. Y en la oración nos ha enseñado a decir: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*. Porque las mercedes, y bienes que nos da no son de juro, sino de ley mental, y es necesario para las tenernos, que él las esté conservando, y dándolas de nuevo. Es tanto esto que si cesase esta suministración continua, no hay criatura alguna tan perfecta, ni tan excelente que no se volvería en nada, hasta los cielos que de su naturaleza son incorruptibles, y los *santos* ángeles dotados de tan excelente y noble ser, como dice San Agustín.

Ya nuestro Señor en los tiempos antiguos ha castigado a España con la entrada de los moros, hízonos merced de los echar fuera, y al presente gozamos de gran paz, y quietud, reconozcamos la clemencia de Dios, y por lo que vemos padecer las otras provincias nuestras vecinas con la tempestad de las herejías, nos humillemos, y nos temamos, y muy de veras pidamos con David: *Respice in me & misere mei quia unicus & pauper sum ego, ne avertas faciem tuam a me & similis ero descendentibus in lacum*. Pobres, y flacos somos, nuestro remedio todo está en nos mirardes de continuo con los ojos de vuestra misericordia, que en los apartando los que están, se caen, los que viven, se mueren, y en hombres de carne no ha más virtud, cristiandad, o bien alguno, que cuanto con vuestra divina mano lo conserváis.

Y bendito sea Dios que proveyó a estos reinos de tan importante ayuda para con su conservación, como es la Santa Inquisición, él con su gracia la mantenga, y prospere para su gloria, y paz, y quietud de su Iglesia.

La Autora que esta historia escribió es la Madre Sor Catalina del Espíritu Santo, la cual siendo monja profesa de Santa Clara de las urbanas reformadas, viviendo en el monasterio de Hoochstrata, ciudad de Brabante, fue muy perseguida por ser hija de un caballero español llamado Don Luis Carrillo, gobernador de aquel condado, y sus perseguidores, y enemigos fueron no solo los herejes por el odio general que tienen a todas las personas religiosas, mas también un hidalgo español capitán de tres compañías de gente de caballo, que en tiempo de Duque d'Alva se había conjurado contra el rey de

España, y hecho cuerpo con los rebeldes, siguiendo al príncipe de Orange. Tenía el dicho Don Luis Carrillo, padre de esta monja comisión del Duque d'Alva para le prender; súpolo el traidor, determinó de vengarse en su hija, que era monja en el dicho monasterio, y prometió grandes premios a quien se la descubriese, y por que no hubiese escrúpulo en ello hizo grandes juramentos, que no era para le hacer mal a ella, o al monasterio, porque aunque era enemigo de españoles, era católico, solo quería afadigar a su padre, de quien se sentía perseguido, y tener con qué rescatar dos, o tres caballeros que estaban presos en poder del serenísimo príncipe de Parma. Los prelados, entendiendo el peligro en que esta madre estaba, sacáronla del monasterio, y su padre pidió a su majestad para la traer a España ayuda de costas, y teniendo respeto a sus servicios le hizo la merced favorablemente, con que fue traída como convenía a la calidad de su persona con buen acompañamiento, y llegó a Lisboa donde estaba su Majestad, y por su orden fue incorporada con las madres flamencas que ya allí estaban, y la deseaban tener consigo, como se verá en el capítulo último.

[no fim, fl. 32]

Memorial, y caritativos ruegos de la Autora a las madres, y hermanas deste santo Monasterio de Nuestra Señora de la Quietación

Muy amadas hermanas mías fue nuestro Señor servido que me haya quedado sola, habiendo ido ya al cielo todas las nuestras madres que vinieron profesas de Flandres, y no sé cuándo el día, o la hora vendrá en que yo sea llamada, pido, y ruego con la eficacia que es posible, que nunca nos olvidemos del ejemplo de la santa, y humilde simplicidad, y de la sencilla, y total subiección, con que vivieron entre nos las dichas nuestras madres como niñas, no obstante su ancianidad, tan amigas de seguir el coro, y la vida común aún sobre sus fuerzas, y más de lo que su poca salud sufría, tan puntuales en obedecer a todo, tan desnudas del querer propio, tan desapropiadas de todo sin admitir en su uso, ni la minina cosa que no fuese registrada por la voluntad de la Abadesa, sin dar ni recibir aún dentro del Monasterio unas con otras una aguja, ni imagencita por pintar, o iluminar sin dar cuenta a la Prelada. Todo esto ha sido siempre la creación en que nuestras madres antepasadas han vivido en Flandres, y lo han plantado, y continuado en este monasterio hasta su dichosa muerte. A estos sus ejemplos nos peguemos con toda sencillez, y eficacia, y nunca queramos poner limite, taja ni medida en lo que habemos profesado, ni inquerir, o specular con curiosidad, hasta donde podremos estender la mano, o el pie sin peligro de pecar mortalmente, habemos nos sacrificado de todo en todo en el voto de la santa pobreza sin proprio, y en el voto de la santa obediencia sin excepción renunciado el querer propria, no cometamos sacrilegio en le que tenemos ofrecido a Dios. Acordemosnos de lo que dice el santo Papa Gregorio, en unas lesiones del Breviario, *ille jolus illicita non comittit, qui novit etiam a lictis abstinere*, que para no caer en pecados mortales conviene retirarnos aún de cosas lictas. De vírgenes locas, es contentarse con solo tener en las lámparas el aceite necesario con que sustenten el fuego, y estas al tiempo de la mayor necesidad se hallan con las lámparas apagadas. Las prudentes, y que agradan al esposo son aquellos que con tener las lámparas con aceite, procuran también tener las vasijas llenas para que veamos cuanta necesidad tiene de vivir con este cuidado el que quiere agradar a Cristo, y cuan mal el sufre en los suyos descuido aún en cosas pequeñas, pondré aquí un caso dignísimo de notar, que acaeció en el monasterio de nuestra orden de Hoochstrata en que yo me crié.

Hubo en aquel monasterio una madre, que por muchos años fue abadesa, porque vino para allí a fundar, y principiari la vida religiosa con algunas otras sacadas del Monasterio de Treveris. Era de muy alta sangre, hija de un duque, y gran señor, y ella santísima, y muy espiritual, y contemplativa, y

muchas veces era enlevada en la oración. Siendo ya vieja pidió al Prelado la descargase del oficio, concediéndosele su petición, y fue electa en abadesa una religiosa que ella criara: tenía la santa vieja una hermana viva en el Monasterio de Treveris, a quien amaba mucho, y solía todos los años enviar nuevas suyas, como también lo hacían las otras que de allí eran venidas, a sus amigas, todas juntas en un tiempo, y por se sentir vieja deseaba enviarle la última despedida con una verónica, o medalla de unas veinte y cinco, que en tiempo que fuera abadesa le enviara de Roma el Papa con muchas gracias, y indulgencias, pero por guardar la costumbre del monasterio como ya fuese súbdita no lo quiso hacer sin especial licencia de la nueva abadesa, la cual se mostró poco contenta de que aquellas medallas se sacasen del monasterio. La santa vieja sintiendo esto en la madre abadesa, no quiso hablar más en la materia, y recogióse con algún desconsuelo, y quejándose a una monja de lo que pasara con la madre abadesa sobre la verónica, la monja confiada en la amistad que tenía con la abadesa la consoló diciendo: No toméis pena por ello, dadme esa verónica con vuestra carta, y yo auré licencia de la madre abadesa para la poder enviar a vuestra hermana a Treveris con los más recaudos que envían para allá las otras monjas. Dióle la vieja la verónica, y la monja la envió a su hermana, pero no dio cuenta a la madre abadesa, como se tenía encargado, ni la vieja hizo más mención dello. Pasaron dos, o tres años, y la santa vieja se murió, y después fue vista por diversas veces de las monjas por el dormitorio, y algunas que la veían le preguntaban si quería alguna cosa, no respondía otra palabra sino “verónica” y luego desaparecía; duraron estos aparecimientos por alguna temporada, y era vista, ora de una, ora de otra, sin que causase pavor, ni miedo a ninguna, algunas veces llegaba a la celda de alguna monja, y levantaba la corrediza, y preguntaba si quería algo, no decía más que lo acostumbrado, “verónica”. Finalmente en un día, que con licencia de la madre abadesa todas estaban juntas recreándose espiritualmente, dijo una monja que deseaba mucho de contar una cosa delante de todas sin embargo que todas lo tenían por sueño, y imaginación.

Acudieran todas a oír, y ella dijo. Por varias veces topé a nuestra madre vieja defunta en el dormitorio, y dice “verónica” y luego desaparece. Contando aquella monja esto, acudieron muchas otras a decir, que lo mismo les acaeciera, y algunas que les levantara la corrediza de la cerda, y dicha aquella palabra (“verónica”) volviera atrás, y desapareciera. Acordóse entonces de lo que en vida pasara con la vieja sobre la verónica la monja que se encargara de haber licencia de la madre abadesa para la enviar a su hermana, y con grande sentimiento declaró el secreto de aquella palabra. La madre abadesa, y todas las monjas quedaron atónitas por el caso, y la madre mandó aquella monja que al día siguiente dicese su culpa en el capítulo, por lo que tenía hecho, y que hiciese la penitencia que había de dar. En el capítulo la madre abadesa le reprendió mucho por la temeridad con que hiciera aquello contra la costumbre de la Religión sin licencia, y que fuera causa de andar penando aquella su buena madre, dióle penitencia, y la monja la cumplió con mucha humildad, y la buena vieja no apareció más, y según se cree quedó libre.

A nuestro parecer humano la culpa toda en aquel caso fue de aquella monja que no cumplió su palabra, y poca, o ninguna pudo tener aquella buena madre vieja en la verónica, que sin licencia se envió fuera del monasterio por la voluntad, y deseo que tuvo, que fuese todo puntualmente con licencia de la abadesa, y si dio la verónica a aquella monja, fióse en la palabra, y en la amistad que tenía con la madre abadesa; a lo cual se adjuntaba también el respecto, que moralmente era debido a su persona de la vieja, que tantos años fuera abadesa, y había criado a todas, y se podía presumir, que en cosa tan poca, como era enviar una verónica de las muchas que había en el monasterio, no sería intención de la madre abadesa nueva contrariar al piadoso gusto de aquella vieja que la criara. Empero son tan delicados, y sutiles los ojos de aquel celestial Esposo, que en lo que a nuestro entendimiento parecía tan justificado, halló que censurar, y lo censuró con tanto rigor, que hizo

tremer a todas. Y haberse hecho esta censura con los dichos aparecimientos andando ella tantos días por el monasterio confesando, y publicando delante de las monjas (“verónica, verónica”) fue darnos aviso, y doctrina a todas de cuanto nos conviene ser pontuales en la humilde subjeción, pobreza, desapropiamento, y obediencia, conservar las santas costumbres con que nos habemos criado aún en cosas muy mínimas: Dios con su lumbre nos tenga siempre los ojos abiertos, y nos confirme en su santo amor, y servicio hasta la fin. Amen.

[fl. 34]

Epílogo.

Fray Juan de las Llagas a los Católicos Lectores.

No haya alguno tan ciego que leyendo los sucesos atrás escritos, las persecuciones, destierros, muertes, tormentos y hambres, etc. que padecieron tantos buenos debajo del poder de herejes, y hombres pestilenciales, clame, y diga: *ubi est Deus eorum?* Dónde está el Dios de los católicos, que tal ha permitido? Sépase que estuvo Dios muy presente a todo; y aunque a los ignorantes mundanos, pareció que morían desamparados, el buen entendedor que con ojos claros mirare el modo con que los buenos padecieron lo que los malos les hacían, no puede dudar que Dios estaba con los suyos, y les ministraba tan abundante gusto, y contento en aquellas penas, y tormentos cual nunca tuvieron, ni pueden tener los que los perseguían en sus mayores regalos, porque basta la mala conciencia que nunca los deja de roer, y atormentar de dentro, para no les dar contento el regalo que tiene de fuera. Mas para que no tropiecen, y caigan algunos mal mirados cuando ven que los malos con tanta insolencia persiguen a los buenos, y viven en prosperidad, y que los buenos no tienen adonde se acojan, y mueren sin haber quien los defienda, la providencia divina, así como permitiendo trabajos da lugar a los buenos para que merezcan las insignes coronas, también ordena algunos ejemplos en que vean los malos cuán poco deban fiarse de sus prosperidades, y con cuánta razón deban temerse no le sean lazos armados con que la muerte los tome descuidados, y queden perdidos para siempre.

A este propósito se pudieran aquí traer muchos casos desastrados, y muertes repentinas, e infames que han acaecido a muchos grandes en Inglaterra, Escocia, y Francia, mas por brevedad solo referiré el triste fin que tuvieron los que han sido autores de las persecuciones y martirios que en este tratado están escritos.

El conde Ludovico, hermano del príncipe de Orange, fue autor muy principal de la rebelión en los estados de Alemania Baja; este, hallándose en la batalla de los Campos de Moqua, fue desbaratado, y por salvar la vida, acogiose a un caselete, y por desastre, y acaso se ardió el casal, y el malvado fue quemado allí vivo, y murió sin poder valerse.

En la misma batalla murió también otro hermano suyo llamado Henrike, y en otra batalla en Frislandia fue desbaratado, y muerto el tercero hermano suyo llamado Adolfo.

El señor de Lume solía jactarse mucho de conde Marcha, pero con más verdad le cabía nombre de verdugo, y ministro infame del príncipe de Orange, por haber muerto por su mandado con crueles muertes en Holanda, Zelandia, y en otras partes muchos cientos de católicos, religiosos, clérigos, y legos. A la postre murió en Legia de mordedura de un alano, can grande de Inglaterra, hecho rabioso, y sin seso, teniendo el propio criado aquel can a su mano.

El príncipe de Orange, la suprema y más principal cabeza, y autor de todas las calamidades, y tribulaciones que hubo en Flandes, por cuánto él es que ha incitado, y aún aguilloado al pueblo que tomasen armas contra su rey, cometió infinitos sacrilegios, homicidios, juramentos falsos, traiciones, y muchísimas maldades, y no bastaron las desastradas muertes de tres hermanos suyos, y de otros muchos millares que murieron por la misma causa, ni haberse visto a sí mismo dos veces en peligro

de muerte, que le fue intentada para enmendar la vida, y proveer a su ánima: mas como otro endurecido faraón, por más que se resguardó de salir a campo en las batallas, y se escondió en alguna ciudad fuerte, y al parecer segura de peligro, cuando menos lo pensó fue alcanzado, y recibió el salario, y paga debida a sus grandes pecados, y acabó dentro en casa su malvada vida, con un tiro de pistolete, que le hizo salir su maldita alma del cuerpo para el infierno.

Verdad es, que también el muy valeroso soldado Balthazar Gerardo, que con celo de servir a Dios, y a su rey ha muerto a este tirano, no escapó de ser justiciado, pero la divina providencia hizo en él una obra más admirable que si le salvara con vida; porque muriendo alcanzó muy glorioso nombre, y fama eterna, con los hombres y con los ángeles, la una por aquel tan asinalado hecho tan importante al bien común, la otra por el gran ánimo, y esfuerzo con que pudo sufrir tan espantosos, y exquisitos tormentos, cuales apenas no ha padecido algún otro hasta su tiempo.

Bien cabe lugar aquí a la Madama Carlote, mujer del príncipe de Orange, la cual siendo monja profesas, al tiempo que fue abadesa del monasterio se hizo apóstata, y dejando el hábito se casó con el príncipe hecha luterana, y parió seis hijas. Fue su muerte asaz miserable, porque después que fueron desterradas las monjas de Santa Clara en Amberes, quiso ella ir a visitar la princesa de Epinoi, que estaba enferma, y pasando por las guardias, no quiso que disparasen los arcabuces; pero antes que llegase su recaudo dispararon todos juntos, de que tuvo gran sobresalto, y adoleció de dolor de costado; vuelta al palacio, y murió de allí a siete días, echando de sí tal hedor que nadie la pudo sufrir, ni la fueron a ver.

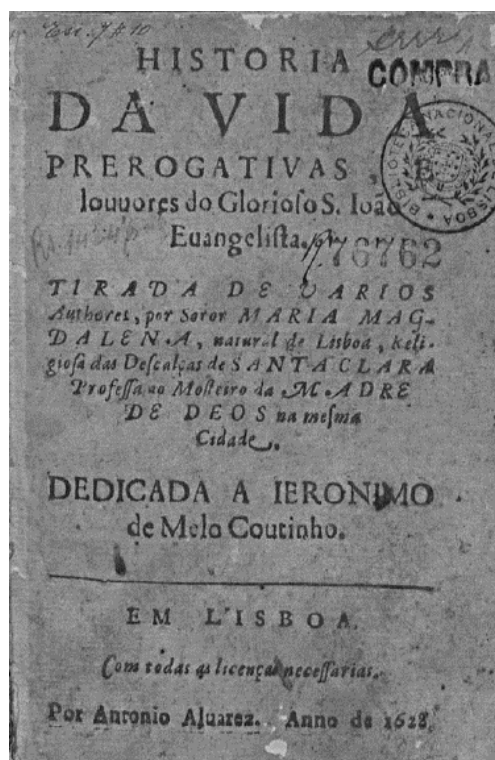
Muy diferente fue la muerte de la princesa de Epinoi, que murió de allí a algunos días como buena católica con los sacramentos, y después de muerta quedó tan hermosa como un ángel, y tres días arreo la fue a ver todo el mundo.

Pedro Lule, que fue el comisario para persuadir a las monjas que saliesen a casar, diez días después que salieron las monjas de Santa Clara del monasterio, por no querer guardar las leyes sacrílegas que le fueron publicadas, se fue a Herentals, y allí enfermó de fiebre y frenesís, y estando a la muerte vio entrar un ejército de negros, y dio gritos: Amigos, ayudadme a pelear con esta gente negra. Y levantóse rabiando a encontrarse con ellos a la puerta del aposento, y dijo: Ay de mí, que me muero de una pedrada. Y cayó muerto en tierra.

Todos los que de católicos nos preciamos tengamos lástima de nuestros hermanos, hijos de nuestra común madre la Iglesia, que en aquellas tierras viven tan miserablemente oprimidos por los herejes, hagamos con amor fraternal por ellos, lo que los apóstoles hicieron por salvar a sí mismos, cuando navegando por el mar el Señor estuvo durmiendo, y se levantaron vientos muy tempestuosos, y las olas ya cubrían el barco, y se tuvieron por perdidos, con gran ansia despertaron a Cristo y dijeron: *Domine, salvanos, perimus*. Señor, acudidnos que nos perdemos. Por castigar a su pueblo justamente se hizo dormido, y saliéronse las furias del infierno, hanse levantado grandes tempestades, mucho padece la iglesia en aquellas partes, las crueles olas la tienen muy abatida; despertemos al Señor con clamores de caridad, y digamos: *Salvum fac populum tuum Domine & benedic hereditate tua*, Señor, acudid a vuestro pueblo, echadle ya vuestra bendición, con que las furias se recojan, y los vientos ablanden, quebrantad la soberbia de vuestros enemigos, sientan vuestros hijos vuestra graciosa presencia para que os puedan servir con los rostros descubiertos, y cantar vuestros loores en voces altas, convertid sus llores en alegrías, hayan vergüenza, y sean confundidos los que han arrinconado vuestros siervos, dad gloria a vuestro santo nombre que solo debe ser alabado, *in secula seculorum*. Amén.

Laus Deo.

Anexo 4 – História da vida, prerrogativas, e louvores do glorioso S. João Evangelista (1628)



[frontispício]

História da Vida, prerrogativas, e louvores do glorioso S. João Evangelista.

Tirada de vários autores, por Soror Maria Madalena, natural de Lisboa, religiosa das Descalças de Santa Clara, professa no Mosteiro da Madre de Deus na mesma cidade.

Dedicada a Jerónimo de Melo Coutinho.

Em Lisboa.

Com todas as licenças necessárias.

Por António Álvares. Ano de 1628.

[licenças]

Licenças

Vi este livrinho dos louvores do amado discípulo de Jesu, coligido²⁸ de vários autores para sua consolação pela muito religiosa Madre Soror Maria Madalena professa no Mosteiro da Madre de Deus desta cidade de Lisboa, e dela natural, não tem coisa²⁹ contra nossa Santa Fé, ou bons costumes: está

²⁸ No original, *colegido*.

²⁹ No original, *cousa*.

mui conforme com a devação da autora, e com a grandeza do Santo Evangelista, e tão eficaz se mostra nos encarecimentos de sua santidade que parece que não deixa lugar a sermos devotos de outro algum santo, apontando para este efeito raríssimas prerrogativas, e excelências do Santo Apóstolo. Sua senhoria ilustríssima lhe pode dar a licença que pede para se imprimir, e assi o julgo, e me afirmo. Em S. Domingos de Lisboa, 20 de janeiro de 1627.

Fr. Tomás de S. Domingos Magister.

Pode-se imprimir, visto a aprovação do P. M. Fr. Tomás.

O Bispo Inquisidor Geral.

Dou licença para se imprimir este tratado.

Lisboa, a 11 de agosto de 627.

Gaspar do Rego da Fonseca.

Que se possa imprimir este livro, vistas as licenças que tem do Santo Officio, e Ordinário, e depois de impresso tornará à mesa para ser taxado. Em Lisboa a 21 de agosto de 628.

Pimenta D'Abreu. Araújo. Cabral.

[segundas licenças]

Está conforme com o original.

Fr. Tomás de S. Domingos Magister.

[taxa]

Taixado na mesa do Paço a³⁰ reis em papel.

[licenças]

Por mandado, e comissão de nosso padre Dr. Luís dos Anjos, ministro provincial da Província dos Algarves, vi com diligência o tratado da vida, e louvores do glorioso apóstolo, e evangelista S. João composto pela virtuosa Madre Soror Maria Madalena³¹, religiosa descalça da Primeira Regra de nossa madre Santa Clara no Convento da Madre de Deus de Enxobregas da Província dos Algarves, e não tem coisa³² contra nossa Santa Fé, decretos dos sumos pontífices, e bons costumes, antes tem muitos louvores do Santo Apóstolo tirados dos Santos Padres, e livros espirituais em cuja lição, mostra a

³⁰ Segue-se um espaço em branco.

³¹ No original, *Magdalena*.

³² No original, *cousa*.

religiosa madre, se ocupou por muito tempo: pelo que me parece ser digno de se imprimir. Em S. Francisco de Enxobregas a 23 de dezembro de 625.

Fr. Simão da Ressurreição.

Fr. Luís dos Anjos, ministro provincial da Província dos Algarves, da regular observância do nosso seráfico padre S. Francisco. Por quanto por minha comissão, está visto, e aprovado um tratado da vida, e louvores do glorioso apóstolo, e evangelista S. João, composto pela religiosa Madre Soror Maria Madalena freira professa da Primeira Regra de nossa madre Santa Clara, em o Convento da Madre de Deus de Enxobregas. Pela presente concedo licença, pera que se possa imprimir o dito tratado. Dada em o nosso Convento de S. Francisco de Enxobregas em 2 de janeiro de 626 anos.

Fr. Luís dos Anjos, ministro provincial.

Muito devota, e afeiçoada se mostra a autora desta obra ao glorioso apóstolo S. João Evangelista, e com rezão. Porque a quem Deus tanto amou que lhe ficou por nome no Evangelho o amado de Cristo, rezão é que todos o amem muito e lhe sejam devotos. E aquele de quem se valeram os sagrados apóstolos para Cristo lhe descobrir seus segredos, muito deve poder valer aos homens para que Cristo lhe comunique muito de si. E aquele a quem Cristo encomendou o grande tesouro da Virgem Sacratíssima sua mãe: muito deve de valer com ele quando lhe encomendar aos seus devotos para lhe alcançar o tesouro da glória. Mas aconselho que nesta matéria de pesar os merecimentos dos Santos se caminhe com muito tento. Porque o glorioso Santo Tomás tem por presunção querer pesar os merecimentos dos Santos de que só Deus tem o peso certo. Proverb, 16.

Fr. João de Valadares.

Em cumprimento do que Vossa Mercê me mandou, li com muita advertência, e gosto este tratado da vida, excelências, e milagres do grande evangelista S. João, colhido, e ordenado pela Madre Soror Maria Madalena religiosa professa nas descalças do santo Mosteiro da Madre de Deus de Enxobregas, e confesso, que me espantara com muita rezão de ver como uma religiosa sem mais trato, que o que por sua devação teve de livros devotos, e curiosidade em notar o que em diversas pregações do grande evangelista ouviu, pôde ajuntar, e soube escolher, e ordenar coisas³³ tão bem notadas, diversas, e levantadas em louvor do santo dando a cada uma, seu devido lugar, se não entendera que a semelhantes espíritos retirados, como o desta bem ocupada religiosa, costuma Deus tomar por instrumento pera engrandecer seus santos; e em especial este assunto, parece, quis o Senhor pela maior edificação dos fiéis, saísse tão perfeito a fim de se ver quanto ama a amante do seu amado, pois tanto lhe comunicou de seu espírito falando-lhe só ao coração no cantinho da sua cela: pelo que posso dizer pela autor desta obra, o que diz o eclesiástico. Pequena em corpo é a abelha entre as aves, porém seu fruto em rezão de doce, é o principal de todos: ela o colhe de diversas flores depois de caído do Céu, e o ajunta ocultamente em favos, que lavra com muita ordem, e perfeição, pera neles sair a público em bem do género humano, que só dele se aproveita. O que tudo pelo miúdo acho nesta obra, e sua autor, de que muitos, e doutos, que escreveram sobre o mesmo argumento, e não voaram tão

³³ No original, *cousas*.

alto, se podem aproveitar; porque a autor fala, e escreve como mestre insigne. E ainda que S. Paulo não permita às mulheres ensinar na igreja de Deus, entende-se em escolas públicas, porque a vergonha, e pejo tão louvado nas mulheres, não diz com o despejo, que se requer nos que hão de ensinar em público porém ensinar em secreto muitas, e mui graves o fizeram, como Débora, Holda, mulher de Selo³⁴, Ana mulher de Fanuel, e as filhas de Felipe Evangelista, e Santa Caterina de Sena, e a Madre Santa Teresa de Jesus, e outras compuseram livros: segundo o que (como diz S. Tomás) bem podem as mulheres ensinar nos seus mosteiros, onde pelos desposórios que fazem com Cristo mediante sua profissão sobem a dignidade viril, em sinal do que lhes cortam os cabelos: e ali a solas recolhidas com seu esposo as instrui interiormente a cada uma como é mais servido, e pera pregoeiro do seu amado Evangelista, que reclinado em seu peito bebeu nele altos mistérios, tomou esta sua devota religiosa, a fim de que por seu meio tivéssemos mais notícia dele e deles. Pelo que me parece esta obra muito digna, e por muitos títulos de sair a público, pera que se saiba quanto sobre de ponto o espírito de uma religiosa a que Deus se comunica em paga também de se mostrar tão afeiçoada ao seu amado, o Senhor, etc., em S. Domingos de Lisboa, 12 de novembro de 626.

Servo mui obrigado de Vossa Mercê.

Fr. Tomás da Rocha

[dedicatória]

À muito reverenda Madre Abadessa, e mais religiosas do Mosteiro da Madre de Deus da cidade de Lisboa de Descalças de Santa Clara. Soror Maria Madalena uma delas deseja eterna saúde.

Muito reverendas madres, e caríssimas irmãs, notória³⁵ é a Vossas Reverências a devação que tenho ao sagrado evangelista S. João amado por excelência de nosso Esposo divino nosso Senhor Jesu Cristo filho de Deus encarnado, por cujo amor nos encerramos nesta santa casa, até chegarmos às bodas de seus divinos desposórios. Desde que nela entrei, e professei, e as madres daquele tempo me receberam tomei por avogado este divino evangelista, e por empresa sua devação (se em mim a pode haver) a qual desde minha meninice³⁶ fui afeiçoada, e depois de religiosa muito mais. Da lição dos livros santos, e devotos desta casa a cuja lição sou afeiçoada (ainda que me sei aproveitar pouco por minha insuficiência) levada da devação, virtudes, observâncias de vossas reverências que de cada vez me confundem mais, e estimulam à perfeição, indo seguindo seu santo exemplo, fiz este tratado, do que achei da vida, louvores deste santo, e das pregações que nesta santa casa ouvi, as quais ajuntei nele; o ofereço a vossas reverências como coisa³⁷ sua para que o leiam, e sejam muito devotas deste divino amado, e nos aproveitemos de sua intercessão para que por ela nos ajude diante o Divino Esposo, e com ele entremos na câmara secreta de seus tesouros³⁸ onde costuma levar as almas suas escolhidas. Amen.

³⁴ Tratar-se-á de Selm, segundo II Reis 22:14.

³⁵ No original, *notório*.

³⁶ No original, *mininice*.

³⁷ No original, *cousa*.

³⁸ No original, *tisouros*.

[dedicatória, fl. I]

Carta dedicatória a Jerónimo de Melo Coutinho.

Louvado seja o Santíssimo Sacramento

Muitas são as razões que tenho para publicar as dívidas, e obrigações em que Vossa Mercê me põe, e particularmente nesta ocasião em que me quer fazer de mantar imprimir este tratado, do nosso grande evangelista, a quem eu de minha meninice³⁹ fui sempre afeiçoada, e chegando a idade suficiente de me meter em religião, fez-me nosso Senhor mercê que me recebessem nesta santa casa, e Mosteiro da Madre de Deus, na qual me criaram aquelas santas, e antigas madres desta casa com muita oração, e contínuo exercício de lição de livros espirituais, e devotos, e contínua meditação da coisas⁴⁰ divinas de que eu como indigna, e imperfeita me não soube aproveitar como devia; e como era afeiçoada ao glorioso evangelista, nos livros que lia tudo o que achava que aos louvores deste santo tocava logo trasladava, e para mim guardava, e daqui resultou fazer este quaderno de seus louvores, o qual eu quisera que todo o mundo vira, para saber quão grande santo, e de quantos merecimentos é o glorioso, e divino evangelista. E porque sei que vossa mercê também é particular devoto deste mesmo santo, lho mando, e dedico; para que, pois eu como freira pobre, e encerrada, o não posso imprimir, vossa mercê me faça tomá-lo à sua conta, e defendê-lo, e presentá-lo à Santa Inquisição que o mande rever, e dê licença para se imprimir: e se for digno disso, ampare-mo vossa mercê cuja vida pedirei sempre a nosso Senhor, com particular cuidado, e o sagrado evangelista o terá de todas as coisas⁴¹ de vossa mercê sendo sempre muito propício, e favorável a essa casa, alcançando de Deus nosso Senhor muitas mercês, e gostos espirituais, e temporais, e muitos anos de vida a vossa mercê e à senhora D. Maria cuja serva, e cativa sou, e mui desejosa de em tudo a servir, o que sempre farei com muito grande vontade, e amor que a vossas mercês sempre tive, e terei toda a vida, aos quais guarde Deus por largos anos. Hoje 14 de janeiro de 1622.

Serva, e oradora por vossa mercê

Soror Maria Madalena.

[no fim, fl. 36v.]

Finis Laus Deo.

Em Lisboa.

Com todas as licenças necessárias.

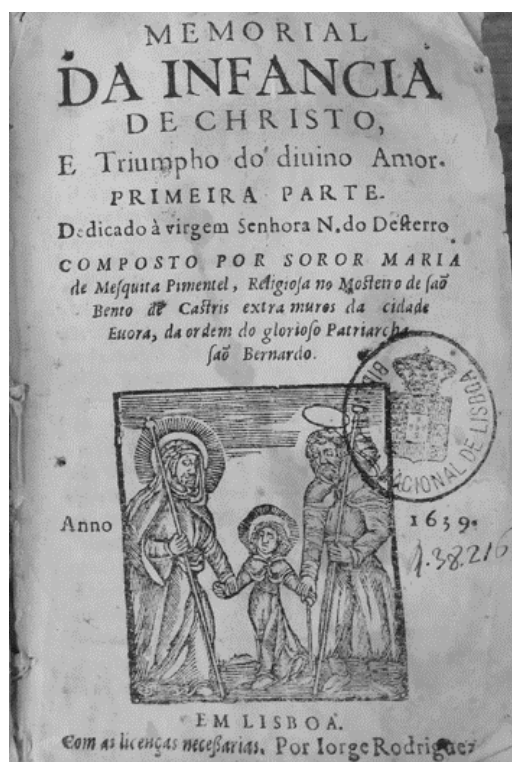
Por António Álvares. Ano de 1628.

³⁹ No original, *mininice*.

⁴⁰ No original, *cousas*.

⁴¹ No original, *cousas*.

Anexo 5 – Memorial da Infância de Cristo e triunfo do divino amor (1639)



[frontispício]

Memorial da Infância de Cristo e triunfo do divino amor.

Primeira parte.

Dedicado à Virgem Senhora Nossa do Desterro.

Composto por Soror Maria de Mesquita Pimentel, religiosa no Mosteiro de S. Bento de Cástris extramuros da cidade de Évora, da ordem do glorioso patriarca S. Bernardo.

[estampa]

Ano 1639.

Em Lisboa.

Com as licenças necessárias. Por Jorge Rodrigues.

[licenças]

Licenças

Por mandado do supremo conselho do Santo Ofício, vi estes dois⁴² volumes, cujo título é *Memorial da infância de Cristo* nosso redentor, e de suas miraculosas obras na idade varonil, e triunfos do divino amor; compostos em oitava⁴³ rima por a Madre Soror Maria de Mesquita Pimentel religiosa

⁴² No original, *dous*.

⁴³ No original, *octava*.

do padre D. Bernardo, no insigne Convento de S. Bento de Évora. Demais de não achar neles coisa⁴⁴ que repugne à pureza de nossa santa fé católica, ou reformação de bons costumes, me parece obra superior a um sujeito feminino; porque sendo coisa⁴⁵ ordinária, os varões mais insignes aprenderem a Teologia mística no secreto da oração mental, e a escolástica nas escolas públicas, esta serva de Deus parece que aprendeu uma e outra nos estudos de seus exercícios espirituais, e neles lhe devia o santo evangelista emprestar as asas com que subiu ao conhecimento do verbo eterno. Porque tal erudição nas mais levantadas matérias da santa teologia, como esta religiosa mostrou sem cursar escolas, não se pode achar senão em uma alma, que depois de tirada do mundo, e chamada à solidão da clausura regular, lhe falou Deus ao coração, e ela só à voz do divino Esposo aplicou sempre a orelha; e bem se pode presumir que dos altos e soberanos pensamentos que da divina voz concebeu, nasceu⁴⁶ este parto tão prodigioso. E por não ficar escondido *intra claustra monasterii*, me parece digníssimo de sair à pública luz, porque tudo o que nesta obra há, levanta e alumia o entendimento para alcançar os mais profundos mistérios de nossa redenção, e os grandes milagres que Cristo nosso Senhor obrou neste mundo; e inflama o afeto da vontade no divino amor de seu autor. Lisboa de casa de Santo António dos Capuchos, e outubro 20. 636.

Fr. Dâmaso da Apresentação

Vi estes dois tomos que em oitava⁴⁷ compôs Soror Maria de Mesquita Pimentel religiosa do Mosteiro de S. Bento de Évora da sagrada família de S. Bernardo, intitulados Primeira e segunda parte do Memorial da infância e milagres de Cristo, e triunfo do divino amor, e com as emendas que leva dos versos riscados e modificações de outros, entendo que não tem coisa⁴⁸ que seja contra nossa santa fé e bons costumes, antes ser obra proveitosa, para que com mais facilidade os fieis cristãos possam trazer na memória os milagres de Cristo, e mistérios da sua infância, por razão do verso em que a autora com muito espírito e devação os conta; e a este fim devia de lhe pôr o nome de memorial. Polo que me parece obra mui digna de se imprimir. Neste Convento do Carmo de Lisboa em 26 de abril de 637.

O Doutor Fr. Gaspar dos Reis

Vistas as informações, podem-se imprimir a Primeira e segunda parte do Memorial da infância e milagres de Cristo, e triunfo do divino amor, compostos pela Madre Soror Maria de Mesquita Pimentel, religiosa do Mosteiro de S. Bento extramuros da cidade de Évora, com as emendas, e modificações que levam em alguns versos, e depois de impressas tornarão ao conselho para se conferirem com os originais, e se dar licença para correrem, e sem ela não correrão. Lisboa 5 de maio de 1637.

Manuel da Cunha

P. da Silva

F. Cardoso de Torneo

⁴⁴ No original, *cousa*.

⁴⁵ No original, *cousa*.

⁴⁶ No original, *naceu*.

⁴⁷ No original, *octava*.

⁴⁸ No original, *cousa*.

Diogo Osório de Castro
Sebastião César de Menezes

Podem-se imprimir estes dois⁴⁹ livros de que se faz menção na licença acima. Lisboa 3 de julho 637.

Francisco da Mota Pessoa

Que se possam imprimir estes livros visto as licenças do Santo Ofício, e Ordinário que oferecem; e depois de impressos, tornem para se taxarem, e sem isso, não correrão. Lisboa 20 de agosto de 637.

Carvalho
Pereira

[segundas licenças]

Conferi este livro com seu original, e com as emendas das erratas, entendo que está conforme com ele. Neste Carmo de Lisboa em 30 de maio de 1639.

Doutor Fr. Gaspar dos Reis Prior

Visto estar conforme com o original, pode correr este *Memorial da infância de Cristo*. Lisboa 31 de maio de 1639.

Pero da Silva
Francisco Cardoso de Torneo
Diogo Osório de Castro
Sebastião César de Menezes
D. Luís de Melo, Deão de Braga, primas

[taxa]

Taxam este livro em oitenta reis em papel, a 19 de maio de 636⁵⁰.

João Sanches de Baena
*Tomé Pinheiro da Veiga*⁵¹

⁴⁹ No original, *dous*.

⁵⁰ Uma vez que a taxa era estipulada aquando das licenças finais, partimos do princípio que a data de 1636, aqui presente, será uma gralha de impressão.

⁵¹ Este três últimos parágrafos de licença, correspondentes às segundas licenças e à taxa, apenas se encontram impressos nos exemplares da Torre do Tombo e da Biblioteca Nacional de Espanha. Note-se ainda que as segundas licenças eram geralmente impressas no fim das licenças ou, alternativamente, no final do livro. Neste caso, foram inseridas *entre* as licenças previamente impressas. Este facto, juntamente com a gralha indicada na nota anterior, sugere algum descuido ou pressa na preparação final da edição.

[licenças]

Por mandado do nosso reverendíssimo padre Fr. Arsénio da Paixão, geral, e reformador de nossa sagrada religião cisterciense nestes reinos e senhorios de Portugal, e Algarve, li este livro composto em oitava⁵² rima pela Madre Soror Maria de Mesquita Pimentel do mosteiro de nosso padre S. Bento da cidade de Évora da mesma ordem, intitulado Memorial da infância de Cristo, e triunfo do divino amor. No qual não achei coisa⁵³ alguma contra nossa sagrada fé católica, nem que encontre os bons costumes. Polo que, e por seu superior estilo, digno de tão alta matéria, aplicação de muitos lugares da sagrada escritura com explicações dos padres, ornato de vários e altos conceitos, tudo verificado tão elegantemente que mostra grandeza de engenho natural, e artificioso, se lhe pode dar a licença que pede.

Em Alcobaça 17 de agosto de 633.

Fr. Teodósio de Lucena.

Fr. Arsénio da Paixão D. abade do Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, geral, e reformador de todos os de sua congregação nestes reinos de Portugal, e Algarve, etc. damos licença à Madre Soror Maria de Mesquita religiosa do nosso Mosteiro de S. Bento de Cástris extramuros da cidade de Évora, para que, havidas as licenças ordinárias, possa dar à impressão dois⁵⁴ livros, que tem compostos, intitulados um, Infância de Cristo e triunfo do divino amor; o outro, Memorial da Paixão de Cristo, vista a informação dos padres, a quem cometemos o exame dos ditos livros. O doutor Fr. Paulo Brandão secretário de sua reverendíssima a fez, Alcobaça 17 de agosto de 1635.

Fr. Arsénio da Paixão, abade geral.

[dedicatória]

Dedicatória

À sereníssima Virgem Maria mãe de Deus e senhora nossa.

Se é justo as obras divinas serem consagradas a divino sujeito, não podia eu fazer mais acertada eleição que consagrar-vos esta, ó soberana sempre virgem Maria mãe de Deus, única senhora dos Céus e terra, magnífica reparadora da geração humana, e singular fermosura, e ornamento de todo o universo; pois na excelência da matéria se encerra todo o valor devido a vosso merecimento, e todo o sabor que mais priva com vosso gosto.

Por vós, esperança nossa, desceu⁵⁵ ao mundo a bênção celestial, e a graça da felicidade eterna; de vós tomou carne, e de vosso ventre virginal saiu aquele minino Jesus verdadeiro Deus e homem, princípio, meio, e fim de nossa saúde, o qual eu vos torno agora a oferecer, rainha dos anjos, no mesmo estado, em que com ele enriquecesteis de luz, de vida, de salvação ao mundo todo. Vós que sois o insigne trono do supremo Salamão, o recebei em vossos amorosos braços, que foram sempre a sublime esfera de seu descanso, donde com o dom de inefável sabedoria, subindo ao mais superior

⁵² No original, *octava*.

⁵³ No original, *cousa*.

⁵⁴ No original, *dous*.

⁵⁵ No original, *deceu*.

grau de caridade, penetrastes não uma só vez mas infinitas, a doçura de seus divinos abraços, humilde creio, e espero confiada, sereníssima Virgem, que este rico dom que vos ofereço, há de afinar com glória accidental a essencial, de que sempre estais gozando no precioso assento de nossa imortalidade, porque assi como na terra, ó mãe do formoso amor, repetindo de contino as ações dele, em Deus minino, chegastes ao amor tanto que excedestes em medida infinita a todos os mais abrasados serafins, assi lá no Céu quantas vezes de cá vos for oferecido, tanto serão os acidentes de gozosa alegria que sentireis, para que fique mais exalçada a glória substancial que possuis, a qual por tanto amardes, merecestes. Bem conheço, soberaníssima senhora, quão indigna sou de aspirar a tanta alteza, se bem que temerosa me alenta a feliz sorte que me coube de ser filha do melífluo S. Bernardo, o mimoso de vosso peito, o querido de vossa alma, o penhor de vosso coração, o único princípio, e meio, por quem seus filhos gozamos a prisão doce de vosso livre cativoiro, o que é luz da igreja militante, e o cortesão que com mais ricas prendas de vosso inestimável favor, vos admira na triunfante. Por sua divina intercessão espero recebais meus entranháveis afeitos que em este assunto vos consagro. E pois alcancei também por glorioso timbre de minha felicidade a honra de gozar de vosso nome santíssimo, alcance de vós minha alma o alento que necessita para que com obras de heroicas virtudes corresponda à dignidade dele. Recebei, senhora minha, desta escrava vossa proteção, e emparo, e com dilatado favores mostrai que vos dignastes dele, fazendo que fique impresso nas almas de todos os que o lerem; e a mim alcançai graça, para que mereça gozar de vós na glória, que logreis sem fim por toda a eternidade.

[prólogo]

Prólogo ao leitor

Se é verdade conhecida,
Que as obras de altos primores
Se pintam de várias cores
Pela igual medida,
Que há nos gostos dos leitores;

Se as penas cisnes que admiram
Por sutis e delicadas
Quando melhor aparadas,
Não se isentam, nem se tiram
De ficarem censuradas;

Se Orfeus de Apolo ilustrados,
Que alcançam por excelência
Em Aganipe banhadas
Conceituosa⁵⁶ eloquência,
Tem de que sejam notados:

Que pode alcançar, que espera,
Quem de ciência é tão falta
Em matéria que se exalta
Sobre a mais suprema esfera,
Porque em valor é mais alta?

⁵⁶ No original, *conceptuosa*.

Foi cantar de tal sujeito
Temerário atrevimento,
Mas mostrar do entendimento
Faltas, medrando o afeito,
Não presumo abatimento.

Que meu saber nesta empresa
Mostre quão pouco compreende,
Quando a devação se estende,
Não me afronta esta pobreza,
Entenda-me quem me entende.

Se o engenho sem distância
A meu amor se igualara,
E ciência me ditara
Com tão sublime elegância.
Que a matéria exagerara,

Com duplicada alegria
Que cantara, me examino,
Porque fora o canto dino
Dos aplausos que pedia
Este assunto tão divino.

Mas pois que tão limitado
Pulsa meu saber humano
Nos primores de atilado,
Não posso mais, finto o dano
De o ter tão mais descantado⁵⁷.

Tíbio e falto meu engenho
Grande e veemente a vontade
Sinto grã⁵⁸ contrariedade
Porque quando a cantar venho,
Um quer, outro dissuade.

A infância gloriosa
Do minino triunfante,
Que não teve semelhante
Na grandeza poderosa
De *ab initio* Deus amante.

Em aplausos de memória
Vos dou leitores prudentes,
Mistérios de tanta glória,
Festejai-os sapientes,
Celebrai tão alta história.

⁵⁷ No original, *discantado*.

⁵⁸ No original, *grão*.

Os que o seu memorial
Da Paixão solenizastes,
Recebei com gosto igual
Este, pois os bens fundastes
Na infância celestial.

Que se aquele a cujas plantas
Se humilha a mais alta esfera,
Feito humano, não nascera⁵⁹,
O timbre de glórias tantas
Nunca o mundo merecera.

Ainda que com grosseiro
Pincel o pinto nascido⁶⁰,
Nas almas seja esculpido:
Que seu amor verdadeiro
O pintará mais luzido.

Todos com divino asseio
Lhe façam cama de flores,
Porque um minino que veio
Do Céu, ferido de amores
Sempre deve andar no feio.

Sempre nas almas morada
Lhe deve ser concedida,
Pois dá a quem o convida
Em prêmio dessa pousada
Luz, descanso, glória, e vida.

Nos corações retratado
O veja eu, para ir sofrendo
Quão mal soube ir descrevendo
O seu divino tratado
Quando tão belo o for vendo.

Que se fruto tão fecundo
Do meu trabalho tirasse,
Mas que as faltas me notasse
De meu mau descante⁶¹ o mundo,
Não creio que me agravasse.

Com letras nesta alma escrito
Fique de eterna impressão
Com ele no coração
Do pequenino⁶² infinito
Dou princípio à narração.

⁵⁹ No original, *nacera*.

⁶⁰ No original, *nacido*.

⁶¹ No original, *discante*.

⁶² No original, *piquenino*.

[textos laudatórios]

À senhora Maria de Mesquita Pimentel, que depois de escrever a Paixão de Cristo, e triunfo do divino amor, em oitava rima escreveu a Infância de Cristo, e triunfo do divino amor no mesmo verso.

Soneto

Com voz de cisne sonora e grave
Para fénis de amor um lenho erguestes
Adonde c'os acentos que estendestes
O mundo suspendeis branda e suave.

A finezas de amor clausura e chave
Nos cravos do jardim da cruz pusestes:
Mas se em ecos de Marte fenecestes,
Deles ao plectro abristes nova clave.

Do divino amor o extremo aceito
Nos tormentos da morte preferido
Vossa voz consumada o entoasse.

Que por consumação de seu conceito
Se em triunfo fenece já crescido⁶³
A triunfos infante hoje renasce⁶⁴.

Outro ao mesmo intento

Pelos confins da morte prodigiosa
Com as asas do amor solta e detida
Que para o voo por soltar a vida
Um liberal amor, parca ditosa.

Vossa pena de indústria lastimosa
Das penas de Jesus compadecida
Ligou em verso a triste despedida
Para verdugo da alma afetuosa.

Que como já da morte deste amante
Lá do princípio a vida foi nascendo⁶⁵
Contra as penas da morte triunfando:

Nela a pena acertou principiante
E quis depois de triunfar morrendo,
Triunfasse em nascer⁶⁶ no mundo amando.

⁶³ No original, *crecido*.

⁶⁴ No original, *renace*.

⁶⁵ No original, *nacendo*.

⁶⁶ No original, *nacer*.

Em louvor de Soror Maria de Mesquita Pimentel, e de seu livro.

Do Doutor Fr. Luís de Sá da Ordem de S. Bernardo

Soneto

Mar avilha fatal de nuestra edad,
Ya feniz os mostrais em voz sirena:
De spués que en vivo fuego os dejó llena
M i nardo; de su ingenio, e santidad:

Es tampas os ofrece la deidad
Quita ndo amor de vuestra dulce vena,
Pi ramides que exalzan vuestra pena,
Mem orias que ternizan de verdad.

Te ndad la fama que hasta ahora muda
L a voz ofrece ya, que al templo llama
De sus aras por víctima, el olvido:

Raro tendréis el nombre, que sin duda
Ingenio inventará a la antiga fama
Y arte para os dar lo que es debido.

De Fr. Teodósio de Lucena da Ordem de S. Bernardo

Soneto

Suspensão doce, do maior tormento
Cantais suave, em métrica harmonia
Excedendo em brandura, e melodia
A voz que se formou no ondoso argento.

Com brando impulso, mas sonoro acento
Da luz, que a clara luz criou do dia,
Sendo seu resplendor segura guia,
Os raios penetrais, felice intento.

Com sutil arte, por sublime esfera
O justo sol, desde levante
Até donde perdido reverbera,

Sem perigo levais, que radiante
Ouro em vós cria, feminina cera,
Para assi se engastar fino diamante.

A la señora Maria de Mesquita en loor de su extremada virtud, e celebre ingenio

Soneto

Si sois vergel de luz, cielo de flores,
Y emula de si misma os acredita
Duplicada virtud, cual ciega admita

Duda la elección entre esplendores:

Costumase la envidia en sus dolores,
Que en vano detrimentos solicita
Cien aras tiene Dios de una mezquita
Luces de ingenio, de virtud olores.

Mudan la admiración sola os alabe,
Calle la lengua, cuando más presuma
Torrentes de elocuencia, e vuelos de ave:

Y por que la suspensión no se consuma,
Pues en su pluma vuestro loor no cabe,
Alabeos escribiendo vuestra pluma.

À senhora Maria de Mesquita em presente obra

Do Padre João de Teve e Marmeleiro

Tanto vossa voz se afina
Cantando o Sol soberano,
Que fazendo a Deus humano,
Vos fazeis a vós divina.

E quando ao Céu se levanta
Por que na terra o descante⁶⁷,
Me parece novo Atlante
Vossa pena em glória tanta.

Igualmente alto, e jucundo
Vosso canto dilatais
Que tão bem de Deus cantais,
Que encantais também ao mundo.

Justo prémio vos ordena
Grato o Céu a vossa história,
Porque pagara com glória
Canto de tão doce pena.

Tão bem sentistes de Deus
Em quanto dele escrevestes,
Que bem mostrais que nasceste⁶⁸
Para as empresas dos Céus.

⁶⁷ No original, *discante*.

⁶⁸ No original, *nacestes*.

Do Padre Luís Mendes

Décimas

Estima, louvor e espanto
Se deve a vosso alto engenho,
Que satisfez tanto empenho
Com tão sonoro canto:
E pois que mereceis tanto,
Todo o mundo vos conheça;
E não só vos engrandeça,
Como a quem se ele afeiçoa,
Mas que vos cinja coroa
Imortalmente a cabeça.

Nesta história que teceis
Com artifício e saber,
Já não pareceis mulher,
Mas Salamão pareceis:
Tal ventagem lhe fazeis
Nestes escritos que hei visto,
Qual faz a luna⁶⁹ a Calisto,
Porque ele fala em figura,
Vós em realidade pura
Da grande infância de Cristo.

Valentemente voastes
Com vossa pena ligeira:
E não só a esfera primeira,
Mas o Empíreo penetrastes;
E de lá vos informastes
Para com saber divino
Cantardes a Deus minino;
Porque saber tão profundo,
Que faz tanto espanto ao mundo,
De evangelista o imagino.

Perspetiva peregrina,
Vista de grande valor,
Que tão fundo resplendor
Sonda, copia, examina:
É dom, ó águia divina,
De vosso Esposo sagrado,
Permitir-se examinado
De vós, posto que no oriente,
Porque teve no nascente⁷⁰
Tanta luz, como elevado.

⁶⁹ No original, *lũa*.

⁷⁰ No original, *nacente*.

[errata]

Erratas

Fol. 3, oitava 14, linha 5, *esta*, diga *era*.

Fol. 62, oitava 66, linha 3, diga *E mostrava no rosto soberano*.

Fol. 121, oitava 50, linha 4 *accões*, diga *acções*.

Fol. 121, oitava 52, linha 1, *Eessncia* diga *Essencia*.⁷¹

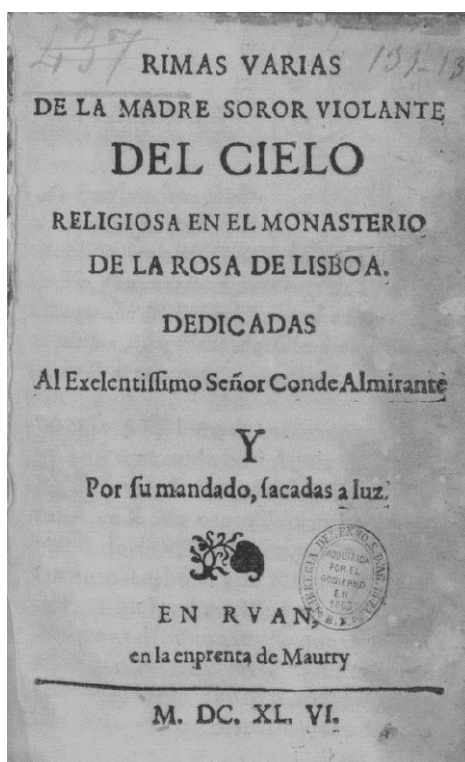
⁷¹ O exemplar da Biblioteca Nacional de Espanha apresenta três erratas adicionais, escritas à mão abaixo das impressas:

Fol. 94. oit. 87. Simão d. Simeão.

Fol. 129. oit. 22. sono luminoso d. pegajoso.

Fol. 143. oit. 7. divido d. dividido.

Anexo 6 – Rimas varias de la Madre Soror Violante del Cielo (1646)



[frontispício]

Rimas varias de la Madre Soror Violante de Cielo religiosa en el Monasterio de la Rosa de Lisboa

Dedicadas al excelentísimo Señor Conde Almirante y por su mandado, sacadas a luz.

En Ruán, en la imprenta de Maurry

MDCXLVI

[dedicatória]

Ao excelentíssimo senhor D. Vasco Luís de Gama, conde da Vidigueira, almirante da Índia, senhor de Vila de Frades e de Ficalho, comendador de Santiago de Beja, do Conselho d’el Rei de Portugal e embaixador⁷² de Sua Majestade ao cristianíssimo rei de França, etc.

Este livro da melhor pena com que voou uma Águia de Portugal, décima musa de Espanha (título que lhe dá o comum aplauso), que por mandado de Vossa Excelência sai a luz, para maior luzimento seu, busca a de Vossa Excelência a cujo esplendor tributa adorações todo o Parnaso, por que a tal sombra se veja que esta obra a está fazendo às maiores luzes deste. Por conta de Vossa Excelência como asilo da pátria e príncipe⁷³ de tantas prendas, corre amparar aos que as tem, pois as que pode lograr sua autora de excelente poeta são tais que pode dar preceitos à mesma arte. E se bem se deve ter por ditosa em ver seus versos tão felizmente patrocinados, por melhor sorte tenho a minha em ficar desde agora reconhecendo a Vossa Excelência por mecenas dos que espero

⁷² No original, *embaxador*.

⁷³ No original, *príncipe*.

humildemente dedicar-lhe como divido tributo de minha obrigação, com que conseguimos tanta glória, que só por nós dizer-se pode: que nem ela tem mais que pedir à ventura, nem a mim a ventura mais que me dar. Deus guarde a pessoa de Vossa Excelência para glória de Portugal, honra da nação portuguesa, e aumento de seus progressos. Paris, 30 de janeiro 1646.

Capelão de Vossa Excelência

D. Leonardo de S. José

[carta laudatória]

A Soror Violante do Céu religiosa no Mosteiro da Rosa, da cidade de Lisboa, da Ordem de S. Domingos.

Ingratamente se desobriga, quem não paga avantajado⁷⁴ o benefício recebido, e por não cair neste erro, busco na maior obrigação, o maior desempenho: pois chegando a louvar os versos de Vossa Mercê, o mais que posso dizer é o menos que desejo. E como o louvor alheio é menos suspeito, verá Vossa Mercê uma parte dos que os melhores engenhos lhe tributam, na carta que me escreveu o capitão Miguel Botelho de Carvalho secretário do excelentíssimo senhor conde almirante, de cujo talento dão excelente prova, os versos que Espanha tem admirado. Pois Vossa Mercê logra o maior aplauso entre as flores do Parnaso, podemos crer que já como em profecia, disse por Vossa Mercê o Príncipe⁷⁵ dos Poetas.

*Não pode a natureza fazer tal;
Tu mesma, bela Ninfa, te fizeste.*⁷⁶

De sorte que correndo por minha conta a satisfação, restituo a Vossa Mercê impressos os versos que minha curiosidade juntou, e que trazendo comigo de Portugal a esta corte, fez dar à estampa o excelentíssimo senhor conde almirante, porque sua generosidade, não quis permitir, ficassem no esquecimento de manuscritos, sendo eles tanto para admirados. Se Vossa Mercê os desconhecer, pode dizer por mi o que já disse Marcial em semelhante ocasião.

*Quem recitas meus est, o Fidentine, libellus,
Sed male cum recitas, incipit esse tuus.*

Bem conheço que os versos são meus, mas os erros são vossos, com que se houver defeitos, já se sabe que são de quem os deu a luz, e que Vossa Mercê fica desculpada⁷⁷ na de todos, como quem tantos aplausos tem conseguido. Guarde Deus a Vossa Mercê para universal admiração e glória de nosso século. Paris, 30 de janeiro 1646.

D. Leonardo de S. José

[carta preliminar]

⁷⁴ No original, *avantajado*.

⁷⁵ No original, *Príncipe*.

⁷⁶ Camões, *Écloga II*, estância 8.^a.

⁷⁷ No original, *disculpada*.

Cópia da carta que o capitão Miguel Botelho de Carvalho, secretário do conde almirante, escreveu ao padre D. Leonardo de S. José em reposta de uma que lhe mandou em companhia deste livro.

Vi o volume que Vossa Paternidade me enviou da Madre Soror Violante do Céu, achei-a viola despedindo raios, o Céu exalando fragrâncias, a viola iluminando o jardim mais belo, o Céu resplandecendo no sítio mais fermoso, achei como já disse neste verso das minhas rimas,

O Céu de flores, e o jardim de estrelas.

E porque entendo que Vossa Paternidade será servido que repita em verso o que publico em romance obedeço desta maneira.

*Achei neste caderno milagroso
as flores mais luzidas
as luzes mais floridas
as mais resplandecentes, as mais belas
do jardim mais fermoso
que apesar das estrelas
a despeito da aurora
encerra o monte que a Tessália honora.
Achei neste jardim resplandecente
uma mina luzente
um tesouro brilhante
um golfo singular e rutilante
uma esfera gentil e peregrina
de pérolas esplêndidas a mina
de sólidos diamantes o tesouro
o golfo de rubis, a esfera de ouro*

Isto é o que achei neste volume que me parece digno de que o mundo logre os partos de tão raro engenho, que se foi estremado o acerto de escrevê-lo, não será desigual o trabalho de imprimi-lo, e verá o mundo que se os versos latinos, tiveram uma Falcónia que com galhardia os desunisse, e os gregos uma Eudócia que, desunidos, os acreditasse, tiveram também os versos portugueses uma Violante que compostos os engrandecesse, guarde Deus a Vossa Paternidade como desejo. Paris 16 de janeiro de 1646.

Miguel Botelho de Carvalho.

[prólogo]

A quem ler

Nestes versos tão discretos como entretenidos acharás mais que aplaudir que censurar, pois são de um sujeito com quem a cortesia é obrigação, e dívida o aplauso. Foram mais polidos e limados se sua autora tivera deles notícia, mas paga-se tão pouco de suas obras, que inda nas ações de maior aplauso, por não ofender sua modéstia, se recata comedida, e se nega retirada. Mas quando isto não baste para te agradarem não deixarão de alcançar o que já lhe tem concedido os maiores engenhos, pois é própria condição do envejoso censurar o mais acertado, e caluniar o mais perfeito.

[textos laudatórios]

António Moniz de Carvalho, comendador de Vimioso, de la Orden de Cristo y residente por la embajada de Portugal en Francia, a las Rimas de la señora Violante del Cielo

Décima

Entre las gentilidades
Dijo ovidio, que si hablaran
Sólo en rimas explicaran
Sus concetos, las deidades;
No es ya opinión, son verdades
Las que este libro sublima,
Pues violante cielo anima
Tanto, en él, y en su beldad,
Que hay rimas de una deidad,
Y una deidad que habla en rima.

D. Leonardo de S. José, cónego regular da Ordem de Santo Augustinho de Portugal, mestre de Teologia Moral no Mosteiro de S. Vicente de Lisboa.

À autora

Admirar emudecendo
E suspender admirando,
Efeitos são que calando
Dizem mais que encarecendo;
Se emudeço, e me suspendo
Em louvar vossos primores,
É porque sendo maiores
Que o louvor com que competem,
Ao silêncio se remetem
Os mais discretos louvores.

Quem nasceu⁷⁸ para admirada
Mais que para encarecida,
Não sendo bem compreendida
Fica sendo mal louvada
Suspensa, absorta e calada
Louva a eloquência, e razão
Tal saber, tal discrição
Porque de tanta excelência
É o silêncio, eloquência,
Retórica, a admiração.

Desses Céus o movimento
Se faz com tanta harmonia
Que se se ouvisse, seria
Dos mortais encantamento;
Deste harmónico concento
Os efeitos imitais,

⁷⁸ No original, *naceu*.

Pois quando ouvir-vos deixais
Pelo que tendes de Céu,
Cantando melhor que Orfeu,
Mais que sereia encantais.

Sois por estilo excelente
(ó peregrina⁷⁹ Violante)
Na prosa tão elegante
Quanto no verso eloquente;
Admire-se toda a gente
Suspenda-se o pensamento
De ver tão raro portento
Que ostentando o soberano
Cabe entre a esfera de humano
Tão divino entendimento.

Jorge de Sousa da Costa, gentil-homem do excelentíssimo senhor conde almirante, à autora

Décima

Tão docemente cantais,
Tão discreta discorreis,
Que cantando, suspendeis,
Que discorrendo, admirais,
Em competências iguais
Tais graças contemplo em suma,
Que quem louvar-vos presuma
Dirá, quando vos admira,
Que tocais de Orfeu a lira,
Que moveis de Apolo a pluma.

**Antonio Enriquez Gomez, caballero de la orden de su Majestad cristianísima, del hábito de S. Miguel,
al divino ingenio de la señora Violante de Cielo.**

Canción

Sus rayos comunica al universo
No entre nubes confusas
La autora, el sol, el alma de las Musas:
Qué mucho si Violante de los Cielos
Siguiendo el rumbo del sagrado verso
Con su luz ilustra los paralelos?
Intelectivos celos
Puede tener el serafín más puro
Viendo que en forma humana
Está sagrada de la fe Diana,
Transformada en su pura inteligencia
Es alma del honor, luz de la ciencia.
Elogio breve en el Cuaderno sacro

⁷⁹ No original, *perigrina*.

Será toda alabanza
Pues la inmortalidad su nombre alcanza;
Sea el anal su espíritu eminente
De tanto acierto eterno simulacro,
De tanto culto sacrificio ardiente;
Lo docto y lo prudente
Éste admirado, aquél reconocido
Se compiten en frases y conceto
Siendo del Cielo de Violante efetos
En cuya esfera de lucido genio
En norte su virtud, sol el ingenio.

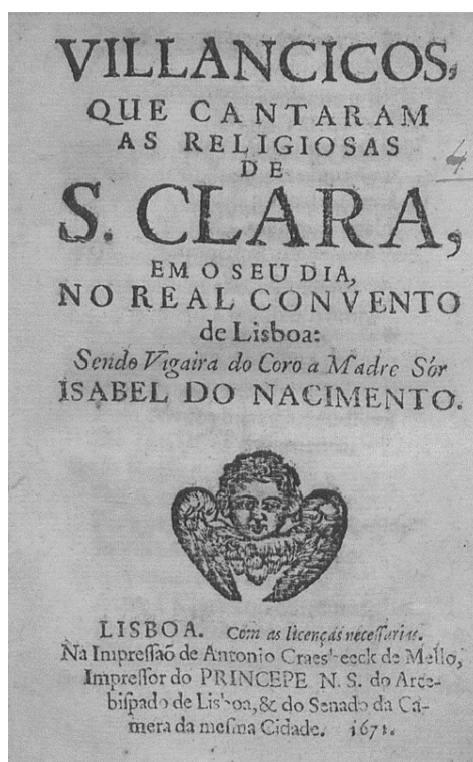
Ésta pues peregrina en las edades
Sale contra su gusto
A eternizar su nombre en su disgusto;
Goce el doto desvelo tan costoso
Que no fuera razón que las saudades
Malograrán su afecto primoroso;
Su triunfo poderoso
Entre dos idiomas colocado
Asegura⁸⁰ la dicha de su dueño,
El robe sea ámbito pequeño
En cuya gloria de viviente llama
Será su pluma trompa de la fama.

Ésta sí, lucidísimos poetas
Oráculos de Apolo
Que de diosa merece en nombre sólo,
Ésta sí, que a prodigios de la mente
Es y ha de ser en el supremo solio
Décima Musa, o ninfa de su fuente,
Mi pluma no consiente
Lisonjear purísimas verdades;
Bebed en su cristal divinidades
Pues su néctar promete en cada verso
Espíritu vital al universo.

Canción dile al sujeto peregrino
Deste siglo milagro,
A quien mi afeto y voluntad consagro,
Que si se oculta en celestiales velos
Bien sabe que el planeta diamantino
En el ocaso es alma de los cielos.
Entre cuerdos recelos
Dile que viva en láminas de Homero,
Pues deste al otro (polos inmortales)
Sus escritos han sido dulcemente
Armonía de Apolo, cuyo Oriente
Sin la sombra del moto sin segundo
Lira será del ámbito del mundo.

⁸⁰ No original, *aseguran*.

Anexo 7 – Vilancicos que cantaram as religiosas de Santa Clara (1671)



[frontispício]

Vilancicos que cantaram as religiosas de Santa Clara, em o seu dia, no Real Convento de Lisboa, sendo Vigária⁸¹ do Coro a Madre Sor Isabel do Nascimento.

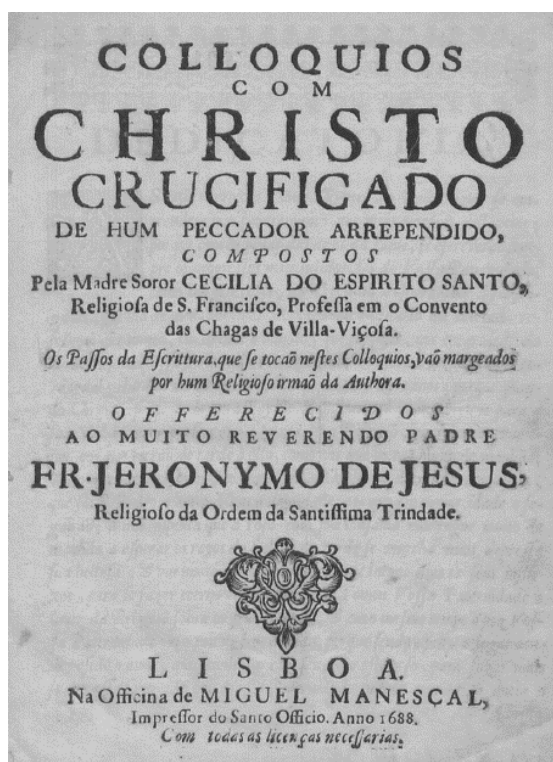
[gravura]

Lisboa. Com as licenças necessárias.

Na Impressão de António Craesbeeck de Melo, Impressor do Príncipe Nosso Senhor do Arcebispado de Lisboa, & do Senado da Câmara da mesma Cidade. 1671.

⁸¹ No original, *Vigaira*.

Anexo 8 – Colóquios com Cristo crucificado (1688)



[frontispício]

Colóquios com Cristo crucificado de um pecador arrependido, compostos pela Madre Soror Cecília do Espírito Santo, religiosa de S. Francisco, professa em o Convento das Chagas de Vila Viçosa.

Os passos da escritura, que se tocam nestes colóquios, vão margeados por um religioso irmão da autora.

Oferecidos ao muito reverendo padre Fr. Jerónimo de Jesus, religioso da Ordem da Santíssima Trindade.

[arabesco]

Lisboa.

Na oficina de Miguel Manescal, impressor do Santo Ofício. Ano 1688.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

Dedicatória

As ações heroicas (muito reverendo padre) não se empreendem sem fazerem eco nas mais remotas distâncias; porque com as penas das asas da fama, se escreveram sempre os progressos mais luzidos. Os de vossa paternidade, como tão generosos, me chegaram a estas partes transtaganas, por via de meus parentes, deixando-me edificada da acertada resolução que tomou, em deixar o mundo; que suposto, que em o tarde da idade buscou vossa paternidade a religião, e buscou a Deus, sempre

terá igual galardão os que o buscam na primavera dos anos; porque quando Cristo representado em o pai de famílias, chamou obreiros para a sua vinha, que representava a igreja, e a religião, igualmente remunerou aos que vieram de tarde a ela, como aos que vieram muito de manhã; e de entre os apóstolos, ao que seguiu a Cristo no decrépito dos anos, que foi S. Pedro, o antepôs em a dignidade, aos que em menor idade o seguiram; e não importa que a rosa com sua louçania madrugue muito de manhã a esperar os raios do sol, se de tarde se murcha mais depressa sua beleza; e vai muito que o diamante espere largos dias os seus influxos, para se fazer eterno em sua duração. Tomou vossa paternidade a cruz da religião sobre os ombros, e em o mesmo tempo a pôs vossa paternidade em o peito; sem dúvida, porque sendo o peito o lugar onde reside o amor, quis consultar com seu amor este peso, para fazer mais suave essa cruz; e pois vossa paternidade buscou com tanta ânsia a Cristo na religião, busca hoje Cristo a vossa paternidade, para amparar as finezas, que nestes colóquios se referem. É certo, que todos os que escrevem, buscam em os sujeitos grandes, sombra que ampare⁸² as obras que compõem o seu engenho; eu busco a vossa paternidade sol, que dê lustre a estes desvelos, que empreendeu a minha devoção. E posto que a obra é pequena⁸³ na quantidade, é na qualidade grande, porque compreende sentimentos de uma alma à vista das penas de seu Criador, e contém arrependimentos de culpas, lavadas já em o sangue de Cristo; e como conheço em vossa paternidade sua muita piedade, e devoção, esta me moveu a buscar nela, arrimo a esta piedosa obra, para que com seu favor tenha luzimentos, quando por minha perca a estimação. Receba vossa paternidade estes colóquios, que lhe dedica o meu afeto, para que o seu patrocínio lhe dê asas com que voe felizmente pelo mundo; e assim ficará Cristo mais venerado, a devoção de vossa paternidade mais aplaudida, e meu agradecimento mais conhecido. Deus guarde a pessoa de vossa paternidade, para lhe fazer muitos serviços.

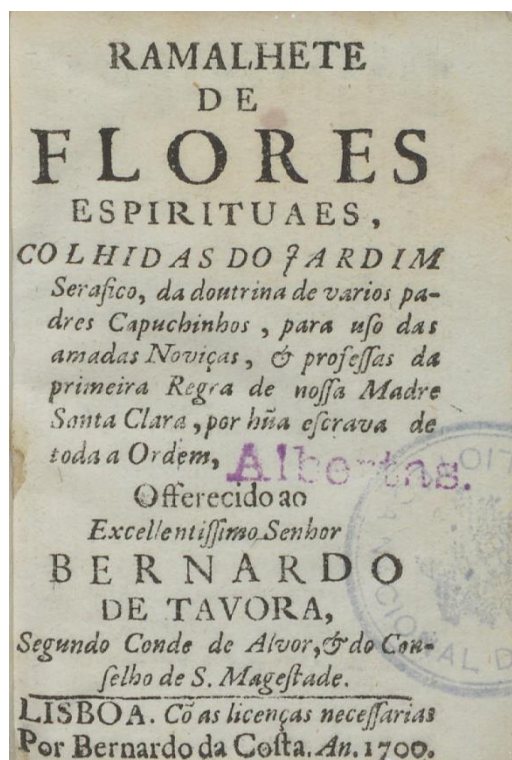
Oradora de vossa paternidade.

Soror Cecília do Espírito Santo.

⁸² No original, *amparem*.

⁸³ No original, *piquena*.

Anexo 9 – Ramalhete de flores espirituais (1700)



[frontispício]

Ramalhete de flores espirituais, colhidas do jardim seráfico, da doutrina de vários padres capuchinhos, para uso das amadas noviças, e professoras da Primeira Regra de nossa mãe Santa Clara, por uma escrava de toda a ordem, oferecido ao excelentíssimo senhor Bernardo de Távora, segundo conde de Alvor, e do conselho de Sua Majestade.

Lisboa. Com as licenças necessárias

Por Bernardo da Costa. Ano 1700.

[dedicatória]

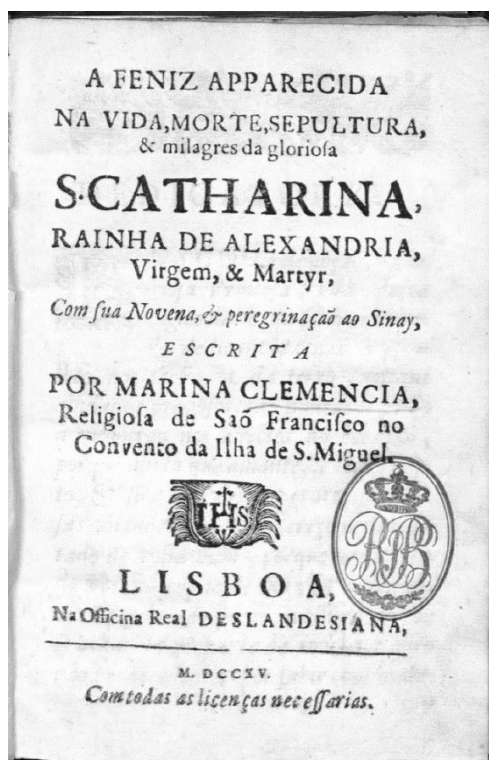
Dedicatória ao excelentíssimo senhor Bernardo de Távora, segundo conde de Alvor, e do conselho de Sua Majestade.

Bem quisera a minha modéstia não sair a luz com este livrinho, que suposto o desvelo foi muito em ajuntar os exercícios, de que ele se compõe, pelo que tem de meu perde a estimação; com tudo pera satisfazer a quem me lisonjeia que o dê à estampa, animei-me a fazer-lhe o gosto, solicitando primeiro acreditá-lo com o patrocínio de vossa excelência. Neste ramalhete insino a minhas caríssimas irmãs o em que devem ocupar-se quando livres da reza do coro; e agora espero movê-las com eficácia, mostrando-lhes o exemplo que vossa excelência lhes dá, na virtude, em que se exercita; pois não sendo os anos por muitos, os do desengano, vive vossa excelência de sorte, que dá a entender como passam os anos. Justamente prometeu S. Bernardo à ilustríssima família dos Távoras, de que vossa excelência é digníssimo descendente, a propagação da sua descendência, pois viu

naquele tempo o fruto que dela a Deus se havia de seguir. Aceite vossa excelência o afeto, e não a obra, que bem desejara eu fora ela tanto pera bem aceita, como vossa excelência digno de maiores obséquios; o de que vossa excelência mais se deve agradar, é que prometo rogar quotidianamente a Deus senhor nosso pelo aumento, e feliz prosperidade do estado de vossa excelência pera que se conserve felices, e dilatados anos: que se esta obra for do agrado do Altíssimo, espero ouça as minhas deprecações, pois vossa excelência com ampará-la a faz luzir.

Indigna, e humilde serva de vossa excelência.

Anexo 10 – A féniz aparecida na vida, morte, sepultura, e milagres da gloriosa Santa Catarina (1715)



[frontispício]

A féniz aparecida na vida, morte, sepultura, e milagres da gloriosa Santa Catarina, rainha de Alexandria, virgem, e mártir, com sua novena, e peregrinação ao Sinai, escrita por Marina Clemência, religiosa de S. Francisco no Convento da Ilha de S. Miguel.

[cristograma]

Lisboa, na Oficina Real Deslandesiana.

MDCCXV.

Com todas as licenças necessárias

[dedicatória]

Dedicatória

Buscou a devoção, ó gloriosa princesa, uma oferta digna da vossa soberania para dedicar-vos: não a escolheu nos tesouros da terra, porque ainda que preciosos, são limitados: não a encontrou nos afetos do coração, porque ainda que amante, é imperfeito; e só a descobriu no erário de vossas virtudes, que vos ofereço neste tratado de vossa vida; porque nada fora de vós, é capaz de vós; e assim como a pérola não perde a estimação por se achar na grossaria da concha, o ouro não perde o valor por sair com os defeitos da terra, a rosa não diminui e graça pela cercar a aspereza da silva, a estrela não deslustra o candor por luzir entre as sombras da noite; assim também esta narração não perderia

por mim, o que chega a merecer por vós: e a troco de que o mundo recorde os vossos portentos, me exponho a que note as minhas ignorâncias. Se em chegando a falar do Céu, diz o profeta rei, que todo o homem mente; que muito, que falando-se de vós, se diga, que todo o homem ignora? Lá para se relatar aquela celestial cidade, foi limitado símile o valor do ouro, o precioso das pedras, o transparente do cristal, aqui para se retratarem as vossas virtudes, concorre a mesma dificuldade; porque, que ouro tão acrisolado como a vossa fé? Que cristal tão cândido como a vossa pureza? Que margarita tão fina como o vosso amor? Que esmeralda tão segura como a vossa esperança? Que safira tão celeste como o vosso zelo? Mas passando aos termos possíveis, ainda que reconheço as vossas graças incomparáveis, direi que se não cansem os discursos em inquirir aquele prodígio, de que tantos falam, e nenhum viu; que vós sois a verdadeira féniz, que na ditosa Arábia, quando fenecida de vosso amor, renasceis de vossas maravilhas. Féniz fostes na vida por única, féniz na morte por singular, féniz na sepultura por portentosa: rara ave na esfera das aves, rara vis na esfera dos santos, vendo-se em vossas excelências recopiladas todas as graças, que nós mais divididas: imitastes aos apóstolos na doutrina, aos doutores na ciência, aos mártires no sacrifício, aos confessores na mortificação; e para maior realço aos anjos na pureza, e aos serafins no amor, sendo um composto de todas as excelências, assim como o *thimiamé*⁸⁴ o foi de todos os aromas. E pois o Egito se glorieia⁸⁵ de vosso berço, a Arábia de vossa urna, ilustre-se Portugal de vossos favores, para que nele alcance a fé de vossos devotos o seguro de vossa proteção.

[índice]

Índice dos capítulos, que contém este livro

- Capítulo I. Da pátria, e pais/país de Santa Catarina – página 1
Capítulo II. Do nascimento de Santa Catarina, e sua educação – página 21
Capítulo III. Do bautismo da santa – página 18
Capítulo IV. Dos desposórios da santa com Cristo – página 26
Capítulo V. De como a santa entrou no templo a repreender o César – página 31
Capítulo VI. De como a santa disputou com os teólogos, e os venceu – página 43
Capítulo VII. De como o tirano mandou atormentar a santa, e metê-la no cárcere – página 52
Capítulo VIII. Da conversão de Faustina imperatriz⁸⁶ – página 60
Capítulo IX. Do invento de Curate na roda de navalhas – página 66
Capítulo X. De como a santa foi atada à roda, e livre do tormento pelo anjo – página 74
Capítulo XI. Glorioso martírio de Faustina imperatriz⁸⁷, e de Porfírio, e seus soldados – página 82
Capítulo XII. De como a santa foi martirizada, e dos maravilhosos sinais em sua morte – página 91
Capítulo XIII. De como foi manifesta a sepultura da santa – página 98
Capítulo XIV. Em que continuam os milagres de Santa Catarina – página 104
Capítulo XV. Continuam-se os milagres da santa – página 121
Capítulo XVI. Em que se dão algumas notícias da cidade do Cairo, e jardim do Bálsamo – página 133
Capítulo XVII. Da peregrinação a Santa Catarina, desde o Cairo até o Sinai – página 180
Capítulo XVIII. Do mosteiro, igreja, e sepultura de Santa Catarina – página 187

⁸⁴ Palavra latina que designa *incenso*.

⁸⁵ No original, *glorea*.

⁸⁶ No original, *emperatriz*.

⁸⁷ No original, *emperatriz*.

Capítulo XIX. Em que se continuam as notícias do Convento de Santa Catarina – página 192

Capítulo XX. Dos santuários que estão em o Sinai – página 196

Novena da gloriosa virgem, e mártir Santa Catarina, para os seus treze dias – página 203

[textos laudatórios]

Em louvor da autora deste livro

Soneto

Escreveis, e contaís, douda Marina,
De Catarina as glórias soberanas,
Merecidas com forças mais que humanas,
Com arte decantadas peregrina.

São dois⁸⁸ prodígios, quando um Catarina,
Sábua vencendo as luas africanas,
Vós assombrando as liras mantuanas,
Do Céu se exala música divina.

Escrevei, e cantai, que a toda a inveja,
Pasma sereis em varonis alentós,
Fechada em claustro, doce Filomena.

Escrevei, e cantai, que o mundo veja,
Em vós, e em Catarina dois⁸⁹ portentos,
Sacro na língua um, outro na pena.

De Luís Godinho de Nisa.

In laudem sapientis simae huius libri auctoris

Epigrama

Dum scribis, dum docta canis Marina, tacehum
Dum scribis, Tacitus, dum canis, ipse Mar
Seu dulce eloquium, seu dulcia carmina vincum
Ingenii vires, ingenique viros.

Te Catharine scribentem, te facta canentem
Nulli aequare datum est, vincere posse nefas
Ergo virgineos scribe, et modulare triumphos
Nam vox est Caeli, quidquid in orbe sona.

Ex Ludovico Godino Nizensi

Décima

Se nesta história imagina
A razão, a crer se atreve;

⁸⁸ No original, *dous*.

⁸⁹ No original, *dous*.

Que de Catarina escreve
A pena de Catarina:
Felice tu, ó Marina,
Que douda escrevendo história
De Catarina à memória,
Raro culto consagraste,
Quando a pena lhe roubaste,
Para lhe dar nova glória.

De um académico dos Anónimos.

[licenças]

Licenças

Vistas as informações, pode-se imprimir a vida de Santa Catarina, e novena de que trata esta petição, e impressas tornarão para se conferir, e dar licença que corram, e sem ela não correrão. Lisboa 11 de setembro de 1714.

Hosse, Monteiro. Rocha. Barreto. Fr. R. de Alancastre.

Pode-se imprimir, e depois de impresso tornará para se dar licença para correr, e sem ela não correrá. Lisboa 8 de outubro de 1714.

Freitas

Aprovação do muito reverendo padre D. José Barbosa, clérigo regular da Divina Providência.

Senhor.

Por ordem de Vossa Majestade vi a vida e novena de Santa Catarina, que quer imprimir Soror Marina Clemência, religiosa de S. Francisco no Convento de S. Miguel. Em uma, e outra obra não achei coisa⁹⁰ alguma contra o real serviço de Vossa Majestade: porque a vida da santa é digníssima da impressão pela elegância do estilo, pela delicadeza dos pensamentos, pela suavidade da poesia, e pela piedade com que está composta, e porque nela àquele milagre da santidade corresponde o milagre desta pena religiosa, que para em tudo se mostrar superior à corrupção do presente século, santificou a eloquência, que pudera estragar com escandalosa imitação em discursos impróprios ao seu estado. Merece também a licença que pede, para que veja o mundo, que no reinado felicíssimo de Vossa Majestade florescem⁹¹ novamente as Luíças Sigeias, e outras insignes mulheres, que na escola da sereníssima senhora infante D. Maria, aprenderam a serem os prodígios de discreta erudição. Este é o meu parecer: Vossa Majestade mandará o que for servido. Deus guarde a real pessoa de Vossa Majestade, como seus vassallos desejamos. Lisboa nesta casa de Nossa Senhora da Divina Providência 19 de outubro de 1714.

D. José Barbosa

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa 31 de outubro de 1714.

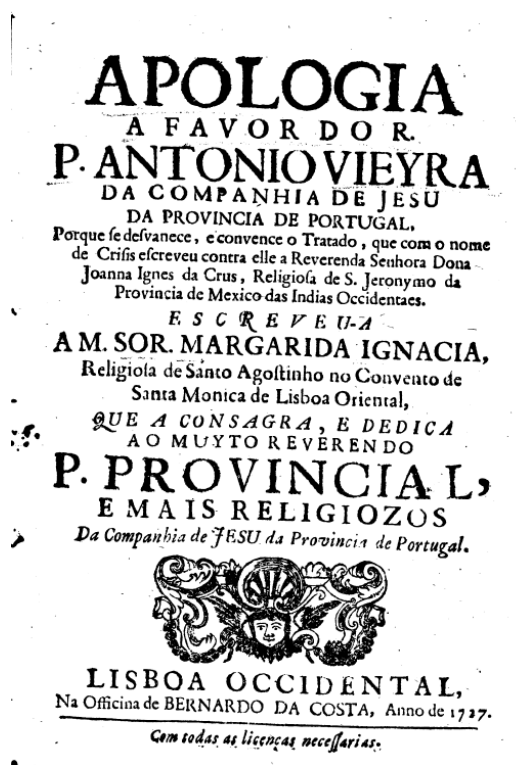
Botelho.

Pereira.

⁹⁰ No original, *cousa*.

⁹¹ No original, *florescem*.

**Anexo 11 – Apologia a favor do reverendo padre António Vieira da
Companhia de Jesu da província de Portugal (1727)**



[frontispício]

Apologia a favor do reverendo padre António Vieira da Companhia de Jesu da província de Portugal, porque se desvanece, e convence o tratado, que com o nome de Crisis escreveu contra ele a reverenda senhora D. Joana Inês da Cruz, religiosa de S. Jerónimo da província de México das Índias Ocidentais.

Escreveu-a a madre Soror Margarida Inácia, religiosa de Santo Agostinho no Convento de Santa Mónica de Lisboa Oriental, que a consagra, e dedica ao muito reverendo padre provincial, e mais religiosos da Companhia de Jesu da província de Portugal.

[gravura]

Lisboa Ocidental, na oficina de Bernardo da Costa, ano de 1727.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

Dedicatória ao muito reverendo padre provincial, e mais religiosos da Companhia de Jesu da província de Portugal

Ofereço a vossa reverendíssima, e aos mais religiosos desta província o presente livro, em que certamente dou a ler ao mundo as minhas paixões, e os meus afetos para com esta religião sagrada, já notou o padre Vieira que os corpos se retratavam com o pincel, as almas com a pena, queira Deus

não seja ela tão tosca, como mostra o retrato; gastei muito tempo para me resolver a compô-lo nenhum para dedicá-lo; nos mesmos rios, e nos mesmos raios encontrei esta lição, que a correspondência também tem lugar nos insensíveis; não para o raio sem refletir ao sol, menos o rio sem que volte ao mar, a venerarem ambos o seu oriente, e o seu berço: não posso encobrir que da Sagrada Companhia de Jesu, como mar da sabedoria derivado por tantos regatos, quantos livros, ou como sol de todas as luzes trasladadas a tantos raios, quantos tomos, participei a notícia do pouco, que chego a alcançar; por isso agradecida pago na oferta quando recebi de doutrina, correndo afetuosa como o raio ao sol, o regato ao oceano: o sexo me dificultou ouvir em voz nas cadeiras os oráculos da companhia, mas na falta das vozes consolaram-me os escritos; achei nas Teologias um Soares, um Vasques, um Molina, nas filosofias um Fonseca, e os famosos conimbricenses; sobre as Escrituras admirei os Mendonças, os Maldonados, os Cornélios, os Pereiras; os Morais vi com assombro os Sanches, os Palaos; nas controvérsias os Belarminos; na história os Estradas, nas políticas os Cotzens, na erudição os Petúrios; na matemática os Clávios, e em tudo e para tudo achei o grande Vieira, cuja discrição foi milagre, e na ciência abismo; posso afirmar a vossa reverendíssima que só um anjo pudera bastantemente explicar o conceito, que tenho formado deste grande homem, se reparo na elegância das vozes, e no natural das palavras, esquece-me os Túlios, e os Demóstenes: se para o método, com que expõe os lugares mais dificultosos da Escritura, pasma-me o engenho; sobretudo o literal, o sólido, e o agudo; se para as notícias, sempre encontro as mais raras, se para as teologias, o mais fino; não se acha nas suas obras palavra alguma, que não seja conceito; em tudo reparou com ventura, e tudo resolveu com acerto, disse o que quis, mas provou o que disse; tudo isto, e o mais, que não pondero, me convence que o padre António Vieira foi daquela massa, de que Deus formou os Agostinhos, os Crisóstomos, os Nazianzenos, os Basílios, e outros oráculos da Igreja; permita Deus que com o famoso Clavis Prophetarum vejamos outras obras, que tem sepultado o silêncio, para acabarmos de conhecer quem foi o padre Vieira, e a quanto pode subir a natureza com os auxílios da graça: confesso a vossa reverendíssima que quando a Companhia não viera ao mundo mais que para produzir este famosíssimo soldado, se pudera ela dar por muito gloriosa, que será tendo outros tão famosos, e tão ilustres em todo o género de ciências, e virtudes? Deus, que tanto tem tomado à sua conta os seus aumentos, se há de dignar de cumprir-me os desejos, que da sua grandeza espera o meu afeto, e entre tanto considere vossa reverendíssima se é melhor ser do mundo pastor, se de tal gente, e aceitando com aquela benevolência, que me segura o seu génio, esta pequena obra escrita a favor do padre António Vieira com mais afeição que juízo, desculpará os erros, e estimará a vontade; não pretendo que vossa reverendíssima, e os mais religiosos, a quem venero com profunda humildade, se empenhem na defesa destes escritos, porque nas empresas seguras não se temem os riscos, e sendo a doutrina do padre Vieira⁹² tão canonizada pelo aplauso universal, que perigo pode haver na sua defesa? Não é esta a causa, por que se dirige a vossa reverendíssima a presente dedicatória, nem tenho outra mais que fazer pública ao mundo toda a minha veneração com o padre Vieira, e com esta religião sagrada; cujos aumentos correm por conta de Deus, que guarde a vossa reverendíssima, e a todos os que por afeto, ou profissão nos confessamos seus súbditos.

Encomendo-me muito nos sacrifícios de vossas reverendíssimas.

Soror Margarida Inácia.

⁹² Nota lateral: “Clemente X em um breve do padre Vieira que começa: Religionis zelus, etc.”

Ao leitor

Nova, e não esperada resolução sai hoje a público desafiando justamente a curiosidade dos doutos, e a atenção dos curiosos; mas nem o inesperado lhe tirará o acerto, se o tiver, nem a novidade o aplauso, se acaso o merecer: da folha, que fica atrás, se terá entendido a primeira causa de empreender esta obra, porque me criei com tal veneração aos escritos do padre Vieira, que se me fez insofrível a mais leve censura; e chegando-me à notícia que D. Joana havia criticado o Sermão do Mandato, que anda na sétima parte dos seus sermões, foi tal o empenho na leitura do Crisis, que em breve tempo o passei pelos olhos, sentindo sumamente encontrar contra o padre Vieira proposições tão duras, que ainda na pena de D. Joana, sendo tão doce, ficaram ásperas.

Confesso que o grande brado, que deu no mundo o feliz engenho desta suave musa, me conciliou a primeira atenção nos seus escritos, mas refletindo neles com a veneração, que costume, achei que foi mui diferente a pena, com que tocou a cítara, e escreveu a prosa; com este conceito pus de parte o livro, não me vindo ao pensamento censurar o Crisis, ou defender Vieira; os motivos, que então me ocorreram, depois me embaraçaram, sendo o maior de todos não haver até nossos tempos quem tentasse semelhante empresa: porque, ainda que algum curioso ofereceu reposta aos argumentos da reverenda senhora, como esta não saísse a público, ficaram os argumentos na sua reputação. Aqui me ocorreu ser o padre Vieira esclarecido aluno da sagrada religião da Companhia de Jesus, dos quais parece falou S. Paulo quando disse: *Divites facti estis in omni verso, et in omni sciência, vocati in Societatem Jesus*⁹³, e assim devia julgar providência, e não a caso que, achando-se na mesma companhia tantos soldados, e tão ilustres justamente empenhados nos escritos alheios, não houvesse algum, que por parte de Vieira nos desse a ler os escritos próprios.

Escreveram os Teófilos em desagravo dos Léssios, e com o esplendor da verdade se confundiu a malícia: recorreram os Soares, Vasques, e Valenças em atenção dos Molinas, e formando à inteligência da verdade fácil caminho à nossa percepção, o que pareceu erro, foi ciência: defenderam os Lusitanos a majestade filosófica dos seus conimbricenses, e ficou graduada no nosso respeito a sua veneração: gloriosos todos, ou se considerem defensores, ou defendidos: enfim, no sagrado, e no profano apenas se achará escrito entre a imensidade de volumes, com que esta sagrada religião soube graduar a Minerva com inveja de Marte, que não seja um forte escudo de aço, e luz, que igualmente sirva para rebater os contrários, e ilustrar os defendidos.

Não teve esta felicidade o nosso Vieira, pois não achamos que soldado algum desta ilustre Companhia formando da pena espada, com os rasgos, e com os riscos cortasse pelos contrários de tão grande general, vencendo sem susto, e triunfando sem custo das oposições, e encontros, que em lugar de fazerem duvidosos os acertos, servem de boato aos seus triunfos. Bem sei que as resoluções do padre Vieira por si mesmas vão defendidas, por isso com estudo particular mendigamos nos seus escritos as nossas repostas; que para tudo deixou matéria nos seus escritos; e esta foi sem dúvida a causa, porque nesta matéria suspendeu a Companhia a sua pena; claro está que escusa patrono quem se acha defendido.

Mas, ainda que nesta consideração nos pareceu acertado o silêncio, e supérfluo o discurso, o grande afeto ao padre Vieira nos foi inquietando de sorte, que bastou a persuadir com toda a ânsia o presente empenho, porque nas matérias, em que vota o amor, sempre é mais perspicaz a vontade, que o juízo: sobretudo o aplauso, que na inveja dos estranhos achou a referida censura, chegando-se

⁹³ Nota lateral: "I ad Corin. cap. I."

talvez a dizer que não tinha reposta, foi a causa mais urgente desta minha resolução; e procedendo com o papel o mais rigoroso exame, ponderando com toda a miudeza as soluções, os fundamentos, as consequências, os argumentos, e as censuras, ache que nele até o que parecia substância, são acidentes, e o que parecem vivezas, são cadáveres.

Diga muito embora o padre Morejón, e quem o refere, que a reverenda senhora na presente Crisis convence com evidência quatro ou cinco vezes, mas fiquem advertidos os seus sequazes de porem à margem os lugares convencidos, e as proposições, que convencem. O padre Heredia seu digníssimo censor busque termos muito embora, para louvar na reverenda senhora a formalidade silogística; porque examinada aos preceitos de arte parece, como se verá nesta obra, que não acertou nas consequências: desfaçam-se enfim os outros em grandes louvores de engenho, contemplando aquele tratado, que eu bem sei não bastar um erro para destruir um artífice.

Reconheço que a senhora D. Joana, foi dotada de singular engenho, viveza, e discrição; mas na combinação dos talentos vou com ela preferindo⁹⁴ a Vieira: não ignoro que alguns seguirão o contrário, vendo que a dita senhora entra a comparar-se com Débora, e a desculpar-se com Judite, mas neste conflito, ainda que calúnia de soberba a nossa nação nas proposições de Vieira, também acho que é muito menor a nossa soberba que a sua vaidade.

Comparações são alheias do meu génio, antes vou com o padre Vieira dissentindo, que com a reverenda senhora comparando-se desviar-me do parecer de alguns não é o mesmo que fazer escola particular; cada um, como diz o Apóstolo, abunda no seu sentido, deixe-se a abundância, e examine-se a razão.

O entendimento humano é uma das coisas mais superiores, que Deus criou, obrigá-lo à autoridade das pessoas é tirar os privilégios à fé, aonde para a formalidade da crença só se olha a autoridade divina: nas matérias opinativas só a razão está primeiro que tudo, e se na ponderação de cada uma pode haver variedades, que muito que no séquito haja também diferenças, empenhar na razão é acerto, fazer razão do empenho é delírio.

As obras do padre Vieira são o argumento melhor daquela veneração profunda, com que respeitava os Agostinho, os Crisóstomos, os Tomases, e os mais doutores da Igreja, intentar adiantá-los seria loucura, dissentir de alguns, alguma vez pode ter com acerto, o primeiro, que se retratou a si mesmo, foi o meu grande Agostinho, e se Agostinho por atenção à verdade muda do seu mesmo parecer, quem deixará de seguir a verdade? Ninguém conhece melhor a Agostinho, diz Vieira⁹⁵, que quem o vê retratado, que até os gigantes não se medem pelo original, senão pela sombra: não me meto em diferenças, ou paralelos, só digo que quem se fundar em melhor razão, terá comigo a melhor autoridade, assim o aconselha o meu grande Agostinho, e o manda expressamente o emperador Justiniano na l. l. C. de veter. Jur. Enucleand. *Sed nec ex multitudine authorum, quod melius, et aequius est, judicatore, cum possit unius forsan, et deterioris sententia multos, et maiores in aliqua parte superare.*

Tenho-te dado conta, curioso leitor, até dos pensamentos, em que teve origem esta minha apologia, da Crisis acharás que foram as bacharelices⁹⁶ de uma grade, na qual como teatro talvez das Florindas, mal podiam ter lugar os Vieiras: não te quero encarecer o trabalho, que pus nesta obra, só te confesso que o não tive maior, que em adaptar ao intento as doutrinas de Vieira, que se acham

⁹⁴ No original, *preferindo*.

⁹⁵ Nota lateral: "Vieira p. 3."

⁹⁶ No original, *bacharilices*.

dispersas nas suas obras, isto me precisou a empreender toda a sua leitura, com lucro sim, mas com gosto.

O método, que sigo, é propor em primeiro lugar as autoridades dos santos padres na parte, a que tocam; cuja defesa deu lugar à Crise; depois o parecer do padre Vieira, que às vezes corroboro, respondendo em último lugar, mas com toda a distinção, aos argumentos da reverenda senhora; fazendo uma exata anatomia das suas proposições: se tiver no que digo algum acerto, protesto que não é meu; se erro, que se podia esperar de mim?

Parte dos pensamentos do reverendo padre reconhece a Madre Filoteia serem do nosso ilustríssimo arcebispo D. Sebastião César de Menezes, cujos lugares transcrevemos no §1 tirados do livro, que intitulou: *Sugillatio Ingratitudinis*, mas reparo que escritos por César o puseram no grau dos melhores engenhos de Portugal, e explanados por Vieira o fizeram emulação dos engenhos de Castela; mas o raio sempre busca o monte, a seta sempre vai ao alto.

Algumas notícias te dera da minha vida, curioso leitor, se a caso fosse tal, que te servira de exemplo, mas jactar-me de habilidades pode-te ser escândalo: a ociosidade, em que nos achamos neste nosso convento acerca da vida ativa, pois bem sabes que não há que governar, nem que comer, nos levou a todas à contemplação, que é justo tratemos somente da alma; digo-te isto, para que saibas que esse pouco, que alcanço, foi a puro trabalho na leitura dos livros, sem aquele fruto da senhora D. Joana; porque essa graça foi especial daquele singularíssimo engenho: basta de narrativa, que sou pouco dada a comunicar com o mundo; o que deves aprovar, pois morri para ele; só te peço que quando ouvires que acabei de todo, te lembres de mim para me encomendares a Deus, a quem peço te guarde.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Censura do muito reverendo P. M. Fr. Boaventura de S. Gião, da Ordem de S. Francisco da província da Soledade, mestre na sagrada Teologia, qualificador do Santo Ofício, e examinador sinodal do arcebispado de Braga.

Eminentíssimo senhor.

Há tempos se esperava neste reino reposta ao papel, que escreveu, e fez estampar a religiosa de México D. Joana Inês da Cruz em oposição a um dos sermões do Mandato do grande padre António Vieira: e havendo na nação tantos sujeitos com capacidade para responder, nenhum atégora se resolveu a expor em público, e apresentar aos olhos do mundo um manifesto, em defesa do discurso, e abono da resolução do grande padre; não como satisfação aos doutos, e professores da concionatória, que com evidência percebem a debilidade das objeções, e incoerência dos argumentos da opoente; mas para desvanecer o juízo daqueles, em cujo conceito ficaria em opinião o talento do dito padre, vendo se lhe atrevera arguente tão desigual, e de tão inferior categoria.

Mas, como não tarda quem chega, sem o cuidarmos, apareceu o desejado para se fazer público no teatro do prelo, cujo parto dilatou o destino, e o reservou para tempo, em que fosse mais estimável, e mais plausível pela circunstância da ideia, que o concebeu, e deu à luz. E é o papel apologético, de que a petição trata, e V. Eminência me manda ver, composto por Soror Margarida Inácia religiosa no Convento de Santa Mónica desta corte. E com felicidade conseguiu o intento,

desempenhando-se no assunto, que fabricou a sua ideia; porque defende com singular engenho, e rara subtileza a opinião do insigne Vieira, com razões naturais, e argumentos bem fundados deduzidos da Sagrada Escritura, dos santos padres, dos direitos canônicos, e civil, e ainda das humanidades; valendo-se também da doutrina do mesmo Vieira, que traz em muitas partes das suas obras: mostrando-se ao mesmo passo igual notícia, que inteligência.

Não se pode negar a discrição, e clareza do entendimento da religiosa mexicana, como consta dos seus escritos, e obras poéticas, e muito mais para louvar no feminino sexo; mas nota-se a temeridade de querer transcender a sua esfera, e voar mais alto do que permitiam as suas asas; e o desvanecimentos de arguir a um homem tão grande, e sujeito tão famigerado, que deixou nos anais nome perdurável, e nas estátuas memória eterna; herói, que não cabe no conceito, quanto mais na expressão das gentes, sendo assunto a toda a voz da fama; cujas obras se lem com admiração, e reverência, e são originais sem cópia, exemplares sem imitação: porque em semelhante género de escritura ninguém o excedeu, nem ainda o igualou.

Devia pois a espanhola venerar natural mistério, o que não alcançava o seu juízo, em obséquio do pregão universal, que soou no mundo, e dará ainda maior brado, o que se espera ver deste Salamão português naquela grande obra *Clavis Prophetarum*, onde (segundo relação verídica) lançou a barra além da baliza, deu mais liberdade à sua pena, soltou os diques ao seu discurso. E assim contra os escritos deste famoso herói todo o juízo é temerário, todo o escrúpulo sem fundamento, e toda a crítica, filha da sem-razão, ou da inveja; mas há olhos que dão olhado à luz, e bárbaros que apedrejam o sol.

Foi notável a fantasia da indiana arguente, arrojarse a subir às nuvens, e tomar o Céu com as mãos para fazer célebre o seu nome; porém em tanta altura se lhe foi o lume dos olhos, e ficou a perder de vista; confundiu-se, e perdeu o tino, como os da Torre de Babel, cuja loucura, e presunção quis subir aonde não podia chegar; mas frustraram-se os intentos de seu desatino, ficando a obra no ar, e eles por terra tendo pensamentos de chegar ao Céu.

Foi arrojo de Ícaro, e temeridade de Faetonte pretender⁹⁷ voar com asas de cera, e remontar-se sem saber governar as rédeas do discurso, sendo precipício o que havia de ser luzimento. Não ficaria despojo da chama a inconsiderada borboleta, se se não atrevera⁹⁸ a assombrar, e fazer acintes à luz com a debilidade de suas asas, e com a fraqueza de seus voos.

Aspirou a sua ambição a conseguir o aplauso da pedra de David na vitória do gigante, e a glória da pedra do monte no triunfo da estátua; enganou-se porém no pensamento, porque não prostrou o gigante, nem derribou a estátua, não empregou o tiro, nem executou o golpe, por lhe faltar a destreza daquele braço, e a queda, ou cadência daquela pedra: ficou a estátua como dantes, o gigante como sempre, e ela pior⁹⁹ do que estava.

Cuidou se achava no tempo das amazonas, em que armavam as mulheres, e saíam a campo apresentar batalha aos homens, ficando por fortuna algumas vezes vencedoras; mas já lá vai tempo das vitórias das armas, nunca porém o houve dos triunfos nas letras. Empreendeu o certame com a vaidade de ter nome no mundo, mas sucedeu-lhe ao contrário, como ao incendiário no templo de Diana, que pretendeu renascer com lustre das cinzas daquele incêndio, e porque se opôs a uma das maravilhas do mundo, ficou sem nome no templo da fama.

⁹⁷ No original, *pertender*.

⁹⁸ No original, *artevera*.

⁹⁹ No original, *peior*.

Foi presunção demasiada pretender empatar as vazas, e apear a tão elevado talento, e dar unhada em tão aclamada opinião, em que não podia meter dente, nem fazer mozza: fora-lhe melhor pegar da almofada, e meter-se na bainha, do que sair à contenda, e tratar antes dos pontos da agulha, que dos de teologia; porque expor a Sagrada Escritura é emprego mais sublime, que a ocupação da poesia; não é o mesmo medir os versos, que pesar os textos, porque aqueles tem conta, estes não tem medida.

Dizem que o papel, ou Crisis da religiosa chegara, não só à notícia, mas às mãos do padre Vieira; a que não respondeu, nem quis opor-se em defesa da sua opinião, por ver a debilidade das objeções, que deixavam em pé a sua resolução, sendo argumentos superficiais, que não chegavam à profundidade dos seus; não lhe pareceu a obra coisa¹⁰⁰ da índia, por ser mais a liga que a prata, mais as fezes, que o ouro: nem lhe embargava o seu luzimento semelhante exalação, antes as nuvens na oposição do sol fazem brilhar os raios, e as sombras na perspectiva dos quadros fazem realçar as luzes.

Não era pois decente tão grande homem dar-se por achado da ousadia feminil, nem a tão desmarcado gigante aceitar o desafio de um pigmeu, porque a grandeza do gigante não faz caso dos piques de um mosquito; não convinha a tão decantado herói medir a espada com uma roca; e em tal desproporção de talentos a melhor reposta foi a não dar, porque os Alexandres só contendem com opositores da mesma esfera, e que possam com ele correr parelhas; e os oráculos não dão repostas a quem irreverente lhes falta com a atenção, e com o respeito.

Escreveu a heroína portuguesa a presente apologia em despique, e reverente obséquio do grande padre, para na aritmética do desejo fazer eterno o culto, e perdurável a veneração, castigando a ousadia, e desvanecida presunção da mexicana por ter asas para voar mais alto o seu pensamento: e bem prova ser filha legítima da grande águia africana, e herdeira da sua perspicácia, por se remontar tanto nos voos a sua inteligência, escrevendo com pena tão fina, que mostra foi tirada daquelas asas, sendo não só de águia por sublime, mas de Féniz por rara.

O crédito da nação lhe aparou a pena, e lhe apurou o discurso para o certame, qual hebreia de Betúlia, a quem o amor da pátria ministrou o valor, e afiou a espada para o conflito: ambas igualmente vitoriosas, e triunfantes, uma com o golpe da espada, outra com o rasgo da pena. Seria talvez disposição da providência para justo castigo da vaidade da espanhola a oposição da portuguesa, arguindo-a, e convencendo-a sujeito do mesmo sexo, e da mesma profissão, para que cedesse à valentia do entendimento de outra mulher, aquela, que presumia exceder ao maior homem na compreensão, e subtileza do juízo.

E porque não contém coisa¹⁰¹ alguma, que desdiga da pureza de nossa santa fé católica, ou dissonante dos bons costumes, merece esta obra sair à luz, e aparecer em público por benefício da estampa, para satisfação do grande alvoroço, com que o desejam os curiosos, e a espera impaciente o prelo. É o meu parecer: V. Eminência mandará o que for servido. Lisboa ocidental no Hospício do Duque 18 de fevereiro de 1727.

Fr. Boaventura de S. Gião

¹⁰⁰ No original, *cousa*.

¹⁰¹ No original, *cousa*.

Vistas as informações, pode-se imprimir o papel intitulado Apologia a favor do padre António Vieira, autora a madre Soror Margarida Inácia, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental 18 de fevereiro de 1727.

Fr. Alencastre. Cunha. Teixeira. Silva. Cabedo.

Do Ordinário

Vista a licença do Santo Ofício, damos licença para que se possa imprimir a apologia, de que esta petição trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ela não correrá. Lisboa oriental 8 de março de 1727.

D. M. Bispo de Tagaste¹⁰².

Do Paço

Censura do muito reverendo P. M. D. José Barbosa clérigo regular, cronista da sereníssima casa de Bagança, e académico da Academia Real da história portuguesa, e examinador nas três ordens militares.

Senhor.

Esta apologia, que em obséquio do padre António Vieira escreveu a madre Soror Margarida Inácia, é um dos mais excelentes papéis, com que se pode ilustrar a república literária, tanto pela matéria, como pela pena. Pela matéria, porque com esta apologia se defende o delicadíssimo discurso de um homem, que em tudo foi grande, e que para chegar ao maior hipérbole¹⁰³ da grandeza, era preciso que tivesse adversários. Nada fez tão ilustre ao sol, como haver povos tão bárbaros, que o apedrejavam, porque nesta ação mostravam que eram ingrátíssimos, pois armavam as mãos contra o benfeitor, de que recebiam as luzes. Foi o padre António Vieira mestre da subtileza, e para ser venerado como tal, era necessário que houvesse quem lha fizesse mais célebre, pretendendo impugná-la. Todo o fim desta invetiva contra o sermão do padre António Vieira entendo que foi para merecer no mundo a sua discretíssima autora¹⁰⁴ um grande conceito pela grandeza da ideia, e pela elevação do pensamento, porque muitas vezes se procura a ruína pelo interesse da opinião. Pela pena, porque é da madre Soror Margarida Inácia religiosa de Santo Agostinho no Convento de Santa Mónica de Lisboa oriental. Não pode haver mais proporcionada contenda. A madre Soror Joana Inês da Cruz era filha de um patriarca tão ilustre como S. Jerónimo, que desde a cova de Belém com os sagrados trovões das suas vozes confundiu a arrogância de atrevidos hereges, e a madre Soror Margarida Inácia é filha daquele monstro de África, que com a fulminante agudeza das suas palavras convenceu a obstinada rebeldia de muitos heresiarcas. Com suavidade, e com delicadeza compôs a madre Soror Joana a sua invetiva contra o mestre do púlpito, com delicadeza, e com sólidos fundamentos o defende com esta apologia a madre Soror Margarida Inácia. Vendo a razão justamente ofendida do

¹⁰² Trata-se de um cargo apenas titular, sem jurisdição própria. O bispo de Tagaste em 1727 era D. Manuel da Silva Francês.

¹⁰³ No original, *heipérbole*.

¹⁰⁴ No original, *Aurora*.

abrasado espírito, e do elevado juízo de seu grande patriarca, participou tão felizmente a madre Soror Margarida Inácia, que com prodigiosa fecundidade lhe administrou tão profundas razões, tão claros argumentos, e tão seguras conclusões, que esta apologia se contará por uma das grandes felicidades do padre António Vieira, e por um dos melhores papéis, que poderão ler os curiosos. Nele se estão vendo também defendidas as opiniões do padre António Vieira, que agora se conhece com evidência a profundidade do seu discurso revelada, e descoberta nesta doutíssima apologia. Se a madre Soror Joana previa futuros, poderá ser que não saísse a campo com a sua invetiva, mas que não se queixará da inconstância da fortuna em perder a batalha, porque lhe ganhou a vitória outro espírito, se menos versado na divina arte da poesia, mais fecundo nos incomparáveis segredos da ciência sagrada. Neste papel não só não vejo cláusula alguma, por onde não mereça a licença, que se pede para se dar à estampa, mas antes me parece digníssimo de que saia à luz, para que veja o mundo que, se o padre António Vieira soube ensinar, soube defender agudissimamente a sua doutrina a madre Soror Margarida Inácia. Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa ocidental nesta casa de Nossa Senhora da Divina Providência a 8 de maio de 1727.

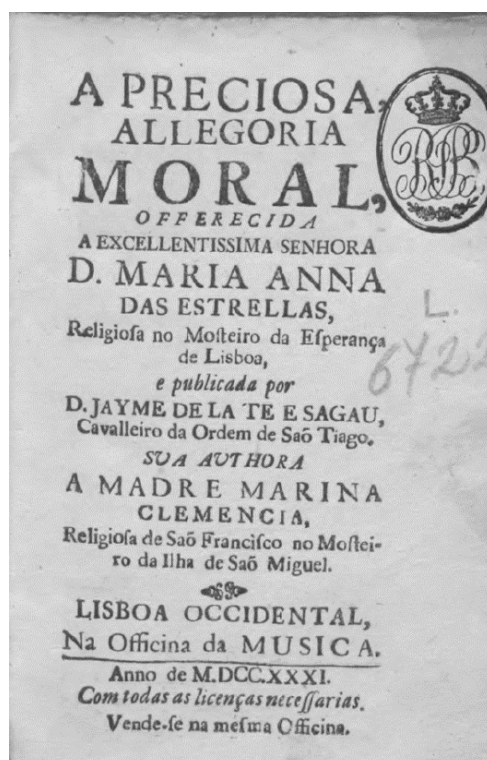
D. José Barbosa clérigo regular.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa¹⁰⁵ ocidental 12 de maio de 1727.

Marques P. Teixeira. Bonicho. Tavares.

¹⁰⁵ No original, *Liboa*.

Anexo 12 – A Preciosa: Alegoria moral (1731)



[frontispício]

A Preciosa, alegoria moral, oferecida à excelentíssima senhora D. Maria Ana das Estrelas, religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa, e publicada por D: Jaime de la Te e Sagau, cavaleiro da Ordem de Santiago.

Sua autora a madre Marina Clemência, religiosa de S. Francisco do Mosteiro da ilha de S. Miguel.

Lisboa ocidental, na Oficina da Música.

Ano de MDCCXXXI.

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na mesma oficina.

[dedicatória]

Excelentíssima senhora

Não foi casualidade, mas foi disposição da providência divina, o modo por que chegou à minha mão este livro, que escreveu uma religiosa de grandes merecimentos, professora do mesmo instituto de vossa excelência, para que eu o livrasse do perpétuo cárcere do esquecimento: a utilidade da sua lição me obrigou a imprimi-lo, e a oferecê-lo a vossa excelência, querendo com este pequeno obséquio segurar-lhe o meu mais profundo respeito, se é que vossa excelência não tomar como restituição esta oferta, sendo que no ânimo de vossa excelência corresponde igualmente a generosidade à grandeza da sua pessoa.

Deveu vossa excelência à natureza nascer fruto da excelsa árvore de Lencastros, tão elevada, que nenhuma da Europa tem mais alta origem, porque principiou no senhor D. Jorge, mestre de Santiago, e de Avis, e duque de Coimbra (filho daquele grande rei o senhor D. João o II de gloriosa memória) que casou com a senhora D. Brites de Vilhena, filha do senhor D. Álvaro, filho do duque de Bragança¹⁰⁶ D. Fernando I do nome. Desta esclarecida união nasceram seus filhos D. João de Lencastro I duque de Aveiro, progenitor desta grande casa, e D. Luís de Lencastro, comendador-mor da Ordem de Avis, de quem em dois¹⁰⁷ ramos descende a casa dos condes de Vilanova, e a dos comendadores de Coruche, da qual nasceu o senhor D. João de Lencastro, comendador da Ordem de Cristo, que depois de capitão-general do reino de Angola, e do estado do Brasil, foi general da cavalaria da província de Alentejo na guerra do ano de 1704 e do conselho de guerra do senhor rei D. Pedro II com quem se havia criado, e que dele fez tão pública estimação, como é notório. Casou este senhor com a senhora D. Maria Teresa de Portugal, herdeira da Casa de seu pai o senhor D. Pedro de Almeida, descendente por baronia da ilustre família de Almeidas, de cujo feliz consórcio entre dilatada sucessão nasceu vossa excelência. Se eu houvera de ponderar a grandeza das alianças de uma, e outra casa, necessitava de largo campo; mas bastará dizer, que à de Lencastros se uniu a venerável, e ilustríssima antiguidade dos Silvas da casa dos condes de Aveiras, e Unhão, e a dos Távoras, de não menos elevação, e dos Almeidas, a dos Mascarenhas, e Portugais da casa dos condes de Vimioso, e de outras muitas que não relato, porque não necessita de novos esplendores, o que venera todo o mundo; porque é sem dúvida, que à grande família de Lencastros não a excede nenhuma de vassalo das maiores da Cristandade.

Todos estes acidentes com que o mundo distingue as pessoas, sendo tanto de estimar, são ainda maiores quando a eles se unem as virtudes próprias, que fazem resplandecer novamente o esclarecido nascimento, porque ainda é mais de admirar a grandeza das virtudes, do que a do alto nascimento, porque neste obrou a natureza sem escolha, e as virtudes não se alcançam senão com o cuidado, e trabalho de obrar bem, segundo o estado, que se professa. Foi vossa excelência destinada para a religião nos anos da inocência, educada entre o exercício daquela venerável madre Sor Helena da Cruz, grande por nascimento, maior pela virtude, com que edificou esta corte, com tantas circunstâncias de assombro, como todos admiraram; da sua comunicação saíram notáveis mestras de espírito, dignas companheiras de tal heroína. De uma destas tirou vossa excelência a ideia, para os seus acertos, que se viram públicos, quando apesar dos poucos anos ocupou dignissimamente o lugar de abadessa dessa exemplar casa, sabendo igualar a observância da religião, e a vigilância de prelada, com o governo económico a grandeza de generosa¹⁰⁸, de sorte que no seu tempo se não pôde distinguir, em que foi mais excelente, se na suavidade do governo, se no amor, e caridade religiosa, se na construção das fábricas, se no aumento do culto divino, promovendo a glória de Deus em ricos adornos da igreja, zelo, que se não extinguiu com a obrigação de prelada, porque nele persevera com grande cuidado; se eu o não tivera de não exceder os limites de uma dedicatória, largo campo tinha para individuar as virtudes de vossa excelência, porém não é razão dar que sentir à sua modéstia, o que posso segurar com sincero ânimo é, que não digo tudo o que sei, e que ao merecimento da sua pessoa são inferiores os mais elevados elogios, que se podiam tecer mui largos, sem que a minha servidão ficasse suspeitosa. Deus guarde a vossa excelência muitos anos, como este seu criado lhe deseja.

¹⁰⁶ No original, *Bargança*.

¹⁰⁷ No original, *dous*.

¹⁰⁸ No original, *geuerosa*. Possivelmente o impressor trocou o sentido da caixa na letra *n/u*.

[prólogo]

Pio leitor

Tive a fortuna de chegar às minhas mãos esta alegoria moral, por todos os títulos preciosa; pois sendo-o sem dúvida pela matéria, o é igualmente pela forma; na qual se admira tão discreta a piedade, tão suave a elegância, tão engenhosa a descrição, e tão milagrosa a arte, que transfigurando as asperezas de um desengano em delícias do entendimento, consegue que dele passem a ser tão eficazes atrações de uma vontade cristã, que persuadida suavemente desta lição, se anime a desarmar os sentidos do socorro dos seus afetos, e a sacrificar uma liberdade cega à luz de uma liberdade preciosa; para que esta consiga felizmente o fim para que foi criada.

Este é o doce, e proveitoso fruto, que podem produzir as fragrantas flores deste jardim moral: e sendo este o intento desta discretíssima obra, a favor do qual devia a piedade que a tinha composto, procurar publicá-la, consultou a modéstia, e salvando com o seu voto o escrúpulo desta avareza, deixou ficar escondido este precioso tesouro, e só manifesto à confiança de algum religioso segredo.

Mas como contra a observância deste instava o escrúpulo de privar o próximo dos morais documentos desta obra, devi a este justo, e discreto remorso de consciência, não só a participação dela, mas a revelação de ser sua autora a religiosíssima madre Sor Marina Clemência, filha do seráfico patriarca S. Francisco, e professa no seu convento da ilha de S. Miguel, que na composição só desta, mas de outras obras espirituais, e sagradas, assim em prosa, como em verso, tem mostrado ser o seu grande talento, não só chama de um espírito seráfico, mas raio de um espírito querúbico.

Passando porém o escrúpulo de quem me participou esta obra, ao ser também da transgressão do segredo, ao mesmo tempo, que me permitiu a licença para a procurar imprimir, me encarregou o fizesse com a cautela de anónima; e não sei se a força deste preceito obrará o milagre de que ainda nomeada, fique a autora encoberta.

Vale.

A quem ler

SONETO

Esta, leitor, moral alegoria,
Compreende-se a mais sólida verdade;
Porque Deus com suprema majestade
De preciosa é rei, quando a alma cria.

Princesa da celeste monarquia
A destina a viver na eternidade,
Se do Averno resiste à falsidade,
Que de este bem lograr sempre a desvia.

Despreze pois do vale essa aparente
Gala, que apenas brilha, quando voa,
Porque é só na inconstância permanente:

Escute a voz da fé que lhe apregoa,

Que como a Preciosa eternamente
Na glória a espera celestial coroa.

Declaração desta moral alegoria

O Rei	Deus
Preciosa	A alma racional
Luz	A memória
Sereno	O entendimento
Amante	A vontade
Cândida	A verdade
Angelino	O anjo
Sinão	O engano
Bem-me-quer	O amor humano
Aura	A inspiração
Narciso	O amor próprio
Ascânio	O descanso humano
Aire	O pundonor
Delcídia	A delícia humana
Evida	A vida
Zéfira	A vaidade
Ócia	A ociosidade
A dama das letras no vestido	A lição
Aspérria	A penitência
Averna	A culpa
Claros	O desengano

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Aprovação do P. M. D. António Caetano de Sousa, qualificador do Santo Ofício

Eminentíssimo senhor

Manda-me V. Eminência ver o livro intitulado A Preciosa, alegoria moral, que escreveu a Madre Marina Clemência, religiosa de S. Francisco no Mosteiro da ilha de S. Miguel. Não é esta obra das que costumam somente entreter¹⁰⁹ pela suavidade da discrição, sem mais aproveitamento, do que o gosto, que se percebe na harmonia dos conceitos, com que se consegue o aplauso dos leitores. É uma lição proveitosa, vestida de uma natural afluência de discrição, distribuída em um estilo sublime, disposta em elevados pensamentos, igualmente na prosa, que na poesia, e que em suaves, e eloquentes ditames, servem ao mesmo tempo de admiração do engenho, e o que mais é, de proveito,

¹⁰⁹ No original, *enterter*.

para se instruir a vida mais perfeita, pois o que só parece alegoria, a que persuade o título de livro, contém com eloquente artifício uma profunda mística.

Esta Preciosa, que é a alma racional, se instrui de sorte, que auxiliada com a divina graça, pode dominar as potências que a acompanham, para que livrando-se da ociosidade, que é o primeiro caminho, quanto conduz diretamente à culpa, se livre dos perigosos precipícios a que se vê exposta, para que triunfante de todas as paixões da natureza humana, possa ser coroada na corte celeste, por seu divino esposo; esta é em suma a matéria do livro.

Nesta ideia gloriosamente formada por uma alma bem instruída na religião, e não menos na mística, pretende¹¹⁰ em discreta lição, persuadir às suas religiosas companheiras (e a todas as criaturas racionais), o modo, com que se não deve a alma contaminar com a culpa, para que livre da escravidão, possa ter lugar na corte do rei supremo; e com maior motivo, naquelas, que podiam ter lugar na corte dos reis da terra, e com prodigiosa vocação abandonaram os interesses do mundo, pelo pobre hábito do serafim de Assis, o grande patriarca S. Francisco, debaixo de cuja regra desprezaram toda a grandeza, com que no mundo se distinguem as origens, não havendo outra raiz, que a do barro damasceno, de que descendem (ainda que com diferente fortuna) os grandes, e os humildes; porém aqueles corações, que se abrasam no divino amor, ainda que criados em diferente berço, mais edificaram o mundo com este desprezo, do que podiam admirar com a sua grandeza, atendendo à retribuição, com que serão depois premiados, pela perfeição da vida, que lhe ensinam os documentos de tal mestra, a qual sendo estimada pela discricção, ainda o é mais pela observância religiosa, cujo exemplo persuade com maior eficácia, do que as palavras, ainda que sejam proferidas com todas as forças da eloquência.

Desta mesma religiosa temos já impressa em elegante estilo a vida da prodigiosa virgem, e mártir Santa Catarina, que bem mostra ser uma, e outra produção do mesmo engenho. E se o nome não fora diferente, o estilo me obrigava a afirmar, que estas obras eram de outra religiosa da e mesma ordem, não insulana, mas lusitana, a qual por não mortificar a sua modéstia, tão revestida de humildade, não devo nomear, inda que o seu exemplar modo de vida a faz tão conhecida na corte pela pessoa, como estimada pela virtude. Porém ainda que não seja temerário o juízo, devo conhecer esta obra pelo nome, que modestamente se lhe pôs; e é para sentir fiquem sepultadas outras muitas obras, que escreveu esta muito religiosa madre. Nem é novo na religião seráfica, ornar a biblioteca dos seus autores, com obras também de religiosas, porque conhecemos muitas no orbe literário; e não saindo do nosso reino, nele tem havido muitas senhoras, adornadas de erudição sagrada, e profana, que escreveram diversos opúsculos, que seriam estimáveis, e úteis, se não ficassem, como de ordinário sucede, escondidos no esquecimento, e outras vezes ocultos pelo ambicioso cuidado, de que sejam pela raridade, de maior estimação, fazendo-se assim as livrarias particulares ricas de tesouros escondidos, de que ninguém se pode servir, privando o público, pelo capricho de ser única de obras excelentes, de que também se poderia seguir a muitas almas aproveitamento grande. De sorte, que por semelhantes descuidos, ou caprichos, fica sepultada a memória, que merecia eternizar-se, e se conservam outras tão inúteis, como escusadas. Não nego que alguma vez a modéstia coopera para este fim, entendendo é virtude da mortificação ocultar semelhantes produções, algumas vezes com excesso, pois se chegam a queimar; porém eu, venerando sempre a modéstia, nesta parte me parece indispensável a queixa.

¹¹⁰ No original, *pertende*.

Nesta obra não acho coisa¹¹¹ que mereça censura, porque nela nada se encontra à nossa santa fé, ou bons costumes; tudo o que contém, é estimável pelo modo, e pelo fim; e assim me parece digníssima de que V. Eminência dê a licença, que se pede para se imprimir. Lisboa Ocidental na Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, 27 de junho de 1730.

D. António Caetano de Sousa

Aprovação do P. M. Fr. Boaventura de S. Gião, qualificador do Santo Ofício.

Eminentíssimo senhor

Este livro, de que a petição trata, e V. Eminência me mandar ver, além de se conformar em tudo com a verdade de nossa santa fé, e pureza dos bons costumes, ou é maravilha da graça, ou prodígio da natureza, porque na matéria, e na forma excede a apreensão humana. É uma admirável, e bem ideada alegoria do que passa, e experimenta uma alma nesta vida, desde sua criação até seu trânsito, desde seu princípio até conseguir o último fim para que foi criada: onde se recopilam, e declaram os perigos, a que neste mundo está exposta, os enganos a que está sujeita, os precipícios em que pode cair, as vaidades que a podem assaltar, as lisonjas que a podem desvanecer, e os enganos que a podem perverter¹¹², a contínua, e porfiada guerra com os inimigos visíveis, e invisíveis, que a podem vencer, e cativar. Para triunfar de todos estes contrários, se lhe dão avisos, persuadem cautelas, oferecem armas, comunicam forças, ministram brios, e infundem valor.

Para os desenganos se propõem razões tão concludentes, que ponderando-as, não é possível viva enganada à vista de tais razões. Para o pesar, e arrependimento se expõem motivos tão eficazes, que precisamente hão de suspender o alvedrio para as ofensas, e embargar a vontade para as ingratidões. Para a dor, e para as lágrimas tais são os incentivos, que ferem o coração, e rasgam os olhos à vista do pranto de uma penha¹¹³, fazendo que o mar do peito por duas fontes corra rios, até que nestas correntes naufraguem as luzes, e se eclipsen nas meninas duas estrelas. Descreve-se a penitência com tanta gala, e se debuxa com tão vivas cores, que já não mete horror o seu semblante, mas convida a vista a sua beleza, e gentil presença. Persuade-se ultimamente a vontade para o desprezo, e desamor das coisas¹¹⁴ caducas, e transitórias, e move-se sem violência e com suavidade para o culto, reverência, e amor do sumo bem infinito, em cuja bondade, e fermosura, se devem empregar as atenções, e os afetos, os excessos, e as finezas, que o Senhor sabe remunerar nesta vida com espirituais favores, e na outra com prémio eterno. Representando-se tudo com figuras tão naturais, e tão próprias, que todas neste teatro fazem com primor o seu papel, e tanto ao vivo, que parece estão falando, e nós ouvindo.

O estilo áureo, altíloquo, discretíssimo, e tão lacónico, que cada palavra é um conceito, cada termo um pensamento, cada período uma sentença; mas não me admiro, pois é frase de quem tem boca de ouro, e língua de prata. A eloquência da prosa corresponde à elegância do metro, tão doce, e tão suave, que parece, Númen superior lhe abriu a veia, despertou o furor, e apurou o discurso, sendo tão elevado, e tão especioso, que é lustre do assunto, e esmalte da obra.

Será lido com admiração, aplaudido, e bem aceito este livro pela singularidade da ideia, e erudição do discurso; e com maior razão sendo producto de uma inteligência daquele sexo, que não

¹¹¹ No original, *cousa*.

¹¹² No original, *preverter*.

¹¹³ No original, *paenha*.

¹¹⁴ No original, *cousas*.

está em uso seguir as escolas, e professar as letras; mas é tão sublime o engenho, tão extraordinária a compreensão, que não necessita de cultura para perceber, e para discursar; e também lhe parece na mão a agulha, como nos dedos a pena, no estrado a almofada, como na banca o papel.

Não posso deixar de me persuadir, que tão rara discrição, e tão vasta, e cabal notícia da teologia mística foi estudada na aula do coro, e comunicada no exercício da oração, porque discorre com tal elevação, e tão ardente fervor, que se remonta nos voos como águia, e se abrasa nos incêndios como fénix; mostrando, no que racional, e profere neste papel, ciência angélica, e espírito seráfico. Pode justamente desvanecer-se o prelo com a fortuna de estampar este volume tão precioso, e tão estimável, que cada página é um assombro, cada regra um prodígio, cada vírgula um palmo, e cada ponto uma admiração. Lisboa ocidental no Hospício do Duque, 3 de julho de 1730.

Fr. Boaventura de S. Gião.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado Alegoria moral, composto pela madre Maria Clemência religiosa de S. Francisco na ilha de S. Miguel; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 7 de julho de 1730.

Fr. R. Lancastro.

Cunha.

Teixeira.

Cabedo.

Soares.

Do Ordinário

Aprovação do reverendo padre D. José Barbosa, da Divina Providência.

Ordena-me vossa senhoria, que veja a Preciosa alegoria moral, que escreveu a madre Marina Clemência, religiosa de Santa Clara no convento da ilha de S. Miguel. Já por ordem do Desembargo do Paço, vi há alguns anos a vida de Santa Catarina com o nome desta religiosa; e admirado de eloquência tão casta, e de tão elevados pensamentos, achei que o nome era suposto, mas que a obra era mui natural do entendimento, e da discrição da sua autora verdadeira. Não padeci agora este engano, porque a sua profunda modéstia desculpa esta afetada suposição. Pouco importa que se queira ocultar, se o mesmo segredo, que pretende, lho está estragando a elevação do seu juízo. Não podem subir tão alto as que a natureza abateu com a inferioridade do nascimento, e por isso a autora satisfazendo natural, mas involuntariamente ao ilustre do seu berço, discorre com voos tão altos, que parecem de águia. Aqui vejo nesta alegoria moral, desmentindo o que comumente se diz, que são desgraçadas as matérias espirituais, por quase nunca se tratarem com discreta elevação. Não é assim, porque os conceitos são de tal sorte finos, que igualam a piedade da pena, que os escreveu, que para ser inimitável, lhe basta a doutrina da melhor mestra de espírito, que venerou este reino, tão pontualmente observada, que sem escrúpulo, e sem escândalo se podia fazer a questão, se era mais excelente a discípula, que a mestra. Para que este livro se imprima, concorrem todas as razões, a pureza da fé, a dos bons costumes, e a utilidade de todos, porque com estes suaves, e eloquentes conselhos se podem animar a conhecer o valor inestimável das suas almas, que nesta alegoria se introduz com o nome de Preciosa. Vossa senhoria mandará o que for servido. Lisboa ocidental, nesta Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, 12 de julho de 1730.

D. José Barbosa, clérigo regular.

Vista a informação pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa ocidental, 13 de julho de 1730.

Gouveia.

Do Paço.

Aprovação do reverendo padre D. Manuel do Tojal da Silva, académico da Academia Real.

Senhor

Com muita razão se pretende¹¹⁵ dar à estampa esta preciosa Alegoria moral, pois não é justo, que fique escondida debaixo de um particular manuscrito¹¹⁶ uma obra tão digna da luz do mundo, e de o ilustrar a ele, e ao sexo que a compôs; pois sendo obra originada pela agudeza de um raro entendimento humano, é certamente animada por um espírito seráfico, que debaixo de uma engenhosa ideia, de uma discreta elegância, encerra tanto documento místico, tanta doutrina moral, e tanto espiritual proveito, que por nenhum título pode encontrar as leis do Reino, nem o serviço de Vossa Majestade, e por todos se faz benemerita da licença que pede. Este é o meu parecer, Vossa Majestade fará o que for servido. Lisboa ocidental, nesta Casa da Divina Providência, 6 de outubro de 1730.

D. Manuel do Tojal da Silva

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e taxar¹¹⁷, e sem isso não correrá. Lisboa ocidental, 7 de outubro de 1730.

Pereira.

Teixeira.

Bonicho.

[errata]

Não foi culpa da impressão os erros, que se acham neste livro, nem eram fáceis de reparar, na singular advertência do corretor, porque como a cópia estava viciada, por mais que se trabalhava, não se podiam entender algumas coisas¹¹⁸: uma pessoa, que teve casualmente esta notícia, e a tinha particular deste livro, querendo acudir pelo crédito do original, fez as notas seguintes.

	Erratas	Emendas
Fol. 9	a pedra não lastima	a pena não

¹¹⁵ No original, *pertende*.

¹¹⁶ No original, *manuescrito*.

¹¹⁷ No original, *taixar*.

¹¹⁸ No original, *cousas*.

Fol. 33	licença vos dou	licença não vos dou
Fol. 44	gala	glória
Fol. 45	gala	glória
Fol. 46	soberba	soberania
Fol. 52	ignorantes nos contos	inocente nos contos
Fol. 53	visto morrer eu	visto isso morrer eu
Fol. 55	beleza	soberba
Fol. 57	altivezes	estivestes
Fol. 59	ter exercício	se é que deste exercício
Fol. 69	ensinada	indignada
Fol. 72	as verdades	as verdades se arrojam
Fol. 73	postrado	pasmado
Fol. 75 ¹¹⁹	nele vos depositaram para Rainha, e nenhuma Rainha nasce com obrigações de deidade	E nele aprendeis para mulher, sem advertir, que uma Rainha nasce com obrigações de deidade
Fol. 79	mi caudal	ni caudal
Fol. 89	cansado	casando
Fol. 94	suspiro	supito
Fol. 98	as flores correram	as flores cresceram
Fol. 100	se faz monstrosidade	se faz singular esta monstrosidade
Fol. 101	foi-se respondido	foi-lhe respondido
Ibid.	ficou do sol	ficou docel ¹²⁰
Fol. 102	abusou	embuçou
Fol. 104	pois fazendo-se-lhes as mãos chaves	pois oferecendo-lhes as mãos as chaves
Fol. 105	se tinha a mesma nuvem	se tinha feito a mesma nuvem
Fol. 107	em essa mulher	é essa mulher
Bid.	que viste serpe	que tu viste serpente e crês delícia
Ibid.	em um tossigo	é um tossigo
Fol. 109	é um todo que tomou presunções de tudo	é um todo que tomou fundamento de nada que tomou presunções de tudo
Fol. 112	é muito de perder	é muito fácil de perder
Fol. 122	Angelino desterrado	Angelino retirado
Fol. 123	de airosa	desairada
Fol. 125	lesos	lerdos
Fol. 126	que es interes	que es quererse
Fol. 150	empunhar	empenhar

¹¹⁹ No original, 57.

¹²⁰ Esta emenda sugere um erro de percepção de leitura. Possivelmente, numa das transcrições, para manuscrito ou para impresso, o copista inseriu este erro por dificuldade em perceber o ditado.

Fol. 151	objeções	obrigações
Fol. 152	fora	fera
Fol. 172	tu valor futuro ardid	tu valor futuro ardid
Fol. 174	salir me releve	salir resuelve
Fol. 184	entre os dias	entre os dous
Fol. 187	que regulava seu amor, rompeu	que regulava as horas de seu embaraço por eternidades em seu amor, rompeu
Fol. 197	na de seu fausto	nada para seu fausto
Fol. 203	primores	pomares
Fol. 207	quanta confusão causa teu brado	que confusão causa teu retiro, Cândida para aqui era o teu brado
Fol. 208	de prompta leve	de planta leve
Ibid.	o que na batalha de Bem-me-Quer saiu com um príncipe da casa de Sinão	o que na batalha de Bem-me-Quer apadrinhou Narciso, Luz saiu com um príncipe da casa de Sinão
Fol. 111	diza	dizia
Ibid.	entender	enterter
Fol. 213	com tanto	com tento
Fol. 215	precorpo a convalescer nos olhos d'el Rei desagradado, nos de Delcídia do sobressalto	precorpo a convalescer nos olhos de Delcídia do sobressalto d'el Rei desagradado
Fol. 219	faltavam	falavam
Fol. 219	era o sítio sombrio com que Sinão persuadiu	era o sítio sombrio, o rio manso, o dia caloroso, e ali tudo calma com que Sinão persuadiu
Fol. 221	que se temem cuidados	que se temem ruidosos
Fol. 222	alientos	assentos
Fol. 234	dessimulações	emulações
Fol. 246	um para ambos ambos para nenhum	um para ambos, boa para nenhum
Fol. 252	são rosas para excluídas	são razões para excluídas
Fol. 261	foram	farão
Ibid.	de ver-vos	de ter-vos
Fol. 263	falando por esta letras	falando por esta letra, apesar da sua porfia
Fol. 266	altibio	altivo
Fol. 279	com grande inteireza	com grande inteireza desse para Sereno
Ibid.	o qual com Sua Majestade	o que vale com Sua Majestade
Fol. 280	política daquela ânsia	política daquele ancião
Fol. 283	descuidos do esquecimento	descuidos do ócio
Ibid.	tinha assegurado Sinão	tinha arriscado Sinão
Fol. 292	faz a Rainha pessoa ao palácio	faz a minha pessoa o Palácio
Fol. 309	chora coração	chora confusão

Fol. 310	de Luz se fazem	de Luz a luz se fazem
Fol. 314	Já chorando diz meu contentamento já vivendo me diz o triste canto	já vivendo me diz o doce acento já morrendo me diz o triste pranto
Fol. 315	De ti me valho, amor em tanto fogo	de ti me valho amor, em tanto afogo
Fol. 316	mandou a ingratidão	mandou a Sinão
Fol. 321	ao teu diamante	ao seu diamante
Ibid.	tão airoso	tão horroroso
Fol. 337	se criam	se creia
Fol. 339	se foi entertendo	se foi entristecendo
Fol. 343	se nasceu	se temeu
Fol. 347	pata estrada	para a estrada
Fol. 350	podereis ter só ao Vale por inimigo a vós	podereis ter o Vale por inimigo, não tendes por inimigo a vós, e ao Vale
Fol. 351	vagares em interesses de razão adormecida, ou de loucura dispersa	vagares em interesses de para sempre, ou são disposições de razão dormida, ou de loucura desperta

[no fim, índice]

Índice dos capítulos deste livro

Limbo de Infante	Cap. 1, pág. 1
Vale de Lágrimas	Cap. 2, pág. 6
Banquete do Rei	Cap. 3, pág. 29
Entrada de Narciso na Campina	Cap. 4, pág. 34
Embaixada de Delcídia	Cap. 5, pág. 49
Transmutação do Alcáçar	Cap. 6, pág. 71
Jardins de Delcídia	Cap. 7, pág. 82
Vozes de Cândida	Cap. 8, pág. 104
Setas de Bem-me-Quer	Cap. 9, pág. 116
Batalha de Narciso e Bem-me-Quer	Cap. 10, pág. 122
Inferno de Bem-me-Quer	Cap. 11, pág. 140
História de Damar, e Amira	Cap. 12, pág. 164
Palácio de Sinão	Cap. 13, pág. 197
Rio do Esquecimento	Cap. 14, pág. 217
Nada do Vale	Cap. 15, pág. 223
Combate de Preciosa	Cap. 16, pág. 233
Constância de Preciosa	Cap. 17, pág. 269
Penhas de Aspérria	Cap. 18, pág. 278
Lágrimas de Preciosa	Cap. 19, pág. 296
Canto de Preciosa	Cap. 20, pág. 314
Vitória de Preciosa	Cap. 21, pág. 320
Despedida do Vale	Cap. 22, pág. 343
Corte do Rei	Cap. 23, pág. 352

[segundas licenças]

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 12 de junho de 1731.

Fr. R. Lancastro.

Cunha.

Teixeira.

Silva.

Cabedo.

Soares.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 12 de junho de 1731.

Gouveia.

[taxa]

Taxam¹²¹ este livro em doze vinténs em papel, pode correr. Lisboa ocidental, 14 de junho de 1731.

Pereira.

Teixeira.

¹²¹ No original, *taixam*.

Anexo 13 – A Preciosa: Obras de misericórdia (1733)



[frontispício]

A Preciosa: Obras de misericórdia, em primorosos, e místicos Diálogos expostas: Elogios de santos em vários Cantos Poéticos, e Históricos expendidos por Marina Clemência, religiosa de S. Francisco no Convento da ilha de S. Miguel.

Mandados à impressão, e oferecidos à Mãe Santíssima do Carmo Maria senhora nossa por Silvano das Ondas.

Segunda Parte.

[arabesco]

Lisboa ocidental, na Oficina da Música.

MDCCXXXIII

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na mesma Oficina.

[dedicatória]

A Nossa Senhora do Monte do Carmo

A Vossa Majestade, preclaríssima Virgem, Augustíssima Imperatriz do Céu, e terra, Soberana Maria, condecorou o Altíssimo do decoroso título do Carmelo, sagrado monde que dominais Senhora, favoreceis Mãe. Movido do superno impulso do Divino Espírito, que sua pena Régia, descreveu, Salamão vossa grande cabeça ao mesmo felice monte assemelhada; e porventura aludisse ao mistério

de se interpretar ciência o nome do Carmo, e seres vós, Senhora, como animada cadeira da Sapiência encarnada, a verdadeira Palas, ou Minerva das ciências verdadeiras. Não longe destes conceitos, vos adorou no mesmo monte o vosso antigo, vivo, e fidelíssimo servidor Elias, no venerando, e milagroso simulacro de uma pequena nuvem, que na superfície da terra se difundiu em benéficas, e copiosas águas; pois sendo a água um conhecido símbolo da sabedoria, à maneira de uma continuada, e branda chuva, nos segura o Eclesiástico, mandará o Onnipotente à terra sobre os verdadeiros sábios os profícuos orvalhos da sua incompreensível ciência, imensa sabedoria. Toda a de tal nome condigna, segundo o mesmo Eclesiástico, é uma incomparável joia dos tesouros de vosso Filho, o qual despendendo-nos¹²² por vossas mãos quantos benefícios nos dispensa, sinaladamente nos despende¹²³ este por vossas mãos.

Devendo pois chegar às sacras aras de vossos sacratíssimos pés com alguma oferta, me deparou a sorte a desta Obra, que pelo místico da matéria devoto da forma, sexo da Autora, não parece estranha da vossa Real grandeza, proteção seguríssima. Foi primoroso, e curioso labor de Marina Clemência nas vacâncias da sua almofada, e bastidor, que por Clemência, parece acreedora da vossa piedade, como Mãe que sois de misericórdia; e como Estrela que sois do mar, da vossa benevolência, por Marina. Recebei, pois, a oferta destas Obras de Misericórdia com os Históricos Cânticos de alguns dos Santos, como Rainha que sois de todos, para que o Mundo até desta benignidade reconheça, quanto na vossa estimação vale o título do Carmo, para a montes nos encheres de favores vossos.

Indigno servidor, e só no desejo devoto vosso.

Silvano das Ondas

[prólogo]

A quem ler

Não me poderás negar, Leitor amigo, o desinteresse¹²⁴ da amizade, que contigo professo; pois chegando à minha mão, por fortuito acontecimento, estas Obras de Misericórdia, e brevíssimas Histórias de alguns Santos, me dispus a oferecer-tas de melhor letra que a minha, por que menos te cansasses na leitura, que segundo me persuado, te será de lucro. Suponho conhecerás, ao menos por fama, sua Autora; pois não é a primeira vez, que no prelo divulga seu nome. Não tinha dela mais notícia, que participar-me no ano de 1715 por meio da estampa a vida de minha Senhora Santa Catarina de Alexandria, escrita com o acerto, que me deu ânimo a oferecer-te esta Obra. Sem que naquela vida dissera, professava a de Religiosa, o assunto deste livro a inculcara de mui pia Religião. E andando prezados tantos colóquios pastoris, em que a vaidade profana tem apurado a paciência Católica, julgo te não será desagradável o rural estilo desta empresa, como espiritualizado de forma, que ao passo que o entendimento deleita, recreia a alma.

As Obras de Misericórdia envolvem umas mudas, mas discretíssimas persuasões das que devemos usar em obsequiosa comisseração de nossos próximos, para o merecimento dos melhores prêmios, pois nós da Maioral repartidos a seus Pastores, e Pastoras, se acende o coração na leitura, a querer também por este caminho alcançar a sua retribuição. Se curioso fores de consonâncias

¹²² No original, *dispendendo-nos*.

¹²³ No original, *dispende*.

¹²⁴ No original, *desenteresse*.

Poéticas, porventura te não sejam dissonantes os ritmos, e metros, de que a Autora aqui veste as Imagens de alguns Santos, e Santas. Até se ao Sacro ministério do Púlpito fores dedicado, de brevíssimos dísticos poderás colher mui naturais assuntos para os teus discursos. Sejas quem fores, sempre compreenderás melhor a substância da Obra, do que os acidentes de minhas palavras ta podem descrever, e recomendar.

Vale.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Aprovação do Muito Reverendo P. M. D. António Caetano de Sousa C. R. Qualificador do Santo Ofício, Académico da Academia Real da História Portuguesa.

Eminentíssimo Senhor,

Manda-me V. Eminência ver este livro, que escreveu a Madre Sor Marina Clemência Religiosa de São Francisco. Já este nome é mui conhecido, pelo bom gosto das suas Obras; porque depois da *Vida de Santa Catarina Virgem Mártir* que há anos se imprimiu, não há muitos meses, que por ordem de V. Eminência vi outro livro seu, com o título *A Preciosa Alegoria Moral*. Então disse o juízo que fazia das obras desta Religiosa Madre, agora direi que este volume se compõe de uma coleção de diversos assuntos em prosa, e em verso, verdadeira produção do espírito, e da discrição de sua Autora, que com uma fecunda ideia de engenhosos assuntos, explica a Mística, por parábolas, que movem ao exemplo, e ao exercício das virtudes nas *Obras de Misericórdia*, que oferece primorosa, e santamente executadas no sincero ânimo de uns Camponeses, onde luzia o pio, e o generoso; porque no coração racional quando se dirigem as obras pela prudência, e Religião Cristã, a toda a categoria de pessoas, e a todo o estado, não fica difícil o meio do exercício das Obras de Misericórdia, como se vê daqueles Aldeanos, que sem excederem a esfera Pastoral, sabiam cumprir¹²⁵ igualmente o pio, e o generoso; pois não consiste a bondade da obra no precioso, mas na estimação, em que se avalia, e na grandeza do coração com que se oferecem. O desta Religiosíssima Madre, quando o não conhecêramos por outras obras, bastava a ideia que nos dá da sua vida, no modo com que se explica; mostrando, que não basta que os entretenimentos¹²⁶ sejam honestos mas que devem ser pios, e meritórios, como se vê nesta ficção Pastoral.

E passando da prosa ao Metro, em suave Canto escreve as heroicas ações do grande Paulo Primeiro Eremita, com tanta constância no verso, como abundância de vozes, e conceitos, com que o horror do deserto se suaviza, e se aplaude a virtude do Santo. O opúsculo, a que dá por título *Histórico Enigmático*¹²⁷, é verdadeiramente obra primorosa pelo admirável do artifício, pois explica ações grandes em conciso estilo, e pensamentos elevados, com que dá a conhecer a muitos Heróis da Santidade. Finalmente o *Flos Sanctorum*, que é a última porção de que se compõe este livro, em nada difere na elegância aos demais assuntos, de sorte que todas as Obras desta Religiosíssima Madre são iguais, e sem diferença porque são suas, e por isso em tudo excelentes. Razão é, que se vão divulgando

¹²⁵ No original, *comprir*.

¹²⁶ No original, *entertenimentos*.

¹²⁷ No original, *Egnimático*.

pelo meio da impressão, estas felicíssimas produções do seu grande engenho, pois quanto ao que me parece, a célebre Sor Joana da Cruz, bem conhecida pela Freira de México, não excede, nem na felicidade da ideia, nem na gravidade do estilo, e delicadeza dos pensamentos à nossa encoberta Insulana; porque em todo o género de Metro a iguala, e na elegância da prosa a excede em muito. Se a este livro se seguir outro de Autos Sacramentais, e outras obras morais, ou Sagradas, porque a sua Musa se não profanou com outros assuntos, se utilizaram os curiosos com a lição deste prodigioso engenho.

Em tudo o referido nada encontro, que se oponha à nossa Santa Fé, nem eu podia esperar de um espírito Seráfico, que se explicasse por termos se não Ortodoxos; porque onde reside o temor de Deus, são os costumes de sorte, que até a pena se governa pela prática do douto Diretor. Assim, é digníssimo este livro de que V. Eminência lhe conceda a licença que se pede para o imprimir, porque é estimável pelo que contém, e por sua Autora, e uma tal Autora, que acredita as suas obras com a sua vida; e bem parece que lhe não levam estas atenções, pois não merecendo ser enjeitadas andaram discorrendo por diversas partes sem abrigo, até que o acharam agora na estimação de Silvano das Ondas, que querendo fazer este benefício ao público as eterniza pela impressão. Este é o meu parecer.

Lisboa Ocidental na Casa de Nossa Senhora da Divina Providência 8 de janeiro de 1731.

D. António Caetano de Sousa C. R.

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Fr. António de Santa Maria, Qualificador do Santo Ofício, etc.

Eminentíssimo Senhor

Este é o primeiro livro, que me fez entorpecer¹²⁸ o braço, e tremer a pena, para a sua aprovação; porque lendo-o ponderosamente, obediente aos preceitos de V. Eminência, julguei com assombro, que o livro intitulado *Obras de Misericórdia*, em primorosos, e místicos diálogos expostas; Elogios de Santos, em vários Cantos poéticos, e históricos expendidos; composição, que se diz ser da religiosíssima Madre Marina Clemência, Religiosa Seráfica no Convento da Ilha de São Miguel, não só era pasmo, admiração, e assombro; mas roubo, que se tinha feito ao Céu; pois não achei na terra criatura, que não sendo toda do Céu, pudesse escrever tão portentoso volume; e como o via aparecido no Mundo, prudentemente inferi se havia ao Céu furtado.

Os livros que se compõem no Céu, só no Céu se aprovam, e só no Céu se estampam; porque tais livros, como este, que são de superior esfera, merecem ser impressos com caracteres de Estrelas, em oficina de luzes, sendo o Censor destes livros a mesma inteligência Querúbica, e Seráfica que os escreve, pondo-os aos pés de Deus, para que os aprove, pois os inspira. Para se aprovar um livro, é preciso se veja, se pondere, e então se julgue; mas o livro que aparece no Céu, se não há na terra quem possa levantar os olhos para o ver, nem mãos tão irreverentes, que se atrevam a folheá-lo, como é possível haver no Mundo tão intrépido, e temerário valor, que o presuma censurar? Censura-se no livro o que é, ou pode inferir erro; e Céu que decanta a glória de Deus, e de seus Santos, como livro, nem dele se infere erro, nem pode errar inconsiderado; ainda que há Céu móvel, não pode haver Céu errante; porque erro, e Céu repugnam; não é repugnante haver um Céu, que seja juntamente livro; antes no sentir do Doutor Melífluio¹²⁹ livro é o Céu, para que nele, quem quiser, possa ler a sabedoria divina; mas a sabedoria, que Deus comunicou ao Céu, que compôs este livro, transcende

¹²⁸ No original, *entorpecer*.

¹²⁹ No original, *Milífluio*.

todos os Céus; porque é Céu animado, vivente, racional e científico. Neste livro cada palavra é um compêndio de ciências; mas por isso é do Céu, donde só se pode achar perfeitamente a coleção de todas as ciências.

Em muitas Matronas as admirou o Mundo, assim nas estrangeiras, como na nossa nação, das quais não faço catálogo, porque facilmente se podem ver ou na Academia universal, que compôs aquele Herói, nunca assaz louvado, singular esplendor da observantíssima, e sapientíssima Congregação do Oratório o Reverendo P. M. Manuel Consciência¹³⁰ *Palest. 2 Cap. 29* ou no Príncipe dos Poetas deste século, o Reverendo P. M. António dos Reis, Estrela da primeira grandeza do mesmo firmamento, no seu Parnaso *in Enthusiasm, ad Regem Joann V no número 273* cantou já desta Heroína o seguinte ibi.

*Sedula Musarum viridante fronte Marinam
Turba coronabat, Pharioq; é sanguine ereta
Viriginis eximtas celebrantem carmine laudes,
Audire ut possit reliquis non adjicit aures.*

E em outros Autores se achará largas notícias; porém de nenhuma se achou algum fundamento, para se poder afirmar fosse Céu. Não faltou quem dissesse, que não havia mais que um; este é o meu conceito na ponderação do Céu, donde se ide ou este livro; pois ou é único, ou a todos excede. Ninguém se admire; pois até a si mesmo se avantaj¹³¹ nesta mais que humano volume.

Venera o Mundo universalmente outros, não sei se roubados, ou a este Céu pedidos, para assombro do Universo; porém do elegante, do científico, e do profundo deste livro a terra estremece, e até os mesmos Céus pasmam; devido culto, merecido respeito; pois por elevado deve suspender as criaturas terrenas, e as Inteligências Angélicas. Toda a sabedoria desceu do Céu; porém a deste livro desceu de um Céu complicado de todos os Orbes celestes, e científicos; porque neste volume me parece se verifica a profecia de Ezequiel, quando predisse, chegaria tempo, em que se complicassem, como um livro, os Céus. Neste livro se acha trasladado do Céu um epílogo de todas as ciências, tanto divinas, como humanas; e quem as quizer aprender, na lição deste livro achará a luz mais clara, tendo por Mestre a todo um Céu; pois na Autora deste livro criou Deus um Céu novo, quando nos seus volumes quis dar ao Mundo um tesouro.

Até agora estava escondido este tesouro, que não só tem semelhanças, mas identidade com o Céu: com ventura o achou um homem, mas grande homem; porque sábio, e generoso se não atreveu a ocultá-lo com ambição: sem dúvida lhe lembrou, que sabedoria oculta, e tesouro escondido, não são de utilidade, e que fora deplorável desgraça, que um Céu tão sublime, e com tão radiante Sol de inteligência estivesse mais tempo sepultado entre as nuvens da sua admirável modéstia, nos eclipses da sua profunda humildade.

Este Prodígio, que no Céu aparece maravilha deste século, bem pode sair a público com todo o tropel de resplandores nas suas obras; pois não implica pisar o Mundo, vestindo-se de Sol, e coroando-se de Estrelas: as Estrelas são símbolo das virtudes, o Sol é emblema da sabedoria; e não repugna no Céu, coroar-se de virtudes Portento¹³², quem pisando o Mundo, tem só por gala os hábitos científicos. Sempre tive a ciência do Mundo por estultícia, mas a do Céu é inestimável perfeição; e quem oculta as que de Deus participa, e esconde o precioso talento, merece severo castigo. Não tema precipícios de desvanecida quem como Céu firma tanto na caridade a sua sabedoria: bem pode ser,

¹³⁰ No original, *Conciência*.

¹³¹ No original, *aventaja*.

¹³² No original, *Protento*.

como é, Serafim na divina presença, escondendo-se, e voando; porque os voos da pena não se opõem aos incêndios do coração.

Que fugisse do Mundo esta forte Matrona, que ainda à ciência de Salamão pareceu impossível de achar, foi acerto, porque Mundo, e Céu são incompatíveis; mas porque se acha no Céu, privar a terra dos veleados voos da sua pena, sendo estas de Águia, quais eram as das remontadas asas daquele grande assombro, que viu o Secretário do Amor divino no seu misterioso Apocalipse, não me parece amor Seráfico, porque tem qualidades de amor próprio; quanto mais que o Céu não tanto para si, quanto para nós, e os Serafins, quando no seu Coro publicam a glória a Deus, enchem de glória toda a terra; porque se veja, que não é Deus santo em si, mas admirável em seus Santos. Não só é essencialmente Sabedoria infinita, mas quer que nas suas criaturas resplandeçam os raios da sua Divina ciência.

Sem que esta empenhasse especial influxo, me persuado, se não podiam escrever as obras deste volume, e tal bem, então será perfeito dom do Céu, quando em outros muitos livros seja de si mesmo mais comunicativo, para que luzindo quanto pode, vejam todos obras tão boas, e glorifiquem por elas ao Eterno Pai, que está no Céu. Mas ver, que tem o Céu livros, e que os fecha a sete chaves, ou que os oculta com sete selos, faz chorar muitas inconsoláveis lágrimas, a quem tem bom juízo, para saber estimar a preciosidade daqueles livros, cujas ciências parecem locuções de Deus. Por amor de Deus, por amor de nós, e por amor de si, se não deve fechar este Céu com os seus livros; e se não, nem seja Céu, nem se chame Clemência.

Quem com tanta agudeza especula as Obras de Misericórdia, com maior clemência as deve praticar: não se malogrem as nossas esperanças, sabendo nós muito bem, que da Esperança nos pode vir esta felicidade, para crédito da nação, para reforma das vidas, e para glória de Deus. Como só Deus é o princípio, e fim destas obras, não podem conter erro contra nossa Santa Fé, ou bons costumes. Este é o meu parecer. V. Eminência mandará o que for servido.

Convento da Boa Hora dos Agostinhos Descalços de Lisboa ocidental, 3 de abril de 1731.

Fr. António de Santa Maria.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado Obras de Misericórdia, de que esta petição trata; e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa ocidental, 3 de abril de 1731.

Fr. R. de Lencastre.

Cunha.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Do Ordinário

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Fr. João do Sacramento, Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa ocidental, etc.

Ilustríssimo senhor

Por quasi impossível ajuizou Salamão o invento de uma mulher com espíritos de valor: *Mulierem fortem*, ou com alentos de virtuoso espírito, segundo o Hebraico: *Mulierem virtutis quis inveniet?* Judicioso conceito, em que parece desviou o entendimento da memória daquelas virtuosas Raquéis, valerosas Déboras, e mais ilustres Matronas, que o precederam, e foram precursoras das muitas, que tinham de suceder-lhes nos séculos futuros. Quiseram alguns dos seus Intérpretes discorrer, que falara o prudente Monarca simbolicamente da sabedoria, como em hábitos mulheris nunca bem achada: *Symbolicem*, escreve o douto Cornélio, *mulier fortis est sapientia*; discurso que concorda com o pensamento de outros Inteligentes, verteram: *Mulierem sani cerebri quis inveniet?* Tenho porém de mim para mim, que se aquele incomparável Sábio abrisse o presente, acharia com facilidade muito mais, do que tanto dificultou no livro dos seus Provérbios. Porque segundo procurava uma varonil mulher, *Mulierem virilem* trasladaram os Setenta; e Vatablo, *Mulierem masculam*. Na Autora deste livro encontraria uma mulher heroína: *Mulierem heroinam*, conclui a Lápide. Lusitana de virtude, ciência, e valor, não só para entre os dedos apertar o fuso, ou entre as mãos a roca, mas com acertado sizo a pena, cujos rasgos lhe encheriam de assombros os olhos, de admirações o entendimento. Desta reputação considero benemérita a primorosa Escritora, e Religiosíssima Madre Marina Clemência, que terceira vez acomete agora a não leve empresa, de fazer gemer com o peso de suas obras o prelo, acreditando com destemido valor o sexo, com rara discricção a capacidade, com exemplar virtude a profissão.

Prescindo¹³³ da averiguação, de ser a Autora desta obra (toda pela matéria celeste) Insulana, ou algum animado Céu da nossa Corte, viva glória da nossa Cidade; porque poderia dessa porfiada¹³⁴ curiosidade resultar, que tropeçando a pena na escrita, diminuísse alguma letra do nome de Marina, e descobrisse algum Céu, a cuja religiosidade fosse sensível a incauta desatenção, por antes se querer oculta, que manifesta. Nem se me oferece da minha incumbência mais, que expor, consta o presente volume de quatro Tratado, em tudo irmãos, como todos legítimos filhos do nobilíssimo talento de tão ilustre Madre.

O primeiro, em duas partes dividido, e titulado: *Obras da Misericórdia*. O segundo: *Prodigiosos sucessos dos Corifeus dos Ermos, Paulo, Antão, e Pedro Abade*. O terceiro: *Histórico Enigmático*. O quatro, e último: *Flos Sanctorum*, das classes gerais de todos os Santos, singularmente deduzido. Quem melhor nos debuxou à pena, do Céu a Corte, de Deus a Cidade, a descreveu em quadro: *Civitas in quadro posita*. E na coroa do primeiro dos seus ângulos, decifrou El-Rei David colocada a Misericórdia do Criador dos Céus, como pedra sobre todas as preciosas angular, e capital das suas obras: *Misericordia ejus super omnia opera ejus*. Neste espelho, se divida claro o acerto da Autora, em dar no quadro dos seus quatro celestes Tratados a primeira cadeira, como Princesa das mais à virtude da Clemência.

Mas nem por tanto, avalio este pelo sumo preço da obra, em respeito de recomendar-me o Contraste da ponderação, realça o seu valor no primoroso estilo com que engenhosa engastou a Autora no ouro de sua elevada eloquência esta preciosíssima pedra da Divina Coroa; servindo-se dos humildes termos pastoris, como do mais vivo esmalte do ouro, sobre o azul celeste da joia deste livro. De sorte, que lá foi a Autora destas Obras de Misericórdia idear umas espiritualíssimas Éclogas, vestidas de conceitos, e documentos bucolicamente místicos, e misticamente bucólicos, para lisa, mas profundamente entranhar nos corações dos mortais uns piedosos afetos desta, e por consequência do Senhor de todas as virtudes. Imitou com espírito, verdadeiramente Seráfico, o estilo de Deus Amor,

¹³³ No original, *precindo*.

¹³⁴ No original, *profiada*.

que no livro dos Epitalâmios Salómicos introduziu semelhantes Diálogos entre Deus, como prezado de bom Pastor, e a bela Pastora dos seus Cânticos: e discorre Gislério fora a causa; porque no bucolismo, ou pastorícia candidez, se exprimem melhor as veras de um puro, e fino amor, que na doblez civil, e cortesã de polida, e política desvanecida. Com este estilo, sem relevância relevante, excita com graça, e dissolve com fortuna, em nome de Amarílis Maioral dos seus Pastores, umas subtilíssimas, e utilíssimas questões; que certo, recreiam o ânimo, afervoram o espírito.

Deste tratado, misto de prosa, e verso, passa a Autora, a cantar no segundo com voz puramente métrica, as proezas de Paulo Primaz dos Ermos, as empresas de Antão Cultor dos desertos; atraindo com a pena, melhor que Ansião com a Cítara, com a Lira Orfeu, as almas devotas ao amor da solidão, onde Deus aos corações costuma falar, sem embaraço de estrépito que as possa divertir. Debaixo da metáfora de uma Ave Peregrina descreve o excesso mental, ou maravilhoso êxtasi do santo Abade Pedro, que de viver em corpo esquecido, durou na suspensão de si próprio por espaço de setenta anos, na melodia de um músico passarinho absorto; quasi em misteriosa atestação da verdade Del Rei David, que mil anos na presença do Altíssimo são como o dia de ontem, já pretérito. Todos estes decantados sucessos expõem com uma suavidade métrica, assim valente, com uma valentia assim suave, que bem mostra temperada na harmonia dos seus Cantos por uma arte mui nova, a acrimonia do sal que tem de Marina, com a doçura do açúcar que gozam de Clemência, porque tudo nestes Cantos é delícia, tudo é graça. E o que mais avulta é, que em tudo excita umas terníssimas, e impacientes saudades do eterno, à vista do temporal, que os austeros Anacoretas desprezaram, fugindo dos povoados para os desertos, das criaturas para o Criador, de si para Deus.

Aparou de novo no terceiro Tratado a pena para a composição do seu Histórico Enigmático; e com mistério; porque se aparada fica a pena fina, de mui fina pena necessitava a Autora, para tanto compreender em tão pouco. O aparo da pena quando fino, recolhe em menos papel mais letras, em curtas margens dilatadas escrituras; e esta foi da Autora deste Tratado a indústria de aparar a pena, para apurar a veia na ressunta. Sendo Enigmático este seu Histórico Tratado, é de sorte inconfuso, e claro, que é uma noite de Sol, disfarçada em uma mão de sombra. Assim o define, e com discreta reflexão, sua mesma Autora; porque tantas, e tais mãos de luz deu à sombra, que a fez brilhar como o Sol. A mulher asseada para dealbar a parede escura, tantas mãos lhe repete de branca cal, que a deixa clara. Nunca o Laconismo saiu à luz com história de tantas maravilhas, em tão abreviadas sílabas compendiada. Nem os problemas de Sansão, nem os enigmas da Rainha da Etiópia encerravam tantos mistérios, em tão resumidos Sacramentos, que quasi sem acidentes de palavras, significam substâncias de não fácil explicação. Sirva-nos de exemplo um dos seus exemplos. João Montanhez (assim denomina ao Bautista) já quando menino grande, e grande na presença do Altíssimo, onde tudo é pequeno, e avulta pouco, coube muito por inteiro, em um brevíssimo dístico desta enigmática Escritura. Feliz engenho, que em um dedo, sabe copiar um gigante: reduzir a uma unha, um Leão; e recolher a uma concha, um mal.

Conclui finalmente a Autora no quarto Tratado toda a sua obra com um Flos Sanctorum, no qual, do Rei dos Santos Cristo Senhor nosso, da Rainha Mãe, Maria Santíssima, Patriarcas, Apóstolos, Mártires, Pontífices, Monges, Príncipes, Penitentes, e Virgens, dá uma geral notícia: Crónica, muito para lida, e mais para imitada. Todo o quadro deste livro é um [...] ¹³⁵ de flores de Santos; mas este quarto Tratado, é a flor dos Santos todos. Em cada ramo da árvore da vida da virtude, se encontram nesta Sagrada Crónica, por virtude da coroa da ciência da Autora muitos frutos dos milagres, triunfos, e operações da santidade. Jacta-se pela boca do Eclesiástico a sabedoria de Deus, de serem frutos as

¹³⁵ O exemplar que se consultou tem uma mancha sobre esta palavra que impossibilita a sua percepção.

suas flores; e fez a ciência da Autora, que todas as flores das virtudes dos Santos fossem frutos deste seu Tratado. Duvido, se encontre na terra Paraíso de tão curto campo, com tão copioso fruto. Refere as vidas dos Santos em geral, como se em particular as descrevera; e quasi individua a cada um, quando genericamente trata de todos. Procedeu com estilo de boa Dialética, costumada a contemplar razões comuns dos particulares abstratos, como todos inclusos nos géneros, ou espécies de que tratam os Lógicos. Sendo porém natural toda a Filosofia da Autora, passa na sua pena por uma Teologia moral, como toda ordenada, a bem morigerar os Leitores deste Livro, último fim do seu estudioso e louvável emprego.

Diga-se muito embora, que no nascimento de Minerva, da cabeça de Júpiter gerada, e nascida, chovera o Céu grãos de ouro na Ilha de Rodes; que sem Mitologia, ou fábula, disse bocados de ouro na Ilha de S. Miguel a Minerva da nossa Insulana, quando das mãos, e cabeça lhe nasceu este livro muito do Céu. É S. Miguel o primeiro dos Serafins, que à Ilha desta Seráfica Insulana deu o nome; e sem dúvida, que dá grande nome àquela Ilha este Serafim com semelhante obra. E tão grande, que pelo número dos volumes, que sabemos, compreende neste o de Terceira: de Graciosa, pelo estilo; de Flores, pelo ornato; e da Fortunada, pelas venturas que mostra, aos que seguem pelo desprezo do Mundo, e apreço, das virtudes o caminho do Céu.

Este tesouro de erudição, recreação, e devoção, escondido no campo da humildade de sua Autora, heroína das que Salamão desejava achar de boas riquezas: *Mulierem bonam, Mulierem devitiarum*. Descobriu casualmente, segundo refere, Silvano das Ondas, que do seu bem louvavelmente afeiçoado, intenta participá-lo ao interesse comum, zelo para mais remunerado, que com a licença que pede para fazê-lo. Mal entenderia Marina, que as Ondas lhe revelassem, e descobrisse Silvano ao Mundo os segredos, que lá das silvas dos mais recônditos bosques, e solitários montes apostilara, com ânimo de os deixar no silêncio da sua pena em algum cantinho da sua cela. Se prevalece porém ao particular o cómodo público, sofra Marina como Religiosa esta, não injuriosa ofensa; e console da sua queixa o pesar com a doutrina do Evangelho, que condena por ilícito, esconder o talento na terra, e por consequência o Céu no mar; e para nesta parte desvanecer todo o ar da vanglória, basta, e ainda sobra, que o fogo do zelo de Silvano, semelhante nesta resolução ao de Elias, tomasse sobre seu nome dar esta obra à estampa, como sabedor, de que por glória de Deus se devem deixar ver dos próximos as obras quando são boas.

Além de que, pondo Silvano das Ondas, como pessoa de bom gosto, e eleição, esta obra aos santíssimos pés da Virgem Mãe, que dos aflitos é a consolação, grande motivo deixou à humildade de Marina para satisfazer-se, de que a sua pena voasse tão alto, sem que agitada do vento da vaidade desse consigo por terra. Antes do título do Carmo, que de todos os da Mãe de Deus escolheu, colijo eu, se animara Marina a participar-nos mais de suas obras; porque segundo dos significados do Carmo desentranhou o insigne Mantuano, seu Professor, vale tanto seu nome, como espiga verde: *Carmelas, spica viridis*. Cor, que me deixa na esperança, de que ainda o Céu por benéfico influxo da Virgem Senhora nos há de comunicar mais, de semelhantes empregos da muito Religiosa Madre Marina Clemência. Como pois este seu livro, não envolva mais de um saudável pasto das ovelhas de Vossa Ilustríssima Reverendíssima, como também de todo o rebanho da Igreja Católica, condigno me parece do beneplácito de Vossa Ilustríssima Reverendíssima, para que Silvano das Ondas o possa conferir à pública luz, e utilidade comã. Assim o sinto, e subscrevo¹³⁶.

Carmo de Lisboa ocidental, 20 de abril de 1731.

¹³⁶ No original, *sobscrevo*.

Fr. João do Sacramento.

Vista a informação pode-se imprimir o Livro, de que se trata; e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença que corra. Lisboa ocidental, 23 de abril de 1731.

Gouveia.

Do Paço.

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Doutor Fr. Manuel Bautista de Castro, Monge de S. Jerónimo, e professo do Real Mosteiro de Belém, Lente de Teologia.

Senhor

Estas prodigiosas composições escritas em Místicos Diálogos, e Poéticos elogios dos mais relevantes Astros da Santidade de que Vossa Majestade me manda entrepor parecer, suposto vem com o nome de Marina Clemência, é a Autora destas obras, e de muitas outras que tem escrito, Sor Maria do Céu Religiosa no virtuosíssimo Mosteiro da Esperança desta Corte, sem embargo de virem desconhecidas com este nome, não descobrindo este véu com que vem ocultas, como fez Hipérides, célebre Orador dos Atenienses, quando se viu obrigado a julgar a Friné, me persuado serem estas obras de tanto luzimento, que a olhos fechados merecem mais admirações do que censuras, por resplandecerem estrelas daquele luzidíssimo Céu, que ainda que oculto, e disfarçado, bem se dá a conhecer por um elevado firmamento, mostrando nas singulares obras, que compõem na Esperança, que não só é Religiosa de muitas esperanças, mas que sabe desempenhar todas as esperanças, que do seu grande talento, e erudição tiveram os mais doutos entendimentos, que viram as suas obras, que ocultou sempre a luz superior da sua inestimável modéstia, que se deve fazer manifesta pelo prelo, descobrindo-se este preciosíssimo tesouro para a veneração de todos, e para que todos se enriqueçam com as suas erudições; e sem lisonja posso afirmar a Vossa Majestade, que examinar o precioso destas obras como luzes de tão alto firmamento, se poderá julgar mais temeridade que acerto, porque é tão grande o seu respeito, e estimação, que o querer censura-las é tanto como intentar subir sobre os Céus Planetários, e sobre o mesmo Sol, fonte das luzes, porque as Estrelas deste firmamento tem tanto luzimento, por ser tão alta a sua elevação, que se acreditam incompreensíveis, e por esta razão tão admiráveis que fazem suspender todas as penas, e todas as línguas, e só despertar as da Fama, por se manifestarem estas composições milagres estupendos da natureza, por serem todas sobrenaturais, como mostram na ilustração das ciências de que se vem exornadas em tão grande número, que esta sua imensidade faz dificultosíssima toda a censura.

Grande foi o desvelo dos Astrólogos em quererem compreender o número das Estrelas do oitavo Céu, e chegaram pela nova calculação, e reduzirem-nas ao número de mil e duzentas e vinte e cinco, dividindo estes preclaríssimos diamantes em quarenta e oito constelações, e Asterismos, que é onde pode chegar a vista humana, ainda que seja de um liceu, mas as Estrelas que se admiram no Céu destas luminosas composições, não admitem os atrevimentos da Astrologia, por serem tantas, e tão altas as de que se compõe este vastíssimo firmamento, que só admitem pasmos, e admirações.

As primeiras Estrelas que resplandecem neste oitavo Céu, são as obras de Misericórdia em místicos Diálogos expostas. Nestas Estrelas não se vê doutrina, que não seja muito importante a todos os Reinos do Mundo, porque as obras de Misericórdia exercitadas são Estrelas, que asseguram todas as felicidades, que este é o fim para que a discreta Autora as escreveu, com tanto luzimento, procedido

da sua grande virtude, para que os vassallos de Vossa Majestade exercitando-as conseguissem todo o agrado Divino, que é a maior felicidade, porque como fiz S. Gregório Nazianzeno, estima Deus sobre todas as obras as da Misericórdia: *Nullus omni no cultus Deo perinde gratus est, ac Misericordia*.¹³⁷

Dos Romanos era Lei expressa, que nas festas Saturnais se remediasssem pobres, como escreve Luciano. Dos Monarcas diz Séneca o Trágico, que é obrigação da sua grandeza esta magnificência: *Hoc Reges habent magnificum atque ingens nulla quod rapiet dies prodesse miseria*¹³⁸, continuando os seus professores Régios, e subindo a tão alto ponto o seu prémio, que fez que todos os que forem mais humanos em a exercitarem, pareçam mais Divinos.

Remedar a sede também os Romanos o tiveram por costume, e lei, gastando o Senado grandes erários nos Aquedutos¹³⁹, e Fontes, porque consta-se fizeram em Roma Aquedutos para dezanove águas, sendo a primeira a Ápia trazida a Roma para o Capitólio por Cláudio Ápio, a Cláudia pelo Emperador Cláudio, que depois o Emperador Vespasiano reparou os seus Aquedutos. A Márcia por Quinto Márcio, e finalmente a Júlia, a Tépula, a Alsiatina, a Sabatina; e outras em que o Senado Romano gastou grandes Tesouros. A fonte chamada Félix, em que o Pontífice Sixto Quinto gastou nos seus reparos duzentos mil escudos, para que não faltasse esta obra de Misericórdia, por ser de grande valor, como se julgou do púcaro de água que trouxe aquele valeroso soldado a Alexandre Magno. Vestir os pobres também a gentilidade o teve por lei, por assim ser importante às Repúblicas, para que não se vejam as suas faltas nestes espetáculos, e se publiquem com descrédito como notou o Abulense: *Est opus Misericordiae provideri ad decentiam status*.

A Hospitalidade¹⁴⁰ a encomendou muito Platão nas suas leis, o Emperador Tito Vespasiano a exercitou, e o Emperador Juliano, e outros Monarcas a mandaram exercitar sendo de direito Civil, e Canónico senão falte a esta obra, como persuadem muitos Teólogos com meu Mestre Santo Tomás. Remir cativos também é obra muito importante aos Reinos, porque suposto que nos seus resgates se dispendam os seus tesouros, em cada um dos cativos resgatados conseguem os Monarcas melhores tesouros. Alexandre Magno dizia, que os seus tesouros eram os seus vassallos, e Sérvio Túlio preferiu os vassallos aos tesouros, porque sendo-lhe perguntado de quem necessitava mais, disse que de gente. Dos Sarracenos Árabes, e Tártaros escreve João Botero, que mais tem vencido com os homens, que com os tesouros, como escreve João Bodino. Todos os Senhores Reis deste Reino foram insignes redentores, e alguns exercitaram esta obra de remir cativos à custa da fazenda Real, e por concorrerem nela razões, não só políticas mas Católicas, que devem observar todos os Monarcas Católicos. Sendo esta a causa por que o Emperador Justiniano fez lei que para se remirem cativos se pudessem vender os tesouros da Igreja. Quanto aos presos, em Roma por se usar piedade com um preso foi a cadeia feita Templo, como escreve Plínio.¹⁴¹

Enterrar os mortos até os Gentios se empregavam nesta admirável obra, como diz Cícero, Demétrio, Ptolomeu, e Cresso foram insignes nesta piedosa obra de Misericórdia, por se persuadirem

¹³⁷ Nota lateral: "D. Greg. Nazian."

¹³⁸ Nota lateral: "Lucian. Dialog. Sen. In med."

¹³⁹ Notas laterais: "Julio Front. Lib. de Aqued. Roman. I hin. Jun. lib, Ed. 46. Alexand ab Alex I.6.c.11. Jux. Lip. de magnif. Rom. Lib. 3.t.3. Dempt. De A. qued. lib. 1.c.14. Hobispo de Haban grand. de Rom. p. 35. Quint. Curs vit. alex."

¹⁴⁰ Notas laterais: "Aulens Matth. Plat. de Legdial. 5. Text. Offic. Verb. Clem. L omnta Cod. de Epi. D. Th. de reg. Princil. I c 15. Quint. Curs. vit. Alex. Androv. Polit I. 3 c.21. Manuel Severim de Faria Razão de Estado Bodin. de Repub I.8.c2. L. Sicap. Bald in Lallud. Cod Sacrosa e Eccles. Plin. Hist."

¹⁴¹ Notas laterais: "nat. I 7. c. 33. Cicer. Tusc. Aulogel. I.10.c.18 Caeli Rodig. lib. 9.c. 47. Joan. Boadin de mirgent. Petrus Crinit. de ver. Disciplin Bverl no Theatr."

que ela era todo o crédito da sua República. O Egito despendeu¹⁴² para este efeito muito ouro na ereção das suas Pirâmides, e não pode ser contra a República, o que o Mundo adorou por maravilha. Dar bom conselho, ensinar os ignorantes, consolar os tristes, castigar os que erram, perdoar injúrias, sofrer as ignorâncias, e rogar a Deus por vivos, e defuntos, em todas as gentes, em todas as idades se viram leis que o mandaram observar.

Estas são as obras de Misericórdia, que a discreta Autora tem escrito, que me parece Vossa Majestade deve dar a licença que se pede para se imprimirem, porque neste Reino com este livro se levanta uma luzidíssima Ara à Misericórdia, semelhante àquela que se viu em Atenas, e em Roma, como refere Alexandre ab Alexandro¹⁴³, a qual serviu de grandes créditos a estas duas prodigiosas Repúblicas, como diz Pedro Gregório. Quanto oferecem, as obras de Misericórdia muito importantes às Repúblicas, o disse o Príncipe da eloquência Latina: *Misericordiam utilitatem esse ad opem serendam, & calamitates hominum sublevandas*.¹⁴⁴

Os maiores edifícios que um Monarca pode levantar no seu Reino para se fazer grande no Mundo, e no Céu, são as obras de Misericórdia, porque estas obras dão maior crédito, e eternizam mais aos Monarcas do que aquelas, que eles lhe parecem, que os podem fazer memoráveis, porque estas obras excedem aos mais sublimes colossos, aos mais relevantes Arcos triunfais, aos mais admiráveis Templos, e aos mais magníficos Palácios, manifestando estas obras de Misericórdia serem de tanto crédito, que só elas fazem despertar os clarins da Fama, e falarem as suas cem bocas, e as suas cem línguas, sendo todas elas muito conformes com o génio de Vossa Majestade, porque em todas estas obras o reconhece o Mundo por Monarca incomparavelmente misericordioso, porque todas estas obras se vem que Vossa Majestade está continuamente exercitando, não só com os seus vassallos, mas com os estrangeiros para glória de Portugal, pois lhe deu Deus um tão grande Rei, e para assombro de todo o Mundo.

Consta mais este volume de um Poema do Ilustre Primaz do Ermo S. Paulo I Eremita: a sua vida escreveu o Máximo Doutor da Igreja meu Senhor S. Jerónimo, e suposto que Genádio diga que é de Evágrio, se enganou, como afirmam os Eminentíssimos Cardeais César Barónio, e Belarmino, e outros Escritores de grande crédito¹⁴⁵: a Autora segue esta opinião como doura, e com grande acerto me manda Vossa Majestade censurar este Livro, que como filho de tão grande Pai a defenda, pois é obrigação dos filhos defender, e honrar os pais. Esta vida de S. Paulo primeiro Eremita escreveu em verso na língua Castelhana D. Bartolomeu Cairasco no Templo militante em noventa e duas oitavas. Na língua Francesa o celebrou aquele grande Poeta, e Político, que mereceu as estimações del Rei Luís XIV no seu Santoral Poético. A Autora a todos excedeu, não só na locução da altiloquência da sua Poesia, e figuras da Retórica, mas nos altíssimos conceitos, e figuras imaginárias, aparentes, e verdadeiras, com que adorna, e ilustra os versos de que se compõe este seu Poema, que parecem inspirados por superior inteligência, atégora não vistos na língua Portuguesa.

O Poema do Abade Pedro, que floresceu¹⁴⁶ no Mosteiro de Vilar, não é inferior, poetiza a história com toda a verdade, seguindo os historiadores que escreveram, como foram D. Rodrigo da

¹⁴² No original, *dispendeu*.

¹⁴³ Nota lateral: "Alex ab Alex. I.2.c.I. Petr. de Rep. I.13.c.22."

¹⁴⁴ Nota lateral: "Lucian. Dialog. Sen. In med."

¹⁴⁵ Notas laterais: "Cesat Baron. adan Christ. 253. tom. 2. Bei Sarm. de I scrip Ece ab an. 300. pag. 93. Surio tom. I. p. 216. Rot. ap. 17 & Ecclip.

¹⁴⁶ No original, *floresceu*.

Cunha¹⁴⁷, Jorge Cardoso, Fr. Leão de Santo Tomás, e o P. Francisco de Santa Maria no Céu aberto. Vendo-se também outro Céu aberto nestas composições para manifestar a glória dos Santos, o qual sendo oitavo Céu, é Empíreo remontando-se sobre todos nestas singularidades, preeminências.

Dos Céus disse Platão, e outros Filósofos, que se moviam com suavíssimas, e harmoniosas consonâncias: *Caelum perpetuo consensu suorum motuum redidit harmoniam suavissimam*. Estas harmoniosas consonâncias, vemos neste luzidíssimo Céu, em estas composições prodigiosas, que se enganara Anaxágoras, julgando que este Céu era o que ele contemplava.

É tão grande a doçura, e suavidade destes versos, que parecem de Marino; qualquer dos Poemas se pode julgar por Adónis porque Marina não só sabe tocar as liras de Marino, mas as de Apolo, e se pode dizer de Marina o que se disse de Marino.

Maron in Mundo & non Marin l'appelli.

Porque Marina Clemência na elegância foi outro Virgílio, e na suavidade com que escreveu os versos se pode julgar por outro Ovídio, podendo-se-lhe dizer o que Ângelo Policiano disse deste grande Poeta.

*Ipsa locum late sancto Cytharea liquore,
Irrorat nivea terque quaterque manu.
Vos quoque Periades vasi labrastis adeto,
Carmina, sed nostro non referenda sono.*

Porque as harmoniosas consonâncias com que suavizou a Poesia parece que nesta discreta Autora não só ressuscitou Deus ao grande Virgílio, e Ovídio, mas a prodigiosa Safo, a entendida Argentina, a elevada Argiva, a altiva Tesálides, a prodigiosa Pola, a douta Cassandra, a discreta Paracila, a harmoniosa Corina, e a suavíssima Tebana, e outras insignes Matronas que assombraram o Mundo com a Poesia. Excedendo a todas as que honram a Portugal com o seu espírito Poético, como foram Joana Vaz, Laura Maurícia, Beatriz da Silva, Dona Bernarda Ferreira de Lacerda, Maria de Mesquita, Dona Maria de Luna, Cecília do Espírito Santo, Helena da Silva, Dona Isabel de Castro, Francisca da Coluna, Dona Helena da Paz, Antónia de S. Caetano, Paula de Sá, Dona Isabel Correia, e Violante do Céu, sendo a nossa discreta Autora novo Céu, e mais superior, que este, como mostram as suas harmoniosas composições, que a todas deixam escurecidas na singularidade, e na elegância. Este é Senhor o meu parecer a respeito destas composições, que merecem a licença que se pede para crédito deste Reino, porque conforme Quintiliano as ciências, e virtudes são de maior estimação em as mulheres do que nos homens: *Admirabilior in femina quam in viro virtus* para que o Mundo saiba estimar aos Portugueses, pois até as suas matronas são discretíssimas. Vossa Majestade mandará o que for servido, que eu sempre venerarei pelo maior acerto.

Belém, 30 de maio de 1731.

Fr. Manuel Bautista de Castro

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário; e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar¹⁴⁸, e sem isso não correrá.

¹⁴⁷ Notas laterais: “D. Rodr. da Cunh. Hist. de Brag. p. Gen. Cardos. Agiol. tom. I. Beneditin. Lus. Tom. I. Céu Ab. pag. 364.Ib. 2c2. Platão Phil. ob. Marcp. Etal: in Falc Ma. Lad. rin. i. Po Aug lic d. La u e. Ouvid.”

¹⁴⁸ No original, *taixar*.

Lisboa ocidental, 2 de junho de 1731.

Pereira.

Teixeira.

[índice]

Índex

Pastores de Clemência

Primeira Parte

Misericórdia I	Pág. 2
Misericórdia II	Pág. 13
Misericórdia III	Pág. 25
Misericórdia IV	Pág. 30
Misericórdia V	Pág. 42
Misericórdia VI	Pág. 52
Misericórdia VII	Pág. 71

Pastores de Clemência

Segunda Parte

Misericórdia I	Pág. 85
Misericórdia II	Pág. 13
Misericórdia III	Pág. 25
Misericórdia IV	Pág. 30
Misericórdia V	Pág. 42
Misericórdia VI	Pág. 52
Misericórdia VII	Pág. 71

Primaz do Ermo S. Paulo Eremita

Canto I	Pág. 196
Canto II	Pág. 203
Canto III	Pág. 210
Canto IV	Pág. 217
Canto V	Pág. 224
Canto VI	Pág. 232
Canto VII	Pág. 238

Ave Peregrina

Canto I	Pág. 246
Canto II	Pág. 259
Canto III	Pág. 273
Canto IV	Pág. 283
Canto V	Pág. 297
Histórico Enigmático	Pág. 307
Flos Sanctorum pequeno	Pág. 308

Flos Sanctorum Geral

Introdução	Pág. 326
Vida de Cristo S. N.	Pág. 327
Vida da Virgem N. S.	Pág. 329

Vida do Precursor Bautista	Pág. 330
Vida dos Santos Apóstolos	Pág. 331
Vida dos Santos Mártires	Pág. 333
Vida dos Santos Pontífices	Pág. 334
Vida dos Santos Patriarcas	Pág. 335
Vida dos Santos Príncipes	Pág. 336
Vida dos Santos Monges	Pág. 338
Vida dos Santos Eremitas	Pág. 339
Vida dos Santos Virgens	Pág. 340
Vida dos Santos Penitentes	Pág. 341

Vida de Santa Doroteia resumida em oito oitavas, que se repartem em oito Capítulos

Capítulo I. Sua Pátria	Pág. 343
Capítulo II. Sua Educação	Pág. 344
Capítulo III. De como o Tirano mandou atormentar ¹⁴⁹ a Santa	ibi.
Capítulo IV. De como o Tirano mandou entregar a Santa Caliste, e Cristeta	Pág. 345
Capítulo V. De como levaram a Santa ao Martírio	ibi.
Capítulo VI. Da morte da Santa	Pág. 346
Capítulo VII. Da Conversão de Teófilo	ibi.
Capítulo VIII. Do Martírio de Teófilo	Pág. 347

Doroteia, e Teófilo em Metáfora Pastoril

Canto de Thea, e Filo	Pág. 348

Sobre as palavras do Padre António Vieira

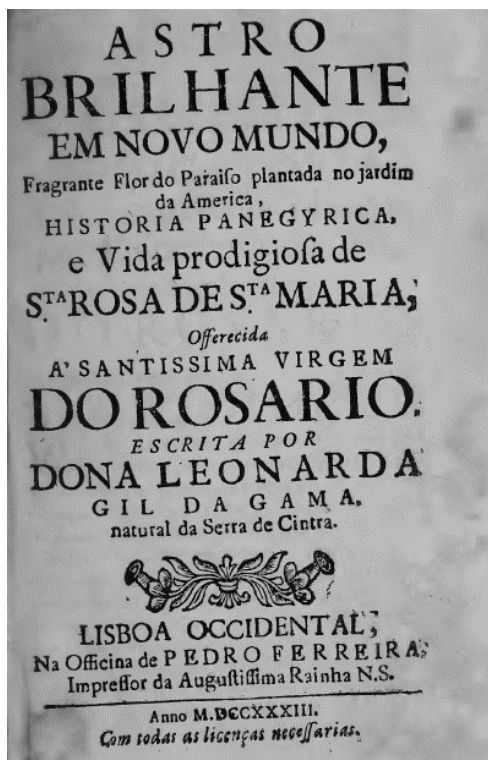
<i>Tudo passa para o tempo, nada passa para a conta</i>	Pág. 353
Seis Oitavas ao mesmo assunto	ibi.

[informações adicionais]

Fica-se imprimindo a terceira Parte.

¹⁴⁹ No original, *atormentar*.

Anexo 14 – Astro brilhante em novo mundo, fragrante flor do Paraíso plantada no jardim da América, história panegírica e vida prodigiosa de Santa Rosa de Santa Maria (1733)



[frontispício]

Astro brilhante em novo mundo, fragrante flor do Paraíso plantada no jardim da América, história panegírica e vida prodigiosa de Santa Rosa de Santa Maria, oferecida à santíssima Virgem do Rosário.

Escrita por D. Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra.

[gravura]

Lisboa ocidental, na oficina de Pedro Ferreira, impressor da augustíssima rainha N. S.

Ano MDCCXXXIII.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

Dedicatória à soberana rainha dos anjos, imperatriz¹⁵⁰ do Céu, e Senhora do Rosário.

Ao mais alto sagrado das vossas aras, se atreve, rainha dos anjos, este pequeno sacrifício, se indigno pela forma, sublime pela matéria. Não chegou a pobreza do meu discurso a descrever mais que as sombras, para que de vós, como soberana protetora recebas as luzes. Esta que no fragrante

¹⁵⁰ No original, *emperatriz*.

jardim do vosso rosário foi rosa sem espinhos, vota hoje nos altares do respeito o meu rendimento prostrado, para que mereça por vós o que perder por mim. Vós que sabeis a causa, que me animou à empresa, a defendereis da censura, pois é duas vezes vossa a obra, pelo culto que em vida vos tributou vossa serva Rosa, e pelo amparo, que depois de morta, buscou em vós a sua vida, com que desejo aumentar os seus devotos, e de que na glória se dem a vós, e a Rosa os louvores. Amen.

[prólogo]

Ao leitor

Leitor amigo, este livro que nas tuas mãos abriu a curiosidade, detenha nos teus olhos a devoção, que não perde o diamante por bruto o valor de fino, ainda que lhe rebuce o ser a tosca sombra, em que nasce; não importa seja rasteira a pena, que o escreveu, se é sublime o impulso, que o ditou, que um ânimo agradecido até de uma flor faz voto. Se te parecer temeridade a empresa, lembra-te que nas asas da obrigação levantou os voos o desejo, sem temor do precipício, e desculparás o arrojo, sem dar exercício à calúnia, que deve emudecer, respeitando a proteção.

Vale.

[textos laudatórios]

Em louvor da autora

Soneto

De Rosa as maravilhas faz notórias
Ao mundo este volume, que escrevestes;
E tão bem lhe aplaudistes as celestes,
Que até lhe ternizais as transitórias,

Nova vida lhe destes nas memórias,
Quando as altas virtudes lhe expusestes;
E nos sábios discursos, que fizestes
Hoje lhe aumentais as suas glórias.

Astro, e flor com saber o mais profundo
Ser Rosa nos mostrais, e novo aumento
Inda por vós recebe cá no mundo.

É sol vosso elevado entendimento;
Pois neste livro dá douto, e facundo
Vida às flores, aos astros luzimento.

De. D. José Gomes de Menezes

Em louvor da autora

Soneto

Este douto debuxo, que perfeito
Das virtudes ostenta os resplendores,

Sendo fruto belíssimo das flores,
É útil obra do melhor conceito.

Da história é ramilhete, que desfeito
Do Hibla da razão, forma em candores
Nas folhas um traslado dos fulgores,
Nas tintas um final da fé do peito.

Em cada letra pois a pluma inflama
À estrela o nome, à Rosa uma vitória,
Coroada uma de luz, outra de rama.

Seja o livro de pasmos à memória;
Pois para Rosa ter mais uma fama,
Foi preciso tivesse pena a Glória.

De António Barbosa Leitão de Siqueiros

Em louvor da autora

Soneto

Deste livro na ideia primorosa
Hoje este Astro luzido, esta Flor bela
Por vós lograra as durações de Estrela,
Se os alentos tivesse inda de Rosa.

Vida, que foi no mundo tão famosa,
Lhe duplicais agora ao descrevê-la;
Pois agora por vós, e então por ela
Duas vezes se admira portentosa.

Lograis do esquecimento uma vitória
Quando com sábio, se devoto intento
Conservais seus progressos na memória.

Completa a glória fez vosso talento;
Pois se não descrevestes esta história
Faltava à sua vida este portento.

De Alexandre António de Lima

À senhora Leonarda Gil da Gama, descrevendo a vida de Santa Rosa de Lima, com o título de Astro brilhante, em novo mundo, fragrante flor plantada no jardim da América

Soneto

Com elevado engenho, e subtileza,
Senhora, descreveis prodigiosa,
A Vida mais feliz da melhor Rosa,
Que produziu a humana natureza.

Lá da serra de Sintra esta empresa

Voando ao novo mundo gloriosa
Produz de Rosa luz tão copiosa,
Que a deus mundos ilustra com grandeza.

Mostra-nos uma Flor Astro brilhante.
De Rosa a vida escrita nesta história,
Única se há de ler sem semelhante;

Mas logre eterna estampa esta memória,
Em que da Autora a fama sempre cante
O louvor imortal, eterna a glória.

Do Padre Francisco Ribeiro de Miranda

Em louvor do livro

Soneto

Fragrante Flor, que em Astro refulgente
Te converteste luz da Santidade,
Para encheres o Céu da claridade,
Que deste em novo Mundo a estranha gente.

Bem que da glória no jardim luzente
Te revistas de eterna amenidade,
Na terra te cultiva a saudade,
Discreta devoção, pena eloquente.

Cá da Lua no monte, que subindo
Vai penetrar do Sol a esfera pura,
De outra Glória te ganha outro Astro lindo,

E em fé da duração, que lhe procura,
Quis consagrar-te nos cristais do Pindo
Doutos alentos de imortal cultura.

Do beneficiado Francisco Leitão Ferreira

À senhora Leonarda Gil da Gama, famosíssima escritora da vida de Santa Rosa de Lima, com o título de *Astro brilhante em novo mundo, fragrante flor do paraíso, plantada no jardim da América.*

Soneto

Astro, e Flor teu volume entre esplendores
Culto jardim teceu, famosa Gama;
Pois nos Astros com folhas breve chama;
Dará luz a notar-se, que são flores.

Elegante é vergel de mais primores,
Sem brutos vãos de vegetante rama,
Pois vagos monstros de gloriosa fama.
Cercam em tanta história os teus louvores.

Dele se coroou tua Heroína,
Que teu florido estilo na excelência
De tal jardim grinalda foi divina;

Mas tu teceste a alta preeminência;
Que nele ataste a Rosa peregrina
Com o argentado fio da eloquência.

De Félix José da Costa

**Em louvor da senhora Leonarda Gil da Gama, autora do livro da vida de Santa Rosa de Lima,
intitulado *Astro brilhante em novo mundo*.**

Soneto Encomiástico

Em nova esfera um Luminar flamante,
Em Pênsil novo a Flor mais primorosa,
Por vós hoje renasce aquela Rosa
Que hoje por vós reluz Astro brilhante.

Em Mundo novo com razão bastante
A Rosa transplantastes prodigiosa;
Pois se um de Rosa a morte viu gloriosa,
Por vós escrita a vida a dois¹⁵¹ espante.

Quando Astro, e Flor a Rosa nesta história
Nos reproduz Leonarda, o vosso empenho,
Também de vossas prendas faz memória:

Pois neste novo Mundo a encontrar venho,
Se Rosa Astro brilhante desta Glória,
Maravilha da terra ao vosso Engenho.

Do doutor António de Novais

Em louvor da autora

Soneto

Daquela Flor, que a América sublima,
E é penacho, que enfeita a vaga fama,
Que por fruto tornar o que foi rama,
Sendo Rosa se viu mudar em Lima:

Daquele Astro, que ao mais brilhante anima,
E é Vesúvio, onde a fé viva se inflama,
Que do seu coração, por Sol, se aclama,
Boca de Flora, pelo que é, se intima.

Águia feliz nos voos superiores,
Libando à Flor o néctar mais jocundo,

¹⁵¹ No original, *dous*.

Bebe no Astro a cópia dos ardores;

Para que unido o suave com o profundo,
Fique na admiração com mais primores
Águia ao Sol, Rosa ao Céu, Planeta ao Mundo.

De Brás José Rebelo Leite

Décima

Alcance imortal renombre
En el ámbito rotundo,
Aquella, que a nuevo mundo
Vuela en espíritus de nombre;
Que aunque su modestia el nombre
Haya en el prelo ocultado,
No puede quedar callado,
Sin que la Fama presuma,
Vuelo forma de la pluma
Donde el retiro es cuidado.

Del mismo

Em louvor da autora

Décimas

I

Neste livro, se o soletras,
Verás Leitor sem escolhas,
Que sendo frutos as folhas,
São todas flores as letras;
Porque se bem o penetras,
Lerás na frase sucinta
De cada rasgo, que pinta,
De dois¹⁵² prodígios a suma;
Pois de um pasmo é voz a pluma,
De outro assombro é eco a tinta.

II

É da virtude transunto,
Porém sendo admiração,
Parece que a narração
Faz mais heroico o assunto:
Doçuras, e luzes junto
Em esta História diviso,
Pois se vê em o conciso
Desta sábia heroica empresa,
Que da virtude a grandeza
Se ilustra com o juízo.

¹⁵² No original, *dous*.

III

Esse tempo não presuma
O consumir esta flama;
Porque da virtude a fama
Dura nos rasgos da pluma:
E fique esta sábia suma
Nos altares da memória,
Para os futuros com glória,
Que é, e assim o ordena,
Fruto da glória esta pena,
Cheiro da Rosa esta história.

Ao mesmo assunto

Quando discreta ocultais,
A glória que mereceis,
À fama que emudeceis
Novas línguas duplicais,
Nas esferas celestiais,
Se imprima com luzes belas,
Vosso livro, pois só elas,
Vos podem dar sem desmaio,
Para conceitos de raio,
Branco papel nas Estrelas.

De um Anónimo

À nobilíssima, e discretíssima senhora Leonarda Gil da Gama, na admirável descrição¹⁵³ da prodigiosa vida de Santa Rosa de Lima.

Epigrama

Esta, que de alto espírito ditada
Em raro estilo, história peregrina,
Pela escritora, e pelo assunto digna
De eterna estampa ao Evo consagrada.

Com rasgo igual, grandiloqua penada
Fina no culto, e na elegância fina,
Levar ao novo Mundo determina
A melhor Flor, a Luz mais ilustrada:

Cá donde o Mundo acaba, e o mar começa
Além do Mundo vague a História errante,
Sendo Sintra de Europa hoje a cabeça;

Para que à voz do método elegante
Rosa, qual Flor, na América floresça,
Resplandeça no Céu, qual Luz brilhante.

¹⁵³ No original, *discrição*.

À senhora Leonarda Gil da Gama, escrevendo a vida de Santa Rosa de Lima com o título de *Astro brilhante em novo mundo, fragrante flor do Paraíso plantada no jardim da América*.

Romance hendecassilábico

Renascido se admira em vossa pena,
Sábia Escritora, este Astro esclarecido,
Que em fragrâncias de flor banhando os raios
Foi das virtudes o mais próprio tipo.

Astro foi destinado ao novo Mundo;
Mas faltando este lustre ao Mundo antigo,
Quisestes para honrar a nossa Esfera
Tresladar esse assombro a seus distritos¹⁵⁴.

Essa Flor, que da América foi gala,
É já de Europa adorno, pois propício
A soube transplantar vosso talento
Para os jardins, que forma o vosso estilo.

Agora mais que nunca os lustres de Astro
Alcança na extensão de seus domínios;
Pois consegue nos voos desta pena
Rodear toda a Esfera com seus giros.

Agora mais de Flor dilata o cetro,
Porque a conduz a história dos desvios
De outra Esfera a reina sobre mais flores
Nos fragrantes pênsis de um Paraíso.

Já é da nossa Pátria Rosa aluna,
Porque neste volume peregrino
Se nos expõe tão vivo o seu carácter,
Que renasce o exemplar pelos escritos.

Mas que muito é que imite a Rosa em frases
Quem na vida a imitou, e tanto ao vivo,
Que a faltarem lembranças para a história
Em si mesma poderá dar-lhe auxílios?

Essa voz, que do ardor do peito nasce
Nos mostra na eficácia um claro indício
De que o peito imitar soube os acertos,
De que a voz descrever sabe os avisos.

Não são letras, mas luzes; nem são frases,
Mas flores as que exornam vosso livro;
Porque estão do argumento, e da Escritora

¹⁵⁴ No original, *destritos*.

Reverberando os dotes no artifício¹⁵⁵.

Rosa vos dá motivo a vossos lustres,
Vós de Rosa aos realces daí motivo;
E refletindo um Astro em outro, a ambos
Fica sendo comum este elogio.

Da Flor das Heroínas admiramos
Nele o carácter; mas ignora o juízo,
Vendo em vós os realces do argumento,
Se de Rosa, ou de vós formais o risco.

Uma, e outra ocultar do Nome o preço
Intentou, mas em vão: porque o destino,
Entregando-os à Fama, que os celebra,
Lhes não deixou lograr esses desígnios.

Formou a Fama as asas desta pena,
Desta história o clarim; porque preciso
Lhe foi para os pregões de dois¹⁵⁶ assombros
Buscar por instrumentos dois¹⁵⁷ prodígios.

Não se jacte este Mundo de que a Rosa
Com pensões de mortal lhe dera hospício;
Porque quando imortal lhe expõe a Fama,
Nesta Esfera por nossa a conseguimos.

Mas jacte-se o sublime Promontório,
Que deu a Cíntia no seu Templo abrigo,
De conseguir em vós tão feliz Astro,
Que fez casa do Sol este edifício.

Nem de balde a robusta prominência,
Escondeu lá nos âmbitos do Olimpo
Para dele baixar¹⁵⁸ um Astro ao Mundo
A florescer¹⁵⁹ do Claustro no recinto.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Eminentíssimo senhor

¹⁵⁵ No original, *artefício*.

¹⁵⁶ No original, *dous*.

¹⁵⁷ No original, *dous*.

¹⁵⁸ No original, *baxar*.

¹⁵⁹ No original, *floreecer*.

Manda-me V. Eminência ver o livro intitulado: *Astro brilhante, e vida de Santa Rosa de Santa Maria*; o que interponha¹⁶⁰ o meu parecer; com a maior atenção o li, e não posso deixar de dizer, que a admiração me suspende, a não dizer o que sinto, publicando somente que nele não acho coisa¹⁶¹ alguma, que encontre os dogmas da nossa santa fé católica, antes sim motivos muitos para inflamarem-se os corações dos católicos no divino amor, e assim me parece digno de se dar à estampa. V. Eminência fará o que for servido. S. Domingos de Lisboa, 17 de fevereiro de 1731¹⁶².

Fr. Manuel Coelho

Eminentíssimo senhor

Vi por ordem de V. Eminência este livro, que é o de *Astro brilhante, e vida de Santa Rosa de Santa Maria*; e além de não achar nele coisa¹⁶³ alguma repugnante à nossa santa fé, e bons costumes; me parece ser muito pio, e devoto; e assim muito digno da licença, que se pede para a estampa. V. Eminência mandará o que for servido. Lisboa oriental em o Convento de Nossa Senhora da Graça, em 2 de março de 1731.

O mestre Fr. Manuel de Cerqueira, etc.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado: *Astro brilhante, etc.*, composto por Leonarda Gil da Gama; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 2 de março de 1731.

Fr. R. Alencastre.

Teixeira.

Cabedo.

Soares.

Do Ordinário

Pode-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa ocidental, 6 de março de 1731.

Gouveia.

Do Paço

Senhor

Manda-me vossa majestade ver o livro intitulado: *Astro brilhante, e vida de Santa Rosa de Santa Maria*, composto por D. Leonarda Gil da Gama, que é um rigoroso anagrama do nome de sua autora, e empenhando-se sempre o meu desejo em obedecer aos seus reais preceitos, neste agora foi para mim de especial gosto a sua observância. Vi, ou tornei a ver (por ter já a fortuna de o ter visto) esta excelente obra, que assim na matéria como na forma se compete igualmente, desmentindo ambas, a santa, e a autora, a fragilidade do sexo, e apostando virtudes, e elegâncias com os maiores corifeus da santidade, e da discrição. Na santa foram sem número as mortificações, as penitências, as perfeições, e os prodígios, que exercitou em toda a sua vida, as mais raras, as mais austeras, as mais admiráveis, e os mais estupendos. Na autora são inumeráveis os conceitos, as frases, as ponderações,

¹⁶⁰ No original, *intreponha*.

¹⁶¹ No original, *cousa*.

¹⁶² No original, *2731*.

¹⁶³ No original, *cousa*.

e os exemplos, todos profundos, todas puras, todas bem fundadas, e todos naturais, com que escreve, e trata esta mesma vida. E como em se fazer público ao mundo pela estampa este famoso exemplar de todas as virtudes, pode aquele conseguir a sua reforma, e com maior razão sendo-lhe insinuado por tão douda, discreta, e doce pena, não só é justo, é preciso que se persuada com mais este incentivo, para que ao mesmo tempo se inflame o coração na devoção da santa, e tenha mais este novo atractivo para a mesma devoção; principalmente não tendo coisa¹⁶⁴ que encontre o serviço de vossa majestade, antes pela sua matéria, muito de que a rua real piedade possa agradecer-se. Este é o meu parecer.

José Soares da Silva.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar¹⁶⁵, e sem isso não correrá. Lisboa ocidental, 16 de março de 1731.

Pereira.

Bonicho.

Rego.

[errata]

Erratas

Página	Erros	Emendas
63, reg. 20	Capitulo	Capitulo
	E assim este que é o 7 como o 3 vão duplicados.	
78, reg. 12	Abram	Abraão
97, reg. 13	Capítulo 20	Capítulo 10
140, reg. 24 e 25	Não tem parêntesis, que lá se pôs por erro.	
152, reg. 3	a serra	a sorte
172, reg. 27	para aquela	para aquela parte
e reg. 30	se detiver se	se detivesse
186, reg. 24	pramto	pranto
203, reg. 25	Terra de Premissão	Terra da Promissão
213, que erradamente se pôs	mلاغroso	milagroso
132, reg. 1		
214, reg. 12	se despeje	se despoje
e reg. 24	movimeutos	movimentos
235, reg. 15	facilijar	facilitar
e reg. 18	cuydtva	cuidava
262, reg. 9	rudicundo	rubicundo
272, reg. 7	dispende	depende
274, reg. 23	asperamente	novamente
314, reg. 7	e achar se	e achando-se

¹⁶⁴ No original, *cousa*.

¹⁶⁵ No original, *taixar*.

Índex dos capítulos que contém este livro

Capítulo I	Pais, e pátria de Santa Rosa.	Página 1
Capítulo II	Faz Santa Rosa voto de castidade.	Página 6
Capítulo III	Da obediência que a Santa teve a seus pais.	Página 13
Capítulo III ¹⁶⁶	Como a Santa alcançou licença para se vestir de pano grosseiro.	Página 22
Capítulo IV	Da maravilhosa negação da própria vontade.	Página 27
Capítulo V	Entra Santa Rosa na vida de terceira de S. Domingos.	Página 35
Capítulo VI	Do baixo conceito que Santa Rosa fazia de si.	Página 44
Capítulo VII	Do estreito jejum que a Santa observava.	Página 56
Capítulo VII	Dos rigores com que a Santa afligia seu corpo.	Página 63
Capítulo VIII	Da rigorosa coroa que atravessou a cabeça da Santa.	Página 75
Capítulo IX	Do rigoroso leito em que a Santa tomava brevíssimo sono.	Página 85
Capítulo X	Edifica Santa Rosa uma estreita casinha para sua habitação.	Página 97
Capítulo XI	Dos ditosos desposórios de Santa Rosa com Cristo.	Página 113
Capítulo XII	Da perfeita união com Deus.	Página 124
Capítulo XIII	Das tenebrosas escuridades que padeceu esta ditosa alma.	Página 136
Capítulo XIV	Como foi examinado o espírito de Santa Rosa.	Página 143
Capítulo XV	Da familiaridade que teve com Deus, e sua Mãe santíssima.	Página 149
Capítulo XVI	Da familiaridade que teve com os anjos, e combates com o demónio	Página 161
Capítulo XVII	Do valor com que sofria os trabalhos de que enfermava.	Página 175
Capítulo XVIII	Do ardente amor de Deus que se ateava no coração de Santa Rosa.	Página 184
Capítulo XIX	Sua uma imagem de Cristo a instâncias da oração de Santa Rosa.	Página 197
Capítulo XX	Dos favores que recebeu da santíssima Virgem Maria.	Página 204
Capítulo XXI	Da devoção que teve à santa Cruz, e dos favores que recebeu de Santa Caterina de Sena.	Página 214
Capítulo XXII	Da reverência que teve ao Santíssimo Sacramento, e como se habilitou para o martírio.	Página 223
Capítulo XXIII	Do zelo que teve da salvação das almas, e dor no infelice estado da culpa.	Página 238
Capítulo XXIV	Da misericórdia que teve com os pobres.	Página 249
Capítulo XXV	Da confiança em Deus com a qual remediava as aflições do próximo.	Página 258
Capítulo XXVI	Sabe Santa Rosa por revelação a fundação de um mosteiro na cidade de Lima.	Página 270
Capítulo XXVII	Como Deus acreditou a sua serva com o dom de profecia.	Página 280

¹⁶⁶ O livro tem dois capítulos III, tal como tem dois capítulos VII.

Capítulo XXVIII	Rosa profetizou sua morte, e se preparou para a última jornada.	Página 292
Capítulo XXIX	Último desmaio, e feliz trânsito de Santa Rosa.	Página 303
Capítulo XXX	Do que passou depois do seu ditoso trânsito.	Página 308
Capítulo XXXI	Como se trasladou o santo corpo para mais digno monumento.	Página 316

Anexo 15 – Parnaso lusitano de divinos, e humanos versos (1733)

**PARNASO
LUSITANO**

DE
DIVINOS, E HUMANOS VERSOS,
COMPOSTOS

PELA MADRE SOROR
VIOLANTE DO CÉU
RELIGIOSA DOMINICA NO

Convento da Rosa de Lisboa,

DEDICADO

A' SENHORA SOROR
VIOLANTE DO CÉU
RELIGIOSA NO CONVENTO DE

Santa Martha de Lisboa.

PRIMEYRO TOMO.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina DE MIGUEL RODRIGUES

Impressor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXIII.

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na mesma Officina na rua da Metade às
Portas de Santa Catharina.

**PARNASO
LUSITANO**

DE
DIVINOS, E HUMANOS VERSOS,
COMPOSTOS

PELA MADRE SOROR
VIOLANTE DO CÉU
RELIGIOSA DOMINICA NO

Convento da Rosa de Lisboa,

DEDICADO

A' SENHORA SOROR
VIOLANTE DO CÉU
RELIGIOSA NO CONVENTO DE

Santa Martha de Lisboa.

SEGUNDO TOMO.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina DE MIGUEL RODRIGUES

Impressor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXIII.

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na mesma Officina na rua da Metade às
Portas de Santa Catharina.

[frontispício]

Parnaso lusitano de divinos, e humanos versos, compostos pela madre Soror Violante do Céu religiosa dominica no Convento da Rosa de Lisboa, dedicado à senhora Soror Violante do Céu religiosa no Convento de Santa Marta de Lisboa.

Primeiro tomo.

[arabesco]

Lisboa ocidental,

Na officinal de Miguel Rodrigues impressor do Senhor Patriarca.

MDCCXXXIII

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na mesma officina na Rua da Metade às portas de Santa Catarina.

[dedicatória]

À senhora Soror Violante do Céu

Religiosa no Convento de Santa Marta de Lisboa.

Considerando eu, a quem dedicaria estas devotas poesias da madre Soror Violante do Céu, religiosa dominica em o Mosteiro da Rosa de Lisboa, posto que muitos patronos se me propuseram, me lembrei, que a pessoa de vossa mercê pelo estado, que felizmente logra, e pela identidade do nome, com que singularmente se apelida, fazia uma quasi fatídica, e bem proporcionada harmonia

para o acerto da minha eleição: pelo que deixando de parte outras circunstâncias (a principal das quais é dever eu ao senhor seu pai uma estreitíssima amizade, acompanhada de especiais obrigações), me animei a honrar esta edição com dedicar a vossa mercê as ditas poesias, para que com tão grande patrocínio, e livres do esquecimento, a que já estavam condenadas, respirem alentos da fama, que merecem, lendo-se no frontispício os nome do mecenas, e da autora, por que assim na imortalidade de um terá o outro os eternos públicos aplausos, de que tanto se fez digno o espírito, que as influiu, e a pena, que as escreveu. Deus guarde a vossa mercê prósperos, e dilatados anos.

Miguel Rodrigues.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Vistas as informações, podem-se imprimir as obras de Soror Violante do Céu; e depois de impressas tornarão para se conferir, e dar licença que corram, sem a qual não correrão. Lisboa ocidental, 8 de agosto de 1727.

Fr. Rodrigo de Lancastro.

Cunha.

Teixeira.

Silva.

Cabedo.

Do Ordinário

Vista a informação pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 23 de fevereiro de 1728.

Gouveia.

Do Paço

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa ocidental, 3 de maio de 1733.

Pereira.

Teixeira.

Rego.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. Lisboa ocidental, e Congregação do Oratório, 25 de junho de 1733.

Padre Manuel Conciência.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 26 de junho de 1733.

Fr. Rodrigo de Lancastre.

Cunha.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Visto estar conforme com o original pode correr. Lisboa ocidental, 26 de junho de 1733.

Gouveia.

[taxa]

Taxam¹⁶⁷ este livro em 300 reis, e à segunda parte em 350 reis. Lisboa ocidental, 27 de junho de 1733.

Teixeira.

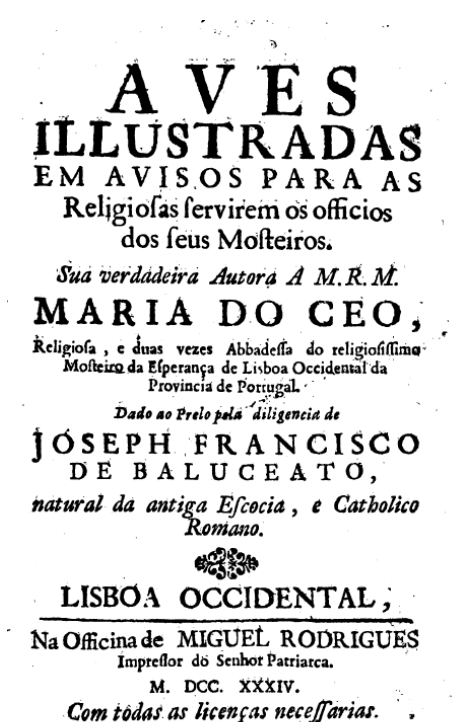
Rego.

[no fim]

Continua o sétimo coro, mas em segundo tomo, por este chegar a sua justa grandeza.

¹⁶⁷ No original, *taixam*.

Anexo 16 – Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros (1734)



[frontispício]

Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros. Sua verdadeira autora a muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal.

Dado ao prelo pela diligência de José Francisco de Baluceato, natural da antiga Escócia, e católico romano.

[arabesco]

Lisboa ocidental, na oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Senhor Patriarca.

MDCCXXXIV

Com todas as licenças necessárias.

[prólogo]

Advertência

Correm impressos três livros de oitavo, cujos títulos são os seguintes: *Fénix aparecida, vida de Santa Catarina virgem, e mártir* na Oficina Deslandesiana ano 1715; *A Preciosa, alegoria moral* na Oficina da Música ano 1731; *A Preciosa, obras de misericórdia* na mesma oficina ano de 1733. Destes três livros, deste, e de muitos outros, que se podem fazer das suas singulares obras, é sua verdadeira autora a muito reverenda madre Maria do Céu religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo

Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal, que pela sua grande modéstia, e muita humildade nunca quis usar do seu nome em as ditas obras, e só em algumas dava por autora a madre Marina Clemência religiosa de S. Francisco no mosteiro da ilha de S. Miguel, em cujo nome correm os três livros referidos, que por diligência de outras religiosas se passaram os traslados para fora do mosteiro a pessoas, que sabendo estimar o seu valor, os imprimiram à sua custa, sem que a sua autora o soubesse, senão depois de impressos. Escuso de ponderar o admirável de todas estas obras, porque nas aprovações, que delas fizeram os reverendíssimos padres mestres, e doutores, que por ordem do Santo Ofício, do Ordinário, e do Paço as reviram, acharam os curiosos, e espirituais a estimação, que delas fazem, e o subido grau, em que as põem, dando quasi todos a entender, sem o declarar, o nome verdadeiro de sua autora. Só o reverendíssimo, e sapientíssimo P. M. António dos Reis incansável descobridor da verdade, que sempre a mostra como estrela fixa entre tantas, e luzidíssimas estrelas, de que se compõe, e adorna o céu da Congregação do Oratório desta corte, foi o primeiro, que nomeou no seu livro dos epigramas a madre Maria do Céu por autora da *Fénix renascida*¹⁶⁸, primeiro livro, que das suas obras se imprimiu. Com esta advertência se restitui ao Mosteiro da Esperança a glória de ter criado uma religiosa de tão relevantes prendas, e à província de Portugal o crédito de ter uma filha, que faz parêlha com as maiores escritoras, que tem havido, e não falta quem diga que excede a muitas.

[índice]

Índex dos discursos, de que se compõe este livro

- I O pavão à prelada
- II A andorinha à vigária da casa
- III A chamariz à vigária do coro
- IV O pintassirgo à mestra das noviças
- V O pardal à madre das confissões
- VI O roxinol às sacristãs
- VII O galo à porteira
- VIII O papagaio à rodeira
- IX A pega à escritã
- X A rola à celeireira
- XI O ganso à provisora
- XII A pomba à enfermeira
- XIII A cegonha à refeitoreira
- XIV A coruja à roupeira

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Censura do reverendíssimo P. M. António dos Reis, da Congregação do Oratório, qualificador do Santo Ofício, examinador das três ordens militares, e académico da Academia Real da História Portuguesa.

¹⁶⁸ Tal como indicado no início do texto, o título correto será *Fénix aparecida* e não *renascida*.

Eminentíssimo senhor

O livro intitulado *Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos*¹⁶⁹ *seus mosteiros*, de que é autora a reverenda madre Maria do Céu, religiosa do Mosteiro da Esperança, está cheio de ditames tão santos, e escrito com tanta discrição, e piedade, que se faz merecedor da luz pública, que com tanto zelo lhe procura José Francisco de Baluceato. É o que me parece, V. Eminência mandará o que for servido. Lisboa ocidental, e Congregação do Oratório, 26 de março de 1734.

Censura do reverendíssimo P. M. Fr. António de Santa Maria, religioso da Real Congregação dos agostinhos descalços, ex-prior do Convento de Monte Olivete, qualificador do Santo Ofício, examinador das três ordens militares, e do priorado do Crato.

Eminentíssimo senhor

Como Deus para se ostentar admirável em suas criaturas, permitiu a sua inacessível providência expressasse neste livro intitulado *Aves ilustradas com avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros*, o seu nome próprio a muito reverenda e religiosíssima madre Soror Maria do Céu, ocultando-o por incompreensíveis juízos do Altíssimo a sua rara modéstia, e profunda humildade em todas as mais obras, com que tem assombrado o universo: é este o mais elevado elogio, que podia excogitar a retórica, empenhando todos os seus tropos, e aplicando todas as suas figuras para a declamar portento, admiração, e assombro entre todas as heroínas, que publica a fama, e venera o mundo. Por isso para nele se publicar a sua incomparável, e profunda sabedoria são mudas as vozes das aves, que nesta obra falam, tão discretas, como elevadas; e ainda convertendo-se todas as criaturas em línguas, sempre seriam grosseiras nas expressões da sua elevada ciência. Aprendendo as religiosas esta, que a autora, águia habitadora do céu, estudou na escola da contemplação contínua, e leu no livro da divina sapiência, acertaram os ditames mais sólidos para exercerem perfeitas as ocupações dos seus claustros. Os do religiosíssimo, e nobilíssimo Convento da Esperança desta corte foram em todas as idades, e são no presente século a casa, que fundou a divina sabedoria com mais portentosa arquitetura, que aquela, que excogitou Salamão. Em sete colunas se firmava aquela, e em muitas mais, que são todas as religiosas deste por excelso Pantheon, a que não sei o número, se estabelece esta. De uma mandam-se as escravas sair a público, o convocar para a classe, ou fortaleza das ciências: nesta fechando-se as mais esclarecidas senhoras deste reino, discorrem os passos mais largos esferas mais dilatadas, persuadindo, admirando mais com o elevado das penas, que com o fino das vozes, a buscarem aquelas irrefragáveis doutrinas, que se aprendem nas aulas celestiais. Do Céu descera estas, que vejo escritas neste livro, que pretende¹⁷⁰ dar ao prelo José Francisco Baluceato, tão conformes aos dogmas de nossa Santa Fé, e bons costumes, que se faz acreedor da licença da V. Eminência para se estampar. V. Eminência fará o que for servido. Lisboa ocidental, Convento da Boa Hora dos agostinhos descalços, 2 de abril de 1734.

Fr. António de Santa Maria.

¹⁶⁹ No original, *das*.

¹⁷⁰ No original, *pertende*.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado *Aves ilustradas*, composto pela madre Soror Maria do Céu; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 2 de abril de 1734.

Fr. R. Lancastro.
Silva.

Do Ordinário

Pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa ocidental, 5 de abril de 1734.

Gouveia.

Do Paço

Censura do reverendíssimo P. M. Fr. Manuel de Sá, ex-provincial, e definidor¹⁷¹ perpétuo da província do Carmo de Portugal, cronista geral da mesma ordem nestes reinos, e seus domínios, pregador do sereníssimo senhor infante D. Francisco, qualificador do Santo Ofício, académico da Academia Real da História Portuguesa, examinador das três ordens militares, e consultor da Bula das Cruzadas.

Senhor

Manda-me vossa majestade que veja este livro intitulado *Aves ilustradas etc.* E que dê o meu parecer, sobre se é digno de sair à luz. Eu o li, e revi com especialíssima atenção, e não posso deixar de dizer, que para ser obra útil, deleitável, e benemérita de andar nas mãos de todos, basta entender-se, que a sua eruditíssima autora é a madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do seu observantíssimo Mosteiro da Esperança desta cidade de Lisboa ocidental, da Ordem Seráfica da província de Portugal, heroína assaz conhecida não só pelo ilustre de seu sangue, mas também pelas suas letras, e virtudes, como publicamente testificam outros livros, que já se deram ao prelo com plausibilidade universal, se bem disfarçados com o suposto nome de Soror Marina Clemência, religiosa também de seu prodigioso padre S. Francisco no mosteiro da ilha de S. Miguel. Neles, e neste mostra esta douta, e exemplaríssima autora, o quanto é versada na lição, e estudo das letras divinas, e profanas, e que a grande, e profunda vastidão de notícias, e erudições, adquiridas de ambas, com que exorna as suas elevadíssimas ideias, a energia, e suavidade do dizer, com que dá alma ao seu singular estilo; a elegância, e dom de clareza, com que exprime as suas persuasões devotas; a melodia, e facúndia, com que anima de espíritos canoros os seus versos, a fazem superabundantemente exceder, não já os Demóstenes, e Túlios, os Orfeus, e Mantuanos, e mais corifeus da eloquência grega, e latina, mas no seu mesmo sexo as antiquíssimas Aspásias, as Diotimas, as Falásias, as Safos, as Elpes, as Falcónias, e outras muitas heroínas da literatura poética, e prosaica, de que fazem honorífica menção as histórias¹⁷² com perduráveis elogios, dos quais todos se faz esta nossa escritora esclarecidamente benemérita, como também a doutíssima, e religiosíssima província, de que é filha, e o observantíssimo mosteiro, de que foi prelada, e é aluna; pois que com os seus escritos, em que eterniza o seu nome, a

¹⁷¹ No original, *definidor*.

¹⁷² No original, *Hirtorias*.

sua glória, a sua fama, se acreditam o sagrado saial de uma, e a venerável clausura de outro; e como neste não há ápice algum, que ofenda o real serviço de vossa majestade, nem as regalias destes reinos, entendo, que não desmerece a permissão de correr impresso, como José Francisco de Baluceato pede a vossa majestade, que ordenará o que for servido. Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa ocidental, 15 de abril de 1734.

Fr. Manuel de Sá.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 17 de abril de 1734.

*Pereira.
Teixeira.*

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. Lisboa ocidental, Convento da Boa Hora dos agostinhos descalços, 27 de agosto de 1734.

Fr. António de Santa Maria.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 27 de agosto de 1734.

*Fr. R. Lancastro.
Teixeira.
Soares.*

Visto estar conforme com o seu original, pode correr. Lisboa ocidental, 27 de agosto de 1734.

Gouveia.

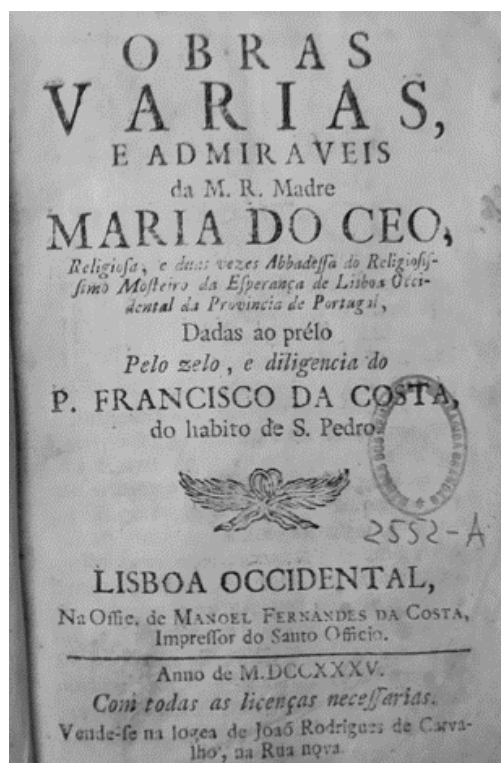
[taxa]

Que possa correr, e taxam em cem reis em papel. Lisboa ocidental, 31 de agosto de 1734¹⁷³.

*Pereira.
Teixeira.*

¹⁷³ No original, 1733.

Anexo 17 – Obras várias, e admiráveis da muito reverenda madre Maria do Céu (1735)



[frontispício]

Obras várias, e admiráveis da muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal. Dadas ao prelo pelo zelo, e diligência do padre Francisco da Costa, do hábito de S. Pedro.

[gravura]

Lisboa ocidental, na oficina de Manuel Fernandes da Costa, impressor do Santo Officio.

Ano de MDCCXXXV.

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na loja¹⁷⁴ de João Rodrigues de Carvalho, na Rua Nova.

[prólogo]

Prólogo

É tão grande a aceitação, que justamente tem achado todas as obras da muito reverenda Maria do Céu, que não querendo nunca esta senhora, que se pusessem em público pela estampa, foi mais poderosa a diligência de muitas pessoas espirituais, e curiosas, para minarem o sagrado daquela clausura com muitas diligências, e valias, até que conseguiram tirar das mãos de algumas religiosas

¹⁷⁴ No original, *logea*.

bem intencionadas, e amigas do bem comum, os traslados de cinco tomos de oitavo, que com este se acham já impressos; e eu talvez por ser menos entremetido, fui mais bem afortunado, porque sem muitas diligências tive a felicidade de se fiarem de mim os originais das obras, que aqui te ofereço; nelas verás que em tudo são irmãs das mais, que já terás lido, e com algum excesso na variedade dos assuntos, entre os quais acharás alguns bem engraçados, e todos proveitosos, e divertidos; proveitosos pelo muito, que persuadem o exercício de todas as virtudes; e divertidos porque juntamente recreiam o entendimento com o agradável, e sentencioso estilo, com que escreve todos os assuntos, que propõem: consta-me que ainda há muitas obras morais em prosa, e um sem-número de outras em verso, de que se pode fazer um grande volume, se houver quem possa soltar os originais da prisão, em que sua autora os tem posto, escarmentada dos furtos, que com discrição se lhe tem feito, não obstante serem os ladrões tão timoratos, que todas lhe tornaram a restituir. Nem vitupério, nem louvor espero, porque nem um, nem outro mereço; do trabalho, que tive em trasladar fielmente as obras, que aqui acharás, basta-me por prémio o gosto de as fazer públicas com o nome de sua verdadeira autora, e o interesse de te servir com lição tão discreta, e proveitosa.

Vale.

[índice]

Índex das obras, que neste livro se contém

Metáfora das flores, moralizadas em documentos mui proveitosos, página 1.
Apólogos de algumas pedras preciosas, moralizadas com boas doutrinas, página 54.
Metáfora poética, e vida de Santa Petronilha virgem, filha do Príncipe¹⁷⁵ dos Apóstolos S. Pedro, página 70.
Declara-se a metáfora na vida em prosa da mesma Santa, página 85.
Criaturas por condição, página 97.
Criaturas por ser, página 105.
Ginja única furtada, e moralizada, página 107.
Damasco único, e também furtado, página 121.
Mortal doença, página 124.
Seguindo os leprosos do Evangelho, página 126.
As grandes calmas de agosto, página 128.
Quando as senhoras cortaram os cabelos por moda, página 133.
Quando as mesmas senhoras saíram com aventais, também por moda, página 136.
À pérola, e à pimenta, página 141.
Às piedades de Deus, página 140.
Ao menino Jesu, página 144.
Mote, e glosa para busca a Deus, página 151.
A S. Pedro Gonçalves, página 153.

[licenças}

Licenças

Do Santo Ofício

O Padre M. Fr. Manoel de Sá, qualificador do Santo Ofício, veja o livro de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental, 11 de maio de 1734.

¹⁷⁵ No original, *Príncipepe*.

Fr. R. Alancastre.
Teixeira.
Silva.
Cabedo.
Soares.

Eminentíssimo senhor

Em execução do que V. Eminência me ordena, li, e revi atentamente o livro intitulado *Obras Várias, e Admiráveis* da muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa, que foi do religiosíssimo Mosteiro da Esperança desta cidade, da ordem do grande patriarca S. Francisco, da província de Portugal; e achei que para a devida recomendação basta o nome da nobilíssima, e eruditíssima autora, que as escreveu, pois é tão conhecido pelas doudas produções da sua bem aparada pena. As que já virão a luz pública pelo prelo encheram já de plausíveis vozes todos os clarins da fama; as com que agora pretende¹⁷⁶ utilizar o público o zelo, e diligência do reverendo padre Francisco da Costa, acumularão novos créditos à doutíssima, e religiosíssima família seráfica, ao seu sexo, e à nação portuguesa. Este, eminentíssimo senhor, é o meu parecer, e que neste volume não há coisa¹⁷⁷ alguma, que ofenda os dogmas sagrados de nossa santa fé, nem o sincero candor dos bons costumes. V. Eminência ordenará o que for servido. Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa ocidental, 20 de maio de 1734.

Fr. Manoel de Sá.

O P. M. Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, qualificador do Santo Ofício, veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental, 21 de maio de 1734.

Fr. R. Alancastre.
Silva.
Cabedo.
Soares.

Eminentíssimo senhor

Obediente ao mandado de V. Eminência vi o livro intitulado: *Obras Várias, e Admiráveis* da muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa, que foi do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental, da província de Portugal; e achando nele, pela variedade da obra, galantaria das ficções, e boa dedução da doutrina, unidos àqueles dois¹⁷⁸ extremos tão custosos de unir-se divertimento, e utilidade, não encontrei um ápice oposto à verdade da nossa santa fé, e harmonia dos bons costumes, por onde desmereça ver a luz pública do prelo, e ser participante da feliz aceitação das mais obras da mesma autora, quando V. Eminência assim lho permita. Fundação do Menino Deus de Lisboa oriental, 28 de maio de 1734.

Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo

¹⁷⁶ No original, *pertende*.

¹⁷⁷ No original, *cousa*.

¹⁷⁸ No original, *dous*.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado *Obras Várias*, autora a madre Soror Maria do Céu, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 28 de maio de 1734.

Fr. R. Alancastre.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Do Ordinário

O reverendo P. M. Fr. José de Oliveira veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental, 4 de junho de 1734.

Gouveia.

Manda-me vossa senhoria que veja o livro, que compôs a reverendíssima madre Maria do Céu, religiosa do observantíssimo Convento da Esperança desta cidade de Lisboa ocidental da ordem de S. Francisco da província de Portugal, e sendo já muitos os escritos da autora, assombro do sexo feminino, inveja do masculino, e admiração de ambos, não são vulgares, porque todos deixam pasmados a todos como únicos, unindo nos devotos o divertido, com a devoção, e aumentando a devoção com o mesmo divertimento nos apólogos, as moralidades são as mais naturais, e nelas as doutrinas mais sólidas. As que não são divinas, nem por isso deixam de sentenciosamente ensinar, ainda aos mesmos doutos; e me resolvo aconselhar que será lícito roubar-lhe este inestimável tesouro, pois a sua modéstia nos quer roubar os seus escritos ocultando no recato da sua cela os monstruosos partos do seu talento, que excede ao mais varonil: e como não tenha coisa¹⁷⁹ contra a nossa santa fé, nem bons costumes, me parece digno da licença, que pede a vossa senhoria que fará o que for servido. Convento da Santíssima Trindade de Lisboa ocidental, 11 de julho de 1734.

Fr. José de Oliveira.

Pode-se imprimir o livro, de que se trata, vista a informação, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa ocidental, 11 de junho de 1734.

Gouveia.

Do Paço.

O P. M. Fr. António dos Arcanjos, leitor jubilado, e qualificador do Santo Ofício veja este livro, e interpondo o seu parecer o remeta a esta Mesa. Lisboa ocidental, 18 de junho de 1734.

Pereira.

Teixeira.

¹⁷⁹ No original, *cousa*.

Senhor

Manda-me vossa majestade que veja o livro de *Várias Obras* da muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da santa província de Portugal, e sendo esta obra pela sua variedade tão divertida, é em tudo mui substancial, e proveitosa, que ainda aqueles, que a chegarem a ler por divertimento (se atenderem) poderão tirar muito fruto; porque toda esta obra está espiritualizada com doutrinas mui puras, e ajustadas. Desta religiosa tem saído à luz várias obras com admiração, aprovação dos melhores engenhos desta corte, e o mesmo juízo, que se fez daquelas, se deve fazer de todas; porque em tudo são iguais nas razões, no conceito, e na sentença, com que recreando o entendimento, poderão ser incentivo à vontade para a emenda dos costumes. Não contém esta obra coisa¹⁸⁰, que encontre o real serviço de vossa majestade, muitas sim para que vossa majestade lhe conceda a licença, que se pede, não só pelo útil da obra, mas também para que comunicada pelo prelo às outras nações, seja lustre da portuguesa. Vossa majestade mandará o que for servido. Xabregas em o Convento de nosso padre S. Francisco aos 18 de junho de 1734.

Fr. António dos Arcanjos.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, Ordinário, e depois de impressa tornará a esta Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 19 de junho de 1734.

Pereira.

Teixeira.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. S. Domingos de Lisboa aos 14 de outubro de 1735.

Fr. Manoel Coelho.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 14 de outubro de 1735.

Fr. R. Alancastre.

Teixeira.

Silva.

Cabedo.

Soares.

Abreu.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 15 de outubro de 1735.

Gouveia.

¹⁸⁰ No original, *cousa*.

[taxa]

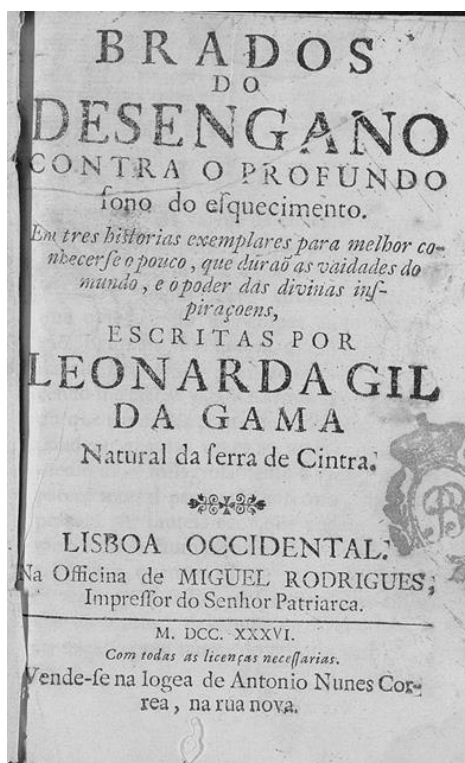
Que possa correr, e taxam em cento e cinquenta reis. Lisboa ocidental, 20 de outubro de 1735.

Pereira.

Teixeira.

Rego.

**Anexo 18 – Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento
(1736)**



[frontispício]

Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento.

Em três histórias exemplares para melhor conhecer-se o pouco, que duram as vaidades do mundo, e o poder das divinas inspirações, escritas por Leonarda Gil da Gama natural da serra de Sintra.

[arabesco]

Lisboa ocidental, na oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Senhor Patriarca.

MDCCXXXVI

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na loja¹⁸¹ de António Nunes Correia, na Rua Nova.

[prólogo]

Ao leitor

Não valem os escudos da proteção para defesa dos golpes da calúnia, e por isso não busquei a este breve volume respeito, que o defendesse dos golpes da murmuração. Bem sei que haverá quem ache dissonância nas vozes destes desenganos, parecendo-lhe fazem melhor harmonia ao génio, do que à emenda; mas se o discreto leitor ponderar quantas vezes ao mais simples remédio deve

¹⁸¹ No original, *logea*.

milagrosamente a vida, o que parece mortal perigo do enfermo, não desprezará por inúteis ecos, que podem despertar o sono de um esquecer. Considera, cristão leitor, quantos adormecendo nas suaves lisonjas do mundo, despertaram aos ameaços da morte, deixando os divertimentos do engano pelo temor do próprio castigo, e acharás no cristalino espelho de tanto escarmentados¹⁸² luz, que te acautele para os precipícios, que também a formosura das flores é carta de crença à mortalidade. Não importa, que o verde destas folhas te desmaie a esperança de sazonados frutos, se profundando o discurso deres ouvidos aos que se seguem desenganos, e se nem assim te parecer frutuosa a minha ideia, eu perdoo o desprezo a quem o fizer do livro.

Vale.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Eminentíssimo senhor

Nem um só céu se pode desvanecer, que tem dado ao mundo admiráveis livros, porque mais alto céu, que é a Glória, tem assombrado o universo com prodigiosos volumes. Este, que sem violência me parece ser ou o mesmo, ou muito semelhante o que se viu na mão do Altíssimo, intitulado *Brado do desengano contra o profundo sono do esquecimento*, tendo-o visto com pasmosa atenção, o torno a ler com igual assombro por mandado de V. Eminência.

Sendo brados, que despertam, não amedrentam; sendo desenganos, que persuadem, não magoam; antes é tal a suavidade, e doçura, com que brada desenganado este animado serafim, que sem ferir, nem aterrar, enche toda a terra de glória para despertar do profundo sono do esquecimento. Quem se não desengana com tais brados, não é sensível; ficar com tão eficazes clamores sepultado no profundo sono do esquecimento é descrédito¹⁸³ do racional; porque não é dável racional tão sensível, e homem tanto de pedra, que se não comova desenganado com estes brados, que não desperte vigilante do profundo sono do esquecimento, comovendo-lhe o coração vozes tão penetrantes. Vozes, e brados, que tiveram na glória a sua origem, quando se ouvem no mundo, sempre é com tal respeito, e atenção, que o sono mais profundo é vigília, o esquecimento mais pânico é atenta perspicácia.

Atendendo eu à lei, que manda aos autores pôr no rosto dos livros, que pretendem¹⁸⁴ dar ao prelo, seus nomes, sobrenomes, e pátrias; vejo neste prodigioso volume a lei observada; porém não cheia; porque este espírito seráfico quer, que as penas das asas, com que voa sábio, e se eleva eloquente, o escondam humilde; porém a santa humildade, que fez tal travessura, destrói a essência da glória, na qual tudo é clara, e manifesta visão. Ali não há enigmáticos anagramas; porque face a face se patenteia, e participa todo o bem. Bem pode a rosto descoberto dizer o seu nome, quem brada com tal desengano contra o profundo sono do esquecimento. Quanto mais, que seriam inúteis os brados para enganar, enganando quem brada: o certo é que com as doutrinas nos desengana, enganando-nos com o nome, sobrenome, e pátria. Quer, que estremecendo-nos o trovão da doutrina, e despertando a seus brados o mortal do profundo letargo, em que o adormeceu a vaidade,

¹⁸² No original, *escramentados*.

¹⁸³ No original, *descrédito*.

¹⁸⁴ No original, *pertendem*.

permaneça sem vaidade o raio oculto na nuvem do hábito, que ilustra; e para que se não possam ver no nome as rutilantes luzes da fidalguia, com que resplandece, os refulgentes resplandores da ciência, e virtude, com que brilha, excogitou, ficasse o seu nome digno de eterna memória no Letes sepultado, sendo somente todos Argos para as vigilantes lembranças dos utilíssimos desenganos, que persuade.

Só a mim me não poderá nunca persuadir, nem desenganar, que seja nas máximas das virtudes o mais acertado ditame da perfeição esconder o talento, ocultando o nome; porque sempre me pareceu melhor imitar a muitos, que seguir a poucos. Poucos foram, e não são santos canonizados, os que se fizeram incógnitos, e idiotas; e toda a classe dos sagrados doutores deu a Deus, e aos homens a glória de que se soubessem seus nomes, para que por eles se conhecesse, quão admirável é Deus em seus santos. Esconder estudiosamente o nome, e saber-se evidentemente quem é a pessoa, só foi em uma ocasião privilégio da divindade; e este privilégio não o pode participar quem professa o ser humilde; porque há tais humildades, que lá tem seu perigo, se se atender à doutrina do grande, do máximo, e único Agostinho. Livre-se pois de escrúpulos, quem dá tão fortes brados de santíssimos desenganos nos seus escritos. Nestes se não verá letra, em que possa perigar a fé, nem sílaba, em que se ofendam os bons costumes; pelo que se faz acredor António Nunes Correia da licença de V. Eminência para os poder imprimir. Assim o julgo; V. Eminência mandará o que for servido. Lisboa ocidental, Convento da Boa Hora dos agostinhos descalços, 18 de fevereiro de 1735.

Fr. António de Santa Maria.

Eminentíssimo senhor

Por ordem de V. Eminência li este livro intitulado *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento*, e confesso, que entrando pela superioridade do mandato a resistá-los com gosto, depois de revistos saí famélico, ou porque sendo muito o profundo sono do esquecimento, são poucos os brados do desengano, ou porque os brados do desengano chegaram a tempo, em que já podia estar do profundo sono do esquecimento satisfeito; mas esta é a condição da confusa Babilónia deste mundo, aonde sendo mais amplo o funesto teatro dos descuidos, e menos dilatada a estimada esfera das verdades, sempre estas chegam tarde, e aqueles madrugam cedo; por isso, para que estes brados possam desenganar, sem que se caia no profundo sono do esquecer, será preciso que atenda, como católico, aos fins das suas histórias, quem quiser curioso contemplar os seus princípios, que como eles não dizem os seus princípios com os fins das suas histórias, fazer o contrário será talvez abrir os ouvidos à mentira para arriscar, e fechá-los à doutrina para não arrepender. Não é esta a primeira vez que as águias voando clamam, e se já houve uma, que dando vozes no céu, à terra chegaram os seus brados, também agora outra de tal maneira brada remontando-se, que articulando na terra vozes, sobem os seus clamores à glória. É verdade que uma, e outra brada, e clama, mas com esta diferença, que se aquela clama desgraças, fulminando castigos para a satisfação das culpas, esta brada venturas, intimando desenganos para a reforma das vidas; e como a esta é que se dirigem contra o profundo sono do esquecimento estes alentados brados, por isso neles se não acha coisa¹⁸⁵, que se oponha aos dogmas da nossa fé, nem que destrua a pureza dos bons costumes; e por isso também se fazem dignos da licença, que se pede para serem estampados. Assim o julgo, e V. Eminência mandará o que for servido. Lisboa ocidental em o real Hospício da Conceição, 24 de fevereiro de 1735.

Fr. Luís de Santa Maria.

¹⁸⁵ No original, *cousa*.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado *Brados do desengano*, autora Leonarda Gil da Gama, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 28 de fevereiro de 1735.

Fr. Rodrigo de Lancastrô.
Teixeira.
Silva.
Soares.
Abreu.

Do Ordinário

Pode-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 2 de março de 1735.

Gouveia.

Do Paço

Senhor

Em pontual observância do mandado de vossa majestade li atentamente o livro intitulado *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento*, que escreveu Leonarda Gil da Gama, e quer imprimir António Nunes Correia. Nele (deixados ao silêncio os elogios, de que a obra se faz credora) não achei coisa¹⁸⁶, que ofenda às leis do reino, nem o real serviço de vossa majestade: razão, por que o julgo merecedor da licença, que se pede. Este o meu parecer. Carmo de Lisboa ocidental, 27 de maio de 1736.

Doutor Fr. José Pereira de Santa Ana.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Ordinário, e Santo Ofício, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e taxar. Lisboa ocidental, 28 de maio de 1736.

Teixeira.
Rego.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. Lisboa ocidental, Convento da Boa Hora dos agostinhos descalços, 26 de outubro de 1736.

Fr. António de Santa Maria.

Visto estar conforme com o seu original pode correr. Lisboa ocidental, 26 de outubro de 1736.

¹⁸⁶ No original, *cousa*.

*Fr. Rodrigo de Lancastrô.
Teixeira.
Silva.
Soares.
Abreu.*

Visto estar conforme com o original pode correr. Lisboa ocidental, 30 de outubro de 1736.

Gouveia.

[taxa]

Que se possa correr, e taxam¹⁸⁷ este livro em duzentos e cinquenta reis. Lisboa ocidental, 30 de outubro de 1736.

*Teixeira.
Rego.*

[textos laudatórios]

In laudem Dominae hunc librum scribentis, cum alter ab ipsa conscriptus sit.

Epigramma

Flores primum arbor monstrat, dat denique fructus
Arbor, ut haec mulier, florida, fructifera.
Monstravit flores primo libro, atque fecundo
Dat fructus, libris faemina, ut arbor, erit.

Do reverendíssimo padre Fr. João de Nossa Senhora religioso da província dos Algarves.

Em louvor da senhora Leonarda Gil da Gama, autora deste livro intitulado Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento.

Soneto.

Empenhada altamente a natureza
Na vossa produção prodigiosa
Tão discreta vos fez, e tão famosa,
Que excedeis toda a esfera da grandeza.

Com tal modo escreveis, com tal nobreza,
Com ideia tão fina, e primorosa,
Que deixa a vossa pena hoje invejosa
Do mais nobre escritor a sutileza.

Escrevei, discretíssima heroína,
Para que em vossas letras nos deixeis
Da vossa discricção cópia tão digna.

¹⁸⁷ No original, *taixam*.

E veja o mundo que saber fazeis
O mesmo, que aquela ave peregrina,
Pois dos vossos escritos renasceis.

Do reverendíssimo padre Fr. João César de Menezes.

Soneto

Há de exceder os termos da memória,
Autora ilustre, esta obra tão subida,
Que alcança a história para si tal vida,
Que acaba a vida, e permanece a história.

Se Magdalena sois, e sois da Glória,
Com vosso nome a empresa vem medida,
Por quanto entre a vitória, e entre a lida,
Mostrando nele estais lida, e vitória.

Bradais como bradou a semelhança,
Que imitais com tão alta propriedade,
Que o mundo não só acorda, mas descansa:

Já parece que logra a divindade
Pois se bradais do monte da Esperança,
Deve ser vossa voz da eternidade.

Por D. Mexia Madalena do Amaral e Sousa, educanda no Convento de S. João de Setúbal.

Soneto

Gloria fue de tu raro entendimiento
Los vuelos de tu pluma remontada,
Mirándose en tu libro retratada
Tu erudición, de admiración portento.

Hazaña superior de heroico aliento
Tu sutileza advierto celebrada,
Pues tu espíritu afina, cuando brada
Del desengaño acorde el instrumento.

Más que mucho, si invidia tus fulgores
Minerva sabia, Apolo rutilante,
Siendo afrenta a su luz tus resplendores:

De un polo al otro polo se levante
Templo a tu fama en cultos superiores,
Que en suave clarín tu nombre cante.

De D. Felícia Jacinta Inácia.

Soneto

Única Fénix, cuyo entendimiento
Te tiene a tal esfera remontada,
Que siendo en las ficciones retratada,
Eres hoy sin ficción mayor portento.

La fama su clarín con nuevo aliento
Toque haciendo que sea celebrada
Tu pluma, que suspende cuando brada
Cual del amante Orfeo dulce instrumento.

Y si desengañado a tus fulgores
Confiesa el dios de Delfos rutilante,
Que es sombra de tu luz tus resplendores:

Mande al Pegaseo coro se levante,
Y tus prendas a todas superiores¹⁸⁸
Laureles ciña, y alabanzas cante.

De D. Joana Teresa de Noronha.

Soneto

Lusitana Minerva, el aplaudirte
En el deseo cabe, y no en el arte,
Pues quien ha dignamente de loarte,
Si vence nuestra esfera el definirte?

Si al ponderarte de lauros es ceñirte,
Y es ofenderte en fin el limitarte,
Desempeñe la deuda de alabarte
La suspensión dulcísima de oírte.

A cuantas heroínas hoy aclama,
La antigua tradición, la nueva historia,
Hoy todas calla, y a ti sola aclama:

Pues Fénix digna de inmortal¹⁸⁹ memoria,
Tu bella pluma en alas de la fama,
Si de un sexo es envidia, al otro es gloria.

De D. Joana Teresa de Noronha.

Soneto

Nueva deidad, que el Castalio coro
Es envidia tu plectro sonoro,
Ingenio que hace al Tajo más hermoso,

¹⁸⁸ No original, *supriores*.

¹⁸⁹ No original, *immortal*.

Que su tan celebrada arena de oro.

Sólo la posesión de tal tesoro,
Pudiera al Luso imperio hacer dichoso,
Más que cuantas su brazo vitorioso
Conquistó del Árabe, el Indio, el Moro.

Ciña a tus sienes ya la verde rama,
En que dejó¹⁹⁰ de su desdén memoria
De Apolo la querida ingrata dama:

Y digan cuantos leen esta historia,
Ser hoy tu pluma en alas de la fama
Honor del sexo, de la patria gloria.

De uma Anónima.

Soneto

Do vosso libro a mais encarecida
Ideia de ouro, que entre assombros belos,
Deixando do conceito os paralelos,
O conceito imprimais da vossa vida.

A quem não fará santo ver unida
Fidalguia, e humildade, e entre desvelos
Aos pés de Cristo postos os cabelos,
Magdalena melhor, mais entendida.

Magdalena feliz na mais serena
Primavera da vida transitória
A prantos, e rigores se condena:

Oh, quanto é mais feliz vossa vitória,
Pois se ela fénix foi da sua pena,
Vós cisne singular da nossa glória.

Do Doutor João Jacinto Henriques de São Paio

Soneto

Esse rasgo, excelente diretora,
Fadiga heroica dessa mão divina,
Sendo ao discurso espelho, que ilumina,
É alma ao coração, com que o melhora.

De Deus a graça sempre vencedora
Maiores vencimentos lhe destina,
Que junto o Sol à estampa cristalina

¹⁹⁰ No original, *dex6* (*sic*).

Ostenta sempre a luz mais brilhadora.

É poderosa graça, fogo ativo;
No vosso livro até se vê dourado
O incêndio, para ser mais excessivo.

Oh pasme o entendimento de admirado,
Vendo o raio de amor mais débil vivo
Do que o chega a advertir quando pintado.

Do mesmo autor

Soneto

Ardendo nesse fogo peregrino,
Que acende o amor na neve generosa,
Sai este livro, ó alma venturosa,
Para eterno padrão do teu destino.

Repara nele bem, verás, que o fino
Discurso dado à estampa milagrosa
Deixa a razão, por sábio, duvidosa,
Se no humano é maior, se no divino.

E se vires, que o ilustre entendimento
Deste Anjo em carne se eterniza ufano,
Até se colocar no Firmamento:

Dá graças ao eterno Soberano
Por lhe fazer com superior portento
Divino o entendimento, que era humano.

Do mesmo autor.

Soneto

Brada a razão, e o desengano brada
Contra o sono mortal do esquecimento,
Mas como está sopito o entendimento,
Nem desengano, nem razão lhe agrada.

A mesma alma, se fora inanimada,
Não poderá mostrar mais desalento,
Pois surda à voz do Céu, que lhe dá alento,
Resiste aos desenganos obstinada.

Mas vós nos brados dessa pura vida,
E vós no livro desses doutos brados
Desperta a lembrança amortecida:

Conseguis que assim sejam duplicados,

Por que os dessa virtude esclarecida
Fiquem nesse volume traladados.

De Vicente da Mota de Carvalho.

Soneto

Da austera voz, que o desengano verte,
Já não fica o ouvido horrorizado,
Que é tão canoro o eco do teu brado,
Que doce atraí, quando amargo adverte.

Do torpe esquecimento o sono inerte,
Que em silêncios jazia sepultado,
Desperta ao duto grito, e de assombrado
Os letargos em êxtasis converte.

Não pode à clara luz de teus fulgores
Do escuro sono a cega pertinácia
Existir nos seus lóbregos horrores:

Venceu a discrição a contumácia,
Ostentando valentes seus clamores,
Mais que no estrondo a força na eficácia.

De João Manuel de Melo.

Soneto

Leonarda sempre augusta, a quem a fama
Por atributos canta esclarecida,
Em este novo corpo nova vida
Com glória obtém teu nome, ó douda Gama.

No brado o desengano, que derrama,
Imortal eco, assombro te apelida;
Pois nos acentos Fénix renascida
De rota estrela máxima te chama.

Apesar do silêncio soberano
Sobes, ilustre autora, àquele trono,
Que por tanta virtude é mais que humano:

De ti mesma o anagrama é nobre abono;
Pois só de Magdalena¹⁹¹ o desengano
Pudera ao Letes despertar o sono.

De José de Miranda Henriques

¹⁹¹ No original, *Madalegna*.

Soneto

Este livro, que em brados aos viventes
Acorda, quando dormem descuidados,
Se os ouvidos suaviza aos acordados,
Também desperta os olhos aos dormentes.

Se até agora existíamos contentes
Nas imagens do sono amortalhados,
Alerta, ressuscitem os cuidados
Ao milagre de brados tão cadentes.

Porém se houver alguns, que inda esquecidos
Do letargo persistam nos abrolhos,
À Magdalena apliquem os sentidos.

Pois ela com lisura, e sem refolhos,
Quando os brados persuado nos ouvidos,
Nos mete o desengano pelos olhos.

Do Doutor Francisco Lobato de Vasconcelos e Macedo

Soneto

Destes brados, senhora, a viva instância
Dando rebate à nossa cobardia,
Que em seu mesmo descuido adormecia,
Lhe converte o letargo em vigilância.

Se até aqui¹⁹² se escutou com repugnância
O horror, que o desengano sugeria,
Já de vossos escritos a energia
Nos suaviza esse horror pela elegância.

Já cessará de todo o esquecimento,
Que intentou parcial do nosso engano
Apagar-nos a luz do entendimento:

Pois para que ele evite o próprio dano
Nos clarins, a que a fama infunde alento,
Se há de ouvir o clamor do desengano.

De Paulo Nogueira de Andrade

Soneto

Se o desengano acaso pretendia¹⁹³
Ver neste mundo aos homens acordados,
Devera procurar para os seus brados

¹⁹² No original, *atéqui*.

¹⁹³ No original, *pertendia*.

Mais confusão, e menos harmonia.

Eu receio que passe a letargia
O sono, em que estão muitos descuidados;
Que os mais fortes clamores concertados
Tem de música a nobre simpatia.

Mas seja embora assim; neste contento,
Que fará à Magdalena imortal glória,
Consegue o desengano seu intento:

Pois (não com força oculta, antes notória),
A harmonia adormece o entendimento,
E despertam os brados a memória.

Do Doutor João Manuel da Costa

Soneto

Já que o mundo, senhora, vos aclama,
Mandai ao livro vosso nome unido,
Que se a fama o louvor tem repetido,
Veja-se que excedeis a vossa fama.

Esse raro furor, que vos inflama,
Muito tempo há que escuta o nosso ouvido,
Mas o que hoje admirados temos lido,
Mostra que é fruto, se a notícia rama.

Da sábia deusa a inveja não pequena
Cante de vosso livro hoje a vitória,
Por mais que a ser vencia se condena:

Eternizais assombros na memória,
Pois se o nome ilustrais na vossa pena,
Na pena duplicais a vossa glória.

De Carlos Laureano

Soneto

Por mais que a vossa indústria aqui procura
Dissimular de tanto nome a glória,
A vossa discrição é tão notória,
Que explica do anagrama a sombra escura.

Já sabe o mundo a voz, que lhe assegura
Feliz despertador para a memória,
E certo na esperança da vitória
Acha nos desenganos a doçura.

Quem pode duvidar que celebrado
Fique no mundo o vosso entendimento,
Se consegue o triunfo desejado:

Pois deste livro o singular portento
Dará um tão feliz ditoso brado,
Que não deixe lugar ao esquecimento.

Do reverendíssimo padre Fr. Salvador Correia, monge de S. Jerónimo

Soneto

Tu, que la dulce vida en tiernos años
Trocaste por la vida trabajosa,
La blanca seda, y púrpura preciosa
Por áspero silicio, y toscos paños.

Tu, que viendo del mundo los engaños,
Al puerto te acogiste presurosa,
Cual nave, que en la noche tenebrosa
Teme del mar embravecidos daños.

Vuele tu fama, pues en ti se encierra
Ciencia grave, pena remontada,
Luces tus libros, cuando ardor tu celo:

Y si el piloto al divisar la tierra,
Alza la voz de gozo acompañada,
Que hará quien hoy en ti descubre el Cielo?

Oitava

Quando a sólio mais alto remontada
Entre as nove de Apolo Ninfas belas
Brilhas no Pindo excelso sublimada
Como flamante Sol entre as estrelas:
Nenhuma por discreta celebrada
Seja, que à tua vista o não são elas,
E desengane a todas hoje a fama,
Que por só digna dela a ti te aclama.

De D. Joana Teresa de Noronha

Décima

Suspende Apollo su canto,
Por oír tu dulce acento,
Que es tu pluma el instrumento,
E tu discreción su encanto:
Pero yo sin mucho espanto
Miro este libro, que es tal,

Que hizo ser, parece, igual
A los otros, que produces,
Que el Sol tener muchas luces,
No es prodigio, es natural.

Da mesma senhora

Décima

Este livro diz a fama,
Que com seis nomes se guarda
Magdalena, Leonarda,
Gil, Eufémia, Glória, Gama:
Diferentes os aclama
Quando unidos na memória,
Leonarda transitória
Por Magdalena se vê,
O que Gil, Eufémia é,
O que é da Gama, é da Glória.

Décimas

Suspenda o Letes profundo
O seu curso arrebatado,
Com que até agora empenhado
Inundava todo o mundo:
Não se tenha por jocundo
Já seu prazer, porque a fama
De outro contra ele clama
Com brados tão repetidos,
Que ainda aos mais esquecidos,
Para que despertem, chama.

Bradando continuamente
Se acha já em toda a terra
Fazendo contínua guerra
À mesma infernal serpente:
Porque se antes fogo ardente
Sepultar-nos pertendia
Nesse abismo, em que existia,
Nos brados, que hoje ofertais,
Valerosas armas dais
Contra a sua rebeldia.

Décima

Aos brados do desengano
Dais, Senhora, tal alento,
Que o sono do esquecimento
Já nos causa menos dano:

Livres estamos do engano
Para do sono acordar,
E mil vezes despertar
Por tal livro se imprimir,
Por que tornando a dormir,
Vós torneis logo a bradar.

Décima

Tão altamente voais
Na matéria, que escreveis,
Que se o nome não dizeis,
No conceito o declarais:
De sorte vos elevais
Na esfera do entendimento,
Que desperta esse talento
Com estilo mais que humano
Aos brados do desengano
O sono do esquecimento.

De um anónimo

Décimas

Alerta, mortais, alerta,
Que já não temos desculpa,
Pois do letargo da culpa
Este livro nos desperta:
Desterre luz, que é tão certa,
As travas do nosso engano,
Que este livro soberano
Faz passemos por portento
Da noite do esquecimento
Ao dia do desengano.

Lição de tão douta pena,
Como aqui se deixa ver,
Bem nos mostra em tudo ser
Acordo de Magdalena:
Do sono, que ela condena,
Fugiu com cuidado, e zelo;
E por servir de modelo
Esta lição tão precisa,
No seu livro imortaliza
A cópia do seu desvelo.

Este volume tão raro
Bem nos deixa ver agora,
Que é da virtude da Autora
Puro exemplo, espelho claro:
Seu sangue ilustre, e preclaro

Com virtude igual se inflama,
Que o Serafim, que nos clama,
Como é de tal jerarquia,
Tem de fama a fidalguia,
Tem a virtude de fama.

Estes brados entendidos
Nos deixam, como tão certos,
De todo os olhos abertos,
Vigilantes os sentidos:
Despertos os esquecidos
Ficaram do sono imundo,
Pois deste livro profundo,
Íman dos nossos agrados,
Darão seus discretos brados
Grande brado em todo o mundo.

Assim, Magdalena, assim
Este livro triunfará,
Que posto em campo dará
A todos os vícios fim:
Pelo que a discorrer vim,
Cantará sua vitória,
E por que maior memória
Para o seu triunfo tome
Na Glória do vosso nome
Faz de nome a sua glória.

De Francisco Manuel de Brito Mascarenhas

Décima

Quien pudo a tanto tormento
Dar gloria en tan breve suma,
No fue sino vuestra pluma,
Que ilustro vuestro talento:
En tan raro entendimiento
Toda la flama se emplea,
Porque vuestro nombre sea
Nombrado por más feliz,
Que la espada de Amadís,
Y la gloria de Niquea.

Redondilhas

O primeiro sem igual
Livro, que vós escrevestes,
Assentam que nos trouxestes
Nele a Índia a Portugal.
De todos muito se estima
Por obra prodigiosa

Na perfeição toda Rosa
Na doçura toda Lima.
Porém hoje este segundo
Ainda ao primeiro excedendo,
Em a fama não cabendo,
Assombra a fama este mundo.
Vós sois inveja das Musas,
Das ciências mestra sois,
Vós primeiro, elas depois,
E sempre as deixais confusas.
Escrevei para assombrar
Ao mundo, que enriqueceis,
Porque os livros, que escreveis,
À fama dão que admirar.
Neste trocará o humano
Em divino os seus cuidados
Por desengano dos brados
Nos brados do desengano.

Romance heroico

Grita, sonoro cisne, alado, e puro,
Atração venturosa dos sentidos,
Que na mesma doçura dos teus brados
Se conhece a eficácia dos teus gritos.

Entorpecido o luxo inveterado
Na distração errada dos caprichos
Amanhece nas sombras do descuido,
Desprezando a pureza dos avisos.

Que venturosos dogmas nos prescreve
O cálamio feliz em nobre estilo,
Se pusera o sentido no cuidado,
Aplicara o cuidado no sentido.

Esperança nos dá esta doutrina
De melhorar os passos no caminho,
Se acaso basta a luz do desengano
Para indagar as sombras deste abismo.

Detestável letargo, horrível sono!
O mundo se sujeita confundido,
Se nos doutos crepúsculos, que escreves,
Não deixaras¹⁹⁴ à luz algum resquício.

Ó sempre venerável semideia,
A quem como coluna o Céu propício
Tanta luz permitiu, que melhor norte

¹⁹⁴ No original, *dexaras*.

Não teve no deserto o torpe Egito.

Inescrutável sábia providência
Recopilou em ti seu nobre arquivo,
Pois vemos a doutrina mais seleta
Nas breves contexturas do teu livro.

Quanto deves ao Céu, alta deidade
Pois sendo natural te fez prodígio,
Mostrando, que os teus nobres caracteres,
Tem a mesma eficácia dos auxílios.

Imprime nas estrelas o volume,
Que no prelo imortal do sacro Olimpo
O quaderno incorrupto dos Planetas
As glórias te prescreve pelos signos.

Não morderão tenazes as idades
A firme duração dos teus escritos,
Que o Céu, que dirigiu os teus acertos,
Por indulto hipoteca os seus auspícios.

De André de Azevedo Vasconcelos da Silva e Moura

Romance

Nome, e matéria, ó célebre Heroína,
Nesta obra douda vejo estar conformes;
Foi o nome recorde da matéria,
É a matéria imitação do nome.

Vós, Magdalena, vós do desengano
Formando brados com que o mundo acorde,
Nas vozes recordais as penitências,
E as penitências suavizais nas vozes.

Ler este livro, e ver aquele exemplo
Por tudo são ações tão uniformes,
Que se ignora entre molde, e entre retrato,
Se o retrato sois vós, ou sois o molde.

Da penitência esse exemplar divino
Melhor cópia, que vós, deixar não pode,
Se da morte chorando o mal na vida,
Bradais à vida, por que tema a morte.

Que esquecimento pode haver tão duro,
Que a tanto desengano se não prostre,
De bronze os peitos são, a voz de fera,
Mas pode a fera penetrar ao bronze.

Na doçura de estilo tão sonoro
Nada se desperdiça, do que se ouve;
A brandura do corte mente o estrago,
O proveito do estrago indulta ao corte.

O prometido bem, que nos inculca,
Tanto as prisões do sono quebra, e rompe,
Que a posse equivocada na esperança,
Já nos dais na esperança o bem da posse.

Como o lugar também divinamente
Para a ventura, que clamaís, concorre,
Se na eleição da sorte, ou da desgraça
Mais que a desgraça é de esperar-se a sorte.

Glória sereis do género, que tendes,
E o nome em vós pronosticada a trouxe,
E entre discurso forte, e sexo frágil
Melhor no frágil ilustraís ao forte.

Como a vida, não é assim o estilo,
Pois sobre aquela este elevar-se soube,
Porém entre o ser nobre, e o ser humilde
Não é o humilde imperfeição do nobre.

Mais apurado agora o sangue augusto
Na virtude fazeis que se acrisole,
Porque, se quando corre, então se ilustra,
Então se ilustra mais, quando mais corre.

Até hoje somente conhecida
Éreis só por quem sois; porém desde hoje
Das nove a fama resumida em uma,
Vós uma sois, que antecedeis as nove.

Tenha também a prosa divindade,
E se deusa há de ter que a condecere,
Como Apolo no monte, vós no claustro
Fazei mais nobre ao claustro, que ele ao monte.

Os brados, que lançais, também da fama
Despendem aos clarins, se acaso dormem,
E excedendo os louvores aos descuidos,
Sejam mais que os descuidos os louvores.

Todo o orbe admirai, fazei eterna
A grande glória dos invictos Soures,
Eles enchendo a Corte, e vós o mundo,
Por livro, e casa se honre mundo, e Corte.

De Victorino Victoriano Xavier do Amaral Pinel

Romance

Se desenganos brada este volume,
Como, senhora, vosso nome oculta?
Não pode ser do esquecimento afronta,
Se da memória se publica injúria.

Livro, que intitulado nos desmente
Aquele nome, que em si próprio avulta,
Parece que esquecido de si mesmo,
Logo que brada, nos enganos cuida.

Livro, que aberto nos intima logo
Ser luz a sombra, que por sombra julga,
Não pode ser do desengano ideia,
Por ser do engano literal figura.

Livro, que logo quando nos adverte,
De vosso nome o sono nos inculca,
Por mais que brade, nunca desengana,
Por mais que grite, desengana nunca.

Porém, oh como é falso este discurso,
Quando no vosso tal engano junta,
É sombra esse anagrama, e sempre a sombra
Deu alma nova à vida da pintura.

Não vos diferença no disfarce o nome,
Nem vossa glória nesse se sepulta,
Se em vós se reproduz do nome a glória,
Bem é que o nome em vós se reproduza.

Se vós para vós mesma um nome novo
Preparais desse nome na leitura,
Assim havia ser, porque entre todas
Sois vós, senhora, que valeis por muitas.

Enigma sois, e tão discreto enigma,
Que quem por sábio decifrá-lo estuda,
Acha que as letras vos fizeram outra,
Sem serdes outra, porque sois só uma.

Falais, senhora, pela voz das letras,
Que como língua a pena lhe articula,
Sois enigma nos ecos, porque os brados
Mais altos soam, sendo vozes mudas.

Contra o sono fatal do esquecimento
Brade com desenganos a ventura,
Culpa feliz, por ser o sono a causa

De se ouvir vossa voz contra tal culpa.

Em tanto aplauso perdurável fama
Logrará vossa glória sem segunda,
Livre dos sustos, que motiva o tempo,
Se pode o tempo ser da fama tumba.

Suspenda seus efeitos a esperança,
Quando para mais glória já se escusa,
A mais não passará, porque se escreve
Em tal livro por vós seu Non plus ultra.

Nesse volume vos prepara o prelo
Aquela vida, que imortal se apura
Com glória imensa, porque em muitas partes
Se admira sempre a vossa voz fecunda.

Vivei senhora quanto vive a Fénix,
Como Fénix, que sois da glória Lusa,
Se entendimento sois, o entendimento
Não se sujeita às leis da sepultura.

E tu, Musa, suspende o canto rouco,
Com que empenhas teus ecos na doçura,
Cala, que sendo teus, são neste empenho
Ao mesmo assunto sucessiva injúria.

De Jacinto da Silva de Miranda

Romance

Ó tu, devoto espírito, que ao mundo
Despertas dos mortais esquecimentos,
Espera, que esta empresa, que fabricas,
Tem toda de divinos privilégios.

É certo, que aos que dormem na cegueira,
Desperta com auxílio o Deus imenso,
Por mais que nos letargos esquecidos
Durmam, como parecem sempre os cegos.

Estes os brados são, que na memória
Fazem à consciência aviso, e peso,
Peso na gravidade dos delitos,
Aviso para a emenda de seus erros.

Porém já me desdigo, bradem sempre
Destes vossos ditames os contentos,
Porque a quem os auxílios não atende,
São precisos clamores sem sossego.

Mas com diversidade, que nem todos
Felices podem ser no efeito mesmo,
Pois se o cúmplice brada do delito,
Resiste à compunção o próprio exemplo.

Só com propriedade neste livro
Esperança haver pode dos efeitos,
Porque estes brados são dessa, que pode
Ser da divina voz órgão preexcelso.

A diferença salva: ela dos Anjos
Goza virgem perfeita os privilégios;
Pois nunca pode ser destes auxílios,
Bem como aqueles são os mensageiros.

Mas sem necessidade deste apodo,
Se humanos predcados lhe contemplo,
Para o livro se crer, alguns lhe assistem,
Que mais que acasos, julgo, são mistério.

No nome a conversão, e o desengano
Em tudo vem tão próprio ao mesmo intento,
Que parando a ideia a circunstância,
Ou lhe traz confusão, ou faz respeito.

Depois no sobrenome alenta o aviso,
Suaviza o rigor no brado austero,
Pois a glória, que nele claro inculca,
É de quem foge ao engano o augusto prémio.

Té próprio ao caso vem sem repugnância
O nome desse lustre dos Conventos,
Pois esperar auxílios contra a culpa,
Dos Católicos é comum remédio.

Leia-se pois o livro, e se contemple
Em circunstâncias, porque eu entendo,
Que julgando o Céu próprios clamores,
Para as almas será o fruto certo.

Do douto deste livro nada digo,
Que os doutos podem ler o livro mesmo,
E é melhor, que em louvores tão indoutos,
Em ler erudições gastar o tempo.

E assim tu, ó leitor, qualquer que fores,
Deixa o vício comum de ler primeiro
Censuras, elogios, ou licenças,
Vai sempre procurar o mais perfeito.

No princípio lerás suavidades,
Desenganos lerás por todo o meio,
E no fim me dirás que é este o livro
Único para o gosto com proveito.

Do doutor Luís Manuel de Oliveira Feijó

Romance

Por meus conceitos, senhora,
Neste livro de conceitos,
Atrevimento é tão grande,
Que passa de atrevimento.

Atento hoje me permita
Vossa modéstia, que atento,
Louve o que quero por muito,
Remonte o muito que quero.

Mas que desejo, se a tanto
Não satisfaz o desejo,
Que os afeitos não são vozes,
Que exprimam os meus afetos.

O silêncio em vivas rompa,
Que é hoje crime o silêncio,
E o templo desta memória
Esse seja o vosso templo.

No discreto discorreis
Com inveja dos discretos,
Na facúndia sendo Palas,
Minerva das almas sendo.

Tais efeitos em mim causam
Do vosso livro os efeitos,
Que me vejo diferente,
Quando vossos livros vejo.

Se o pensamento dissera
Quanto alcança o pensamento,
Só vosso engenho louvara,
Se tivera o vosso engenho.

Mas entendo que aos vindouros,
Se acaso senhora entendo,
Será eterno este livro,
Pois merece ser eterno.

Em louvor da senhora Leonarda Gil da Gama tendo escrito o livro da vida de santa Rosa de Lima, e agora novamente imprimindo os *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento*

Epílogo

Quem é, que louvores guarda? Leonarda.
Em hábito mulheril? Gil.
E donde lhe vem a fama? Da Gama.

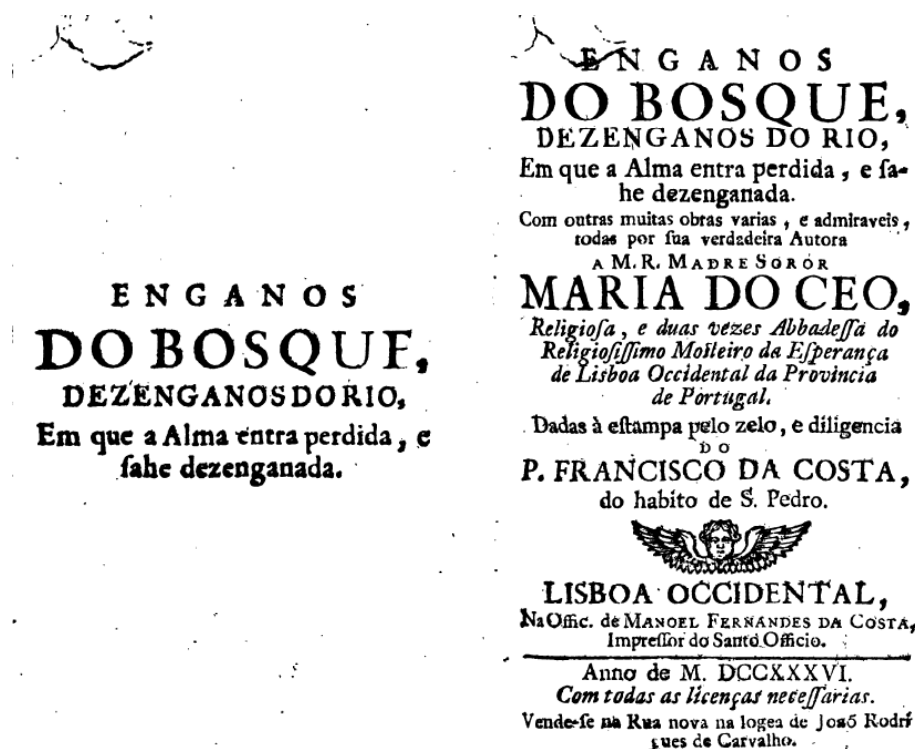
Logo com razão se aclama,
Mais que Minerva, e Belona,
Digna de louvores Dona
Leonarda Gil da Gama.

[errata]

Erros do original da Autora, que ela emenda nesta forma

3	com o miserável	como miserável
12	empenhado	obrigado
14	nasciam	não se criam
21	chegava-se o tempo	chegava-se o dia
21	e costumava-se nele	e empenhava-se nele
21	todo o empenho	todo o excesso
37	bem quisera achar	bem quisera eu achar
37	mas nem o princípio	mas nem o primeiro
53	tirar em que os tinha	tirar o em que os tinha
78	que teve de dever-se	que teve de dever-me
90	levar-me ao encontro	ao encontro das Turcas
90	em que as Turcas não desciam	em que não desciam
144	en llanto se anegava	en el llanto se anegava
152	recebia em luzes	recebia em glórias
152	chegar a vê-lo	espero chegar a vê-lo
153	labirinto sem tino	passo sem tino
156	ainda que por indigno	ainda sendo tão indigno
179	de tu luces	de tus luces
194	mais dos seus	mais que dos seus
211	que os desabrimentos	porque os desabrimentos
272	quem me fizera ditoso	que a leopoldo fizera ditoso
283	dê muitos tempos	deu muitos tempos
289	lhe disse	lhes disse
300	esperala yo	esperarla yo
312	e eu me não achei	e como eu me não achei
314	lhe faltasse na minha de que a minha fazia importância	lhes faltasse na minha vida, o de que a sua fazia importância
340	julgar mortais	julgar-se mortais
354	o não suspender	não suspender-me as armas
368	sinó tu ó Maria	sinó tu Maria

Anexo 19 – Enganos do bosque, desenganos do rio, em que a alma entra perdida, e sai desenganada (1736)



[frontispício]

Enganos do bosque, desenganos do rio, em que a alma entra perdida, e sai desenganada.

Com outras muitas obras várias, e admiráveis, todas por sua verdadeira autora a muito reverenda madre Soror Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal.

Dadas à estampa pelo zelo, e diligência do padre Francisco da Costa, do hábito de S. Pedro.

[gravura de anjo]

Lisboa Ocidental, na oficina de Manuel Fernandes da Costa, impressor do Santo Ofício.

Ano de MDCCXXXVI

Com todas as licenças necessárias.

Vende-se na Rua Nova na loja¹⁹⁵ de João Rodrigues de Carvalho.

¹⁹⁵ No original, *logea*.

[prólogo]

Prólogo

As obras da muito reverenda madre Soror Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal, são um tesouro de tantas riquezas, que parece inexaurível, pois tendo-se já repartido com todos por meio da estampa, em cinco tomos de oitavo, muita parte delas, cada dia aparecem novas riquezas para repartir, porque sempre se descobrem mais obras para comunicar: e como muitas pessoas espirituais, e curiosas sabem conhecer o valor, e estimação, que as tais obras merecem, cada hora, e com impaciência manifestam os desejos de que se lhes continue a posse destas riquezas; sendo eu o mais empenhado em que não fiquem algumas escondidas, com a minha costumada diligência alcancei as que neste sexto tomo te ofereço, não só em mais quantidade que nos cinco antecedentes; mas também com mais subidas, e proveitosas ideias de todos os assuntos, que em variedade gostosa discorre, e propõe, com que igualmente recreia o entendimento, e inclina a vontade a todos os atos de perfeição, a que devem aspirar os católicos de todos os estados, achando na lição destas obras em que empregar o tempo sem delito, evitar a ociosidade com proveito, e gastar as horas, que de suas ocupações lhe ficarem livres, em aprender o como podem salvar as suas almas. No Índice, que vai adiante, conhecerás pelos títulos das obras, como te inclina o desejo para veres a subtileza, e espírito, com que discorre em cada uma delas, variando nas ideias, mas sempre encaminhando ao séquito das virtudes. Muitas riquezas estão ainda por descobrir neste tesouro, e nele se vão ajuntando cada vez mais; porque a mina, donde se criam, e o entendimento, em que se formam, não param em compor outras obras, que por suas são avaliadas pelas melhores riquezas: se me continuar a felicidade de as alcançar, prometo, dando-me Deus vida, de as oferecer à tua curiosidade, e bem ordenado desejo, e apetite.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

O P. M. Fr. Manuel Coelho, qualificador do Santo Ofício veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental, 23 de agosto de 1735.

Fr. R. de Lancastrô.

Teixeira.

Silva.

Cabedo.

Soares.

Abreu.

Eminentíssimo senhor

Manda-me V. Eminência ver o livro intitulado: *Enganos do bosque, desenganos do rio, em que a alma entra perdida, e sai desenganada*. Autora a muito reverenda madre Soror Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal. Li, eminentíssimo senhor, com toda a atenção este livro, e não achei nele

coisa¹⁹⁶ alguma contra nossa santa fé católica, ou bons costumes; antes sim muitos ditames, de que se podem aproveitar muitas almas para o desengano da vida; e assim me parece digno de se manifestar aos olhos de todos por meio da estampa. V. Eminência mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa, 14 de setembro de 1735.

Fr. Manuel Coelho.

O P. M. Dout. Fr. Manuel da Ave Maria, qualificador do Santo Ofício, veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental, 16 de setembro de 1735.

Fr. R. de Lancastro.

Teixeira.

Cabedo.

Soares.

Abreu.

Eminentíssimo senhor

Esta obra, que com o título de *Enganos do bosque, e desenganos do rio*, compôs a madre Soror Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa no seu Convento da Esperança, é tão conforme à nossa santa fé, e bons costumes, que sobre o ser digna de imprimir-se, é dignamente merecedora de se estampar nos corações de todos. Assim o julgo, e me parece o julgarão assim os que com a reflexão que devem, se dignem de reparar no que sendo dotes, posto que raros, da natureza, se animam, e parecem mais impulsos da graça, com a qual fortalece tanto, e de tal sorte suaviza, e recreia para bem das almas a erudição, notícia, e naturalidade, com que discorre, e fala assim nisto, como em todas as mais obras, que se reconhecem, e veneram por suas, que a não serem todas tão singulares como esta, poderia esta só pela recomendação de sua merecer o crédito de singular entre todas. Isto o que me parece. V. Eminência mandará o que for servido. Convento da Santíssima Trindade em 26 de setembro de 1735.

Fr. Manoel de Ave Maria.

Vistas as informações, pode-se imprimir o sexto tomo das obras da madre Soror Maria do Céu, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 27 de setembro de 1735.

Fr. R. de Alancastro.

Teixeira.

Silva.

Cabedo.

Soares.

Abreu.

Do Ordinário

¹⁹⁶ No original, *cousa*.

O muito reverendo padre doutorado Fr. Martinho do Amor de Deus veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental, 28 de setembro de 1735.

Miranda.

Reverendíssimo senhor

Manda-me vossa senhoria ver esta obra com o título de *Enganos do bosque, e desenganos do rio*, que escreveu, e quer imprimir a madre Soror Maria do Céu, e o reverendo Francisco da Costa, clérigo do hábito de S. Pedro, e muito teria que admirar, que sendo duas vezes prelada a autora desta obra, lhe desse lugar o governo, para que se empregasse tanto no desafogo do seu espírito; mas quis assim mostrar desempenhado o seu nome, e o seu mosteiro, senão é que tudo é o mesmo ser do Céu, e religiosa da Esperança, aonde tem a corte uma grande parte da sua fidalguia, e vemos cá na terra um pedaço de Céu com digna morada do rei da Glória, esposo seu, que empregando-se na vida contemplativa, e religiosa, entram a provar nos seus escritos, que dão ao mundo a melhor lição para os desenganos, e aos aproveitados a mais segura regra para perseverarem na sua melhora, desafogo preciso, emprego necessário de um coração, que arde no divino amor, pois ainda que o Índex deste livro o não declarara, arto se chega a entender, porque estes são os efeitos de semelhante causa, e propriamente me lembra o em que no profano rompeu o nosso Camões. Já me desenganei, que de queixar-me não se alcança remédio, mas quem pena, forçado lhe é gritar, se a dor é grande. Deve-se-lhe dar a licença, que pede, e provera a Deus, que este fosse o emprego do estudo religioso de um, e outro sexo; porque na lição de tão santas obras teriam os curiosos mais, e melhor fruto, do que tirão de outras, que se deixam imprimir. Este o meu parecer, vossa senhoria mandará o que for servido. Santo António dos Capuchos, hoje 29 de setembro de 1735.

Fr. Martinho do Amor de Deus.

Pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 30 de setembro de 1735.

Miranda.

Do Paço

O P. M. Fr. Lucas de Santa Catarina, da Ordem dos Pregadores, veja o livro, de que se trata, e interpondo seu parecer o remeta a esta Mesa. Lisboa ocidental, 3 de outubro de 1735.

Pereira.

Teixeira.

Rego.

Senhor

Vi o livro, de que trata a petição inclusa, e não tendo coisa¹⁹⁷, que encontre o real serviço de Vossa Majestade, me parece digno de que a voz da estampa o participe à curiosidade discreta, como

¹⁹⁷ No original, *cousa*.

parto de um engenho, e génio, que fecundos, e versados, assim no metro, como na prosa, souberam com singular indústria morigerar a natureza. Assim se acha todo o livro tão redundante de agudezas, e elegâncias; de moralidades, e alegorias, que servindo para recreio, pode também contribuir para o ensino. Estas as justificadas aderências para a licença, que se pede, Vossa Majestade ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa ocidental em 7 de outubro de 1735.

Fr. Lucas de Santa Catarina.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 11 de outubro de 1735.

Pereira.
Teixeira.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. S. Domingos de Lisboa, 27 de abril de 1736.

Fr. Manuel Coelho.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 27 de abril de 1736.

Fr. R. de Lancaastro.
Teixeira.
Silva.
Cabedo.
Soares.
Abreu.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 27 de abril de 1736.

Gouveia.

[taxa]

Que possa correr, e taxam em cento e oitenta reis. Lisboa ocidental, 28 de abril de 1736.

Teixeira.
Boniche.

[índice]

Índex das obras, que se contém neste livro, *Enganos do bosque, desenganos do rio, em que a alma entra perdida, e sai desenganada*

Capítulo I. Mostram-se à alma significadas na Peregrina dois¹⁹⁸ caminhos, o do Céu, e o do mundo; as virtudes a chamam para o paraíso vergel do Pastor, os vícios para o mundo, do Caçador bosque. Página 1.

Capítulo II. Resoluta a alma a seguir o conselho de Cristo figurado no Pastor, dá os primeiros passos pelo caminho da virtude; porém logo o mimo de seu amor próprio lho representa impossível de vencer, e destina ao bosque do Caçador, aonde bebendo de suas águas lhe rouba o mundo o coração; ali é cortejada de suas lisonjas simbolizadas nas ninfas. Página 13.

Capítulo III. Descrevem-se as condições do mundo significadas no bosque, neste é mostrado à Peregrina o primeiro ídolo Nobreza, e namorada de sua soberania, corre o desengano significado no rio a desenganá-la. Página 28.

Desengano primeiro. Página 35.

Capítulo IV. É a alma levada ao segundo ídolo do Mundo Formosura, e indo a cegar-se em suas luzes, a socorre o desengano com suas vozes. Página 45.

Desengano segundo. Página 52.

Capítulo V. Passa a alma ao terceiro Ídolo Discrição humana, torna a enganar-se, e o desengano a dissuadi-la. Página 62.

Desengano terceiro. Página 66.

Capítulo VI. A esperança do Mundo Ídolo quarto chega a alma, primeiro a olha irreverente, e logo a deixa desenganada. Página 74.

Desengano quarto. Página 77.

Capítulo VII. Em que a Peregrina passa ao Ídolo Riqueza, leva-se primeiro de suas vozes, e logo pisa seus poderes. Página 85.

Desengano quinto. Página 89.

Capítulo VIII. Em que a alma é levada ao culto do amor próprio, primeiro, e último Ídolo. Página 96.

Desengano sexto. Página 100.

Capítulo IX. Em que desenganada a alma resolve deixar o Bosque, símbolo do Mundo, procuram detê-la as suas lisonjas na voz do Caçador, vence seus enganos com o favor das inspirações significadas nos avisos das Pastoras. Página 108.

Capítulo X. Em que vacilante a alma nas sombras do Mundo, penetra ao Céu com sua oração, e alumiada com um raio de luz em suas escuridades, sai do Bosque seguindo a Cristo. Página 114.

A Esposa dos Cantares, doença, e febre de amor. Página 121.

Dor. Página 123.

Desmaios. Página 126.

Gemidos. Página 131.

Sede de amor. Página 136.

Sono. Página 139.

Retrato de Cristo Menino. Página 141.

Pranto. Página 145.

¹⁹⁸ No original, *dous*.

Retrato de Cristo homem. Página 147.

Retrato de Cristo morto. Página 151.

Retrato de Cristo ressuscitado. Página 158.

À Samaritana. Página 161.

Vilhancico para a Circuncisão. Página 173.

Ao Santíssimo Sacramento. Página 181.

Passos de Cristo, Horto, prisão, e bofetada. Páginas 181 e 182.

No tribunal de Herodes, e açoites¹⁹⁹. Página 183²⁰⁰.

Coroa de espinhos, Ecce Homo. Página 184.

Ao lavar Pilatos as mãos, ao encontro da Senhora na rua da amargura, e à Verónica. Página 185.

À Cruz de Cristo, pregado nela, é à lança. Página 186.

A Cristo morto, e sepultado. Página 190.

Soledade de Nossa Senhora. Página 191.

Ressurreição de Cristo, aparecimento a Nossa Senhora, e à Magdalena. Página 193.

Às lágrimas de David, e ao cego que pediu vista a Cristo. Página 195.

A nosso Padre S. Francisco. Página 196.

Vilhancico à Magdalena. Página 197.

Significações das flores moralizadas. Página 199.

Significações das frutas moralizadas. Página 218.

Significações das ervas aromáticas moralizadas. Página 239.

Clavel, e Rosa, breve comédia aludida aos desposórios de Maria, e José. Página 249.

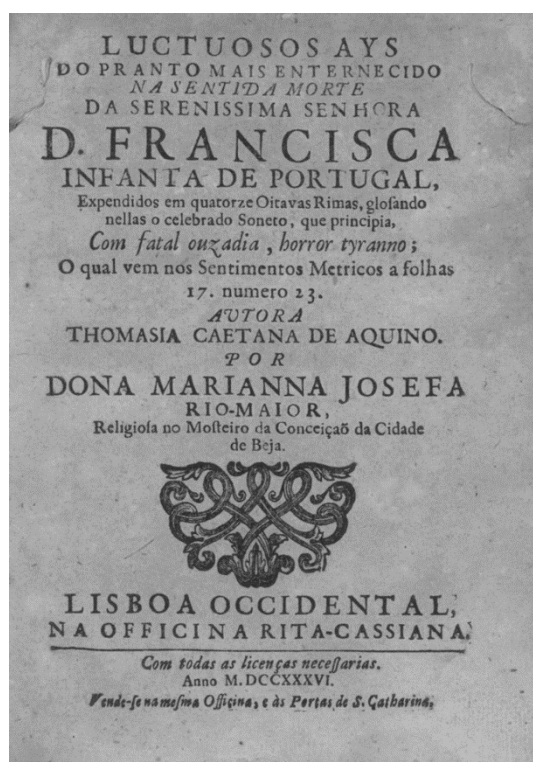
[no fim]

A Autora não teve tempo de compor a segunda parte.

¹⁹⁹ No original, *açontes*.

²⁰⁰ No original, *813*.

Anexo 20 – Lutuosos ais do pranto mais enternecido na sentida morte da sereníssima senhora D. Francisca infanta de Portugal (1736)



[frontispício]

Lutuosos ais do pranto mais enternecido na sentida morte da sereníssima senhora D. Francisca infanta de Portugal, expendidos em quatorze oitavas rimas, glosando nellas o celebrado soneto, que principia, *Com fatal ousadia, horror tirano*, o qual vem nos *Sentimentos métricos* a folhas 17, número 23.

Autora Tomásia Caetana de Aquino por D. Mariana Josefa Rio-Maior, religiosa no Mosteiro da Conceição da cidade de Beja.

[gravura]

Lisboa ocidental, na Oficina Rita-Cassiana.

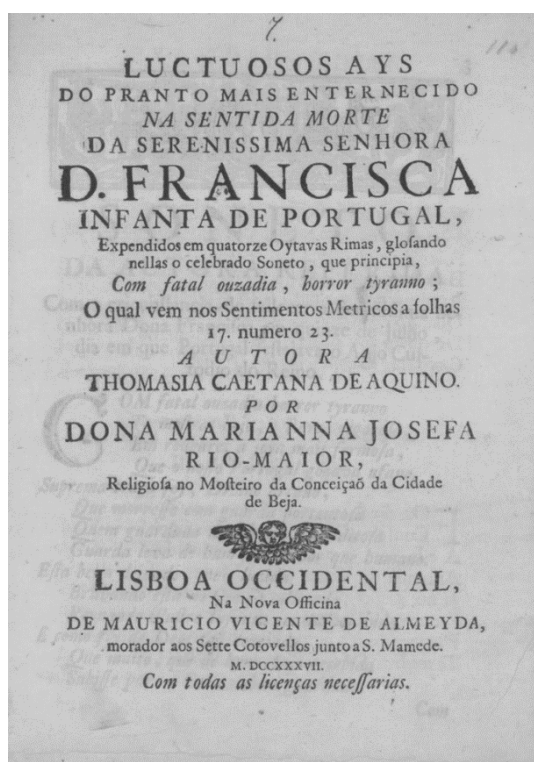
Com todas as licenças necessárias.

Ano MDCCXXXVI

[informação de venda]

Vende-se na mesma oficina, e às portas de Santa Catarina.

Anexo 21 – Lutuosos ais do pranto mais enternecido na sentida morte da sereníssima senhora D. Francisca infanta de Portugal (1737)



[frontispício]

Lutuosos ais do pranto mais enternecido na sentida morte da sereníssima senhora D. Francisca infanta de Portugal,

Expendidos em quatorze oitavas rimas, glosando nelas o celebrado soneto, que principia, *Com fatal ousadia, horror tirano*, o qual vem nos *Sentimentos métricos* a folhas 17, número 23.

Autora Tomásia Caetana de Aquino por D. Mariana Josefa Rio-Maior, religiosa no Mosteiro da Conceição da cidade de Beja.

[gravura de anjo]

Lisboa ocidental, na Nova Oficina de Maurício Vicente de Almeida, morador aos Sete Cotovelos junto a S. Mamede.

MDCCXXXVII

Com todas as licenças necessárias.

[no fim]

Pelos mesmos consoantes do glosado soneto

Ao mesmo assunto

Soneto

Ao mais sensível golpe, e o mais tirano,
Se rendeu uma vida (rigorosa
Pensão da mesma vida) mais fermosa,
Do que aquela, que goza o Sol ufano.

Foi pasmo, e foi prodígio de um arcano,
Na ação executada portentosa;
Pois morrendo ao golpe, foi ditosa
A vida, quando o golpe foi humano.

O ser tão venturosa, é ser luzida
Em o celeste Empíreo, e colocada
Em o mesmo gozando melhor vida.

Assim vós, ó Infanta desejada
Dos Cortesões do Céu, sois recebida,
Para esposa de Cristo só guardada.

Ao mesmo assunto pelos mesmos consoantes forçados do soneto, que vem nos *Acentos Saudosos das Musas Portuguesas*, autor Manuel Pereira da Costa, que diz

Soneto

Desmaiado Planeta, que acidente
Perturbou dos teus raios a harmonia?
Como se atreve ao Céu tanta agonia,
Sem que a dor sacrilégios acrescente?

Se eras da Lusa esfera astro vivente,
Que de luzes Impérios produzia;
Como o Augusto esplendor, que enveja o dia,
Hoje se usurpa sombra irreverente?

Aqui dizem se oculta essa luz pura;
Mas eu hoje com raro, e novo espanto,
Em cristal hei de abrir-te a sepultura;

Esse túmulo é breve a ocaso tanto;
Pois de um Sol eclipsado a fermosura,
Só tem urna decente em mar de pranto.

Pelos mesmos consoantes

Soneto

A uma luz tão fermosa um acidente
Assim se atreve ousado? Que harmonia
Faz um desmaio à luz! Sim agonia
É da fermosa luz, quando à crescente²⁰¹?

²⁰¹ No original, *crecente*.

Oh, como todo o esférico vivente.
Sentirá desta luz (que produzia
Alentos já as esferas, já ao dia)
Esta mágoa fatal, e irreverente?

Mas subiu como eclipse à luz mais pura
Que no Céu se está vendo sem espanto,
E com cultos se vê na sepultura;

No ocaso não há de ser, que esplendor tanto,
Só no Oriente sepulta a fermosura,
Suspendendo-a do Sol, da Aurora o pranto.

De D. Águeda Maria do Sacramento, religiosa no Mosteiro do Paraíso da cidade de Évora.

Ao mesmo assunto do mesmo autor o segundo soneto, ambos com aclamações de cem segundos, e diz,

Soneto

Do jardim Luso a melhor flor sem vida!
A imagem de Minerva sem alento!
Das três Graças o coro em sentimento!
Do Sol a precursora escurecida!

Da Aurora a melhor pérola perdida!
Da Lusitânia o Céu sem movimento!
Do belo o original sem luzimento!
A luz da Lísia a sombras reduzida!

Do Augusto a ideia já sem permanência!
Da Régia estirpe em flor cortado o fruto!
Todo o Império do amor em decadência!

Transformando o divino em triste luto!
Ou parece se esquece a Providência,
Ou passa a crueldade, o que é tributo.

Pelos mesmos consoantes

Soneto

Já o alento, que dava alento à vida,
E a vida, que tudo era um puro alento,
Entre um lutuoso pranto o sentimento,
A lamenta por luz escurecida:

Luz era, por quem a luz do Sol perdida
Andava em contínuo movimento:
Que para ter mais Régio luzimento,
Ver queria esta à sua reduzida.

Mas ainda que não tem já permanência
Desta luz, flor também o altivo fruto,
O há de ter, ainda tendo decadência.

Que uma flor, e uma luz não traja luto
Por morrer luz, e flor que é Providência,
Que a flor, luz sejam Fénix por tributo.

De D. Brites da Conceição, religiosa no Mosteiro de Santa Mónica da cidade de Évora.

FIM

Anexo 22 – Festivo aplauso, em que uma religiosa como pastora, e os anjos como músicos, no Convento de Nossa Senhora da Conceição das religiosas da senhora Santa Brígida, no sítio de Marvila, celebraram o nascimento do menino Jesu (1737)



[frontispício]

Festivo aplauso, em que uma religiosa como pastora, e os anjos como músicos, no Convento de Nossa Senhora da Conceição das religiosas da senhora Santa Brígida, no sítio de Marvila, celebraram o nascimento do menino Jesu por Soror Arcângela Maria da Assunção.

Dada à estampa, com as notas, por um seu obrigado.

[arabesco]

Lisboa ocidental,

Na oficina de José António da Silva, impressor da Academia Real.

MDCCXXXVII.

Com todas as licenças necessárias.

[no fim]

Fisberta, e Aónia pastoras, ponderando o grande amor, que a zagala sua companheira mostrara ao objeto de seu festivo aplauso,

Soneto

Fisb. Que te parece, Aónia, esta pastora?
Aon. Perguntar-te, Fisberta, isso queria.
Fisb. No explicar o seu amor, viste a energia?
Aon. Explicá-lo melhor, não vi atégora.
Fisb. Bem mostrou ter no peito o bem, que adora
Aon. E que outro amor já lá lhe não cabia.
Fisb. Os olhos lhe bailavam de alegria.
Aon. Neles a Alma vem ver a quem enamora.²⁰²
Fisb. Nada disso me assombra, nem me admira,
 Mas sim ver, que antes tão vergonhosa era,
 E hoje em público amante se declara.
Aon. Pouco sabes de amor: quanto respira
 Amor, é fogo, e em os olhos reverbera.
 A alma, a que incende, grita, e não repara.²⁰³

[textos laudatórios]

À religiosa, que em figura de pastora falava ao Divino Cordeiro em a noite de Natal, em sonoro metro,

Soneto.

Suspenda Orfeu a doce melodia
 Desta felice suspensão sonora,
 Que melhor consonância se ouve agora
 Entre estes dois²⁰⁴ Amantes com porfia.

O Cordeiro à Pastora desafia,
 Mas ela com a lira mais canora,
 Quando vê, que entre sustos ele chora,
 Diverti-lo pretende²⁰⁵ na harmonia.

Ameno vale faz de uma Clausura,
 E com discreta voz, em doce calma,
 Puros votos consagra com ternura.

Entre as Pastoras sempre leve a palma,
 Pois pelo seu Cordeiro dar procura
 A liberdade, a vida, o gosto, a alma.

Ao mesmo assunto

Soneto

²⁰² Oculus corporis est oculus mentis. *S. Aug. in Psal. 41.* Fenestrae nostril sunt oculi, quia per ipsos anima respicit, quod exterius concupiscit. *S. Greg. t. 2.*

²⁰³ Cor sagit tá amoris transfixum intímé ardet, aestuat, suspirat, & gemit, non se cohibere valens ob amoris vehementiam. *À Lapide sup. text.* Fulcite me floribus, quia amore langueo. *Cant. 2.*

²⁰⁴ No original, *dous*.

²⁰⁵ No original, *pertende*.

Sábia Pastora, que amas com carinho
Ao Cordeiro Pastor mais verdadeiro,
E a caminho, com passo tão ligeiro,
O próprio Amor achaste no caminho.

Quando amores feliz com tanto alinho,
Fina consagras ao Pastor Cordeiro,
Se ao rebanho te trouxe o Pegureiro,
Hoje à Pastora guia o Cordeirinho.

Nos colóquios, que amante condecoras,
Com os Celestes Coros emparelhas,
Quando terna o Pastor Cordeiro adoras.

Que muito, se com ele te assemelhas,
Pois Cordeiro te fez pelas Pastoras,
Fazendo-se Pastor pelas Ovelhas?

Mote:

Toda te entrega a Deus já desde agora.

Glosa da mesma religiosa,

Soneto.

Descuido raro! Sabes onde, ou quando
Te colherá da morte o dia horrendo?
Não por certo. Pois como te estou vendo
Sem soçobro, de tudo rir zombando?

A flor da idade agora vou logrando:
(Dizes) Há tempo, agora vou vivendo:
Lá depois deste agora me arrependo;
E este agora perdido irei chorando.

Ah, bárbara! Se esperas ao futuro,
Olha, que um dia depois falta, e é perigoso;
O que perdeste amargamente chora:

Vê, que um chorar agora é mui seguro,
E um depois ao depois é duvidoso:

Toda te entrega a Deus já desde agora.

Outra glosa do mesmo mote, da mesma religiosa.

Soneto

Agora, agora é tempo de emendar-te;
Agora, e já só cuida a Deus de render-te:
Perigoso será o mais deter-te;
Agora, e já pois trata em melhorar-te.

Se esperas num depois, pode faltar-te,
E faltando te pode então perder-te;

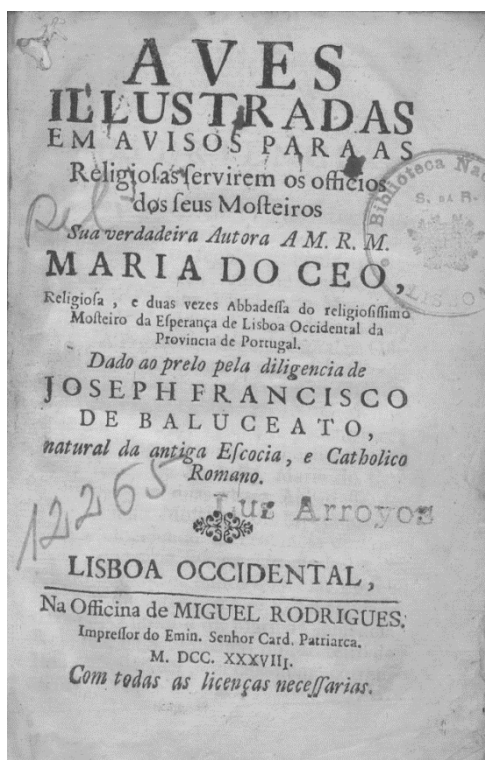
Pois se um então em ânsias vai meter-te,
Procura já, e logo o retirar-te.

Um agora no amar traz feliz sorte;
Um depois amarei, pode mentir-te;
Pode Deus castigar-te da demora.

Pois, Alma, não te aguardes para a morte,
Se um depois, de Deus pode dividir-te,
Toda te entrega a Deus já desde agora.

FIM

Anexo 23 – Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros (1738)



[frontispício]

Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros.

Sua verdadeira autora a muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal.

Dado ao prelo pela diligência de José Francisco de Baluceato, natural da antiga Escócia, e católico Romano

[arabesco]

Lisboa ocidental,

Na Oficina de Miguel Rodrigues. Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardeal-Patriarca.

MDCCXXXVIII

Com todas as licenças necessárias.

[prólogo]

Advertência

Correm impressos três livros de oitavo, cujos títulos são os seguintes: *Fénix aparecida, vida de Santa Catarina virgem, e mártir* na Oficina Deslandesiana ano 1715; *A Preciosa, alegoria moral* na Oficina da Música ano 1731; *A Preciosa, obras de misericórdia* na mesma oficina ano de 1733. Destes

três livros, deste, e de muitos outros, que se podem fazer das suas singulares obras, é sua verdadeira autora a muito reverenda madre Maria do Céu religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa ocidental da província de Portugal, que pela sua grande modéstia, e muita humildade nunca quis usar do seu nome em as ditas obras, e só em algumas dava por autora a madre Marina Clemência religiosa de S. Francisco no mosteiro da ilha de S. Miguel, em cujo nome correm os três livros referidos, que por diligência de outras religiosas se passaram os traslados para fora do mosteiro a pessoas, que sabendo estimar o seu valor, os imprimiram à sua custa, sem que a sua autora o soubesse, senão depois de impressos. Escuso de ponderar o admirável de todas estas obras, porque nas aprovações, que delas fizeram os reverendíssimos padres mestres, e doutores, que por ordem do Santo Ofício, do Ordinário, e do Paço as reviram, acharam os curiosos, e espirituais a estimação, que delas fazem, e o subido grau, em que as põem, dando quasi todos a entender, sem o declarar, o nome verdadeiro de sua autora. Só o reverendíssimo, e sapientíssimo P. M. António dos Reis incansável descobridor da verdade, que sempre a mostra como estrela fixa entre tantas, e luzidíssimas estrelas, de que se compõe, e adorna o céu da Congregação do Oratório desta corte, foi o primeiro, que nomeou no seu livro dos epigramas a madre Maria do Céu por autora da *Fénix renascida*²⁰⁶, primeiro livro, que das suas obras se imprimiu. Com esta advertência se restitui ao Mosteiro da Esperança a glória de ter criado uma religiosa de tão relevantes prendas, e à província de Portugal o crédito de ter uma filha, que faz parilha com as maiores escritoras, que tem havido, e não falta quem diga que excede a muitas.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Pode-se tornar a imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 28 de novembro de 1738.

Fr. R. Lancastro.
Teixeira.
Cabedo.
Soares.
Abreu.

Do Ordinário

Pode-se tornar a imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa ocidental, 4 de dezembro de 1738.

²⁰⁶ Tal como indicado no início do texto, o título correto será *Fénix aparecida* e não *renascida*.

Do Paço

Que se possa tornar a imprimir o livro, de que se trata, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa ocidental, 5 de dezembro de 1738.

Pereira.

Teixeira.

Vaz de Carvalho.

Coelho.

Costa.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. Lisboa ocidental. Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, 19 de dezembro de 1738.

Fr. João de Santiago.

Visto estar conforme com o seu original, pode correr. Lisboa ocidental, 19 de dezembro de 1738.

Fr. R. Lancastrô.

Teixeira.

Cabedo.

Soares.

Visto estar conforme com o seu original, pode correr. Lisboa ocidental, 19 de dezembro de 1738.

Gouveia.

[taxa]

Que possa correr, e taxam em cem reis em papel. Lisboa ocidental, 20 de dezembro de 1738.

Pereira.

Teixeira.

Anexo 24 – Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento
– 2.ª parte (1739)

BRADOS
DO
DESENGANO
CONTRA O PROFUNDO SONO DO
Esquecimento.

BRADOS
DO
DESENGANO
CONTRA O PROFUNDO
Sono do Esquecimento.
II. PARTE.
E S C R I T A
P O R
LEONARDA GIL
DA GAMA,
Natural da Serra de Cintra.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina da Música, e da Sagrada Religião de Malta, debaixo
da protecção dos Patriarchas S. Domingos, e S. Francisco.

M. DCC. XXXIX.

Com todas as licenças necessárias, e Privilegio Real.

[frontispício]

Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento. II parte escrita por Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra.

[arabesco]

Lisboa ocidental, na Oficina da Música, e da Sagrada Religião de Malta, debaixo da protecção dos patriarchas S. Domingos, e S. Francisco.

MDCCXXXIX

Com todas as licenças necessárias, e Privilegio Real.

[prólogo]

Prólogo

Pio, ou ímpio leitor (contigo falo) seja qual for o afeto, de que te achar dominado este livro, quando à tua mão chegar, porque nem por lisonja te peço o louvor, nem me assustará que por escrúpulo na crítica o censure; que um ânimo independente tanto valor dá ao aplauso, como à calúnia, por ter já cobrado o prémio do seu trabalho na satisfação do próprio génio. Bem sei que acharás, que é civilidade do meu espírito ocupar as horas com o rasteiro voo da minha pena, quando tantas águias se remontam sobre as esferas; e quero antecipar-te a reposta de tão arrazoado²⁰⁷

²⁰⁷ No original, *arrazoado*.

argumento, por que te não fique a vaidade, de que me emudeceu a censura, sendo o meu silêncio aprovação do teu discurso. Olha para essa diáfana região dos ares, e nela acharás sem ofensa do seu soberano artífice, que entre tantos anciões de pluma, quantos ilustram a formosa república das aves, estendem com ligeira atividade as asas, tanto as altivas garças, como as humildes abelhas. Nem importa que te não pareça mestra a minha pena, se quando me diverte a mim o seu exercício, tiro doce utilidade deste emprego; e já fica proveitoso, o que acha escusado o teu mal-intencionado pensamento.

Na primeira parte destes *Brados* vesti mais à moda os desenganos, por que o aprazível dos enfeites fizesse menos horroroso o amargo das verdades. Nesta segunda estão os benefícios esforçando a propriedade dos *Brados*; por que no profundo letargo, em que adormecem os amadores do mundo, haja hora de despertar, ainda que a ti se te siga a de me arguir; mas eu te perdoo o golpe, rebatido no conhecimento, de que o primeiro que se fere é o murmurador, e estimarei te penetre, para que te emendes.

Vale.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Eminentíssimo, e reverendíssimo senhor.

Li o livro mencionado na petição, e nele não achei coisa²⁰⁸ alguma contra a pureza de nossa santa fé, ou bons costumes. S. Domingos de Lisboa ocidental, 19 de março de 1739.

Fr. João Baptista.

Eminentíssimo senhor.

Este livro, que V. Eminência me manda rever, intitulado *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento*; escrito com o nome de Leonarda Gil da Gama natural da serra de Sintra, me persuade que, ou há serras que, esquecidas da sua natural aspereza produzem polidas pedras, ou que a autora deste livro, também esquecida do seu nascimento, dá brados que servem de desengano aos que mais por adquirirem glória aos seus nomes, saem a público com os partos do seu engenho, do que para utilidade dos leitores, e crédito da nação, imprimem suas obras. Porém formando do meu dilema o devido conceito, me capacito da segunda parte dele; porque sendo certo, que uma árvore má, e agreste não pode produzir frutos bons, e saborosos, também da aspereza de uma inculca serra não podia nascer uma polida pedra, e tão polida, que não necessita de lapidária para o luzimento. Onde, torno a dizer, discorro, que a autora por sua profunda humildade esquecida do nascimento, que teve, não na aspereza da serra, de que se inculca filha, mas sim nos sumptuosos palácios do seu solar, herdando com o nobilíssimo do sangue aquela cultura, e polícia, que costumam os ilustres pais dar aos filhos, quis com o véu do nome alheio encobrir²⁰⁹ o próprio, procurando desta sorte unicamente o aproveitamento dos leitores no bem ideado, discorrido, e conceituoso deste livro;

²⁰⁸ No original, *cousa*.

²⁰⁹ No original, *incobrir*.

que sendo a segunda parte do seu avultado talento, não desmente da primeira, fugindo aos aplausos, que justamente merece, baliza a que também se encaminha dos escritores o estudioso trabalho. Mas assim como não há arte para encobrir ao ouro o valor, nem ao diamante os quilates, assim não valeu a autora ocultar engenhosamente²¹⁰ o seu nome, para que se não conhecesse o valor, e os quilates desta obra; que por excessivo aquele, e subidos estes, logo manifestaram, que só de talento tão agigantado, como o da autora, podia ser portentoso o parto deste livro, em que tanto na prosa, como na poesia tem os leitores no elevado da frase, e no conceituoso do verso o melhor mestre, e os mais importantes documentos, os que quizerem de uma vez desenganarem-se, do que são as vaidades deste mundo, e até donde chegam as inspirações divinas, único termo, a que aspira o laborioso trabalho, e incansável fadiga da autora; que bem mostra nesta utilíssima obra observar em tudo os dogmas de nossa santa fé, a que se não opõe este livro, nem aos bons costumes, e assim merecedor de se imprimir em lâminas de bronze para injúria dos tempos. Carmo de Lisboa ocidental, 23 de abril de 1739.

Fr. Alberto de S. José Col.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental, 24 de abril de 1739.

Fr. R. de Alencastre.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Abreu.

Do Ordinário

Eminentíssimo senhor.

Obedecendo prontamente ao que V. Eminência me ordenou, tendo visto com cuidado, e atenção o livro, que é a segunda parte do que saiu em um dos anos passados, com o título de *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento*, composto por Leonarda Gil da Gama, anagrama, com que sua autora quis ocultar o seu nome, como per si se deixa ver. Eu, que nunca quis saber mais do que aquilo, que à boa mente se me quis declarar, não me apliquei a decifrá-lo. Corra o livro com este disfarce, que sem embargo desta diligência, o excelente do método, que segue a autora, a discrição da frase, de que usa, a propriedade dos conceitos, o seguido da história, e a elegância dos versos, que se acham incertos, para dar maior ar, e formosura mais relevante à contextura da história, que se finge (tudo para mais avultada glória da sua autora) bem patenteiam o mesmo, que se quis encobrir com a estudada indústria do anagrama.

A ideia foi bem achada, porque mui própria para o alvo, que a autora se propôs a si mesma para os pensamentos, e para o intento, que com estes bem apurados discursos quis persuadir: e ajustado o invento, com admirável disposição soube distribuir por especiosa ordem, o que havia premeditado para convencer os entendimentos, e afeiçoar as vontades dos leitores; que deve ser o total empenho, de quem procura com os seus brados intimar desenganos, e despertar, com o que desengana, os que se acham adormecidos no próprio esquecimento.

²¹⁰ No original, *ingenhosamente*.

Já houve quem disse, que não se compunha livro algum, no qual entre as coisas²¹¹ boas, que contivesse, se não achassem alguns períodos medíocres, e muitos inteiramente maus; porém a discretíssima autora deste livro soube com bom engenho falsificar a sentença, de quem assim o escreveu; porque em todas as páginas deste livro (ainda que pequeno no volume, grande nos profícuos pensamentos, que intima) nenhuma cláusula se acha, que se possa taxar de medíocre, porque todas são em superlativo grau com boa arte dispostas, e tudo o que escreve, se vê composto com grande acerto; e nem ainda a mais escrupulosa crítica poderá nesta obra descobrir defeito algum; porque na verdade está com todo o estado perfeita.

Razões todas (além de não conter coisa²¹² alguma contra a pureza dos dogmas da nossa santa fé, nem que desdiga dos bons costumes) que facilitam a V. Eminência se sirva de dar licença para a impressão. Isto é o que julgo, isto é o que sinto. Carmo de Lisboa ocidental, 2 de maio de 1739.

Fr. José de Lima.

Pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa ocidental, 2 de maio de 1739.

Gouveia.

Do Paço

Senhor.

Manda-me vossa majestade ver a segunda parte do livro intitulado *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento*, que escreveu Leonarda Gil da Gama, anagrama, com que a modéstia de sua autora pretendeu²¹³ encobrir a glória do seu próprio nome, porém não pertence à minha comissão o decifrá-lo.

Esta obra consiste em uma alusão seguida com bela arte, dirigida a uma alma combatida no trabalhoso labirinto do mundo, para poder alcançar um perfeito desengano das aparentes máquinas, que tantos se lisonjeiam, vivendo escravos da sua própria liberdade. Nesta obra brilha o sublime da ideia na invenção, a diversidade dos pensamentos nobremente exprimidos, em uma continuada afluência de discrição, não lhe sucedendo afrouxar no estilo que empreendeu, como muitas vezes acontece em semelhantes obras, porque é dificultoso revestirem-se acidentes tão semelhantes de novas vozes, que pareçam diversas.

Neste livro não se acha coisa²¹⁴, que encontre as leis de vossa majestade, e é muito digno da licença, que se pede para o imprimirem, com o qual conseguirá a autora o fruto do seu tão bem empregado trabalho em um nome recomendável à posteridade, entrando no número daquelas esclarecidas matronas, que se fizeram igualmente veneradas pelos dotes, que adquiriram pela aplicação, do que pelas altas origens, de que procediam; porque o tempo virá a romper o véu, com que agora se encobre o seu próprio nome, para ilustrar ao mesmo tempo a casa, em que vive, e a que lhe deu o ser. Este é o meu parecer, vossa majestade mandará, o que for mais conveniente ao seu

²¹¹ No original, *cousas*.

²¹² No original, *cousa*.

²¹³ No original, *pertendeu*.

²¹⁴ No original, *cousa*.

serviço²¹⁵. Lisboa ocidental na Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, o primeiro de junho de 1739.

D. António Caetano de Sousa C. R.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa ocidental, 3 de junho de 1739.

Pereira.

Teixeira.

Vaz de Carvalho.

Costa.

[segundas licenças]

Do Santo Ofício

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 25 de agosto de 1739.

Fr. R. Alancastre.

Silva.

Soares.

Abreu.

Do Ordinário

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa ocidental, 31 de agosto de 1739.

Gouveia.

[taxa]

Taxam em trezentos e cinquenta reis em papel. Lisboa ocidental, 26 de agosto de 1739.

Pereira.

Vaz de Carvalho.

[textos laudatórios]

Em louvor da senhora Leonarda Gil da Gama escrevendo o livro do *Brados do Desengano*.

Soneto

Suspender manda, por ouvir teus brados,
Apolo de seu coro o doce assento
E por eles perpétuo esquecimento
Pôs o vendado Deus a seus cuidados.

Na planta Nífa deixam pendurados

²¹⁵ No original, *serviço*.

Por troféu de teu raro entendimento
As setas, arco, e lira, que instrumento
Foi do engano dos já desenganados.

A cingir pois o lauro ao sólio augusto,
Do Pindo preclaríssima deidade,
Sobe, sem atender da enveja ao susto,

E descanse já, quem da antiguidade
As heroínas busca, que sem custo
Acha a glória de todas nesta idade.

De D. Joana Teresa de Noronha.

Ao mesmo assunto

Soneto

Maravilha, em que a sábia natureza
Tão sábia se mostrou, tão prodigiosa,
Que mais na descrição vos fez famosa,
Do que o foram as Sete na grandeza:

Tanto a Pátria ilustrais, e a tal nobreza
Se eleva em vossa pena primorosa,
Que está de Lusitânia hoje envejosa
Da Grécia a celebrada sutileza.

Prossegui preclaríssima Heroína,
Para que em mais volumes nos deixeis
De original tão raro a cópia digna,

Pois já nestes escritos que fazeis,
Qual Féniz, mais que a outra peregrina,
Para a vida da fama renasceis.

A Leonarda Gil da Gama autora do livro

Soneto

Oh que discretos, e felizes Brados,
Repete o Desengano em doce acento,
Trocando em vigilância o esquecimento,
Que os sentidos trazia descuidados.

Os arcos de Cupido pendurados
Se admiram já, que pode o entendimento
Melhorar de razão, e de instrumento,

Com tantos exemplares de enganados.

Conheça pois o mundo o braço augusto,
A fé, a discrição, e a piedade,
A pena enfim, que fá ao inferno susto:

Admire, e reconheça a santidade,
Na exemplar, pois triunfa a tanto custo
Da memória, entendimento, e da vontade.

Do P. M. Fr. João de S. Pedro monge de S. Jerónimo.

Em louvor da autora

Soneto

É muito desengano em uma vida,
Que da primeira idade na clausura
Escondeu fidalguia, e formusura,
Engenho, e discrição de igual medida.

Mas se não foi dos brados convencida,
Mais ilustre razão, Senhora, apura,
Essa dor, esse pranto, essa amargura,
Que vos faz Magdalena arrendida.

Não sei, não sei, se o nome decifrado
Estímulo seria da vitória,
Que o ídolo do amor deixa prostrado.

Destruída no mundo esta memória,
Não haverá nenhum desenganado,
Que vos julgue da terra, e não da Glória.

Do mesmo.

Em louvor da senhora Leonarda Gil da Gama autora do livro.

Soneto.

Quando mostrar procuras nesta história
Teu engenho sutil, nobre, e elevado,
Dás ao discreto luz, e ao obstinado
Um seguro caminho para a Glória.

Altamente triunfando da vanglória,
Em metro tão suave, e doce brado,
Queres ver o teu nome eternizado,

Para vencer ao tempo na memória.

Minerva abandonando a competência,
Já cede em teu louvor o trono, e templo,
Para sólio feliz de tanta ciência;

E eu vejo, quando esta obra mais contemplo,
Que sois na erudição, e na eloquência,
Do sexo exaltação, do Mundo exemplo.

De António Francisco de Saldanha.

Em louvor da autora

Soneto.

A Ilustre, e singular augusta empresa,
De tanta discrição nobre portento,
É para o Mundo doce documento,
É crédito feliz da natureza.

Tanta doutrina, tanta sutileza
Acha o cuidado, encontra o gosto atento,
Que à justa admiração, e o pensamento,
Suspendem a eleição pela grandeza.

Tal é o poder do estilo soberano,
Com que animais discreta a rara história,
Que faz perder o horror ao Desengano.

Vosso engenho sutil tenha a vanglória,
Que há de ser entre as dúvidas de humano
Do sexo presunção, da pátria Glória.

De Francisco de Saldanha.

À senhora Leonarda Gil da Gama autora do livro.

Soneto

Tirar de um sono a cega escuridade,
Que aos mortais entre sombras envolvias,
Com matutino ardor, sábia energia,
Só vós, e o Sol, belíssima Deidade.

Mas tanto excede a vossa claridade
O esplendor, que a manhã bela anuncia,
Quanto vai do brilhante ardor de um dia

Às luzes, que hão de arder na eternidade.

Aos olhos, quando estão adormecidos,
A Aurora com dourados luzimentos
Objetos restitui esclarecidos.

Mas sendo os raios hoje documentos,
O Sol diverte o sono dos sentidos,
Vós d'alma despertais esquecimentos.

De um anónimo.

Em louvor da autora

Soneto.

Não em lâminas de ouro, ou jaspe duro,
O vosso nome grave a antiguidade,
Que pode da matéria a indignidade
Deixar à fama o sacrifício impuro.

Nas letras deste livro conjeturo,
Que fica mais decente a Majestade,
Pois só do vosso engenho a atividade
O nome, a fama deixará seguro.

O livro aos vosso nome ilustre aclama
Imortal, no sagrado desta história,
Que os corações desperta, o peito inflama.

E para eternizar vossa memória,
Se acabar com o Mundo a vossa fama,
Terá o vosso nome eterna Glória.

Do Padre Manuel de S. Paulo, cónego²¹⁶ de S. João Evangelista.

Em louvor da autora

Soneto

Quando, Senhora, intento o louvar-vos,
Receio juntamente o ofender-vos,
Que não pode o juízo compreender-vos,
Por não ter com quem possa comparar-vos.

Com Apolo quisera assemelhar-vos,

²¹⁶ No original, *cónigo*.

Mas quando tão discreta chega a ver-vos,
Do Parnaso o império quer ceder-vos,
Pois não pode chegar nunca a imitar-vos.

Com razão hoje o Mundo vos aclama
Do nosso Luso por imortal Glória,
Pelo métrico ardor, que vos inflama.

Cante a Musa os triunfos, e a vitória,
E discretos padrões vos grave a fama
No perdurável templo da memória.

Do Reverendo P. M. Fr. João César de Menezes monge de S. Bernardo.

Décimas

Sol de mais digna nobreza
O Mundo hoje vos aclama,
Pois chega a ser vossa fama
O que é Sol por natureza,
E assim de vossa grandeza,
Se a luz intento explicar
Da ciência, me hei de achar,
Qual incauto Faetonte,
Porque em tão claro horizonte,
É certo que hei de cegar.

Para assombro dos mortais
Vos criou a providência,
Pois com a vossa ciência
Tanta luz ao Mundo dais;
E porque assim vos mostrais
Em tudo tão soberana,
Desta Parca mais tirana,
Que tudo vence inclemente,
Triunfará eternamente
Leonarda Deidade humana.

Do mesmo.

Em louvor da autora

Décima

Publica a sagrada história,
Que a Magdalena ficou
Ditosa, porque alcançou
Firme Esperança da Glória;

Fique também em memória,
O que hoje de vós se alcança,
Quando sem temer mudança
Da fortuna, se vê pois,
Que vós Magdalena sois
A Glória da Esperança.

De André da Luz Silva.

Em louvor da autora

Décima

Neste livro soberano
A tal esfera subis,
Que humana vos contradiz,
Tão suave Desengano.
Com estilo mais que humano
Alcançais discreta Gama,
Quando assombro vos aclama,
Que nos templos da memória
Vivais como luz da Glória,
Voeis nos clarins da fama.

De Pedro Félix de Azevedo.

Em louvor de Leonarda Gil da Gama autora deste livro

Romance

Nueva Palas, cuyo nombre,
Del mundo en las cuatro partes,
Ha de grabar, y esculpir,
La fama en bronces, y jaspes.

A quien ventajas confiesa,
La que a Atenas dio triunfante,
Por la oliva, con el nombre,
Las insignias literales.

Honor de la Lusitania,
A que no menos realce
Dan tus discretos escritos,
Que tus blasones reales.

Hija de Apolo, que tiene
De sus tesoros las llaves,
Por quien hoy a Lisia bañan

De Hipocrene los raudales.

De cuya sonora lira
Es el dulce asiento grave,
De un sexo ilustre triunfo,
Del otro elegante ultraje.

Mas debidas a tus cienes
Eran las hojas de Dafne,
Que tejieran las coronas
Sin méritos, que te igualem.

A tus aplausos dedique,
A tu memoria llevante
Eterno padrón el Pindo,
El Parnaso tus afanes.

Porque solo salir puede
Bien de una empresa tan grande,
A no ser tu ingenio mismo,
Otro al tuyo semejante.

De D. Joana Teresa de Nápoles.

Em louvor da senhora Leonarda Gil da Gama, imprimindo o seu segundo livro

Romance hendecassílabo

Segunda vez a minha Musa intenta
Louvar nobre Heroína o vosso engenho,
Mas receio, que assunto tão heroico
Não caiba em toda a Esfera do conceito.

Porém já, que é forçoso elogiar-vos,
Desculpai-me²¹⁷, Senhora, os desacertos,
Pois quando é tal o objeto do Elogio,
Perde o tino o mais alto pensamento.

Esses Brados, que dais do Desengano
Contra o sono fatal do esquecimento,
Tal harmonia fazem nos ouvidos,
Que chegam a imprimir-se n'alma os ecos.

Com a repetição dos vossos Brados
Fazeis que os que até'qui viveram cegos,
Ilustrados das luzes da verdade,
Procurem seguir vossos documentos.

²¹⁷ No original, *disculpai-me*.

Quem deixará a gritos tão suaves
De render as potências, e os afetos;
Se a vossa voz doce, e sonora,
Que até sejam sensíveis os penedos?

Ó pasmosa Heroína, a quem a fama
Respeita com profundo rendimento!
Porque soubestes ser entre as Matronas
Aquela, que é exemplo sem exemplo.

Vivei, por que os mortais em vós admirem,
Que sois da natureza um tal portento,
Que co'a doce atração das vossas vozes
Soubestes emendar do Mundo os erros.

Continuai, Senhora, nos escritos
Pois com eles nos dais tanto exemplos,
E cada letra desses livros seja
Da vossa fama um padrão eterno.

No perdurável templo da memória
Se conservem tão nobres monumentos
Para triunfo feliz do vosso nome
Para glória imortal do luso Império.

Do Reverendo P. M. Fr. João César de Menezes.

Anexo 25 – Triunfo do Rosário (1740)



[frontispício]

Triunfo do Rosário repartido em cinco autos do mesmo muito devotos, e divertidos, pelas singulares ideias, com que os compôs a muito reverenda Madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa da província de Portugal, dado à estampa pelo costumado zelo, com que já mandou imprimir os outros tomos o Padre Francisco da Costa, do hábito de D. Pedro; e à sua custa.

[arabesco]

Lisboa Ocidental.

Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício.

Ano MDCCXL.

Com todas as licenças necessárias.

[informação de venda]

Vende-se na loja²¹⁸ de Félix Rodrigues de Carvalho na Rua Nova.

²¹⁸ No original, *loge*.

[prólogo]

Prólogo

Muito me tenho dilatado em publicar mais algumas obras da muito reverenda Madre Soror Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa da província de Portugal; porém a causa desta dilação, além de algumas moléstias, e negócios, que me embarçaram bastante tempo, o impedimento maior foi tirar da prisão cinco autos do Rosário, que neste sétimo tomo te ofereço; porque sua autora sentida, e escarmentada dos furtos, que lhe fizeram das mais obras, que contra sua vontade se imprimiram, apertou mais a prisão das que lhe ficarão, que não foi possível poder-lhe achar algumas, de que lançasse mão, porque nunca se descuidou de as guardar, aonde se não pudessem descobrir. Foi passando o tempo, e continuando também o zelo de muitas religiosas empenhadas, e desejosas de que não ficassem sepultadas tão singulares obras, e de que se fizessem públicas, para recrearem com tão proveitosa lição aos curiosos, e espirituais, que há muito tempo, que as esperam, até que finalmente as descobriram, onde menos cuidavam, que foi como tesouro escondido no campo; alegraram-se muito com o invento, e no mesmo instante me foi remetido, para que eu as pusesse em estado de se imprimirem, no que não houve muita dilação, e já se ficam trasladando outras obras, para se formar oitavo tomo, que não será menos divertido, e proveitoso pelos seus assuntos, e documentos; e entretanto se não descuidam as religiosas exploradoras de revolverem todo o tesouro, para tirarem dele o novo, e o velho.

Vale.

[índice]

Índex dos títulos dos cinco autos do Rosário

La Flor de las Finezas, página 1.

Rosal de María, página 59.

Perla, y Rosa, página 123.

Las Rosas con las espigas, página 182.

Tres Redenciones des Hombre, página 231.

Só quem ler com atenção estes autos, conhecerá o fruto espiritual, que deles se tira.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

O P. M. Fr. António Felgueiras, qualificador do Santo Ofício, veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental 30 de novembro de 1739.

Fr. R. de Alancastro.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Abreu.

Eminentíssimo senhor.

Satisfazendo ao que V. Eminência me ordena, vi com atenção o livro intitulado *Triunfo do Rosário, repartido em cinco autos* também rezoados pela muito reverenda Madre Soror Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do reformadíssimo Convento da Esperança de Lisboa, que os julgo conclusos para a decisão a final de poderem sair à luz por meio do prelo; porque tudo o que destes autos consta se conforma com a pureza de nossa Santa Fé, e bons costumes. É esta obra tão divertida, como útil para todos, pois atraídos, e recreados com o suave cheiro de tão excelentes flores, e persuadidos com a sólida verdade de tão ajustados discursos, poderão alcançar o glorioso triunfo, de que trata este tomo, que sendo o sétimo das obras desta esclarecida religiosa, parece em tudo primeiro na delgadeza de seus conceitos, e eficácia de seus documentos, com que a todos persuade o seguimento mais fervoroso da devoção do Rosário da mãe de Deus. Sendo pois esta obra tão útil, como agradável, se faz digna da licença, que se pede. Assim o julgo, V. Eminência mandará o que for servido. Lisboa ocidental, no Hospício do Duque, em 20 de novembro de 1739.

Fr. António de Felgueiras, religioso de S. Francisco da Província da Soledade.

O P. M. Fr. José da Assumpção, qualificador do Santo Ofício, veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa ocidental 20 de novembro de 1739.

Fr. R. de Alancastro.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Abreu.

Eminentíssimo senhor

Esta é a sétima corda (sete são os tomos, que desta religiosa com este se dão à estampa) que compõe à imitação das antigas²¹⁹ a suave cítara, com que a muito religiosa Madre Soror Maria do Céu no da sua esperança, em que assiste, arrebatada a todos para o verdadeiro; porque ao peito humano soube aprisionar com a ajustada consonância destas melífluas cordas de sorte, que já cada um pelos toques de cada uma transformado²²⁰ na mesma cítara se acha quasi celeste, para que se não duvide, mostra nele bem acertado complemento do seu encanto o como tem cinco estrelas²²¹ singularmente luzidas, e peregrinamente brilhantes, com que a todos domina, e por meio de seus resplandores com linda estrela nos pretende²²² encaminhar para a glória. Eu assim o julgo, porque os presentes cinco autos, que intenta fazer públicos o reverendo padre Francisco da Costa assim o razoam; e como a fé os abraça, e sejam de bons, santos, e louváveis costumes, não pode oferecer-se dúvida, que impeça, mediante o prelo, virem ao conhecimento do que por eles se deve alcançar lidos com a atenção, que

²¹⁹ Antiquitús autem cithara septem chordis erat. Forma citharae initio similis fuisse traditur pectori humano. S. Isidor. *Hespan.*

²²⁰ Nam pectus Dorica lingua cithara vocatur. *Origen. lib. 3. cap. 11.*

²²¹ Ex innumerabili stellarum multitudine quinque tantum sunt eae praedictae praerogativae, ut mundi causam gererent, humanis rebus omnibus consulerent, nihilque apud mortales fieri, quod ab earum arbitrio non penderet. *Pierio lib. 37. de Quin.*

²²² No original, *pertende*.

se lhe pede. É o que me parece. Lisboa ocidental, Convento da Senhora da Boa Hora de Religiosos Eremitas Agostinhos Descalços, 30 de novembro de 1739.

O mestre Fr. José da Assumpção.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado *Triunfo do Rosário*; e depois de impresso tornará, para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa ocidental 5 de dezembro de 1739.

Fr. R. de Lancastrô.

Teixeira.

Soares.

Abreu.

Do Ordinário

Pode-se imprimir o livro, de que se trata; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa ocidental 12 de dezembro de 1739.

Gouveia.

Do Paço

O P. M. Fr. Francisco de Santa Tereza, de S. Francisco da província de Portugal, veja o livro, de que se faz menção; e interpondo o seu parecer, o remeta a esta Mesa. Lisboa ocidental 14 de dezembro de 1739.

Pereira.

Teixeira.

Vaz de Carvalho.

Costa.

Senhor

Sendo este livro, que Vossa Majestade me manda ver, produção do sublime, e não vulgar engenho da muito reverenda Madre Soror Maria do Céu, religiosa do Real Mosteiro da Esperança desta cidade de Lisboa, e nele duas vezes abadessa, não necessita de outra aprovação, depois daquela, que já lhe tem adquirido há muito tempo a fama dos seus escritos. Esta religiosa tem ilustrado tantas vezes o prelo com as suas discretas composições, que já se podiam estampar os seus livros sem mais exame, que o saber-se que são seus. O seu nome é tão respeitado na república das letras, que basta vê-lo no princípio das suas obras, para lhes dar a mais profunda veneração. Adornou Deus o espírito desta insigne autora de tão eminentes qualidades, que parece quis honrar nela o seu sexo infamado de inútil para o exercício das artes, e ciências. Continuamente a vemos aplicada por génio, e por estudo a toda a sorte de poesia; e executa tão perfeitamente os preceitos desta arte divina, que até o que escreve em prosa tem ar, e suavidade de rima. As suas ideias são altas, o estilo harmonioso, os conceitos profundos, as metáforas próprias, as alegorias sólidas, as expressões graves, a frase majestosa, enfim tudo quanto tenho visto desta religiosa autora acredita a nação, de que Vossa

Majestade é pai, e a Santa Província, de que ela é filha; e nisto digo tudo a Vossa Majestade, e lhe faço a ela todo o seu elogio. Neste livro não há coisa²²³ contra o espírito das prudentes reais leis de Vossa Majestade, antes o julgo não só digno da luz da estampa, senão também merecedor de ter o melhor lugar nas douradas estantes da Real Biblioteca de Vossa Majestade, e de andar sempre nas suas reais mãos, assim como andavam as obras de Homero nas mãos de Alexandre, o Grande. Este é em poucas palavras o meu sentimento, Vossa Majestade ordenará o que for servido. S. Francisco da cidade de Lisboa ocidental, em 15 de dezembro de 1739.

Fr. Francisco Xavier de S. Teresa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário; e depois de impresso tornará, para se conferir, dar licença, e taxar²²⁴, que sem isso não correrá. Lisboa ocidental, 16 de dezembro de 1739.

Pereira.

Teixeira.

Vaz de Carvalho.

[segundas licenças]

Achei nesta obra algumas regras de acréscimo, mas nelas não se contém coisa²²⁵ alguma contra nossa santa fé, e bons costumes; e em tudo o mais está conforme com o seu original. Lisboa ocidental no Hospício do Duque em 5 de julho de 1740.

Fr. António de Felgueiras.

Pode correr. Lisboa ocidental 5 de julho de 1740.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Abreu.

Vista a informação, e se achar conforme ao seu original, pode correr. Lisboa ocidental 5 de julho de 1740.

Salter.

[taxa]

Taxam este livro em trezentos reis. Lisboa ocidental 6 de julho de 1740.

Pereira.

Teixeira.

Vaz de Carvalho.

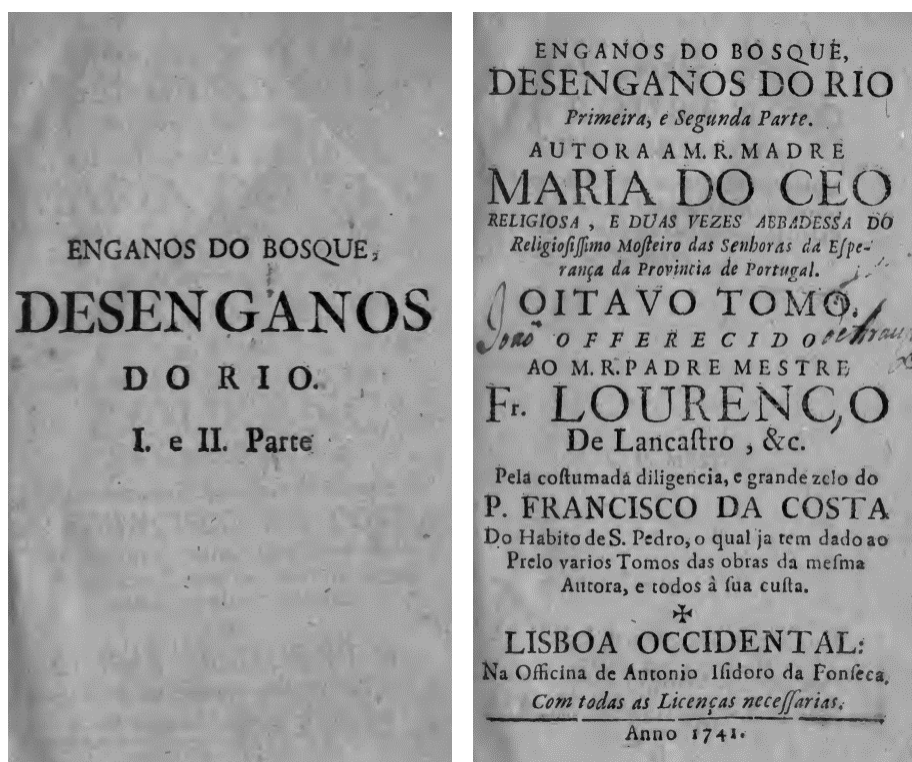
Costa.

²²³ No original, *cousa*.

²²⁴ No original, *taixar*.

²²⁵ No original, *cousa*.

Anexo 26 – Enganos do bosque, desenganos do rio (1741)



[frontispício]

Enganos do bosque, desenganos do rio. Primeira, e segunda parte.

Autora a muito reverenda Madre Maria do Céu religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro das Senhoras da Esperança da província de Portugal.

Oitavo tomo. Oferecido ao muito reverendo P. M. Fr. Lourenço de Lancastro, etc.

Pela costumada diligência, e grande zelo do Padre Francisco da Costa do hábito de S. Pedro, o qual já tem dado ao prelo vários tomos das obras da mesma autora, e todos à sua custa.

[cruz]

Lisboa ocidental:

Na oficina de António Isidoro da Fonseca.

Com todas as licenças necessárias.

Ano 1741.

[dedicatória]

Ao muito reverendo P. M. Fr. Lourenço de Lancastro, Monge de Cister na Real Congregação de Alcobaça, abade do Mosteiro do Desterro, e agora definidor de toda a Família Cisterciense.

Muito reverendo P. M.,

Na proteção do grande, e ilustríssimo nome de vossa paternidade muito reverenda dou este livro à luz do mundo. Para um engenho tão elevado, como o da madre Maria do Céu, conhecida, e celebrada em todo este Reino pela sua piíssima discrição, só se devia de procurar para as suas obras um mecenas, que lhe correspondesse na grandeza do sangue, e na da prudência. Tudo achei na pessoa de vossa paternidade muito reverenda porque todos sabem que pela grandeza do sangue é sexto neto do senhor rei D. João o II de Portugal, como filho do Senhor D. João de Lancastro, que por uma continuada serie de excelentíssimos avós era ramo daquele soberano tronco. Pela delicadeza do juízo não menos, como se tem visto nos lugares que tem ocupado na sua religião, e no que atualmente exercita de definidor, para que sempre se elegem as pessoas de maior prudência, pois do seu conselho, e voto depende a felicidade do governo, cuja melhor administração está muitas vezes nas observações com que se dispõem os sucessos futuros, o que só pode fazer um entendimento claro, agudo, e perspicaz. Aceite vossa paternidade muito reverenda este devido obséquio da minha veneração, para que amparando este livro com o seu patrocínio, se não atrevam os críticos a fazer-lhe aquelas censuras, que mais são efeitos da inveja, que da razão. Deus guarde a vossa paternidade muito reverenda.

Criado de vossa paternidade muito reverenda

António Isidoro da Fonseca

[prólogo]

Prólogo

Leitor amigo, ou inimigo. Temos chegado ao oitavo das incomparáveis obras da muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do religiosíssimo Mosteiro das Senhoras da Esperança, da Província de Portugal. No tomo sexto destas obras acharás no fim da primeira parte dos *Enganos do Bosque, e Desenganos do Rio*, a folhas 120, que esta singular escritora diz que não tivera tempo para compor a segunda parte; porém o seu prelado, vendo a grande falta que esta fazia à primeira, lhe ordenou que a fizesse, não obstante achar-se adiantada em anos, e também talvez²²⁶ por entender, que não houvesse quem a imitasse, e ela, entendendo que o mesmo era obediência, que insinuação, a compôs com tão singular espírito, que não só saiu em tudo semelhante à primeira, mas com excesso a todas as mais obras; donde se segue, que a idade que nos mais enfraquece as potências da alma, nesta admirável compositora lhas avivou de sorte, que parece se excede a si mesma; e bem posso dizer, que este foi o primeiro milagre da sua grande obediência, pois desta se seguiu o fazer públicos todos os seus escritos; sendo que atégora foram necessárias tantas indústrias, e diligências para saírem a público os mais tomos, que se acham impressos; porque umas vezes era preciso pedir a algumas senhoras religiosas, e amigas zelosas do bem comum, me emprestassem alguns traslados que tinham das suas obras, e outras não havia mais remedio que furtar-lhe os originais, sem que fosse necessário confessarem-se do furto, além de que logo o tornavam a restituir, mas ainda assim, recatava-se tanto que cada vez os escondia mais, e tudo procedia da sua rara humildade, e do pouco conceito, que fazia das suas obras; pois dizia em outras ocasiões, que não escrevia nas horas que lhe ficavam do Coro, mais que para ocupar o tempo sem

²²⁶ No original, *val vez*.

ofensa de Deus, e para divertimento²²⁷ das suas religiosas, e para se aproveitarem daquela lição: em outra parte diz a autora, encomendo muito, que antes de se imprimir a segunda parte da Peregrina, se lhe ponha o traslado da advertência que para isso o faço com as mesmas palavras com que a escreveu, e é a seguinte: “A todos os que nascem, se lhes mostram dois²²⁸ caminhos, um dos vícios, outro das virtudes, assim o representa esta Peregrina, e passa à segunda via, não só com as iluminações da alma, mas com os sentimentos, e grossarias do corpo. Esta advertência faço, para que se ponha no primeiro capítulo, porque lhe precisa aos lances que lhe sucederem, e também não se mude nada dos versos, porque assim mesmo os quero, uns castelhanos, outros portugueses, por dar mais graça à obra, e se algum disser o contrario, não importa, que eu quero o que fiz como o fiz”, e assim em tudo fica satisfeita a vontade da autora, mostrando que se houver quem lhe não pareçam bem algumas palavras, é a sua tenção que todos os erros caíam nela; e sem embargo disso, atualmente está escrevendo sobre vários assuntos, todos encaminhados ao espírito; mas já não prometo fazer diligência para que se imprimam, porque há bastantes anos que tenho este trabalho, e porque conheço são muitos os ambiciosos destas obras, e os tesouros estão abertos, enquanto Deus concede vida à autora, para depois lhe dar o prémio, pondo-lhe a coroa de sua querida esposa no Céu.

VALE.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Vistas as informações, pode-se imprimir o oitavo livro das obras da madre Maria do Céu, menos o Serão Religioso, ou mudada a figura do Padre Oliveira, em outra que não seja eclesiasticamente conhecida, e tirados também os termos de Auto da Fé, e Inquisição, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental, 25 de agosto de 1740.

Fr. Rodrigo de Lancastre.

António Teixeira Alvares.

Nuno da Silva Teles.

João Alvares Soares.

António Ribeiro de Abreu.

Do Ordinário

Vista a informação pode-se imprimir o oitavo tomo das obras da madre Maria do Céu, de que se trata, com a moderação, e exceção proposta na licença do Tribunal do Santo Ofício, e depois de assim impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Ocidental, 30 de agosto de 1740.

Gouveia.

²²⁷ No original, *devirtimento*.

²²⁸ No original, *dous*.

Do Paço

Censura do muito reverendo padre Fr. Domingos do Rosário, etc.

Senhor.

Por mandado de Vossa Majestade vi o oitavo tomo das obras da muito reverenda madre Maria do Céu, religiosa do Convento da Esperança desta cidade de Lisboa Ocidental: cujo titulo é *Enganos do Bosque, e Desenganos do Rio*: o meu parecer é que este não só se deixe correr, mas imprimir; assim por sair de um mar de eloquência: *Congregationesque aquarum appellavit maria*²²⁹, como também em o ter por artifício divino do Céu toda esta eloquência para onde corre como rio para seu centro, regando com seus desenganos, e altos conceitos os cultos bosques dos entendimentos dos homens mais doutos, e sábios. Enfim: é esta autora no profundo de seu juízo, e nos altos do seu discurso expresso jeroglífico daquela mulher, e prodigioso retrato que viu o Evangelista com asas de Águia: *Et datae sunt alae duae aquilae magnae*²³⁰: voar pelo Céu, pois só estes voos são para uma mulher, para uma solidão: *Et fugit in solitudinem*, para admiração dos homens, e muito mais sendo Maria donde participem suas influências. São Francisco de Lisboa Ocidental, em 31 de agosto de 1740.

Fr. Domingos do Rosário.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Ocidental, 2 de setembro de 1740.

Pereira.

Teixeira.

Cardeal.

Vaz de Carvalho.

Costa.

[índice]

Índice dos capítulos da primeira Parte

Capítulo I. Mostram-se à alma significada na Peregrina dois²³¹ caminhos, o do Céu, e o do mundo; as Virtudes a chama para o Paraíso Vergel do Pastor; os vícios para o mundo do Caçador Bosque. Pág. 1.

Capítulo II. Resoluta a alma a seguir o conselho de Cristo significado no Pastor, dá os primeiros passos pelo caminho das Virtudes, porém logo o mimo do seu amor-próprio lho representa impossível de vencer, e se destina ao Bosque do Caçador, aonde bebendo das suas águas lhe rouba o mundo ao coração: ali é cortejada de suas lisonjas simbolizadas nas Ninfas. Pág. 12.

Capítulo III. Descreve as condições do mundo significado no Bosque; neste é mostrado a Peregrina o primeiro ídolo Nobreza, e na morada da sua soberania, corre o Desengano significado no rio a desenganá-la. Pág. 26.

Capítulo IV. Em que a alma é levada ao segundo ídolo do mundo Ferosura, a socorre o desengano com as suas vozes. Pág. 42.

²²⁹ Nota lateral: "Genes. I."

²³⁰ Nota lateral: "Apocal. Cap. 2."

²³¹ No original, *dous*.

Capítulo V. Passa a alma ao terceiro ídolo Discrição humana, torna a enganar-se, e o Desengano a dissuadi-la. Pág. 59.

Capítulo VI. A Esperança do mundo, ídolo quarto, chega à alma, primeiro a olha reverente, e logo a deixa desenganada. Pág. 71.

Capítulo VII. Em que a Peregrina passa ao ídolo da Riqueza, leva-se primeiro de suas vozes, e logo pisa seus poderes. Pág. 81.

Capítulo VIII. Em que a alma é levada ao culto do amor-próprio, último ídolo. Pág. 92.

Capítulo IX. Em que desenganada a alma resolve a deixar o Bosque, símbolo do mundo; procuram detê-la as suas lisonjas na voz do Caçador; vence seus enganos com o favor das inspirações significadas nos avisos das Pastoras. Pág. 103.

Capítulo X. Em que vacilante a alma nas sombras do mundo penetra ao Céu com sua oração; e alumiada com um raio de luz em suas escuridades sai do Bosque seguindo a Cristo. Pág. 108.

Segunda Parte

Capítulo I. Em que a Peregrina começa o caminho das asperezas, em que a mandam despir as sedas, e deixar o calçado. Pág. 114.

Capítulo II. Adonde seguindo a Peregrina seu caminho, a mandam mortificar o gosto, e vencer as dificuldades. Pág. 129.

Capítulo III. Em que a alma figurada na Peregrina sofre as injúrias, e entra no lago das tribulações. Pág. 141.

Capítulo IV. Em que a Peregrina entra no Vergel do Pastor, dando fim à sua peregrinação. Pág. 158.

Representación de Santo Aleixo intitulada *Maior fineza de amor*. Pág. 171.

Alegoria poética a Santo Aleixo intitulada *Las lágrimas de Roma*. Pág. 231.

Novena de Santo Aleixo. Pág. 334.

Elogio a Santo Aleixo. Pág. 344.

Coplas ao Menino Jesu. Pág. 349.

Coplas a Santo António. Pág. 351.

À morte da Senhora Infanta D. Isabel. Pág. 353.

À morte do Senhor D. Miguel. Ibid.

À morte de Dona Ângela de Borbon. Pág. 354.

À morte da Venerável Madre Helena da Cruz. Ibidem.

À morte da Marquesa de Marialva Dona Caterina. Pág. 355.

À morte do Conde de Monsanto Dom Fernando. Ibidem.

Sonhando a Autora com a Madre Helena da Cruz. Pág. 356.

Pedindo-se à Autora que contasse uma história em uma recreação. Ibidem.

Vilancico ao Amor divino. Pág. 357.

Ao mesmo assunto. Pág. 359.

Ao mesmo assunto. Pág. 361.

Vilancico à Misericórdia. Pág. 363.

Adágios. Pág. 366.

Pág. Erratas

162 os Jacintos padeciam ciúmes
 167 y siendo su Raquel querida
 173 aqui retirado quieres
 184 perdadas
 195 oy soy fuego
 198 pearseguirlos
 200 segun las señas que oy
 210 muera por fiel
 221 com las finezas que hicieren
 236 si aqui acabara el papel
 249 mas oy
 253 Alevo
 255 han tus iras constantes
 263 quando tu tema, e impuesta
 278 tu propria Corte
 280 sin estrelas
 282 en tu llama misma
 284 y tantos riesgos
 Ibid. tu fama
 286 quedese la gloria
 287 su cobardia

Nestas duas páginas, e na seguinte

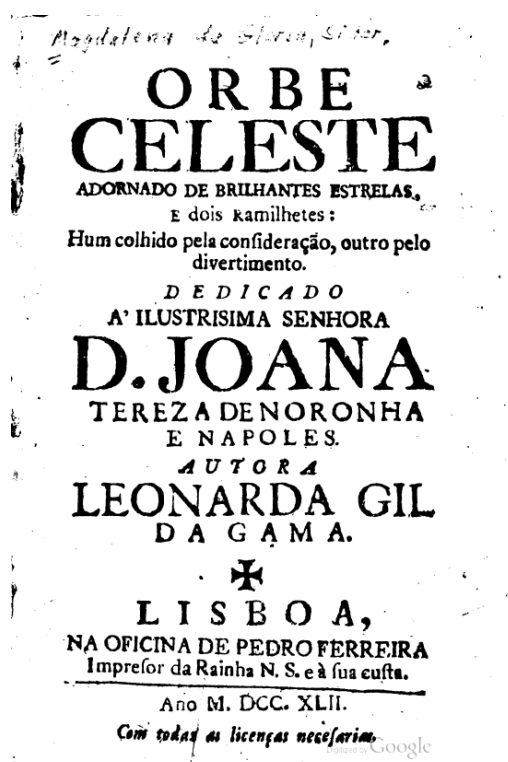
Falanges
 289 te tresguarda Señor
 Ibid. no quieres
 Ibid. Guion obediente nasci
 Ibid. Remolo
 291 su hado sea
 293 feneço
 297 feneço
 300 vuestra fortuna
 Ibid. en ce desvio
 302 tres recogieron
 Ibid. sempre te lo dirá
 304 y porque una empresa
 Ibid. queda
 305 os aguardo
 Ibid. es Alexo
 306 y incluidos
 308 jardines
 309 no quiero
 310 quisiera ver
 313 que mi rara beldad
 314 en buscaros hecho
 Ibid. en encanto
 bid. la desencanto
 319 tu rara beldad
 320 levantaos

Emendas

Jacintos não tinham ciúmes
 siendo su Raquel querida
 aqui retirado quiero
 pedradas
 yo soy fuego
 perseguirlos
 según las señas que oyd
 muero por fiel
 con las finezas que hicieron
 acabara el papel
 mas ay
 Alexo
 en tus iras constantes
 quando su tema impuesta
 su propria Corte
 sin estrella
 en tu llama mesma
 en tantos riesgos
 su fama
 y quedese la gloria
 en cobardia

Remolo
 te resguarda Señor
 no quiere
 Remolo obediente nasci
 Guion
 tu hado sea
 fenescio
 fenescio
 nuestra fortuna
 en su desvio
 nos recogieron
 Chipre te lo dirá
 y porque una empresa tengo
 quando
 no os aguardo
 os alexo
 excluidos
 jardins
 no quizo
 quisiesse ver
 que su rara beldad
 en buscaros lucho
 un encanto
 la desencanta
 su rara beldad
 levantad

**Anexo 27 – Orbe celeste adornado de brilhantes estrelas, e dois ramilhetes
(1742)**



[frontispício]

Orbe celeste adornado de brilhantes estrelas, e dois Ramilhetes: Um colhido pela consideração, outro pelo divertimento.

Dedicado à ilustríssima senhora D. Joana Teresa de Noronha e Nápoles.

Autora Leonarda Gil da Gama.

[arabesco]

Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, impressor da Rainha N. S. e à sua custa.

Ano MDCCXVII

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

À ilustríssima senhora D. Joana Teresa de Noronha e Nápoles

Dedicatória

Senhora

É o empenho dos Escritores igual ao dos caminheiros, que se expõem aos rigorosos combates do tempo, em fé de que a sombra das mais altas árvores possa servir-lhes de abrigo.

Este pequeno Livro, que mantendo humilde rasgo da minha pena, levantou os voos à sublime proteção de Vossa Senhoria porque das suas mãos lhe não ficava mais Esfera a que subir, que a das Estrelas; ofereço a Vossa Senhoria o meu rendimento, como verdadeiro sacrifício, votado nas aras da veneração, para que amparado com os raios do entendimento, que em Vossa Senhoria logra os timbres de único, possa defendido do seu respeito aparecer no teatro do Mundo, sem que os golpes da calúnia cheguem a desluzir o puro da ofrenda.

Pequeno mapa seria todo um Orbe, se nele quisessem recopilar os Ilustres, Esclarecidos, e Reais ascendentes de Vossa Senhoria a quem serve de soberano diadema aquele prodígio da Divina Graça São Luísa Bispo de Tozeira, de que Vossa Senhoria tem tanta parte do seu puro sangue, como se vê em ele ser filho de Carlos II, Rei de Sicília, Jerusalém, e Irmão do Príncipe da Moreia, ilustríssimo tronco, de que nasceu²³² o Senhor Estefano de Nápoles, primeiro Avô de Vossa Senhoria de que a sua por sanos Títulos grande Família traz o Apelido; esmaltando este finíssimo oiro no timbre de tão Régias Coroas, como as que deram princípio aos seus imorais brasões, e acrisolado este esplendor nas estrelas prerrogativas, com que em Vossa Senhoria brilham as influências de Minerva, podendo Vossa Senhoria na poesia dar lições às Musas no alto dos conceitos, e ajustada medição dos versos; acrescentada à valia deste tesouro no desprezo, com que Vossa Senhoria fugiu às venturas, que no Mundo lhe prometiam os seus ínclitos merecimentos, Vossa Senhoria como melhor diadema os pisou, fazendo desdém à própria fermosura com todas as perfeições, que em Vossa Senhoria só podiam esclarecer a sua ilustre Casa, e seria o quererem definir-lhe os Heróis ofendê-los mais do que louvá-los, e como contar do Sol os átomos, seria impossível numerar-lhe as luzes.

Basta dizer, que na fermosa Casa de Nápoles, e Noronhas são mais os resplendores, que as Estrelas.

Por todos estes infalíveis, e pelas virtudes²³³ morais, que em Vossa Senhoria se veneram, pus nas suas Mãos este Livro, para que delas participe²³⁴, o de que não soube adorná-lo o meu discurso, esperando de Vossa Senhoria pelo impulso que o dedica, o favor de que o defenda.

Guarde Deus a Vossa Senhoria muitos anos.

Serra de Sintra, 3 de maio de 1740.

De Vossa Senhoria

Leonarda Gil da Gama

[prólogo]

Prólogo ao leitor

A quem o aplauso não alvoroça, também a calúnia não assusta. Assim amigo, ou inimigo Leitor, de qualquer ânimo que este Livro te achar, podes à tua vontade fazer dele o juízo, que quiseses sem lástima, de que a murmuração me magoe, nem o louvor me desvaneça, porque do meu trabalho já tenho o prémio na obediência, e o génio satisfação no divertimento, que deu à própria melancolia²³⁵. Se julgares que merece por inútil a obra tão rigorosa critica, como é infecunda a maioria; vingada fico na tua mesma malícia, quando nela bem gastado o tempo, em que ponderam tão grande prodígios,

²³² No original, *naceu*.

²³³ No original, *virtudes*.

²³⁴ No original, *partecipe*.

²³⁵ No original, *malencolia*.

como Deus obra nos seus Santos, e da sua proteção espero me livre dos golpes a que se expôs aqui a minha pena, ainda que me não fica a de desagradar-te a minha aplicação.

Vale.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Eminentíssimo senhor

Por ordem de V. Eminência vi o Livro intitulado: *Orbe Celeste adornado de brilhantes Estrelas*, de que é Autora Leonarda Gil da Gama; e com dizer, que sobre não lhe achar coisa contra a Fé, ou bons costumes; e em ser esta obra escrita com a mesma pena, que as outras obras da Autora, me parece que explicava todo o possível em abono da Autora, e recomendação da obra. Mas não posso deixar de dizer, que li esta obra com maior admiração. Assim o merecem os pensamentos delineados, e sublimes, as ponderações graves, e acomodadas, o espírito fervoroso com que a Autora não só move, mas eleva, não só convence, mas persuade o caminho para o Céu, assim pelas razões que propõem à consideração, como pelos exemplos²³⁶, e intercessão dos Santos, que oferece à veneração, e imitação. Para esta obra da mais nobre, e de mais alto, como Celeste, assunto usou de pena Serafina, tímida fera duvida daquele humano Serafim, cujos elevados voos segue como filha vivissemelhante, e parecida. O ponto é, que sem largar da mão a pena deixe correr, e voar pelo Orbe terrestre outras composições, que seu espírito, e aplicação tem adiantado. Esta obra por todas as razões, e principalmente pelo assunto merece correr impressa não só nos Livros, mas também nos corações de todos. V. Eminência fará o que for servido.

Carmo de Lisboa, 9 de maio de 1741.

Doutor Fr. Luís Nogueira.

Eminentíssimo senhor

Manda-me V. Eminência que veja o Livro cujo Título é *Orbe Celeste adornado de brilhantes Estrelas, e dois Ramilhetes, um pela consideração colhido, e outro pelo divertimento*, o qual intenta dar ao Prelo Pedro Ferreira Impressor. É autora Leonarda Gil da Gama, e confesso que não imaginava se criara da Serra de Sintra elegância tão discreta, nem Poeta com tanta elegância, assim na língua materna, em que apurou a pena em a prosa, como em a Estrangeira, em que na Poesia se acredita Peregrina.

Com razão acredita a Autora a sua obra com o Título de *Orbe Celeste adornado de brilhantes Estrelas*, porque se estas são as línguas de prata, com que os Céus publicam as Glórias de Deus, *Caeli e narrans gloriam Deus*²³⁷, justo era, que se valesse a Autora de línguas tão discretas, que para nos descrever as glórias daqueles Santos, que tendo sido tochas ardentes em o Mundo, hoje tão brilhantes Estrelas em o Céu, só as Estrelas se deviam formar línguas; e se o Céu para publicar as glórias de Deus formou das Estrelas as línguas, a Autora para manifestar a glória dos Santos, formou línguas das

²³⁶ No original, *eizemplos*.

²³⁷ Nota lateral: "Psal. 18."

Estrelas, podendo sem lisonja dizer da Autora deste Livro observada a proporção devida o mesmo que do Céu disse o Profeta: *Non suns loquele, noque sermones, quórum non acodiantur eorum*.²³⁸

Nem com menos acertado juízo adorna a Autora este seu Livro com dois Ramilhetes do seu discurso, um pela consideração colhido, outro para o divertimento acomodado, porque ao mesmo tempo, que diverte os sentidos persuade aos entendimentos, sem que os entendimentos se perturbem na aplicação dos sentidos; mas antes para animar nos entendimentos o discurso, suaviza com o divertimento, adunando a eficácia do persuadir com a elegância do dizer, enriquecendo a memória com as ponderações da sua pena eleva o entendimento, move a vontade com as descrições da sua doutrina, e com suave violência arrebatada os discursos, para que desprezem as estimações desta vida caduca, e contemplem as felicidades da eterna, esquecendo-se do amor falso das criaturas, lembrando-se do verdadeiro amor de Deus.

A frase da sua pena, nem se levanta soberba, nem se abate rasteira, é natural sem lisonja, corrente com descrição, elevada sem aspereza, grave sem arrogância, fecunda sem demasia, divertida com modéstia, alegre sem indecência aos ditames da Fé Católica, nem aos bons costumes da República; e se a Autora teve a felicidade de adornar em um só Livro a doçura do dizer com a eficácia do persuadir. *Omne tuos punctum qui miscuit utile dulci*, parece-me digna da licença que pede, para que por meio da imprensa se eternize a sua memória. V. Eminência mandará o que for servido.

S. Domingos de Lisboa, 25 de maio de 1741.

Fr. Manuel da Anunciação.

Vistas as informações, pode-se imprimir o Livro intitulado *Orbe Celeste*, Autora Leonarda Gil da Gama; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa Ocidental, 30 de maio de 1741.

Fr. Lancaastro.

Silva.

Soares.

Abreu.

Do Ordinário

Excelentíssimo²³⁹ senhor

Empenhado, e cuidadoso em dar cumprimento às invioláveis ordens de Vossa Excelência²⁴⁰, vi com profunda, e reverente reflexão este livro intitulado: *Orbe Celeste adornado de brilhantes Estrelas, e dois Ramilhetes, um colhido pela consideração, outro pelo divertimento*, composto por Leonarda Gil da Gama, anagrama puro do nome da sua Autora, a qual com modesta, e religiosa humildade pretende²⁴¹ ocultar a glória do seu nome. Mas que importa, que a sua modéstia se valha dos rebuços deste anagrama, por fugir aos aplausos devidos aos seus raros merecimentos, se o ilustre solar, de

²³⁸ Nota lateral: "Ibid. os. 3."

²³⁹ No original, *Eicelentíssimo*.

²⁴⁰ No original, *Eicelência*.

²⁴¹ No original, *pertende*.

que descende²⁴², fidalgo sangue, que a enobrece, e singular discrição, de que é dotada, não só a fazem agora bem conhecida, mas até são forçosíssimos motivos, para que a fama guardando-a nos seus volumes a publique nos futuros séculos uma das mais doudas, e ilustres Heroínas, que no teatro do Mundo tem aparecido, e como luzidíssimo Astro brilha no Orbe Seráfico, aonde retirada do labirinto²⁴³ tumultuoso do século pretende²⁴⁴ com vocação a mais segura, e acertada conseguir nos retiros da Clausura por prémio da sua virtude os troféus gloriosos da imortalidade, cuja pretensão²⁴⁵ dá bem a entender assim neste, como em outros Livros, que tem feito públicos por benefício dos prelos, descrevendo em todos doutíssimos desenganos, e eruditíssimos documentos com tanta elegância intimados, e com tal discrição proferidos, que dificultando-se aos louvores, só se permitem as admirações; pois são tão desproporcionadas todas as línguas da fama para os seus aplausos, que por mais, que se multipliquem as bocas nunca já mais poderão tributar cabais elogios aos seus altos merecimentos.

*Licet remotos fama per populos means,
Diffusas linguas explicet.*²⁴⁶

Testemunha muito abonada desta verdade é o Livro, em que a Autora a impulsos da sua devoção manifestou a subtileza do seu agigantado talento, descrevendo a vida de Santa Rosa de Lima com um estilo tão raro, tão singular, e tão seu, que parece não só inimitável, mas também incompreensível, pois voou tão alto a sua pena naquela obra, que remontando-se à mais superior esfera, intitulou seu Livro com grande propriedade: *Astro brilhante em novo Mundo, fragrante flor do Paraíso plantada no jardim da América*; e sendo os nome adequada definição²⁴⁷ dos seus significados, como disse o Poeta: *Conveniunt rebus nomina saepe suis*. Este epíteto não só serve de definição daquele Livro, mas também insinua, que é tão grande da sua Autora o talento, que por ser para ela limitada esfera um só Império, difundindo-se por todas as quatro partes da terra, lá foi buscar a um novo Mundo objeto sobre que formalizar os seus acertados, e elegantíssimos discursos; tendo por fim último daquela tão elegante, e discreta obra o fazer públicas as virtudes de Santa Rosa de Lima, para maior honra, e glória de Deus em os seus Santos, conciliando consequentemente aquela prodigiosa Santa os mais gloriosos créditos por ter uma tão ilustre, e douda Cronista²⁴⁸ das suas virtudes. Soberana glória, singular crédito, e admirável fortuna foi para Aquiles no conceito daquele Herói tão agigantado, que fez emudecer a terra pasmada de tanta, e tão Heroica grandeza: *Siluit terra in conspecto ejus*, o ter sido Homero por Cronista²⁴⁹ das ações da sua vida: *Oh fortunate, Adolescens, quod tuae virtutis praeconem Homerum inveneris.*²⁵⁰

Mas muito maior, ao que parece, foi a fortuna, crédito, e glória accidental de Santa Rosa de Lima de ter uma Cronista²⁵¹ de suas virtudes, na qual se não acham os descuidos dos Homeros, antes sim mostrando-se sempre cuidadosa nos acordos dos seus acertados discursos continuou felizmente os progressos destes, compondo mais dois Livros, que já correm impressos com o título: *Brados do*

²⁴² No original, *decende*.

²⁴³ No original, *laberinto*.

²⁴⁴ No original, *pertende*.

²⁴⁵ No original, *pertensão*.

²⁴⁶ Nota lateral: "Bore. Lib. 2 dessoet."

²⁴⁷ No original, *difinição*.

²⁴⁸ No original, *Coronista*.

²⁴⁹ No original, *Coronista*.

²⁵⁰ Nota lateral: "Machab. Lib. 1 cap. 1 v. 3."

²⁵¹ No original, *Coronista*.

desengano contra o profundo sono do esquecimento; e se no Livro, que compôs da vida de Santa Rosa excedeu na elegância das narrativas, e sublime dos conceitos aos mais eloquentes, e doutos Cronistas²⁵²; nos dois Livros, que intitulou *Brado do desengano*, mostrou, que na agudez das ideias esquisitas²⁵³ saídas das empresas, e sonoro dos metros não a podiam igualar, nem ainda os mais discretos Historiadores, e melhores Poetas; porque se pelo sublime foi de Águia a pena, com que tocou a cítara, pelo raro foi de Fénis, a com que escreveu a prosa; e coadunando com tão agradável erudição o doce com o útil, que ao mesmo passo, que desengana, recreia; e com as mesmas persuasões, com que admoesta, suaviza, valendo-se para este efeito das Letras humanas, e mostrando por meio destas até onde chegam as inspirações Divinas.

Não exaurido²⁵⁴, porém o engenho desta doutíssima Autora com aqueles agigantados partos do seu agudíssimo discurso, monstruosos sem dúvida pela incomparável grandeza do seu talento, pretende²⁵⁵ agora imprimir este Livro, em o qual bem se manifesta, que os conceitos desta doutíssima Heroína, ainda que saem à luz cá na terra, não deixam de ter o seu princípio lá na Glória. E por isso em quatro distintos volumes, como em quatro caudalosos rios comunica os líquidos cristais de seus elegantíssimos discursos; assim como aquele caudaloso rio, que por ter na glória a sua origem saiu do lugar do contentamento, e logo em quatro rios dividido espalhava por todo o Paraíso da terra as abundantíssimas correntes de suas cristalinas águas: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradisum, qui inde dividitur in quatuor capita*.²⁵⁶

Mas se por saírem do Paraíso da Glória aqueles quatro volumes, ou quatro caudalosos rios de eloquência, mostram da sua origem a soberania: também pelo nome da sua Autora (que debaixo do anagrama se rebuça) inculcam ser tão elevado o seu princípio, que segundo a etimologia da sua nomenclatura é uma sublime torre, que aos assaltos da maios compensação se dificulta: *Magnificata, aut exaltata, nel turre*.²⁵⁷ E se para celebrar as glórias de Scaligero, homem famoso em letras, fazendo o Poeta Moreto à Deusa da Sabedoria esta pergunta:

*Dic, Deu, quod possim scripturis fingere noben,
Scaligere, quod par laudibus esse queat?*

Teve por resposta, que Scaligero tinha no seu próprio nome o seu maior louvor, e mais sublime aplauso:

*Curpetis, imprudens, quod habei? Dic Scaliger illad,
Omnis virtutis nomina nomen habet.*

Vendo eu tãobem, que no nome da Autora desta Livro, se encerra uma tão magnífica grandeza, e o seu Apelido a inculca toda da glória, digo, que sendo os nomes dos Autores o maior crédito das suas obras, fica esta só pelo preclaro nome de tão ilustre Heroína digníssima de se fazer pública; para que se veja o bem, que desempenha o nome, com que se autoriza, e se conheça, que um talento tanto de oiro é próprio, de um espírito Seráfico, em que resplandece aquela conhecida bênção, que Deus lançou à Seráfica Família para ilustrar o Mundo todo, não só nas virtudes, mas tãobem nas letras: nas Divinas, e Humanas mostra ser esta doutíssima Autora tão versada, que até

²⁵² No original, *Coronista*.

²⁵³ No original, *eisquisitas*.

²⁵⁴ No original, *eizaurido*.

²⁵⁵ No original, *pertende*.

²⁵⁶ Nota lateral: "Genes. 2. 2. ov."

²⁵⁷ Nota lateral: "Bibl. in int pr. Nom."

nas poesias, de que formou os dois Ramilhetes, refere algumas histórias, de que tratam as Sagradas Escrituras; e descreve outras, de que falam as humanas letras, moralizando estas com grande erudição, e expressando²⁵⁸ aquelas no seu mais próprio, e genuíno sentido, para assim servirem de complemento, e coroa virtuosíssima desta doutíssima obra, da qual se pode dizer com grande propriedade o que disse Plínio de certa obra de Nuno Máximo²⁵⁹; *Est opus pulchrum, validum, acre, sublime, varium, elegans, purum, speciosum, etiam tua magna laude diffusum*. Por cujos motivos, e por não conter esta obra ápice, que encontre a nossa Fé, nem coisa, que implique com os mais Santos costumes, é digníssima de se imprimir, é fazer pública por benefício do prelo. Isto é o que parece atendendo à obra, e sua Autora, da qual direi sempre com São Jerónimo: *Mihi autem decretum est te colere, mirari dicta tua, & quasi mea defendere*²⁶⁰. Vossa Excelência²⁶¹ mandará o que for servido.

Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa aos 22 de junho de 1741.

Fr. José da Madre de Deus.

Vista a informação, pode-se imprimir o Livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra.

Lisboa, 30 de junho de 1741.

Gouveia.

Do Paço

Censura do Reverendíssimo P. M. Fr. Estácio da Santíssima Trindade, Mestre Jubilado na Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Examinador das Três Ordens Militares, e Sinodal do Arcebispado de Lisboa, e dos do número do Priorado do Crato, e Teólogo Consultor da Bula da Cruzada, e Ex-Vigário Geral, dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho.

Senhor

Por ordem de Vossa Majestade vi o Livro que compôs a disfarçada Leonarda Gil da Gama, e se quer dar à imprensa com o Título de *Orbe Celeste adornado de brilhantes Estrelas, e dois Ramilhetes, um colhido pela consideração, e outro pelo divertimento*. Confesso ingenuamente, que ao ver das Estrelas, ou Apólogos deste Celeste orbe a especiosa erudição, e das Flores, ou Poemas dos dois Ramilhetes a especial galhardia, me lembrou se lhe podia acomodar com mais propriedade, o que das prendas de Lídia disse o Poeta:

*Altas prendas de Lídia que por belas,
Nelas a ser Estrelas, e a ser Flores,
Aprendiam as Flores, e as Estrelas.*

Levado porém do próprio gosto, e namorado da prodigiosa fábrica deste Celeste Orbe, não uma vez só o vi, porque *Amanti semel aspexisse non sufficit*, São Gregório Hum. 25, mas sim duplicadas vezes o contemplei, por entender, que para informar dos brilhantes Astros, ou Apólogos, de que ele

²⁵⁸ No original, *eispressando*.

²⁵⁹ No original, *Máximo*.

²⁶⁰ Nota lateral: "Jeronim. ad August. Epist. 94.."

²⁶¹ No original, *Eicelência*.

consta, e das Flores, ou Poemas com que os dois Ramilhetes se compõem, era preciso, quanto ao primeiro, observar com poderosa atenção, desses Astros a exaltação²⁶², ou cadência, e destas Estrelas a errante, ou fixa minoridade, ou grandeza. E quanto ao segundo, era forçoso ponderar das Flores a graciosidade, e beleza, e dos Ramilhetes a boa, e artifício, na compostura.

Da observação da fábrica deste Orbe Celeste o que alcancei é, que ou me enganei no calcular os seus Astros, ou Apólogos; ou tudo nele são Estrelas em sua maior exaltação²⁶³ sem a mínima cadência, e todas da primeira, e maior grandeza, porque tudo o que ele observo, vejo no zénida erudição colocado, e em nenhum lugar descaído. E se os Matemáticos na Celeste Esfera pelas suas calculações das Estrelas fixas dão às da primeira grandeza serem maiores que a terra 108 vezes, às da segunda grandeza 90, às da terceira 72, às da quarta 54, às da quinta 18, às da sexta 16, e todas com notável desigualdade de umas a outras. Eu na observação que fiz tão iguais reconheço todas, Apólogos, ou Astros de que o Celeste Orbe se compõe, e tão brilhantes as luzidas Estrelas das graves erudições com que se orna, que me parece se não pode fazer diferença de qual leve a outro excesso²⁶⁴, nem em o subido do conceituoso, porque todas observo igualmente exaltadas²⁶⁵, nem em o luzido da elegância, porque em todas a proporção na grandeza. E se nela há algum excesso²⁶⁶ só pode ser no princípio da construção deste Celeste Orbe, em que engenhosa, advertida, e devota a Autora colocou na constelação da Águias o maior dos Planetas o Sol; reconhecendo em Agostinho, Águia Africana, os voos mais elevados, juntos com os nunca registáveis²⁶⁷ raios da sua ciência, como Sol da Militante Igreja, onde à medida da grandeza do Astro, como era razão empenhou, e desempenhou a arte, e o amor.

Quanto ao segundo, no ponderar da beleza das Flores, ou Poemas, o agradável, o delas no Ramilhete a artificiosa compostura, me persuado. Estão no Ramilhete as Flores com tanta habilidade ligadas, que parece foram nele nascidas²⁶⁸, servindo aos que participam de sua deleitosa vista, ou gozam de sua delícia Métrica, ou seja pela consideração, ou para o seu divertimento, a uns de aviso, a outros de remédio, e a todos de utilidade.²⁶⁹

Para os curiosos servem de útil divertimento; para os engolfados no Mundo, de infalível desengano; para os espirituais, de cordial devoção; e para os devotos de suavíssimo fervor, porque aos devotos a fervoriza com o exemplo²⁷⁰ dos Santos; aos Espirituais faz devotos com as persuasões à virtude; aos engolfados no Mundo desengana com a falibilidade da vida, e a infalibilidade da morte; e aos curiosos diverte com a variedade, e diversidade dos Poemas, em que a Autora tacitamente repreende, e exemplarmente²⁷¹ ensina a muitos poetizantes da moda, que entendem está o altíssimo do verso no recôndito dos conceitos; ou que só no recôndito está o profundo, e consiste o sutil, imaginando não pode deixar de ser confuso o que for lacónico, o que mais certo é; que buscam na obscuridade do estilo valhacoito, em que por ocultos se não conheçam dos seus Poemas os defeitos.

²⁶² No original, *eizaltação*.

²⁶³ No original, *eizaltação*.

²⁶⁴ No original, *eicesso*.

²⁶⁵ No original, *eizaltadas*.

²⁶⁶ No original, *eicesso*.

²⁶⁷ No original, *rezistáveis*.

²⁶⁸ No original, *nacidas*.

²⁶⁹ No fim deste parágrafo, após o ponto final, está colocada a palavra “Porque”, que atribuímos a um erro do compositor que se optou por não incluir nesta transcrição.

²⁷⁰ No original, *eizemplo*.

²⁷¹ No original, *eizemplarmente*.

Perdoem-me a digressão, inda que breve, porém confesso, não posso perder ocasião de ver se posso emendar a estes Poetas lucífugos Morcegos, que aborrecendo a luz vivem das obscuridades, e para disfarçarem a falta de vista, ou da perspicácia do engenho, se valem das sombras em seu estilo métrico. Não assim a Autora, nos Poemas, ou Flores de que compõe seus dois Ramilhetes, pois neles ostenta com evidência, que desempenha primorosamente ao Parnaso, mostrando bebeu no cristalino da sua fonte, e não em o turvo do tanque, ou em o enlodado do charco. Pois em todos os seus Poemas, ou Poéticas Flores se vê um estilo harmonioso, grave, e sonoro; direito, e claro; limpo, e fácil; sólido, e constante; sem perder a brandura no altíssimo, nem o altíssimo na brandura, pelo que de justiça devia Lira de tão sonoras vozes colocar-se em este Orbe Celeste, pois não mereceu mais de Apolo a cítara, por suave, do que danosa disfarçada Autora a bem acordada Lira, não menos sonora. E se aquela se colocou em a Celeste Esfera, esta com não menos razão se uniu em os seus Poemas a este Orbe Celeste. E se nele por qualquer parte, que se volte o globo, sempre se acham virtuosos empregos para a vontade; gratas ocupações para o entendimento; e útil exercício para a memória.

Por nenhum princípio podem os Astros, e Estrelas deste Orbe Celeste conter, ou influir coisa alguma, que seja contra o serviço, regalia, ou obediência de Vossa Majestade, que mandará o que for servido.

Convento da Conceição do Monte Olivete dos Agostinhos Descalços de Lisboa Oriental, 23 de junho de 1741.

Fr. Estácio da Santíssima Trindade.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário; e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar²⁷², e dar licença para que corra, que sem isso não correrá.

Lisboa Ocidental, 10 de julho de 1741.

Com duas Rúbricas.

[textos laudatórios]

Em louvor da Autora

Soneto

Volume de fulgores adornado
Livro cheio de luz se mostra a Esfera,
Quando o Sol nos seus orbes reverbera
Com radiante zénite mais elevado.

Neste esférico livro retratado
Todo o corpo do Sol se acha, e venera,
Pois por cópia de luzes só pudera
Ser o celeste globo decantado.

Nas folhas de outros livros mais floresce²⁷³,

²⁷² No original, *taixar*.

²⁷³ No original, *florece*.

De melhor Sol o nome, que em vitória
Mais clara em clara esfera resplandece

Brade pois desenganosa memória
Que em livros Madalena a luz oferece²⁷⁴,
Do Sol estampas, índices da Glória.

Do Doutor Bento da Expectação²⁷⁵ Justiniano, Cónego Secular de S. João Evangelista.

Em louvor da Senhora Leonarda Gil da Gama, escrevendo o livro do *Orbe Celeste*

Soneto

Orbe Celeste em mapa repetido
Te julga o meu juízo de assombrado,
Pois vê nas tuas folhas retratado
O Céu a tantas cópias reduzido.

Mas Orbe se na terra produzido
Novo Céu das virtudes animado,
Deixa gozas o fruto de ilustrado
A origem, que te deu ser tão luzido.

Sangue, Religião, Sabedoria
Neste livro descobre minha musa
A quem cede Amalteia à Cornucópia.

Porque se não me engana a fantasia²⁷⁶,
Discorre com ciência bem difusa,
Que sois o original, o livro a cópia.

Do Reverendíssimo Padre Fr. João de S. Pedro, Geral de Belém.

Em louvor da Autora

Soneto.

Empenhada altamente a natureza
Na vossa produção prodigiosa,
Tão discreta vos fez, e tão famosa,
Que excedeis²⁷⁷ toda a esfera da grandeza.

Com tal modo escreveis com tal nobreza,
Com ideia tão fina, e primorosa,
Que deixais justamente invejosa
Do mais nobre escritor a subtileza.

²⁷⁴ No original, *ofrece*.

²⁷⁵ No original, *Eispetação*.

²⁷⁶ No original, *fantasia*.

²⁷⁷ No original, *eicedeis*.

Escrevei pois famosa Heroína,
Para que em nossas letras nos deixeis
Da vossa discrição cópia tão digna,

E veja o Mundo, que fazer sabeis
O mesmo que aquela Ave peregrina,
Pois dos vossos escritos renasceis²⁷⁸.

Do Reverendíssimo Padre Fr. João César de Menezes.

Em louvor da Autora

Soneto

Toque a fama o clarim de bronze duro,
Desenrole os anais a antiguidade,
E se ouve engenho, digam com verdade,
Com o vosso sublime claro, e puro.

Pode segundo bem o conjeturo,
Se se atrever a Delfica Deidade
A ter de competir-vos a vaidade
De vos não exceder²⁷⁹ estar seguro.

Para que outros sujeitos busca a fama,
Que assunto sejam de elegante história
Se esta a vós por mais digna vos aclama.

Levantem pois nos tempos da memória
Novos altares à da ilustre Gama,
Que é da pátria, e do sexo a maior glória.

De uma Amiga da Autora.

À Senhora Leonarda Gil da Gama

Soneto

Leonarda erudita a quem a Fama
Com côncavos metais na esfera voa;
E o aplauso singular na terra entoa
Do teu livro, que de única te aclama.

Daquela sempre verde láurea rama
A diadema te forma já Lisboa,
Que se por ti dos Céus o bem nos soa,
Tãobem para o louvor a ti te chama.

Das estrelas doutrinas usurpaste,

²⁷⁸ No original, *renaceis*.

²⁷⁹ No original, *eiceder*.

Dos astros os conceitos aprendeste,
Que entre tantas lições nos ensinaste.

Em tanto enfim a terra enriqueceste,
Que tu neste teu livro nos deixaste
No século o melhor globo celeste.

Anónima.

Ao mesmo assunto pelos mesmos consoantes

Soneto

Pelo claro elemento a ilustre fama
De teus escritos, ó Leonarda, voa,
E os elogios são, que acorde entoa
Nos ecos do clarim, com que te aclama.

Da filha de Peneu a esquiva rama
Verde dossel dos montes de Lisboa,
Que Apolo a manda pelo Mundo soa
Cortar já para o lauro, que te chama.

Mereceste-lo sim, não o usurpaste,
Pois na aula a que a ser única aprendeste
A te não competir nos ensinaste.

A literária esfera enriqueceste
Com a glória do globo, em que deixaste
Teu nome ler no título Celeste.

De uma empenhada nas glórias da Autora.

Em louvor do livro intitulado *Orbe Celeste*

Soneto

Neste elegante assombro, ó que harmonia
Ó quanta imensa glória se pondera!
Se o título Celeste o não fizera
Só pela discrição sempre o seria.

Celestial Globo o crera a idolatria
Se a denominação nunca o dissera,
Porque entre os seus discursos reverbera
Um raio da imortal sabedoria.

Se o Mundo sempre respeitou sagrada
A douta produção do pensamento
Nesta eloquência a vê divinizada.

Pois mostra tão feliz, tão raro invento,

Que no globo Celeste é vinculada
A esfera singular do entendimento.

De Diogo João de Brito Serpa e Noronha.

Ao mesmo assunto

Soneto

O Autor sumo, que nos Céus preside
Globo imenso formou resplandecente,
E vós abreviando o globo ingente,
Tudo quanto nele há, neste reside.

Se de entre ambos qual fosse se duvide
No resumo, ou na obra mais potente,
Por que o voto se livre de indecente
Muito mais, que a razão a fé o decide.

É produzir o globo dilatado,
Ou a breve volume reduzido
Efeito do poder agigantado.

Por isso sendo obra o produzido
Do braço criador, e não criado,
Só vós ficou a vós o resumido.

Do Doutor João Manuel.

À Senhora Leonarda Gil da Gama

Soneto

Que se veja na terra tresladado
Todo o Celeste globo muito admira;
Porque a mínima voz, que lá respira,
É maior, que o volume do treslado.

Mas aqui tens Leitor epilogado
Tudo quanto no Céu, com o Céu gira,
Sem que da obra o epítome difira,
Mais que no resumido, e dilatado.

Autor dos Céus é aquele, que costuma
Regular os poderes com que obra
Por alta ideia, e providência suma:

Pondera agora que a razão te sobra
Qual pode ser a Autora desta suma
Visto ter tal o Autor daquela obra.

Do Reverendo Padre Doutor João Manuel.

À Autora

Soneto

Escreve a Onipotência rasgos puros
Em o globo Celeste, adonde belas
De caracteres servem as Estrelas,
Se à vista claros, à percepção escuros.

Nelas por sua ordem pôs seguros
Do seu saber tesoiros, bem que delas
Só podem Anjos, pois a fêrie delas
Engana os olhos por mortais impuros.

Globo Celeste forma vosso engenho,
Que excedendo²⁸⁰ o mortal, de ler-se digno
Por conceitos Angélicos o tenho.

Astros os caracteres imagino,
Que não consente altivo vosso engenho
Ter menor exemplar²⁸¹ do que o divino.

Do mesmo Autor.

À Senhora Leonarda Gil da Gama, Autora deste livro.

Décima

Quando discreta ilustrais
Esse globo em que escreveis,
Mais que o Sol resplandeceis
Se a ele mesmo alumiais,
Os documentos que dais
Tão sábia vos justificam,
Que os mesmo Céus certificam
Curto papel as Estrelas
A vosso livro, pois elas
A tanta luz sombra ficam.

De um Anónimo.

Em louvor da Autora

Soneto

Esse globo Celeste, que adornado,
De resplendores borda azul esfera,
Com menos luz se vê que reverbera

²⁸⁰ No original, *eicedendo*.

²⁸¹ No original, *eizemplar*.

Que de vossos conceitos o elevado.

Novo Sol neste livro retratado
Em cada letra um raio se venera,
Se o mesmo Sol invejas ter pudera
Vosso engenho invejara decantado.

Melhor Minerva em vós hoje floresce²⁸²,
E é justo que nos bronzes da memória
Se imprima este, que assombro resplandece.

Veja-se nele retratada a glória,
Que a glória em cada folha nos oferece²⁸³
Na grave erudição de cada história.

De Julião Mascarenhas.

Em louvor da Autora

Soneto

Este esfera de aplausos meritória
Esta pompa de Etéreo firmamento
Quando oculta da fábrica o intento,
Faz no segredo a essência mais notória.

Longe dos olhos, perto da memória
Por mistério o contempla o pensamento;
Pois da fé socorrido o entendimento,
Mostra, que o globo é índice da Glória.

Que importa que da luz a cópia bela
Oculte por indústria o claro indício,
Se quanto o engenho oculta, a fé revela.

Ó poder milagroso do artifício!
Que erigindo um padrão em cada Estrela
Tens em cada silêncio um sacrifício.

De D. Antão de Almada.

Em louvor da Autora

Soneto

Este globo, esta máquina luzente
Assombro de imortal arquitetura
É da glória, que da fama lhe segura
Protótipo feliz, padrão luzente.

²⁸² No original, *florece*.

²⁸³ No original, *ofrece*.

Misterioso artifício, que evidente
Elevar-vos na fábrica procura,
Pois que à esfera lhe falte a fermosura,
O vosso entendimento não consente.

Por que o móvel de Estrelas se melhores,
Neste astros mais prósperos se inflama,
Que o nome ocultam, por que a fé o adore.

Mas não pode encobrir-se a vossa fama,
Que ainda que a notícia se lhe ignore,
Até nela o silêncio vos aclama.

De D. Francisco José de Almada.

Reflexos da luz

Ao Livro, e à Dedicatória

Décima

Este ORBE CELESTE encerra
Dois²⁸⁴ Enigmas²⁸⁵ na verdade,
JOANA de uma Cidade,
LEONARDA de uma Serra;
SINTRA, e mais NÁPOLES erra,
E qualquer delas se engana,
Se a tem uma, e outra ufana;
Porque a verdade é que guarda
A ESPERANÇA a LEONARDA,
E SANTOS NOVOS a JOANA.

De. Fr. João de Nossa Senhora Cronista da Província dos Algarves.

Romance hendecassilábico

Em aplauso da Senhora Leonarda Gil da Gama Autora do livro *Orbe Celeste*

Bem definis, ó Escritora insigne,
Com tão alta inscrição estes assombros;
Que era próprio chamar-se Orbe Celeste
Um escrito, que está de polo a polo.

Tinha essa alta região grã propriedade,
Se em vosso panegírico discorro;
Pois descobrindo os Gamas novos Reinos,
Cabia-vos por GAMA este Orbe novo.

Em vós admira o Orbe Literário
De única Fénis o matiz, e os voos,

²⁸⁴ No original, *dous*.

²⁸⁵ No original, *Enimas*.

Que no volume, que escreveis subido,
Vê pico de rubi, e pluma de oiro.

Já críamos na fé do vosso engenho,
Sem que os volumes víssemos compostos,
Sobrava o Livro celestial (mal disse)
Sobrava este milagre aos nossos olhos.

Dois unistes a este Orbe Ramalhetes,
Mas se Leo-narda sois, foi muito próprio;
Meio nome é de estrelas bravo signo,
Meio é uma das flores de áureo adorno.

Lá Hércules, e Alcides não bastaram
Na Mauritânia a sustentar o globo,
Mas na Boa Esperança Portuguesa
Bastam sós a este Orbe os vossos ombros.

À maga Circe lá descia²⁸⁶ a Lua,
Mas vós vem rodando um orbe, e outro²⁸⁷;
Mas quê? Não declarou²⁸⁸ o nome Gama
No anagrama de Maga os cultos vossos?

Não foi louco²⁸⁹ o filósofo, que disse
Que havia muitos mundos, não foi louco²⁹⁰;
Brevemente verão multiplicado,
Com ser tão singular, este Orbe vosso.

Proferi hoje, ó tubos cristalinos,
Examinando²⁹¹ os estrelados fogos,
Se há neste Orbe Celeste algum cometa
Das imensas estrelas deste tomo?

Se desejais saber esta Heroína
Quem, e qual é? Erguei ao Céu os rostros,
Que lá sobre o zénide de tantos astros
Vereis a Glória, Nume assaz donoso.

Não podia ter lá entre os Planetas
(Só porque errantes são) o Augusto sólio
Nem Apolo bastava, porque a Autora
Maior é do que o Sol no mundo todo.

De Félix José da Costa

²⁸⁶ No original, *decia*.

²⁸⁷ No original, *ôtro*.

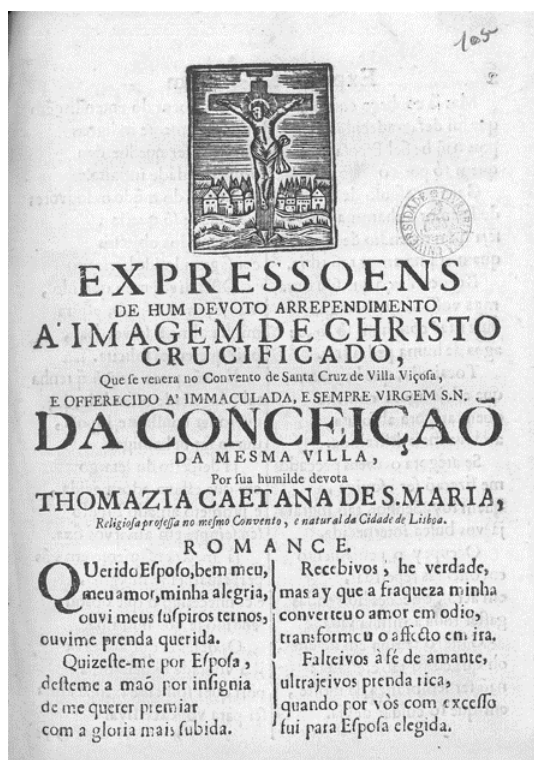
²⁸⁸ No original, *declarô*.

²⁸⁹ No original, *lôco*.

²⁹⁰ No original, *lôco*.

²⁹¹ No original, *eizaminando*.

Anexo 28 – Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado (1743)



[frontispício]

[estampa de Cristo crucificado]

Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado, que se venera no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, e oferecido à imaculada, e sempre virgem Senhora Nossa da Conceição da mesma vila, por sua humilde devota Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no mesmo Convento, e natural da Cidade de Lisboa.

[no fim, licenças]

Licenças da Ordem

Muito Reverendo Padre Provincial

Por ordem de Vossa Paternidade muito Reverenda, revi o Romanda, composto pela Reverenda Madre Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Convento de Santa Cruz da nossa Ordem, nele não encontro coisa²⁹² contra nossa Fé, ou bons costumes; antes louvo a devoção, e ternura, com que esta Reverenda Madre detesta em colóquios, se entrega a Cristo crucificado, e verá o mundo, que nem só o Mundo deu Poetisas, que também Portugal, e a nossa sagrada Ordem as

²⁹² No original, *cousa*.

sabe criar. Parece-me, que Vossa Paternidade muito Reverenda deve dar a licença, que se lhe pede. Este é o meu parecer.

J. M. J. Graça, 10 de junho de 1743.

O Mestre Fr. João de Azevedo.

Vista a aprovação do Reverendo P. M. Fr. João de Azevedo, concedemos à suplicante a licença, que pede, havendo as mais necessárias para imprimir o Romance incluso mencionado na sua petição.

Lisboa, Convento de Nossa Senhora da Graça aos 10 de junho de 1743.

O Mestre Fr. Francisco de Santa Maria, Provincial.

Do Santo Ofício

Eminentíssimo, e Reverendíssimo Senhor

Neste Romance, que a Madre Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, intenta dar ao prelo, e V. Eminência me manda ver, não contém coisa²⁹³ alguma contra os irrefragáveis Dogmas da nossa Santa Fé Católica, nem bons costumes, mas antes me parece pio, e próprio para inclinar os corações humanos ao amor de Cristo crucificado, com um verdadeiro arrependimento, podendo dizer de sua Autora *Ex abundantia cordis os loquitur*, pelo que me parece digno da licença que pretende²⁹⁴. V. Eminência mandará o que for servido.

S. Domingos de Lisboa, 14 de junho de 1743.

Fr. Manuel da Anunciação.

Vista a informação, pode imprimir-se o Romance que se apresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa, 14 de junho de 1743.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Abreu.

Amaral.

Do Ordinário

Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor:

Este Romance, que compôs a Reverenda Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa do Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, e que pretende²⁹⁵ imprimir, está muito conforme

²⁹³ No original, *cousa*.

²⁹⁴ No original, *pertende*.

²⁹⁵ No original, *pertende*.

aos fervorosos impulsos da sua devoção, e às exatas regras da Poesia. Parece-me digno de Vossa Excelência lhe conceder a licença, que pede.

Lisboa, 21 de junho de 1743.

D. João Evangelista.

Vista a informação se pode imprimir, e tornará para se dar licença para correr, sem a qual não correrá.

Lisboa, 22 de junho de 1743.

Dantas.

Do Paço.

Senhor:

Não é menos poderosa animada da descrição a expressão da dor: eu não sei qual será mais agradável sacrifício desta verdadeiramente Religiosa, se a produção do seu raro entendimento, se a do seu ditoso amor? Busca, e chama a seu Divino Esposo; não é a primeira vez, que as vozes da Esposa soaram nos ouvidos, são vozes de um coração discreto, e arrependido, se basta o arrependimento, que fará a discrição? Canta como Cisne, quando morre para o mundo; imita com maravilhosa proporção aquela singular Ave, que geme, quando canta. É a Esposa dos Cantares; arde, e chora, as causas sumamente intensas produzem efeitos contrários. Adora ao Sol no seu ocaso, o estilo é adorá-lo no Oriente. Assignou uma Escritura, e o Esposo apagou outra, na mesma Cruz aonde o Esposo fixou o instrumento da sua piedade.²⁹⁶ Fixou ela também o da sua obrigação. Digne-se Vossa Majestade conceder-lhe licença para a primeira impressão, que dele intenta fazer nos papéis, que depois ele mesmo fará a segunda nos corações. Este é o meu parecer, Vossa Majestade fará o que for servido.

Lisboa, 28 de junho de 1743.

O Desembargador Luís Borges de Carvalho.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, Ordinário, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taxar²⁹⁷, e dar licença para correr, sem a qual não correrá.

Lisboa, 5 de julho de 1743.

Pereira.

Teixeira.

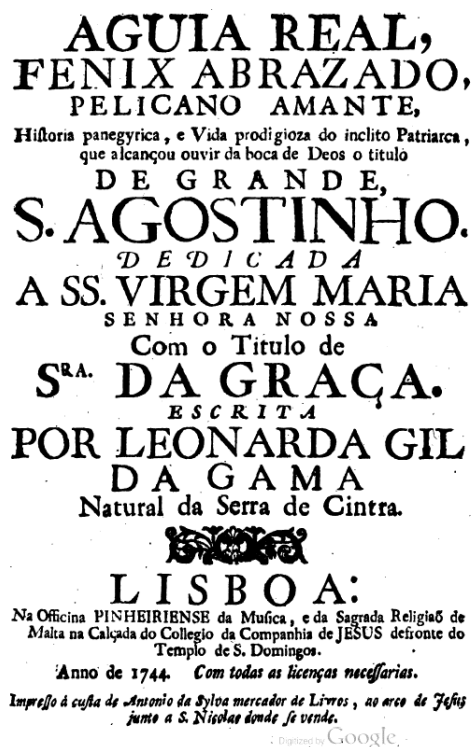
Vaz de Carvalho.

Costa.

²⁹⁶ *Delens, quod adversus nos erat chirographum Decreti, quod erat contrarium nobis, & ipsum tulit de medio aficiens illud Cruci.* Paul. ad Collossenses cap. 2 vers. 14. (N. do original.)

²⁹⁷ No original, *taixar*.

Anexo 29 – Águia real, fénix abrasado, pelicano amante, história panegírica, e Vida Prodigiosa do ínclito Patriarca, que alcançou ouvir da boca de Deus o título de grande Santo Agostinho (1744)



[frontispício]

Águia real, fénix abrasado, pelicano amante, história panegírica, e Vida Prodigiosa do ínclito Patriarca, que alcançou ouvir da boca de Deus o título de grande Santo Agostinho.

Dedicada à Santíssima Virgem Maria Senhora Nossa com o título de Senhora da Graça.

Escrita por Leonarda Gil da Gama natural da Serra de Sintra.

[arabesco]

Lisboa: Na Oficina Pinheirense da Música, e da Sagrada Religião de Malta na Calçada do Colégio da Companhia de Jesus defronte do Templo de S. Domingos.

Ano de 1744.

Com todas as licenças necessárias.

[informação de venda]

Impresso à custa de António da Silva mercador de Livros, ao arco de Jesus junto a S. Nicolau donde se vende.

[dedicatória]

Dedicatória à Santíssima Virgem Maria com o título de Senhora da Graça.

A quem senão a vós, soberana Rainha dos Anjos, se deviam oferecer os tributos, com que a minha devoção quer perfumar as vossas Aras; não podem as flores da minha ternura passar a mais sublime sacrifício, que quando se dedicam a ser adorno dos altares do vosso respeito, e se um dos mais brilhantes Astros não passou de lavrar-vos tronos, como viu o sagrado Evangelista, se exceder a esfera de escrava, posso eu chegar a voltar-vos os rasgos da minha pena.

Tenham embora essas profanas Deidades por irreverentes os cultos, que a cegueira lhe dedicou por obséquios, que o que neles foi desacerto da idolatria, em mim se purifica a impérios da Vossa Graça, chegando confiada a minha fé a dedicar-vos neste pequeno Livro o maior gigante dos merecimentos. Supram os altos voos, com que Santo Agostinho se remontou a alcançar-vos como Senhora da Graça por Mãe, e protetora de toda a sua Religião, os vagarosos passos, com que caminharam os meus discursos, e acharei em Vós os ativos incêndios, com que abrasais os corações destes vossos Filhos, ventura, que também espero alcançar, tendo professado de Agostinho a terceira Regra, sendo esta, e a de meu Seráfico Patriarca, que tanto prezo, os dois²⁹⁸ Polos, em que se sustenta toda a minha confiança.

Elevou-se Santo Agostinho, qual Águia Real, a ilustrar com as luzes, que lhe comunicastes, o dilatado da sua Religião, de que sois invicta protetora, e logo como amante Pelicano repartiu as atividades do puro amor, com que os seus Filhos vos respeitam por Mãe sua, renascendo aquele abrasado Fénix cada dia as mais ativas chamas em tantos amantes peitos, para que se eternizem os vossos louvores, em que também quero ter parte como indigna filha, a quem adorna a gala daquela invicta Correia, que igualmente me ilustra com o Cordão de meu amado Patriarca, circunstância, que vos fará grato o meu sacrifício, para que qual Judite valerosa, defendais esta obra, sem que os golpes da calúnia a censurem por minha, devendo já respeitá-la como Vossa, ficará gloriosa a vítima, e amparada vossa Escrava.

Leonarda Gil da Gama.

[prólogo]

Ao leitor

Este Livro que para coroar-se de imortal glória tinha no precioso da matéria o mais puro dos metais, e guarnecidas as suas folhas de preciosas pedras nas insignes maravilhas do grande Doutor da Igreja Santo Agostinho, expõe hoje à tua censura a minha devoção, sem que nem a avaliação de contrário leitor apague a chama do meu sacrifício, nem o temor, de que se notem nele os erros da minha pena, desmaie o impulso, que só pode ilustrar o voto; e como no emprego de escrevê-lo já ficou laureado o gosto, de bom ânimo espero lhe satirizes o rasteiro dos voos, depois de elevar a tão alta esfera os meus pensamentos; bem sei dirão os menos frios, que o que já por melhores²⁹⁹ autores está ponderado, inutilmente se sujeita outra vez a definido, mas desta diversidade de pareceres, se adorna a formosa fábrica da literatura, parecendo a uns digna empresa, o que a outros aplicação infrutuosa; mas nem a calúnia me parecerá amarga, nem a aprovação me deixará desvanecida, porque

²⁹⁸ No original, *dous*.

²⁹⁹ No original, *milhores*.

já entrei a escrever independente, e só empenhada em falar em Santo Agostinho afetuosa, assim te deixo livre o trabalho da censura, que me fique a mim a dor da ofensa, e o mesmo Santo, que sabe a pureza do meu intento, acudirá por si, e pelo meu crédito, e eu lhe pedirei por si neste.

Vale.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Eminentíssimo Senhor

Por ordem de V. Eminência vi o Livro intitulado *Vida prodigiosa, e História Panegírica do grande Patriarca Santo Agostinho*, composto por Leonarda Gil da Gama. Nele não acho coisa³⁰⁰, que se oponha à Fé Católica, e bons costumes, porque a Autora como Águia soube examinar de tão luzido Sol os raios, sem que a luz de tantos raios lhe ofendesse a vista. Antes parece, que mais a ilustrou para descrever em história panegírica os resplendores de tão luzido Sol desde seu Oriente até ao seus Ocaso e lhe inflamou o coração para como Heliotrópio seguir os seus progressos não só quando eclipsado, mas também quando mais luzido depois de eclipsado, sem que o amor a cegasse para descrever com afetação, ou lisonja a vida de um tão grande Santo, e sem que se oponha à Fé Católica, ou bons costumes. Este é o meu parecer. V. Eminência fará o que for servido.

Trindade, 9 de dezembro de 1743.

Fr. Francisco de Santa Ana.

Vista a informação, pode imprimir-se o Livro da Vida de Santo Agostinho, composto por Leonarda Gil da Gama; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa, 10 de dezembro de 1743.

Alancastre

Teixeira.

Soares.

Abreu.

Amaral.

Do Ordinário

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Em grande empenho me põe Vossa Excelência quando me manda, que veja eu para a censura uma Obra, que não tem ponto, a que não deva acrescentar-se uma admiração! Mas quis Vossa Excelência recompensar-me logo este perigo com a utilidade de uma leitura por que suspira há tantos tempos a minha impaciência. O assunto desta Obra, Excelentíssimo Senhor, é a Vida prodigiosa

³⁰⁰ No original, *cousa*.

daquele Atlante fortíssimo, que depois de ameaçar ruína à Igreja com os seus escritos, se meteu dentro dela para a sustentar com os seus ombros³⁰¹; daquele monstro da Sabedoria³⁰²; daquele Etna de amor, e Gigante de Santidade meu preclaríssimo Patriarca Santo Agostinho. A Escritora desta Vida é aquela Minerva Sapiientíssima, que depois de acordar o mundo com os seus brados, não cessou de instruí-lo com os seus admiráveis, e elegantíssimos Livros; aquela Heroína incomparável, que roubou ao Leão no forte a doçura³⁰³, e apropriava da Magdalena o Nardo na suavidade³⁰⁴, aquele Diamante de ilustríssimos quilates, que ideado na fé da Serra se poliu para Glória da Esperança da Corte, a Excelentíssima Leonarda Gil da Gama natural da Serra de Sintra. Este nome, Excelentíssimo Senhor, é uma tal recomendação da Obra, que basta para dar-lhe toda, e a melhor recomendação. Acha-se tão dignamente recomendada esta pena, que o maior compêndio do louvor deste Livro é a inscrição do nome de sua Autora. É esta eloquentíssima Escritora tão celebrada pelas doces correntes da sua elegância, tão conhecida pelos remontados voos da sua pena, tão aplaudida pelas relevantes ideias da sua sabedoria, que para recomendar-se este Livro bastava ler-se nele o seu augusto nome.

Sendo Alexandre Magno aquele Herói, a quem mais altares levantou a fama, houve tempo, em que só a este provérbio se reduziu a sua glória: *Olympias Mater Alexandri*, Olímpias foi Mãe de Alexandre. Era uma tão grande Mãe Olímpias, que deu a Alexandre a maior glória, de sorte que Alexandre ou havia de nascer de Olímpias, ou não havia de nascer; Olímpias ou não havia de ser Mãe, ou o havia de ser de Alexandre. Mais própria relação tem os Livros com os seus Autores, do que os filhos com os seus Pais: os Filhos retratam as perfeições dos corpos; os Livros copiam as excelências das almas. Poderão talvez os filhos degenerar as qualidades de seus Pais, mas os Livros nunca bastardeiam dos entendimentos dos seus Autores. Conheceu-se Alexandre por filho de uma Mãe, que se chamava Olímpias; conhece-se Agostinho por parto do entendimento de uma Madre, que se intitula Leonarda. Aquela foi então a glória singular de um Alexandre, a quem o mundo deu o nome de Magno; esta é agora a accidental glória de um Agostinho, a quem o mesmo Deus Canonizou por Grande³⁰⁵. Mas bem pudera a Autora não reбуçar a Agostinho esta sua Glória, dando-nos a ler com evidência o nome, fiando desta mesmo Obra o seu conhecimento.

Os Autores, que na sua Obras escrevem os seus nomes, pretendem³⁰⁶ que eles autorizem as suas mesmas obras. Bem se conhece em os primores de um quadro a alma do colorido, mas não sei que tem ver-se nele o nome do seu Apeles! Bem se conhece em os relevos de um mármore o primor do seu artífice, mas não sei que tem ver-se nele o nome do seu Fídias! Os Autores, que calam os seus nomes, quando saem à luz com as suas obras, satisfazem-se, de que as mesmas obras sejam as que divulguem os seus nomes. Quem vir ou no quadro o ar do pincel, ou na estátua o primor do escopro, bem pode conhecer na perfeição da Obra a valentia da sua mão: a proporção, a escolha, e ideia servem de nome para conhecimento dos Sábios, e para aplauso dos inteligentes. Bem percebo, que é em alguns o reбуço vaidade, mas não lhes posso negar a discrição; querem elogios de Sábios, que honram muito, e soam pouco; desprezam louvores de néscios, que honram pouco, e soam muito.

Por qualquer parte, que se veja esta Obra, e todas as mais desta discretíssima Autora se está conhecendo, que é digníssima dos elogios dos Sábios, porque os que lerem no anagrama de Leonarda Gil da Gama o programa de Magdalena da Glória, sabem que este grande nome é o que acredita a

³⁰¹ *A Logica Augustina Libera nos Domine.*

³⁰² *Monstrum quodaam in natura fuit Augustinus D. Thom. de Villanov. Conc. 1.*

³⁰³ *De forti egressa est dulcedu Judic. 14.*

³⁰⁴ *Accepit libram Unguenti Nardi pistici preciosi Joan. 12.*

³⁰⁵ *Magne Pater Augustine tibi Commendo Ecclesiam mean. Ludov. ab Angel. In Vita M. P. August.*

³⁰⁶ *No original, pertendem.*

Obra, e que não compôs a Autora Obra, que não seja grande. É o que de semelhante dizia Salviano.³⁰⁷ Os que lerem a Obra sem inteligência do nome, conhecem, que não era necessário nome para conceito da Obra, porque o grande do assunto, o discreto do argumento, o útil do artifício³⁰⁸, o som alto, e sublimado, o estilo grandiloquo, e eloquente, sem nada degeneram da pena, que a escreve, nem da Autora, que a compõe. Nesta Obra fala a Autora com sabedoria, e com elegância, que é a perfeição última, que o meu Grande Pai Santo Agostinho considerava em uma Obra bem composta.³⁰⁹ Estas são as escrituras em que se imprimem melhor as espécies, porque abraça a memória o que se lê com deleite como o estômago, o que se come com apetite. As Obras desta singular Escritora, e incomparável Heroína são as que clamam como frutos da sua sabedoria os merecidos louvores de tão inimitável eloquência.³¹⁰ Sim: porque como diz S. Jerónimo, *em as Obras é a sabedoria a que justifica os elogios da sabedoria das mesmas Obras*³¹¹. Se pois a sabedoria é a que clama a Glória da Autora³¹², deixarei eu de falar, para que se ouça a sabedoria, que está publicando a sua Glória.

Mas aqui, Excelentíssimo Senhor, aonde eu deixo de falar, não pode a minha Religião deixar de agradecer. Em grande dívida estava a minha Religião a este seu Santíssimo Patriarca, pois não teve nela até agora um filho que para escrever-lhe a vida igualasse com a mais bem aparada pena a sua tão rara santidade. Estiveram até agora as ações do meu grande Agostinho sem que o mundo as pudesse ler tão discretamente escritas, ainda que por muitos se estão vendo cordialmente publicadas. Mas chegou o tempo, em que esta eloquentíssima Escritora apertada com o afetos da Correia, que com o seu mais precioso Cordão fez sempre em todo o mundo amigável liga, quis exonerar desta obrigação os Filhos, escrevendo dignamente a Vida de tão Grande Pai. Se já não é, que para escrever-lha com obrigação de Filha o quis ser, professando na sua Terceira Ordem. Eu entendia até agora, que a pena desta singular Escritora era só tirada das asas do Serafim da Igreja, mas vendo que escreve a Vida de Agostinho, creio que lhe ministrou a pena o mesmo Fénix da África: era elevada, quando lha deu o Serafim de Francisco, mas é singular, quando lha aparou o Fénix de Agostinho, fim, e que triunfos não consegue Agostinho com esta pena.

Não concedeu Roma à Glória do triunfo, senão àqueles Heróis, que acrescentaram Coroas ao seu Império. Quando se achava destituída de prémios, que lhe mereciam os Heróis com os seus triunfos, reduzia todo o seu agradecimento a uma pena de ouro, que escolhida entre todos pela mais discreta recomendava tantos merecimentos à eternidade. Quem como o meu Grande Agostinho deu na sua Religião tantos lustres à sua Coroa? Religião nenhuma se acha com igual empenho; e como não podia esta remir-se de tanta obrigação, se não fiando o seu universal reconhecimento a uma pena de ouro, chegou o tempo, em que a desta tão empenhada Escritora escrevesse tantas lâminas à eternidade, quantas são as folhas, que encadernam o volume desta história. Se lhe não apagasse o ardor a sua Religiosa modéstia, dissera com mais verdade desta Obra, que compõe a Agostinho, o que lá disse o melhor Historiador da Casa de Augusto.

*Exegi monumentum aere perennius,
Regalique situ Pyramidum altius,*

³⁰⁷ *Nullus opus exiguum, nec à suo A. alie n. Salv. Epistol. 8.*

³⁰⁸ No original, *artefício*.

³⁰⁹ *Non solum sapienter, verunt etiam eloquenter vult dicere ; quoniam perfecto plus poterit, si utrunque potuerit. M. P. Aug.*

³¹⁰ *Date ei de fructu manuum suarum, & laudent eam in portis opera ejus. Prob. 31.*

³¹¹ *Justificata est sapientia ex operibus: sapientia quippe non quaerit oris testimonium, sed operum. D. Hyer. citatus a Sylv. tom 4 in Evang. p. 234.*

³¹² *Nunquid non sapiential clamat? Mecum sent divitia, & Gloria. Prov. cap. 8 & V. I. v. etiam 18.*

*Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit diruere Hor. lib. 3 Od. 30.*

Fiz uma Obra (dissera), gravei uma escritura, dei enfim um aviso a todo o entendimento³¹³, que desmentindo a eternidade dos bronzes, excedendo à altura das Pirâmides a não poderá extinguir a maior inundação, nem dissipar a mais poderosa tempestade. Se esta é a Obra, e tal a Escritora, bem se vê, Excelentíssimo Senhor, que além de não ter coisa³¹⁴, que ofenda a Fé, e encontre os bons costumes, não mostra também mácula, que necessite de esponja, excesso que careça de Lima, e palavra, que obrigue a Censura. Este é o conceito, que faço, Vossa Excelência mandará o que for servido.

Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa aos 13 de janeiro de 1744.

Fr. Manuel Guilherme

Vita a informação, pode-se imprimir o Livro de que trata a petição, e depois de impresso torne conferido para se dar licença para correr.

Lisboa 30 de janeiro de 1744.

Dantas.

Do Paço

Senhor

Com pronto ânimo, e extremoso gosto recebi o decreto de Vossa Real Majestade, no qual me mandava visse o Livro, que compôs Leonarda Gil da Gama (anagrama do nome da sua Autora), o qual tem por título *Águia Real, Fénix abrasado, Pelicano amante, História panegírica, e Vida prodigiosa do Grande Santo Agostinho*, e sobre ele desse o meu parecer, porque a sua Autora o deseja imprimir; e me parece, que era já supérfluo o mandar rever, e qualificar esta Obra, pois a Autora tem manifesta a sua fidelidade em quatro Tomos, que tem estampado, e exarados no prelo, os quais tem admirado não só os nossos Reinos, mas também os estrangeiros. E se este tiver a fortuna de ser manifesto na prensa, poderemos dizer, que sendo o quinto se poderá chamar a quinta essência. Nele se empenha a Autora em descrever as Excelências do Grande Águia Agostinho, insigne Patriarca, e luz da Igreja Católica. E quem se havia de arrojar a penetrar os voos de tão real Águia, se não a pena desta Excelentíssima Escritora, porque se Águia tem por natural propensão³¹⁵ o pôr nas penhas mais altas o seu ninho, e nos Rochedos mais eminentes fazer a sua habitação: *Nonquid ad praeceptum tuum elevabitur Aquilla, & in arduis ponet nidum suum? In petris manet, & in praeruptis silicibus commoratur, atque inaccessis rupibus?*³¹⁶ Tendo a Autora o seu ilustre, e Fidalgo nascimento no Real Palácio da Serra de Sintra, que nas suas Rochas, e Penhas são tão excelsas, que podem nela assistir, e morar Águias, só quem era natural de tal sítio podia delas ter conhecimento, e formar sobre elas o seu discurso.

³¹³ *Monumentus dicitur ex eo, quod mentem moneat.*

³¹⁴ No original, *cousa*.

³¹⁵ No original, *propensão*.

³¹⁶ *Job. cap. 39. Vers. 27 & 28.*

Prodigiosa Serra, e Monte (digo eu agora) é o Monte, e a Serra de Sintra com ser Teatro de parto tão esclarecido, porque se o Monte Olimpo foi celebrado pela assistência de Júpiter, e o Oeta pela morte de Hércules, o Cáucaso pela contemplação de Prometeu³¹⁷, e o Parnaso pela habitação das Musas, com muita mais razão o Monte, e Serra de Sintra deve ter mais celebridade pelo nascimento da Autora, porque este foi Teatro, donde tão excelente pessoa teve a sua habitação, e o seu princípio; e os outros se neles teve algum efeito aquelas Divindades, foram Divindades fingidas, as quais, ou foram ideias dos Poetas nas suas fábulas, ou adoração das Barbaridades cegas. Mas cá na nossa Serra de Sintra foi centro, donde esta sábia, e virtuosíssima Religiosa fez a sua morada, viu a luz primeira, e foi com as primeiras mantilhas enfaixada. É atendido por conclusão estável, que a Serra de Sintra é a mesma Serra de Estrela, ou filha da dita Serra. Assim o assentam os Cosmógrafos Lusitanos, porque uma, e outra Serra tem uma total semelhança no levantamento das penhas, na abundância das Águas, no frondoso das Árvores, na multiplicidade dos frutos, e doçura deles. E a Serra de Estrela antigamente se chamava o monte Hermínio, o qual custou muito aos Romanos a ser deles vencido, e subjugá-lo aos seus Impérios, porque o grande Viriato³¹⁸ com forçoso impulso lhe resistiu³¹⁹ ao seu formidável exército, e por isso a Serra da Estrela ficou Monte celebrado. Agora com mais razão se pode jactar a mesma Serra, que lançou de si um parto, que deu armas para se vencer muito maior exército, pois nos Livros que tem composto, e dado à estampa, uns, como Místicos, são escudos para vencer os três Inimigos; e outros, como descrevendo as Vidas dos Santos, são normas para lhes seguirmos os passos, e imitarmos os seus exemplos, e serem espelhos a que vejamos, e revejamo-nos para observarmos os Divinos preceitos. E com este espelho ficará a nossa alma mais formosa, pois não há formosura concernente sem ter o seu espelho diante. E quem é amigo de Deus vendo estes espelhos naquele monte, então obrará com ânimo mais Católico, como já Deus disse ao seu amigo Moisés: *Inspice, & fac secundum Exemplar, quod tibi in monte monstratum est.*³²⁰ E se o Monte Hermínio teve depois por altíssima disposição o nome de Serra da Estrela, também este monte, que deu semelhante parto, podemos dizer, que de Serra de Sintra se chame daqui por diante Serra do Sol, pois com os seus raios dá luz a muitos cegos, ensina os Católicos, e ilustra aos entendidos.

Mas de tudo isto nada me admira, porque já na célebre antiguidade houve um César, que conquistando em Campanha, tinha espada, e juntamente pena, pena com que escrevia, espada com que triunfava, como melhor explicou um Poeta:

Lá vai César conquistando a França,
Em uma mão leva a pena, e na outra a lança.

Também haja uma Heroína, que tenha pena para escrever, e espada para triunfar, espada para vencer os maiores inimigos pelos documentos, que dá nos seus tratados, e pena para escrever volumes tão doutos. A espada herdaria ela dos seus progenitores, pois como sabe o Mundo, alguns tiveram espadas com que enfadando-se de cortar cabeças, que queriam conservar no nosso Reino as meias Luas Maometanas, depois se empregaram jarretar³²¹ as mesmas Ondas, que este brasão tem ainda hoje por Armas, *Qualcuntque findit*, e outros, que valerosamente pelejando pela Fé Católica, e pela Pátria ficaram escritos nos anais da fama, e nos bronzes da eternidade. As penas lhe deram os

³¹⁷ No original, *Promoteu*.

³¹⁸ No original, *Viriato*.

³¹⁹ No original, *resestiu*.

³²⁰ *Exod. cap. 25 v. 40*.

³²¹ No original, *jerretar*.

dois³²² Patriarcas, de cujo timbre ela mais se preza, que os da sua Ilustre, e Excelente fidalguia, que estes deixou ela com espiritual impulso, por se vestir com um hábito grosseiro, e sepultar-se em um Claustro, digo Agostinho, e Francisco, deste, Religiosa professa, e daquele devota Terceira; e com tão relevantes prendas vejam se escreverá maravilhas! A pena, que lhe deu Agostinho foi pena de amante; com a pena de amante escreveu abrasada. E com a pena de entendida escreveu discreta, e ajuntando-se o entendimento com a vontade, vede se terá toda a sua Obra perfeita, e será toda boa. Depois de Deus criar o Mundo reparou nas Obras, que tinha feito, e disse o mesmo Deus, que não só eram boas, mas também muito boas: *Vedete Deus cuncta que fecerat, & erant valdi bona*³²³, porque para aquelas Obras concorreu o entendimento, e mais a vontade. A vontade: *Omnia*³²⁴ *quaecumque voluit, fecit*³²⁵. O Entendimento: *Omnia in sapientia fecisti*³²⁶. E como se juntou vontade com o entendimento, tudo havia de ser bom, e mais perfeito: ela não o dirá por não cair naquela Censura de ficar vilipendiada, quando se louva a si própria *Laus in ore proprio villescit*, fundando-se a bondade da sua Obra em ser Obra produzida por uma vontade abrasada, e por um entendimento tudo agudeza. Quis em tudo mostrar, que era Religiosa Seráfica, para em tudo mostrar ser Escotista, porque se houve um Anónimo, que quis censurar a doutrina do Doutor Subtil Escoto, dizendo, que não era fundada na doutrina de Agostinho, houve também um Augustiniano empenhado por Escoto, que vendo, e revendo as Obras do mesmo Doutor Subtil achou nelas, que fundara as suas Teologias em mais de mil Autoridades de Agostinho. E se houve também um Augustiniano, que a primeira vez, que se imprimiram os *Quodliberos* de Escoto³²⁷, donde o mesmo Escoto mostrou a agudeza do seu engenho, ele foi o que os deu ao prelo, e que a Autora como filha amante, e amada de Francisco meu Padre de algum modo pagar esta dívida com escrever a vida de um Doutor, que foi luz da Igreja.

Só poderão arguir de que sendo a nossa Autora daquele sexo, que condenou S. Paulo, dizendo, que não tinha língua para falar em coisa³²⁸ Eclesiástica, *Mulieres in Ecclesiis taceunt*³²⁹, e como a Vida de Agostinho por história Eclesiástica pertence à Igreja, devia ela tapar a boca, e suspender a pena; mas deixem, que quando os engenhos de Varonis passam a espirituais, bem é que empreguem as suas penas em descrever Eclesiásticas Histórias. Antes de Cristo encarnar houve Sibilas, que profetizaram a vinda do Divino Verbo, que havia de morrer encravado em um madeiro, e que a Cruz havia de ser a bandeira de Cristo no dia último, como disse nestes Versos:

*O lignum felix, in quo Deus ipse pependit,
Nec te terra capit, sed Caeli tecta videbis,
Cum renovata Dei facies ignita micabit.*

Depois da vinda de Cristo ao Mundo, houve uma Ana Profetiza³³⁰, que falava nos mistérios de Cristo, e na Redenção do seu povo, e outras muitas mais, que não relato por não cansar o discurso. E se não há regra sem exceção, pois sendo regra geral, que todos os descendentes de Adão contraíram a original culta, *In Adam omnes morientur*³³¹, também vimos, que sendo MARIA Santíssima filha de

³²² No original, *dous*.

³²³ *Genes. cap. 1 v. 31*.

³²⁴ No original, *oninia*, possivelmente um erro de leitura do compositor.

³²⁵ *Psalm. 113 v. 3*.

³²⁶ *Psalm. 103 v. 14*.

³²⁷ *Vide Chronic. Illustrissimi Cornejii in Vita Scoti*.

³²⁸ No original, *cousa*.

³²⁹ *Prima ad Corinth. cap. 14. v. 34*.

³³⁰ *Luc. cap. 2 v. 28*.

³³¹ *Prima ad Corinth. cap. 15 v. 20*.

Adão não contraiu essa mancha; e se S. Paulo disse universalmente uma, e outra sentença, e esta lei teve exceção, bem pode a Autora ser excetuada.

Mas para que quero eu buscar exemplos estranhos, quando em casa, e na Religião da Autora temos tantos exemplos? Filha foi da Religião Seráfica a Venerável Madre Maria de JESUS, e compôs três tomos, onde explicou os maiores Mistérios, tanto de MARIA Santíssima, como de Cristo Senhor Nosso, dando a todos os Místicos o melhor documento. Da mesma Religião Seráfica foi filha a Madre María de la Antigua, Religiosa Leiga, que escreveu uma mística doutrina, e sem passarmos do nosso Portugal, acharemos não só a nossa Autora, mas também outra Religiosa do Religiosíssimo Mosteiro da Esperança, da Ordem Seráfica da Província de Portugal, que com todo o luzimento tem estampado outro Volumes no prelo, os quais³³² sendo todos qualificados³³³ pelos Tribunais a quem pertence, estão correndo *Salvo pede* com popular aplauso, e com admiração ainda fora deste Reino, pois é a Religião Franciscana tão abundante de Escritores, que não só os filhos da primeira, como da Terceira Regra tem composto tantos corpos, que podem fazer uma Vaticana mais dilatada, do que foi a de Pisítrato³³⁴ na Universidade de Atenas, mas também as suas Filhas são tão engenhosas, e dadas às Divinas letras, que estão compondo, e comporão as obras mais elevadas.

Não me admira que³³⁵ a Autora também queira seguir as pisadas das Escritoras antigas da Religião Seráfica, porque se esta toda gera virtudes, e exala olores, nela tudo se vem olores de Religiosidade, e valentias da virtude. E para mostrarmos, e conhecermos a valentia da sua virtude, e religiosidade reparemos no seu nome com que neste livro é bautizada. Chama-se *Leonarda*, e é bem repararmos neste nome, havemos de ver, que é composto de *Leo*, & *nardus*. No Leão achamos, que é o animal mais forte, que pisa os Montes, e corta os Vales; no *Nardus* acharemos, que lança de si o olor mais suave, que foram as flores do jardim de Flora, e Campos de Amalteia, e cujo nome se compôs este discreto dístico, que sabem muito bem os que andam ainda nos Rudimentos da Latinidade:

*Si fueris virtute Leo, si Nardus Odore,
Tu Leo, tu Nardus, tu Leonardus eris.*

Ora mudai agora o *us* em *a*, sem que se falte à medida do Verso, e a ser breve, ou longa a Sílabas, e achareis, que com muita propriedade podemos pronunciar: *Tu Leonarda eris*.

E porque os maiores engenhos da nossa Corte de Lisboa viram esta Obra tão virtuosa, e de tanta fragrância, empenharam a sua poesia, a qual no metro, consonância, e conceito se não excedem aos Camões, Gôngoras, Salinas, e Cárprios, e a outros mais, que se empenharam em ser validos das Musas, Secretários de Apolo, e harmoniosos³³⁶ Cisnes do Parnaso, se os não excedem torna a dizer, que os igualam. E se os curiosos quiserem ver os Poemas laudatórios, digo eu: *Ex ungue cognoces Leonem*. E porque tudo, o que contém este Livro não tem coisa³³⁷ alguma contra as Ordenações, Pragmáticas, Éditos de Vossa Real Majestade, sou de parecer, que lhe conceda a licença que pede, para que estampado no prelo, conheça não só a nossa Lusitânia, mas também qualquer estranha Monarquia, que tem Vossa Real Majestade no seu Reino não só Escritores, que em todas as faculdades tem admirado o Mundo, mas também Escritoras, que para desempenho do sexo sabem, e escrevem aquilo, que a muitos fica oculto. Este é o meu parecer *Salvo meliori iudicio*.

³³² No original, *as quais*.

³³³ No original, *qualificadas*.

³³⁴ No original, *Pesítrato*.

³³⁵ No original, *de que*.

³³⁶ No original, *harminiosos*.

³³⁷ No original, *cousa*.

Hospital do Real Mosteiro da Esperança de Lisboa, 29 de janeiro de 1744 anos.

Fr. José do Apocalipse.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ela não correrá.

Lisboa, 31 de janeiro de 1744.

Pereira.

Teixeira.

Cardeal.

Vaz de Carvalho.

Costa.

[textos laudatórios]

In laudem

Excelentissimae Dominae Magni Parentis Augustini Vitam scribendis

Elogium

Quid nisi Cacumina
Peteret Aquila?
Quibus nisi Aquilis
Domicila forent
Cacumina?
En interum Aquilae magnae
Augustino conceduntur alae
Ut in Lunae monte
Luna sub pedibus ejus.
Sisteretur iterum.
Ut denuo renascatur.
Seraphicos quaerit ardores
In Leonarda Phaenix.
Unicum in Nardo aroma.
In odorem suavitatis cloquii
Renaturo.
Integram non Asiae,
Sed Libiae
Subministrat materiam.
Unicoque in Calamo agitatis alis
Non infaecundus
Excitatur ignis,
Ut sui ipsius proles
Novus refugat Phaenix
Inde ardens, unde Lucens.
Pungit
Dum acute Pelicanum pingit,
Acutissimoque Calamo
Lancinato de pectore

Paternum excutit sanguinem,
Quo
Licet non ut Primogenita satietur
Attamen ut Tertia
Pascatur Filial.

Dicebat Mag. Frater Emanuel de Figueiredo Eremit. Augustin.

Ad lectorem in laudem authoris.

Elogium

Obstupesce Lector,
Degosta librum,
Amarorem non sentries, sed dulcedinem.
Morare, & mirare.
Hujus voluminis Author
Faemina est.
Opus
Viros adhuc eximius exsuperat,
Hinc conjice
Quanta erit!
Se ipsam prodit
Eadem luce,
Qua
Hoc opus plane regium,
Quia suum
In lucem edit;
Sed tanta luce, adhuc latet.
Africanae Aquilae volatus exprimit
Haec Avis regia,
Quos
Non tam radio scripsit,
Quam radiis illustravit
Hoc volumine,
Quod
Arborem scientiae nuncuparem,
Scientiae boni, nil autem mali.
Hic
Fructus invenio sine soliis,
Quos legere potes
Cum filiis Adae offerat
Faemina altera,
Sed hoc discrimine, quod sine crimine.
Hic
Virgulae fructus germinant
Et quidem floridos,
Et quaelibet divinam Virgolam refert,
Cum tot sapientiae Thesaurus ostendat.
Hic
Nullum sine admiratione punctum:
Imo

Omne tulit, cum miscuit utile dulci
Non Achylis factis invidit Alexander,
At gloriae
Quam sua Illiade
Homerus conciliavit ;
In urna ebuliunt
Alexandri Cineres
Invidia consumpti.
Tunc solum felice se jactaret,
Si tunc elusceret
Ut illius praeclare gesta
Aeternitati
Tanta Faemina
Comendaret.
Et Aquila ipse Augustinus
Ad solum evolaret,
Ni caelo
Gloriam habuerit immortalem.
Ira Appelles
Alexandrum penicilo animava,
Ut caeteris
Alexandri efigiem
Prohibitum fuerit adumbare,
Nunc
In utile foret hoc praeceptum,
Nam
Tanta faecundia, ac facundia
Aquilinum Doctorem
Haec Author delineavit,
Ut caeteris
Impossible reliquerit
Imitari.
Evolve illius paginas
Et quot in eis gesfit literulas
Librorum semina credito,
Si Libri marginibus fistas
Veluti sapientiae Oceano
Non nisi admirationis ebibes.
Quibus
Ligatus, & obstrictus
Authorem ipsam
Aquilum, Phaenicem, Pellicanum
Immortalibus dignam honoribus
Caelo, aeternitate, amore
Judicabis.

Epigramma

Ad Authorem, dum Vitam describit Augustini.

Gratare ingenio, neque onim est mortale, quod audes
Faemina; Divinum dum canis Aurelium.

Humanam longe exsuperant facta ardua mentem
Altius est tardis sensibus illud opus;
At bene, nam mentem virtusque, & gloria tangit,
Non nisi materies haec erit apta tibi;
Commodat ille tibi pennas, superosque volatus,
Expedit, ut possia lumina tanta pati,
Lumina, quae tenebras, quibus atra afferbuit olim
Haeresis, e medio tollere sola valent,
Ergo tibi merito superi debentur honores
Quandoquidem scriptis lux venit ista tuis.

Aliud. Ad Authorem, dum proprium occultit nomen.

Non tibi scripta petunt alieno e Carmine laudes
Faemina, sat Scriptis nomen abesse tuum:
Quam laudem mervere, grave est audire tibi est;
Expectent aliae numero e Carmine laudes
Tu scriptis Vitam tempus in omno tuis.

Alud. Ad Authorem, dum Foeminant.

Cum nisi virtutes, factaque insignia promat
Faemina, divinis cum colit ingenium:
Sedulus in scriptis vitium tamen ipse notavi;
Invidiam multis quod parit inde viris.

Scriebat Doctor F. Cayetanus a D. Josepho Erem. Augugustinianus

Epigrama

In Laudem Illustrissimae Dominae Vitam M. P. Aug. sub titulis Aquilae, Phaeniceis, & Pelicani Scribentis

Altivolam infectans Aquilam conscendis Olympum,
Et Salomoni aptam pandis ad astra viam.
Phaenicemque instata; cui est in morte voluptas
Cedis honore fori, lucis amore poli.
Ut pullis Pelicanus opem, tu Corde Parenti
Fers Augustino: ferre coegit amor.
Doctor, na melhor fueris Leonarda? Docebit
Eduridiens cunctos hoc pietatis opus.

CANEBAT

Mag. Fr. Petrus Joyes Erem. Augustin.

Epigrammata

Ad Excellentis. Dominam D. Aug. Vitam Scribentem.
Si me Pythagorae non falunt dogmata, Vitam
Aurelii scribens, non alia, es alia:
Es alia, es etenim natura, pectore, mente,
Tu Aquila, tu Phaenix, tu Pelicanus amans:

Non alia, es quippe discurrens tu, Leonarda,
In montem Lunae scandis, & alta, petis.

CANEBAT

Frater Joannes Pacheco Erem. Augustin.

In laudem religiosissimae ,
Nobilissimeque Domine, que Parentem Augustinum Pelicanum in amore contemplata, ejus Vitam pie, dilucide, egregieque exponit.
Dat Pelicanus amans, scindit, dum pectora, Vitam
Natis: tu nobis das Patris, atque tuam.
Scilicet in Patre es, aut in te Pater! Ista putabo
Est tuus hic nobis prodigiosus amor.
Musa reformidat grates tibi reddere, forsan.
Ipsa reformidans gratia maior erit.

Aliud Epigramma ad eandem Examinam, que Parentem Nostrum regalem Aquilam jure optimo praedicat.

Cum viam in excelsis Aquilae, pia Magdala, magnae
Ignoret Salomon, tu tamen una sapis.
Inicius exclamat Sapiens, tu doctior audis
Arripis hinc calamum, mox patefacta via est
Si Salomonem adiens Regina potentior Austri
Obstupet, & maius nil Salomone refert.
Nunc Salomon properet, regnum discendat ad istud
Faemina de extremis finibus ista sua est.
Nulla olim mulier visa et Sapientior illi.
In spem contra spem, credere quamque potest.

Aliud ad eandem dum Parentem singularem Phaenicem appellat.

Vivit in accessis, moriturque haec rara volucris:
Vivis in accessis, tu simul ipsa locis;
Sole sub ardenti, referunt, sic excitet alas
Mox ut odoriferam construit una pyram,
Ut fato cedens breviter rediviva refurgat:
Mira haec sunt, fateor, sed tua mira magis.
Post annos longos charam vitam illa relinquit
Tendit, & in mortem plus valitura libens.
In primis annis solet esse valentior aetas,
His vitam spemis, plus facis inde libens.
Illa vetus mortem quaerit plus vivere curans,
Tu juvenis mortem, vivere, nec satagis:
Illa necem exagitat, credo, sed lucis amore:
Tu lucem temnens, ferris amore mori.
Sit rarus Phaenis, narrunt, quam plurima mira
Authores, nobis rarior ipfa micas.

SCRIBEBAT

Lector Theologia Frater Antonius de Moraes Eremita Augustinianus.

Esclentissimae D. Leonarda Gil da Gama, dum D. Aurelii Augustini Vitam, Aquilae Phaeniceis, et Pilicani imaginibus depingit.

Epigrammata

1	<i>AQUILA</i> Exhibet excelsos Aquilae sua penna Volatus: Aurelio Calamus sic, Leonarda, tuus.	
2	<i>PHAENIX</i> Quis neget in Nardo Phaenicem quaerere Vitam? Aurelii Vitae tu modo Nardus ades.	
3	<i>PELICANUS</i> Creditur in natos Pelicanum pandere pectus; Nata sed Aurelio pandis amore tuum. <i>Aliud tria antecedia</i> <i>Complectens.</i>	<i>Nota, quia</i> <i>Tertis Ordinis</i> <i>ejusdem Aug.</i>
4	Alis duplicibus, qui pingitur ante Volabat: Tergeminis libro nunc volat ipse tuo. <i>Aliud, dum Gratia Matris</i> <i>Librum dicat</i> <i>Magdalena à Gloria nomen</i> <i>in Lucem edens</i>	<i>Alae duae</i> <i>Aquila magna.</i> <i>Apoc. c. 12 v.</i> <i>14.</i>
5	Gratia <i>Magdalis paenis</i> , potest Gloria venit: Gratia post <i>pennis</i> , Gloria at ante tuis.	

Scriebat Frater Gil Emmaus Lumenule Eremita Augustinianus.

Epigramma

Ad Illustrissimam, & Excellentissimam Dominam Aurelii Augustini Vitam sub titulo trium Avium Scribenti.

Aurelii scribens Vitam, Illustrissima, libro
Nomina trium Avium dat Leonarda suo.
Ille equidem, ut Paulus, terrae dum degit in orbe.
Ad Caelum raptus tertium adire meret:
Ergo Aquilae, & Phaenix titulum, & Pelicanus adornent
Certe Avium pennis indiget ille trium.
Aliud ad eandem alteno nomine scribentem.
Tu Vitam Aurelii describes nomine ficto:
O bene! Nam verum dat tibi nomen opus.

Scriebat. Quidam Eremita Augustinianus ex Caparica oriundus.

D. Leonarda Gil da Gama sub anthonomasiis Aquilae, Phaenice, & Pelicani Divi Augustini Vitam conscribenti

Epigrammata

AQUILA

Comprimat excelsos Aquila imperiosa volatus
Ingenii pennis dum, Leonarda volas.
Sic Augustinum assequeris; tu sola videris
(Quod mirum est) calamo, & mente volare pari.

PHAENIX

Cum tot luminibus tua sacra, & scripta coruscent,
Flagret & in media men tua docta pyra.
Te quoque Phaenice decorare emblemate faz est,
Et concors factis est, Leonarda, tuis.
Sola Augustini clara inter lumina vivis,
Vivis, & ingenio clarior ille tuo.

PELICANUS

Lancinat assidue Pelicanus pectora rostro,
Charius ut genitos sanguine cordis alat.
Tu quoque conceptum nutristi mente Libellum,
Edere sub Lucem quem tua dextra parat.
Erga Augustinum ut melius testeris amorem
Sanguine co dis amas scribere facta tui.

Ex Anonymo Eremitana D. Augustini Familiae.

Carmen Encomiasticum in Librum Excellentissimae D. Leonarda Gil da Gama, dum Aurelium Augustinum Aquilae, Phaenice, & Pelicani anthonomasis describit.

Aurelii Vitam dum sic bene pingis ad unguem.
Consona stat factis pagina quaeque fuis.
Tantus enim meritis, qui pingitur, extitit Heros,
Ut nequeat Libro nobiliore capi.
Tergemino prodit liber hic decoratus honore,
Et triplici titulo conspiciendus adest.
Scilicet & Phaenix, Aquila est, Pelicanus & idem:
Aurelio titulus convenit, atque tibi.
Ingenio es Phaenix, solis genuina propago:
Nec minus, ut Phaenix, omnia solis habes.
Vivere desertis, Pelicane, recessibus optas:
Vivere postbabito te procul orbe juvat.
Ipsa Aquila es: timidas nunquam tulit ista columbas:
Non est Authori deneger istud opus.
Quin etiam turbae fertur Regina volantis;
Judicis & natos solis in igne probat.
Tu reliquas inter poteris Regina vocari:
Pars mentis soboles est Liber ipse tuae.
Nec miror, dum cerno libens quid Faemina possit,
Faemina doctiloquas inter habenda Deas.
Dignus honore Liber; laus est tibi debita triplex:
Tres tibi per titulos terna corona venit,

Me tamen hoc cruciat; quod scilicet altera honores
Promeruit tantum quos tua dextra, ferat.
Sed male dissimulas: positi si nominis ordo
Vertitur, augustum est, & sine nube patet.
Fallere posse putas? Et non tua nomina fingis?
Fige tuum Libro, *Gloria* maior erit.

Scribebat Quidam e Societate JESU.

Aliud

Epigramma

Nomina cum primum docto praefixa Libello
Aspexi, laudi nomina nata tuae:
Et titulum, atque operis praenuntia verba disertum
De se ipsa (dixi) scribere an ipsa parat?
Eligit ex numero quas pagina prima volantem,
Ingenii mihi sunt nobile stemma tui,
Dum super aethereos tua mens volat altior axes,
Tu mihi (quis dubitat?) Regius ales eris.
Faemina faemineas extas super una cohortes;
Sic similem Phaenix non habet inter aves,
(Sic que Parens Author, Liber, & sifili us extat
Progenies Patri non moritura fuo:)
Innuba tu natos, quem docto é pectore promis
Doctrinam, libros ceu Pelicanus alis.
Quam bene! Lectorem si mendax luserit error
Nominis, haec notam te tua signa dabunt.

Ex quodam Societatis JESU.

ALIUD

Solis Avis dicendus erat, Phaenicis adinstar,

Qui meruit flammis victor abire suis.
Unicus inter aves Phaenix est; unicus inter
Doctores etiam creditur Aurelius.
Hinc acies Aquilina, hinc altae mentis acumen,
Hinc Aquilae meritè nomen, & omen habet.
Hinc Pelicanus erit; rivos nam sanguinis ille
Dat natis, natis cor dedit iste suis.
Ergo Aquila, & Phaenix, simul, & Pelicanus ab astris
Aurelius veniens, docta per ora volet.
Percurrat pennis, quas tu Leonarda dedisti,
Aera, per terras dum tua fama volat.
Ille suis meruit factis tot nomina at ipsa
Conveniunt scriptis nomina, crede, tuis.
Ingenio flores, casto succenderis igne
Ergo Aquila, & Phaenix, & Pelicanus eris.

Ex quodam Societatis JESU.

Illustrissima D. Leonarda Gil da Gama puro ex illis nomine eruto anagrammate, dilaudatur.

En Programma

D. LEONARDA GIL DA GAMA.

En Anagramma

D. MAGDALENA DA GLORIA.

Non *Leonarda* tibi, quamvis *Leonarda* libello
Scripta venis, titulo iudice, nomen inest.
Magdalis exoritur, tituli si verba resolvo;
Si mutat sedem littera quaeque suam.
Gloria confurgit proprio cognomine, scriptis
Haec faciunt, Author, nomina sola tuis.
Altera, crede mihi; longeque beatior extas
Magdalis, eligitur nam tibi pars melior.
Illa sepulchrali quaerit sub marmore Christum;
Aurelium rutilo quaeret ista ipsa polo.
Mortuus huic Phaenix, Aquila, & Pelicanus ad urnam
Urgetur lachrymis, flebilibusque modis.
Aurelius Phaenix, Aquila, & Pelicanus ubique
Angelicis canitur, te referente, choris.
Illius effecit Christum nova *paena* sepultum;
Aurelium vivum sed tua *penna* facit.
Ergo dum calamo, dum mentis acumine, librum
Aurelii exornas laudibus ipsa tuis:
Magdalis, hoc nomen, cognomen *Gloria* surgat
Ut liber in prima fronte beatus eat.

Ex Anonymo Societatis JESU.

Praeclarissimae Dominae D. Magdalenae da Gloria, Augustini Vitam disertissime describenti.

Epigramma

Aurelii calamo, Aurelii descripta videntur
Gesta quidem: eloquio sic tua scripta valent.
Gesta quidem Aurelium merito super astra tulerunt,
Te calamus merito, vel super astra feret.

Eidem Augustini Vitam scribenti, cui titulus Aquila, Phaenix, Pelicanus

ALIUD

Ingenio Phaenix, Aquilae casto ureris igne:
Sic Pelicanus amans pectore vulnus alis.
Disertissima Domina D. Magdalena
Da Gloria Monialis S. Maria à Spe
nancupata Augustini Vitam describens,
alienum sibi nomen induit.

ALIUD

Cur nomen fallis cum sit tibi Gloria nomen?
Non bene conveniunt Gloria, spesque simul.

D. Vicentius Mexia Cleric. Regul. S. Cayetani.

In laudem praestantissima, ad mediaenique ingeniosa DD. Leonarda Gil da Gama in medium graphice proferentis numquam satis verbis praeferendam prodigiosam Vitam, & admirabiles res gestas legislatoris Religiosorum, Theologorum facile Principis, Aquilae magnarum alarum inter Doctores, Praesulum Exemplaris, Naucleri navis Petri, Antesignani militia christiana, Propugnatoris catholicae veritatis, Mallei Hareticorum, solis universi, Gloriam totius Africae immortalis, (uno verbo) magni Patriarchae Divi Augustini nullo, vel exquisitiore Rhetorices lenocinio rite, sicut par est, collaudandi.

Epigramma

Aurelii Vitam quando, *Leonarda*, beati
Scribis, & illius facta stupenda refers;
Ingenium fublime tuum te scandere caelum
Efficit, atque humiles exuperare vias.
Define mirari, sapiens *Leonarda*, volentem
Alte mens Aquilam te generosa facit.

Pangebatur P. Antonius Fonseca.

Epigramma

Non jam scriptores prosa, seu carmine doctos
Laudibus extollat Lysia nostra suos.
Ingenio *Leonarda* nimis supereminet omnes
Eloquium solvens, eloquiumque ligans.
Inter Doctores Aquilae super astra volantis
Mente Augustini cum pia gesta refert,
Ingenii dat signa sui fublimis, in ipsum
Eximii cultus dat quoque signa sui.
Hoc corda inflamat, mentes suspendit at illo:
Sic pia, sic sapiens plauditur ipsa nimis.
Egregiis *Leonarda* igitur scriptoribus una
Dicatur palmae praeripuisse decus.

Ejusdem.

IN LAUDEM

Nobilissima, ad disertissimae Dominae D. Leonarda Gil da Gama admirabilem Vitam, & egregias virtutes glorioso Sancti Augustini elegantissime scribentis.

Epigramma

Ut volucrum Regina, Jovis praeclara satelles
Extensis pennis fertur ad astra volans;
Sic calamo, *Leonarda*, tuo super aethera ferris
Aurelii scribens maxima facta sacri.

Camebat D. Joanna Theresa de Noronha, e Napoles.

Soneto

En loor de la Autora.

En elevado vuelo, altiva ufana,
Va girando la esfera cristalina,
De las Aves la Reyna Peregrina,
Que hizo el favor de Júpiter más vana,

De otra Deidade no menos soberana,
El esplendor amante le examina,
Volante Clície, que a su luz más fina,
Se obstenta majestosa, y más lozana.

A más radiante Sol, digo Augustino,
Como la Iglesia dulcemente entona,³³⁸
Tu pluma bolar miras de amor llena.

Nadie pues dirá que tabla desatino,
El Sabio Ciego, quando ter pregona,
Águila Regia solo Magdalena.

Soneto

Ao mesmo assunto

Glória da Lusitana, Águia elevada
Nesta Obra, como em todas ser mostraste,
Pérola, de que sendo o Claustro engaste
Mais que quantas engasta, és estimada:

Fénix, que de outra Fénix ilustrada
Tanto subiste, tanto te elevaste,
Que a tua pena no que aqui expressaste
Ser mostra pela sua remontada.

Teçam de Apolo as Ninfas peregrinas
Da casta verde rama mil Coroas,
Que delas tuas prendas só são dignas;

E se no Pindo em teu aplauso Loas
Cantam as nove Cítaras Divinas,
As de Agostinho tu melhor entoas.

Da mesma A.

À Excelentíssima Senhora D. Leonarda Gil da Gama escrevendo a Vida do Grande Patriarca S. Agostinho com os títulos de Águia, Fénix, e Pelicano, e pelos consoantes do antecedente.

Soneto

Nesta empresa três vezes elevada,
Que eras Geriona inélita mostraste,
Leonarda augusta, precioso engaste
Da Joia de Agostinho estimada:

³³⁸ Nota lateral: "Tu Sol solamicansior."

Dele, e de ti três vezes ilustrada
A Fénix, Pelicano, Águia o elevaste,
Triunvolato feliz, em que expressaste
Incêndio, peito, e pena remontada.

Mas essas descrições tão peregrinas,
Que nas Aves reais te dão as Coroas,
De prelos imortais se fazem dignas;

Nenhuma de merece eternas Loas,
Pois são todas sutis, todas Divinas
Neste Ternário as Máximas, que entoas.

*De Antónia do Céu, recolhida no Convento do Salvador de Lisboa, e a mais afetuosa criada da
Excelentíssima Autora deste Livro.*

Aludiendo al título de la Obra: Águila Real, Fénix abrasado, Pelicano amante.

Soneto

Por más docta Region de auras suaves
De tu pluma si encumbran ya los vuelos,
Que mediendo remotos paralelos
Con tres vuelos, superas las tres aves:

Abres el pecho con doradas llaves,
Pelicano de más sabios disvelos;
Águila aun tiempo, y Fénix, que a los Cielos
Formas tus giros con incendios graves.

Si nel ingenio las esferas sumas
Mediando docta, las estrellas pisas,
Sin que sientas estrago en las espumas;

Animarán tus Glorias las cenizas,
Que cuanto más al Sol vuelan tus plumas,
Más tu fama em sus rayos eternizas.

De uma Religiosa de Odivelas.

Ao mesmo assunto

Soneto

Com razão singular, forma eloquente
Neste Livro se vê bem decifrado
Agostinho como Águia no elevado,
Pelicano no amor, Fénix no ardente:

Mas se a imaginação sendo veemente
Transforma em si o objeto imaginado,
Quilates de Agostinho sublimado
Na Autora deste Livro encontra a gente.

Como Águia, Pelicano, e Fénix gira
Seu engenho, e em conceitos que derrama
Seu Amor se eleva, Fogo se admira.

Este volume é quem melhor a aclama,
Pois lhe serve de trono, alento, e pira
Em que reina, em que vive, em que se inflama.

De D. Filipa Xavier de Melo, Religiosa no Convento do Salvador de Lisboa.

Em Louvor da Senhora D. Magdalena da Glória, digníssima Religiosa da Esperança, escrevendo com admirável elegância a Vida do grande Doutor da Igreja, Santo Agostinho

Soneto

Filha de um Serafim, de uma Águia a Vida
Com pena descreveis doura, e elevada:
Serafim sois no ardor sempre abrasada,
Nos voos Águia sois sempre entendida.

De Jove a Águia não jacte presumida
Os raios, com que brilha sempre armada,
Que de mais sábias luzes adornada,
Águia sois de Agostinho mais luzida.

Ele é sábio, ele amante, e a Providência
Quando escrever-lhe a Vida vos ordena,
Sábua em Vós recopila amor, e ciência.

Dele em Vós quis o Céu ter cópia amena,
E dispôs que vos desse à competência
Um Serafim o amor, uma Águia a pena.

De D. T. B. de M.

En loor de la Madre Soror Leonarda Gil de la Gama en la composición de la Vida de S. Augustino aludiendo à quel dijo de Salomón en que declara el camino del Águila

Soneto

Cuando, o Docta Heroína, me suspendo
De tu pluma en los vuelos remontados,
Entre asombros admiro duplicados,
Una Águila volando, otra³³⁹ escribiendo.

Cuando al sabio mayor estoy leyendo³⁴⁰
Que en el Cielo por el fon ignorados,
Los caminos³⁴¹ del Águila elevados,
Que es de Águila tu pluma está diciendo:

Y si el gran Salomón hoy renasciera
Por sus labios llegara a expresarlo,
Viendo que hoy su ignorancia sin tuviera,

³³⁹ No original, *outra*.

³⁴⁰ No original, *liendo*.

³⁴¹ No original, *camiños*.

Ni juzgaría ultraje el confesarlo,
Pues pluma que de una Águila no fuera;
Mal pudiera al más sabio hoy enseñarlo.

De Soror Joana Inácia de Cristo, Religiosa do Convento da Rosa.

Ao mesmo assunto

Soneto

O Autor sumo, que nos Céus preside
Globo imenso formou resplandecente,
E vós abreviando o globo ingente
Tudo quanto nele há, neste reside.

Se de entre ambos qual fosse se duvide
No Resumo, ou na Obra mais potente,
Porque o voto se livre de indecente
Muito mais que a razão, a Fé duvide.

É produzir o globo dilatado,
Ou a breve volume reduzido
Efeito de poder agigantado:

Por isso sendo Obra o produzido
Do braço Criador, e não criado
Só vos ficou a Vós o resumido.

De uma Religiosa de Santos.

Ao mesmo assunto

Soneto

Quando de Agostinho a Sacra Dignidade,
Vociferas em épico elogio,
Suspenso o Aristarco, e Zoilo ímpio,
Assombro te respeitam desta idade.

Alentas Águia Real a Majestade
Da tua locução com tanto brio,
Que deixas só ações ao alvedrio,
Para te dar obséquios de Deidade.

Transcendendo os limites³⁴² de eloquente
De Fénix, e Amor teu ardor inflama,
Que és um novo exemplar de preeminente,

E se esse estilo teu, é quem te aclama,
Só tu podes louvar-te de excelente,
Dando vozes a Vós, da ínclita fama.

De uma Religiosa de Santa Clara de Lisboa

³⁴² No original, *lemites*.

Ao mesmo assunto

Soneto

Pinta o artífice com Divina ideia,
Tudo quanto compreende a fantasia³⁴³,
Sendo do próprio gosto idolatria,
Essa falsa atenção, que mudo o enleia;

Mas como a semelhança não receia,
Errar não pode a Sacra simetria³⁴⁴,
Pois Só debuxa em rasgos da energia,
Para os olhos o pasmo, que copeia:

Porém Vós, que escreveis neste exercício.
A Vida de Agostinho, assombro ignoto,
Deixais da fantasia³⁴⁵ o benefício,

Mas que levais em cada letra noto,
Para o Santo, por Vós, um sacrifício,
Para Vós, pelo Santo, um fino voto.

De D. Caetana Ofruzina Tiosia de Unhos.

Décimas

Ao mesmo assunto

Quem com tão suave assento
Nos diz de Agostinho a glória,
Narrando na Sacra História,
Da discrição o portento:
Que é um Sol no Entendimento
Se vê, pois pasmo se aclama,
Quem nele eterniza a fama
Com a sua Erudição;
Logo é luz da perfeição,
Leonarda Gil da Gama.

Da mesma.

À Excelentíssima Autora ocultando o seu nome

Quando outro nome fingis,
Mais vos dais a conhecer,
Sendo humilde no descer,
Porque assim melhor subis.
Vossos discursos sutis,
Na que escreveis Santa História,
Fazem empregos na memória,
E aqui meu juízo alcança,

³⁴³ No original, *fantesia*.

³⁴⁴ No original, *semetria*.

³⁴⁵ No original, *fantesia*.

Que dais nem à Esperança,
Dando-lhe na posse a Glória.

De uma Religiosa de Santa Mónica de Lisboa.

Em obséquio da discretíssima Autora deste Livro, em que expõe com erudição a vida do Grande Patriarca Santo Agostinho

Décimas

I

Este Livro, este portento,
Senhora, em justo louvor,
Bem nos mostra o superior
Desse vosso entendimento:
Desse Livro o douto assento
Vos dá mais veneração,
Duas vezes com razão
É raro neste projeto;
A primeira pelo objeto,
Outra pela descrição.

II

No mesmo Livro perfeito
Eu admiro sem detença,
Cada regra uma sentença,
Em cada letra um conceito:
Oh quanto eterno respeito
Vos recobra na memória;
Assim, para a vossa glória
Que importa, o nome oculteis;
Se nos mesmo que escreveis,
Vemos, que o descobre a História!

III

Pia, afetuosa, e entendida,
Abris um novo caminho
À devoção de Agostinho,
Quando lhe expendeis a vida:
Parece, que engrandecida
Lhe mostrais esta na História;
Podeis ter disso vanglória,
Pois com tão discreta pena,
Só vós feliz Magdalena
Lhe aumentais cultos na Glória.

IV

Quando esta vida escreveis
Com tão grande erudição
Nos mostrais com perfeição
O estudo que fazeis:
E sublimada ficareis
Desta vez com grande glória,
De que alcanceis vitória,

E Agostinho milagroso
Se mostrará prodigioso
Mais nos realces da História.

Ana Cecília da Conceição e Silva

Décimas

À Senhora Leonarda Gil da Gama, escrevendo elegantemente a Vida de Santo Agostinho

Escreveis com tal ciência
Esta de Agostinho a vida,
Que a Fama suspendida
Está com tal eloquência:
Levais grande preeminência
Quando escreveis esta História,
Pois eterna na memória
Há de viver vossa pena,
Porque se ocultais Magdalena,
Lá descobrimos a Glória.

De Josefa Teresa Umbelina Pupila em o Convento do Salvador.

Ao mesmo Assunto descobrindo o nome da Autora, e donde é Religiosa

Douta mostra ser a pena,
Que escreve esta sacra História,
Que descubro, que é da Glória,
Eufémia, e mais Magdalena:
O juízo não condena
Esta erudita lembrança,
Porém parece esquivança
O título, que o Livro encerra
O fazer natural da Serra,
A que só é da Esperança.

De Joana Crisóstoma.

In laudem

D. D. Leonarda Gil à Gama, seu potius D. D. Magdalena à Glória Monialis Caenobi, dicti vulgariter ab Spe.

Epigrammata I

Vitam Augustini plures scripsere Beati,
Qualiter in terris vixit, & astra colit.
Attamen illorum scriptis quamplura supersunt:
Gratia retat adhuc, Gloria restat adhuc.
Dicere non satis est, scriptis si gratia desit
Hac bene dicenti Gloria provenier.
Has, ut opinor, habent pauci, vel nullus eorum,
Qui facta Aurelii concinuere Patris.
Sive soluta foret methodus, foret atque ligata:
Non bene quis solvit, nec bene quisque ligat.

Gratia rara suis scriptis, vel Gloria claret:
Multa profunda tenet, plura profunda tegit.
Magdala surrexit, si non Leonarda, diserta,
Aurelli haec celebrans nomen, utramque tenet.
Gratia magna illi est, ejus scribendo profunda:
Gloria non minor est, quando profunda refert.

Epigramma II

Spes operis magna hujus erat, qua vita legenda
Aurelii methodo grandiloquente foret.
Spes erat in morula; sed nunc ea, segnior ante,
Apparet, fuerant quae prius, osa moras.
Impletur spes nostra satis, spei vota replentur,
Ab Spe prodit enim, spes quod avebar, opus.
Quod spes promittit, superat spem, praeterit ill. m.
Spes spe fit maior; nam speciosa patet.
Spes scripsit speciosa Patris praeconia magni,
Magdala nam scripsit, quae speciosa sapit.
Est methodo speciosa sua, speciosa loquellis:
Quid speciosa daret? Quid? Speciosa daret.

Epigramma III

Innumeras olim Heroas celebravit Homerus,
Digni ob facta omnis, ut canerentur, erant.
Aetas haec centum si nostra tulisset Homeros;
Te canere haud possent, Magdala, maior eras.
Si centum Iliadas caneret divinus Homerus,
Illius Iliades, laus quasi nulla, forent:
Dixiffent nonnulla, tamen maiora tacerent:
Laus ibi magni tacet, laus ubi maior adest.

Epigramma IV

Nomina scriptorum taceant celebrata tot annis;
Laurea nam dabitur, Magdala, prima tibi,
In te praecunctis dicenti est gratia magna;
Hinc, nisi fallor, erit Gloria magna tibi:

CARMEN SAPHICUM

Laudet hunc librum mea Magdalenae
Musa, vel Vates, vel Apollo laudent;
Quo Patris magni methodo diserta,
Facta renaurat.
Mira res: plures specie virili
Haec prius quondam retulisse constat:
Nunc tamen fexus muliebris una.
Praeterit Illas.
Si negas, Librum lege, lector, istum,
Quo Patris magni pia gesta narrat:
Credo, quod dices, opus hoc peregit,
Mascula virtus.
Non viri solum referare norunt:
Non eis solum datur haec facultas:
Faeminae plures dederant libellos.

Arte peractos.
Inter Ihas autem modo Magdalena
Promicat: primam meret haec coronam:
Huic, praeit cunctas ea sola, digna
Laurea detur.
Hujus aspectu tacet ipsa Clio,
Quae refert aevi benefacta prisci:
Saeculo in nostro melior refulget
Altera Clio.
Ergo si Clio hoc anagramma claudit,
Quod *Coli* dicit, merito colenda est
Magdala, idcirco celebremus ipsam.
Perpete cultu.

Epigramma V

Magdala, praesentis jubar indelebile saeculi,
Concinui laudes, ut potui, ipse tuos.
Sim licet extremus, tua qui praeconia dixi,
Attamen extremus non ero, primus ero:
Despectus fueram, veluti lapis ille vetustus,
Angulus agnovit quem caput esse suum.
Sic prior inter eos, qui te cecinere, putabor;
Nam solet extremus saepius esse prior,
Non sum quaesitus, quaesitis forsam amisis:
Displicet, ut tacitus gratitat anfer, olor.
Quamvis displiceam, cecini te versibus ultro,
Magdala, nam laudes ob tua facta meres:
Te modulator modulis, te laudo laudibus ullis:
Haec si sufficiant dicere, posco, vale.

In laudem D. Magdalena da Gloria, &

Epigramma VI

Pieridum numerum vates faecundus adauxit
Antipater, tantum noluit effe novem.
Addidir his decimam: Sappho numeratur ab illo:
Claruit ingenii, dexteritate sui.
Ipsa sui fuerat splendor mirabilis aevi:
Claruit in prosa, claruit ipsa modis.
His citus Antipater, Musis adjecit eandem,
Ut decima inter eas dinumeranda foret.
Si tamen Antipater nostro fulsisset in aevo,
Mutasset sensum forsitan ipse suum.
Si bene te nosfet, quam, *Magdala*, doctior esses,
Undecimo Sappho poneret ille loco.
Nam prior, aut decimus locus est tibi debitus uni:
Ipsa aequas Musas, est quoque Sappho minor,
Plus illa in prosa fulges, & in arte poesis;
Quae res ex libris est manifesta tuis.
Et nunc ex libro, Aurelii quo gesta Beati
Egregia methodo scribere conspiceris:
Si que novem solito numerantur in ordine Musae,
Debetur decimus sic tibi jure locus.

Nec locus immeritae decimus tibi redditus effet,
Si prior es Musis, non minor inter eas.
Quidquid Virgilio, quidquid restabat Homero,
Ingenio potis es reddere sola tuo.

Epigramma VII

Aurelii Patris describis, Magdala, Vitam,
Quae scripta egregia dexteritate patet.
Dicam equidem, Caelum veltu penetrasse videris,
Aut Augustinus claruit ipse tibi.
Non poteris illum calamo describere tanto,
Ni per te visus clarius ipse foret.
Ellum describis, perte quasi visus ut efet;
Hoc dignata modo tam bene scribis opus.

Epigramma VIII

Unam te colimus cuncti, mirantur & omnes,
Magdala; fis sexus gloria faeminei.
Quidquid enim decoris Latium fert, quidquid Athenae,
Omnia sola tenes, ut tua fasta notant.
Eloquio, & modulis rutilas in utroque diserta,
Sic te nil terris doctius astra vident.
Non est antiquis aetas haec invida faeclis:
Immo per te illis aemula sola manet.

In ejus laudem

Ovum Dactylicum

Ó vos
Novem
Pierides,
Magdalenae
Cingite frontem
Floribus omnibus
Laurigerisque coronis:
Nam praelo dedit illa Libellum
Eloquiis plenum doctioribus:
Aurelii Patris unde canit
Vitam, quam terris habuit.
Illi donavit sua plectra Phaebus
Ejusdem ingenio captus:
Sic opus eximium fecit:
Fiet mirabile cunctis:
Sic vos, Pierides,
Cingite frontem:
Magdala cingi
Dignior extat:
Cingite
Frontem.

Epigramma

In Laudem Antonii à Sylva, qui suis sumptibus Librum Vita S. P. Augustini à laudata D. Sorore Magdalena à Gloria compositum Praelo dedit

Librorum Auctori si laus est debita cuivis;
Hanc librum edentem quis decuisse neget:
Auctor opus fecit; blattas tamen inter edaces
Esse potest illud, lumina quin videat.
Sic opus existens censebitur esse sepultum:
Lumine privatum creditur esse suo.
Per praelum consurgit opus, sit in orbe superstes:
Incipit & vita tunc meliore fruit.
Vita Augutini, quam Magdala docta peregit,
Usque adeo blattas incoluisse patet.
A Sylva egrediens sed nunc *Antonius*, illam
Subjecit praelo sumptibus ipse suis.
Vita prior tumultata manens, nunc denuo Vitam
Suscipit, utque latens mortua, viva manet.
Hoc opus, auctrici si multum debet, opinor
Antoni, quod plus hoc tibi debet opus?
Illud restibuis vitae, non passus in umbris
Esse suis, ideo laus tibi danda licet.

Camebat Fr. Josephus ab Assumptione Augustinianus

Soneto

Ao mesmo assunto

Em olorosas cinzas sepultada
Felix não sei se a Arábia nos dizia,
Que em seu deserto uma Ave renascia,
Para uma vida quasi eternizada:

Qualquer Varão por fábula sonhada
Esta História da Fénix crer devia,
Por saber que no mundo não havia
Quem já mais visse esta Ave decantada:

Mas quem nota *Leonarda*! A vossa empresa,
E nela de Agostinho admira a Glória,
Já por mentira a Fénix não despreza:

Antes por vós de duas faz memória,
Pois de Agostinho é uma a subtileza
E outra do vosso sexo a sua História.

Soneto

Ao mesmo assunto

Sendo a Águia entre as aves tão famosa,
Que busca o Sol com voo diligente

Para beber-lhe a luz resplandecente,
De quem se inculca mais que sequiosa:

Pondo *Leonarda* a pena especiosa
Na vida de Agostinho, Sol vivente,
Quem no mundo haverá tão imprudente,
Que lhe negue o ser Águia prodigiosa?

Mas se a Águia a explorar somente chega
Essa luz material, e se galharda,
Em Agostinho, *Leonarda* a vista emprega:

De uma, e outra dizer não me acovarda
Que com *Leonarda* a Águia é ave cega,
E que entre as Águias Fénix é *Leonarda*.

À mesma Senhora

Décimas

I

Agostinho soberano!
Aqui *Leonarda* me ordena
Vos note em a sua pena
Fénix, Águia, e Pelicano;
Este assunto mais que humano
Vos convém como nascido,
Pois Pelicano ferido,
A Setas do Amor sagrado;
Sois Fénix por abrasado,
Águia sois por entendido.

II

Mas bem que para Vós guarda
Leonarda tais predicados,
Presumo, que os mencionados
De si os tirou *Leonarda*;
Pois sendo Fénix galharda
Na virtude, e no saber,
Esta singular mulher,
Convosco a vemos portar,
Pelicano em vos amar,
E uma Águia em vos descrever.

III

Neste Livro abrindo o peito
Pelicano a sua ideia,
Por auge da melhor veia
Nos dá um, e outro conceito:
Neles em grau mais perfeito
Sobe seu emprego, e ninho,
Pois pelo estudo, e alinho
De Fénix, e Águia tão sábia,

Já Sintra é feliz Arábia,
E Sol a luz de Agostinho.

IV

Bem que por *Gama* se aclama
Não sei se a devemos crer;
Pois descobre em descrever
Mais que em navegar o *Gama*:
Pela Índia aplaude a fama
Este Herói em paz, e em guerra:
Mas na Autora se encerra;
Pois é ação mais luzida
Expor de Agostinho a vida,
Que mostrar da Índia a terra.

Do Lente Fr. António Leal Eremita Augustiniano.

Soneto

Pelos mesmos consoantes do de D. Joana Teresa de Noronha, e Nápoles que se refere ao primeiro Soneto desta Obra

Las alas bate, y se remonta ufana,
Hasta quasi la esfera Cristalina,
De Júpiter la Regia peregrina,
Águila con razón pomposa, y vana.

Al Sol majestosa, y soberana,
Rayo a Rayo de espacio le examina,
El Resplendor, e así se ostenta fina
Amante de su luz bella y lozana.

Al asombro del orbe, ese Agostino,
Su prelucido Sol la Iglesia entona,³⁴⁶
Que su luz examinas de amor llena.

Luego acierto será, no desatino,
Si el Ciego en su zanfona te pregona
Por Águila Real, o Magdalena!

Del Ciego de la Zanfona.

À Senhora Leonarda Gil da Gama escrevendo o Livro, Águia Real

Soneto

Esta voz no respeito emudecida,
Este culto no assombro declarado,
Se o vosso aplauso faz justificado,
Admiração vos deixa conhecida.

A tão alta Deidade a fé rendida,
Mudo holocausto é já sacrificado,

³⁴⁶ Nota lateral: “Tu Sole micantior.”

Para que no impossível de explicado,
Vossa grandeza livre de ofendida.
Qual Águia pela Esfera remontada,
No Sol bebendo as luzes raio a raio,
Vossa pena se admira transformada.
Vendo-se em vossos Livros sem desmaio,
Que em cada letra tendes retratada
Na ciência Olimpos, nos conceitos Maios.
Do Padre Zeferino do Deserto.

Em louvor da Autora

Soneto

Qual Sol, que a Esfera deixa iluminada,
Vossa pena a seus raios parecida,
Quanto em luzes oferece esclarecida,
De vossa mesma fama é envejada.
Nova Minerva sois tão celebrada,
Que até da Musa mais encarecida,
Vendo vossa grandeza desmedida,
Não podeis dignamente ser louvada.
Subis na discrição a tal grandeza,
Que da fama ganhando alta vitória
De seu clarim sois vós real empresa:
Dure em bronze imortal impressa a História,
Em que vós com discreta subtileza,
À Glória de Agostinho unis mais glória.
De Bento Severino de Sá.

À Senhora Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra, e Autora do Livro intitulado *Águia Real, Fénix, e Incêndio, Pelicano, e Amor, História Panegírica, e Vida admirável do grande Doutor da Igreja Santo Agostinho.*

Soneto

Da Corte à Serra com sagrado intento,
Se eleva o sol da Lusa Monarquia;
É de Águia ilustre em alta simpatia,
Buscar no monte o Délio luzimento.
A milagres de amor (raro portento)
Em Águia se transforma o Sol um dia:
Raios de uma Águia o Sol na Serra via!
Pois busque a Serra, deixe o firmamento.
Águia sois por amor, Sol por essência,
Descreveis de Agostinho a luz Divina,
(Sol Africano, Fénix na ciência.)

Ó sagrada, imortal, Régia Heroína!
Da Serra à Corte clame a Providência,
Que sois Águia do Sol mais peregrina.
De Fr. António Cogominho Agostiniano.

Soneto

Emenda já, ó Salamão, o que ensinaste,
E a todos os mortais persuadiste,
Que não é dificultoso o que sentiste,
Nem difícil tão-pouco o que narraste;

Tu *Leonarda* sim, que te criaste
No fragoso da Serra, onde subiste,
Não tens que emendar, pois que lá viste
O caminho desta Águia que exaltaste.

Nas Serras tem as Águias o seu ninho,
E se alguma quer ter no Céu entrada,
Não lhe é dificultoso este caminho,

Pois a todos facilita esta estrada
A minha Real Águia de Agostinho
Pela pena de outra Águia decifrada.

Do P. M. Apresentado Fr. António da Assunção, Eremita Agostiniano.

Em louvor da Autora, ponderando a circunstância de comparar a Santo Agostinho a uma Águia, um Fénix, e um Pelicano

Décimas

I

Três Aves são as figuras
Com que Agostinho pintaís,
E a vós mesma retrataís
Nessas três imagens puras:
Às mais sublimes alturas
Vos eleva o voo ufano,
Abrasada em soberano
Afeto; sois em compêndio,
No voo, no amor, no incêndio
Águia, Fénix, Pelicano.

II

Águia; pois vos remontais
No estilo, com que escreveis,
E até da pena fazeis
As asas com que voais.
Sol Agostinho entre os mais
Vive da luz, que produz:
Logo, quando se conduz
Vossa pena esclarecida
A expor deste Sol a vida

Qual Águia lhe bebe a luz.

III

Fénix sois, porque morrendo
Neste claustro para o mundo,
Ides no engenho facundo
Novamente renascendo:
Se bem, que a vítima ardendo
A representação não guarda
Pois, porque oculta mais arda,
Trocando aos olhos a Cena
Vos inflamais *Magdalena*,
E renasceis *Leonarda*.

IV

Pelicano vos publico,
E posto, que o Sacrifício
Tenha diverso exercício
Tem o mesmo fim, que explico:
Num a pena, noutro o bico
Em vós rasgo, nele ferida,
Esgotado, difundida
De um a mente, de outro o peito,
Com sangue, e com o conceito
Um escreve, outro dá vida.

Do Doutor António de Santa Marta Lobo Cónego Secular.

Em louvor da Senhora D. Magdalena da Glória escrevendo a *Vida do Glorioso Patriarca Santo Agostinho*

Soneto

De Agostinho estampando na memória
Pelo efeito do Prelo, santa Vida,
Sabeis obter, com fama repetida,
Nos obséquios da pena uma vitória.

Oh, quanto culto! Oh, quanta altiva glória,
Os créditos vos rendem de entendida!
Mostrando a pena tanto engrandecida,
Quanto vai de profana à sacra História?

Sem que o puro do afeto em vós se mude,
Escreveis de Agostinho a Santidade,
Por que em segui-la a devoção estude.

Oh, raro impulso da felicidade!
Fazer nos exercícios da virtude,
Que até a imitação seja igualdade.

De António Correia Viana.

Em louvor da Autora

Soneto

Corte Apolo do Pindo a verde Rama,
De louros coroando a vossa História,
Para que se eternize na memória,
O que de vós não cabe já na fama.

Por Deusa das ciências vos aclama,
Este Livro que é estampa a tanta glória,
E sendo cada letra uma vitória,
Mais triunfos mereceis, ó ilustre Gama.

Mas se a glória negais ao nome invicto,
De tão Régio esplendor luzido esmalte,
Em tão discreta pena o vejo escrito.

Qual Fénix vosso engenho aqui se exalte,
Por que a glória de ser tão erudito,
De ser única a glória vos não falte.

De Félix Luís de Aragão.

Ao mesmo assunto

Soneto

Este da erudição monstro profundo,
A excelsos voos que essa pena dera,
Chegando a transcender do engenho a esfera,
Subiu a *non plus ultra* do facundo.

Ó Céu das almas respirar segundo,
Tanto aos dogmas da Fé não ofendera,
Essa alma com que Palas já vivera,
Transmigrar para vós, dissera o mundo.

Já nas asas constrói o plaustro a fama,
Donde o livro tão douto sem vanglória,
Quer ao Empório elevar, que Délio infama.

Com razão digna sempre de memória
Ao hemisfério o conduz, pois tudo aclama;
Que este livro é do Céu, porque é da *Glória*.

Do Padre Fr. Manuel do Monte do Carmo

Em louvor da Senhora Leonarda Gil da Gama

Soneto

Esta lida imortal, que um peito obriga,
Tal como o teu, ó Glória soberana,
De compreensão vulgar, de ideia humana
Entre assombros da fama se desdiga.

Exemplo de si mesma o exemplo siga,
Que outro exemplar já agora te profana,
Pois sendo glória de si, porfia³⁴⁷ ufana,
Adorações de fé douda consiga.

Esse Fénix será de altas memórias,
Objeto firme que atenções apura,
Queimando cedros, e animando palmas,
Gemendo Prelos, fatigando Histórias,
Tu a vida lhe dás nessa escritura,
Ele na pena te largou mil almas.

Do Padre Fr. Francisco Xavier dos Sanfins Pitarra.

Soneto

Este volume quanto voou sagrado
Do mundo a esfera, a glórias produzido,
De douto pulso empenho esclarecido,
De alto engenho imortal belo traslado,

O Pasma admira todo transmigrado,
Do Augusto Aurélio o espírito subido,
Animado na glória de excedido,
Quanto o respeito inspira no emulado.

Em cada letra que este Livro anima,
Uma imagem levanta na memória,
Quem novos cultos para o culto estima.

Tão belo culto já, tão douda História,
Em pedaços de Céu toda se imprima,
Para que Agostinho aumente a Glória.

Do mesmo Autor.

**Em louvor da Senhora Leonarda Gil da Gama, escrevendo a Vida de S. Agostinho com o título, de
Águia Real, Fénix, e Incêndio, Pelicano, e Amor**

Soneto

A ciência, que em vós é celebrada,
Nesta empresa a fazeis esclarecida:
Pois do grande Agostinho a heroica Vida,
É por vós nas três Aves ilustrada:

A vossa devoção tão decantada,
Fica hoje no mundo conhecida;
E se estimada sois por entendida,
Ficareis por devota venerada:

³⁴⁷ No original, *profia*.

Se por Águia Real o descreveste,
Por Fénix incendiada o decifraste³⁴⁸,
E Pelicano amante o engrandeceste;

Vós qual Águia também vos remontaste,
Qual a única Fénix vos fizeste,
E ao Pelicano amante assemelhaste³⁴⁹.

De Lourenço de Anveres Pacheco.

Soneto

Ao mesmo assunto

Águia, e Fénix estão com propriedade
Desta História também na ilustre empresa,
Águia manifestando a subtileza,
E Fénix conseguindo a eternidade:

Para da ardente cruel voracidade
Da emulação sair tua Fama ilesa,
A Águia ao Sol se opõe por natureza,
E o fogo ao Fénix dá posteridade:

Bebes da tua perspicácia a efeitos,
A perene do Sol clara abundância,
Que vertes de outro nos gloriosos feitos:

Ficando com sublime relevância
Tão aguda, como Águia nos conceitos,
Tão rara, como Fénix na elegância.

De Félix da Silva Freire, Santaranense.

À elegantíssima Autora de tão excelentes Livros, que todos deu ao Prelo com suposto nome

Soneto

Quando o nome ocultais, quando a vaidade
Dos aplausos fugis sempre entendida,
Como Oráculo então sois atendida,
E venerada sois como Deidade:

Glória tereis maior em toda a idade,
Sendo só por Minerva conhecida;
Pois quem vos ouve a pasmos não duvida,
Que ela a fábula foi, vós a verdade:

Dessa aura popular a ardente fome,
Desprezai, que logrando mais vitórias,
A vossa fama o tempo não consome:

³⁴⁸ No original, *descifraste*.

³⁴⁹ No original, *assemelhaste*.

Pois sem que seja escândalo às memórias,
Vos dá nome imortal não querer nome,
Glória vos dá maior desprezar Glórias.

Em louvor da Religiosíssima Senhora, que depois de compor elegantíssimos Livros com inimitável eloquência escreveu a vida do grande Doutor S. Agostinho

Décimas

Tanto a vossa pena alcança
Da Águia os voos, que escreveis,
Que a Esperança enobreceis,
Desanimeis a Esperança:
Toda a pena em vão se cansa,
Que nos voos, que esta ordena
A precipício a condena;
Sendo com rara vitória,
Só dessa esperança a Glória,
Dá mais esperança a pena.

À Águia Africana roubaste
A pena com que escrevestes;
Pois no que dela dissestes,
Na elevação a imitastes:
Tanto escrevendo a igualastes,
Que com rara competência,
Equivocando a eloquência,
Já com razão se duvida,
Se esta é de Agostinho a Vida,
Se é de Agostinho a ciência.

Nos mais livros, que escreveis,
Muita eloquência mostrais,
Porém neste tanta mais
Que a vós mesma vos venceis:
A vós só vos excedeis
Não se limita o infinito,
Mas vencendo todo o escrito,
Com vosso Divino estudo,
Venceis, já vencido tudo,
Tudo quanto tendes dito.

De António Sanches de Noronha.

Soneto

Em aplauso da Religiosa Senhora Leonarda Gil da Gama Autora [da] História, e vida admirável do grande Sol, e Doutor da Igreja S. Agostinho.

Aquele Sol da Igreja esclarecido,
Que Doutro, e luz é da Militante,
Parece, que luz mais lá na Triunfante,
Quando o faz vossa pena conhecido:

Tanto lume de Glória possuído,
Com que lá neste Empíreo é Sol brilhante,
Com esta Glória mais concomitante,
Representa-se ao mundo assaz crescido³⁵⁰:

Resplandece no Céu com tanta Glória;
Porque goza de um Deus, que por essência
Imensa a tem, e nunca transitória:

Mas deva agora a vossa inteligência
O luzir tanto cá; pois nesta História
Novo esplendor lhe dá, nova existência.

Do P. Doutor João Pereira Manójo.

Soneto

Ao mesmo assunto

Não soube Salamão, sabendo tanto,
Da Águia os voos seguir, no vago vento,
O Pelicano, e o Fénix são portento³⁵¹,
Que apenas cabe em a Região do espanto;

Mas se quereis, Leitor, ver tudo quanto
Destas três Aves finge o pensamento,
Abre este Livro respeitoso, e atento,
Tudo acharás, em Agostinho Santo.

Nota porém, e admira, quanto entende
A Autora do volume, cujo alinhó
Aos Plínios, Túlios, Cíceros transcende:

Confessa finalmente de caminho,
Que mais do que o Rei Sábio compreende,
Quem compreende os voos de Agostinho.

Do Doutor João Manuel da Costa.

Em aplauso da Muito Reverenda Senhora D. Magdalena da Glória pela Vida de Santo Agostinho que compôs, dedicada a Nossa Senhora da Graça, um dos títulos do Livro é Fénix, e Incêndio.

Soneto

Este voto, que pende à Mãe da Graça
Nos seus altares é dedicatória,
Ou dois coros de Graças é da História,
Ou coros mil de *Glórias* não enlaça.

Diga o Escudo de Soure, ela abraça,
Se em voto de tão célebre memória
Não realçou em seis Graças nele *Glória*
As seis Evas, que em costas seis abraça.

³⁵⁰ No original, *crescido*.

³⁵¹ No original, *protento*.

Não faria em tais aras sacrifício
Esta Vestal sem tanta preeminência;
Mas de donde me influo em tanto auspício:

Oh duplicou do fogo na eminência
Ó Fénix, e no mesmo ardente indício
Reproduziu as graças da eloquência.

De Félix José da Costa.

Ao mesmo assunto

Soneto

Assunto, e Proteção deve à memória
Ignorar quem mais alto objeto enlaça,
Se a felice oblação à Mãe da Graça,
Se do grande Agostinho a douda História.

Parece a descrição incluir *Glória*,
Com que todas as dúvidas desfaça,
Mas dos obséquios na lembrança passa
A exceder-se nos timbres a vitória.

A eleição da matéria, a primazia
Formará nos seus títulos segura,
Não sendo dedicados a Maria.

Porém que mais ditosa conjectura,
Se duplicando acertos a porfia³⁵²,
Deixa sem desenganos a ventura.

Do Doutor João de Lemos Barros.

Em louvor da Senhora D. Leonarda Gil da Gama, compondo a Vida de Santo Agostinho, antes de a imprimir, e ver o Autor deste

Soneto

Do planeta maior a confulgência
Antecipa³⁵³ ao visível a alegria,
Que dessa errante luz, que faz o dia
A notícia chega antes, que a evidência:

Da sábia luz a clara inteligência
Já antes de nascer resplandecia;
Que na evidência o que inda não cabia
O faz na admiração caber a ciência.

Que muito que o louvor por vários modos,
Quando à admiração hoje o conduzes,
Antecipe³⁵⁴ elogios nos apodos!

³⁵² No original, *profia*.

³⁵³ No original, *antecipa*.

³⁵⁴ No original, *anticipe*.

Se desses doutos raios que produzes
Viram prodígios esses Orbes todos
Antes que todo o mundo visse as luzes.

De M. I. M. da V. C.

Al mismo asunto

Soneto

De la niebla mortal, a sus candores
Dividió Augustino, componiendo,
Como el Divino Autor, a lo que entiendo,
Una luz de imortales resplendores;

Hoy compone su vida, quien favores,
De la Gloria infinita poseendo,
Se admira, no las sombras devidiendo,
Mas los Rayos que tuvo superiores.

En cuya aplicación, sacro destino,
De quien era el triunfo, y la vitoria,
Se propone problema peregrino.

Pero la conclusión se hace notoria,
Dició luz de niebla, es de Agostino.
Dar aumento a su luz, es de la *Gloria*.

Damiano Graces Teles.

Ao mesmo assunto

Soneto

Bem mostras, que tens viva subtileza,
Quando escreves esta erudita História,
Pois renovas do Herói para a memória
O que nunca ignorou a natureza.

Nesta Vida portentosa, e alta empresa,
Te dará Agostinho a eterna *Glória*,
Porque só tu soubestes com vitória
Ganhar créditos a ele de grandeza.

Esse Claustro de Maria o mais brilhante
Por de virtudes ter grande excelência,
Ao Serafim mostra ser bem semelhante:

Porém só em ti se encerra a preeminência
Que para compores a Vida elegante
Te administrou Agostinho a eloquência.

De José Pedro da Silva.

Ao mesmo assunto pelos mesmos consoantes

Soneto

Com elevado engenho, e subtileza
De Agostinho escreveis a sacra História,

Deixando para o mundo a memória
Deste Herói, que assombrou a natureza.

Lá da Serra de Sintra esta empresa
Saiu, conseguindo para à Glória
Novos cultos, e exposta esta vitória
Vós aclamam da ciência alta grandeza.

De África o Astro mais brilhante
A pena vos aparou por excelência,
Para parecer à dele semelhante³⁵⁵.

Mas vós teceste a alta preeminência,
Para que a voz do método elegante,
Víssemos que é da Glória a eloquência.

De Manuel Ferreira Leonardo.

À Senhora Leonarda Gil da Gama escrevendo elegantemente a Vida de S. Agostinho.

Soneto

Quem duvida, que hoje a ilustre Gama
É em o nosso Século celebrada,
Pois vive pelo Orbe decantada,
E viverá porque ele ainda a aclama:

Hoje muito mais ele se inflama
De eternizar esta vida elevada
De Agostinho, porque a pena ilustrada
Faz durável do Herói a altiva Fama.

E é tal a locução, e Majestade
Com que narra a discreta, e alta História,
Que assombro a respeitam desta idade,

E até para ter menos vitória:
Encobre o nome, mas diz-nos a verdade
Que o sobrenome encerra a maior *Glória*.

Do mesmo Autor.

A Leonarda Gil da Gama, ilustre Panegírica exemplar da Vida do grande S. Agostinho.

Romance heroico

Águia esclarecida, que bebendo
Os raios de outra Águia em tudo excelsa,
Mostras no Panegírico sublime
Ser Águia, o que foi Sol sempre da Igreja:

Pelicano, Águia, Amor, Fénix, e Incêndio
Tua pena Agostinho considera,
Como aquele, que tem avinculadas
Propriedades de tantas naturezas:

³⁵⁵ No original, *semilhante*.

É sim Águia Agostinho entre os Doutores,
O que com perspicácia tão suprema
Escreveu os recônditos mistérios
Da causa, que entre todas é a primeira;

Este nome lhe dá, e a propriedade
O mesmo Doutor Santo a desempenha,
Coroadado Escrito, vencendo a todos,
Que escreveram do móvel das Esferas:

Discretamente Fénix o apelidas,
E a semelhança bem o patenteia,
Ou como singular, ou renascido
Das amorosas chamas, que acendera:

Como tal, Escritora esclarecida,
De uma ardente, e celeste lavareda
O anima para crédito das chamas
O mesmo incêndio, que no peito o altera:

Com seus filhos da Graça esclarecidos
Faz esta Ave da Igreja, como aquela,
Que sendo Pelicano por ser brinco,
No próprio peito os filhos alimenta:

De qualquer sorte, que se considere
O amor deste Herói, bastante seja
Para os filhos o muito, que os ilustra,
E para Deus o muito, que o respeita:

Predicados são estes, que acreditam
O singular assunto, a que te elevas,
E se inda alguém cabalmente o não conhece,
Este livro revolva, esta obra leia.

Veja, discorra, leia, atenda, e note
Com devida atenção, e verá nela
Um Herói da virtude, inda que ilustre;
Ilustrado nos rasgos desta pena;

Verá por certo, e não sem grande assombro
Por objeto feliz de tanta empresa,
O Gigante maior da Santidade,
Se coluna da Fé, padrão da Igreja;

Verá entre os discursos levantados
De obra tão estimável, e estupenda
Elogios de um Santo, que o Céu goza,
Louvres de um Doutor, que teve a terra;

Verá, porém de sorte, que não possa
Admirar-se já mais, de que lhe cedam
Os Albertos, Ambrósios, e Bernardos,
E quantos a Agostinho precederam;

Verá um Coração todo abrasado,
Assistido de sacras influências,

O espírito sublime, o peito forte,
A mente livre, e a liberdade presa;

Verá uma Escritora tão preclara,
Que confundindo os homens nas ideias,
Os honra nos escritos, que publica,
E na obra, que compõe, sábia os emenda,

Verá um panegírico excelente,
Uma composição tanto discreta,
Que duvide, qual fosse mais fortuna,
Se ter Cronista tal, ou tal matéria;

Enfim verá no excelso destes cultos,
Se a tanto a humana perspicácia³⁵⁶ chega,
Lhe cedem para abono a seus conceitos
As Violantes, Joanas, e Teresas.

*Do Licenciado*³⁵⁷ Manuel José Correia, e Alvarenga.

Ao mesmo assunto

Romance histórico

Nas frases doutas, escreveis discreta
De Agostinho encerrais prodígios tantos,
Pois sendo a sua vida assombros toda
O vosso engenho lhe duplica os pasmos.

Para formar portentos nesta História
Vós, e Agostinho concorreis, deixando
Ele o devoto nas ações suspenso,
Vós o discreto às vozes assombrado.

Toda a afluência copiosa das virtudes,
Que excesso foi em Agostinho Santo,
Iluminada a luzes dessa pena
Converteu em aumento, o que era aplauso.

Na forma que lhe dais devota, e sábia
Logra, senão maior, um novo lauro,
Copiando-se em lâminas discretas
Quanto arderam resplandores sacros.

Tanto se remontou a vossa pena,
Que equivocada nos empregos raros,
Ou brilha c'os reflexos deste assunto
Ou deste assunto luz c'os próprios raios.

E se do Pelicano, Águia, e Fénix
As razões aplicou vosso cuidado;
Vós formais no precioso dessa pena
A mesma Fénix, Águia, e Pelicano.

³⁵⁶ No original, *prespicácia*.

³⁵⁷ No original, *Licenciado*.

Levanta o colo, e estendendo as asas
Voa a Águia, e do sol regista os raios,
E quantos resplandores bebe em luzes
Nas plumas traz em visos trasladados:

Vós a quem esse afeto reverente
Levanta às atenções de melhor Astro,
Águia sereis, que em quanto o Sol contempla.
De luzes refulgente veste os rasgos.

Expira nos incêndios que fomenta
O Fénix entre aromas abrasados,
E nessas chamas, com que as cinzas ardem,
Imortaliza a vida pelo estrago:

Vós, sobre aromas não, mas entre afetos
Que inspiram elegante entusiasmo
Entregue a ardores desse incêndio puro
Vós imortalizais no discursado.

Brota golfos de amor, rios de sangue
O peito do extremoso³⁵⁸ Pelicano,
E na ânsia com que os filhos vê bebendo,
Esquece a chaga em que se está rasgando:

Esse golfo de chamas, peito ardente
A filhos de Agostinho reservado
Hoje abre a vossa pena entre elegâncias
Pelicano mais puro, amor mais sacro.

Tantas razões enfim dá semelhantes³⁵⁹,
Que até na aclamação destes aplausos,
A quem mais hoje o culto se conceda,
Duvida o obséquio, se consulta o pasmo.

Mas, por mais que os acertos de discreta
A ele vos vinculem, já reparo:
Recusais reverente consenti-lo,
Mas que glória maior, que duvidá-lo.

Escrevei, que escrevendo se confirmam
Do sexo mais mimoso os desagrvos
Contra ingratas, se rústicas durezas,
Que negam o subtil no delicado.

Sebastião Leite de Faria, e Sousa.

Em louvor da Autora

Romance heroico

A vossa discrição, sábia Heroína,
Depois que o mundo despertou do sono,

³⁵⁸ No original, *estremoso*.

³⁵⁹ No original, *semelhantes*.

Quer zelosa a fadiga do discurso,
À útil suspensão rendê-lo todo.

Se os vossos brados duplicando vozes,
Já nos tinham fielmente cuidadosos,
Como este parto à luz dais erudito,
Nos tereis fielmente agora absortos.

Sempre confusos, alienados sempre,
Do letargo uma vez, outra do assombro,
Já no sono do engano adormecidos,
E já suspensos nos conceitos doutos.

Porém com diferença estes efeitos,
Se contraíram por diversos modos,
Pois uns que tem na memória a ilustre causa,
No esquecimento a causa vil teve outro.

Intentai muito embora por modéstia
Essa Glória esconder do nome próprio,
Que a vossa locução por culta, e grave,
Todo o anagrama nos declara logo.

A tanta erudição famigerada,
A sombra do anagrama é alto abono,
Pois mostra a nuvem por mais régio o astro,
Não podendo encobri-lhe o luminoso.

As ações de Agostinho sempre egrégias,
Discreta as revestis³⁶⁰ de tanto adorno,
Que não sei se de vós, ou de Agostinho,
Subtil escreve a vossa pena encómios.

Se a beata visão, que o Santo logra,
Do bem eterno no elevado Trono,
Admitir lá pudesse algum excesso,
Sé este Livro lhe aumentara os gostos;

Só vós pudestes, sendo em tudo rara
Da pena extrair glórias para os logros,
Mas que muito se sois aquela Glória
A quem todas as penas rendem votos.

Parece que obrigado a primor tanto,
Agostinho vos quis obsequioso,
Prevendo a ideia do preclaro intento
Dar-vos a pena para os sábios voos.

Só do Sol examinam ardentes raios,
Da Águia ilustre os perspicazes³⁶¹ olhos
E quem duvida, que vós sois por douta,
Águia a mais elevada aos altos Polos.

Quem se não vós a benefícios da alma,
Faria o Prelo com discretos tomos

³⁶⁰ No original, *revistis*.

³⁶¹ No original, *prespicazes*.

Gemer, mostrando que ao incentivo,
Já rende a multidão de escritos vossos.

Quem se não vos quisera milagrosa,
Mostrar neste anagrama compendioso,
Que para as trevas desterrar do mundo,
Das sombras fosse a luz efeito heroico.

Quem finalmente se não vos pudera,
Completar da Esperança os alvoroços,
E deixar incompletos os desejos
Porque mais desta Glória esperam todos.

Mas suspenda-se a voz cale-se a pena,
Pois vendo que este Livro em cada ponto,
Vos forma de vós mesmo um elogio,
Ele só diga o que eu dizer não posso.

De Miguel de Miranda Henriques.

À Senhora Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra, Autora do Livro intitulado, Águia Real, Fénix abrasado, Pelicano amante, História Panegírica, e Vida admirável do Grande Doutor da Igreja, Santo Agostinho.

Elogio gratulatório

A Serra de Sintra,
Ilustríssima Serrana,
Antiguamente se chamou o Monte da Lua³⁶²
Mas depois que ali nascestes,
É o berço do Sol.
Seus elevados Rochedos
Dourados com a tua luz
Já desdenham o nome, que lhes dava
Menor Planeta.
Mas não sei se finges a Pátria:
Nasceria tão oculta descrição no inculto do monte?
Entre ásperos penhascos tão eloquente suavidade?
A admiração da Corte natural da Serra?
Se assim é, bem nos desenganaste,
*Que nas Serras se criam almas de Corte.*³⁶³
Não sei, que amores tem com os montes a sabedoria,
Depois que as Musas os escolheram
Ou para retiro, ou para teatro.
Porém seja, qual foi, a tua pátria,
Este Livro me parece uma pedra
Que desceu da eminência daquele monte
A triunfar da estátua da ignorância.³⁶⁴
Vemos o triunfo, que alcançou,
Não aparece a mão, que o escreveu.

³⁶² Nota lateral: "Arraiz Bispo de Portalegre, diálogo 4 c. 7."

³⁶³ Nota lateral: "A mesma Autora na primeira Parte dos seus Brados pág. 202."

³⁶⁴ Nota lateral: "Abscissus est lapis de monte fine manibus: & percussis statuam Daniel. c. 2."

Para haver dois³⁶⁵ triunfos,
 A sabedoria imprime o Livro,
 A modéstia suprime o nome;
 E qual triunfará melhor?
 Da mesma sabedoria sabe triunfar a modéstia.
 Foges para o monte
 À imitação de teu Divino Esposo³⁶⁶,
 Por fugir da coroa, que todos te querem dar,
 Como a Rainha da eloquência?
 Não te escondes por mais que te retires:
 Em nenhuma parte se divisa o Sol
 Primeiro, que nas Serras.
 No alto daquele monte,
 Em cujas raízes teve já templo o Sol, e a Lua³⁶⁷
 Levantas novo templo à tua memória;
 No qual toda a Lusitânia, e o Orbe todo
 Queimará incensos de rendidos cultos
 A dois³⁶⁸ Numes unidos no teu simulacro,
 De Cíntia pela profissão da castidade,
 De Apolo pela luz da sabedoria.
 Com maior empenho os Augustinianos;
 Pois não podias louvar a vida do Pai,
 Sem obrigar o coração dos Filhos,
 Aonde vive.
 A vida daquela Águia Real
 Descreveste com tal pena,
 Que parece tirada das suas asas.
 Mas se por ascendência
 Também és Águia Real,
 Nas tuas mesmas asas terás a pena, com que voaste,
 Como Águia Real contemplaste outra,
 Menos por eleição do assunto,
 Do que por simpatia da semelhança.
 Nem importa, que na república das Aves
 Te confessas em outro Livro humilde abelha³⁶⁹
 Para deixar de ser Águia;
 Porque nem sempre se deu mal
 A doçura do mel com o elevado dos voos:
 E justo é, que se conceda à boca de uma Águia
 O que já foi enigma na boca de um Leão.³⁷⁰
 Também louvas a Agostinho como Fénix,
 Fénix duas vezes renascido,
 Uma vez da sua cinza,
 Outra vez da tua pena;

³⁶⁵ No original, *dous*.

³⁶⁶ Nota lateral: "Cum cognovisset, quia venturi essent, ut... facerent eum Regem, fugititerum in montem Joan. cap. 6."

³⁶⁷ Nota lateral: "P. Vasconcellius in descriptione regni Lusitani, de montibus."

³⁶⁸ No original, *dous*.

³⁶⁹ Nota lateral: "A Autora na II Parte dos Brados, no Prólogo."

³⁷⁰ Nota lateral: "De forti egressa est dulcedo. Judicum cap. 14."

Uma, e outra vez imortal.
 Fizeste, que o Fénix não fosse único;
 Para renascer o Fénix da África
 Sais a luz como Fénix de Portugal;
 Aquele abrasado no incêndio de Deus,
 Tu no incêndio de Agostinho,
 Felices ambos!
 Não só descreves Agostinho como Águia, e Fénix,
 Mas também como Pelicano.
 Duvidam os Filósofos naturais da fineza do Pelicano
 Na ordem da natureza;
 Tu mostras, que é Agostinho verdadeiro Pelicano
 Na Ordem da Graça,
 Na qual Agostinho do peito, e do coração ferido
 Tirou a doutrina com que alimenta
 Seus filhos Eremitas³⁷¹
 Também tu, ó insigne Escritora,
 (Dê-me licença um Serafim)
 Deves ser numerada entre os seus Filhos:
 Para escreveres com tal acerto a sua Vida
 Chegaste a boca ao seu peito, as mãos ao Livro:
 Referiste com a pena
 O mesmo, que bebias do coração:
 Isto é ser no Coração Augustiniana.
 No nosso viverás³⁷², para sempre, famosa Heroína:
 Nesta Vida, que escreveste,
 A tua vida perpetuaste.

Disse. o Doutor Fr. António de S. José Eremita Augustiniano.

In obsequium A. summopere honorantis S. Augustinum, & scribentis ejus vitam.

En, & amans, & amatus, idem sunt; quisque duorum,
 Ad solis radios Lumina tuta locat.
 Sunt pennae similes, sunt & super astra volatus,
 Queis nulla est victrix, sed modo victa cadit,
 Scilicet, ut faciunt aliae vanescere plumas,
 Hoc faciunt Aquilae, unus, & alter amans.

Sistit P. Antonius Correa Salvado.

En aplauso de la Religiosísima Autora del Libro.

Soneto

Esa pluma, que en rasgo prodigioso
 Del Águila mayor dibuja el vuelo,
 A no ser pluma, que salió del Cielo,
 Empeño no intentara tan glorioso:

³⁷¹ Nota lateral: "Cassiudorus ad illud. Ps. 101. Similis factus sum Pelicano solitudinis, ait: Per hoc avium genus pulcherrime significantur Eremita."

³⁷² No original, *vivirás*.

Remontose Augustín por generoso
Siempre distancia imensa desde el suelo;
Tuvo al Divino ardor por su modelo,
Y otro cincel le fuera indecoroso:

Todo el humano ingenio al fin zozobra
Mirando a tanta luz, que en breve suma
El rasgo decogió, y Augustín cobra;

Dibujarlo ja más nadie presuma,
Que para describir su Vida sobra
Escritora Deidad, del Cielo pluma.

Anónimo Carmelita.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu Original. Lisboa em o Convento da Boa Hora de Religiosos Eremitas Agostinhos Descalços. 14 de outubro de 1744.

O Mestre Fr. José da Assunção

Visto estar conforme com o Original, pode correr. Lisboa, 16 de outubro de 1744.

Alancastre. Silva. Abreu. Amaral.

Visto estar conforme com o Original pode correr. Lisboa 16 de outubro de 1744.

Arcebispo de Lascedemónia.

[taxa]

Que possa correr, e taxam em quatrocentos reis. Lisboa 16 de outubro de 1744.

Vaz de Carvalho. Cardeal.

[índice]

Índex dos Capítulos, que contém esta História

Capítulo I	Nascimento, e Pátria do Santo Doutor	Página 1
Capítulo II	Manda Deus ao mundo Agostinho contra os erros de Pelágio	Página 5
Capítulo III	Aprende Agostinho a língua latina sem mais mestre, que a sua aplicação	Página 6
Capítulo IV	Volta Agostinho da escola de Cartago	Página 11
Capítulo V	Entra Agostinho em um pomar, e desfruta uma pereira	Página 14
Capítulo VI	Anuncia um Anjo a Santa Mónica a conversão de Santo Agostinho	Página 21
Capítulo VII	Parte Agostinho para Cartago, tem uma Conferência com Fausto, Bispo dos Maniqueus	Página 27
Capítulo VIII	Parte Agostinho para Roma, esconde a sua Mãe a jornada	Página 34
Capítulo IX	Tendo já chegado Agostinho a Milão, se avistou com Santo Ambrósio	Página 42

Capítulo X	Entra Agostinho na Classe dos Catecúmenos	Página 47
Capítulo XI	Apareceu Agostinho a um Discípulo seu, e em sonhos lhes explica um Texto, que não alcançava	Página 53
Capítulo XII	Do maravilhoso êxtasis a que foi arrebatada a alma de Agostinho	Página 57
Capítulo XIII	Com a História de Vitorino se apressa em Agostinho a Conversão	Página 63
Capítulo XIV	Entra Agostinho em uma Horta, segue a Alípio, e ambos recebem a luz da Fé	Página 71
Capítulo XV	Dá Agostinho graças pelo benefício da luz, que recebe, e se dispõe para o Bautismo	Página 80
Capítulo XVI	Exercita Agostinho ásperas mortificações antes de batizar-se	Página 90
Capítulo XVII	Bautiza-se Agostinho, e seus fieis companheiros	Página 97
Capítulo XVIII	Veste o Santo Hábito negro sobre a túnica negra, e o motivo que teve	Página 101
Capítulo XIX	Parte o Santo, e seus Companheiros de Milão para a Toscana	Página 109
Capítulo XX	Volta Agostinho a Roma, escreve contra os Maniqueus, e lhe aparece um milagroso Menino	Página 119
Capítulo XXI	Despedido Agostinho de Itália, desembarca em Caller, e obra um grande prodígio	Página 124
Capítulo XXII	Entra Agostinho a povoar o novo Mosteiro de Tagaste	Página 131
Capítulo XXIII	Como S. Agostinho repugnou a dignidade Sacerdotal, e se aumentou o número de seus Filhos	Página 138
Capítulo XXIV	Como o Bispo S. Valério deu um Horto para Santo Agostinho fundar Convento	Página 149
Capítulo XXV	Escreve S. Agostinho a S. Honório, e das diferenças que houve entre ambos	Página 162
Capítulo XXVI	Elege S. Valério por Bispo seu sucessor a Santo Agostinho, e aplaudem os moradores esta eleição	Página 170
Capítulo XXVII	Funda Santo Agostinho Mosteiros de Religiosos, e dá-lhe regra do seu instituto	Página 177
Capítulo XXVIII	Das eminentes perfeições com que Deus adornou a alma de S. Agostinho	Página 185
Capítulo XXIX	Como Santo Agostinho arriscou a sua vida em defesa da Fé, e se deve chamar Mártir, ainda que não experimentou o martírio	Página 196
Capítulo XXX	Da pureza em que S. Agostinho conservou sua alma depois de sua ditosa Conversão	Página 207
Capítulo XXXI	Da devoção que teve S. Agostinho à Trindade Santíssima	Página 222
Capítulo XXXII	Da excelente sabedoria de S. Agostinho	Página 232
Capítulo XXXIII	Aumenta-se a Ordem de Santo Agostinho com dilatadas Famílias	Página 244
Capítulo XXXIV	Termina-se em Agostinho a vida, e parte a gozar a eterna glória	Página 261
Capítulo XXXV	Prodigiosas aparições, que justificam a glória de Santo Agostinho	Página 268
Capítulo XXXVI	Resgasta Luitprando o Corpo de Santo Agostinho	Página 281
Capítulo XXXVII	Continuadas maravilhas, que Santo Agostinho obra, e como apareceu a quarenta peregrinos	Página 289
Capítulo XXXVIII	Voto da Vila de Luebes, e outros Milagres de Santo Agostinho	Página 305
Capítulo XXXIX	Dos milagres devidos à Correia de Santo Agostinho	Página 313
Capítulo XL	Descobre-se em a Igreja de S. Pedro, Céu de ouro, as relíquias de Santo Agostinho com maravilhoso prodígio	Página 329

[no fim, último parágrafo]

Aqui, meu poderoso protetor, se suspende a minha pena, porque em tão limitados elogios se não dê por ofendida a vossa grandeza. Não teve a minha empresa o desempenho que desejou dar-lhe a minha obrigação; mas como quem fala de vós, não pode dizer tudo o que sois, desculpada³⁷³ fica a insuficiência, assim como na vossa intercessão a minha esperança segura.

FIM

[no fim, informação de venda]

Vende-se em casa de António da Silva Mercador de Livros, ao Arco de Jesus junto a S. Nicolau, donde se acharão vários Livros de Moral, de História, de Direito, de Sermões, e de outras faculdades, e curiosidades.

[no fim, índice de obras]

Índex das Obras, que a Autora tem Impresso

Astro brilhante em novo mundo, Fragrante Flor do Paraíso, plantada no jardim da América, História Panegírica, e Vida prodigiosa de Santa Rosa de Santa Maria. Na Oficina de Pedro Ferreira em 1733, em 8.º.

Novena de Santa Rosa de Santa Maria, Epítome da sua Vida. Na Oficina da Música, e da Sagrada Religião de Malta em 1734, em 8.º.

Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento, em três histórias exemplares para melhor conhecer-se o pouco, que duram as vaidades do mundo, e o poder das Divinas inspirações. Na Oficina de Miguel Rodrigues em 1736, em 8.º.

Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento. II Parte. Na Oficina da Música, e da Sagrada Religião de Malta em 1739, em 4.º.

Orbe Celeste adornado de brilhantes estrelas, e dois³⁷⁴ Ramilhetes: um colhido pela consideração, outros pelo divertimento. Na Oficina de Pedro Ferreira em 1742, em 8.º.

Águia Real, Fénix abrasado, e Pelicano amante: História Panegírica, e Vida prodigiosa do ínclito Patriarca, que alcançou ouvir da boca [de] Deus o título de Grande S. Agostinho. Na Oficina Pinheirense³⁷⁵ da Música, e da Sagrada Religião de Malta em 1744 em 4.º.

Fica para imprimir o Livro intitulado: *Reino de Babilónia conquistado a forças do Empíreo*³⁷⁶, etc. E outras Obras que está compondo.

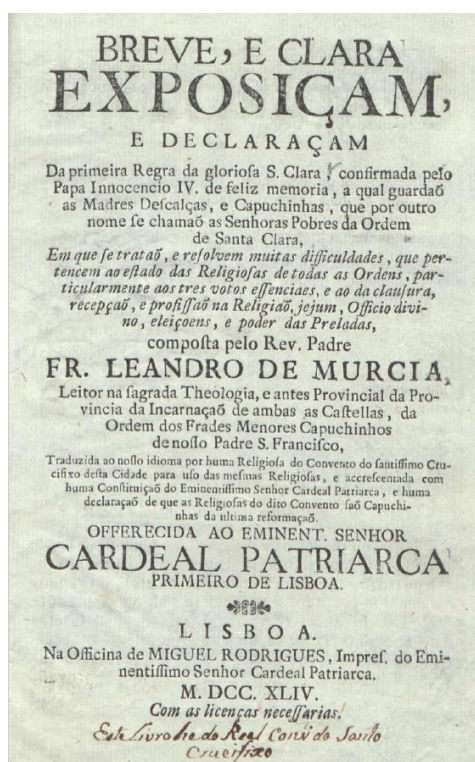
³⁷³ No original, *disculpada*.

³⁷⁴ No original, *dous*.

³⁷⁵ No original, *Pinheirensi*.

³⁷⁶ No original, *Império*.

Anexo 30 – Breve, e clara exposição e declaração da primeira Regra da gloriosa S. Clara (1744)



Exemplar online: <https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.do?control=BVPB20110050696>

[frontispício]

Breve, e clara exposição e declaração da primeira Regra da gloriosa S. Clara, confirmada pelo Papa Inocêncio IV de feliz memória, a qual guardam as Madres Descalças, e Capuchinhas, que por outro nome se chamam as Senhoras Pobres da Ordem de Santa Clara, em que se tratam, e resolvem muitas dificuldades, que pertencem ao estado das Religiosas de todas as Ordens, particularmente aos três votos essenciais, e ao da clausura, receção, e profissão da Religião, jejum, Officio divino, eleições, e poder das Preladas, composta pelo Rev. Padre Fr. Leandro de Múrcia, Leitor na sagrada Teologia, e antes Provincial da Província da Incarnação de ambas as Castelas, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos de nosso Padre S. Francisco, traduzida ao nosso idioma por uma Religiosa do Convento do Santíssimo Crucifixo desta Cidade para uso das mesmas Religiosas, e acrescentada com uma constituição do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, e uma declaração de que as Religiosas do dito Convento são Capuchinhas da última reformação.

Oferecida ao Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca Primeiro de Lisboa.

[arabesco]

Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca.

MDCCXLIV

Com as licenças necessárias.

[dedicatória]

Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Temerosa chego aos pés de V. Eminência a oferecer-lhe este pequeno trabalho da tradução deste livro, conhecendo, que à grandeza de V. Eminência se não devia oferecer coisa³⁷⁷ tão limitada, e se me não animara o fim, que tive nesta tradução, não fora possível, que a tal me arrojara. Foi o dito fim, que multiplicando-se este livro, por ser um somente o que havia neste Convento, ou neste Reino, fosse mais patente a cada uma das Religiosas a explicação dos preceitos da nossa santa Regra, para que sabendo-os com mais individuação, fosse mais fácil a perfeita observância dela; e como V. Eminência é tão amante zelador desta, que há muito que mandou se lesse o dito livro em um dia de cada semana no Refeitório, para que assim este só, que havia, chegasse a todas com as suas santas doutrinas, neste conhecimento me animo a oferecê-lo a V. Eminência, lembrando-me também de que aquele Senhor, que quando meu Seráfico Patriarca apresentou esta santa Regra ao santo Padre Inocêncio III para que lha confirmasse, mostrou ao mesmo Sumo Pontífice uma pequenina palma, que nascendo a seus pés, amparada deles se levantava tão crescida, que as suas palmas cobriam todo o mundo, fará agora, que este livro, em que se contém a mesma Regra, aos pés de V. Eminência oferecido, o mais que pequeno trabalho da sua tradução cresça em forma, que fique capaz de o oferecer à pessoa de V. Eminência.

Beija humildemente os pés de V. Eminência

uma mais indigna súbdita de V. Eminência

[constituição]

THOMAS CARDINALIS PATRIARCHA

Primus Lisbonen

À Madre Abadessa, e mais Religiosas do nosso Convento do Santíssimo Crucifixo saúde, e bênção. Fazemos saber, que por disposição, e virtude da Regra, que a Santa Clara deu o Seráfico Patriarca dos pobres S. Francisco na fundação do primeiro Convento intitulado S. Damião de Assis, logo aprovada pelo Venerável Bispo Ostiense, e Veletrense, depois confirmada pelo santo Padre Inocêncio IV. de nenhum modo podem as Religiosas desta primeira Ordem ter em comum, nem possuir em particular coisa³⁷⁸ alguma; porque assim como ao voto de castidade se satisfaz com a mais imaculada pureza, assim o voto da estreita pobreza plenamente se cumpre com o total desapego dos bens do mundo, e como estes dois³⁷⁹ votos sejam os inalteráveis polos, em que se firma a primeira Regra Seráfica, cuja observância per si é de difícil execução, a variedade dos tempos a tem reduzido a quasi impossível, e sem grande assistência do amor de Deus, e especial tolerância nas indigências, a que está exposto quem de seu não tem, nem pode possuir coisa³⁸⁰ alguma, só uma fiel confiança na divina providencia pode animar, e persuadir à profissão de tão celestial Instituto; o que considerado pelo Padres do Sagrado Concílio Tridentino e reconhecida a rigorosa austeridade do voto da estreita

³⁷⁷ No original, *cousa*.

³⁷⁸ No original, *cousa*.

³⁷⁹ No original, *dous*.

³⁸⁰ No original, *cousa*.

pobreza, a moderou dispensando, para que pudessem as Religiosas, que professavam semelhante Regra, ter, e possuir em comum algum subsídio para remédio das necessidades contingentes, e que as noviças pudessem dar dote, e os Conventos aceitá-lo, sendo também lícito às Preladas pactear, e fazer convenções na receção das Monacandas, cuja graça, e dispensa todos os Mosteiros aceitarão, exceto os das Religiosas Capuchinhas sujeitas ao Padre Geral desta Reforma; e como o nosso Convento do Santíssimo Crucifixo na sua fundação fosse dirigido por aquele Geral, e seus Comissários na aceitação, que fizeram para Religiosas do mesmo Convento, praticarão o total desapego dos bens do século, não pedindo, nem aceitando dotes, nem usando da dispensa da Regra geralmente facultada pelo Concílio, e procurarão para admitir ao santo hábito só aquelas, em que conheciam vocação, préstimo, e circunstâncias, que afiançavam segura esperança de que seriam no espiritual úteis ao Convento para o serviço, e exercício da vida religiosa, desprezando totalmente dote, e atenção a bem temporais, o que sempre se observou neste Mosteiro durante o governo dos Padres Barbadinhos, e por eles deixado entrou interinamente a governá-lo o Eminentíssimo Senhor Cardeal Bichi, sendo Núncio destes Reinos, em cujo tempo se alterou a prática, e se usou da graça, e dispensa do Concílio, e foram aceitas algumas Religiosas com dotes, sobre que se fizeram pactos, e convenções. Mas informados Nós com individuação do estado do Convento, assim no governo dos Padres, como na administração do dito Eminentíssimo, reconhecemos, que de nada aproveitarão ao mosteiro os tais dotes, porque nem então passarão melhor as Religiosas, nem deixou de contrair a Comunidade empenhos, que se pagaram quando não houveram dotes, nem aceitação de noviças. Portanto com circumspecta, e madura resolução mandamos, e ordenamos, que daqui em diante neste nosso mosteiro do santíssimo Crucifixo se guarde, e observe pontualmente, e à risca a primeira Regra Seráfica no voto da mais estreita pobreza, não usando da dispensa no Tridentino concedida, nem aceitando, ou pedindo dotes, nem pacteando com as pretendentes³⁸¹, ou com os seus legítimos Procuradores sobre bens temporais; mas que daqui em diante as noviças seja aceitas na forma, que ordena a santa Regra: poderão sim, tendo as pretendentes³⁸² bens, ou legítimas, que precisamente hão de deixar, e dar a pobres, como dispõe o santo Instituto em execução do sagrado Evangelho, insinuar por pessoas prudentes, e timoratas, que entre os pobres, por que se hão de distribuir seus bens, é muito conforme à razão se atenda especialmente à pobreza das Madres do santíssimo Crucifixo, assim porque a maior indigência conduz muito para o merecimento da esmola, como porque quem a dá, quando for Religiosa, a horrorosa cara da necessidade, a que por voto se sujeitou, há de ser o seu mais bem visto, e estimado objeto, porque assim riquissimamente se dota para ser digna esposa de Jesu Cristo, para quem a santa pobreza é a joia do maior valor, e da mais singular estimação. Pelo que exortamos no mesmo Senhor à Madre Abadessa, que preferentemente é, e às mais, que para o futuro lhe sucederem, e a todas as Religiosas se desvelem na observância deste tão rico, como precioso voto, em que todos verão não só as muitas, e grandes virtudes, em que se exercitam as que vivem neste Santuário, mas admirarão com geral edificação praticado voluntariamente um total desapego dos bens do mundo, tão difícil de observar, que já há muitos seculos o sagrado Concílio o mitigou, e agora este mosteiro em tempo mais calamitoso não aceita, nem usa da graça a todos concedida, antes o pratica muito gostosamente, e com tanta independência, como as aves do Céu, e as flores do campo, cuja fragrância, e melodia só de Deus a participam pelos meios, que sua divina, e indefetível providência é servido ministrar-lhes. A Madre Abadessa fará publicar esta em Capítulo a todas as suas súbditas, e registrar no livro da Comunidade. Dada em Lisboa Occidental sob nosso sinal, e selo aos 15. de setembro de 1739.

³⁸¹ No original, *pertendentes*.

³⁸² No original, *pertendentes*.

*T. Cardeal Patriarca de Lisboa.
Leonardo de Oliveira Monteiro.*

Constituição, pela qual V. Eminência é servido determinar, que as noviças dos Convento do Santíssimo Crucifixo não dem dote, e se observe a primeira Regra do Seráfico Padre S. Francisco.

Selo, e sinal.

[provisão]

Provisão.

THOMAZ CARDEAL PATRIARCA I de Lisboa.

À Madre Abadessa, e mais Religiosas do Real Convento do santíssimo Crucifixo da nossa jurisdição saúde, e bênção. Fazemos saber, que sendo muito louvável a observância, que praticam, de ler-se no seu refeitório um dia em cada semana um capítulo da santa Regra, se faz muito próprio, e justo, que no seguinte dia se leia a Exposição do dito capítulo, para cujo efeito será com esta nossa provisão entregue à Madre Abadessa um livro da Exposição, que compôs o P. Fr. Leandro de Múrcia.

E mandamos, que o dito livro esteja, e se conserve no refeitório, e lugar, em que se costuma ler, e dele se não tire; e querendo alguma Religiosa ler alguma exposição para melhor entender a sua santa Regra, o poderá fazer, não saindo o livro do refeitório. E para que se observe o que nesta nossa santa provisão ordenamos, mandamos, que se leia todos os meses no mesmo refeitório, que se traslade no mesmo livro, e se guarde o original no Arquivo do Convento.

Dada em Lisboa Ocidental aos 7 dias do mês de novembro de 1740. T. Cardeal Patriarca de Lisboa. Pedro Viegas. Lugar do selo. E trasladada a concertei com a própria, a que me reporto, que passei em pública forma a pedimento da sobredita Reverenda Madre Abadessa por parte de quem me foi apresentada, e a tornei a entregar à pessoa, que ma apresentou em Lisboa Ocidental aos 9 de novembro de 1740. E eu António Rodrigues Marques Tabalião³⁸³ público de notas por El Rei nosso Senhor nestas Cidades de Lisboa Ocidental e Oriental e seus termos, que o escrevi, e assinei em público, e raso &c.

Em testemunho da verdade.

António Rodrigues Marques.

[no fim, índice]

Índice das cousas mais notáveis, que neste livro se contém. O primeiro número mostra o capítulo, o segundo o parágrafo, e o terceiro a página.³⁸⁴

[no fim, licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

³⁸³ No original, *Tabalião*.

³⁸⁴ Pela extensão deste índice e relativo desinteresse enquanto paratexto, optou-se por não o transcrever.

Vista a informação, pode imprimir-se a obra, que se apresenta; e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 21 de abril de 1744.

Fr. R de Lancastrô.

Teixeira.

Silva.

Soares.

Do Ordinário

Concedemos licença. Lisboa 16 de maio de 1744.

T. Cardeal Patriarca.

Do Paço

Que se possa imprimir vistas as licenças do santo Ofício, e Ordinário; e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar³⁸⁵, e dar licença, para que corra, que sem ela não correrá. Lisboa 22 de setembro de 1744.

Vaz de Carvalho.

Costa.

³⁸⁵ No original, *taixar*.

**Anexo 31 – Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo – tomo I
(1744)**

**OBRAS VARIAS,
Y ADMIRABLES
DE LA MADRE
MARIA DO CEO,**

**RELIGIOSA FRANCISCA,
y Abadesa del Convento de la Espe-
ranza de Lisboa:**

**Corregidas de los muchos defectos de la
edición Portuguesa, e ilustradas
con breves Notas**

P O R

**El Doct. D. Fernando de Settién Calde-
rón de la Barca:**

Y DEDICADAS

**A LA EXCELENTÍSSIMA SEÑORA
Duquesa de Medina-Coeli, &c.**

TOMO I.

En Madrid: Por ANTONIO MARÍN, año de 1744.

[frontispicio]

Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo, Religiosa Francisca y Abadesa del Convento de la Esperanza de Lisboa.

Corregidas de los muchos defectos de la edición Portuguesa, e ilustradas con breves Notas por el Doct. D. Fernando de Settién Calderón de la Barca y dedicadas a la Excelentísima Señora Duquesa de Medina-Coeli, etc.

Tomo I.

En Madrid: Por Antonio Marín, año de 1744.

[dedicatoria]

A la Excelentísima Señora, mi señora Doña Teresa de Moncada y Benavides, Portocarrero y Aragón, Duquesa de Medina-Coeli, de Feria, de Segorve, Cardona, Alcalá, y Camiña; Marquesa de Priego, de Cogolludo, de Aytona, Denia, Camares, Tarifa, Pallares, Villa-Real, Montalván, y Villalva; Condesa de Santa Gadea, Buendía, etc; Señora de las Ciudades de Montilla, Solsona, y Lucena; de las Baronías de Benaguacil, Paterna, etc; Señora de la Real Casa de Castro, etc.

Excelentísima Señora

El aprecio que han hallado en la dignación de Vuestra Excelencia las varias, e admirables Obras de la Madre Maria do Ceo, no solo ha podido darme aliento para esmaltarlas con el nombre, y

protección de Vuestra Excelencia, sino que aún me dejan lisonjeado, de que en ellas la consagro una oferta, que será muy conforme a su buen gusto, por su rara discreción, su estilo, y su cultura. Solo con el nombre de la Madre Ceo me pudiera yo atrever a ponerme a los pies de Vuestra Excelencia por hallarme sin más título, que el que me puede dar el deseo de ser teni do por uno de sus siervos; mas ya me confieso muy deudor al nombre de la Autora, por haberme engrandecido con la honra de que el de Vuestra Excelencia ilustre la frente de mi copia,. Solo siento, que con las Obras de la Madre Ceo no haya yo conseguido la pluma con que se escribieron: pues solo con tal pluma pudiera hablar dignamente de estas Obras, y con la discreción de Vuestra Excelencia. Mas pues ellas hablan, y la Autora hace hablar a su pluma con Vuestra Excelencia en la mutua comunicación, que la conformidad, y proporción de los talentos ha facilitado entre las dos, me basta a mí el ofrecer, y callar; que el mundo sabe todo lo que digo cuando pronuncio el nombre de Vuestra Excelencia y lo que callo, cuando no me atrevo à hablar de sus Grandezas. Solo deseo, el que ninguno ignore, que soy, y quedo siempre

A L. P. de V. Exc.

Su menor Siervo.

Fernando de Settién.

[licenças]

Censura, y aprobación de Don Manuel Martínez Pingarrón, Bibliotecario del Rey N. S.

El señor Licenciado D. Joseph Gómez de Escobar, Inquisidor Ordinario, y Vicario de Madrid, y su Partido, me manda diga mi dictamen sobre las Obras, que en Portugués escribió la Madre Maria do Ceo, Religiosa del Orden de San Francisco, y dos veces Abadesa del Convento de la Esperanza de Lisboa; e sobre la traducción, que de ellas ha hecho al Castellano en Doct. D. Fernando de Settién Calderón de la Barca.

Leí los Libros cometidos; no conociendo a la Autora, ni al Traductor, podré decir sin preocupación, no parcialidad lo que se me ofrece, siguiendo distinto rumbo de el que al presente se practica en España, habiéndose olvidado, o por mejor decir, adormecido para muchos, la buena enseñanza, que nos dan nuestros Autores, y Libros no modernos.

Sobrará mi Censura, respecto de las mismas Obras , pues traen in su original las Aprobaciones, y Licencias de los Prelados inmediatos³⁸⁶ de la Madre Maria; y lo que es más, las Licencias del Ordinario, y las del Sagrado Tribunal de la Inquisición de Portugal, que con tanta vigilancia, y utilidad atiende a que en aquel Reyno no se imprima libro alguno, que no haya pasado por la censura de sus Calificadores; lo que también se usó algún tiempo en Castilla, y muchos desean vuelva a practicarse.

Estas Obras traen sobre-escrito, y títulos de Novelas , Apólogos, Metáforas, Fábulas, Cánticos , Dramas, o Actos alegóricos, Novenario, Flos Sanctorum, etc. Y esta variedad, y el estilo con que proceden, las pone en la clase de poéticas; pues no es otra cosa la Poesía, que una ficción racional, que sirve de cifra, o señal de alguna verdad de la naturaleza, de la Historia, o Moral; y esta ficción, o es Mitológica , o Apologética, y a ambas llamaron Fábulas con Aristóteles los Maestros del Arte.

La Apologética, de que más abunda este Libro, compone las buenas costumbres con que los hombres deben vivir política, y cristianamente: y aunque la Fabula Sibarítica, y Cipria son de este jaez, según dice Aftonio, ya fe redujeron todas a las de Esopo, por Príncipe de los que escribieron Apólogos:

³⁸⁶ No original, *immediatos*.

notando Filóstrato, que cuando Mercurio distribuyó a los otros Poetas diversas gracias de la Poesía, reservó para Esopo la alegoría de las Fábulas Apologeticas, en las cuales por eso excedió a los Poetas Mitológicos; porque estos de cimiento verdadero tejieron mentiras, y Esopo de cimiento mentiroso sacó verdades morales.

La excelencia de este género de Fábulas tan provechosas a las costumbres humanas, y aún cristianas, está canonizada en el cap. 9 del Libro de los Jueces, y en el cap. 14. del 4. Libro de los Reyes; y en las Paradojas que escribió el Tostado se hallará sobre esto cuanto se puede desear; y en Santo Tomás lo misterioso de algunas figuras visibles con que explicaron los Profetas grandes arcanos: y que esta ficción cuando se refiere a algún misterio interior, no se pueda decir mentira, sino figura de verdad.

No son estas Fábulas las Miliesias, que no están debajo de la Poesía racional, sino de la corrompida, y son *un desvarío vano, sin meollo de virtud ni ciencia, urdido para embobecer a los simples*, como las definió dos siglos ha el buen Maestro Alejo de Venegas.

Pero también nos aparta el Apóstol de las doctas Fábulas, pues no las hacen buenas los artificios, y primores con que estén tejidas, si dentro de si no encierran perfecta moral.

La *Peregrina* tiene unas pinturas tan vivas de las delicias, y atractivos del mundo, que en la parte que aboga por él, abulta sus objetos, y hace mayores, y más delicadas sus engañosas suavidades; pero luego destruye este falso, brillante, y mentido bien con sólidos desengaños, y con el retrato de la verdadera felicidad: retrato bellísimo, que inclina poderosamente a buscar el original a toda costa.

En los Cánticos, y otras Poesías al Amor Divino, parece tuvo la Autora presentes los versos de su Santo Patriarca Francisco, que son todo fuego, todo dulzura, todo suavidades del Cielo.

Imita, y sobrepuja a los Ingenios, que fueron la admiración del siglo pasado: cristianiza la discreción, y agudeza del estrado, las expresiones de la Corte, y las delicadezas del Palacio; y así puede aumentar esta Obra la colección de los Libros elocuentes, estando escrita con aquel estilo cresco, y pulido, que llevó tras sí a los deseosos de distinguirse del vulgo.

Se deben dar muchas gracias a Don Fernando por la traducción, casi imposible de Obras, que tienen en la lengua original primores nativos, que no pueden trasladarse a otra; y ha hecho muy bien en despreciar la medida en algunos versos, a trueque de no privarnos de toda el alma de ellos; pero lo que más se le debe agradecer, son las sabias notas, y advertencias que esparce, para quitar los tropiezos al escrúpulo.

Y esto es la que puedo decir de la Obra, y de la Traducción, y que no encuentro en ella cosa, que se oponga a los sagrados Dogmas, y buenas costumbres. Así no siento. En esta Real Biblioteca a 18 de julio de 1744.

Don Manuel Martínez Pingarrón

Licencia del Ordinario

Nos el Lic. D. Miguel Gómez de Escobar, Inquisidor Ordinario, y Vicario de esta Villa de Madrid, y su Partido, etc. Por la presente, y lo que a Nos toca damos licencia para que se puedan imprimir, e impriman las Obras de la Madre Maria do Ceo, Abadesa del Convento de la Esperanza, Orden de San Francisco de Lisboa, traducidas del Idioma Portugués al Castellano por el Doct. D. Fernando de Settién Calderón de la Barca: atento haber sido de nuestra orden, y comisión vistas, e reconocidas, y no contener cosa opuesta a nuestra Santa Fe Católica, y buenas costumbres. Fecha en Madrid a 24 de julio de 1744.

Por su mandado

Joseph Fernández

Censura del Rmo. P. M. Fr. Juan Picazo, del Orden de N. P. S. Francisco, dos veces Jubilado, Guardián que ha sido del Convento de San Diego de Alcalá, Definidor de su Provincia, y Catedrático de Prima de Teología de dicha Universidad.

M. P. S.

De orden de V. A. he visto las admirables Obras de la Madre Maria do Ceu, Religiosa del Convento de la Esperanza de N. P. S. Francisco de Lisboa; e ciertamente, que me he movido a alabar a Dios, por la altura de los talentos con que dotó a esta Religiosa, y de que ella, como tal, los emplee en materias tan provechosas. A un mismo tiempo junta lo útil de la doctrina con lo dulce del estilo, y por la altura del concepto merece bien el apellido que la han dado de *Cielo*. No halló cosa que me parezca censurable, pues la delicada atención del Traductor previene oportunamente con sus Notas lo que pudiera detener a los indoctos. Cada Librito de estos es un abultado tesoro, con que pueden enriquecerse los discretos; por tanto no debía estar oculto en estos Reinos, y se debe agradecer la solicitud de quien le saca a luz para asombro del sexo femenino, para envidia del masculino, para admiración de ambos, para crédito de mi Religión Seráfica, y utilidad de todos. Este es mi sentir, salvo, etc. De este de San Diego de Alcalá, y junio 26 de 1744.

Fr. Juan Picazo.

Licencia del Consejo

Dieron licencia los Señores del Real Consejo de Castilla, para que por una vez se puedan imprimir, y vender las admirables Obras de la Madre Ceo, como más largamente consta del original, firmado de Don Miguel Fernández Munilla em 10 de julio de 1744.

[errata]

Fe de erratas

Estas Obras de la Madre Ceo están puntualmente conformes al original Castellano de Don Fernando de Settién, mudando em *hay* de la p. 47 lin. 14 en *ay*. Madrid, y agosto 18 de 1744.

Lic. D. Manuel Licardo de Rivera.

Corrector General por Su Majestad.

[taxa]

Suma de la tasa

Tasaron los Señores del Consejo estas Obras de la Madre Ceo, en ocho maravedís cada pliego, como más largamente consta del original, despachado por Don Miguel Fernández Munilla em 19 de agosto de 1744.

[prólogo]

Al lector

Los primeros libros, que de las *Varias*, y *Admirables Obras* de la Madre Ceo llegaron a mis manos, son los que aquí te ofrezco. Confieso, que cuando vi el dictado de *Admirables*, recelé, si sería prefijado por quien desease el buen despacho. Movióme la curiosidad a la lección, y manteniéndome en ella la estudiosidad, me empeñó en el todo de la Obra la admiración. Parecióme al principio, que era muchas flores para una Religiosa, y demasiadas perlas para quien está vestida de sayal: mas luego vi, que las flores se convertían en frutos; y que las piedras preciosas de su adorno no eran solo lisonja de la vista, sino de unos fondos admirables, para abrir los ojos al desengaño de las que el mundo adora. Con esto me acordé de lo que dicen los Autores Naturales, que a las piedras preciosas se las hace servir a la salud, confeccionando con ellas medicinas. Acordéme también de que la Celestial Jerusalén se dice edificada con piedras las más lucidas, y preciosas, sin que perjudique la hermosura a la firmeza. Tan lejos está de que se note por desperdicio de tiempo el que gastó Judith en adornarse con todas sus Primavera, que antes bien sirvió cada alfiler de muchas flechas, para facilitar el triunfo que logró de Olofernes.

No vivimos en tiempo de que las verdades eternas, y morales se reciban desnudas, si no se las añade algún ropaje, con que captando primero la atención, y sentidos, puedan hacer luego el tiro al corazón. Comúnmente se mira más al vaso, que al licor. Que importa que la bebida sea buena, si da asco la copa? Es necesaria mucha tenacidad de estómago, para que el melindre del sentido no excite alguna nausea. Decid a uno que se tiene por discreto, que se mueva de una sentencia neciamente explicada. Para esto se necesita mucha abstracción del sentido, y mirar a la verdad por la verdad.

Nuestra Autora hace discretamente sus tiros, valiéndose de unas máquinas como las de Demetrio, de quienes dice Plutarco, que eran tales, que con su formidable gravedad aterraban aun a los amigos; y con la hermosura de su fábrica deleitaban aun a sus enemigos. De este modo se introduce como Religiosa, a donde no tuviera entrada sino como Dama. Metese en el Tocador de una gran Señora: y dandola el espejo la hace que mire desengaños: sirviendola las joyas, la previene, que se carga de piedras: ofrece algunas flores a su tiempo, y la hace que huela en ellas su inconstancia: los polvos se los pronostica en sus cenizas; y de este modo llamando con lo discreto al oído, se introduce con lo Religioso al corazón.

Receleme también, si andaría por medio la mano de algún hombre, que para brindar, con la novedad al buen despacho, se valiese del nombre de mujer. Así lo prometía la altura de la Obra, que sobre la delicadeza de talentos, de que es capaz una mujer discreta, incluye una instrucción, que no es común en muchos, que han cursado las Escuelas: apoyaba el recelo la experiencia de algunos, que han hecho ya estos robos; pero por otro lado juzgaba mi soberbia, que era mucha humildad el ocultar el nombre de quien podía coronarse con el lauro de Autor de tales obras. Estas dudas en mi han sido causa de que otro no las tenga; pues he averiguado con certeza, que la Madre Maria do Ceo es legítima

madre de estos intelectuales partos: y que estos logran tal nobleza por herencia, como es la de que la cuna de la Autora estuvo muy cercana a Palacio.

Pasando de allí al Claustro aprendió en la abstracción las lecciones que no se pueden estudiar en el bullicio: desengañóse primero, y así pudo desengañar a otros. A las Musas no las dieron los antiguos lugar en los poblados, sino solo en los montes, porque la soledad es matriz de las letras. Tampoco las fingieron Matronas, sino Vírgenes, porque estas han de estar retiradas. En su clausura, y en las horas que la quedaban libres, desahogaba esta ilustre Poetisa su aliento por respiración propia, y por inspirar en las demás Vírgenes constancia en la continuación de sus propósitos, pues siempre se aplicó a materias morales. Pero la clausura que tenía por sí, la quería comunicar también a su nombre, y escritos; no permitiendo, que viesen otra luz, que la de su Convento, y bajo el nombre de *Marina Clemencia*. Empeñabase la modestia de la Autora en rescatar lo que quería rescatar el cielo, y solicitud de sus Hermanas: y juntándose a esto las instancias de algunos Caballeros, que querían ser Colones de estas Indias, la pudieron hurtar (sin obligación de restituir) algunos manuscritos, aún después que dados a la Prensa los primeros, aumentó las prisiones a los últimos. En todos han llegado ya a nueve, que pueden reducirse a seis como este. Doy te por ahora solo dos: así porque otras ocupaciones me detienen, como porque en estos me empeño a ver tu gusto.

La impresión Portuguesa está tan llena de defectos, como en copias hurtadas, y que andarían por manos de mujeres, que comúnmente no saben cortar plumas. Yo me hubiera alegrado gozar de originales, o edición corregida, pues me hubieran ahorrado gran trabajo en averiguar el sentido aún de las Prosas. Las más de las Poesías, que van en estos tomos, las escribió la Autora en Castellano, a cuyo idioma tiene particular, y laudable inclinación; pero con sola la instrucción que es posible a quien no le tiene por nativo; y así inculpablemente ha de tener lunares, que si en la Corte de Lisboa no pueden afean, en la de acá desdican de la moda, y así me ha sido preciso reducirlos.

En algunos parajes he puesto algunas Notas, ya de los puntos de Escritura, a que aluden; ya de algunos vocablos, que son menos vulgares; y ya en fin de algunas prevenciones, que para gente ruda me pareció añadir, por causa de que las Obras Romancistas andan por todas manos, y necesitamos atender a las más flacas. Por todo esto debes estimar más esta mi copia, que la impresión defectuosa, que me ha servido a mí de original. Y si de esta formas otro tan buen concepto, como en el que has tenido la Traducción que te di de las *Vindictas de la Virtud*, y *Escarmiento de virtuosos*, me dejarás lisonjeado de buen gusto, y obligado a darte prontamente las demás.

[no fim, índice]

Índice de los capítulos de este Tomo I

Capítulo I. Muestransela a la Peregrina dos caminos: convidanla las Pastoras al Vergel, y las Cazadoras al Bosque. Página 1.

Capítulo II. Resuelta la Peregrina a seguir el consejo del Pastor, da los primeros pasos por el camino del Vergel; mas representándose áspero al amor propio, se aparta para el Bosque, donde bebiendo sus aguas, la roba el Mundo el corazón, siendo muy cortejada de las Ninfas. Página 14.

Capítulo III. Describense las condiciones del *Bosque*: muestrasele a la Peregrina el primer Ídolo de la *Nobleza*; y enamorada de su soberanía, corre el Desengaño, significado en el Río, a desengañarla. Página 30.

Capítulo IV. Em que la Peregrina es llevada al segundo Ídolo del mundo, *Hermosura*; y al ir a cegarse en sus luces, la socorre el Desengaño con sus voces.

Capítulo V. Pasa la Peregrina al tercer Ídolo, *Discreción humana*: vuelve a engañarse, y el Desengaño a disuadirla. Página 69.

Capítulo VI. Llega la Peregrina al cuarto Ídolo, *Esperanza del mundo*: mírala primero reverente, y luego la deja desengañada. Página 83.

Capítulo VII. Pasa la Peregrina al Ídolo de la *Riqueza*: y elevada primero de sus voces, pisa luego todos sus poderes. Página 95.

Capítulo VIII. En que la Peregrina es llevada al culto del *Amor propio*, último Ídolo. Página 108.

Capítulo IX. En que desengañada la Peregrina resuelve dejar el Bosque: procura detenerla el Cazador: vence sus engaños con el aviso de las Pastoras. Página 121.

Capítulo X. En que vacilante la Peregrina en las sombras del Bosque, recorre a las piedades del Olimpo; e ilustrada con un rayo de luz, sale del Bosque en seguimiento del Pastor. Página 127.

Parte segunda

Capítulo I

Comienza la Peregrina el camino de las asperezas, y mandanla desnudarse de las sedas, y dejar el calzado. Página 133.

Capítulo II. Siguiendo la Peregrina su camino, la mandan mortificar el gusto, y vencer las dificultades. Página 149.

Capítulo III. En que la Peregrina sufre las injurias, y entra en el lago de las tribulaciones. Página 163.

Capítulo último. Entra la Peregrina en el Vergel del Pastor, dando fin a su Peregrinación.

Poesías varias

La Esposa en los Cantares

Fiebre de Amor. 196

Dolor. 198.

Desmayos. 201.

Suspiros. 206.

Sed de Amor. 211

Sueño. 214.

Retrato de Cristo Niño. 216.

Retrato de Cristo hombre. 222.

Retrato de Cristo muerto. 226.

Retrato de Cristo resucitado. 232.

Diciendo un Predicador ser Dios demasiado en sus piedades. 236.

Al Niño Jesus. 239.

Al Niño Perdido. 240.

A la Samaritana. 242.

A las señoras, cuando se cortaron el pelo por moda. 254.

Fin.

Anexo 32 – Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo – tomo II
(1744)

OBRAS
DE LA MADRE
C E O.

OBRAS VARIAS,
Y ADMIRABLES
DE LA MADRE
MARIA DO CEO,

RELIGIOSA FRANCISCA,
y Abadesa del Convento de la Espe-
ranza de Lisboa:

Corregidas de los muchos defectos de la
edición Portuguesa, e ilustradas
con breves Notas

P O R

El Doct. D. Fernando de Settién, Calde-
ron de la Barca:

Y DEDICADAS

A LA EXCELENTISSIMA SEÑORA
Duquesa de Medina-Coeli, &c.

T O M O II.

En Madrid: Por ANTONIO MARIN, año de 1744.

[frontispicio]

Obras varias y admirables de la Madre Maria do Ceo, Religiosa Francisca y Abadesa del Convento de la Esperanza de Lisboa:

Corregidas de los muchos defectos de la edición Portuguesa, e ilustradas con breves Notas por el Doct. D. Fernando de Settién Calderón de la Barca y dedicadas a la Excelentísima Señora Duquesa de Medina-Coeli, etc.

Tomo II.

En Madrid: Por Antonio Marín, año de 1744.

[prólogo]

Al Lector

Los Tratados, que te doy en este Tomo II no salieron con la misma distribución en la edición de Lisboa, a causa de que allá los iban imprimiendo, no según pedía la coordinación de las materias, sino según se los arrancaban a la Autora. Yo he juntado las Vidas de los Santos: y todavía quedan otras para outro.

Aprobaciones

Las Aprobaciones, Licencias, y Fe del Corrector, las hallarás en el Tomo primero de estas Obras.

[no fim, índice]

Índice del tomo segundo

Metáforas de las flores

- Metáfora I. De la Rosa, Página 1
- Metáfora II. Del Clavel, y la Azucena, 4.
- Metáfora III. De las Campanillas con la Angelica, 6.
- Metáfora IV. De la Rosa con la Perpetua, 8.
- Metáfora V. Del amor perfecto, 9.
- Metáfora VI. De la Flor del Espino con las demás Flores, 11.
- Metáfora VII. Del Girasol con las Flores , 14.
- Metáfora VIII. Del Narciso , y el Lirio, 17.
- Metáfora IX. Del Clavel con las Flores, 19.
- Metáfora X. Del Jazmín, 21.
- Metáfora XI. De la Rosa, Azucena, y Mosqueta, 24.
- Metáfora XII. De las Flores del Campo con las del Jardín, 28.
- Metáfora XIII. De la Flor Clise, 30.
- Metáfora XIV. Del Junquillo , 32.
- Metáfora XV. Del Tulipán con las Flores, 33.
- Metáfora XVI. De las Flores extranjeras con las naturales, 36.
- Metáfora XVII. Del Clavel con la Rosa, 41.
- Metáfora XVIII. De la Mosqueta, 43.
- Metáfora XIX. Del Jacinto con la Flor de la Pasión, 45.
- Metáfora XX. De la Violeta, 47.
- Metáfora XXI. De las Flores del Campo con las del Jardín, 54.
- Metáfora XXII. De los Azares, y Malmequieres, 52.
- Metáfora XXIII. De las Flores del Jardín, 54.
- Metáfora XXIV. Del casamiento del Sol con la Rosa, 58.

Apólogos de algunas piedras preciosas

- Apólogo I. Del Rubí con la Brasa, página 61.
- Apólogo II. De la Perla con la Concha, 65.
- Apólogo III. De los Zafiros con el Mercader, 67.
- Apólogo IV. De la Esmeralda con el Diamante, 72.
- Apólogo último. Del Topacio con el Sol, 75.
- Criaturas por condición, 80.
- Guinda única hurtada, y moralizada, 91.
- Flos Sanctorum General, 107.
- Vida de Cristo Señor nuestro, 108.
- Vida de la Virgen María, 110.
- Vida del Precursor de Cristo, 112.
- Vida de los Apóstoles, 114.
- Vida de los Mártires, 115.
- Vida de los Santos Pontífices, 117.

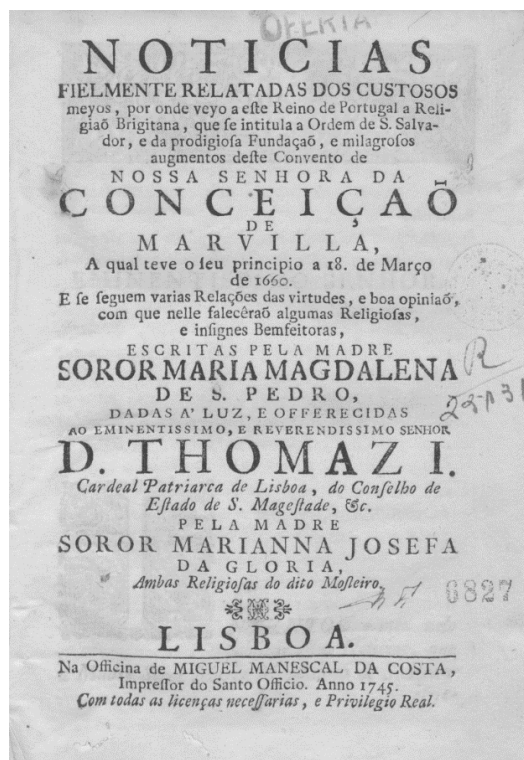
Vida de los Santos Fundadores, 118.
Vida de los Santos Príncipes, 120.
Vida de los Santos Monjes, 121.
Vida de los Santos Ermitaños, 123.
Vida de las Santas Vírgenes, 126.
Elogio à San Alejo, 128.
Novenario a San Alejo, 133.
Acto Alegórico à San Alejo: Amor es fe, 144.
Otro: Mayor fineza de Amor, 202.
Otro: Lágrimas de Roma, 264.
Vida de Santa Dorotea, 311.
Metáfora Pastoril entre Tea, y Filo, 315.
Histórico Enigmático, 320.

Fin

[informação de venda]

Se hallarán en la Portería de San Felipe el Real de esta Corte.

Anexo 33 – Notícias fielmente relatadas dos custosos meios, por onde se veio a este Reino de Portugal a Religião Brigitana, que se intitula a Ordem de S. Salvador, e da sua prodigiosa Fundação, e milagrosos aumentos deste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila (1745)



[frontispício]

Notícias fielmente relatadas dos custosos meios, por onde se veio a este Reino de Portugal a Religião Brigitana, que se intitula a Ordem de S. Salvador, e da sua prodigiosa Fundação, e milagrosos aumentos deste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, a qual teve o seu princípio a 18 de março de 1660. E se seguem várias Relações das virtudes, e boa opinião, com que nele faleceram algumas Religiosas, e insignes Benfeitoras, escritas pela Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro, dadas à luz, e oferecidas ao Eminentíssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Tomás I, Cardeal Patriarca de Lisboa, do Conselho de Estado de Sua Majestade, etc., pela Madre Soror Mariana Josefa da Glória, ambas Religiosas do dito Mosteiro.

[arabesco]

Lisboa. Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Offício. Ano 1745.

Com todas as licenças necessárias, e Privilégio Real.

[dedicatória]

Eminentíssimo Senhor

Intentou o meu zelo publicar estas Notícias, que a Madre Soror Maria Magdalena de S. Pedro escreveu dos progressos da Ordem Brigitana, estabelecida hoje neste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, no qual tem florescido³⁸⁷ tantas Religiosas de vida exemplar, e de virtudes heroicas, como nas mesmas Notícias se descrevem, e do qual é V. Eminência o mais digno Prelado, de quantos ele tem reconhecido. O meu fim foi, que não ficassem estas Notícias sepultadas no mesmo claustro, em que aquelas Religiosas tiveram a sua sepultura; antes saindo dele a público teatro, recobrasse novos alentos vitais a sua memória.

E a quem havia eu de buscar, Eminentíssimo Senhor, para Protetor de virtudes tão abalizadas, senão a um Prelado tão exemplar, como V. Eminência é, e que bastaria para as animar, a ser-lhes necessária outra nova vida? Não peço a V. Eminência perdão de ser a oferta limitada; porque assaz grande a considero, atendendo ao seu peso; e na estimação de V. Eminência sei que tem maior valor o que pesa mais, do que o que mais avulta.

Largo campo tinha eu para discorrer, se entrasse pelos eminentes dotes de V. Eminência assim herdados, como adquiridos: mas nem a modéstia de V. Eminência me há de permitir que os relate, nem eu os posso compreender todos para os fazer públicos; antes ainda que pudesse alcançá-los, nunca poderia cabalmente discorrê-los; e a ficarem da minha pena escurecidos, melhor é que fiquem do meu atencioso silêncio respeitadas. Por isso me remeto a ele, e só rogo ao Senhor, que guarde a Pessoa de V. Eminência por tão dilatados anos, como todas necessitamos, para proteção nossa, e lustre da Santa Igreja de Lisboa.

Convento de nossa Senhora da Conceição de Marvila em 5 de janeiro de 1744.

Beija a sagrada Purpura de V. Eminência

A menor de suas súbditas

Soror Mariana Josefa da Glória.

[prólogo]

A Autora

A quem ler

Atendendo ao justo reparo, que fará ainda o Leitor mais pio, de que em meu nome se imprima este livro, quando por nenhum princípio posso ter nome no mundo, é preciso que eu declare os motivos, que me obrigaram a este sacrifício.

Sendo a Reverendíssima Madre Soror Mariana da Conceição Abadessa, um Padre da Companhia de Jesus lhe comunicou, que intentava escrever as vidas de algumas Religiosas Veneráveis; e como neste Mosteiro havia tanta observância, haveria também virtudes dignas de memória, e que era muito acertado conservar nas Religiões estes bons exemplos; assim lhe aconselhava, que ordenasse a alguma Freira lhe expusesse tudo por escrito com toda a individuação, que ele as comporia em forma conveniente.

³⁸⁷ No original, *florecido*.

Estimou ela muito esta honra, da qual somente se pode fazer apreço; e porque a Madre Soror Inês de S. Sebastião foi de todos tão venerada, foi também desta sua diligência o maior empenho; porém como o seu falecimento era antigo, não achavam já mais que duas Freiras, que a conheceram: e porque eu era uma delas, me persuadiu com rogos, e me obrigou com os impérios da obediência lhe expusesse por escrito tudo o memorável, que tivesse presenciado, e ouvido a pessoas fidedignas desta tão insigne Fundadora nossa, não me escolhendo por mais capaz, mas por mais antiga, e assim mesmo dos prodígios da fundação mais noticiosa.

O mesmo Padre lhe trouxe do Convento do Mocambo de Freiras Brízidas uma relação impressa, que aqui lancei para crédito da Ordem, e se admirar a constância da sua fé em tão largo padecimento, sendo tiranamente expulsadas do Reino infeliz de Inglaterra, mas grande glória para o de Portugal, pois peregrinando tantos, somente neste acharam amparo, e descanso.

As mais relações, que fiz de exemplares Religiosas, todas foram reguladas pela obediência, e tem ainda muitas testemunhas vivas, que poderão abonar a verdade, com que as escrevo.

Porém como as determinações Divinas são diferentes das determinações humanas, foi Deus nosso Senhor servido que estes dois³⁸⁸ sujeitos, que me introduzirão a fazer esta obra, passassem à melhor vida, e ficasse ela tão imperfeita, faltando-lhe a reforma prometida, na qual se animava a sua insuficiência.

Não atendendo a estas, se resolveu outra Mariana, com generoso ânimo, a mandar imprimir estas memórias de tão insignes virtudes por não ficarem novamente sepultadas no naufrágio de continuados empréstimos. Permita Deus nosso Senhor que tudo sirva para glória sua, e mais para a imitação, que para a notícia.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Aprovação do Muito Reverendo Doutor D. João Evangelista, Cónego Regular de Santo Agostinho, Mestre Jubilado na Sagrada Teologia, Consultor do Santo Ofício, e Pároco da Igreja de nossa Senhora do Socorro nesta Corte.

Eminentíssimo, e Reverendíssimo senhor

O Livro intitulado: *Notícia dos meios, por onde veio a Portugal a Religião Brigitana, e da fundação, e aumentos do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, com as vidas de várias Religiosas, e Benfeitorias suas*, que escreveu a Reverenda Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro, e pretende³⁸⁹ publicar a Reverenda Madre Soror Mariana Josefa da Glória, ambas Religiosas do dito Convento, é um índice da providencia, com que o Altíssimo por caminhos ocultos, e misteriosos forte, e suavemente dispôs a fundação daquele Convento para nele se lhe dar glória pelos espíritos Religiosos, que o habitam, e tem habitado, como se vê nas admiráveis virtudes de tantas almas, que entre as tais se fizeram dignas de especial memória, para aqui se lhes escreverem as vidas, em que todos podemos achar documentos para a piedade, e estímulos para a imitação. Deve-se louvar muito a aplicação da Autora, e não menos o santo zelo de quem nos quer fazer público um tesouro, que escondido não teria a estimação, que merece, pelas preciosidades, que encerra. Todas elas são puras,

³⁸⁸ No original, *dous*.

³⁸⁹ No original, *pertende*.

livres de fezes, conformes em tudo aos dogmas de nossa Santa Fé, e em nada opostas aos bons costumes, pois antes com tão exemplares vidas os promovem. Assim julgo merecedora esta Obra da licença de V. Eminência, para que por meio do prelo chegue à notícia de todos. Este é o meu parecer. Lisboa, em 12 de março de 1744.

D. João Evangelista.

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Fr. Estácio da Trindade, Religioso Agostinho Descalço, Qualificador do Santo Ofício, Consultor da Bula da Cruzada, Examinador dos do número do Priorado do Crato, e das Três Ordens Militares, Lente Jubilado, e Ex-Vigário Geral da Congregação dos Eremitas Agostinhos Descalços de Portugal.

Eminentíssimo, e Reverendíssimo senhor

Por ordem de V. Eminência li o livro, que trata das *Notícias dos meios, por onde veio a Portugal a Religião Brigitana, e da fundação, e aumentos do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila*, o qual compôs a Muito Religiosa Madre Soror Maria Magdalena de S. Pedro, e quer fazer imprimir a Muito Religiosa Madre Soror Mariana Josefa da Glória, ambas Religiosas existentes em o dito Convento, e verdadeiras filhas do elevado espírito de sua Gloriosa Mãe a Senhora Santa Brízida; nem menos semelhantes às primeiras Fundadoras daquele Religiosíssimo Convento. Nele vi as agradáveis notícias dos meios, por onde das desgraças de Inglaterra trouxe a Divina Providência a Portugal as venturas, pois daquelas se originou a de possuir neste Convento um mineral de virtudes, e um tesouro de toda a santidade. As das primeiras Fundadoras lemos em este livro; e as das que as imitam, vem os nossos olhos, e com muita especialidade o podem testificar as minhas experiencias, pois confessando, e conversando espiritualmente há muitos anos a maior, e melhor parte das Religiosas deste Convento, em todas achei com edificação, e consolação minha ou as virtudes em grande perfeição, ou um grande desejo, e diligência de chegarem à maior perfeição das virtudes: sem dúvida as estimula o que das virtuosas vidas de suas Fundadoras ouvem; parte do que é o que neste livro se relata. Bem previu, e receou o Inferno receber dele grande dano, e certo quis estorvar às Religiosas hoje existentes este espiritual lucro; mas Deus, a cuja conta elas estão, trocou em felicidade o que parecia fatalidade.

Estava a Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro decretada por Deus, e obrigada pela determinação da sua Abadessa para escrever as notícias, que se contém neste livro, em que por meio da leitura das vidas, e virtudes de tantas, e tão perfeitas Religiosas aprendessem as que as imitam nos Estatutos a imitá-las em adquirirem as virtudes, e em se afervorizarem no amor de Deus; e receando o Demónio este dano, pois o julga ser seu tudo o que é bem nosso, traçou modo de embaraçar-lhe os meios, e foi para esta Religião não pouco custoso o modo, pois foi o de solicitar-lhe desgraça, em que quebrasse todo o braço direito desde o ombro até deslocar-lhe a mão. Porém que valem as traças do Inferno contra os decretos do Céu? Socorreu este com remédio pronto o que parecia dano irreparável. Curou-se com feliz sucesso o que se pensava irreparável ruína. Frustraram-se do Inferno as traças. Sempre assim lhe sucede, quando intenta embaraçar de Deus a glória. Principiou a Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro, e continuou a escrever o que se contém neste livro: tudo de edificação para todos, e de exemplar estímulo para os que professam Estatutos de vida religiosa; porém entre outros tantos bens não poderá a Autora livrar-se do mal de incorrer na falta de diminuta no que escreve, porque é muito mais do que diz, a notícia do que se sabe; e podia esta narração ser mais extensa, pois para muito maior volume não faltava matéria. Por escrupulosa quis ser nas informações menos

crédula, por isso se acha nas verdades mui diminuta, não porque a elas falte, mas sim, porque nem todas escreve. Bem podia escrever muitas, e muito da exemplaríssima vida de outras Religiosas daquele observantíssimo Convento; e se receava louvar a perfeita observância das que ainda vivem, devia não querer ficar em restituição à glória, que resulta a Deus da graça, com que alentou nesta vida às que por já passarem à melhor, como piedosamente cremos, chama o mundo mortas, principalmente à Madre Mariana da Conceição sua Abadessa, que foi a que obrigou a que escrevesse estas memórias por não ficarem tão preciosas notícias sepultadas em desgraçado esquecimento. Eu pusera a muitas em público, se mo não proibiram as obrigações anexas ao Confessor, ou se fora historiador daquela vida, assim como sou só Consultor deste livro. Naquele só acho a falta de dizer pouco em matéria, em que sua Autora por escrupulosa deixa de dizer muito; mas contra a Fé, e bons costumes não contém algum erro, mas sim com o exemplo das vidas perfeitas Religiosas, de que trata, pode servir de muita glória a Deus, e de eficaz estímulo das virtudes a todos, especialmente às que professam a mesma Regra, e Estatuto; pelo que me parece digno da licença, que pede. V. Eminência mandará o que for servido. Convento da Boa-Hora dos Agostinhos Descalços de Lisboa, 22 de maio de 1744.

Fr. Estácio da Trindade.

Vistas as informações, pode imprimir-se o livro de *Notícias da fundação do Convento de Marvila*; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 27 de maio de 1744.

Fr. R. de Alancastre.

Abreu.

Do Ordinário

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Manuel Monteiro, Presbítero da Congregação do Oratório, Examinador das Três Ordens Militares, e Sócio da Academia Real.

Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor

Obedecendo ao preceito de Vossa Excelência li o livro intitulado: *Notícias fielmente relatadas dos custosos meios, por onde veio a este Reino de Portugal a Religião Brigitana*, que compôs a Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro, professora do mesmo esclarecido Instituto do Religiosíssimo Convento de nossa Senhora da Conceição de Marvila. E se o meu rendimento, e o meu gosto não fora sempre o mesmo para qualquer preceito de Vossa Excelência, neste poderia a minha indiferença ficar escrupulosa; porque são tais as circunstâncias, que nele acha a obediência, que a mais rendida pode entrar na dúvida de ser a mais voluntária.

A matéria deste livro é a primeira circunstância, que faz estimável, e gostosa a obediência da sua leitura; porque é a sua matéria a fundação de um Convento, que a Providência do Altíssimo por meios impenetráveis transplantou a este Reino, e nele favoreceu com tão especial benignidade, que não só permitiu que se erigisse, e estabelecesse, mas que singularmente se acreditasse, sendo espelho da vida Monástica, modelo da Regular Observância, e exemplar da perfeição Religiosa, como se mostra das admiráveis vidas das Religiosas, que até agora tem falecido; e também se está mostrando

nas daquelas, que ainda estão vivendo, que mediante a Divina graça, e a sua perseverança, prometem à Historia não menos gloriosa matéria.

A esta matéria pois tão elevada corresponde cabalmente a forma, que é outra circunstância, com que esta Obra muito se acredita. E se o Lírico aconselha que os Escritores tomem matérias proporcionadas às suas forças, para que às matérias correspondam as fórmulas, por este ditame acertado regulou o seu preceito quem mandou à Autora tomar esta matéria; porque pela forma, com que a desempenha, está mostrando que não podia ser mais proporcionado o peso deste assunto ao seu elevado espírito, e talento.

Um, e outro se está insinuando na contextura desta bem ordenada História, à qual vem diminuto aquele epiteto, em que o Príncipe da eloquência Romana chamou à História mestra da vida; porque esta História justamente pode chamar-se Mestra da vida mais perfeita, e da mais perfeita Historia: sem dúvida quem olhar para as ações, de que faz memória, para os exemplos, que relata, e para as máximas, que acumula, aprenderá dela a compor uma perfeita vida; e também aprenderá a compor uma perfeita História quem advertir a pontualidade exata, com que observa tudo, quanto requer este género de escritura; pois a especulação, com que averigua, a distribuição, com que acomoda, a clareza, com que explica, a propriedade, com que fala, e finalmente a natural viveza, e discrição sentenciosa, com que moraliza, tudo são ditames, tudo documentos, tudo preceitos, com que praticamente ensina, como Mestra, a forma de uma História perfeita.

Em outros séculos floresceram³⁹⁰ algumas Heroínas Portuguesas de raro engenho para a Poesia, de que trata o Entusiasmo Poético do Padre Reis, e o livro, que se intitula: *Portugal ilustrado pelo sexo feminino*: mas de nenhuma se lê, que até agora empreendesse, e aperfeiçoasse obra tão egrégia, como esta; talvez estaria reservado para o nosso século este privilégio decoroso, para que com tão augusto monumento abonasse o testemunho de acreditar-se no Orbe literário com as melhores composições de um, e outro sexo; de que não resultará pequena gloria à Nação, e à Autora.

Por estas circunstâncias, e muito principalmente por não se opor à Fé, ou bons costumes, me parece que é este livro digníssimo de imprimir-se, Vossa Excelência mandará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratório, 29 de junho de 1744.

Manoel Monteiro.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro, de que trata a petição; e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa, 2 de julho de 1744.

D. J. Arceb.

Do Paço.

Aprovação do Muito Reverendo P. M. D. António Caetano de Sousa, Clérigo Regular da Divina Providência, Qualificador do Santo Ofício, Deputado da Junta da Bula da Cruzada, e Académico da Academia Real da Historia Portuguesa.

³⁹⁰ No original, *floreceram*.

Senhor

Este livro, que Vossa Majestade me manda ver, é a Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, da esclarecida família daquela famosa Heroína, que nascendo Princesa de Suécia, o foi depois de Nerícia, Santa Brízida.

É sua Autora a Madre Soror Maria Magdalena de S. Pedro; e quem o manifesta pelo benefício da impressão, a Madre Soror Mariana Josefa da Glória, ambas Religiosas professoras daquela observante Casa.

Não posso dissimular o sentimento, que me causou ver este livro depois de ter acabado de imprimir o quarto tomo do Hagiológico Lusitano dos Santos, e Varões Ilustres em santidade do nosso Reino, porque nele tinham digno lugar algumas Religiosas, de que neste se trata.

Esta Obra é muito útil; e se de todos os Mosteiros tivéssemos semelhantes memorias das duas fundações, e das primeiras habitadoras, e das que seguindo o seu exemplo se criaram com vida mortificada de sorte, que acabarão santamente, sem dúvida se adiantaria muito a História Eclesiástica deste Reino, que por descuidos padece algumas faltas de notícias. As do Mosteiro de Marvila escreve a Autora em estilo agradável, sincero, prudente, e judicioso, porque livrando-se de hipérboles, refere com sinceridade os casos, sem os exagerar, como muitas vezes sucede em alguns Autores, que pelas demasiadas circunstâncias, com que os revestem, os desacreditam, ou para melhor dizer, lhes tirão a probabilidade.

Foi a fundação da Casa de Marvila conseguida, depois de imensos trabalhos superados, por umas mulheres perseguidas dos seus próprios naturais, aflitas, e desamparadas; mas com tanta constância, que bem deram a conhecer eram auxiliadas pelo braço Onnipotente de seu Esposo para vencerem tantos infortúnios na sua peregrinação. Estas prudentes Virgens, que o Céu encaminhou para a ínclita Cidade de Lisboa, elas deram assunto a este livro, e foram Autoras de dois³⁹¹ tão exemplares Mosteiros, que militam debaixo da Regra de Santa Brízida.

Na observância daquelas virtuosas, e primeiras filhas de sua Madre Santa Brízida, que aparecem na nossa Lisboa, depois se erigiu o Mosteiro da Conceição de Marvila, que floresce³⁹² em observância, e Religião, edificando de sorte o seu regular modo de vida, que é esta Casa benemérita da universal estimação da Corte. Assim será este livro estimado dos devotos, e curiosos, e é digníssimo da licença, que se pede, para se imprimir. Este é o meu parecer. Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa, na Casa de nossa Senhora da Divina Providência, 5 de agosto de 1744.

D. António Caetano de Sousa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa, 24 de setembro de 1744.

Vaz de Carvalho.
Costa.

³⁹¹ No original, *dous*.

³⁹² No original, *florece*.

[segundas licenças]

Está conforme com o original. Lisboa, 9 de abril de 1745.

D. João Evangelista.

Visto estar conforme com original, pode correr. Lisboa, 27 de abril de 1745.

Fr. R. de Alancastre.

Silva.

Abreu.

Amaral.

Almeida.

Trigoso.

Está conforme com o original. Lisboa, e Congregação do Oratório em 5 de maio de 1745.

Manoel Monteiro.

Pode correr. Lisboa, 5 de maio de 1745.

D. J. Arceb.

[taxa]

Que possa correr, e taxam³⁹³ em trezentos reis. Lisboa, 8 de maio de 1745.

Pereira.

Vaz de Carvalho.

[privilégio]

Privilégio

D. João por graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em África Senhor da Guiné, etc. Faço saber, que a Madre Soror Mariana Josefa da Glória, Religiosa do Convento de Marvila, me representou por sua petição, que ela estava imprimindo com licença minha o livro intitulado: *Notícias da prodigiosa fundação do Convento de Marvila*, de que era Autora a Madre Soror Maria Madalena de S. Pedro. E porque fazia com ele uma grande despesa, e se temia que algum Impressor, ou outra alguma pessoa lhe imprimisse, ou mandasse vir de fora, sendo isto prejuízo seu, pedindo-me lhe fizesse mercê conceder-lhe o privilégio costumado, de que dentro de dez anos ninguém pudesse imprimir, nem mandar vir de fora o dito livro, sem consentimento da suplicante. E visto o que alegou, e informação, que se houve pelo Corregedor do Cível da Cidade António da Costa Freire, e resposta do Procurador de minha Real Coroa, a que se deu vista, e não teve dúvida: Hei por bem conceder à suplicante o privilégio, de que trata, por tempo de dez anos, para dentro dele

³⁹³ No original, *taixam*.

nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que seja, poder imprimir, vender, nem mandar vir de fora do Reino o dito livro sem licença da suplicante, pena de lhe serem tomados todos os volumes, que lhe forem achados, para a mesma suplicante, e de pagar cinquenta cruzados, metade para a minha Câmara³⁹⁴ Real, e a outra metade para o acusador, cumprindo-se esta Provisão, como nela se contém, e valerá, posto que o seu efeito haja de durar mais de um ano, sem embargo da Ordenação do livro segundo, título quarenta em contrario. De que se pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregarão ao Tesoureiro deles a folhas cento do livro segundo de sua receita, e se registou o conhecimento em forma no livro nono do registo geral a folhas trezentas e trinta e quatro verso. El Rei nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pelos Doutores Gregório Pereira Fidalgo da Silveira, e José Vaz de Carvalho, ambos do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço. António da Fonseca a fez em Lisboa a onze de março de mil setecentos e quarenta e cinco anos. João Galvão de Castelo-Branco a fez escrever.

Gregório Pereira Fidalgo da Silveira.
José Vaz de Carvalho.

Por resolução de S. Majestade de 15 de fevereiro de 1745 em consulta do Desembargo do Paço.

José Vaz de Carvalho.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Oficiais trezentos e quarenta reis. Lisboa, 13 de março de 1745.

D. Sebastião Maldonado.

Registada na Chancelaria mor da Corte, e Reino no livro de ofícios, e mercês a fol. 96 Lisboa, 13 de março de 1745.

António Lopes da Costa. Gratis.

[textos laudatórios]

Em louvor da Autora deste livro

Soneto

Só Maria nas prendas peregrina,
Nas ações, e virtudes decantada,
Podia com elegância sublimada
Ao mundo publicar hoje esta mina.

Humana não parece, mas Divina,
Quando nos mostra aqui ressuscitada
Tal notícia, que deve ser louvada
Desde esta esfera opaca à cristalina.

³⁹⁴ No original, *Câmera*.

A Fama reverente lhe prepara
Para aplausos, e culto seus altares,
Sem segunda aclamando-a no seu Templo.

Viva sempre feliz, ativa, e rara,
Pois de suas Irmãs tão exemplares
É já retrato puro, e vivo exemplo.

De um Anónimo.

À Muito Reverenda Madre Maria Madalena de S. Pedro escrevendo a História da fundação do Convento de Marvila da Ordem de Santa Brízida, e as vidas de algumas Religiosas, que nele floresceram³⁹⁵ com opinião de santidade.

Romance heroico

Escreves tão sábia, e tão discreta
A nobre fundação desse Mosteiro,
Que eu, que admiro o vosso estilo culto,
Que tudo é *Maravilha*, já contemplo.

Por uma das do mundo celebradas
Se conhece dessa Obra o desempenho;
Mas a vossa, que risca a vossa pena,
A todas oito serve de modelo.

Os muros de Babel, do Egito a Torre,
De Olímpico a imagem, de Diana o Templo,
Pirâmides, Mausóleo, e o grão Colosso
Foram os sete celebres portentos.

Não pasmem os que lerem das Histórias
Esses, que consumiu voraz o tempo;
Pasmem sim os que virem neste livro
Uma obra, que ainda excede o pensamento.

Perdurável será na Eternidade
Este padrão do vosso entendimento,
Em que leiam escritos os vindouros
Por vossos elogios os exemplos.

Até agora viviam sepultadas
As memórias no escuro esquecimento;
Mas agora, escrevendo a vossa pena,
Fazeis com que uma vez fale o silêncio.

la correndo o tempo, sem que houvesse
Quem no mundo deixasse estes segredos,
Até que vós quisestes neste livro
Dar-nos relação destes mistérios.

Só foi da Providência alto destino
Influir-vos tão sábio, e nobre intento,
Para que neste livro se admirasse

³⁹⁵ No original, *floreceram*.

Do de Brízida o nobre paralelo.

Se seguis de tal Mãe a disciplina
Na santa imitação dos documentos,
Que muito, que imiteis na vossa empresa
Aquela pena, que descreve o Eterno?

Tudo, quanto escreveu Brízida Santa,
Tinha lido primeiro em Deus Imenso,
Que é livro, em que se lançam as memórias
Dos seus indultos, e dos seus decretos.

Ali também vós lestes tudo, quanto
Referis neste livro tão discreto,
Pois tudo são grandezas, graças tudo
Da Omnipotente mão, do eterno peito.

Tinha já decretado a Providência
Um novo Céu formar em um deserto,
E sobre vivas pedras de virtudes
Erigiu os primeiros fundamentos.

Sobre montes de Santos toda a Glória
Fundou Deus para seu eterno assento,
Onde habita, e descansa a Divindade
Com perfeita união, paz, e sossego.

Quando quis que descesse das Esferas
A Cidade celeste do Cordeiro,
Fez que ornada de todas as virtudes
Luzisse, como brilha o Firmamento.

Qual Cidade do Céu descendo à terra,
Vejo que se erigia este Convento,
Sendo a mente Divina a nobre ideia,
E sendo Deus de tal obra o arquiteto.

Sobre as pedras, e sobre os montes santos
Formando o Claustro tão sagrado vejo,
Em que se encerram tantas Heroínas,
Como estão publicando os monumentos.

Falem as campas, falem os sepulcros,
E verão que nos dizem os seus ecos,
Que descansam naquelas cinzas frias,
Ainda vivas, as pedras para exemplo.

De todas as virtudes sempre ornada
Essa Casa de Deus eu considero,
Tendo os sólidos firmes alicerces,
Onde a santa *união* tem o seu centro.

Assim nos dais a ler em tantas vidas,
Quanto assombros penitentes vemos,
Em que respiram por celeste impulso
Da mesma Divindade os privilégios.

Vemos outras matronas, que elevadas

Sobre o seu mesmo ser, que era terreno,
Esquecidas do mundo, em que viviam,
Desprezaram seus bens pelos eternos.

Outras vemos que a Deus se consagraram
Com tão discreto amor, e tal desvelo³⁹⁶,
Que ao mesmo Deus amantes serviriam
Ainda sem a esperança do seu prémio.

Estas são as que formam nesta História
O sagrado catálogo, perfeito
Exemplar das virtudes mais sagradas,
Nobre ideia dos mais finos extremos.

Não podia empregar-se a vossa pena
Em mais sagrado superior objeto,
Porque tem o desta Obra tal grandeza,
Que excede com razão todo o conceito.

Leiam todos nas vidas das Matronas,
Que escrevestes com tão sagrado empenho,
Vivos os desenganos do caduco,
Inegável exemplo do desprezo.

Aprendam nas ações, que praticaram,
Das virtudes mais raras os excessos,
Imitando na vida, que respiram,
A do amor do celeste, e do supremo.

Ensinaí, Doute Pena, o mundo todo,
Que ignorante tropeça em tantos erros;
Sejam vossas doutrinas as emendas,
Sejam vossos conselhos os acertos.

Escrevei para glória desse Claustro,
Para glória imortal do vosso engenho,
E saiba o mundo tudo, quando encerra
Esse Céu, que na terra vejo aberto.

De um Académico Anónimo.

Soneto

Lê, ó pio Leitor, sem impiedade
Esta História, que julgo das melhores;
Atende deste Claustro aos Fundadores,
Destas vidas imita a santidade.

Aprende deste livro na igualdade
A formar os progressos superiores,
Que podes pretender³⁹⁷ iguais louvores,
Estudando aplicando esta verdade.

³⁹⁶ No original, *disvelo*.

³⁹⁷ No original, *pertender*.

Procura trazer sempre na memória
Tão nobre narração, em que contemplo
A mais feliz ideia de alta glória.

Na fama, como aqueles, lavra um templo;
Vale-te, ó Leitor pio, desta História,
E serás, como eles, outro exemplo.

Pelos mesmos consoantes

Soneto

Fora, ó sabia Heroína, alta impiedade
Julgar a este emprego esses melhores,
Porque excede às ações dos Fundadores
O vosso engenho, e a vossa santidade.

Deste nobre volume na igualdade
Os discursos se vem mais superiores³⁹⁸,
E sempre se medirão os louvores
Pelos nobres excessos da verdade.

Bem sei que eles, de quem fazeis memória,
Acreditam o Claustro; mas contemplo,
Que este interessa mais na vossa glória.

Pois por vós se divulga deste Templo
A fundação eterna pela História
A virtude constante pelo exemplo.

Soneto

Mostrais a fundação, e o fundamento
Desse Claustro feliz com tais primores,
Que à História, e discursos superiores³⁹⁹
Deu vosso engenho igual merecimento.

Indecisa a razão neste portento
Não sabe a quem dirija seus louvores,
Se à notícia daqueles Fundadores,
Ou se às lições do vosso entendimento.

Uma, e outras elevam com tal glória
A nossa suspensão, que igual combina
Aquela fundação com esta História.

Qualquer delas é grande no que ensina,
Uma para os empregos da memória,
Outra para os progressos da doutrina.

³⁹⁸ No original, *supriores*.

³⁹⁹ No original, *supriores*.

Perguntas, e respostas.

Soneto

Que História será esta? É um portento.
E nela que se diz? Coisas⁴⁰⁰ mui altas.
Nada lhe falta? Não, que não tem faltas.
Oh, quem ma dera ler! Pois lê atento.

Quem correu para ela? O entendimento.
Deve ser elevado? A muito faltas.
Deve ser singular? Pouco o exaltas.
Deve ser superior⁴⁰¹? Tem mais aumento.

Que se nos segue dela? Grande glória.
Quem é o seu Autor? Uma Heroína.
Ó História fatal! Ó alta História!

Para que a compôs? Para doutrina.
Por que causa a imprimiu? Para memória.
Contra quem a escreveu? Contra a ruína.

Soneto

Esse egrégio primor, com que à porfia
Da notícia ilustrais este portento,
Quando ao Claustro acredita o fundamento,
Faz imortal a vossa soberania.

Indeciso na ação da bazarria
Não sabe a quem mais deva este Convento,
Se aos progressos daquele entendimento,
Se aos empenhos da vossa fidalguia.

Uns, e outros merecem da memória
Ser assunto; porém inda que oculto,
É maior vosso excesso, que esta História.

Pois (posto que parece igual o indulto)
Se o discurso lhe faz patente a glória,
Esta impressão lhe deixa eterno o culto.

[no fim, protestação]

Protestação

Por me insinuarem deixasse feita esta protestação, para com ela se atalhar todo o reparo, que pode sobrevir a estas narrações, protesto que o dar o título de Venerável, ou me explique de algum modo, que pareça veneração, não é a minha tenção dar-lhe outro lugar na opinião de todos, mais que unicamente aquele, que mereceram as suas virtudes; porque estas pessoas, das quais escrevi as vidas, foram singularmente exemplares, e procuraram muito ser perfeitas: mas não aspirei a sublimá-las ao

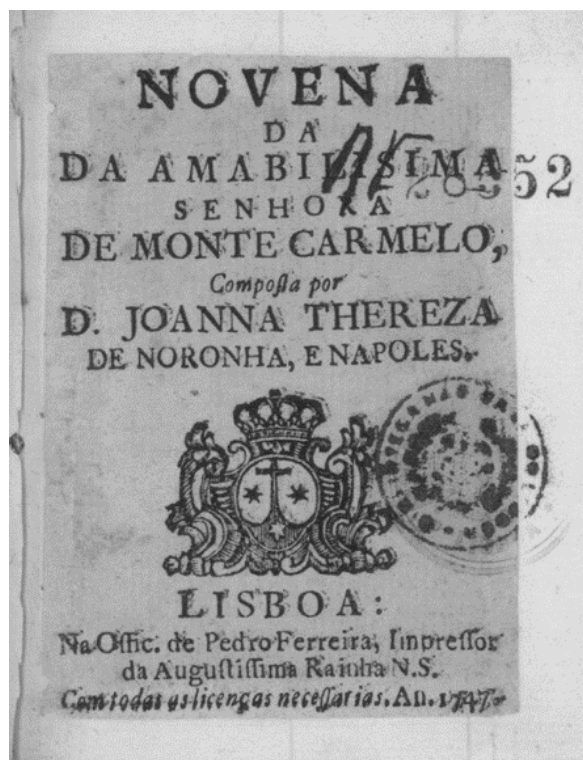
⁴⁰⁰ No original, *cousas*.

⁴⁰¹ No original, *suprior*.

alto cume da santidade, porque tudo o que relato somente merece aquela fé humana, que piamente se pode dar às notícias, que refiro dos seus bons exercícios. E suposto foi tudo revisto pelos Padres da Companhia de Jesus, e de outros sujeitos doutos de várias Religiões, se os meus Superiores entenderem excedi, como ignorante, em alguma matéria, me submeto a toda a emenda, que lhe quiserem pôr; porque o meu desejo é submeter-me com o mais profundo respeito, e obediência às suas disposições, e observar, e venerar os Decretos Pontifícios.

Soror Maria Madalena de S. Pedro.

Anexo 34 – Novena da amabilíssima Senhora de Monte Carmelo (1747)



[frontispício]

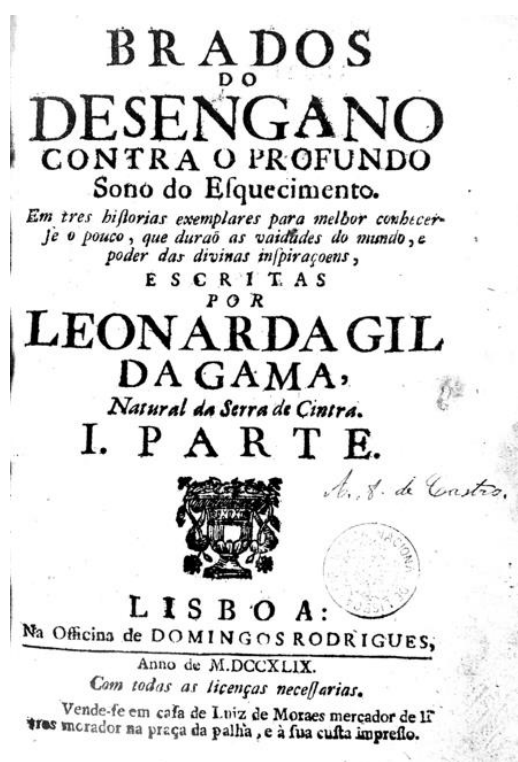
Novena da amabilíssima Senhora de Monte Carmelo, composta por D. Joana Teresa de Noronha, e Nápoles.

[gravura com brasão dos Carmelitas]

Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, Impressos da Augustíssima Rainha N. S.

Com todas as licenças necessárias. Ano 1747.

**Anexo 35 – Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento
(1749)**



[frontispício]

Brados do Desengano contra o Profundo Sono do Esquecimento. Em três histórias exemplares para melhor conhecer-se o pouco, que duram as vaidades do mundo, e poder das divinas inspirações, escritas por Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra.

I parte

[arabesco]

Lisboa, na Oficina de Domingos Rodrigues, Ano de MDCCXLIX

Com todas as licenças necessárias.

[informação de venda]

Vende-se em casa de Luís de Moraes mercador de livros morador na praça da palha, e à sua custa impresso.⁴⁰²

⁴⁰² À exceção do frontispício, os paratextos (prólogo, licenças, segundas licenças e textos laudatórios) desta edição de 1749 são iguais aos da edição de 1736, pelo que não se transcrevem aqui. A outra diferença entre os dois exemplares reside na errata presente na edição de 1736, mas não de 1749 (tendo as correções sido inseridas no texto).

Anexo 36 – Reino de Babilónia, ganhado pelas armas do empíreo (1749)



[frontispício]

Reino de Babilónia, ganhado pelas armas do empíreo. Discurso moral escrito por Leonarda Gil da Gama, Natural da Serra de Sintra.

Oferecido ao Senhor Francisco Ferreira da Silva, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, etc.

[gravura]

Lisboa: Na Oficina de Pedro Ferreira Impressor da Augustíssima Rainha N. S.

Ano MDCCXLII

Com todas as licenças necessárias.

[informação de venda]

Vende-se no largo da Conceição velha, nas casas dos Religiosos do Carmo em todo cima, e outros livros curiosos.

[dedicatória]

Dedicatória ao Senhor Francisco Ferreira da Silva, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, etc.

O agradável influxo da benignidade que no ânimo de Vossa Mercê firmemente assiste me atraiu a buscar na sua proteção seguro amparo a este volume, que lhe ofereço, sem receio de que Vossa Mercê se dê por ofendido da limitação desta oferta, pois, ainda que pareça pequena na extensão, é muito grande no afeto com que a executo, e inclui (segundo publica o título que lhe dá a

sua discreta e ilustre autora) não menos que a grandeza de um Reino o mais opulento e com as mais felices armas conquistado. Donde venho a persuadir-me que nem eu podia a Vossa Mercê mais oferecer, nem a minha obrigação podia buscar melhor meio para gratificar o muito que a Vossa Mercê me reconheço devedor.

A magnificência deste livro, no título que lhe dá a sua autora, parece-me que se acha desempenhada nos elegantes e discretos discursos desta obra; pois bem parecem do Empíreo os conceitos morais que, com invencíveis armas de claros desenganos, forçosamente hão de deixar vencidos os que na Babilónia deste Mundo militam desenganados, causa por que entendo que este livro mui semelhante⁴⁰³ àquele que o Profeta Zacarias disse que viu vir voando: *Vidi, & ecce volumen volans*⁴⁰⁴, para confusão ou maldição dos vícios: *Et haec est maledictio*, para glória das virtudes, crédito da Nação Portuguesa e lustre da família Seráfica, de que é ilustre filha a sua autora. Esta é a grandeza e soberania da obra que neste pequeno volume a Vossa Mercê com atenciosa veneração ofereço, para que debaixo do seu feliz amparo possa ser defendida da calúnia dos críticos e estimada dos discretos e doutos. Igualmente pretendo, por este meio, mostrar do modo que posso o grande desejo que tenho de gratificar a Vossa Mercê o muito que me reconheço seu obrigado, que certamente com mui extensas expressões o referira (como ordinariamente fazem os que dedicam livros) se não reconheceria a dificuldade desta empresa; basta-me porém dizer que o muito que a Vossa Mercê sou devedor me impele a pedir-lhe, se quisesse dignar de consentir, que eu lhe dedicasse esta obra, a qual, amparada com a sombra do seu nome e dos seus ilustres apelidos de Ferreira e Silva, entendo que aparecerá no teatro do Mundo defendida dos golpes da calúnia e habilitada para que todos a leiam com estimação e vejam com respeito.

Bem sei que quem costuma dedicar um livro cuida muito em exagerar a esclarecida nobreza e ilustres merecimentos do sujeito que escolhe para seu protetor e patrono. Mas como reconheço que tudo quanto neste particular podia dizer não havia passar de uma simples narração, que, por limitada, mais havia de servir de desabono que de elogio, me resolvi a deixar sepultado no silêncio o em que não posso deixar de ser diminuto. Se eu pudera gravar em um cingulo todas as estrelas, como fez Salamão, ou debuxar em um vestido todas as flores, como disseram os Antigos que fizera Júpiter, não teria dúvida em que me animar a fazer uma florente e mui alta árvore, ornada dos ilustres ramos de que Vossa Mercê descende; nem também me seria mui difícil referir as morais virtudes de que Vossa Mercê se adorna. Mas, como não me é possível investigar⁴⁰⁵ empresa tão árdua e subida, não quero que este desalinhado obséquio da minha tosca pena escureça o esclarecido lustre da sua descendência e o relevante merecimento das prendas de que a sua pessoa se acha adornada.

O que suposto, corto pelas longas páginas que podia encher de seus louvores, se me animasse a referir a ilustre nobreza de que Vossa Mercê se pode sem vaidade jactanciar e os acertados procedimentos com que Vossa Mercê se sabe haver, tão senhor de si, que pode servir de exemplo de modéstia e norma de prudência, causa por que me atrevo a dizer, sem receio de parecer encarecido, que adquiriu Vossa Mercê por sorte ou por providência, uma alma que, se a escolhesse por eleição a mão mais ambiciosa, parece-me que não elegeria outra. Julgo que este elogio vem para Vossa Mercê mui próprio e entendo que não se pode supor que é nos palácios da lisonja fabricado, pois Salamão o fez a si mesmo. Não quis Salamão jactanciar-se do real sangue que pulsava nas suas veias, nem da magnificência das suas riquezas, domínios e estados, mas não se atreveu a calar a jactância, que tinha

⁴⁰³ No original, *semelhante*.

⁴⁰⁴ Nota lateral: "Zac. 5. v. II V. 3."

⁴⁰⁵ No original, *investigar*.

de lhe ter dado uma tal arma a divina providência. *Puer autem eram ingeniosus, & fortitus animam bonam.*⁴⁰⁶ Isto que Salamão chegou de si a afirmar posso eu de Vossa Mercê dizer, sem receio de que pareça lisonja, pois quem a Vossa Mercê conhece não deixa de ter desta verdade cabal experiência. A que tenho do muito que lhe sou obrigado me excita a fazer-lhe oferta deste livro que a minha veneração lhe dedica; e ainda que não ignoro que é limitado obséquio, também sei que o seu generoso ânimo não se agrada tanto do procedimento da quantidade como da qualidade. Por isso espero que seja de Vossa Mercê bem aceito, e também não duvido que, pondo-lhe os olhos do seu agrado, será de todos bem visto. A pessoa de Vossa Mercê guarde Deus por muitos e felices anos, para que tenha a honra de me confessar perpetuamente.

A Vossa Mercê

Mais humilde venerador

Reinério Bocache

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Fr. Manuel do Rosário, Mestre em S. Teologia, Consultor do Santo Ofício e Cronista da Ordem dos Pregadores.

Eminentíssimo e reverendíssimo Senhor

Na alusão e parábola de uma rústica aldeã com o suposto nome de Angélica, conquistada a desvelos⁴⁰⁷ de um soberano Príncipe, descreve a disfarçada Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra, a conquista de uma alma da despótica⁴⁰⁸ e ímpia jurisdição da infernal Babilónia para a celestial Jerusalém.

Todo é parabólico e alusivo e todo igualmente devoto que discreto volume, não só pelo artefacto, mas pelo artífice, e soube quem o fabricou dar tão vivas cores a esta parábola, que arrebatadas docemente as potências se deixam levar da cópia pelo original e se namoram da mesma sombra para seguir a luz.

É compilatíssimo este nome da famosa serrana de Sintra para este género de escritos. Apenas se lê na primeira folha de muitos livros que hoje nobilitam e enriquecem a República literária, logo desperta novos estímulos a Esperança, para encontrar no volume uma discretíssima alusão, respirando suavemente ternura, doutrina e discrição.

Célebre nas cartas geográficas, topográficas e náuticas, conhecia eu até agora a famosa Serra de Sintra, não só por ser conhecido promontório aos marinheiros, mas por contribuir das suas entranhas os mais preciosos materiais às mais sumptuosas fábricas. Nos séculos futuros a fará mais conhecida a sua famosa serrana nas Bibliotecas dos Escritores, na memória que deixarem de seus discretos volumes.

Não sei como a curiosidade tão própria da corte não tem levado a muitos a descortinar as suas penedias, com a Esperança de encontrar com o berço desta célebre serrana. Mas já me persuado que,

⁴⁰⁶ Nota lateral: "Sap. 8. V. 9."

⁴⁰⁷ No original, *disvelos*.

⁴⁰⁸ No original, *dispótica*.

assim como Leonarda Gil da Gama descobriu sempre na sua, por mais que disfarçada, Angélica, tantos ressabios da terra hereditária do Campo Damasceno, não menos puderam ocultar tão afetados disfarces da serrana de Sintra os ressabios que a inculcam toda de corte, para o descobrir sem rebuços a Esperança.

Com furor poético, e não só com picante mas sanguinolenta pena, escreveu Eurípedes, tão declarado inimigo das mulheres, que, depois de largas sátiras, chegou a dizer que tudo o que se achava escrito em desdouro seu por vários autores era última vontade sua que a ele se atribuísse, e só invejava a quem o escrevera, porque de tudo o que disse e podia dizer-se só ele queria ser autor. Agradeça-lhe o sexo tão extravagante como ímpio desejo, e a alguns sectários seus, se ainda os há. Mas o certo é que não se faz acedor a tão irracional censura um sexo que tão largo assunto tem dado a copiosos Catálogos de Heroínas famosas, não só nos antigos, mas nos modernos séculos, não só nos estranhos, mas nos próprios e vizinhos⁴⁰⁹ países. Ainda hoje Espanha, fecunda Mãe de grandes engenhos, podendo gloriar-se de tantas heroínas no seu continente, soberba e ufana se jacta da sua célebre Sórora Joana Inés de la Cruz, de México, de engenho tão raro, que se atreveu a entrar a duelo com o gigante engenho do incomparável Vieira, e só⁴¹⁰ não roubou a clava das mãos de Hércules para ficar com triunfo: *Magnis tamen excidit ausis*.

Mas não se jacte Espanha, que as artes e ciências são tão vinculadas ao influxo do seu terreno, que se comunicam das aulas aos estrados, das disputas e literárias fadigas aos enleios do espelho e almofada; e para que não fique com aquela jactância podendo Portugal formar lustrosa esquadra de discretíssimas heroínas que enobreçam o orbe literário, sai a campo a famosa serrana de Sintra, cujo engenho culto, discreto, pio e doce ensinando recreia e persuadindo suavemente arrebatada.

Isto é o pico que a famosa Leonarda Gil da Gama soube dar às suas obras, podendo delas Horácio, corrigindo o verso e mudando o género, para crédito do sexo, escrever que chegara nos seus escritos ao último ponto: *Omni tullit puntum, quae involvit utile dulci*. E como neste segue o mesmo estilo sem discrepância⁴¹¹ aos ápices da fé e consonância aos bons costumes, me parece digno da estampa. V. Eminência mandará o que for servido.

Convento de S. Domingos de Lisboa, 21 de abril de 1746

Fr. Manuel do Rosário

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Tomás de São José, Presentado em a Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Definidor⁴¹² atual, Ministro que foi do seu Convento de Santarém e do de Lisboa, etc.

Eminentíssimo e reverendíssimo senhor

Por mandado de V. Eminência vi este livro, que com o título de Reino de Babilónia ganhado pelas armas do Império⁴¹³ intenta imprimir Manuel da Silva, autora a célebre Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra, e confesso a V. Eminência que, logo que reparei em tal nome e em tal livro, assentei que nele havia de achar algum tesouro precioso, ainda que escondido, e não me enganei no meu discurso, porque tudo quanto neste livro examino, ainda que precioso, é escondido. É precioso

⁴⁰⁹ No original, *vezinhos*.

⁴¹⁰ No original, *se*.

⁴¹¹ No original, *descrepância*.

⁴¹² No original, *Difinidor*.

⁴¹³ No original, *Império*.

este livro pela matéria de que trata; é precioso pelo estilo que nele se admira; é precioso pela frase com que se adorna; e é precioso pela poesia com que se reveste. Porém, sendo este livro tesouro tão precioso, é também um tesouro escondido. É escondido pelo nome da autora, que só em anagrama se declara; é escondido pelo método, que só em parábolas se explica, e é escondido pela terra em que diz se gerou, porque na aspereza de uma serra se disfarça.

Mas que importa que este tesouro mostre ser gerado nas asperezas de uma serra, se logo se conhece que tem a sua origem nas delícias de uma corte? Que importa que a matéria deste livro seja toda enigmática e parabólica, se a doutrina é muito clara e sublime? Que importa que a sua autora se queira fazer rústica e serrana, se a fama das suas virtudes e escritos declara a sua pessoa, sábia e ilustre e dá a conhecer o seu nome por Magnífico e glorioso? Que importa que a sua humildade a pretenda⁴¹⁴ esconder nos apertos de uma clausura, se as virtudes em que resplandece a fazem luzir fora dos limites da melhor Esperança? Que importa, finalmente, que neste livro tudo sejam enigmas e disfarces, se nele vemos claramente como pelas armas do Empíreo⁴¹⁵ se pode ganhar o Reino de Babilónia ou como uma alma pode ficar rendida aos afetos suaves do seu Esposo Divino?

Na Serra de Sintra há pedras, fontes e plantas. E assim, se a autora quiser conservar desta Serra a naturalidade, seja muito embora serrana, mas advirta que com o seu engenho e arte se converteram as pedras toscas em diamantes preciosos, as fontes de cristal em afluências de sabedoria e as agrestes plantas em sazoados frutos, todos tão bons e admiráveis quantos são os seus livros que tem composto, como excelentes partos de seu entendimento fecundo, os quais, ao mesmo tempo que recreiam as potências, servem de admiração aos sábios.

Mas que muito, se esta ilustre e discreta pastora se jacta de ter na Serra de Sintra o seu assento e solar, e quem tem assento e tal solar há de ser necessariamente luzida e exaltada? É a Serra de Sintra chamada comumente pelos historiadores o monte ou promontório da Lua, e quem tem debaixo dos pés a Lua, ou o monte da Lua serve de solar ou assento, que há de ser se não uma matrona luzida, uma heroína exaltada e luzida, como aquela misteriosa mulher que viu São João no seu Apocalipse Cap. 5. *Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus eius, & in capite ejus corona stellarum duodecim*?

Seja pois muito embora esta famosa pastora natural da Serra de Sintra, que, quando se quer mostrar mais humilde, então se vê luzida como o Sol, tão fidalga como as mesmas estrelas e tão exaltada, que a mesma Lua lhe serve de solar ou trono. Oculte muito embora estas luzes na parda nuvem de um saial, que quando o Sol se vê entre nuvens então comunica mais ativos os resplendores; esconda muito embora a sua glória nas brenhas de uma serra, porque mal se pode ocultar quem como racional cidade está fundada sobre a eminência de um monte: *Non potest civitas abscondi super montem posita* (Mat. 5). Diga finalmente que teve o seu nascimento na terra; porque sempre no seu nome se admira alguma coisa⁴¹⁶ da Glória.

E à vista disto, que hei de dizer a V. Eminência, se não que este livro é digníssimo de sair à luz e de se estampar nos corações de todos. Pois não tem coisa⁴¹⁷ que ofenda os dogmas da nossa santa Fé ou bons costumes, antes nele acharão todos para a reforma dos costumes um grande incentivo, para a firmeza da Fé, uma forte coluna, para crédito da Nação, uma mortal glória, e para o Catálogo das Heroínas Portuguesas, mais esta sapientíssima pastora. Assim me parece: V. Eminência mandará o que for mais justo.

⁴¹⁴ No original, *pertenda*.

⁴¹⁵ No original, *Império*.

⁴¹⁶ No original, *cousa*.

⁴¹⁷ No original, *cousa*.

Trindade Lisboa, 18 de julho de 1746.

Fr. Tomás de São José

Vistas as informações, pode imprimir-se o livro de que se trata, e depois de impresso torne para se conferir e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa, 22 de julho de 1746.

Fr. R. Alencastre.

Silva.

Abreu.

Amaral.

Almeida.

Do Ordinário

Aprovação do Muito Reverendo Mestre Fr. João de São José, Monge Beneditino.

Excelentíssimo e reverendíssimo Senhor

Com a mais pronta obediência satisfaço expondo o que sinto em a matéria que Vossa Excelência me manda ponderar e acerca da qual se digna ouvir o meu parecer. O argumento da obra intitulada *Reino de Babilónia* julgo sublime; a nobreza e gravidade com que se expõe, excelente. A alegoria moral e ascética leva constante a discreta pena da excelentíssima escritora, que judiciosamente elegeu este agradável método para combater o fastio do coração humano ou desterrar a náusea que alguns menos devotos conservam aos assuntos pios. Já o grande Orígenes ideou ou, para melhor dizer, amplificou esta máquina (primeira fantasia⁴¹⁸ do ímpio Luciano em discurso seguido) valendo-se do artifício alegórico em o terceiro século, com mais celebridade que muitos dos antigos escritores da Grécia, da África e do Lácio. Mas duvida-se ainda se conseguiu vencer a displicência ou se a aumentou, como presume um judicioso crítico.

Não enfastia a presente obra, antes pela suavidade de que está cheia lhe sucederá o mesmo que se representou a Apolo em os Ragualhos de Trajano Bocalino. Presentara-se ao fingido Númen aquela decantada e, no seu género imortal, composição, o Pastor Fido do Cavalheiro Guarini, e, devorando-a Apolo, lambia os dedos, diz o satírico escritor. Com mais verdade e fundamento discorro que, oferecendo-se ao público este livro, como em o Apocalipse outro a S. João para o devorar, gostando os leitores de tanta espiritual delícia, em o suavíssimo composto experimentarão a doçura que na língua e pena do Evangelista se explicou em um favo. Para mais suavizar-se concorrem as expressões líricas que contém. E era justo que, se para o humano agrado se conspiraram algumas penas portuguesas, quais foram entre muitas as de Bernardino Ribeiro, Jorge de Montemayor, Francisco Rodrigues Lobo, nas Saudades, na Diana e na Primavera, se aparassem e apurassem outras penas em que excedesse o pio ao profano. Assim discorreram no século passado em Espanha o grande e espiritualíssimo varão Dom João de Palafoz, compondo aquela artificiosa alegoria que intitulou *Pastor de noche buena*, e o ilustrado espírito do autor do *Deseoso*, que dizem ser um místico grande da Venerável Congregação de S. Jerónimo. Merecendo bem por esta causa a presente obra não só o

⁴¹⁸ No original, *fantasia*.

nome de celeste como de outra perguntava ou duvidava Estácio, mas pelo objeto o título de divina e, se fora decente, dissera o mesmo da escritora. Dissera com mais razão que do Ariosto a Itália, porque se este usurpa o nome de divino, apesar dos deslizes que afeiraram no Orlando os afetos de Angélica e Medoro, merecendo diferente conceito, como exprimiu com verdade o pai da mentira por boca de um energúmeno, dizendo, ao entrar pela porta da Igreja certo eclesiástico, que trazia consigo Orlando: Deixem vir o meu Sacerdote, que traz em o seio o meu Evangelho (refere-o o douto D. Alamim). A discretíssima serrana, que purifica os afetos de Angélica, fazendo se entranhe nos corações a celestial doutrina, com menos violência usurparia o epíteto. Mas deixados hipérboles, desejara unicamente a pena áurea, que Paulo Jovio afirmava sabia aplicar aos elogios para converter em o mais bem merecido a censura, atendendo a que é tão delicado o rasgo da pena da escritora, que ignora a sombra do grosseiro, por mais que intente acreditar-se rústica montanhesa, sendo para pastora muito cortesã, como do Pastor Fido escreveu um engenho. Eu bem sei que a soledade é amada dos espíritos contemplativos e que respira ou inspira um não sei quê, assim se explicou o Ovídio da Companhia de Hermano⁴¹⁹ Hugo. Mas se a autora se diz serrana, será no afeto, que em efeito e realidade tem muito de corte. Enfim, seja o que for, estilo tão cortesão é de terra que vê Palácio. Eu me persuadira que o templo de Cíntia, que deu nome ao promontório da Lua mais célebre do que o servir de baliza ao mundo, de termo ao oceano, podia pela eminência ser casa régia do Sol, maiormente sendo hoje convertido o monte em Parnaso, mas a celeste Urânia, que influi a pena da Escritora, não sei se ocupa outro monte. Em o de Sintra fazem eco as vozes desta serrana, e não é a primeira vez que em os montes fizeram eco as vozes de uma desenganada em hábito penitente, respeitada em todo o Mundo com o título de Madalena. Assim inspira em cláusulas sonoras o desengano, arruinando os muros de Babilónia com vozes, quando edifica outros com harmonia. E se a Conquista do Reino é sua, como de seus maiores foi muito particularmente a Restauração do nosso, deva o mundo a esta pena o que deveu Portugal a uma espada, e reconheça-se o impulso mais nobre, ainda quando herdado, derivando-se também pelas veias a da poesia, hereditária por sua discretíssima Mãe⁴²⁰, Cisne que admirou suspenso o pátrio Tejo nas ribeiras, e de que conserva distinta saudosa memória. Nem o Pai, que escolheu por vocação, deixa de influir, porque também São Francisco de Assis não só escreveu em prosa, mas aumentou o número dos Santos Padres que, excedendo o cômputo de cem, enobreceram as numerosas poéticas expressões. E contando a sua venerável dilatada família, do século treze até o princípio do presente, seis mil escritores e trinta e três escritoras, como observou um erudito Monge de S. Bento, gloriosamente se vê aumentado o cômputo nesta idade. Finalmente, a nobilíssima escritora, ainda quando encobre o nome por ocultar a Glória que resultaria, pode gloriarse de que escute Portugal em a esclarecida Religião Seráfica Penitente uma voz tão sonora e tão clara, não tendo que invejar a nossa corte à de Paris a harmonia com que escreve em prosa e verso a religiosíssima Senhora Sórora Madalena de Montemar, filha do Excelentíssimo Duque deste nome, e Monja Beneditina, que modernamente renova em França o esplendor com que contribuiu à mesma Ordem em sete volumes Sórora Jacquellina Bouette de Blemur em o século passado. Outros tantos são os volumes que a discreta serrana tem composto, de que estão seis impressos. Parece-me por crédito da Nação pode e deve Vossa Excelência concorrer para que, com brevidade, veja o sétimo a luz pública, e para que tenham as colunas da casa da sabedoria cada uma pendente um troféu, e as maravilhas do Mundo em que entravam os muros de Babilónia, à vista o desengano. E como para este

⁴¹⁹ No original, *Hermário*.

⁴²⁰ No original, *Mãe*.

se encaminha a Conquista, e para a posse da celestial Jerusalém a Esperança, julgo não ter coisa⁴²¹ contra a Fé ou bons costumes. Vossa Excelência mandará o que for servido.

S. Bento da Saúde, 3 de agosto de 1746.

Fr. João de S. José, Monge Beneditino

Pode-se imprimir o livro de que se faz menção e depois de impresso torne para se conferir e dar licença para correr.

Lisboa, 9 de agosto de 1746

Melo

Do Paço

Aprovação do Muito Reverendo Padre D. Caetano de Gouveia, Clérigo Regular da Divina Providência, etc.

Senhor:

Esta obra, que Vossa Majestade me manda ver não contém coisa⁴²² alguma contra o seu real serviço. Vossa Majestade ordenará o que for servido.

Lisboa, nesta Casa da Divina Providência, 22 de dezembro de 1746

D. Caetano de Gouveia, C. R.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar⁴²³, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá.

Lisboa, 7 de janeiro de 1747.

Almeida.

Carvalho.

Mourão.

[prólogo]

Ao leitor

Já quando a minha pena começou a entreter a minha melancolia⁴²⁴ na aplicação deste pequeno volume foi trazendo à memória mais a tua censura que a tua piedade. Mas quem escreve sem querer lisonjas do aplauso não teme a crítica, nem se alvoroça na esperança do louvor.

Não escrevi pelos ditames da ciência, que adonde a curiosidade só é a causa ficam desculpáveis os erros da ignorância, e podes, ou malévolo ou bem-intencionado, criminar ou não

⁴²¹ No original, *cousa*.

⁴²² No original, *cousa*.

⁴²³ No original, *taixar*.

⁴²⁴ No original, *malancolia*.

arguir, que um ânimo triste busque, no que ignora, o remédio, quando no a que se expõe leva o mal a que se arrisca, certo na ponderação de quem o condena.

Bem sei que discursos sem a utilidade acham contrário o juízo que os examina; mas quem como eu se paga de negar-se algumas horas às próprias imaginações não aplica a memória aos golpes da calúnia, senão ao que pode suavizar-lhe o ânimo, como se justifica nesta curiosa empresa de que, se disseres mal, lembra-te do que te expõe aos olhos o misterioso das pinturas, e nunca ficam de morte cor as estampas, que já levam retas as primeiras linhas.

Vale.

[textos laudatórios]

Em louvor da Autora

Romance hendecassilábico

Outra vez temerária a musa intenta
Elogiar aquele raro engenho,
A que todo o louvor desigual fica,
O que igualar não pode algum conceito.
Mas desculpe-me a mesma remontada
Esfera, a que a tosca pena eleve,
Que nunca proibido, mas louvável,
Será sempre ter altos pensamentos.
Por esta obra sexta em tudo prima
Ficaram em perpétuo esquecimento
As que de um polo a outro divulgado
Tem do clarim volante os claros ecos.
Não digo as cinco que lhe precederam
Vossas, mas sim as outras com que ao sexo
Ilustraram aquelas Heroínas
A que já erigiu a fama templo.
A todas elas digo, e dirão todos
As ventagens levais com tal excesso,
Que ainda as mais sábias pelo ser parece
Seguirem só os vossos documentos.
Prodígio, que finge a antiguidade,
Das doces liras de Anfião e Orfeu,
Que dos bosques as feras atraíam,
Que andavam para ouvi-los os penedos.
Grande coisa⁴²⁵ parece, mas já hoje
Se vê que nada foi, e é muito menos
Do que vossa pena os rasgos fazem,
Não as pedras, as almas suspendendo.
Não suspendais os voos, Águia Régia,
A luz não escondais, claro luzeiro,
Deixai que gire e que admirando ilustre
Os próprios e os estranhos hemisférios.
Levantai, levantai em mais escritos

⁴²⁵ No original, *cousa*.

Novos padrões, que ao vosso nome eterno
Façam nesta, e em todas as idades,
Da Pátria glória só Leonarda sendo.

De D. Joana de Noronha e Nápoles

Ao mesmo assunto

Soneto

Tal o estampido é, o engenho ardente
Da vossa erudição sempre aplaudida,
Que para Babilónia ser rendida
Basta que vós sejais quem a amedrente
Com armas do Empíreo preeminente.
À campanha saís, e quem duvida
Que, sendo impulso vosso, renda a vida
A mesma oposição irreverente.
Saís a conquistar com tantas galas
A néscia⁴²⁶ confusão da Babel forte,
Que o Sol se assombra em suas Régias falas.
De ver quando empenhais com feliz sorte
O escudo e pena da fermosa Palas,
Que vos cede troféus à eterna morte.

D. F. J. D. C.

Em louvor da Autora

Romance heroico

Douta heroína, venerado assombro,
Cujas prendas gentis raro talento,
Deixam em doces êxtasis do pasmo
A nobre perspicácia dos engenhos.
Ao mundo todo já ilustrado tendes
Com sábias produções, altos conceitos,
Vencendo as hidras de obstinados vícios
Hércules douto vosso entendimento.
São os vossos escritos simulacros,
Que por votos pendura no seu templo
A fama, que em harmónicas cadências
Vos soleniza assombro com seus ecos.
Esta pois remontada nos seus voos
Vos aplaude feliz por bocas cento,
Cujas excelsas vozes tem durado
O círculo feliz de todo um evo.
Vosso nome Sibila Lusitana

⁴²⁶ No original, *nécia*.

Concilia no mundo um tal respeito,
Que basta ouvir-se nele o nome vosso,
Para de adorações ser digno objeto.
Com as armas felices desse Empíreo
Sujeitais Babilónia ao vosso império,
De cujo vencimento ides formando
Uma coroa imortal, augusto império.
A este douto livro o mundo pode
Tributar oblações, votar incensos;
Porque outro sacrifício menos nobre
Não fora culto, fora sacrilégio.
Só vós, e mais ninguém, deste sagrado
Assunto explicais os mistérios;
Que progressos, que em tudo são heroicos,
Só com eles lidar sabem portentosos⁴²⁷.
Uma alma em cada cláusula discreta,
Deste volume a suspensões aberto,
Lhe infundis para as glórias do triunfo,
Fazendo eterno o próprio vencimento.
Tanta conquista a vosso pulso estava
Reservada; porque nele estou vendo,
Do nome aquela glória transferida
Que o Céu lhe destinou para este emprego.
Se ainda existira Babilónia antiga,
Esse de Semíramis⁴²⁸ trono excelso,
Mais, que daquela os triunfos celebrara
Por mais altos brasões vossos troféus.
A forte maravilha de seus muros,
Seus vistosos pênais mais que do tempo
Dessa vossa conquista o impulso raro
Ruidosos bustos já de si mesmos.
Todo um Céu animais para este estrago,
E em cada ideia lhe inspirais um incêndio:
Que mais glória pretende⁴²⁹ aquela ruína,
Que ver divinizado o rendimento?
Dita da pátria sois, do raciocínio
Ilustre sempre venerado excesso,
Devendo Lícia mais triunfos nobres
Mais, que as armas, a vosso entendimento.
Vossos escritos são os seus tesouros;
Mais preciosos que os do lídio Creso;
Vossa vida sua glória, e o mundo todo
Inda em sua extensão estreito templo.

Do Doutor António José Pestana, Médico Lisbonense

⁴²⁷ No original, *protentosos*.

⁴²⁸ No original, *Simíramis*.

⁴²⁹ No original, *pertende*.

À Senhora Leonarda Gil da Gama

Soneto

Valentona guerreira, e presumida,
Meia composta, e meia desgrenhada⁴³⁰,
Sem esperar de todo estar toucada,
Semíramis⁴³¹ se apressa enfurecida.

Não por Babilónia estar perdida
Cidade sua, basta haver cercada
Monta, capitaneia, leva a espada,
Foge o que a cerca vendo-a destinada.

A Babilónia conquistar não pode
O bárbaro por mais que empenha tudo;
Mas oh que as armas escolher não sabe.

Soube escolhê-las, e sem muito estudo,
Leonarda, e assim triunfa, pois lhe acode
O Empíreo com lança, espada, escudo.

De um cego com vista

Ao mesmo assunto

Soneto

Prostrado um Reino observa o entendimento,
O Céu vencido aqui mostra a memória;
Porque da Glória hoje é a vitória
Muito mais que do Empíreo o vencimento.

Este a impulsos do teu gigante alento
Do Céu à força aquele, diz a história,
Mais é ter triunfo um Céu da tua glória,
Que a terra ser troféu do Firmamento.

Esta ação deixa a terra persuadida⁴³²
Quando com tuas obras ocupada,
Que mais vive a fama já esquecida.

De maravilha estás justificada,
Quando só na Esperança introduzida
Já tens em prémio a Glória antecipada⁴³³.

De um principiante

Ao mesmo assunto

⁴³⁰ No original, *desgranhada*.

⁴³¹ No original, *Simíramis*.

⁴³² No original, *presuadida*.

⁴³³ No original, *antecipada*.

Soneto

Da cega Babilónia já se admira
A confusa desordem regulada,
Somente tua pena iluminada,
Luzes em tanto horror introduzira.

Sem poder subir mais, viu que subira
Por ti, do Empíreo a altura remontada;
Quando na sacra empresa decantada
Mais glória a sua glória conseguira.

Babilónia não julga por violência
A conquista; pois vê na douda história
Que elevações deveu à decadência.

Das armas do Empíreo cresce a glória,
Buscando por parcial tua eloquência,
Para a fama igualar com a vitória.

De João Manuel de Melo

Em louvor da Autora compondo este discreto livro

Soneto

Sábia Minerva, que de Apolo a lira
Celebra acorde tua invicta fama,
Prodígio de Castália hoje te aclama
O discreto furor, que a ti te inspira.

Única Fénix, que na ardente pira,
Batendo as asas tua musa inflama
Do alto pindo aquela verde rama,
Que cultos rende, quando mais te admira.

Tanto remontas teu canoro alento,
Que desse Empíreo as forças igualando,
Triunfos alcança o teu entendimento.

Em Babilónia os erros conquistando,
Te confessa da glória novo invento
O Sol, que a Esfera vai alumando.

De Henrique Félix Maldonado

Em aplauso do livro intitulado *Reino de Babilónia conquistado pelas armas do Empíreo*, composto por sua Autora a Senhora Leonarda Gil da Gama, e é sexta obra sua

Romance

Do mundo na sexta idade
Correndo apressado giro,
Por terminar no ocaso
Lá desse final juízo;

Deste infalível letargo
Donde a fé é objetivo,
A certeza desse quando
Só pertence ao infinito;
Das escrituras sagradas
Não consta o termo prefixo⁴³⁴,
Como não repugna a elas,
O poder estar propínquo;
Como são da onipotência
Arcanos todos divinos,
A providência incriada⁴³⁵
Lá reserva os seus abismos;
Porém como de abeterno,
Esse Deus Uno e Trino,
Dos possíveis em a massa
Tinha os mortais previsto.
Portentos do seu poder
Obrou, nas idades, cinco,
Que se terminaram quando
Nasceu o Redentor Cristo;
E por decreto absoluto,
Em a lei da graça, digo
Em esta sexta idade:
Mais ostentou seus prodígios
Sendo entre esses todos
O perclaro, e peregrino,
De uma Madalena Santa,
Que os pés de Cristo há ungido.
Porém outra Madalena
De quem fala este elogio,
(Leonarda Gil da Gama)
Da Glória, anagrama, afirmo;
Foi desempenho da graça
Haver esta luz nascido
Com tão soberanos dotes,
Naturais, e adquiridos;
Para ilustrar o Orbe
Com seus raios tão luzidos,
Quantos são caracteres,
De seus imortais escritos;
Dando à luz cinco volumes
Tão discretos, e eruditos,
Como os publica essa fama
Com seus ecos repetidos;
Em este texto tratado,
Tanto requintou o estilo,
Quanto a matéria elevada
Pois são rasgos do Empíreo,
E com armas tão celestes,

⁴³⁴ No original, *perfixo*.

⁴³⁵ No original, *increada*.

Bem se vê ficar vencido,
O Reino de Babilónia
Com tão portentosos tiros.
E sendo de Babilónia
Os muros, sexto prodígio,
Maior maravilha acho,
No assunto deste livro:
Pois com tanta elegância
Descreve os seus aforismos,
Que de Palas as ciências,
Parece as tem exaurido;
Se choveu grãos de ouro,
Por aquela haver nascido,
Orvalho de diamantes
Chovem desta em seus escritos;
As ciências em Atenas,
Aquela, lhes deu princípio;
Porém esta em Portugal,
Goza o nome científico,
Graças ao pai das luzes,
Com louvores repetidos,
Se devem dar: pois nos deu
Divinizado juízo;
E esse jardim de Clara
Donde floresce⁴³⁶ este lírio,
Aclame eternas ventages
Na posse de tal prodígio;
Pois sendo como se ostenta
Angélico Paraninfo,
São seus dogmas, só as armas,
Com que vence, lá no Empíreo;
E gozando cá na terra
Tantos lauréis merecidos,
Vos espera eterno prémio,
No celeste Paraíso.

Em louvor do Livro que se intitula Babilónia conquistada pelas armas do Empíreo

Soneto

Enfim, já Babilónia hoje domina
Melhor triunfo em teu sublime fado,
Se a soberba erigiu esse alto estado,
A humildade to assegura na ruína.

Conquistada te vês por mão divina
Assunto desse Empíreo venerado;
Se uma pena te tem só conquistado
Se não temeste o Herói, teme a Heroína.

⁴³⁶ No original, *florece*.

Sempre foram as armas da eloquência,
Por mais que débil sexo as esgrimisse⁴³⁷,
Triunfo, que se viu sem contingência.

Quem este livro escreve já o predisse
Nos termos mais discretos da veemência,
Nas obras da virtude, a mais felice.

D. F. X. B.

Religiosissimae & Illustrissimae D. Magdalenae à Gloria librum, Regnum Babyloniae, in lucem danti.

Epigramma

Nunc scio cur muris Babylona Semiramis urbem
Coctilibus cinxit, ne foret acta solo.
Senserat haec Turris⁴³⁸ quae surrectura fuisset
Virtutem, timuit quod Babylona premat.
Nec sibi tunc lusit venturi tristis imago;
Nam Babylon Regnum, Turre agitante, cadit.
Speque manum validam firmante per aethera spargit.
Pro telis calamos, quos bene Turris agit.

F. T. A. M. B. O.

Soneto

Se o vosso alto e sutil entendimento
Em louvor a si próprio se empenhara,
Pondero, que de absorto, desmaiara,
Por faltar-lhe expressão o pensamento:

Fique pois, apesar do esquecimento,
Simulacro divino, luz preclara,
No templo da memória, em sublime ara,
Imagem vossa, em lâmina de argento.

E por mais aplaudir vossas memórias,
O mundo vos erija eternos vultos;
Pois não cabe na esfera das histórias:

Se os próprios pensamentos, por ocultos,
Não vos immortalizam tantas glórias,
Sirvam próprias estátuas para os cultos.

Manuel António Castelo Branco

⁴³⁷ No original, *esgremisse*.

⁴³⁸ Nota lateral: "Magdalena id est, turris Apud Lauretum."

O Doutor Alberto de Azevedo Coutinho, Médico Lisbonense persuadiu à Excelentíssima Autora a impressão deste livro

Se as ambições que deixaram teus escritos
Valias forem para os seus progressos,
Comece novo teu ideado assombro,
Porque respire a fama, gema o prelo.

Se de outras produções na fé se adora
Essa, que ilustra as aras do segredo,
Que aplausos não terá na voz da fama
Se lhe sobra o rumor para o respeito.

Logrem-se em teus acertos repetidos
Inda mais os ditames que os mistérios,
Que às heroicas imagens do discurso
Não basta o culto só do sofrimento.

Se não derem carácter de doutrina
Rudes imitações aos teus desvelos,
Basta que se aproveite nos assombros
A cópia inimitável dos exemplos.

Multiplique-se em tantas da eloquência
Imagens puras teu divino engenho,
Que no número a fama confundida,
Até faça elogio o esquecimento.

Desatem-se as Castálias eruditas
De teus fecundos imortais conceitos,
Por mais que as eleições fiquem perplexas
Na afluência feliz dos pensamentos.

Veja o Mundo que em chamas de outro Apolo
Acendes doura a luz do entendimento,
Negando-te ao furor em que cobarde
Na injúria da razão se afina o pulso.

Prenda a hercúlea cadeia, que oficinas
Com vozes de ouro escandaloso obséquio,
Com que a vaidade em vítimas de fumo
A cerimónia infama dos incensos.

Prostrem-se já de Babilónia os muros
A valente eficácia de teus ecos,
E melhorando os mármore, que estragas,
Dos pedaços de horror fabrique os templos.

Mas não! Perca-se embora nas ruínas
O mesmo altar do desengano austero
Não ache (inda que grite a fé na história)
Suspeitas de Babel no estrago o medo.

Raio de luz vibrando de Minerva,
Ainda as cinzas lhe consuma o zelo;
Porque até na memória da vaidade
Não tenha exéquias tanto horror soberbo.

Os pedaços da aurora, com que o fausto
Fez em jaspes profanos⁴³⁹ pêncis belos,
Aras serão ao desengano santo:
Pois são lisonja efímera dos ventos.

Mova animado já do furor sábio
Teu pulso as armas do sagrado império;
Pois se hão de⁴⁴⁰ desatar em teus aplausos
As línguas que confundem o seu receio.

Respeite essa eloquência soberana
Infames crimes do acidálio peso,
Reduza à fria original espuma
Do altar do vício idolatrado incêndio.

Percam nestes ditames eruditos
Tíbias desculpas obstinados erros,
Que enfraquecido na cautela o golpe,
Nunca desgraça pode ser sucesso.

Leiam já teus escritos elegantes
A inveja, o pasmo, a memória, o tempo,
Que impaciente já se reprime a fama
Em lábios imortais, bronzes e alentos.

Em aplauso da Excelentíssima Autora

Décimas

1.

Com erudições divinas,
Ornada de invictas palmas,
Para edificar as almas,
A Babilónia arruínas;
Para a soledade inclinas
A tanto espírito; a tanto,
Que é corte o deserto santo;
Pois, a Tebaida estragando,
Nova Tebas vai formando
A fiança do teu canto.

⁴³⁹ No original, *profanos*.

⁴⁴⁰ No original, *Handem*. “Handem” poderá tratar-se de um possível cruzamento com o verbo “andar” devido ao “an” comum, mas também uma tentativa de regularizar com a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*há de*).

2.

Como não terás vitória
Do mundo contra o delírio⁴⁴¹,
Vibradas armas do Empíreo,
Pelos impulsos da glória:
Honrem tempos da memória
Os triunfos da eloquência;
Pois mal terá resistência
Quem, para alcançar troféus,
Movendo as armas dos Céus,
Mostra ser inteligência.

3.

Dos ascendentes diviso,
Que em ti renasce o esplendor,
Se os troféus do seu valor
Continua o teu juízo;
Sem dúvida foi preciso⁴⁴²
Tanta heroicidade herdada,
Sempre a vencer costumada,
Porque aparasses agora
Tua pena vencedora
Na sua triunfante espada.

4.

Tua discreta pastora,
Será de Cíntia na esfera,
De quanto o vício fez fera,
Vigilante caçadora;
Por bela, por vencedora
Do mundo que ímpio flutuava;
Sendo, na influência tua,
Dos desenganos farol,
Fará colossos do Sol
Os promontórios da Lua.

F. J. R.

Em louvor da autora

Soneto

É flor, é luz, é sol de ardentes raios,
Senhora, vosso engenho peregrino,
Mais que humano parece ser divino
Esplendor, que está dando ao Sol desmaios.

Convosco a sua luz são só ensaios,

⁴⁴¹ No original, *dilírio*.

⁴⁴² No original, *perciso*.

Que competir-vos fora impulso indino,
Se é só de vossa aras culto dino,
Astros rendidos, florescentes⁴⁴³ Maios.

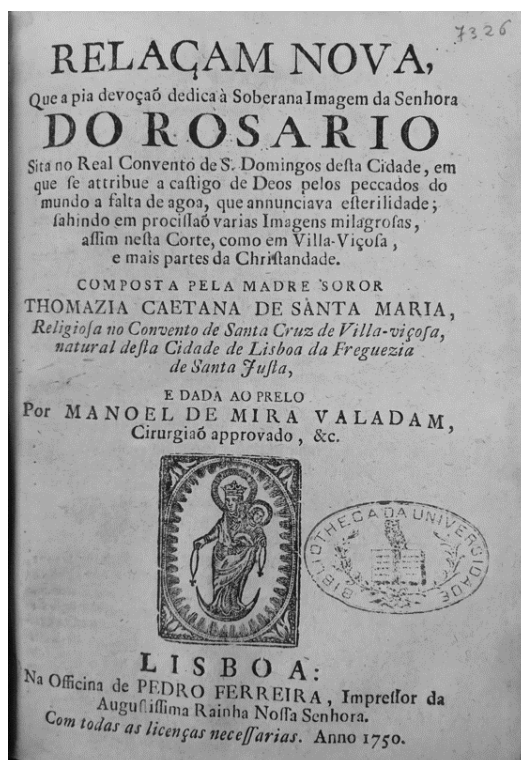
Glória da pátria sois sábia Heroína,
Se o nobre ser a vós serve de esmalte,
Do régio sangue vós sois c'roa dina.

Vivei, e vossa fama o triunfo exalte,
Quando aplaudir-vos seu clarim afina,
E dessa glória, a glória se dilate.

Francisco Venâncio de Sá

⁴⁴³ No original, *florecentes*.

Anexo 37 – Relação nova, que a pia devoção dedica à soberana imagem da Senhora do Rosário (1750)



[frontispício]

Relação nova, que a pia devoção dedica à Soberana Imagem da Senhora do Rosário sita no Real Convento de S. Domingos dessa Cidade, em que se atribui a castigo de Deus pelos pecados do mundo a falta de água, que anunciava esterilidade; saindo em procissão várias Imagens milagrosas, assim nesta Corte, como em Vila Viçosa, e mais partes da Cristandade.

Composta pela Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, natural desta Cidade de Lisboa da Freguesia de Santa Justa, e dada ao prelo por Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado, etc.

[gravura]

Lisboa: Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha Nossa Senhora.

Com todas as licenças necessárias. Ano 1750.

[no fim, texto laudatório]

Em aplauso da Autora por um Anónimo.

Soneto

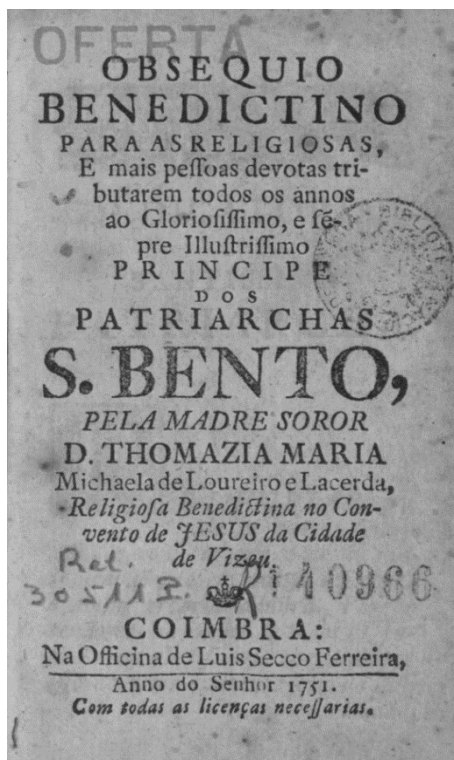
Agora, que a Divina Majestade,
É, Senhora, por vós bem definida,
Estando nos delitos ofendida,
Já se aplaca no expresso da verdade.

Esta obra, que fazeis por caridade,
É dos excessos rémora subida,
Ou é seta, que aos peitos despedida,
No eloquente a fazeis suavidade.

De sábios pasmos dois, de Heróis inveja;
Pois basta qualquer vossa luz escassa,
Para alcançar o efeito, que deseja.

Tudo sabeis ornar com bela traça,
Porque ainda que o assunto estéril seja,
Sempre no vosso metro chove a graça.

Anexo 38 – Obséquio beneditino para as religiosas, e mais pessoas devotas tributarem todos os anos ao Gloriosíssimo, e sempre Ilustríssimo Príncipe dos Patriarcas S. Bento (1751)



[frontispício]

Obséquio beneditino para as religiosas, e mais pessoas devotas tributarem todos os anos ao Gloriosíssimo, e sempre Ilustríssimo Príncipe dos Patriarcas S. Bento, pela Madre Soror D. Tomásia Maria Micaela de Loureiro e Lacerda, Religiosa Benedictina no Convento de Jesus da Cidade de Viseu.

[gravura]

Coimbra: Na Oficina de Luís Seco Ferreira,

Ano do Senhor 1751.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

Dedicatória

Santíssimo Patriarca

Principiar por onde os outros finalizam, e começar por onde os mais acabam, só em vós se descobre, e a mim própria admira. Porque tendo vós o espírito de todos os Justos mais abalizados; chegando por isso ao mais eminente sólio da santidade, por se participar esta aos anos, e o merecimento aos dias; sendo na verdade o Autor, Pai, Mestre, e Legislador da vida Monástica:

honoríficos títulos que vos deram os Sumos Pontífices, e que também reconheceram todos os Patriarcas sagrados, e Santos Fundadores das observadíssimas Religiões Monacais, e Mendicantes: estando sempre assistido do Espírito Santo em tudo quando neste mundo obrastes; e executando apenas nascido o que quasi todos fizeram, quando já adultos, e na idade provector, só em vós se acha. E não passando eu do primeiro grau de virtude, qual é o do Estado Religioso, que voluntariamente elegi; nem possuindo o vosso fervoroso espírito, de que tão abundantemente fostes cheio; nem merecendo por minhas excessivas tibiezas a mais diminuta porção da graça copiosíssima, que por vossas singulares virtudes alcançastes; nem finalmente reconhecendo em mim aqueles sólidos fundamentos, e literatura necessária para semelhante empresa: como de outras pessoas do meu estado, e sexo referem os Escritores em suas doutíssimas obras, e precisamente me devo admirar; pois me arrojo a expor neste brevíssimo Epílogo o que muitos sábios por temerosos não quiseram relatar, nem descrever: talvez porque a muita luz de vossa prodigiosa vida os cegasse, ou o reconhecimento de sua humilde facúndia em a querer referir, os suspendesse. Mas como tudo quanto em vós se contempla são prodigiosos milagres da natureza, e milagrosos prodígios da graça; pelos quais vos constituístes sempre grande imitador de Cristo em todas vossas preclaríssimas ações: por isso vos dedico, ofereço, e consagro este diminutíssimo Obséquio, com o qual todas vossas Religiosas Filhas, e devotíssimas Pessoas procurem vosso singularíssimo patrocínio. As fervorosas para que mais se justifiquem, e as túbias para que mais afervorem no caminho da virtude, e perfeição. Assim verdadeiramente o espero, e sinceramente confio de vossos santíssimos merecimentos, e preclaríssimas virtudes; e servindo-vos também nesta vida, como verdadeira Religiosa, e Filha vossa; depois como tal, me reconheçais também nessa glória.

Vossa humilde serva, que na realidade deseja ser a mais observante Religiosa, e no afeto a mais verdadeira filha

D. Tomásia Maria Micaela de Loureiro e Lacerda

[notícia]

Notícia para os que fizerem esta novena do Príncipe⁴⁴⁴ dos Patriarcas S. Bento, que começa aos 12 de março, ou também aos 2 de julho para a festividade da sua Trasladação.

Como qualquer sagrada Religião seja a verdadeira Escola de virtude, e o delicioso Paraíso da terra, em que muitos empregam ou a flor dos anos, ou o melhor da vida; contudo não é isto só fundamento digno de louvar-se, como o gastar bem os dias, e horas dela santamente. Porque se a santidade do lugar fosse por si bastante para fazer santos os habitantes, que clausura, ou o hábito Religioso constituísse perfeito a quem o vestisse, nem Lusbel cairia do Céu, nem Adão seria expulso do Paraíso, nem Judas conservado no Apostolado, nem Lutero na sua Religião tão mal aceito: perdendo uns a dignidade, e dita que gozavam, e outros a glória, e descanso que possuíam. Donde se infere, que nem o hábito, nem a clausura em que os Religiosos residem, e de que usam, os justifica, se nela, e com ele não exercitarem boas obras que os santifique.

Para o sobredito efeito se lograr apontam os Padres Místicos, e Doutores Ascéticos vários meios; porém os principais, que aqui sumariamente se podem referir, são: fazer sempre as boas obras com o reto fim de agradar a Deus, de que resulta ao mesmo Senhor grande glória; e a cada um de nós não pequeno merecimento. Considerar ao mesmo Senhor sempre presente em toda a parte, tempo,

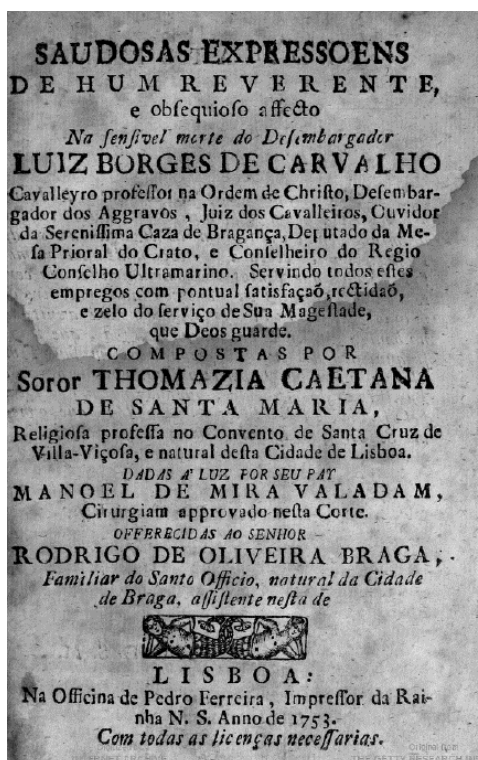
⁴⁴⁴ No original, *Príncipepe*.

e ocasião. Procurar fazê-las com tal perfeição, modo e sossego, como se fosse qualquer delas a última, que em nossa vida executássemos. Todos os sobreditos meios maravilhosamente se observam, andando com as janelas dos nossos sentidos fechadas, e com eles recolhidos: pois estes só então mais se empregam nos obséquios divinos, quando mais se apartam dos objetos humanos.

Finalmente deve, quem fizer a proposta Novena exercitar-se muito na frequência dos Sacramentos, e atos das Virtudes que em cada dia vão dispostas: fazendo os obséquios que se determinam com os quais se exercite a maior devoção, e consiga cada um por este meio o despacho de suas repetidas súplicas. E como as Religiosas Filhas de tão Santíssimo Patriarca devem com maior especialidade mostrar-se nos seus cultos, e obséquios muito avantajadas a todos os mais devotos; parece justo, que a dita Novena se faça em ato de comunidade; porque conforme disse o Doutor Angélico: as multiplicadas rogativas de todas juntas, farão com que Deus Senhor nosso por meio de seu diletíssimo servo S. Bento, se lembre com mais especialidade de seus espirituais aumentos, e se não esqueça de todos os mais devotos.

Pelo que à hora competente se fará o que em cada dia se determina, advertindo sempre que tudo o disposto, e apontado se executará com o parecer dos próprios Confessores, para que com o brilhante esmalte da obediência se aumente mais o rico de seu valor, e precioso de seu merecimento.

Anexo 39 – Saudosas expressões de um reverente e obsequioso afeto na sensível morte do Desembargador Luís Borges de Carvalho (1753)



[frontispício]

Saudosas expressões de um reverente e obsequioso afeto na sensível morte do Desembargador Luís Borges de Carvalho Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Desembargador dos Agravos, Juiz dos Cavaleiros, Ouvidor da Sereníssima Casa de Bragança, Deputado da Mesa Prioral do Crato, e Conselheiro do Régio Conselho Ultramarino. Servindo todos estes empregos com pontual satisfação, retidão, e zelo do serviço de Sua Majestade, que Deus guarde.

Compostas por Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, e natural desta Cidade de Lisboa.

Dadas à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte.

Oferecidas ao Senhor Rodrigo de Oliveira Braga, Familiar do Santo Ofício, natural da Cidade de Braga, e assistente nesta de

[arabesco com sereias]

Lisboa: Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Rainha N. S.

Ano MDCCLIII.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

Dedicatória

Teria o meu atrevimento de Ícaro o precipício, se quisesse que os abatidos rasgos da minha pena voassem em as ligeiras azas da Fama, sem ter certa a proteção de hum animoso Mecenas, que alentos lhe comunicasse. Na certeza do amparo de Vossa Mercê sai confiada ao teatro do mundo esta limitada oferta, que ficará avultada na benigna aceitação de uma pessoa, que tanto se qualifica nos cultos, que a Deus em seus Templos se tributam. Espero que Vossa Mercê não despreze a humildade da oferente, que fica rogando a Deus pela saúde, e felicidades de sua pessoa, que o mesmo Senhor guarde pelos anos de seu desejo.

Serva, e oradora de Vossa Mercê.

T. C. D. S. M.

[no fim, texto laudatório]

Em aplauso da Autora

Por um Anónimo

Soneto

Se vemos nesse horror da sepultura
Quem foi entre os Togados o primeiro,
Já neste vosso canto derradeiro
Renasce com a luz mais firme, e pura:

Se acabou do Parnaso a formosura
Nesse das Musas parto verdadeiro,
Reproduzido o admira o mundo inteiro
No metro, que senti-lo hoje procura.

É esta perda digna de lamento,
Pois falta da Justiça a melhor guia,
E não se achará outro entendimento:

Mas cesse o luto já, haja alegria,
Que se expirou dos versos um portento
Tem em vós substituto a Poesia.

Anexo 40 – Sentidas expressões de um peito magoado na morte do Eminentíssimo Senhor D. Tomás de Almeida Cardeal Patriarca primeiro de Lisboa (1754)



[frontispício]

Sentidas expressões de um peito magoado na morte do Eminentíssimo Senhor D. Tomás de Almeida Cardeal Patriarca primeiro de Lisboa etc.

Compostas por Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, e natural da Cidade de Lisboa.

Dedicadas à Senhora D. Maria Próspera de Menezes.

Dadas à luz por seu pai Manuel de Mira Valadão Cirurgião aprovado nesta Cidade.

[gravura de temática fúnebre]

Lisboa: Na Oficina de Bernardo António de Oliveira.

Com todas as licenças necessárias. Ano 1754.

[dedicatória]

À Senhora D. Maria Próspera de Menezes

Dedicatória

Lembrado da grande mercê, e honra, que devo ao generoso ânimo de Vossa Senhoria, sendo tão benigna em dar atenção às minhas toscas prendas, procurando-as por gosto, ou divertimento;

quero agora, se não agradecida, devedora buscar o seu ilustre amparo, para que sirva de asilo a estas rasteiras demonstrações da minha mágoa. Rompeu, Senhora, o meu sentimento nestas expressões, que lhe ofereço, tão somente para que Vossa Senhoria conheça que em tão justa pena lhe faço a mais fiel companhia, lembrando-me dos laços, com que a ilustre Ascendência de Vossa Senhoria se prendeu com a Excelsa Família de Prelado tão grande, e exemplar; porque sei que o Ilustríssimo Senhor D. Afonso Manuel de Menezes, Senhor da Ponte da Barca, Tio paterno de Vossa Senhoria, casou com a Senhora D. Antónia de Borbon, Sobrinha do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, que Deus tem. Não terá razão quem criticar do pobre, e humilde estilo desta Obra, se advertir que em semelhantes⁴⁴⁵ assuntos é o desconcerto no dizer o mais justificado método de sentir. E se a crítica não quiser perdoar a efeito de tão sublime causa, espero que o respeito de Vossa Senhoria me há de valer; porque a sua benévola proteção, tão natural ao seu génio, lhe há de servir de Rémora à sua mordacidade: tenho de tudo a segurança nas repetidas posses, que confessa do seu favor.

Sua veneradora a mais fiel, e obrigada

Tomásia Caetana de Santa Maria

[texto laudatório, no fim]

Em aplauso da Autora por um Anónimo

Soneto

Se a Púrpura entre todas Eminente
Jaz, com pena geral, amortecida,
Parece que recobra a mesma vida
Nas cores do Pincel mais eloquente:

Se nos falta este Báculo regente,
Dos Prelados inveja merecida,
Nesta bela Canção enternecida
Vemos que há de durar eternamente.

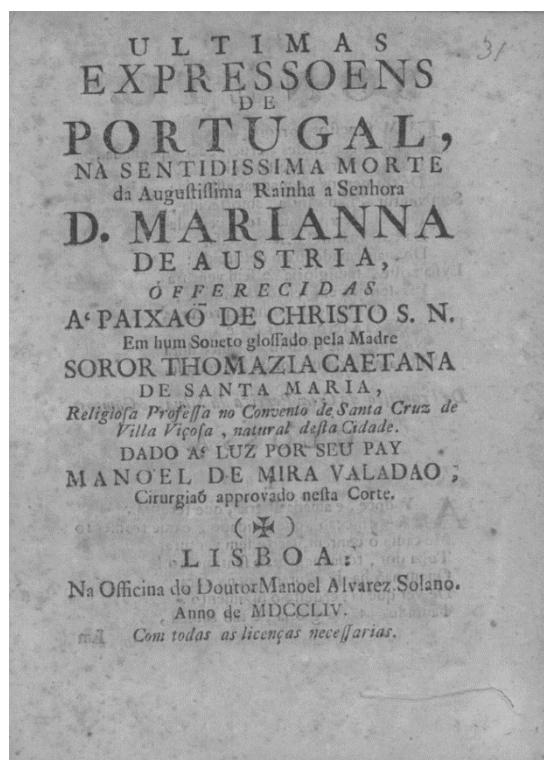
Nesta Obra dois⁴⁴⁶ Assuntos, sem terceiro,
Admiramos, em série tão jacunda,
Que é cada um assombro verdadeiro:

Aplaque-se essa dor, que tudo inunda,
Que se perdemos um Tomás primeiro,
Cá fica uma Tomásia sem segunda.

⁴⁴⁵ No original, *semelhantes*.

⁴⁴⁶ No original, *dous*.

Anexo 41 – Últimas expressões de Portugal, na sentidíssima morte da Augustíssima Rainha a Senhora D. Mariana de Áustria (1754)



[frontispício]

Últimas expressões de Portugal, na sentidíssima morte da Augustíssima Rainha a Senhora D. Mariana de Áustria, oferecidas à Paixão de Cristo Senhor Nosso em um Soneto glosado pela Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa Professa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, natural desta Cidade.

Dado à luz por seu pai Manuel de Mira Valadao, Cirurgião aprovado nesta Corte.

[cruz]

Lisboa: Na Officina do Doutor Manuel Álvares Solano.

Ano de MDCCLIV.

Com todas as licenças necessárias.

[no fim, texto laudatório]

Ao mesmo assunto, e em aplauso da Autora⁴⁴⁷

Por um anónimo

Soneto

Dessa Águia Imperial a Majestade,
Que a Parca nos levou com tirania,
Será sempre na Luz Monarquia
Incentivo imortal da saudade:

Essa, que na virtude, em toda a idade,
Mais que no Sangue Régio, florescia⁴⁴⁸,
Foi, apesar da nossa idolatria,
A vítima fatal da crueldade;

Chora, Lísia infeliz, neste Hemisfério,
Mostra o teu coração desfeito em pranto,
Rendendo vassalage ao seu Império:

Razão tens de sentir, e em luto tanto
Somente poderá ter refrigério,
Se ouvires de Tomásia o doce canto.

Fim.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Ilustríssimos senhores

O Soneto glossado, que intenta imprimir Manuel de Mira Valadão, nada contém contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. S. Domingos. Lisboa 15. de outubro de 1754.

Fr. Jorge da Incarnação

Vista a informação, pode-se imprimir o Soneto, de que se trata, e depois voltará conferido, para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 15. de outubro de 1754.

Alencastre.

Silva.

Abreu.

Paes.

Silveiro Lobo

⁴⁴⁷ No original, *Aurora*.

⁴⁴⁸ No original, *florencia*.

Do Ordinário

Excelentíssimo e reverendíssimo senhor,

Obedecendo ao preceito de Vossa Excelência, vi as obras métricas, de que é Autora a Reverenda Madre Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa Augustiniana no Mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa, e que pretende⁴⁴⁹ dar ao prelo Manuel de Mira Valadão. Nelas, além do Númen Poético, observo a gravidade, decência, e acerto, com que esta discreta Poetisa significa os Sentimentos de Portugal na morte da Augusta, e Fidelíssima Rainha Mãe, a Senhora D. Maria Ana de Áustria, de eterna memória; e não menos admiro os preceitos da Eloquência poética vinculados, e dignamente conformes aos dogmas da Fé, Leis da Igreja, e pureza dos bons costumes: e assim julgo que merecem para a sua impressão a licença, que se pretende⁴⁵⁰. Este o meu voto. Vossa Excelência mandará o que for servido. Lisboa 19 de outubro de 1754.

José Tomás Borges.

Vista a informação, pode-se imprimir o papel, de que a petição trata, e depois de impresso torne conferido, para dar licença para correr, e sem ela não correrá. Lisboa 19 de outubro de 1754.

Silva.

Do Paço

Senhor,

Vi por ordem de Vossa Majestade o Soneto glossado, e mais obras Poéticas, que compôs Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa do Mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa, à morte da Sereníssima Senhora Rainha D. Maria Ana de Áustria, Augusta Mãe de Vossa Majestade: e me parecem muito dignas de se imprimir, porque não contém coisa⁴⁵¹ alguma contra o Real Serviço de Vossa Majestade: e é justo, que todos admirem na estampa o engenho, discrição, e espírito Poético desta sublime Musa, que, excedendo a Urania, contempla, e celebra as virtudes incomparáveis daquela Coroada Heroína⁴⁵², que do Trono desta Monarquia passou a coroar-se de luzes, e resplandores do Céu, aonde brilhará entre os astros do Empíreo, competindo durações com a eternidade. Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa 23 de outubro de 1754.

Filipe José da Gama.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e dar licença para correr. Lisboa 24. de outubro de 1754.

Marques P. Castro.

Doutor Velho.

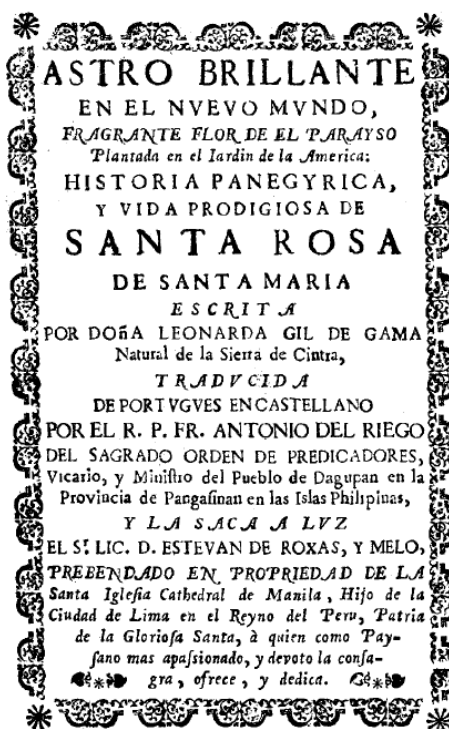
⁴⁴⁹ No original, *pertende*.

⁴⁵⁰ No original, *pertende*.

⁴⁵¹ No original, *cousa*.

⁴⁵² No original, *Heronia*.

Anexo 42 – Astro brillante en el Nuevo Mundo, Fragrante Flor de el Paraíso Plantada en el Jardín de la América: Historia Panegírica, y Vida Prodigiosa de Santa Rosa de Santa María (1755)



[frontispicio]

Astro brillante en el Nuevo Mundo, Fragrante Flor de el Paraíso Plantada en el Jardín de la América: Historia Panegírica, y Vida Prodigiosa de Santa Rosa de Santa María escrita por Doña Leonarda Gil de Gama Natural de la Sierra de Cintra, traducida de portugués en castellano por el Reverendísimo Padre Fr. Antonio del Riego del Sagrado Orden de Predicadores, Vicario, y Ministro del Pueblo de Dagupan en la Provincia de Pangasinán en las Islas Filipinas, e la saca a luz el S. Licenciado D. Esteban de Roxas, y Melo, prebendado en propiedad de la Santa Iglesia Catedral de Manila, Hijo de la Ciudad de Lima en el Reyno del Perú, Patria de la Gloriosa Santa, a quien como Paisano más apasionado, y devoto la consagra, ofrece, y dedica.

vuestro Esclavo, pues benéfica siempre vuestra mano ató mi gratitud, y voluntad a vuestro obsequio con una continua concatenación de beneficios. Nada posee propio el Esclavo, porque de todo tiene el dominio el dueño: luego en toda buena ley siendo vuestra mi Persona, mi trabajo, y todas las causas de este Libro, aunque en ofrecérselo pueda servir, nunca podré propasarme s pretendiendo obligada.

Siendo, pues, tan vuestra esta Obra por tan multiplicados títulos, séalo también por el amparo, que en Vos busca; para que por Vos merezca lo que pudo perder por mi.

D. Esteban de Roxas, y Melo.

[licenças]

Licencia del Governo

El Muy Ilustre Señor Don Pedro Manuel de Arandia Santesteban, y Alberro, Cavallero Profeso del Orden de Calatrava, Gentil-hombre de Cámara de entrada del Serenísimos Rey de las dos Sicilias, Mariscal de Campo de los Ejércitos de su Majestad, Capitán del Regimiento de sus Reales Guardias Españolas de Infantería, de su Consejo, Presidente, Gobernador, y Capitán General de estas Islas Filipinas &c. concedió fu licencia para la Impresión de este Libro, precediendo la Aprobación del Muy Reverendo Padre Fr. Juan de Verea del Sagrado Orden de Predicadores Calificador del Santo Oficio, y Vicario del Santuario de San Juan del Monte, como consta por su Decreto de 11 de agosto de 1755.

Licencia del Ordinario

Así mismo concedió su licencia el Señor Doctor Don Juan de la Fuente Yepes, Dean en propiedad de la Santa Iglesia Catedral, Juez Provisor, Oficial, y Vicario General de este Arzobispado en Sede vacante, visto el Parecer del Muy Reverendo Padre Fr. Pedro Luís de Sierra del Orden de Predicadores, Predicador General, y Cronista de la Provincia del Santísimo Rosario, como consta por su Auto de 7 de julio de 1755.

Licencia de la Orden

Nos Fr. Bernardo Ustariz del Sagrado Orden de Predicadores, Comisario del Santo Oficio de la Inquisición, y Prior Provincial de la Provincia del Santísimo Rosario de estas Islas Filipinas, etc.

Por la presente, y por lo que a Nos toca, damos licencia, y facultad al Reverendo Padre Fr. Antonio de el Riego de nuestra Obediencia, Vicario, y Ministro del Pueblo de Dagupan Provincia de Pangasinán, para que pueda dar a la Estampa el Libro, que tradujo de Portugués en Castellano, cuyo título es: *Historia Panegírica, y Vida prodigiosa de Santa Rosa de Santa María*, atento a estar visto, y aprobado de orden nuestro por personas doctas de nuestra Religión, considerada la mucha utilidad, que de el puede resultar, *servatis alijs de jure servandis*. Dada en este nuestro Convento de Santo Domingo de Manila, firmada de nuestro nombre, sellada con el Sello menor de nuestro Oficio, y refrendada de nuestro infrascripto Secretario en 10 de junio de 1755 años.

Fr. Bernardo Ustariz

Prior Provincial

Fr. Diego Serrano

Secretario, y Compañero

Imprimió-se este Libro con las Licencias necesarias supra relatas en el Colegio, y Universidad de Santo Tomás de Manila por Tomás Adriano. Año de 1755.

[prólogo]

Prólogo al Lector

Lector amigo, este Libro, que en tus manos abrió la curiosidad, detenga en tus ojos la devoción, que no pierde el Diamante, por bruto, el valor de fino, aunque le emboce el ser la tosca sombra, en que nace: no importa sea somera la pluma, que lo escribió, si es sublime el impulso, que lo dictó, que un ánimo agradecido hasta de una flor hace voto. Si te pareciere temeridad la empresa, acuérdate, que en las alas de la obligación levantó los vuelos el deseo, sin temor del precipicio, y disculparás el arrojo, sin dar ejercicio a la calumnia, que debe enmudecer⁴⁵³, respetando la protección.

[no fim]

Laus Deo, honor, et gloria, amen.

[índice]

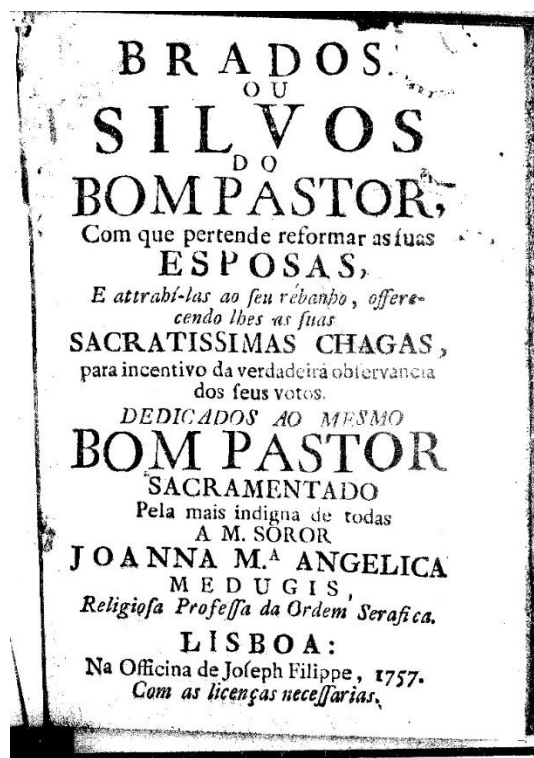
Índice de los capítulos que contiene en este Libro

Capit. I.	País, y Patria de Santa Rosa.	Página 1.
Capit II.	Hace Santa Rosa voto de castidad.	Pág. 6.
Capit III.	De la obediencia, que la Santa tuvo a sus Padre.	Pág. 14.
Capit. IV.	Como la Santa alcanzó licencia para vestirse de paño grosero.	Pág. 22.
Capit. V.	De la maravillosa negación de lapropria voluntad.	Pág. 26
Capit. VI	Entra Santa Rosa en la vida de Tercera de Santo Domingo.	Pág. 33.
Capit. VII.	De el bajo concepto, que Santa Rosa hacía de sí.	Pág. 42.
Capit. VIII.	De el estrecho ayuno, que la Santa observaba.	Pág. 52.
Capit. IX.	De los rigores con que la Santa afligía su cuerpo.	Pág. 59.
Capit. X.	De la rigorosa corona, que atravesó la cabeza de la Santa.	Pág. 70.
Capit. XI.	De el riguroso lecho, en que la Santa tomaba brevísimo descanso.	Pág. 78.
Capit. XII.	Edifica Santa Rosa, una estrecha casilla en un ángulo de huerto, para su habitación.	Pág. 89.
Capit. XIII.	De los dichosos desposorios de Santa Rosa con Cristo.	Pág. 105.
Capit. XIV.	De la perfecta unión que tuvo con Dios.	Pág. 113.
Capit. XV.	De las tenebrosas obscuridades, que padeció su dichosa alma.	Pág. 124.
Capit. XVI.	De cómo fue examinado el espíritu de Santa Rosa.	Pág. 130.
Capit. XVII.	De la familiaridad que tuvo con Dios, y so Madre Santísima.	Pág. 135.
Capit. XVIII.	De la familiaridad que tuvo con los Ángeles, y combates con los demonios.	Pág. 146.

⁴⁵³ No original, *emmudecer*.

Capit. XIX.	De el valor, con que sufría los trabajos, de que enfermaba.	Pág. 158.
Capit. XX.	De el ardiente amor de Dios, que se encendía, y ardía en el corazón de Santa Rosa.	Pág. 166.
Capit. XXI.	Suda una Imagen de Cristo a instancia de la Oración de Santa Rosa.	Pág. 177.
Capit. XXII.	De los favores, que recibió de la Santísima Virgen María.	Pág. 183.
Capit. XXIII.	De la devoción, que tuvo a la Santa Cruz, y de los favores que recibió de Santa Catalina de Sena su maestra.	Pág. 192.
Capit. XXIV.	De la reverencia, que tuvo al Santísimo Sacramento, y cómo se habilitó para el Martirio.	Pág. 201.
Capit. XXV.	De el celo, que tuvo de la salvación de las almas, y de dolor del infeliz estado de la culpa.	Pág. 214.
Capit. XXVI.	De la misericordia, que tuvo con los pobres.	Pág. 224.
Capit. XXVII.	De la confianza en Dios con que remediaba las aflicciones del próximo.	Pág. 232.
Capit. XXVIII.	Sabe Santa Rosa por revelación la fundación de un Monasterio en la Ciudad de Lima.	Pág. 243.
Capit. XXIX.	Cómo acreditó Dios a su Sierva con el don de profecía.	Pág. 252.
Capit. XXX.	Rosa profetizó su muerte, y se preparó para la última jornada.	Pág. 263.
Capit. XXXI.	Último desmayo de Rosa, y su feliz tránsito à la otra vida.	Pág. 273.
Capit. XXXII.	De lo que pasó después de su dichoso tránsito.	Pág. 278.
Capit. XXXIII.	Como fue trasladado su santo cuerpo a más digno monumento.	Pág. 285.

Anexo 43 – Brados ou silvos do Bom Pastor, com que pretende reformar as suas esposas, e atraí-las ao seu rebanho (1757)



[frontispício]

Brados ou silvos do Bom Pastor, com que pretende⁴⁵⁴ reformar as suas esposas, e atraí-las ao seu rebanho, oferecendo-lhes as suas sacratíssimas chagas, para incentivo da verdadeira observância dos seus votos.

Dedicados ao mesmo Bom Pastor sacramentado pela mais indigna de todas a Madre Soror Joana Maria Angélica Medugis, Religiosa Professa da Ordem Seráfica.

Lisboa: Na Oficina de José Filipe, 1757.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

Soberano Monarca, e Divino Pastor de nossas almas: que grosseira se mostrou a minha em intentar oferecer, sem ser a Vós, o que só é vosso. Porém desculpem as razões do afeto, o que não soube acertar a grossaria do discurso. A vossos sagrados Pés oferece a mais indigna ovelha vossa esta obra, que, sendo toda vossa, é justo que só à vossa grandeza o dedique, para que a mesma piedade, com que por ela quereis dimanar luzes, seja a que disponha os corações de vossas ovelhas para recebê-las. Nela nos ofereceis novamente esses Divinos cinco Rios, para neles serem submergidos nossos delitos; que não bastou a multidão destes para fazer esgotar essas Fontes de Misericórdia, pois

⁴⁵⁴ No original, *pertende*.

com tanta nos chamais a aproveitar-nos de suas correntes: que assim o logrem estas vossas ovelhas, que por Esposas parece terem mais direito ao vosso amor: é o vosso empenho, ao que se ajunta o deste vil bichinho, para que assim tenha o valor, que não pode ter na própria pequenez, e desta sorte já avultado possa ter lugar em vossa presença; na qual, derramando o próprio coração ante essas Entranhas da Piedade, peço, rogo, e suplico, que, não atendendo ao demérito deste vil bichinho, que tomastes por instrumento para expor vossas Misericórdias, dobreis vossas amorosas forças, e com elas nos levantai a todas, para que chegando a esse primeiro Rio, nele participemos a eficácia, que nos faça atrair ao vosso rebanho; de tal sorte, que nele gozemos o salúfero desta segunda Fonte, que dimanando para nós em rio caudaloso, nos impele a abatermo-nos ao nosso nada; para que nesta verdade radicadas, e solícitas, sigamos a vossa vontade: que esta será a maior ventura, que possamos alcançar neste miserável desterro; e só nela podemos achar luz, e guia, que para Vós, e de Vós nos não aparte, para que assim alcancemos a amorosa filiação, que neste terceiro Rio nos ofereceis, aonde, como Pastor Divino, nos mostrais, que sois tão bom Pai, e Mestre; e como tal nos ensinais, chamando-nos, e atraindo com vossas doutrinas o nosso amor. Rendido já de uma vez esteja este a Vós, Pastor amabilíssimo, para que descidos nossos corações no incêndio que para nós dimanais neste quarto Rio, que nos ofereceis, logremos a participação do vosso amor, do qual se vale a nossa tibieza, para que ele, suprimindo esta, por si mesmo se mostre propício a nossas petições. Todas estas, Senhora, já se encaminham só à felicidade do nosso último fim: já que errámos os passos, desviando-nos do nosso primeiro princípio, que sois Vós, Senhor Altíssimo, por Vós sejam estes emendados para conseguir o acerto do último fim; que sendo-o também Vós, Pastor Divino, e amorosíssimo, como tal nos recebei naquele último desposório, para que nos chamais. A esta felicidade só aspiramos, Pastor nosso tão bom, que para a conseguirmos nos ofereceis este quinto, e último Rio, que por interminável, se estende até essa infinidade de vossa eterna Casa.

Oh que só aqui neste sublime lugar, alimentadas com estas soberanas águas, poderemos cantar as vitórias nas contínuas guerras, e batalhas, que nossos contrários nos estão propondo cada hora, e instante da nossa vida! E para que esta se encaminha à verdadeira, e eterna, nos encerrai neste amoroso Rio, que de suas influências formareis coroas, e palmas para nos enriqueceres na vossa eterna Glória. Tudo isto, Senhor, desejais de nós, e com tão amorosa condição, que no lo pedis afetuoso; e para assim o cumprimos, e alcançarmos tudo, nos valha o amor de vosso sacramentado Coração sagrado, que a este pélago de finezas recorre a nossa pequenez; que se nesta não cabe coisa⁴⁵⁵ digna de oferecer-vos, em Vós mesmo há satisfação cabal à vossa grandeza. A esta pois ofereço, Senhor, estes mesmos cinco Rios, que o vosso amor tão admiravelmente fez nossos; e como tais aceitai benigno o que nos destes, e por eles, Senhor, perdoai a omissão, que nesta obra vossa tenho tido, que é só o que da minha parte há nela; e o pequeno trabalho de escrevê-la também lanço na imensidade da minha oferta, para que por virtude desta fique avultado, e digno de ser de Vós aceito; pois bem sabeis quantas causas tenho para viver desanimada com o justo temor de que de fora do vosso rebanho está esta, por quem mandais chamar a ele todas. Oh, não o permita assim a vossa Piedade! Esta ficará mais exaltada, se deres um cantinho a esta formiguinha nesses mesmos Rios, que a todos ofereceis, para minha contínua morada, na qual só poderei satisfazer o que por mim não posso, e alcançar o cabedal para o agradecimento, que em mim não tenho. Assim mo concedei, meu Bom Pastor Sacramentado; para que conhecendo todo o mundo o quanto neste título, e Mistério vosso favoreceis pecadores, todos por Vós participem da mesma graça, pela qual vos demos muita glória. Amen.

⁴⁵⁵ No original, *cousa*.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu Original, S. Domingos de Lisboa, 26 de fevereiro de 1757.

Pode correr, Lisboa, 1 de março de 1757.

Silva.

Abreu.

Trigoso.

Silveira Lobo.

Está conforme com o seu Original. Lisboa, 1 de março de 1757.

Diogo Barbosa Machado.

Pode correr, Lisboa, 1 de março de 1757.

D. J. Arc. de Lacedem.

Está conforme com o seu Original, Hospício de S. Francisco, 2 de março de 1757.

Fr. Francisco Xavier de S. Taresa.

[taxa]

Taxam para correr em sessenta reis.

Lisboa, 1 de março de 1757.

Com três Rúbricas.

Anexo 44 – Vida da serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus (1757)



[frontispício]

Vida da serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, abadessa, que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre.

Escrita pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus Padres espirituais, com outros Tratados Místicos; prática para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro, em que se encontram as muitas mercês, que Deus lhe fêz; em ordem à salvação das almas, com algumas cartas suas espirituais.

Disposta pelo M. R. padre Fr. Martinho de S. José, Pregador Jubilado, e Provincial da mesma Província dos Algarves, que também foi seu Confessor.

E dada à luz pelo padre João Evangelista da Cruz, e Costa, Bacharel formado nos sagrados Cânones.

[estampa]

Lisboa, MDCCLVII

Na Oficina de José da Costa Coimbra.

Com todas as licenças necessárias.

[advertência]

Advertência

Esta Vida da Venerável Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, da Província dos Algarves, vai escrita pela mesma frase, e estilo, com que ela a deixou

disposta; e pareceu conveniente o não reduzir-se a outra forma, para que não suceda nos tempos futuros o que já aconteceu nos passados com outras obras de algumas Servas de Deus, em que a devoção, ou discurso prudente lhes introduziu título de Capítulos para divisão das matérias. Neste sentido, e por maior cautela, se não acrescenta nestes escritos uma só palavra; e só para satisfazer, e inteirar o leitor do que eles contêm, vão as suas próprias divisões sinaladas com §§, e esses lhe servirão de títulos para se buscarem as mesmas matérias, que por toda a obra se tratam. Nela acharão todos muito que aprender, e não pouco que admirar, por ser esta uma lição a mais importante, com factos raras vezes vistos; mas como não seja abreviada a mão de Deus, ainda em nossos tempos, quando a virtude, ou por menos aceita, ou por pouco seguida, aparece, se descobriu uma alma tanto daquele Senhor, que parece transcender as leis ordinárias das mais criaturas. Não passe sem ponderação o que em custado para sair à luz este livro, que, ainda tendo as licenças precisas, gastou dois⁴⁵⁶ anos para chegar à impressão, verificando-se nisto, e no mais, que só sabe quem tem sabedoria infinita, o que a Serva de Deus disse a uma sobrinha sua, hoje atual Abadessa no seu Mosteiro, referindo: *Que havia de ser livro particular; mas que havia de ter muitas contradições.*

F. J. B. C.

[pareceres]

[p. 2⁴⁵⁷] **Parecer do M. R. P. M. Fr. Manuel da Epifania, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Ofício, Examinador das Três Ordens Militares, Padre da Província dos Açores, Ex-Provincial em a dos Algarves.**

Li com muita reflexão o livro, que por mandado de seu Confessor, escreveu a *Venerável Serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus*, Religiosa, que foi Abadessa em o Mosteiro de Santa Clara da Cidade de Portalegre, sujeito à santa Província dos Algarves, em o qual se deixam ver, não só os maravilhosos progressos da sua exemplar vida, se não também os muitos favores, que recebeu da poderosa mão do Senhor, em quanto ela existiu no século, e muito mais depois que professou naquele religioso Convento; e não encontrei no dito livro manuscrito⁴⁵⁸ coisa⁴⁵⁹ alguma, que seja oposta, nem dissonante à nossa santa Fé católica, bons costumes, Decretos Apostólicos, nem leis da Religião, antes sim me parece digno de se estampar, para que todo o mundo possa aprender as virtudes, que ainda depois da morte desta Venerável Madre, está ensinando aos que se desejam salvar. Este é o meu sentir. Lisboa, S. Francisco de Xabregas, em 16 de junho de 1755.

Fr. Manuel da Epifania.

[p. 2v.] **Parecer do M. R. P. M. Fr. António de Santa Coleta, Leitor de Terça, Qualificador do Santo Ofício, Examinador das Três Ordens Militares, e Consultor da Bula da Santa Cruzada.**

⁴⁵⁶ No original, *dous*.

⁴⁵⁷ A numeração de páginas dos paratextos desta obra só ocorre em algumas páginas e com uma numeração atípica, como se verá adiante, nas secções finais (R, R2, R3, etc.) Trata-se possivelmente de uma paginação de cadernos feita pelo compositor para ajudar na montagem do livro.

⁴⁵⁸ No original, *mano-escrito*.

⁴⁵⁹ No original, *cousa*.

Vi um manuscrito, que deixou depois da sua preciosa morte a serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa, que havia sido Abadessa em o Mosteiro de Santa Clara de Portalegre desta santa Província dos Algarves, no qual trata de todos os progressos da sua Vida, exarados de seu próprio punho; e nele nada encontrei, que se oponha aos dogmas da nossa santa Fé católica, nem bons costumes da Igreja, e menos proposição alguma Teológica, ou Mística, que possa dar levíssimo fundamento para dúvidas, ou controvérsias nas escolas de uma, e outra faculdade; antes é o seu estilo tão sincero, e simples, que persuade docemente as almas para o seguimento das virtudes, e dá normas abundantíssimas⁴⁶⁰ para a detestação dos vícios. Este é o meu parecer. S. Francisco de Xabregas, 16 de junho de 1755.

Fr. António de Santa Coleta.

[licenças]

[p. 3] **Licenças**

Do Santo Ofício

Aprovação do M. R. P. M. Fr. Manuel de Ferreira, Ex-Leitor de Teologia, e Qualificador do Santo Ofício.

Ilustríssimos Senhores,

Satisfazendo ao preceito de Vossas Senhorias, não com menor gosto, que atenção ao livro da *Vida de Madre Soror Isabel do Menino Jesus*, Religiosa em o Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, que faleceu com opinião de serva de Deus, obra feita por ela mesma, mas obrigada por seus Confessores, com outros Tratados místicos, e cartas suas; e intenta dar ao prelo o M. R. P. Fr. Martinho de S. José, Pregador Jubilado, e digníssimo Provincial da Província dos Algarves. Obra é esta tão admirável, e de tanto esplendor para a Ordem Seráfica, que cada um de seus filhos, que dela tem notícia, com acerto pode dizer: *Hoc opus nostri honoris ordo depoposcerat*; porque nela não só não se divisa coisa⁴⁶¹, que encontre a verdade de nossa santa Fé, ou pureza dos bons costumes, mas sim tantas admirações, quantos períodos. Usa a Escritora com mais suave elegância de estilo, a mais religiosa, e modesta gravidade de palavras, como mais sutil da Teologia a maior clareza, e [p. 3v.] propriedades de termos; com a devoção mais amorosa os mais discretos discursos. Em a ciência mística é um assombro: não há delicadeza de espírito, que não fique ilustrado, nem grau de perfeição, em que não dê altíssimos documentos. Os caminhos para adquirir virtudes, para achar a Deus, para segui-lo pela Via Purgativa, Iluminativa, e Unitiva, se declaram com celestial doutrina: as astúcias, e tentações do demónio se descobrem; os auxílios Divinos se propõem; o modo de vencer aos inimigos invisíveis, e as nossas paixões se ensinam.

Difícultoso julgo, que com o limitado de minhas vozes decifre a grandeza desta obra, tão útil, e conveniente, que se dê à estampa, porque nela terão todos os que a lerem uma grandíssima consolação espiritual, porque não se lê neste livro regra, que a vida não possa tomar forma, palavra, que não possa cortar flor, nem folha, de que se não possa colher fruto. Este o meu parecer: VV.

⁴⁶⁰ No original, *bundantíssimas*.

⁴⁶¹ No original, *cousa*.

Ilustríssimas mandarão o que forem servidos. Em o Hospício do Duque de Cadaval, de março 30 de 1755.

Fr. Manoel de Ferreira.

[p. 4] **Aprovação do M. R. P. M. Fr. Félix de Santa Rosa, Lente Jubilado, e Qualificador do Santo Ofício.**

Ilustríssimos Senhores,

Obedecendo ao despacho de VV. Ilustríssimas vi o livro, que consta da Vida da Serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa em o Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, e pretende⁴⁶² dar ao prelo o Reverendíssimo P. Fr. Martinho de S. José digníssimo Provincial da Santa Província Seráfica dos Algarves; e na lição repetida deste livro, não pude suspender o conceito, que muitas vezes me ocorreu, de que esta serva de Deus podia denominar-se, com bastante propriedade, a mulher forte, que Salomão dizia nos Provérbios ser dificultoso encontrar-se: *Mulierem fortem quis inveniet?* porque, se a que Salomão descreveu, punha em tanta confiança o seu Esposo, que ela bastava só para enriquecê-lo dos despojos, que alcançava: *Confidit in ea cor viri sui. & spoliis non indigebit*; esta, cuja vida aqui se expõe, ganhou a todo o custo tantas almas para o Deus Esposo, e com tantas recomendações do mesmo Esposo Deus, como se ele tivera posto na fortaleza, de que a dotara, e confiança, de que o havia de deixar enriquecido⁴⁶³, com essas mesmas almas, que para o seu Deus a amar, lhe granjeou. Aquela governando a sua casa, e a sua família, não extinguia a luz; porque era sumamente cuidadosa no trabalho, e nas [p. 4v.] indústrias vigilante: *Non extinguetur in nocte lucerna ejus. De nocte surrexit, deditque praedam domesticis suis*. Esta a toda a hora vigiava para o bem das almas, que viviam dentro, e fora da clausura. Orava: mortificava-se, instruía, e não perdia instante; porque em todos se applicava muito a granjear virtudes, e merecimentos para Deus, e para o próximo; e muita honra, e glória também para o seu Deus Esposo. A Heroína, de que falava Salomão, mereceu ser louvada pelo seu esposo, e pelos seus filhos, e domésticos: *Surrexerunt filii ejus, & beatissimam praedicaverunt eam; vir ejus & laudavit eam*. Esta serva de Deus, de que se trata no presente livro, sendo louvada pelo Deus Esposo algumas vezes, em que dos favores do Céu a enriquecia; e muitas vezes pelas suas Irmãs, e súbditas, a quem religiosamente dirigiu, como Prelada; agora se vê ser reclamada também pelo seu Religiosíssimo Irmão, Prelado digníssimo, e preclaríssimo esplendor da Santa Província Seráfica dos Algarves, que pretende⁴⁶⁴ pelo benefício da estampa expor à admiração, e veneração de todos, os virtuosos progressos desta serva do Senhor, escritos em virtude da santa Obediência, pela própria mão da mesma serva de Deus. Nestes escritos tem muito que imitar, e aprender os que seguem a vida religiosa, e mística; e não menos os que, vivendo no mundo, quizerem acautelar-se de seus enganos; porque para todos tem esta obra documentos, e instrução, com que possam dirigir-se para o Céu. Nem acho por donde desmereça o imprimir-se, e fazer-se pública, Obra, que em nada se opõe à nossa santa Fé, e bons costumes; antes exorta, e instrui a todos, para que sejam na Fé puros, e nos costumes reformados. Este é o meu parecer, *salvo meliori*. Lisboa, Convento da Boa Hora de Eremitas Agostinhos descalços em 5 de maio de 1755.

⁴⁶² No original, *pertende*.

⁴⁶³ No original, *enriquecido*.

⁴⁶⁴ No original, *pertende*.

Fr. Félix de Santa Rosa.

Vistas as informações, e licenças juntas, pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licenças que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 15 de março de 1757.

Silva.

Abreu.

Trigoso.

Silveira.

Lobo.

Do Ordinário

Aprovação do M. R. P. M. Fr. José da Madre de Deus, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Ofício, e Cronista da sua Religião.

Excel.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor,

Li a vida da Religiosa Soror Isabel do Menino Jesus, dada à luz pelo M. R. P. Fr. Martinho de S. José, Provincial da Província dos Algarves, da Ordem Seráfica, e a julgo muito digna de se imprimir; porque está escrita com boa ordem, elegância, formalidade, e espírito; e não se contém nela coisa⁴⁶⁵ alguma contra a nossa santa Fé católica, nem oposta à pureza dos bons costumes. Convento de N. Senhora de Jesus 19 de maio de 1755.

Fr. José da Madre de Deus.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso, voltará conferido para se lhe dar licença para correr. Lisboa 19 de fevereiro de 1755.

D. José Arceb.

Do Paço

Aprovação do M. R. P. M. Fr. José de Santa Rosa, Lente Jubilado, Qualificador do Santo Ofício, e Cronista da sua Ordem.

Senhor,

Nesta vida da Madre Soror Isabel do Menino Jesus, lustre do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, e crédito da Santa Província dos Algarves, nada encontro, que lhe embarace a impressão, antes me parece digna da luz do prelo, em benefício da virtude, que se no século presente está esquecida, e menos prezada, com este despertador poderá melhorar de fortuna, e incitar os seus seguidores para prosseguirem aproveitados o que principiam fervorosos. Convento do Santíssimo Sacramento dos Paulistas 27 de maio de 1755.

Fr. José de Santa Rosa.

⁴⁶⁵ No original, *cousa*.

Que possa imprimir-se, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à licença, para se conferir, taxar e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá⁴⁶⁶.
Lisboa 31 de maio de 1755.

Ataide.
Seabra.
D. Velho.
Pacheco.

[segundas licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Pode correr. Lisboa 28 de junho de 1757.

Abreu.
Silveiro Lobo.

Do Ordinário

Pode correr. Lisboa 28 de junho de 1757.

D. José Arceb.

[taxa]

Do Paço.

Que possa correr, e taxam⁴⁶⁷ em 240 reis.

Lisboa o 1 de julho de 1757.

Com duas rubricas.

[parecer]

Parecer do M. R. P. Fr. Jerónimo de Belém, Pregador Jubilado, Examinador das Ordens Militares, Consultor da Bula da Santa Cruzada, Cronista, e Padre da Província dos Algarves.

Este me parece o tempo, em que a Vida da Venerável Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, desta Província, não tinha lugar de sair à luz; porque anda nele tao malquista a virtude, que a cegueira dos homens tem neles feito uma tal impressão, para a incredulidade, que no seu conceito não há pessoa justa no mundo, quando, por artigo de fé sabemos, que na Igreja de Deus há justos, e virtuosos, e das boas obras, que eles fazem, participam todos os que estão em graça, e amizade com o mesmo Deus; pois vemos de ordinário, que a humildade se avalia por fingimento: a modéstia por hipocrisia⁴⁶⁸: o retiro por soberba; e a caridade por interesse.

⁴⁶⁶ No original, *corrá*.

⁴⁶⁷ No original, *taixam*.

⁴⁶⁸ No original, *hypocrezia*.

Mas contra isto está a verdade, que, nascendo da terra, do Céu é registada para se exercitar⁴⁶⁹, e estabelecer, ainda à custa das maiores oposições, para que uns se confundam, e os mais se edifiquem, com a santa reforma de seus costumes, que para este fim se lhes poem estes exemplares à vista. Uns, como mais pios, se comovem com a lição santa, avaliando, pelo seu justo preço, aquelas ações, que lhe parecem atos de virtude; e quando dela não tirem outra coisa⁴⁷⁰, ficam dispostos para obrarem com acerto. Outros podem ser aqueles que querem ver o que não fazem, blasonando de místicos, sem prática, nem uso da oração, se recolhimento, sem retiro, e sem haverem talvez feito uma inteira confissão de suas culpas, para melhor se chegarem à graça de Deus. Para corrigir estes sai a público esta vida da Serva do Senhor, escrita de sua própria mão, com todos os passos, e ações dela, referindo os favores, que da mão Divina recebeu, com tanta humildade, quanta foi a força da obediência, que a impeliu a fazer público o que ninguém sabia, nem era conveniente se soubesse, antes da sua morte; mas com efeito preveniu logo, que os seus escritos haviam de padecer suas dúvidas, como nos tem mostrado a experiência. Todo o seu viver foi uma continuada cruz de trabalhos, penitências, e mortificações, não sendo de menos ponderação a da Prelazia, a que a promoveram suas virtudes, e o império da obediência; e com tudo isto não faltaria quem lhe pusesse taxa no seu obrar, para lhe estender o merecimento; mas por isso mesmo saiu mais purificada no crisol da censura, para subir de ponto no seu espiritual aproveitamento. Alguém faria reparo no seu silêncio, nas suas vigílias, na sua caridade, e nas suas penitências, apesar da própria cautela; e quem ainda o fizer nesta sua escrita, julgue de si, se pode formar juízo de penitências, sem ter mão para uma disciplina, nem braço para o cilício? Se poderá notar a sua ardente caridade, sem socorrer o pobre? Se se atreverá a falar em vigílias, dormindo a sono solto na sua cama? E a criticar o seu silêncio, sem saber reprimir a língua, para a mais leve palavra de impaciência? Ora aprendam todos desta grande Mestra de espírito; e os que não forem da sua parcialidade, nem discípulos da sua escola, ficarão sem lugar, e sem graduação no capítulo, e universidade da virtude. Deste reparo comum passemos ao particular de tão precioso livro, em que sou obrigado a dar o meu parecer, que para isso tive insinuação superior; mas com tal circunstância, que só convenho em que ele se imprima, supostas mais licenças, e sem outro algum aparato de censura.

De quatro partes consta toda a sua matéria. Na primeira dá a Venerável Madre fiel relação de sua vida até à entrada do seu Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. A segunda consta de todos os seus progressos na clausura, favores que do Senhor recebeu, e penitências que fez em benefício de muitas almas. A terceira se compõe da vida espiritual, em que trata das três Vias do espírito, com tanta clareza, e expressão de termos míticos, como quem os recebeu na melhor fonte, pois aliás ficariam impercetíveis à capacidade de uma mulher, sem letras; mas tudo pode a Graça de Deus. E a quarta se exorna de algumas cartas doutriniais, e ascéticas, que escreveu a pessoas Religiosas, para as incitar mais à virtude.

Em toda esta matéria, especialmente nas três últimas partes, mostra a Serva de Deus ciência mística, sem artifício retórico, mas fora do rigor escolástico; porque, suposto estas duas ciências sejam ambas irmãs, têm seus diferentes princípios, diversos modos, e desiguais estudos, que regularmente se alcançam mais pela experiência, do que pela mesma ciência se adquirem, e só melhor se penetram pela continuada oração, com o exercício, e prática das virtudes. É doutrina seguida do doutíssimo Ezquerro, e deduzida dos santos Padres, e Místicos, pelas seguintes palavras: *Nolit igitur omnia per rigorem scholasticum metiri, quia quamvis ambae Theologiae germanae sint, habet tamen Mystica*

⁴⁶⁹ Nota lateral: "Ps. 84. v. 12."

⁴⁷⁰ No original, *cousa*.

alia principia, diversos modos, & non paria studia, quae regulariter, magis per experientiam, quam per scientiam discernenda sunt. Et necessária, non tam per librorum studium, quam per orationis, & virtutum exercitium comparare; quia in his potius, quam in illis lucem accipiet. Lucern Mystic. Tract I cap. 6 n. 47. Este juízo sobre a doutrina corrente dos Santos, e Servos de Deus, formo eu da matéria deste livro, e do espírito de sua Autora; porque, sendo certo, que não teve mais estudo, que o da santa Oração, em que gastava muitas horas, e de ordinário, noites inteiras, com o exercício de outras virtudes, bem se insere, que só nesta escola podia aproveitar, para escrever uma matéria toda mística, fundada nas regras, e princípios de uma ciência, verdadeiramente dos santos. A humildade, com que se sujeita aos ditames, e correção dos Doutores Místicos, prova bem este pensamento; porque, ciência sem humildes fundamentos, vai tão fora dos termos de verdadeira, que vem a parar nos delírios, em que caíram muitos homens doutos, perdendo-se a si, e aos seus sectários, com escândalo do mundo, e detrimento grande da Igreja.

Os favores, que a Venerável Madre conseguiu da Bondade Divina, parecem conformes às doutrinas místicas, pela humildade, com que fazia aceitação deles, repugnância, que mostrava em executá-los a favor das almas. E nisto se conforma com a doutrina do citado Ezquerra: *ibi. Tract. 5 cap. 3 n. 23. Si visio fit a bono spiritu, quamvis anima sic contremiscat, paveat, & conturbetur, sensim tamen roboratur, & conquiescit, atque in se mirabile lumen, & altissimam objecti cognitionem percipit, pariter que ardorem in voluntate, fervidam promptitudinem ad bene operandum.* Tudo isto se alcança do que ela passava, sempre que Deus a favorecia na sua oração; porque, no seu conceito, de nada se fazia acredora; afligia-se em buscar dinheiros para resgatar almas, e temia as execuções no seu obrar, ao mesmo tempo, em que se lhe aumentava o fervor de seguir o mais perfeito, e acertado; e nisto mesmo se ia habilitando para novas mercês. Aqui se pode logo oferecer o comum escrúpulo do que duvidam das revelações, principalmente em semelhante⁴⁷¹ sexo; mas como o meu ânimo não se encaminha a disputar, ou convencer, somente digo, que o Senhor pode comunicar-se como, quando, e a quem for servido, *Dividens singulis, prout vult*, sem dependência dos Teólogos, e Doutores. E as mulheres, *servatis servandis*, são mais aptas, por sua brandura, para as Divinas impressões, conforme a opinião dos Teólogos, na matéria da Predestinação, sobre as palavras da Igreja: *Intercede pro devoto faemineo sexu*, se bem que é muito conveniente haver grande cautela em acreditá-las, como adverte o referido Ezquerra *ibi: Faeminae regulariter propter earum suavem indolem, aptae sunt sanctae quieti; verumtamen cum eis magna cautio abhibenda est. Unde per assíduas meditationes, per sollicitum exercitium virtutum; & praesertim per proprii iudicii mortificationem, longo tempore deducendae sunt, ut postea per manifestam Dei vocationem, & probatam virtutem possint tuto ad exercitium contemplationis conscendere.* Tract. I cap. 8 n. 78.

Eu conheci alguns dos Diretores da serva de Deus; e segundo o meu conceito devo entender da sua prudência, que nem eram capazes de crerem de leve, nem mandarem que ela escrevesse o que passava no seu interior, para mais clara inteligência do que deviam obrar; antes me consta, que algum lhe proibiu a escrita até certo tempo. Ultimamente o que alcanço das suas cartas, é um ardente zelo de maior perfeição de vida, com doutrinas naturais, seguras, e sinceras; e quando os escritos se fundam nestes princípios, e deles se seguem bons, e santos efeitos, bem mostram que mão superior é a que movia a pena; e como Deus nem engana, nem pode ser enganado, pelo que mostrou com esta sua regalada Esposa, bem podemos inferir, que lhe deu luz para o acerto, e aprovou toda a matéria deste seu livro; porque de outra sorte era moralmente impossível, que uma mulher iliterata se elevasse sobre a sua pouca capacidade.

⁴⁷¹ No original, *semelhante*.

Por todas estas razões, sou de parecer que o livro se imprima, na mesma forma, em que sua Autora o escreveu; pois nela se não encontra coisa⁴⁷² alguma oposta aos dogmas da Fé, doutrinas dos Santos Padres, e Doutores Místicos, nem contrária aos bons costumes. Antes me parece digno de se estampar com letras de ouro, para maior formosura do seu Mosteiro, crédito desta Província, edificação do mundo, e maior glória de Deus, a quem sejam dados todos os louvores por séculos sem fim. Santa Maria de Jesus de Xabregas de Lisboa 2 de fevereiro de 1757.

Fr. Jerónimo de Belém.

[no fim]

[p. R] **Prólogo, progressos, fim, e protestaço.**

I

Costumam os prólogos porem-se no princípio dos livros: neste não pode ser assim, por isso se guardou para o presente lugar. Como tudo quanto aqui até aqui está escrito é da mesma letra, e com a própria frase da *Venerável Madre Soror Isabel do Menino Jesus*, não era justo, que se pusessem outras palavras primeiro que as suas; procederam até agora estas, entram pois as mais, que continuam o admirável progresso da sua vida, e o feliz fim de sua morte.

Não há que dizer ao leitor por satisfação do prólogo se não que esta vida, é como aquelas de muitas Santas, e Servas de Deus, que correm impressas, assim como por elas mesmas foram escritas, com algum aditamento somente sobre o que lhe faltava. O mesmo se faz nesta pelos parágrafos seguintes, até ao último, que será a protestaço.

II

Na virtude da humildade foi especialíssima, que como é o alicerce de todas, nela pôs o fundamento de todas as suas. Costumava dizer: *Muita humildade, muita humildade; debaixo dos pés de todas as criaturas; oh, que superior lugar!* E acrescentava que um servo de Deus vira uma rede onde caía tudo, e perguntara: *Quem há de passar por aqui?* E ouviu logo uma voz, que dizia: *A humildade.* A maior foi a do N. P. S. Francisco; pois quem é filha sua, concluía, não pode deixar de ser humilde; quem tem esta virtude, deixa passar por tudo por cima, e sempre fica por baixo.

Assim o desempenhava a serva de Deus, fazendo benefícios às pessoas, de quem tinha recebido agrados, principalmente a uma Religiosa, que a tinha ofendido bastantemente, e sem razão alguma. E vindo esta a cair em uma grave, e prolongada em [p. R2] fermidade, sabendo, que passava muito mal as noites, a ia acompanhar, e consolar, e dali se não apartava, se não pela manhã, servindo-a com tanto carinho, e afeto, como se da dita enferma tivera recebido extraordinários benefícios, e favores, em termos tão humildes, que a mesma Religiosa beneficiada se confundia. Nunca se puderam divisar nesta bem inclinada criatura sinais de soberba: toda a sua vida foi sempre uma humildade continuada.

III

Era tão extremosa na virtude da caridade, que não tinha coração, para ver padecer o próximo necessidade alguma; porque às espirituais acudia logo com orações, e às temporais com o possível remédio. Desejava muito dar liberdade aos presos, e os mandava favorecer, quando podia; os pobres

⁴⁷² No original, *cousa*.

sempre foram o seu doce emprego, principalmente as necessidades de pessoas particulares; e não bastando o que podia descobrir a sua muita agência para remediar a todos, como o governo da casa estava por conta de uma sua irmã secular que tinha Recolhida, às escondidas dela tirava azeite, trigo, e outras coisas⁴⁷³ mais, e com estes piedosos furtos, remediava os pobres.

Tinha grande zelo, que se conservassem na Religião as criadas, tanto da Comunidade, como das particulares, e para este fim punha todos os esforços que podia. Neste exercício da caridade para seus próximos, padeceu muito, por ocasião de sucessos, em que as murmurações os faziam mais gloriosos.

Visitava as enfermas, e caritativamente as consolava. Todas as buscavam nas suas aflições, e em lhas comunicando, vinham da sua presença consoladas, tanto das suas prudentes palavras, como da espiritual doutrina, que lhes dava, porque o dom da prudência, e entendimento, teve em grau perfeito.

Quando a sua caridade não podia remediar necessidades maiores, porque o voto da pobreza, que professava, lhe servia de impedimento, se valia da referida sua irmã, que vivia secular na mesma clausura, descobrindo por ela meios, com que vencias as maiores dificuldades. Não foi pequena a do sucesso seguinte. Vivia recolhida no mesmo Mosteiro uma senhora com grandes desejos de ser Religiosa, e com evidentes impedimentos de o poder conseguir, pois a única esperança que tinha, era em ser [p. R3] viços Reais, que por morte de seu pai lhe tinham ficado. Mas como Sua Majestade baixou um Decreto, em que mandava, se não entregasse o dote, que a dita senhora procurava para ser Freira, se não depois de lhe constar por certidão do Convento, em como ela estava professa; como isto tinha muitos embaraços, e circunstâncias tão veementes de se não conseguir, ninguém queria arriscar o seu dinheiro. Porém a serva de Deus tinha um coração tão abrasado em caridade, que não podia ver a aflição do seu próximo, e desejava sempre caminhos, para remediá-la. Assim usou, e suplicou a sua irmã, quisesse pedir o dote a razão de juro, hipotecando fazendas para esta devota secular entrar no Noviciado, e que fiasse de Deus, que não se havia de perder, nem coisa⁴⁷⁴ alguma havia de faltar. Assim se verificou; pois, professando a dita Religiosa, mandou pontualmente El-Rei dar os dinheiros, dos quais se pagou tudo, e ela ficou gostosa no desafio da sua abrasada caridade, ajudando aquela alma para o serviço de Deus. Se se intentasse referir com individuação a virtude da caridade desta Esposa de JESU Cristo, seria um nunca acabar.

IV

Da santa pobreza, virtude tão amada do Seráfico Patriarca, era esta serva de Deus tão amante, e tão desapegada de tudo, que nenhuma outra coisa⁴⁷⁵ podia conservar, com a denominação de sua, senão a chave de uma caixinha, onde fechava os seus escritos. Quando havia em casa hábito usado, ela se aproveitava desta ocasião, pedindo, lhe dessem este para seu uso, por evitar gastos consigo, contentando-se, com que se despendesse com os pobres, o que com ela se podia gastar; depois dizia, achava em si tudo mal empregado; mas, ainda que se vestia de hábitos usados, andando em seu corpo, saíam com tal asseio, e limpeza, que pareciam tirados de peça: debaixo do Céu nada queria ter por seu; verdadeira filha de seu Seráfico Pai, e só aos pobres chamava seus, querendo fazer sua, e própria até a pobreza alheia. Sempre esta quando é voluntária, segura felizmente na alma a cândida pureza: por isso entre os votos essenciais uma conjunção ata a pobreza com a castidade.

⁴⁷³ No original, *cousas*.

⁴⁷⁴ No original, *cousa*.

⁴⁷⁵ No original, *cousa*.

Amantíssima foi desta virtude *Soror Isabel*, que por ser *do menino Jesus*, era do Esposo Esposa castíssima; e tanto se uniu com ele pela pureza, que desde menina, em Deus Menino se conservou pura. Provam esta verdade as palavras, que se acham no termo, que se fez em o livro dos Óbitos daquele Mosteiro: *Conservou a virtude da santa Pureza em grau tão perfeito, que publicam os seus Confessores, que nem por pensamento a quebrantara, e nem tivera o menor arrependimento da clausura, que professou*. Testemunha é esta de maior exceção, e quem fez o dito termo, tinha sido um dos seus Confessores. Sentia muito todas as ofensas, que se faziam a Deus; porém particularmente na da sensualidade, por serem mais que todas; e o voraz fogo, verdadeiramente, em que se abrasa o mundo; e todo este bem empregado ódio contra a lascívia estava fulminando o ardente amor, que havia em sua alma da Pureza.

V

Na obediência era tão pronta, que sempre foi a primeira em tudo para os exercícios de todos os seus atos. Estando no [p. R4] Coro em oração, ficou abstraída dos sentidos na presença das Madres Soror Maria Micaela de Jesus, Soror Brites Maria dos Serafins, e Soror Luísa Joana Baptista, e outras mais Religiosas, sem dar atenção alguma a quem lhe falava. Chega ao mesmo tempo a Madre Abadessa, que então era, e disse-lhe, que se fosse recolher; porém, ficou imóvel. Vendo a Prelada isto, mandou-lhe por santa Obediência, que se fosse recolher; apenas ouviu esta palavra, se levantou, e foi direta para a cela.

Querendo a Prelada dispensar com ela, para que não fosse ao Coro, atendendo aos seus muitos anos, e não poucos achaques, respondeu com muita submissão, e grande benignidade: Que bem podia, porque lhe ficava muito custoso cumprir com o Ofício Divino, rezando fora do Coro, sendo, que na realidade, era seguir em tudo o mais perfeito, como bem se conheceu em uma ocasião, em que a Abadessa mandou calçasse meias; pois nunca delas usava, nem no maior rigor do frio; e como sabia, que ela parecia queixa nos pés, e via o desabrimento do inverno, que naquele ano foi rigorosíssimo, se valeu do poder de Prelada, para o mérito da obediência. Ela prontissimamente obedeceu, calçando para logo as meias, as quais não trouxe mais, que um dia; porque antes que se findasse, foi ter com a Abadessa, pedindo-lhe humildemente licença, para os poder tirar, o que não fazia sem esta, atendendo à obediência, e referindo as não podia sofrer pelas moléstias, que padecia nos pés, e que seu Esposo Divino a não queria calçada com meias, e sapatos, porque estava na cruz sem uma, nem outra coisa⁴⁷⁶; e que ainda em sua santa vida só de alparcas usara.

Se ouvia nomear os Prelados, ou Preladas, bastava para seu coração se encher de reverente terror: estimava, e amava a quem obedecia nas semelhanças⁴⁷⁷ de Deus; e finalmente a seus Diretores teve uma tão rara obediência, que sem seu conselho não era fácil fazer coisa⁴⁷⁸ alguma; e quanto escreveu, e hoje com estimação se guarda, foi porque assim lho ordenou a obediência.

VI

Na virtude da santa Oração, principalmente a mental, foi uma admiração. Pode-se dizer desta Venerável Religiosa, que a sua vida foi toda foi uma oração contínua. Além das horas, que gastava neste santo exercício no Coro, diante do Santíssimo Sacramento, todo o mais tempo, e lugar, era para ela lugar de oração: qualquer instante, que lhe restava das ocupações precisas, nela o gastava; e

⁴⁷⁶ No original, *cousa*.

⁴⁷⁷ No original, *semelhanças*.

⁴⁷⁸ No original, *cousa*.

estando falando com pessoas, a quem não tratava com cerimónia⁴⁷⁹, na mesma prática se recolhia, ficava em oração.

Sentada à mesa para comer, enquanto este não vinha, estava em oração recolhida no seu interior. Quando era Prelada, que ia aos locutórios, para tratar dos negócios da Comunidade, enquanto as pessoas, por quem esperava, não chegavam, se punha em oração. Quando tinha enfermidade, que a obrigavam por ela a deitar-se na cama, além de tomar as purgas, e mais remédios aos sorvos, contemplados em atos de amor de Deus, em acabando de os tomar, se ficava sentada em cima da mesma cama, recolhida em contemplação; e pedia à Enfermeira, que fosse assistir às outras doentes, que teriam mais necessidade, do que ela.

Era para admirar, ver a facilidade, com que esta alma a toda a hora, e em toda a parte se recolhia no interior com Deus. As noites, até à meia-noite, todas estas horas eram de oração: depois da meia-noite tomava um breve sono; e pelas duas já tornava outra vez para a oração; na madrugada descansava espaço de uma incompleta hora, e logo voltava a orar. Este era o estilo comum, que o particular sucedia às vezes levar noites inteiras, e não descansar, tomando de sono, apenas um quarto de hora.

Depõe sua sobrinha a Madre Soror Isabel de S. José, que, dormindo na mesma cela com a serva de Deus, via, que noites inteiras levava todas em oração; e compadecendo-se muitas vezes dela, lhe rogava, tomasse um pequenino de sono, a que respondia, que não podia ser, porque era muito necessária a oração, pois eram as necessidades muitas, e que só com a muita oração podiam ter algum remédio. E entendendo a dita sua sobrinha, que pelo excesso, pelos achaques, pelos muitos anos, e pelo rigor do tempo, não estaria pela manhã capaz de sair da cela, era a primeira, que entrava no Coro. Tinha como aversão ao descanso da cama, e algumas vezes dizia, que Deus a livrasse dela; e quando a necessidade a obrigava de dia, a que se recostasse, ficava algumas vezes com os olhos fechados, e as mãos postas a modo, que orava.

Recomendava muito às pessoas, com quem tratava com mais familiaridade, não perderem tempo, que era perda, que se não podia recuperar. E se em algumas ocasiões via as Religiosas estarem falando muito tempo uma com outra, dizia: *Não percais tempo, se desses esse à oração, veríeis maravilhas; palavras nada fazem, nada valem; as orações falam muito, porque são correios, que chegam ao Céu.*

Deve este santo Mosteiro a esta serva de Deus a frequência, e grande continuação, que há nele da oração mental; porque a deixou radicada em tal forma, e pela misericórdia de Deus se conserva, que em muitas horas do dia, e da noite se acham no Coro Religiosas orando. E ainda as moças do mesmo Convento não faltam a este santo exercício. Costumava rezar as preces do Breviário, que chamamos: *Ordo commendationis animae*; pelas almas, que estavam em agonia de morte. Rezava muitos Ofícios de defuntos, pelas do Purgatório; e quando já não podia pelos seus anos, e muitas moléstias, visitar a Via Sacra corporalmente, dizia a visitava espiritualmente, e recomendava muito, que a este santo exercício não faltassem, todas as que pudessem.

Outros muitos empregos de oração vocal tinha, a que dava cabal cumprimento todos os dias; mas na mental se elevava de só sorte o seu espírito, que lhe chamava *a glória da vida mortal*, e que se havia *Bem-aventurança na terra*, era só a *Oração mental*, enquanto se fazia. Foram extraordinárias as mercês, e indizíveis os favores, que o Senhor lhe fez por meio da Oração: alguns manifesta a serva de Deus nos tratados, que escreveu, outros deixou a sua rara modéstia, e conhecida santidade naquele silêncio, em que as almas amigas do Senhor costumam guardar seus misteriosos segredos.

⁴⁷⁹ No original, *ceremónia*.

VII

Esta serva de Deus fez o Senhor a mercê de conhecer os interiores, quando ele era servido, e o dom de profecia, como parece por alguns sucessos. Depõe Soror Ana Maria da Assunção, que fazendo uma novena à sua Madre, a gloriosa Santa Clara, com a circunstância de pedir todos os dias o seu sustento de esmola; para maior merecimento, e mortificação, determinou, que um destes dias havia de ficar à Divina Providência; mas foi pensamento, que não comunicou a pessoa alguma; porém nesse mesmo dia dedicado à Providência Divina, impossível de se saber, porque o não tinha comunicado, mandou a dita Madre Soror Isabel do Menino Jesus de jantar com toda a grandeza, e urbanidade religiosa.

Depôs uma, que hoje vive, e o referiu, para testemunho desta verdade, na presença de Soror Isabel de S. José, e de Soror Brites dos Serafins, sobrinhas da serva de Deus, e de Soror Teresa Joana Bernardina de Jesus, que achando-se gravada mortalmente na sua consciência, se encontrara com a Madre Soror Isabel do Menino Jesus, e esta lhe dissera, que se fosse lavar à fonte da Penitência; porque estava a sua alma muito imunda; e indo a referida Religiosa confessar-se, sem que a dita Venerável Madre o soubesse, em outro encontro, logo lhe disse, que já estava bastante limpa, e que fizesse muito por se conservar na graça de Deus.

Expõe, como verdade infalível, na presença de muitas Religiosas a quem o conta, Soror Vicência Xavier de Santa Rosa, que estando seu pai gravemente enfermo, e já com todos os Sacramentos, indo ela pedir orações a esta serva de Deus, respondeu que com muito boa vontade o encomendaria ao Senhor; e passado algum espaço, que tinha levado em oração, lhe certificou, que daquela enfermidade não morria, e assim foi. Passados porém seis anos, caiu em outra doença; e indo a filha Religiosa fazer nova súplica por seu pai, disse-lhe a serva de Deus, que já não era tempo, que se resignasse na Divina vontade, que seis anos lhe tinha emprestado o Senhor de vida, e que esta acabava agora, e assim se verificou, porque faleceu.

Uma pessoa de respeito, na cidade de Portalegre, mandou particularmente um recado à Madre Soror Isabel, que encomendasse a Deus um sujeito da sua casa, que tinha uma ilícita correspondência, a qual era motivo de grandes discórdias, e desgostos. Logo respondeu, pela mesma mensageira do recado, que dissesse à senhora, podia descansar, que muito cedo estava chegando a emenda, e assim foi; porque entrou o desengano entre os dois⁴⁸⁰ da correspondência, e mudaram-se para uma penitência, e exemplar vida.

Estava a serva de Deus em uma ocasião com outras muitas Religiosas, e viu, que para a grade passava certa Freira, subriu-se, com a sua costumada modéstia, e graça, para todas, sem que a pressentisse a que passou, e disse: *Como vai ufana, como vai bizarra, ora deixá-la ir, que não há de tornar lá.* Assim foi; porque tão feliz guerra armou com quem estava na grade, que ele foi desconfiado para o mundo, e ela voltou desenganada para Deus.

Maria de Cárceres Vidigal, pessoa que trata de virtudes, e cuida da sua salvação, depôs na presença da Madre Soror Maria Micaela Jesus e da Madre Soror Teresa Joana Bernardina de Jesus, que a serva de Deus, muitas, e repetidas vezes lhe conheceu o seu interior, expressando-lhe clara, e distintamente o que tinha nele; e que se for necessário o afirmará com o juramento dos Santos Evangelhos.

Certa Senhora, que mora quatorze léguas distante da mesma Cidade de Portalegre, teve da serva de Deus um recado, por carta, que escreveu de um seu sobrinho, mandando-lhe dizer que a estimava, e amava muito em Deus, que a conhecia, e pedia suas orações. Fez reflexão a dita senhora

⁴⁸⁰ No original, *dous*.

nas circunstâncias do recado, e ficou formando um grande conceito [p. 5] de sua virtude. Teve ocasião de se verem ambas, vindo ao seu Mosteiro, e se festejaram muito; e das razões da serva de Deus, e santa conversação, percebeu muitas coisas⁴⁸¹, que dizia, como que se as tivesse presenciado; e também lhe disse algumas de futuro, que ao depois experimentou, com bastantes trabalhos da vida.

Pediu-lhe esta mesma senhora em uma ocasião, que encomendasse muito a Deus seu marido, e também a seu filho, que estava para fazer um ato na Universidade. Disse-lhe, que não lhe desse cuidado seu filho, que lhe não havia de servir de ocasião de moléstia, e que o ato seria muito bem-sucedido, como foi, ficando com muitos créditos de sábio; e que em quanto a seu marido louvasse a Deus, que era muito bom na sua presença. Tinha tanta fé esta distinta pessoa com a Madre Soror Isabel do Menino Jesus, que ainda agora, depois da sua morte, recorre a ela (mediante a misericórdia, e vontade Divina) com súplicas, e acha remédio nas suas aflições; e muitas vezes, lhe representa a sua fantasia, como se a estivesse vendo ainda viva, no que tem grande consolação a sua alma.

A irmã Maria da Conceição, Fundadora, e Regente do Recolhimento de S. Brás da mesma Cidade, certifica pela comunicação espiritual, que teve com a serva de Deus, que suas doutrinas, e documentos, eram todos celestiais, e que ela o experimentou em uma ocasião, em que se achava espiritualmente aflitíssima; pois havendo um ano, que não escrevia à Madre Soror Isabel, como às vezes fazia, esta lhe escreveu então uma carta, em que lhe dizia: *Minha filha, dê graças a Deus, alente-se, anime-se, que há de vencer; e diga-me se quer que lhe mande lá o Padre para desafogar seu espírito com ele, porque sei que tem a sua alma muita, e grande necessidade*. Ficou parecendo-lhe, que Deus lho revelara; pois ela se não tinha declarado com pessoa alguma.

São inumeráveis os sucessos desta qualidade em toda a sua dilatada vida; mas como muitos, se tinham por acaso não fizeram caso deles.

[p. 52] VIII

Foi muito rara nas penitências; porém grandemente acautelada nelas: sabia-se destas pouco, porque as escondia muito. No alto silêncio da noite tomava as disciplinas nos lugares ocultos; usava de silícios à raiz da carne, não só na sua mocidade, mas ainda na velhice; muitos jejuns, e abstinências, com admiráveis disfarces; alegrava-se com as mortificações, como se fossem delícias, e as ensinava em virtudes nas mesmas devoções.

Pela Festa da Senhora do Rosário, costumava fazer um de mortificações, contando estas pelas *Ave Marias*, e sempre uma maior, e distinta pelos *Padre Nossos*; e este Rosário completava entre a véspera, e dia da Senhora, devoção que introduziu em todas as pessoas de sua casa. Tinha o corpo por inimigo próprio, e assim o tratava com todo o rigor que podia, e até morrer o trouxe sempre sujeito à alma. Quando as Religiosas sentiam, no mais desabrido do inverno, ir a Madre Soror Isabel do Menino Jesus para o Coro, lhes causava grande compaixão, e esta lhes dava ânimo para fazerem o mesmo; pois viam tal exemplo na idade de oitenta anos.

IX

Tinha entre as suas inumeráveis virtudes a paciência o último lugar, que com esta deu fim à mortal, e princípio à imortal vida, tão perfeita Religiosa. Teve bastantes ocasiões de padecer por via das criaturas, que se lhe faziam, por disposição Divina, suas contrárias, o que levava com muita paciência; e parece não sabia sentir os agravos, antes os estimava, como que foram benefícios. Esta foi a doutrina, com que criou suas sobrinhas, educando-as em os sofrimentos das injúrias, e que se

⁴⁸¹ No original, *cousas*.

não desculpassem, quando fossem repreendidas, que ficassem na certíssima máxima, que só a paciência cantava a vitória, e assim são hoje perfeitíssimas Religiosas na mesma clausura.

Veio ao seu Mosteiro uma Serva de Deus, natural de Valença de Alcântara, a qual já faleceu com opinião de grande santidade, chamada Joana Sanches, e procurou a Madre Soror Isabel do Menino Jesus, dizendo, trazia licença do seu Confessor, para lhe falar [p. S3] particularmente. Vindo esta à grade na companhia de muitas outras Religiosas, sem nunca a ter visto, a Castelhana a conheceu, apontando com o dedo para ela, e dizendo, que aquela era, e não outra; pois da mesma sorte lha tinha mostrado o senhor; e acrescentou mais, que muito lhe tinha custado chegar a este convento, pela grande guerra, que o inimigo do género humano lhe tinha feito no caminho, só por não vir ver aquela Religiosa o Job da paciência.

Grande, e muito grande foi a que mostrou na presença de um Delegado, que veio à visita. Mal informado este, a repreendeu aspérrima, e publicamente em capítulo, dando-lhe culpas, que não tinha, o que ela levou com muita paciência, e manifesta alegria; e dali logo foi a primeira, que lhe tomou a bênção. Foram depois as Religiosas buscá-la para a consolarem, significando-lhe o muito, que sentiam, que tão larga, e falsamente se tivesse falado contra a verdade, e contra o seu respeito. Respondeu, que o Padre não tinha culpa, porque assim o tinham informado, e que por sua conta ficava o dar-lhe suas orações, e lembrar-se muito dele, assim miserável, como era, diante de Deus. Este caso nunca pode esquecer naquela Comunidade até ao dia de hoje, que repete sempre com admiração.

Além da enfermidade dos anos, eram muitos os achaques, poucas as partes do seu corpo, em que não padecesse dores, que com a paciência, lhe punha no rosto uma tal alegria, que consolava a quem a via ir-se assim arrastando-se para o Coro, e mais atos da Comunidade.

X

Por último rendeu-se à cama, onde esteve cinco para seis meses; e a urgente moléstia, que a obrigou a tanto, mais parecia doença do amor de Deus, do que enfermidade natural. Era assistida de dois⁴⁸² Médicos, os quais eram encontrados um com outro, e da mesma sorte eram os pareceres sempre diversos; e nesta contradição padeceu com suma paciência muito a serva de Deus. o seu desafogo era pôr-se em oração, e muitas vezes os mesmos Médicos a achavam extática. E dizia⁴⁸³ um deles que a doença era sobrenatural, e não competia à sua arte; dizia porém o outro, que lhe havia de aplicar tudo, o que cou [p. S4] besse na sua faculdade; e assim ordenou, que lhe dessem farjas, e remédios fortes, e os mais violentos. Tudo estava observando a Venerável paciente, com o seu claro entendimento; e assim dissimulava prudentemente, dizendo, que os flatos do coração lhe tinham privado os sentidos. Todo este parecer, semelhança⁴⁸⁴ propriamente do martírio, foi o Senhor servido dar-lhe, para por este meio se reconciliarem os Médicos um com o outro; porque principiando a cura inimigos, a finalizaram com muita paz, e estreita amizade, em que ficaram. Não melhorou totalmente, mas perseverou entrevada todo este tempo, servindo-lhe a cama de purgatório.

XI

Na última enfermidade, de que Deus foi servido levá-la, se portou com mais paciência, que nunca; quanto mais se chegava para a morte, mais tolerância, e maior sofrimento mostrava. Em

⁴⁸² No original, *dous*.

⁴⁸³ No original, *dezia*.

⁴⁸⁴ No original, *semelhança*.

dezoito dias desta doença, que lhe tirou a vida, não se lhe ouviu nem um suspiro, nem um só ai, para desafogo da natureza. Era uma inflamação interior, que lhe causava ardentíssima febre, e no mesmo tempo, que se estava abrasando, não se via nela, se não uma serenidade, como de saúde. Desconfiaram os Médicos, reconhecendo o evidente perigo, e lhe mandaram dar o santíssimo Viático. Muito se alegrou com a visita de seu dulcíssimo Esposo, recebendo-o com tanta ternura, e devoção, que as lágrimas dos seus olhos fizeram arrasar em muitas os de todas as Religiosas. Pediu universal perdão a toda a Comunidade, acompanhando a este uma prática de tão exemplar edificação, que a fundou na humildade e na observância, confessando publicamente, e no fim da sua vida, que não tiveram nem esta, nem aquela, quando foi a mais humilde, e a mais observante. Todo este dia esteve em altíssima contemplação, arrebatada dos sentidos; e chegando a Abadessa, que então era uma sobrinha sua, a pedir-lhe a bênção, que como mãe lhe deitasse, o fez mui benignamente, querendo primeiro a sua, como Prelada, e lhe suplicou não consentisse por então, fossem Religiosas à sua cela, porque era o dia de muito amor de Deus, e que havia muito, que tratar com ele, e se não queria divertir com as criaturas. Eram os ímpetos, que tinha tão grandes, e tão veementes, que se levantava o meio corpo no ar, e ficava suspenso algum tempo; e como as Religiosas não conheciam o que isto era, algumas se sobressaltaram, servindo-lhe de assombro o que nunca tinham visto.

Em um dia de preceito foram todas, as que lhe assistiam, à Missa, e ficou só com ela a Madre Soror Josefa Maria do Sacramento, e confessa esta Religiosa, que em todos o tempo da Missa, na sua mesma cela estivera a Serva de Deus recolhida em oração, como extática, com o rosto todo inflamado; e no fim, levantando o meio corpo, mais do que estava, lhe perguntou se tinha visto alguma coisa, e respondeu-lhe a Religiosa que não, se tornou a ficar no seu sossego, e contemplativo exercício. Estando falando particularmente com a mesma sua sobrinha, e Abadessa Soror Isabel de S. José, lhe disse, que nesta sua última enfermidade eram tantos, e tão grandes os favores, que o Senhor lhe tinha feito, que os não podia explicar; e dizendo-lhe esta, que para sua consolação lhe manifestasse alguma coisa⁴⁸⁵, respondeu, que como a Prelada, não podia falta, que diria o que pudesse ser, e continuou, que a levava o Senhor a um campo muito ameno, espaçoso, e de delícias cheio, e que ali lhe deitaram, sem ver quem, um finíssimo cobertor azul, todo matizado de estrelas de ouro; e que se lhe dizia, que por cada uma daquelas estrelas se entendia uma virtude, pelas mortificações, e penas, que padecia. Querendo-lhe perguntar mais, e alguma explicação disto mesmo, respondeu, que tinha obedecido, e não podia falar mais, que estava muito fraquinha.

XII

Como se agravava cada vez mais a enfermidade, e quem o conhecia melhor era a doente, disse que queria receber segunda vez o Santíssimo Sacramento por Viático, e que logo lhe dessem também o da Extrema-Unção, que era chegado o tempo de ser assim preciso. Fez novamente fervorosos atos, com ardentíssimos afetos, na receção destes dois⁴⁸⁶ Sacramentos, respondendo a todas as cerimónias⁴⁸⁷ deles, em seu perfeito juízo, e admirável sossego, e assim ficou esperando a hora do seu trânsito no instante do Divino Beneplácito. Queriam neste tempo os Religiosos ficar em sua companhia, para a ajudarem na última hora; e ela disse, que não que não consentia, por não ter ainda necessidade de sua assistência, que só reservava para quando fosse precisa. Passou o dia de N. P. S. Francisco, entrou a noite, e disse que eram necessários os Padres. Os dezoito dias da enfermidade, que lhe trouxe a sua morte, tinham principiado no das chagas do mesmo Santo; e quando haviam de

⁴⁸⁵ No original, *cousa*.

⁴⁸⁶ No original, *dous*.

⁴⁸⁷ No original, *ceremónias*.

acabar, se não passado o seu dia? Parece que à meia-noite a estava chamando seu Divino Esposo, porque naquelas quatro horas lhe estiveram rezando o ofício de agonia; e sem que tivesse alguma, sempre com o entendimento, e voz, que se percebia, antes das cinco da manhã, com JESUS na boca, entregou a JESUS a sua alma no dia cinco de outubro de mil setecentos cinquenta e dois⁴⁸⁸.

XIII

Ficou seu corpo de formosíssimo aspeto; sendo velha parecia menina: todos os sinais de justa se viam nela, depois de morta. Por descuido, e pouca advertência (seria disposição Divina) se não fizeram os exames, que pedia a razão, em um cadáver com tantas semelhanças⁴⁸⁹ de vivo, como em outros de muitas pessoas virtuosas se tem feito. O horror, e medo, que causam os mortos, apartou Deus deste corpo; porque as Religiosas, enquanto lho não encobriu a sepultura, se não podiam apartar dele.

Sepultou-se finalmente à vista da sua rara virtude, com um sentimento alegre, deixando a todos, até ao dia de hoje, uma perpétua saudade. A cela onde faleceu conservou por espaço de um mês cheiro suavíssimo, e extraordinário indício da Bem-aventurança, para a qual crê a nossa piedosa Fé levaria o Senhor esta alma, pela bem fundada esperança, que nos deixou sua virtuosa vida.

XVI

Protestação

Em observância dos Decretos do Santíssimo Papa Urbano VIII de treze de março de mil seiscentos trinta e quatro, e cinco de junho de mil seiscentos trinta e quatro; declaro, e protesto, que dar o título de Venerável a esta serva de Deus, escrevendo as suas virtudes, revelações, profecias, obras prodigiosas, e mais celestiais favores, não é minha tenção dar-lhe veneração, nem que a tenham por santa, sem declaração da Igreja, nem que a quanto aqui se refere, se lhe dê mais fé, que a que deve ter uma narração puramente humana; e ainda que piedosa, confesso, que pode ser falível.

A mesma Madre Soror Isabel do Menino Jesus, sujeitou todos os seus escritos à Igreja Católica Romana, e que os Mestres dela, os pudesse emendar, por isso antes de morrer os legou ao Provincial da Província dos Algarves, seu legítimo Prelado, para que os examinasse, se estavam conformes à nossa santa Fé, e bons costumes; e que achando o contrário, e lhe parecesse, os mandasse queimar, que era o que ela merecia, como tão grande, e miserável pecadora: nesta humildade, e obediência escreveu tudo por mandado de seus Confessores, e eu fui um deles, que lhe proibi o escrever, e depois a mandei. Tanto pois, da parte desta Religiosa, como da minha parte, me ponho, com humilde rendimento aos pés da Santa Madre Igreja, cuja cabeça é o Sumo Pontífice, sujeitando-me em tudo, e todo este livro ao seu arbítrio, juízo, e correção, como regra infalível, que é das verdades católicas. Assim o protesto, e ratifico.

Fr. Martinho de S. José.

Ministro Provincial da Província dos Algarves.

⁴⁸⁸ No original, *dous*.

⁴⁸⁹ No original, *semelhanças*.

[índice temático]

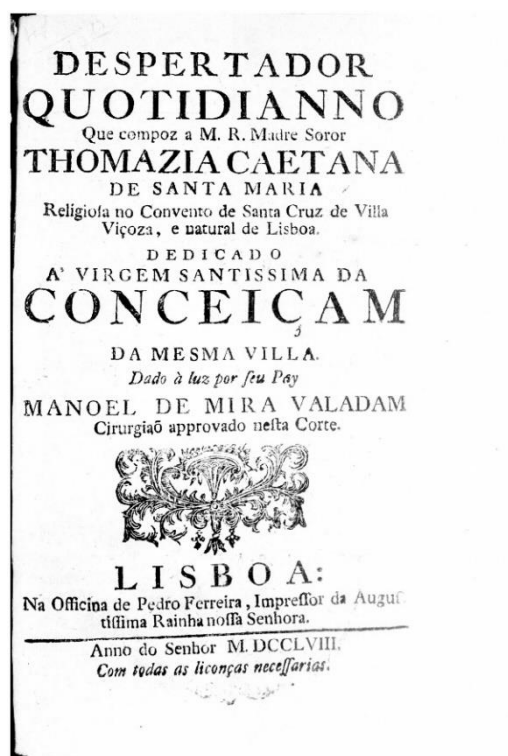
Índex das coisas⁴⁹⁰ mais notáveis

Também este Índex é acréscimo, que se fez à obra da Venerável Madre Soror Isabel do Menino Jesus; porque dele estava falta, e era preciso, para maior formosura, e inteligência do seu livro, que nada mais leva de aumento.⁴⁹¹

⁴⁹⁰ No original, *cousas*.

⁴⁹¹ Pela extensão deste índice e relativo desinteresse enquanto paratexto, optou-se por não o transcrever.

Anexo 45 – Despertador quotidiano (1758)



[frontispício]

Despertador Quotidiano que compôs a Muito Reverenda Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa do Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, e natural de Lisboa.

Dedicado à Virgem Santíssima da Conceição da mesma vila.

Dado à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão Cirurgião aprovado nesta Corte.

[gravura]

Lisboa: Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha nossa Senhora.

Ano do Senhor MDCCLVIII.

Com todas as licenças necessárias.

[proémio]

Proémio

Ouve a Jesus, que se inflama
No Patíbulo⁴⁹² por teu bem,
E por quantas feridas tem,
Por quantas bocas te chama.
Seu sangue vertido clama,
Pronto o perdão para nós;

⁴⁹² No original, *Patiblo*.

Ouve-o já menos feroz,
Gosta de Cristo a pureza,
Vê de Jesus a fineza,
Escuta de Deus a voz.

[no fim, texto laudatório]

Em aplauso da Discretíssima Autora, a Reverendíssima Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria

Soneto

Expressando, Senhora, o nunca ouvido
Fatal, tremendo estrago da Ulisseia,
Não se sabe animado em vossa Ideia,
Se é mais a narração, que o sucedido.

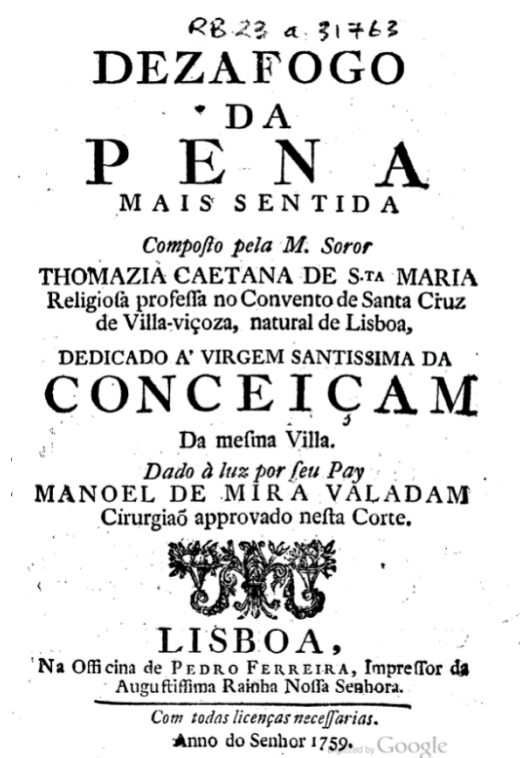
Bradou a terra; e brada o advertido
Do vosso canto; e é tão discreta a veia,
Que quanto à experiência se faz feia,
Tanto a recordação gosta ao sentido.

Assim como de Deus o justo intento
Nos avisou no estrondo desse dia,
Nos dá hoje outro estrondo em vosso acento.

Mas se o suave vence a grossaria,
Quem duvida entrar n'alma o documento,
Que mais que a voz da terra é a da harmonia.

De António Correia Viana.

Anexo 46 – Desafogo da pena mais sentida (1759)



[frontispício]

Desafogo da pena mais sentida

Composto pela Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria Religiosa Professa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, natural de Lisboa, dedicado à Virgem Santíssima da Conceição da mesma Vila.

Dado à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão Cirurgião aprovado nesta Corte.

[gravura]

Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha Nossa Senhora.

Com todas as⁴⁹³ licenças necessárias.

Ano do Senhor 1759.

[no fim, licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Sereníssimo Senhor:

O Soneto glosado, que quer imprimir Manuel de Mira Valadão, é muito capaz de se divulgar pelo Prelo, por não ter coisa⁴⁹⁴ contra nossa Santa Fé, ou bons costumes; e por servir de grande crédito

⁴⁹³ No original, omitiu-se *as*, provavelmente por lapso.

⁴⁹⁴ No original, *cousa*.

à Religiosa Autora, de maior glória para Maria Santíssima no admirável mistério de sua Conceição Imaculada, e de máxima consolação para a Nação Portuguesa. De crédito à Religiosa Autora, porque neste papel se verá, que do sexo feminino não é alheia a erudição, e o metro, como se tem admirado em muitas Heroínas, de cujas obras estão cheias as Bibliotecas, onde também se pode colocar esta, para se julgar para o futuro outra Ninfa do Parnaso: De maior glória para Maria Santíssima no admirável mistério de sua Conceição Imaculada; porque no milagre, com que defendeu, e preservou da morte ao nosso Íncrito, e Fidelíssimo Monarca, desempenhou o seu excelente título de Protetora do nosso Reino: e de máxima consolação para a Nação Portuguesa, por ver aplaudido aquele grande milagre, ou milagres da Omnipotência, que a livrou de padecer as maiores calamidades, as quais necessariamente se haviam de seguir, se tivesse o desejado efeito a Diabólica traição dos Ímpios Conjurados. E como do papel se seguem tão admiráveis efeitos, me parece justa a licença pedida. Vossa Alteza mandará o que for servido. Lisboa em o Convento de Santo António, aos 15 de fevereiro de 1759.

Fr. Timóteo da Conceição.

Vista a informação, pode-se imprimir o Soneto, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa no Paço de Palhavã, 16 de fevereiro de 1759.

Silva.

Trigoso.

Silvério Lobo.

Do Ordinário

Se um Soneto feito com perfeição importa tanto, como um grande Poema feito com arte, como disse M. Despréaux, não perderá a Madre Tomásia Caetana de Santa Maria por esta obra o justo conceito, porque se tem feito Credora por outros escritos a ser compreendida entre o número das pessoas eruditas do seu sexo, de que fizeram Catálogos Laércio, Boccaccio, Escuderi, e Nicolau António; porque reputo assim o Soneto, como a sua glossa dignos de se imprimirem: Vossa Excelência mandará o que for servido. Lisboa, 24 de fevereiro de 1759.

Francisco Xavier dos Santos da Fonseca.

Vista a informação, pode-se imprimir o Soneto, e glossa, que se apresenta, e depois de impresso, voltará conferido para se dar licença, sem a qual não correrá. Lisboa, 26 de fevereiro, de 1759.

Costa.

Do Paço

Senhor:

Obedecendo à Ordem de Vossa Majestade vi o Soneto glossado, que Manuel de Mira Valadão pretende⁴⁹⁵ dar ao prelo, composto por uma Autora, cujo nome, conhecido assaz na República das Letras, bastava, não só para aprovação, mas para elogio da obra. Esta, por ser um leal, e terno desafogo da consternação em que nos teve o mais execrando insulto, se faz não só ela credora, mas credores todos os Vassallos de Vossa Majestade a que por meio da estampa se divulgue; pois ainda não convalescidos da mortal agonia em que nos teve o ódio, e a traição, estimamos estes confortativos, que respiram felicidade, e amor; sendo próprio que os Cisnes da Castália, multiplicando as vozes, nos aliviem⁴⁹⁶ com o seu canto, já que o Cérbero⁴⁹⁷ da Estígia, triplicando as Cabeças, nos atordoou com os seus latidos. E porque o zelo da lealdade não brilha menos no aplauso da felicidade que gozamos, do que no castigo do insulto que todos padecemos, bem é que a desempenhar estes assuntos conspiram as penas das Musas com a espada de Ástrea, despicando-se assim de uma conspiração com outra a fidelidade Portuguesa; pelo que, e por não conter a presente obra coisa⁴⁹⁸ alguma contra o serviço de Vossa Majestade me parece digna da licença que se pede. Vossa Majestade fará o que for servido. Lisboa, 17 de março de 1759.

João de Alpoim e Brito Coelho, Académico da Academia Real, e da Arcádia.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa, 22 de março de 1759.

Carvalho.

Doutor Velho.

Castelo.

Siqueira.

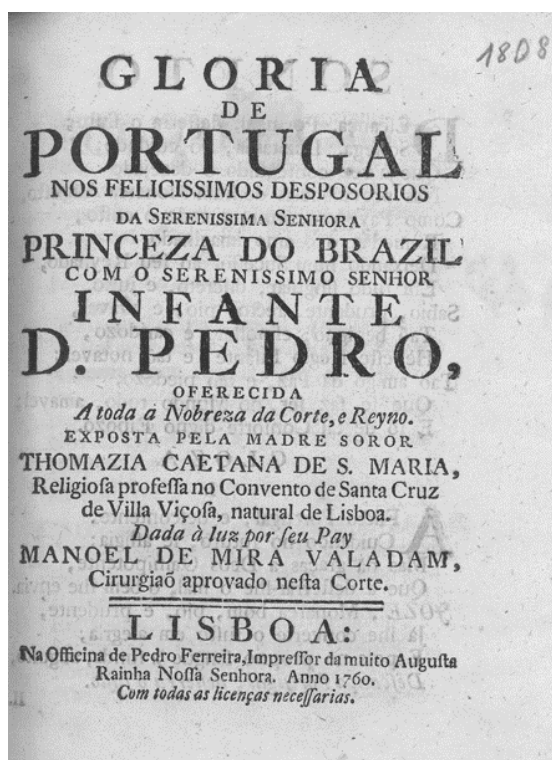
⁴⁹⁵ No original, *pertende*.

⁴⁹⁶ No original, *aleviem*.

⁴⁹⁷ No original, *Cerbéro*.

⁴⁹⁸ No original, *cousa*.

Anexo 47 – Glória de Portugal (1760)



[frontispício]

Glória de Portugal nos felicíssimos desposórios da sereníssima senhora Princesa do Brasil com o sereníssimo senhor Infante D. Pedro, oferecida a toda a Nobreza da Corte, e Reino.

Exposta pela Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa professa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, natural de Lisboa.

Dado à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte.

Lisboa: Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da muito Augusta Rainha Senhora Nossa. Ano 1760.

Com todas as licenças necessárias.

[no fim, texto laudatório]

Em obséquio da discretíssima Autora

Soneto

Canta, discreta Musa; a glória canta
Do nosso Portugal; porque a harmonia,
Quando a maior decanta à Monarquia,
Também a tua elevação decanta.

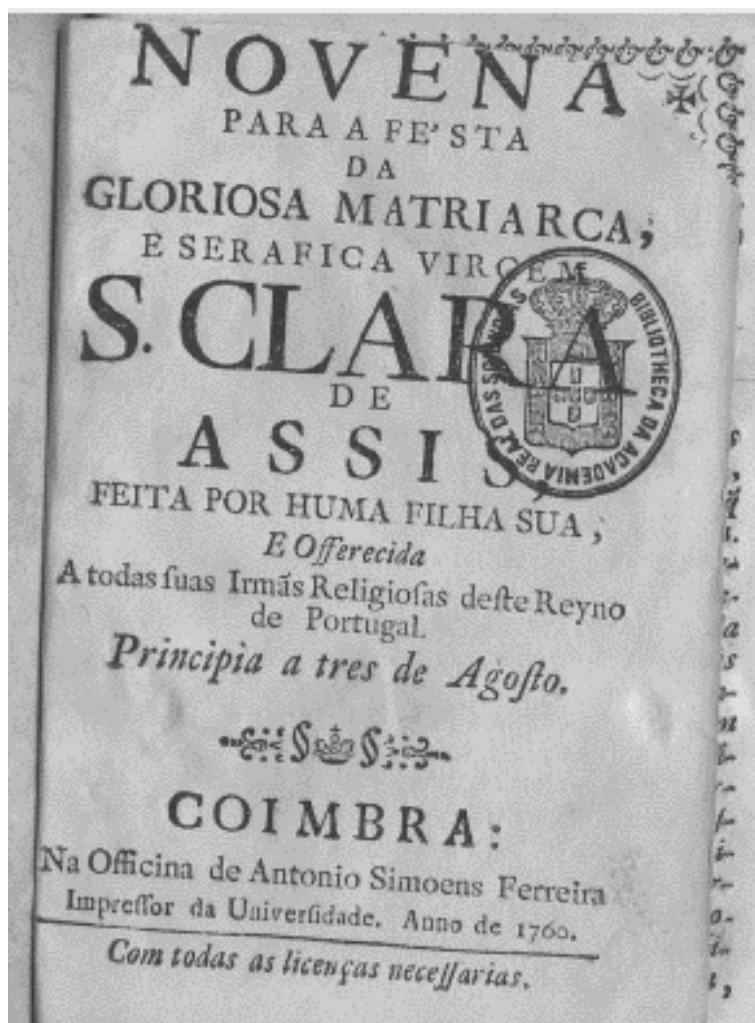
A poder divulgar ventura tanta,
Da voz da Fama é curta a valentia:
E socorrendo-a tua neste dia,
Mais com ela os seus créditos levanta.

Da conseguida, majestosa ideia,
Por ti, agora o Mundo arrebatado,
A inteligência superior granjeia:

Pois formalmente, a expô-lo hoje inteirado,
Mais do que os cem clarins de Giganteia,
Vem só a ser maior todo o teu brado.

De António Correia Viana.

Anexo 48 – Novena para a festa da Gloriosa Matriarca, e Seráfica Virgem S. Clara de Assis (1760)



[frontispício]

Novena para a festa da Gloriosa Matriarca, e Seráfica Virgem S. Clara de Assis, feita por uma filha sua, e oferecida a todas suas Irmãs Religiosas deste Reino de Portugal. Principia a 3 de agosto.

[arabescos]

Coimbra: Na Oficina de António Simões Ferreira Impressor da Universidade. Ano de 1760.

Com todas as licenças necessárias.

[dedicatória]

J. M. J.

Irmãs Caríssimas, e Filhas de minha grande Matriarca, mais esclarecida nas obras, que no nome, a Seráfica Virgem Santa Clara. Ofereço-vos este pequeno resumo de suas Virtudes, expostas em meditações para os nove dias da sua Novena, não só para que com ela lhe deis culto, se não

também, para que com sua atenta meditação, cresça em vós o desejo com que a todas vos considero de imitar a tão grande Santa, a quem Deus adornou de tanta perfeição, para que fosse eficaz estímulo da nossa, e o exemplar, que todas devemos particularmente seguir. Tudo quanto digo, e particularizo neste breve Opúsculo de suas ações, e virtudes, é tirado do livro de sua Vida, e ainda que por esta mesma razão parecerá diligência⁴⁹⁹ supérflua, repetir-vos o que muitas vezes tereis ouvido, e trareis sempre na lembrança, com tudo como é grande o volume de sua vida, e talvez um só em cada Convento, este resumo dela vos ficará mais manual, e tratável para poder em todo o tempo, e lugar pôr os olhos de vossa consideração, o que tanto pode, e deve mover-nos ao séquito das virtudes. Não me censureis de temerária, por me haver metido em um empenho tão desigual a meu curto talento, e precisa ignorância; pois vos afirmo, que o conhecimento desta, teve suspensa minha pena muitos anos, em que desejei, e nunca consegui, uma Novena, com que obsequiar a minha Santa Madre nas antecédências de Sua Festa. O Senhor porém, que atende benigno aos desejos bem intencionados, de suas criaturas, ordenou as coisas⁵⁰⁰ de sorte, que este ano me vi precisada a fazer esta com duas intimações da Obediência, que me foram postas quatro, ou cinco dias antes, que principiasse a Novena da Santa, e ela me ajudou a dá-la feita com tanta brevidade, que pudera servir nessa mesma ocasião. Permita o Senhor, que dela tiremos todas o fruto, que pretendo⁵⁰¹ da maior glória de seu Santo Nome, culto, e veneração de nossa Seráfica Madre Santa Clara.

[prólogo]

Ao leitor

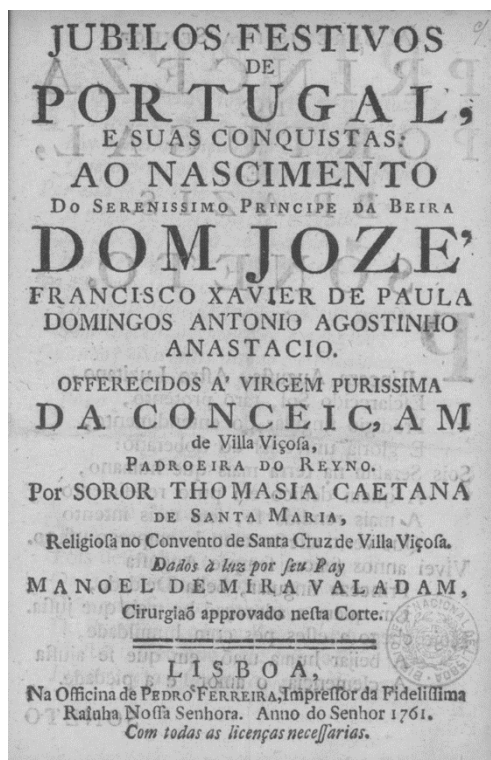
Pio Leitor, como te considero com desejos de ler para aproveitar, e crescer no amor, e louvor de Deus, te ofereço este pequeno resumo das grandes virtudes de minha gloriosa Madre Santa Clara, em cujas santas, e heroicas ações acharás excitativo para te afervorar no serviço de Deus, e motivos grandes, para amar, e louvar sua Bondade, vendo a que costuma usar com quem fielmente o serve; e contemplando no mais frágil sexo os esforços de sua graça, por cujo meio elevou Deus uma tão delicada Virgem à consecução das mais relevantes, e Apostólicas virtudes, que constituíram Santos os mais abalizados Heróis de sua Igreja. Podes também servir-te deste breve Compêndio da sua Vida, para com o obséquio da sua Novena mereceres a teu favor a intercessão desta amada Esposa de Cristo, que como o tem tanto da sua mão, como se vê em seus simulacros, facilmente o inclinará, para que te tenha da sua. Assim o permita sua infinita Bondade, pela qual te peço lhe rogues por uma grande pecadora, que em o mesmo Senhor te deseja as maiores felicidades.

⁴⁹⁹ No original, *deligência*.

⁵⁰⁰ No original, *cousas*.

⁵⁰¹ No original, *pertendo*.

Anexo 49 – Júbilos festivos de Portugal (1761)



[frontispício]

Júbilos festivos de Portugal, e suas conquistas: ao nascimento do sereníssimo príncipe da Beira Dom José Francisco Xavier de Paula Domingos António Agostinho Anastácio.

Oferecidos à Virgem Puríssima da Conceição de Vila Viçosa, Padroeira do Reino.

Por Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa.

Dados à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte.

Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Fidelíssima Rainha Nossa Senhora. Ano do Senhor 1761.

Com todas as licenças necessárias.

[no fim, texto laudatório]

Em louvor da Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria

Suspenda a Corte seu clamor ardente
Nos aplausos do Príncipe nascido,
Que outro som muito mais esclarecido
Os decanta sonora, e docemente.

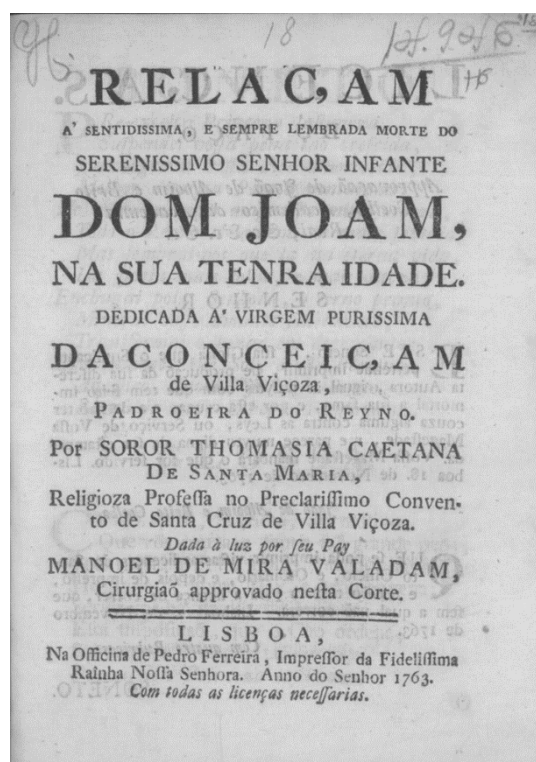
Esse Númen, Senhora, que excelente
Vos ilustra, do Etéreo foi descido,
E o de Apolo já fica suprimido,
Por vosso metro ser mais eloquente.

Nem Aglaia se julgue ser ufana
Na expressão de alegria tão ditosa,
Que nos deu a Princesa Soberana.

Para aclamar o bem, que o Reino goza,
Em tudo o que faltar à voz humana
Supra a vossa, que sois de Cristo Esposa.

De Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

Anexo 50 – Relação à sentidíssima, e sempre lembrada morte do Sereníssimo Senhor Infante D. João (1763)



[frontispício]

Relação à sentidíssima, e sempre lembrada morte do Sereníssimo Senhor Infante D. João, na sua tenra idade.

Dedicada à Virgem Puríssima da Conceição de Vila Viçosa, Padroeira do Reino.

Por Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa Professa no Preclaríssimo Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa.

Dada à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte.

Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Fidelíssima Rainha Nossa Senhora. Ano do Senhor 1763.

Com todas as licenças necessárias.

[licenças]

Licenças

Do Paço

Aprovação de João de Alpoim e Brito Coelho, Académico da Academia Real, &c. &c. &c.

Senhor

Este Soneto, e sua Glossa que o Suplicante pretende⁵⁰² imprimir, é produção da sua discreta Autora, igual às muitas com que tem feito imortal a sua fama, e por esta causa, e a de não ter coisa⁵⁰³ alguma contra as Leis, ou Serviço de Vossa Majestade, me parece muito digna de ser estampada. Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa 18. de novembro de 1763.

João de Alpoim e Brito Coelho.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso, e revisto, tornará para a licença de correr, que sem a qual não correrá. Lisboa, 22 de novembro de 1763.

Com quatro Rúbricas.

[no fim, texto laudatório]

Em aplauso da Muito Reverenda Senhora Soror Tomásia Caetana de Santa Maria.

Soneto

De prendas muito bem foi revestida
Pandora, que formou o Deus Vulcano
Por mandado de Jove Soberano,
E Apolo no cantar a fez luzida.

Mas vendo-vos ser mais esclarecida,
Julga já que Pandora foi engano,
E por sereis Portento além de humano
Das Musas vos quer ver sempre assistida.

Consolai da Princesa o muito justo
Sentimento, que a vida transitória
Imortal do Céu é do Infante Augusto.

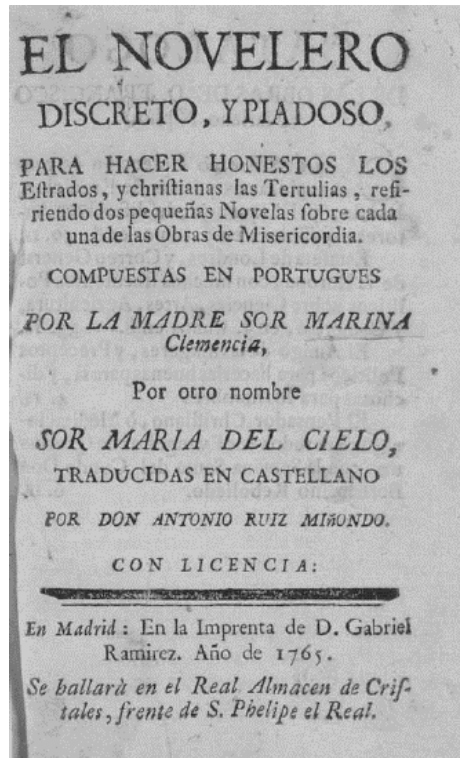
Às Musas presidi, que assim com glória
Uns Padrões sem haver do tempo susto
Eternos tereis sempre na Memória.

Por Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

⁵⁰² No original, *pertende*.

⁵⁰³ No original, *cousa*.

Anexo 51 – El novelero discreto, y piadoso para hacer honestos los Estrados, y cristianas las Tertulias, refiriendo dos pequeñas Novelas sobre cada una de las Obras de Misericordia (1765)



[frontispicio]

El novelero discreto, y piadoso para hacer honestos los Estrados, y cristianas las Tertulias, refiriendo dos pequeñas Novelas sobre cada una de las Obras de Misericordia.

Compuestas en portugués por la Madre Sor Marina Clemencia, por otro nombre Sor María del Cielo, traducidas en castellano por Don Antonio Ruiz Miñondo.

Con licencia:

En Madrid: En la Imprenta de D. Gabriel Ramírez. Año de 1765.

[informação de venda]

Se hallará en el Real Almacén de Cristales, frente de S. Felipe el Real.

[lista bibliográfica]

Catálogo de las obras de D. Francisco Mariano Nipho.

Cajón de Sastre, o Colección de muchas piezas exquisitas de Erudición, Poesía, y Elocuencia, de diferentes Autores españoles, en 7 tomos em 8. 50 rs.

Estafeta de Londres, y Correo General de la Europa, con muchos fragmentos Políticos sobre Ciencias, Artes, Agricultura, y Comercio, en 5. tomos en 8. 35 rs.

El Amigo de las mujeres, y Preceptos Políticos para hacerlas buenas para sí, y dichosas para los hombres. 4 rs.

El Pensador Cristiano, o Meditaciones sobre todos los Evangelios de Cuaresma, con la Semana Santa del Conde Don Bernardino Rebolledo. 6 rs.

[advertência]

Advertencia del traductor

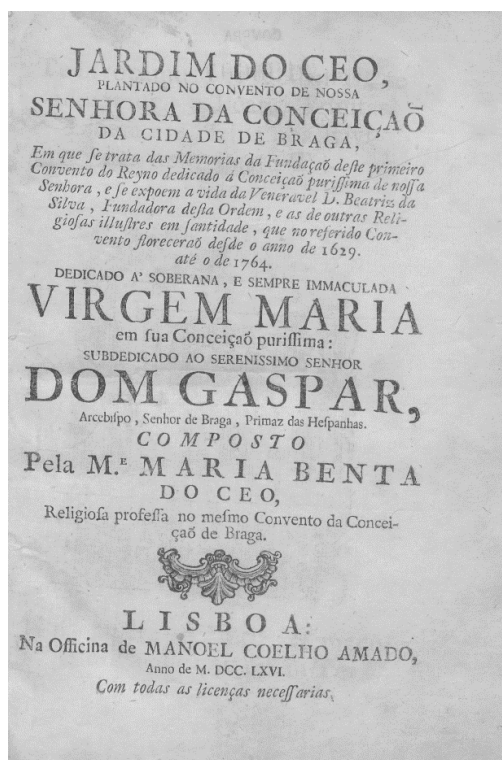
La experiencia me ha demostrado, que tratar asuntos serios, y de alguna utilidad, es perder, como dijo el Soldado de Augusto, el aceite, y el trabajo; porque distraído el corazón del hombre de la verdadera región de los justos placeres, se entrega indiscreto à las injustas satisfacciones del apetito: y aunque le grita fervoroso el celo, como es tan estrepitoso el rumor de las pasiones lisonjeras, no deja entender las suaves voces de una moral cristiana, ni de una lectura provechosa. El común de las gentes va por este carril; bien que entre tantos mal entretenidos, y engañados, hay no pocos discretos, que son del bando de la razón. A estos últimos me atengo, y a estos sirvo; el tiempo es por antonomasia, el oportuno para todo lo honesto, y religioso; y ya que me he constituido en ser Divertidor de algunos ratos, no quiero serlo tan à costa del tiempo, que se pague con el desperdicio, lo que puede granjearse para mejores usos. Esta obra es buena, pues consta de las 14 de Misericordia: si he acertado, Lector mío, à complacerte, será haberme concedido todas las satisfacciones mi deseo, que es no ser dañoso.

[prólogo]

Prólogo de la Autora

Noble Lector, ofrezcote en este librito la ficción para el divertimento, y las Misericordias para la lección: y así, hallarás lo útil en lo deleitable, que de las flores lisonjeras se esperan frutos salutíferos. Por tanto, no des el nombre de fábulas a estas composiciones Pastoriles; pues son solo unas metáforas de aquellos Santos Varones, cuyas hazañas para dejar triunfante su virtud, rompieron por el amor propio, y por el amor caduco. Hace se memoria en estos fingidos Pastores de aquellos verdaderos Santos; y así, veras a ellos con devoción, y a aquellos sin ceno; pues hallarás representadas en unos las finezas, que, por la misericordia hicieron los otros: y de camino disculpa a mi sexo escribir libros, a mi rudeza el componer versos, a mi atrevimiento tocar textos, a mi ignorancia definir cuestiones; advirtiéndote, que para los desahogos de la vida, es algunas horas preciso buscar la ocupación en el genio. Y porque te muestro las misericordias, espero me des el perdón, y con estos ejemplares te ejercites en ellas tan fervoroso, que merezcan tus Clemencia historia en mayor volumen. Dios te guarde.

Anexo 52 – Jardim do Céu, plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga (1766)



[frontispício]

Jardim do Céu, plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga, em que se trata das Memórias da Fundação deste primeiro Convento do Reino dedicado a Conceição puríssima de nossa Senhora, e se expõe a Vida da Venerável D. Beatriz da Silva, Fundadora desta Ordem, e as de outras Religiosas ilustres em santidade, que no referido Convento floresceram⁵⁰⁴ desde o ano de 1629 até o de 1764.

Dedicado à Soberana, e sempre Imaculada Virgem Maria em sua Conceição puríssima: subdedicado ao Sereníssimo Senhor D. Gaspar, Arcebispo, Senhor de Braga, Primaz das Espanhas.

Composto pela Madre Maria Benta do Céu, Religiosa professa no mesmo Convento da Conceição de Braga.

[arabesco]

Lisboa: Na Oficina de Manuel Coelho Amado, Ano de MDCCLXVI.

Com todas as licenças necessárias.

[invocação em latim]

Te invocamus, te laudamus, te adoramus, o Beata Trinitas.

⁵⁰⁴ No original, *floresceram*.

Libera nos, salva nos, vivifica nos, Beata Trinitas.

[gravura]

Tota pulchra est Maria, & macula originalis non est in Te.

[dedicatória]

À Soberana, e sempre Imaculada Virgem Maria em sua puríssima Conceição.

Para sair à luz pública com felicidade vai o Jardim do Céu amparar-se da luminosa, e faustíssima sombra da vossa incomparável grandeza, ó soberana, santíssima, e imaculada Senhora da Conceição, poderosa Padroeira deste Convento, liberdade perpétua destas vossas Escravas, e suavíssimo amparo destas vossas filhas. A vossa proteção busca, à vossa clemência recorre esta vossa filha, para que ampareis esta Obra, que vos consagra o meu limitado engenho. Bem sabeis, Senhora, que o motivo de escrever este Livro não foi empenho da vaidade, senão preceito da obediência; não impulso de vanglória, senão o de fazer públicos os efeitos da vossa piedade; não a propensão da curiosidade, nem o anélito de louvores, senão o zelo de conservar a memória das excelências, e raras virtudes das mais observantes filhas desta vossa sagrada Religião. Vós, soberana Senhora, mandastes edificar este Convento, e que se dedicasse à vossa puríssima Conceição, em que confessamos, que fostes concebida sem mácula da culpa original; que excedeis aos Anjos na pureza, e que fostes escolhida *ab eterno* para ser digno Trono do Altíssimo. O Sol vos cortou a gala, cuja extensão de raios não tem limite, assim como não tem termo a soberania das vossas excelências, e virtudes. Pisastes a Lua, porque nunca padeceu minguantes o singular esplendor de vossas luzes, nem foi inconstante em vós a graça. Na coroa de Estrelas, com que estais condecorada, se manifesta, ó clementíssima Senhora, o brilhante de vossas luzes, o esquisito de vossas imponderáveis prerrogativas. Sois palma formosa, que sempre reverdece para o vosso triunfo: sois Oliveira fértil, produtora do óleo, que a todos fortifica: sois Rosa odorífera, cuja fragrância alenta os corações. Sois Torre fortíssima, onde acham acolhimento os pecadores: sois Imperatriz do Céu, do qual tomei o apelido para que sempre me lembre que sou vossa escrava, e humilde súbdita, e que vos sois minha clementíssima Senhora. Entrei no Jardim deste Convento a colher flores para vos oferecer. Algumas achei, que na caridade foram rosas, na pureza açucenas, na mortificação lírios, e outras, que da obediência, e desprezo do mundo fizeram degraus para subir ao cume da perfeição, e luzir no Firmamento como Estrelas; que, pois de lá caíram Anjos por soberbos, elas, sendo por vós auxiliadas, ocuparam por humildes os lugares que ficaram desocupados. Assim como do Paraíso saía uma fonte, de que nasciam quatro rios para fertilizar a terra, assim de vós, ó Fonte perene de toda a graça, saiu a água dos vossos favores, em virtude da qual floresceram⁵⁰⁵ as almas justas destas prudentes Esposas de vosso Filho santíssimo. Destas flores escolhi as mais fragrantas para delas tecer o ramilhete que vos ofereço. Animo-me a chegar ao trono de tão alta Majestade com tão pequena oferenda, porque vosso Filho sacratíssimo avaliou em muito qualquer sacrifício, que se lhe oferecesse com puro afeto, e bem quisera ter mais para vos oferecer tudo, mas o Senhor sabe o porque me não deu mais talentos. Do profundo abismo do meu nada vos suplico, Mãe clementíssima, que ponhais os olhos da vossa piedade nesta pecadora, para que do coração exale o tributo do amor, que vos deve: abri com a chave de vossas luzes as portas da minha alma, e fazei que sobre as asas do vosso favor voe o peso da minha ignorância, e que os meus afetos

⁵⁰⁵ No original, *floreceram*.

para convosco sejam tais, que bem mostrem que sou vossa filha, para que alcance a felicidade de vos ir louvar no Céu.

Inútil filha, e eterna escrava de minha Mãe, e Senhora Maria Santíssima

Maria Benta do Céu.

[dedicatória]

Ao Sereníssimo Senhor D. Gaspar, Arcebispo, Senhor de Braga, Primaz das Espanhas.

Sereníssimo Senhor.

Reverentemente prostrada aos pés de Vossa Alteza chego a oferecer este pequeno Livro, em cujo frontispício coloquei o incomparável nome de Vossa Alteza para que saindo à luz pública com adorno tão sublime, possa fazer no conceito comum aquele efeito, que pretendo⁵⁰⁶, e podia desmerecer a debilidade de espírito, com que foi escrito.

Sendo tantas as obrigações em que como filha, como discípula, e como irmã estou às Veneráveis servas de Deus, que no humilde grémio deste Convento floresceram⁵⁰⁷ com cheiro de santidade, não se me podia oferecer ocasião mais oportuna para desempenhar-me, do que pondo nas mãos de Vossa Alteza a narração de suas vidas, pois sendo de Vossa Alteza recebida com aquela tão distinta benevolência, paternal amor, que sempre tem mostrado a esta Comunidade, ficarão elas mais conhecidas, e tão respeitadas como merecem, e com suas deprecações diante do Altíssimo recompensarão as continuadas mercês, com que Vossa Alteza nos honra, e favorece.

Bem receio eu, Sereníssimo Senhor, que se julgue atrevimento escrever as vidas de pessoas ilustres em santidade, quem, como eu, se acha tão destituída de virtudes; pois quem destas quer fazer evidência para as persuadir a outros, certo é que deve praticá-las, porque as palavras, e persuasões escritas ficam túbias, e sem crédito quando ao Autor faltam as obras, que lhes dem vigor, e força para conseguirem seu bom êxito; e como o meu intento nesta Obra é divulgar as vidas exemplares das Esposas fieis, que neste Convento floresceram⁵⁰⁸, para com o seu exemplo incitar as mais a imitá-las, e receio agravar com o tosco da narração suas altas virtudes, sem conseguir o fruto que pretendo⁵⁰⁹, considerando a minha curta capacidade, e poucas forças para sair bem desta empresa, busco, Sereníssimo Senhor, na Pessoa de Vossa Alteza quem com a grandeza de suas esclarecidas virtudes supra a falta das minhas, honre com seu Augusto nome a Obra, e a tome debaixo dos auspícios de sua imponderável proteção, pois sem perigo de lisonja posso dizer o que tantos asseguram, isto é, que em Vossa Alteza se vem juntas das esclarecidas virtudes, que já de admiraram repartidas em muitos Varões ilustres em santidade; e suposto que por não agravar a modéstia de Vossa Alteza me era decente calar, não devo deixar em silêncio aquele ardente zelo, com que Vossa Alteza promove os bons costumes, apura o culto Divino, e como vigilantíssimo Pastor apascenta, e reforma o Rebanho Bracarense, e nos encaminha a todos à melhor perfeição de vida com a instrução do seu bom exemplo, e com as doutrinas Evangélicas, que nos faz intimar pelas vozes de tantos Missionários, que as publicam neste Arcebispado, não fazendo menor efeito os muitos Livros espirituais, que Vossa Alteza faz repartir pelos Fieis, a fim de que melhor se instruam nas verdades de nossa santa Fé.

⁵⁰⁶ No original, *pertendo*.

⁵⁰⁷ No original, *floreceram*.

⁵⁰⁸ No original, *floreceram*.

⁵⁰⁹ No original, *pertendo*.

Ditoso Rebanho, que na grandeza de ânimo de Vossa Alteza, herdada de seu Augusto Pai o Magnânimo Senhor D. João IV (Monarca maior que toda a ponderação, a quem não pode debuxar o pincel mais primoroso, nem descrever a pena mais fina, porque não chega a expressão da língua ao que não cabe no conceito) tem seguro acolhimento, propício amparo, e relevantíssimo patrocínio, como todos vem na generosa liberalidade, com que Vossa Alteza reparte seus grandiosos benefícios, e especiosos dons, assim aos beneméritos, como aos necessitados, comunicando, como radiante Sol, os influxos benignos de sua clemência, e ardente caridade a todo o seu Rebanho, sem deixar indivíduo, que deles não participe.

Felicidade é esta, Sereníssimo Senhor, que todos devemos à inata piedade de Vossa Alteza, herdada de seus Augustos Progenitores, a quem esta Cidade se confessa eternamente obrigada, e agradecida, porque sempre foram o seu amparo, e defesa. O Sereníssimo Senhor Conde D. Henrique, e a Senhora Rainha D. Teresa a honraram com a Primazia, que hoje goza: esta preclaríssimo Princesa repartia por suas próprias mãos as esmolas aos pobres, visitava com os pés descalços a Sé Primacial, e trabalhava nos paramentos dos Altares, como se lê nas Antiguidades Bracarenses, e no livro 5 da Crónica de Cister.

Sendo, pois, este Reino doado aos Reais Progenitores de Vossa Alteza no Campo de Ourique, como se se vê nas suas Armas, em que andam gravadas as cinco Chagas de nosso Redentor; sendo nossa Senhora da Conceição sua padroeira, e defensora; sendo a Venerável D. Beatriz da Silva a Fundadora da Ordem da Conceição; e sendo Vossa Alteza nosso diletíssimo Prelado, e Instituidor da nova observância, tem esta Comunidade debaixo de tão faustos auspícios certo o patrocínio, e esta mínima súbdita de Vossa Alteza a esperança de que não desprezará o limitado desta oferta, em que se compreendem as Memórias da fundação deste Convento, e as ações exemplares de algumas das nossas Irmãs, que nele faleceram com sinais de predestinadas. Estas, obrigadas da caridade especialíssima, e cordial afeto, com que Vossa Alteza nos trata, rogaram ao Senhor, que prospere a Vossa Alteza com espirituais, e temporais felicidades, e nós dirigiremos também ao mesmo fim nossos votos para que o mesmo Senhor guarde a Vossa Alteza largos anos. Convento da Conceição de Braga em 30 de setembro de 1766.

Beija os pés a Vossa Alteza a mais humilde, e indigna súbdita de Vossa Alteza implorando sua santa bênção.

Maria Benta do Céu

[prólogo]

Prólogo

Muito tempo há que me estimulava o desejo de ver levantadas as Estátuas da perfeição religiosa, e gravado com letras de ouro o resplendor cintilante das Estrelas, que pelo espaço de cento e trinta e cinco anos tem brilhado neste nosso Jardim, plantado neste Convento da Conceição de Braga, o primeiro que neste Reino se dedicou à puríssima Conceição de Maria Santíssima nossa Senhora; mas sempre receei arrojarmos-me a esta empresa, reconhecendo-me falta dos talentos precisos para desempenhar assunto tão sublime, suposto que com bons fundamentos temia, que o silêncio sepultasse na urna do esquecimento as memórias de tantas pessoas ilustres em santidade, devendo elas ser com todo o desvelo conservadas para adorno precioso do mesmo Jardim, pois o aplauso, que se faz à virtude, é estímulo efficacíssimo para a imitação.

Chegando porém o tempo em que Deus quis mostrar suas maravilhas, e o singular esplendor destas Estrelas, logo para mim foi muito eficaz a voz da obediência, e se dissiparam meus temores: bastou esta para me animar a tomar a pena, e descrever a fragrância suave deste Jardim, cuja amenidade são boas obras, e seu luzimento virtudes, pois darei a ver flores, que esquecidas de tudo o que é terreno, aspiraram a imitar a Isaac na obediência, a Susana na castidade, a Ester na devoção, a Moisés na santidade, a Jeremias no pranto, a Abraão na fé, e a Job na paciência, e mostrarei adolescências sem exemplar, mocidades sem exemplo, velhices a todas as luzes santas, e todas as idades inflamadas no amor ardente do Divino Esposo, todas cheias de viva Fé, todas firmes na Esperança de o ver com os mais puros olhos, todas abrasadas na dulcíssima chama da Caridade, e adornadas de obras filhas legítimas destas virtudes, para que sendo lidas suas mortificações, e penitências, e ponderadas as asperezas, e rigores para comigo, os agrados para com suas Irmãs, as ternuras para com Jesu Cristo, e suas ânsias, e desejos de chegar a ele, nos sirvam de luz para as imitarmos, ou de confusão, se as não seguimos; pois é certo que tanto maior será o juízo, quantos houverem sido os auxílios.

Talvez será esta Obra censurada de alguém pela falta de elegância, porém a verdade para os seus lustres não carece de afetadas lisonjas, antes periga nos encarecimentos, e só logra inteiros créditos quando se intima sem rebuços; e além disto obsta, que o desejo que tive de que saísse mais apurada, desculpa o meu arrojo, que é nascido de hum grande zelo, e de uma boa vontade.

Vale.

[licenças]

Licenças

Do Santo Ofício

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Fr. Pedro da Conceição Cascais, Religioso de S. Francisco da Província de Portugal, Leitor Jubilado na Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, &c.

Ilustríssimos e Reverendíssimos Senhores

Este Livro, que Vossas Ilustríssimas Reverendíssimas me mandam ver, que pretende⁵¹⁰ fazer público, por benefício do Prelo, Manuel Coelho Amado, a quem sua Autora dá o titulo de *Jardim do Céu*, bem merecido pelas suaves fragrâncias, que no famigerado Mosteiro da Conceição, da sempre ilustre, e antiga Cidade de Braga, Metrópoli de todas as Espanhas, exalaram por força de virtuosas ações, e elevados merecimentos, as Religiosas, que nele observaram o sagrado Instituto da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, dado pelo Santíssimo Papa Inocêncio VIII, são os mais forçosos incentivos, que pode haver para abraçar, e persuadir a uma vida inculpável a todos os mais espíritos que seguem a vida Monástica nos seus Mosteiros; e cada um deles poderá conseguir com facilidade o mesmo titulo de Jardim do Céu, assim como o logra o da Conceição da Cidade de Braga, dando Vossas Ilustríssimas Reverendíssimas a licença, que se pede; porque só lendo cada uma das Religiosas dos mais Mosteiros as exemplaríssimas vidas daquelas animadas flores, poderão com facilidade imitá-las nos progressos das virtudes, e produzirão odoríferas fragrâncias de santidade; porque não contém este Jardim coisa⁵¹¹, que se oponha à nossa santa Fé, e bons costumes. Vossas Ilustríssimas

⁵¹⁰ No original, *pertende*.

⁵¹¹ No original, *cousa*.

Reverendíssimas determinarão o que forem servidos. Real Convento de S. Francisco de Lisboa, 5 de fevereiro de 1765.

Fr. Pedro da Conceição Cascais

Vista a informação, pode-se imprimir o Livro, de que se trata, e depois de impresso voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 5 de fevereiro de 1765.

Trigoso.

Carvalho.

Torel.

Lima.

Do Ordinário

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Doutor Fr. João Bautista de S. Caetano, Monge de S. Bento, Leitor Jubilado em Teologia, Opositor às Cadeiras da mesma Faculdade na Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Ofício, e Procurador-geral da sua Congregação.

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

O Livro, que Vossa Excelência me ordena que veja, é uma Relação da fundação do Convento da Conceição da Cidade de Braga, e das vidas de algumas Religiosas, que nele floresceram⁵¹², com o nome de Jardim do Céu: nele não encontro coisa⁵¹³ alguma contra nossa santa Fé, e bons costumes. Vossa Excelência ordenará o que for servido. Lisboa no Colégio de nossa Senhora da Estrela, 2 de fevereiro de 1766.

Fr. João Bautista de S. Caetano.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro que se apresenta, e depois venha conferido para se dar licença que corra. Lisboa, 7 de fevereiro de 1766.

D. J. A. de Lacedemónia.

Do Paço

Aprovação do Muito Reverendo P. M. Doutor Fr. Francisco de S. Bento, Qualificador do Santo Ofício, &c.

Senhor

O Livro, que se pretende⁵¹⁴ dar ao Prelo com o título de *Jardim do Céu*, contém as Memórias da fundação do Convento da Conceição de Braga, e as vidas de algumas Religiosas, que morreram no mesmo Convento em cheiro de santidade. É certo que as ações virtuosas dos servos de Deus são uns estímulos práticos para regular as ações humanas, e uma repreensão dos que os não imitam; e como

⁵¹² No original, *floreceram*.

⁵¹³ No original, *cousa*.

⁵¹⁴ No original, *pertende*.

dos bons costumes dos Vassallos depende muito a felicidade de um Reino, e eu não encontre neste Livro coisa⁵¹⁵ alguma contrária às Reais ordens de Vossa Majestade, julgo ser digno, que Vossa Majestade conceda a licença que se pede. Colégio de Nossa Senhora da Estrela, 28 de fevereiro de 1766.

Fr. Francisco de S. Bento.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário; e depois de impresso, e revisto, torne para correr. Lisboa, 6 de março de 1766.

Carvalho.

Siqueira.

Fonseca.

Pacheco.

Castro.

Craesbeck.

[segundas licenças]

Está conforme com o seu original. S. Francisco de Lisboa, 26 de outubro de 1766.

O Qualificador

Fr. Pedro do Conceição Cascais.

Pode correr. Lisboa, 4 de novembro de 1766.

Melo.

Torel.

Lima.

Está conforme com o seu original. Lisboa, 26 de outubro de 1766.

Fr. Bautista de S. Caetano.

Pode correr. Lisboa, 6 de novembro de 1766.

Costa.

Está conforme com o seu original. Estrela, 26 de outubro de 1766.

Fr. Francisco de S. Bento.

⁵¹⁵ No original, *cousa*.

[taxa]

Que se possa correr, e taxam⁵¹⁶ em cento e oitenta reis em papel. Lisboa, 7 de novembro de 1766.

Carvalho.

Siqueira.

Fonseca.

[índice]

Índex dos capítulos deste livro

Cap. I. Em que se trata da vida da Ilustríssima Virgem D. Beatriz da Silva, Fundadora da Ordem da Conceição em Castela, pag. 1.

Cap. II. Dá-se notícia de algumas Abadessas, e Prioras, que floresceram⁵¹⁷ em virtudes no Mosteiro de S. Clemente de Toledo, donde saíram as Fundadoras, que ensinaram o estilo da Religião às primeiras Noviças do Convento, que fundou D. Beatriz, pag. 16.

Cap. III. Dá-se notícia da fundação do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Braga, e de quem forma os seus Fundadores, pag. 22.

Cap. IV. Em que se declara quem foram as Religiosas, que do Convento da Conceição de Braga saíram a fundar outros Conventos deste Arcebispado, pag. 31.

Cap. V. Em que se dá notícia dos Veneráveis Fundadores deste Convento de Nossa Senhora da Conceição de Braga, pag. 32.

Cap. VI. Em que se trata da fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Angra na Ilha Terceira, e do Convento de Nossa Senhora da Luz, junto a Carnide, pag. 35.

Cap. VII. Em que se trata da vida, e morte da serva de Deus a Madre Custódia Maria do Sacramento, Religiosa da Ordem da Conceição no Convento de Braga, pag. 39.

Cap. VIII. Em que se referem as maravilhas, que diversas pessoas receberam de Deus pela intercessão da Venerável Madre Custódia Maria do Sacramento, e pelo contacto de suas Relíquias, desde o segundo dia do seu trânsito até o presente, pag. 52.

Cap. IX. Que trata da Vida da serva de Deus Ana do Salvador, pag. 78.

Cap. X. Que trata da Vida da serva de Deus Ângela dos Serafins, Religiosa do Convento da Conceição de Braga, pag. 84.

Cap. XI. Em que se trata da Vida da serva de Deus D. Jerónima de S. Bento, pag. 86.

Cap. XII. Em que se descreve a Vida da serva de Deus Catarina Evangelista, pag. 89.

Cap. XIII. Em que se refere a Vida da serva de Deus Mónica de Santo Agostinho, pag. 91.

Cap. XIV. Que trata da Vida, e santos costumes da serva de Deus D. Maria Josefa de Jesus, Fundadora das Capuchas do Convento da Conceição da Penha, chamada depois Maria da Trindade Pecadora, pag. 94.

Cap. XV. Em que se trata da Vida da serva de Deus Luísa Maria da Conceição, pag. 112.

⁵¹⁶ No original, *taixam*.

⁵¹⁷ No original, *florecerão*.

Cap. XVI. Em que se trata da Vida da Venerável Madre Luísa Teresa da Soledade, p. 119.

Cap. XVII. Em que se refere a Vida da serva de Deus Rosa Maria de S. Jerónimo, p. 120.

Cap. XVIII. Em que se trata da Vida da serva de Deus Isabel do Espírito Santo, pag. 133.

Cap. XIX. Em que se trata da Vida da Venerável Madre D. Josefa de Belém, p. 136.

Cap. XX. Em que se descreve a Vida da serva de Deus Ana de Santiago, pag. 139.

Cap. XXI. Em que se trata da Vida da serva de Deus Teresa de Jesus, pag. 143.

Cap. XXII. Em que se trata da Vida da serva de Deus Susana Grácia do Salvador, pag. 147.

Cap. XXIII. Em que se trata da Vida da serva de Deus Grácia Josefa Maria do Lado, pag. 153.

Cap. XXIV. Em que se trata da Vida da serva de Deus Ana Maria Teresa de Jesus, pag. 155.

Cap. XXV. Em que se trata da Vida da serva de Deus D. Jerónima Francisca de Cristo, pag. 158.

Cap. XXVI. Em que se trata da Vida da serva de Deus Isabel Maria da Conceição, Religiosa de véu branco no Convento das Capuchas Descalças da Vila de Chaves, pag. 161.

Cap. XXVII. Em que se trata da Vida da serva de Deus Filipa Maria de Santo Inácio, pag. 165.

Cap. XXVIII. Em que se trata da Vida da serva de Deus Catarina da Trindade, que foi moça neste Convento da Conceição de Braga, cuja Vida já anda impressa na Crónica da Ordem Terceira, pag. 169.

Cap. XXIX. Advertências sobre a reza do Coro, pag. 171.

Cap. XXX. Em que se trata da imaculada Conceição de Maria Santíssima, pag. 179.

Cópia da Bula da instituição da Ordem da Conceição, concedida pelo Sumo Pontífice Inocêncio VIII.

[protestação]

Protestação da Autora

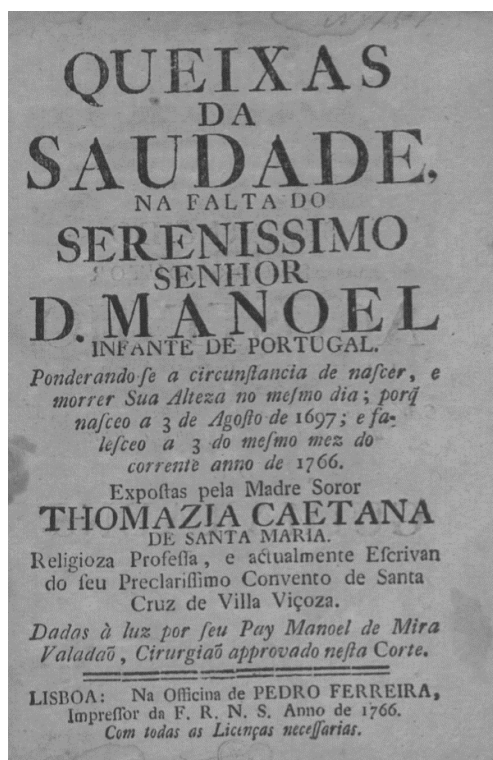
Reconhecendo com profunda submissão, e humilde rendimento a obediência, que devem ter os Escritores aos Decretos dos Sumos Pontífices, especialmente aos que expediu, e declarou o Santo Padre Urbano VIII, acerca dos milagres, revelações, profecias, e pessoas, que floresceram⁵¹⁸ em santidade, e que não estão aprovadas, nem canonizadas pela Igreja Católica Romana, protesto, que quando a algumas servas de Deus dou título de Santas, sem estarem por tais canonizadas, e também quando falo, e reputo por milagres os que não tem a devida aprovação, não é minha tenção exceder os termos da credulidade, que se costuma dar a uma pura relação, nem quero se entendam no seu rigoroso significado, como eu assim os não entendo, e neste sentido é que falo, e escrevo; pelo que, como obediente filha da Igreja, repito, que todos se devem compreender nos limites da fé humana. O que uma, e muitas vezes ratifico, e em tudo me não pretendo⁵¹⁹ afastar do que ordena, e dispõem a santa Sé Apostólica.

Maria Benta do Céu.

⁵¹⁸ No original, *floreceram*.

⁵¹⁹ No original, *pertendo*.

Anexo 53 – Queixas da saudade, na falta do Sereníssimo Senhor D. Manuel Infante de Portugal (1766)



[frontispício]

Queixas da saudade, na falta do Sereníssimo Senhor D. Manuel Infante de Portugal. Ponderando-se a circunstância de nascer, e morrer Sua Alteza no mesmo dia; porque nasceu a 3 de agosto de 1697; e faleceu⁵²⁰ a 3 do mesmo mês do corrente ano de 1766.

Expostas pela Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria. Religiosa Professa, e atualmente Escrivã do seu Preclaríssimo Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa.

Dadas à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte.

Lisboa: Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da F. R. N. S. Ano de 1766.

Com todas as Licenças necessárias.

[dedicatória]

Oferecido ao Senhor Doutor Agostinho Leite Ferreira. Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Advogado na Vila de Guimarães.

⁵²⁰ No original, *faleceu*.

[no fim, texto laudatório]

Em obséquio da Discretíssima Autora

Soneto

Esta, quando mortal, mais animada
Queixa, em tão régia falta bem nascida;
Mais que pela eficácia de sentida,
Tem efeito maior por ti tocada.

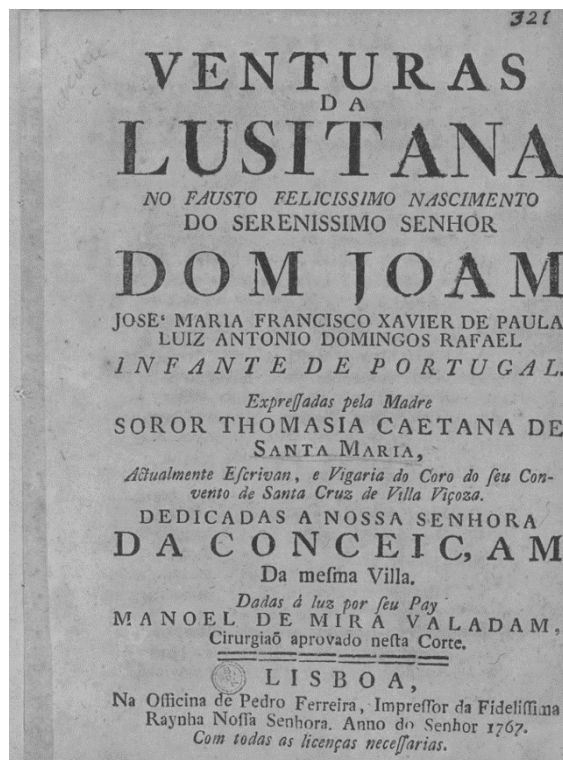
Quanto a perda do Bem nos desagrada,
Teu Canto a tal excesso nos convida;
Que em tanta dor, restou só acordo à vida
Para ser à harmonia consagrada.

Sim, a Parca a sentir nos guia o dano;
Mas o golpe expressado na doçura,
Mais nos mete pela alma o mal tirano.

Porém, que muito o esforço no que apura;
Se a dar todo o valor ao desengano,
Que voz de mais poder que a da Clausura?

De António Correia Viana.

**Anexo 54 – Venturas da lusitana no fausto felicíssimo nascimento do
Sereníssimo Senhor D. João José Maria Francisco Xavier de Paula Luiz António
Domingos Rafael Infante De Portugal (1767)**



[frontispício]

Venturas da Lusitana no Fausto Felicíssimo Nascimento do Sereníssimo Senhor D. João José Maria Francisco Xavier de Paula Luiz António Domingos Rafael Infante De Portugal.

Expressadas Pela Madre Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Atualmente Escrivã, e Vigária do Coro do Seu Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa.

Dedicadas a Nossa Senhora da Conceição da mesma Vila.

Dadas à luz por seu Pai Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte.

Lisboa, na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Fidelíssima Rainha Nossa Senhora. Ano do Senhor 1767.

Com todas as licenças necessárias.

[no fim, texto laudatório]

Em Obséquio da Discretíssima Religiosíssima Autora

Esta Glória que ilustra ao luso peito,
Nunca bem decantada ser podia,
Se da tua destinta melodia
Não tivesse socorros o conceito.

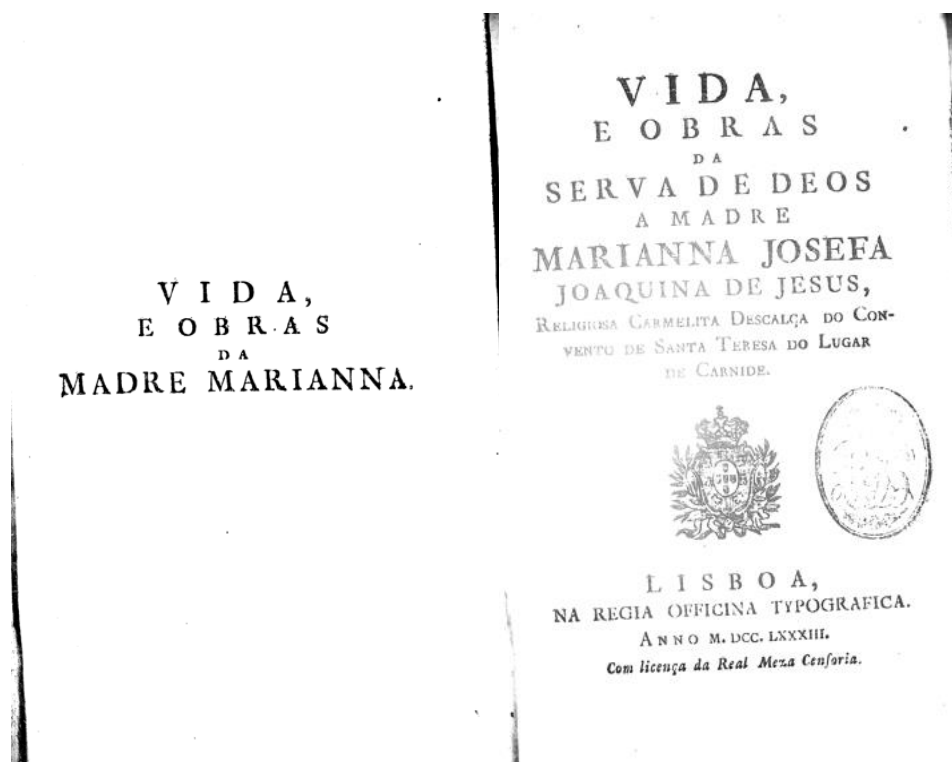
Quando nasce um Infante tão perfeito,
A tua alma produz uma harmonia,
Pois só tão regia causa poderia
Fazer à elevação dobrar o efeito.

Assim, tanta ventura decantando,
Quando imprimes mais vida à nossa glória,
A ti própria te vás eternizando:

Sendo o bem tão completo na memória,
Que a grandeza do Objeto hoje igualando,
A tua descrição é a tua História.

António Correia Viana.

Anexo 55 – Vida, e obras da serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus (1783)



[frontispício]

Vida, e obras da serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, Religiosa Carmelita Descalça do Convento de Santa Teresa do Lugar de Carnide.

[gravura com brasão]

Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica.

Ano MDCCLXXXIII.

Com licença da Real Mesa Censória.

[dedicatória]

Dedicatória à grande Santa Madre Teresa de Jesus, reformadora da Religião Carmelita.

Ofereço-vos, Grande Santa, a presente história da Vida de uma digna filha vossa. É a maior glória dos Pais o terem filhos Santos: e muita Vos há de resultar por certo de ter esta vossa chegado a mui alta perfeição por meio da observância das regras que deixastes, tão sábias, e tão divinas. Grande Santa, quão maravilhosa fostes! E quanto Vos deve a gente Português! Vós quando ainda peregrina sobre a terra éreis o assombro do mundo todo, as delícias da Igreja Católica, nos destes as mais claras mostras de muito especial estimação. Enriqueceste-nos depois com o tesouro precioso de uma insigne relíquia vossa, e assim o predissestes. Estais enfim alcançando ainda agora do Senhor que haja entre nós almas justas, que aplaquem a sua ira, e nos mereçam as suas misericórdias. Grande Santa, quão

obrigados Vos fomos! Aceita benigna, Vos peço, em penhor do meu perpétuo agradecimento, a humilde, e a tanta obrigação mui desproporcionada oferta do primeiro trabalho meu, que vê a luz pública. Lembrai-vos que ao mesmo tempo que em outras partes da Cristandade se expulsa como inútil a vossa reforma, entre nós se propaga, e se estima cada vez mais. Fazei Vós que nos que a professam viva sempre, como até aqui, o vosso espírito. E sobre o indigno Ministro do Altíssimo, que vos envia⁵²¹ estes sinceros, e ardentes votos, implorai copiosas bênçãos⁵²² do Céu, para que vá um dia presenciar o imortal galardão com que o Senhor vos coroa eternamente, e aos vossos filhos, que sabem imitar-vos.

[índice]

Índice dos capítulos

Introdução... Pág. 1.

Cap. I. *Dos Pais, e nascimento da Madre Mariana...* 10.

Cap. II. *De como logo nos primeiros anos se descobriram em Dona Mariana muito boas qualidades, e começou já então a praticar muitas virtudes, que continuou em toda a sua mocidade...* 25.

Cap. III. *De muitos outros dotes, que ornavam Dona Mariana: e de como foi muitas vezes ajustada a casar, sem que nenhuma delas tivesse efeito...* 40.

Cap. IV. *De como Deus descobriu a Dona Mariana, que a chamava para o estado de Religiosa...* 54.

Cap. V. *De como cuidou logo Dona Mariana em abraçar o estado de Religiosa, para que se via chamada: e refere-se um notável dito seu...* 66.

Cap. VI. *De como o Confessor de Dona Mariana julgou ser necessário consultar este negócio, e dar parte dele a pessoas qualificadas; e de como o fez...* 73.

Cap. VII. *De como se resolveu Dona Mariana a fugir para o Convento de Carnide, e dispôs fazê-lo: e de algumas notáveis coisas⁵²³ que aconteceram antes de o fazer...* 82.

Cap. VIII. *De como fugiu Dona Mariana de casa de sua Mãe, e tomou o hábito no Convento de Santa Teresa de Carnide...* 94.

Cap. IX. *De como se descobriu em casa a fugida de Dona Mariana: e do sentimento que com isto teve a Condessa sua mãe, e do mais que se passou...* 105.

Cap. X. *De como começou o seu Noviciado, e do que nesse ano passou...* 116.

Cap. XI. *De algumas provas, que nos primeiros anos de sua vida religiosa deu a Dona Mariana, do quão deveras a tinha abraçado...* 126.

Cap. XII. *De como teve a Dona Mariana uma grave doença, na qual esteve em grande perigo, e começou desde que melhorou a fazer muitas penitências...* 133.

Cap. XIII. *De como foi nomeada para ser uma das Fundadoras do novo Convento de Carmelitas de Coimbra...* 145.

Cap. XIV. *De como teve alguns empregos na Comunidade, e a fizeram Priora a primeira vez.* 156.

⁵²¹ No original, *invia*.

⁵²² No original, *benções*.

⁵²³ No original, *cousa*.

Cap. XV. *De como teve a Madre Mariana alguns sonhos, que pareceram favores extraordinários do Céu...* 166.

Cap. XVI. *Refere-se a célebre história do Senhor Formoso, em que a Madre Mariana entrou mui principalmente...* 173.

Cap. XVII. *Da última doença da Madre Mariana, e sua preciosa morte...* 183.

Cap. XVIII. *Das virtudes, em que mais resplandeceu a Madre Mariana: e de algumas outras coisas*⁵²⁴ *notáveis da sua vida...* 196.

Cap. último. *Trata do mesmo que o antecedente...* 205.

Obras da Madre Mariana em prosa... 221.

Obras Poéticas da Madre Mariana... 281.

[nota de rodapé da página 281]⁵²⁵

Alguns descuidos, que se encontram nestas Obras Poéticas da Madre Mariana, mais se devem atribuir talvez aos muitos copiadore, que tem tido depois da sua morte, do que ao talento da Autora.

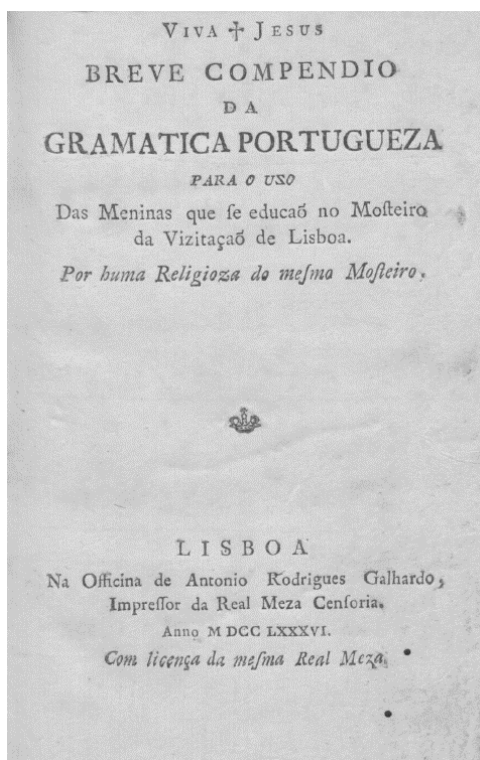
[no fim, errata]

Pág. 13 regr. 18	com Patente	com a graduação
Pág. 37 regr. última	de Quaresma	da Quaresma
Pág. 46 regr. 14	dele	dela
Pág. 65 <i>na nota</i>	quem em ti	o que em ti
Pág. 165 regr. 5	as respeitavam	a respeitavam
Pág. 304 regr. 11	Fareis uma	Tereis uma
Pág. 361 regr. 14	eu sou	eu o sou.

⁵²⁴ No original, *cousa*.

⁵²⁵ Opta-se por se reproduzir apenas esta nota de rodapé das *Obras de Madre Mariana*, uma vez que as restantes, nas páginas 282, 286, 287, 298 e 340, servem para contextualizar os respetivos textos poéticos.

Anexo 56 – Breve compêndio da gramática portuguesa para o uso das Meninas que se educam no Mosteiro da Visitação de Lisboa (1786)



[frontispício]

Viva Jesus

Breve compêndio da gramática portuguesa para o uso das Meninas que se educam no Mosteiro da Visitação de Lisboa.

Por uma Religiosa do mesmo Mosteiro.

[coroa]

Lisboa na Oficina de António Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Mesa Censória. Ano MDCCLXXXVI.

Com licença da mesma Real Mesa.

[prólogo]

Prefação

Às Religiosas encarregadas da educação das Meninas

Esta ocupação (minhas amadas Irmãs) em que vos tem posto a obediência, é bem verdade que vista com os olhos do Amor próprio é das mais injucundas, e talvez trabalhosa; porém consideradas com os olhos do Amor de Deus, é das mais agradáveis; porque dela resulta ao Senhor muita glória, às vossas discípulas grande felicidade, e ao público uma utilidade importantíssima. Da vossa boa educação resulta que a República tem admiráveis Mães de famílias; e daqui vem a principal

perfeição dos Cidadãos e o Bem do Estado. O Pública, é boa testemunha dos frutos que a França tem tirado da Educação que nos vossos Mosteiros dais, e a Alemanha, a Saboia, a Itália, e ultimamente a Espanha, e não vos pode negar a justa razão que tendes, para esperar que neste vosso terreno não seja infrutífera a vossa cultura. Para facilitar a inteligência na Língua Francesa, que queres ensinar por princípios, e na Italiana, e na Latina, mostra a experiência que o método mais fácil e suave, e útil, é começar pela Gramática da Língua materna; na qual é facilímo advertir na Organização das partes da Oração, que compõem a boa Linguagem que nenhum ignora: conhecida pois esta Organização das partes da Oração, é facilímo depois aplicar as regras gerais e transcendentais a qualquer outra Língua estranha. Deste modo me mostra a experiência que os passos são suavíssimos, e que o adiantamento é grande. Para esse fim compilei dos bons Gramáticos que há, um brevíssimo resumo, para as vossas discípulas, que espero que será mui útil, ao menos não vos será desagradável o desejo que tenho em facilitar a instrução das que a vem buscar no nosso Mosteiro, para utilidade sua, e glória de Deus, que é e deve ser o fim das nossas ações.

D. S. B.

Às Meninas Educandas

O vosso principal cuidado (minhas queridas filhas) deve ser semear⁵²⁶ na terra fértil dos vossos poucos anos, os princípios da vossa felicidade sólida; felicidade que vos satisfaça neste mundo, e que vos prepare para a do outro: ora esta felicidade consiste em cultivar bem o vosso ânimo com as máximas da Cristandade, e com a aplicação as Artes e Línguas que nos podem procurar ao mesmo tempo neste mundo a estimação, e evitar a ruína que a ociosidade, e ignorância, e má cultura costumam causar em ordem ao outro. Esta Gramática vos fará conhecer melhor⁵²⁷ a vossa Língua nacional e escrever com acerto, falar propriedade; e também vos dispõe para saberdes por princípios a Língua Francesa, Italiana, e Latina, se disso fizerdes gosto: daqui se segue o tomares gosto à lição dos bons Livros, e receber deles a utilidade que tiram as pessoas bem instruídas. Nisso dareis glória a vossos Pais, consolação a vossas Mestras, e satisfação à vossa alma por toda a vida, na qual não cessareis de louvar a Deus, por vos dar a boa educação que aqui tendes. Isto vos deseja quem vos ama, e por tudo seja Deus Bendito.

Desta que muito vos ama em Jesus Cristo.

F. C.

⁵²⁶ No original, *semeiar*.

⁵²⁷ No original, *melhor*.

Anexo 57 – La Preciosa: Alegoría moral (1791)

LA PRECIOSA
ALEGORIA MORAL
ATRIBUIDA
AL P. D. TEODORO DE ALMEYDA,
DEL ORATORIO Y CONGREGACION
DE SAN FELIPE NERI.
QUE DEL IDIOMA PORTUGUES
TRADUXO AL CASTELLANO,
PARA COMUN UTILIDAD, Y RECREO ESPIRITUAL
DEL PUEBLO CHRISTIANO
DON NARCISO VARELA DE CASTRO.
PUBLICALA DON ANTONIO ULLOA,
Y A SU COSTA.



CON LICENCIA: EN MADRID. AÑO DE 1791.

EN LA IMPRENTA, Y LIBRERIA DEL DICHO
D. ANTONIO ULLOA, DONDE SE HALLARÁ,
CALLE DE LA CONCEPCION GERONYMA.

Digitized by Google

[frontispicio]

La Preciosa: Alegoría moral atribuida al Padre D. Teodoro de Almeida, del Oratorio y Congregación de San Felipe Neri. Que del idioma portugués tradujo al castellano para común utilidad y recreo espiritual del pueblo cristiano Don Narciso Varela de Castro.

Publícala Don Antonio Ulloa, e a su costa.

[monograma]

Con licencia en Madrid. Año de 1791.

En la Imprenta, y Librería del dicho D. Antonio Ulloa, donde se hallará, Calle de la Concepción Jerónima.

[dedicatoria]

A la soberana Emperatriz de los Cielos, Virgen y Madre de Cristo Dios y hombre verdadero María Santísima de la Soledad.

Señora:

Volar a la Esfera de vuestro soberano Patrocinio es ambición del deseo, y decorosa demostración de mi gratitud elevar esta Ofrenda al Cielo de vuestros pies. Bien alcanzó que a vista de vuestra superior Grandeza, no puede llegar a obsequio la mayor Ofrenda mía, y mucho menos esta por su pequeñez: todos mis desvelos se han dirigido siempre la elevación de formar tapete a vuestro Trono, y sola estos han hallado, por empeño de una afición y celo feliz oriente de luz; ofreciéndose en obsequio de vuestra Majestad. Este respeto por sí mismo puede hacer estimable el solícito afán de

dar a la Estampa esta Preciosa Alegoría, tan útil, y agradable al piadoso afecto del Pueblo Cristiano. Expóngola sin recelo a la pública Censura, porque me persuado, y confío, que la utilidad que en sí contiene, será bastante para refrenar los impulsos de cualquiera en los respetos debidos al superior Mecenaz, bajo de cuyo patrocinio se abriga. El único sentimiento de que puede quejarse mi amor, es no poder corresponder con un Sacrificio propio de tanta Majestad; pero en las Aras donde se aprecia más la voluntad, que la Ofrenda, la cortedad del don jamás ha perdido el mérito, a que aspira quien ardiendo entre las llamas de la devoción, ofrece en Víctima sus cordiales afectos. Recibidlos, os suplico, o Dolorosísima Madre, e influid benigna en los corazones amantes de los Lectores la gracia necesaria, para que perciban los Bienes espirituales, que por ella les solicito; y a mí igualmente con concededme la que siempre apetezco para dignamente alabaros, como lo espera postrado a vuestros Santísimos Pies vuestro más indigno Esclavo

Antonio de Ulloa

[no fim, índice]

Índice de los capítulos de este libro

Limbo de Infantes, Capítulo	1
Valle de lágrimas	2
Banquete del Rey	3
Entrada de Narciso en la Campiña	4
Embajada de Delcidia	5
Transmutación del Alcazar	6
Jardines de Delcidia	7
Voces de Cándida	8
Saetas de Bienmequiere	9
Batalla de Narciso y Bienmequiere	10
Infierno de Bienmequiere	11
Historia de Damar, y Amira	12
Palacio de Sinón	13
Río del Olvido	14
Nada del Valle	15
Combate de Preciosa	16
Constancia de Preciosa	17
Peñas de Aspérrima	18
Lágrimas de Preciosa	19
Canto de Preciosa	20
Victoria de Preciosa	21
Despedida del Valle	22
Corte del Rey	23

[lista bibliográfica]

Libros de surtido, que se hallan en esta imprenta y librería

Libros en cuarto

San Francisco de Sales. 8 Tomos.

Castel, sobre el Maestro de las Sentencias. 5 Tomos.

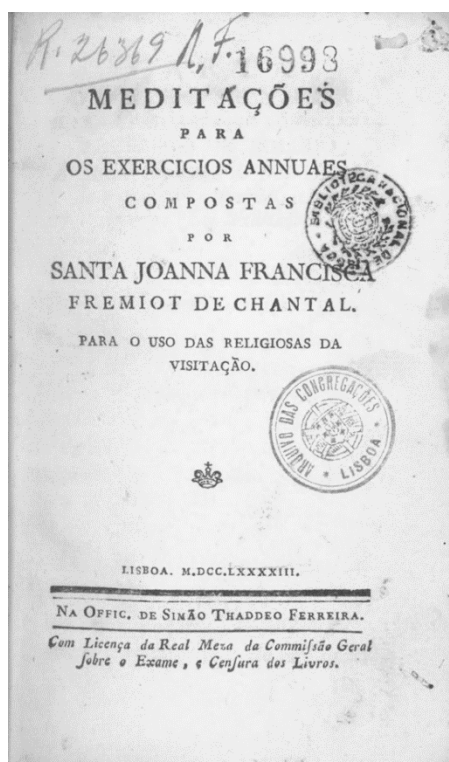
Croiset, Meditaciones traducidas ahora nuevamente.

Villarroél, Poesías.
Vida Devota.
Vida de San Juan Bautista.
Calderón, Comedias y Autos. 16 Tomos.
Miscelanea Económico-Política.

Libros en octavo

Alguacil, Compendio Manual para confesar y comulgar, con estampas finas.
Meditaciones para todos los días de la semana, sobre la Pasión.
Portillo, Catecismo, en letra grande.
Día Virginio, ó Sábado Mariano.
Historia del Hombre de Bufón.
Centinella, contra Francs-Masones.
Abril, Gramática Latina y Castellana.
El Labrador Mariano, sobre em Canto del Magnificat, en Castellano.
Instrucciones de San Carlos.
Modo de hacer la elección del Emperador.
Novena de Nuestra Señora de los Dolores, de letra grande.
Ríos, Discursos sobre los Inventores de la Artillería.
Carta Pastoral para los Confesores, por San Francisco de Sales, em 12.
Pinamonti, Meditaciones sobre los Novísimos, en 16.

Anexo 58 – Meditações para os exercícios anuais (1793)



[frontispício]

Meditações para os exercícios anuais compostas por Santa Joana Francisca Fremiot de Chantal

Para o uso das religiosas da Visitação.

[coroa]

Lisboa. M.DCC.LXXXIII.

Na Ofic. De Simão Tadeu Ferreira.

Com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

[página III, carta]

Carta do Ex.^{mo} Senhor D. Francisco António Lorenzana, Arcebispo de Toledo, à Madre Superiora do Real Mosteiro da Visitação de Madrid, na qual aprova estas Meditações.

R. M. Superiora, li os Exercícios compostos pela sua Santa Mãe Joana Francisca Fremiot, traduzidos do Francês [IV] em linguagem Castelhana; conheço que a tradução está muito bem feita, e que o espírito da letra se verteu com a maior propriedade na nossa língua, dando igual valor ao que tem no original.

Devo chamar à substância, que estes Exercícios contém, uma quinta essência do espírito do Santo Fundador, de quem a Santa Mãe o bebeu em grande abundância, alcançando com as suas orações, como Eliseu, que se aumentasse na sua alma o de Santo Elias; e é mais para admirar em Santa

Joana Francisca, que conservasse não só o que ouviu a S. Francisco de Sales, mas [V] que o reduzisse a um compêndio de toda a vida espiritual.

Parece-me que tem tanta força, e eficácia cada Ponto, e Afeição como as sentenças do admirável Livro de Kempis, que nunca enfastia, e sempre que se lê um parágrafo, parece a cada um que vê o seu coração, e descobre as suas ações nas sentenças; ou as Meditações do Venerável Fr. Luís de Granada, nas quais todos conhecem que o mesmo, que trazem outros livros, se acha ali com uma singularidade, solidez, e eficácia, que sem dúvida é outra tal tão preciosa, como os mesmos materiais, mas com tal adorno, [VI] que faz brilhar mais o oiro da caridade, que trasbordava no coração dos seus Autores.

Muitos se persuadem que é fácil escrever de mística, porque há muito livros sobre esta matéria, porém não reflexionam, que apesar de se ter escrito tanto, sempre certos tratado tem sobressaído, sem que tenham perdido a sua estimação com tantos copistas; e a razão é, porque o Espírito Santo iluminou com especialidade a certas pessoas, para tratarem altamente os mistérios, e neles se acha uma unção, um santo óleo, e profundidade, que se não encontra em outros Livros.

[VII] Assim como um insigne arquiteto edifica com as mesmas pedras, e materiais uma casa de maior artifício, e gosto, e outros a deitam a perder, ou ao menos a ideia, e ordem da sua arquitetura não é singular; do mesmo modo sucede no espiritual, porque com os mistérios da Vida, Paixão, e Morte do nosso Redentor, e com a meditação dos Novíssimos uns fazem um manjar preciosíssimo, que enche a alma de doçura, e outros o deixam sem aquele sabor, que está reconcentrado na copiosa fonte das Escrituras.

Quero explicar o meu mo [VIII] do de pensar neste ponto. O nosso entendimento convence-se mais com princípios sólidos, e universais, do que com discursos Retóricos. Os maus costumam torcer o caminho direito com umas sentenças muito simples⁵²⁸, que lhe põe à vista os males de presente, e lhes atraem a atenção para o futuro: os bons preservam-se com meditações, que adquirem, e ganham a vontade, e não os aterram de sorte, que desanimem, ou obrem com aflição, e escrúpulos em cada coisa: e os muito espirituais necessitam de outro sustento espiritual, mas sazonado.

Santa Teresa mostrou isto [IX] com um exemplo. Quando se principia a buscar água nas entranhas da terra, tudo ao princípio é cavar, e suar: depois que já principiam a aparecer algumas gotas, toma-se a enxada com mais esperança, e quando se chega a ver maior porção, então se apanha às mãos cheias. No caminho da virtude sucede o mesmo à proporção: para uns são necessárias considerações fortes com viveza, e eficácia, porque querem tirar água; para outros mais adiantados são precisas outras de menos rigor, porque já saíram da classe dos réus, e principiam a gostar das águas da vida, e para os mais [X] aproveitados é necessário que se utilizem da impetuosa corrente, que tem tira à custa de contínuo suor, e fadiga.

Os Pontos, e Aflições da Santa Mãe são para deleitar-se com Deus; porém não são para principiantes, mas sim para pessoas de maior perfeição: são mananciais perenes de muita abundância, mais do que o poço de Sicar, e um copioso orvalho, que enche a alma de suavidade.

O que tem o seu espírito árido, não perceberá o bálsamo, que destilam estas santas Aflições, e por isso mesmo que ignora o que elas encerram, as porá no número de infinitos [XI] livros de devoção. Pelo contrário dizia Santo Agostinho: Dai-me um verdadeiro amante de Deus, e ele conhecerá o que digo; dai-me um, que verdadeiramente deseje a maior perfeição, e ele apetecerá

⁵²⁸ No original, *simpleces*.

com ânsia o que eu apeteço, pois que o mundo não sabe a linguagem do Céu, nem penetra com a sua pouca vista o interior da santa Casa de Sião.

No exame se verifica que os puros, e mui limpos de coração descobrem umas manchas, que, nós outros não vemos, e examinando cuidadosamente as suas consciências, acham pequenas agulhas, e também cabeças de alfinetes, quan [XII] do outros só lançam fora as principais imundícias da consciência; e é microscópico, com que as perfeitas Religiosas vem na sua alma as mais leves imperfeições, ficando os mochos do mundo cegos no meio do dia.

A Santa Mãe compilou a sentença do Espírito Santo, que diz, que as palavras bem compostas, e colocadas, são um favo de mel, e que a doçura da alma também dá saúde aos ossos; o que se exageração confessará o que ler este Livro, porque lhe não falta circunstância alguma.

As palavras são tão próprias, polidas, e sentenciosas, que nenhuma é supérflua, nem [XIII] falta, e parecem destiladas por um alambique das mais oportunas autoridades da Sagrada Escritura, e Santos Padres, e com uma tal novidade, que formam a mais bela colocação de todo o edifício espiritual da vida perfeita.

São um favo de mel; pois assim como o que fabricam as abelhas tem casinhas de cera, e mel para o sustento, da mesma sorte estas Meditações da Santa Mãe fazem morada para a alma, e lhe dão um alimento de mel celestial, que a recreia, a conforta, e lhe serve de medicina; e assim como o mel se forma do suco das flores mais aromáticas, do mes [XIV] mo modo a alma santa se sustenta coma fragrância das virtudes, e é matéria mais proporcionada para a luz, do que é a cera, pois recebe melhor o selo do Espírito Santo, com quem se desposou.

Tem moção, porque as suas palavras são capazes de mover uma pedra: dão vida, e saúde aos membros, e farão reviver a um esqueleto na vida contemplativa: movem com o interior impulso do Espírito Santo: movem com o de São Francisco de Sales: movem com o da Santa Mãe, e movem com todos os dons, e graças celestiais.

Tem unção melhor do que [XV] o azeite mais excelente, porque ungem a alma com um santo óleo, que lhe dá muito valor para pelejar com os inimigos, e fazem com que o corpo se livre das suas mãos, e não o ligue aos vícios.

A doçura, e suavidade foram o caráter do Santo Fundador, herdado inteiramente por sua Santa filha. Teve o Santo o fel petrificado, e por isso nunca se lhe exaltava a cólera; e parece que a Santa necessitava de um dos quatro humores, que temos, porque em nada se conhece que havia cólera na sua massa, mas sim mel puro, branco, e virgem, formado para se derramar em nossa utilidade.

[XVI] Não se sabe de Santo algum, que ao nascer se visse na sua boca o agro, nem amargo, se não o favo de mel, e o Céu sempre nos tem dado a conhecer com o enxame de abelhas, que fizeram assento na boca de Santo Ambrósio, na de Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, e outros Santos: porque o sal serve para impedir a corrupção, e o mel é o mais próprio para ensinar a meninos, e atrair aos adultos, para que percebam, e gostem quão suave é o Senhor, e conheçam que a doçura deve sair da boca do forte leão.

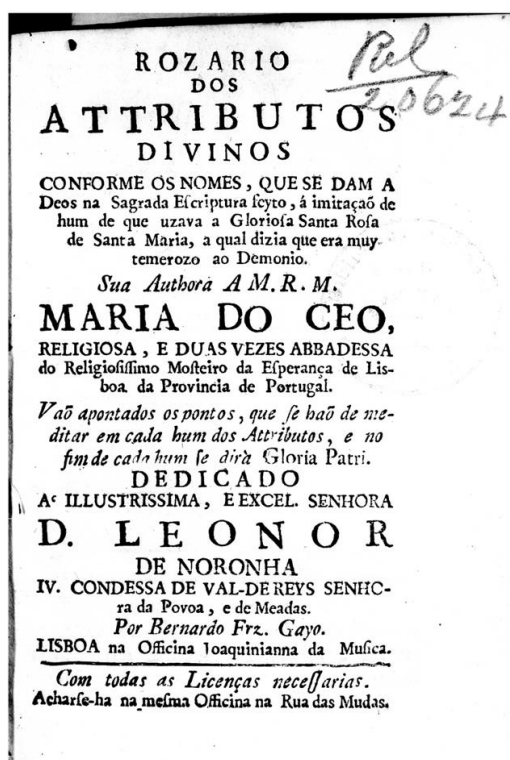
Eu me vou engolfando, R. M. sem já saber onde es [XVII] tou, e sem ser piloto destro, me meto ao alto mar, e me exponho a dar em um escolho: deixemos para os Santos o seu modo particular de entender a Deus: quisera perceber bem o seu idioma, e entrar de companhia com eles, para saber formar as palavras com o seu favo de mel; mas sou um operário, que embarça, e conheço que necessito do magistério do Santo Fundador, para que nunca se me altere a cólera, nem solte uma palavra ociosa; a bília se vai tornando em pedra, nem descubro algum flanco à praça do meu coração, o qual se entrega todo sem reserva ao nosso Deus, [XVIII] e aos nossos próximos.

Enfim julgo que este livro é muito útil, e digno de se imprimir, para que não só as filhas de S. Francisco de Sales, como também as dos mais Patriarcas o desfrutem, como trabalhadoras abelhas, pois todos os Santos Fundadores foram filhos, criados, e escravos de um mesmo Senhor: todos temos uma mesma Lei, um mesmo Espírito Santo, uma mesma fé, os mesmos sacramentos, e um mesmo prémio eterno, o qual peço a este Senhor que nos conceda; e em seu santíssimo nome lhes dou a minha bênção, e concedo oitenta dias de Indulgência a [XIX] todas as pessoas, que lerem, ou meditarem devotamente sobre as santas considerações deste livro. Madrid, 28 de dezembro de 1774.

B. L. M. de V. R. o seu mais atento, e certo servidor, Francisco, Arceb. de Toledo.

R. M. Sor Joana Francisca Campbell, da Visitação de Santa Maria.

Anexo 59 – Rosário dos atributos divinos (s. d.)



[frontispício]

Rosário dos atributos divinos conforme os nomes, que se dão a Deus na Sagrada Escritura feito, à imitação de um de que usava a Gloriosa Santa Rosa de Santa Maria, a qual dizia que era mui temeroso ao Demónio.

Sua Autora a M. R. M. Maria do Céu, religiosa, e duas vezes abadessa do Religiosíssimo Mosteiro da Esperança de Lisboa da Província de Portugal.

Vão apontados os pontos, que se hão de meditar em cada um dos Atributos, e no fim de cada um se dirá *Gloria Patri*.

Dedicado à ilustríssima, e excel. senhora D. Leonor de Noronha IV Condessa de Vale de Reis senhora da Póvoa, e de Meadas.

Por Bernardo Frs. Gaio.

Lisboa na Oficinal Joaquiniana da Música.

Com todas as Licenças necessárias.

Achar-se-á na mesma Oficina na Rua das Mudás.

[dedicatória]

Este pequeno volume, que tem tão dilatado, como infinito assunto, para sair à luz pública na forma do costume procura alguma proteção. Eu fizera escrúpulo se me não pusera aos pés de V. Excelência com este precioso Tesouro, e o depositara mal se não o intentasse introduzir no gabinete

de V. Excelência: porque nem todos se adornam principalmente com estas devotas alfaías, nem todos resplandecem igualmente com um mesmo exemplo de reformação, e com atos tão repetidos das mais dificultosas virtudes. Não reprovo os caminhos diferentes que cada um segue para a sua salvação, louvo mais seguro, e o desejara inculcar para o exemplo, e para a imitação: e este é o sentido genuíno das minhas cláusulas, sem que à malícia fique lugar para odiosas interpretações. Permita-me⁵²⁹ a modéstia de V. Excelência, que diga na sua presença o que todo o mundo sabe, aplaude, e publica, isto é, que só V. Excelência achou os meios de conciliar as delícias⁵³⁰ dos Palácios, e as reformações dos Claustros mais estreitos, a grandeza temporal, com humildade mais aceita aos olhos divinos: e finalmente os faustos, e ostentações mais brilhantes, com a heroica pobreza do espírito, que faz bem-aventurados aos que a possuem. O conhecimento notório destas circunstâncias me conduziram⁵³¹ até os pés de V. Excelência, se se julgar que foi grande o meu atrevimento me desculpará o zelo, e veneração que me movem, que são tão grandes que bem me podem servir de escudo contra a mais inexorável crítica. Deus nosso Senhor prospere, guarde, e aumente a pessoa de V. Excelência por tantos anos, como os seus criados pedimos, e havemos mister, etc.

Ilustríssima, e Excelentíssima Senhora.

Aos pés de V. Excelência.

Bernardo Frs. Gaio.

[prólogo]

Leitor devoto, contigo falo, a ti só te procuro, e do teu zelo, amor de Deus, e desejo da tua salvação espero, que não desprezes o trabalho, que tive em te abrir mais um caminho. Uma obra, que oferece os Atributos da Essência Divina, em método contemplativo, e que contém os mais sagrados mistérios da Nossa Santa Religião te presento; olha que grande é o assunto, ainda que seja tão pequeno o Teatro. O mais incompreensível milagre da Omnipotência, e o último dos excessos do amor de Cristo foi oferecer toda a infinita grandeza de sua Divindade para alimento espiritual dos homens no pequeno orbe de uma partícula. Da mesma sorte se quis proporcionar à nossa inteligência, quando em poucas palavras nos facilita o conhecimento de sua Imensidade, dando lugar por um modo milagroso ao finito para que de algum modo contenha, e lhe consagre todos os seus pensamentos, palavras, e ações, e do exercício de sua própria obrigação, fabrique merecimentos com que o eleve a desejada esfera de cortesão de sua celestial morada, e de filho adotivo, e herdeiro de sua glória. Considera vagarosamente estas finezas, busca o Pai das eternas misericórdias, e acharás em ti novos desejos de seguir este método, que te ofereço, e outros muitos, que são possíveis, porque enfim somos muito limitados, e tudo é pouco para agradecermos a obrigação infinita, em que nos tem posto a Divina Misericórdia com as suas piedades.

Vale.

⁵²⁹ No original, *premita-me*.

⁵³⁰ No original, *dilícias*.

⁵³¹ No original, *conduciram*.

[no fim, advertência]

Advertência

Este Rosário dos Atributos Divinos se pode repartir pelos dias da semana, tomando para cada dia uma Década, que consta de cinco contemplações de manhã, e cinco de tarde.

Anexo 60 – Comedia nueva El gran prodigio de España (s. d.)

COMEDIA
NUEVA
E L
GRAN PRODIGIO
DE ESPAÑA,



Y lealtad de un Amigo.

Hablan en ella las personas següentes

<i>San Pedro Gonçalves</i>	<i>Beliza primera Dama</i>
<i>Lidoro primero Galan</i>	<i>Leonor segunda Dama</i>
<i>Felicio segundo Galan</i>	<i>Lizarda Creada</i>
<i>Laurino tercero Galan</i>	<i>Un Angel</i>
<i>Timoteo prim. gracioso</i>	<i>El Demonio.</i>
<i>Marino segundo gracioso</i>	<i>MUZICA</i>

PRIMERA JORNADA.

<i>Sal Pedro de Estudante, Lidoro, Felicio, y Timoteo.</i>	<i>es gufoso Sacrificio.</i>
<i>Fel. Como de fortuna os va Lidoro amigo?</i>	<i>Lid. Yo idolatro a Beliza ; que aunque es fiero su rigor lo siento ayer, y el favor oy sus crueldades suaviza.</i>
<i>Lid. Ami bien, pues del rigor de un delicto el premio un favor me da; y vos que sentis-Felicio?</i>	<i>Fel. Yo solo quiero a Leonor porque en esta amante lucha quando la impiedad es mucha siempre el efecto es mayor; y vos Pedro so decís</i>
<i>Fel. Yo siento, pero no siento porque de amor el tormento</i>	<i>nada</i>

[primeira página]

Comedia nueva El gran prodigio de España, y lealtad de un Amigo.

[no fim, biografia da autora]

Autora D. Joana Teodora de Sousa, recolhida no mosteiro da Rosa de Lisboa, a qual protesta que qualquer termo, ou palavra que possa fazer-se reparável nesta obra, somente usa dela para ornato da Poesia, sem querer fugir dos ajustados ditames da Santa Madre Igreja, a cuja correção a submete, e sujeita.

Dada à imprensa pela Madre Ângela da Luz Religiosa no mesmo mosteiro.

[estampa]